VINTE CASOS SUGESTIVOS DE REENCARNAÇÃO

IAN STEVENSON

Título do original em inglês

TWENTY CASES SUGGESTIVE OF REINCARNAT1ON

Proceedings of the
American Society for Psychical Research

Volume XXVI, September.

(Copyright 1966)

by the American Society for Psychical Research

Library of Congress Catalog Card Number 66-16255

Capa de
Délcio Montagnini

("Copyright 1970")

para a versão em português, da

EDITORA DIFUSORA CULTURAL

Rua Maria Paula, 181

São Paulo — Brasil

Apresentação da Edição Brasileira

As investigações parapsicológicas, no Brasil, encontram-se ainda em sua fase inicial Existem poucos centros de estudo de Parapsicologia, em nosso país, todos eles mantidos por iniciativa particular. Não temos cátedras universitárias dessa disciplina. Sua difusão é feita através de livros ou de palestras e cursos populares sumários, mediante os quais reduzido número de interessados ou curiosos são informados sobre esse importante ramo do conhecimento humano. Tais ensinamentos nem sempre são ministrados por instrutores capacitados ou isentos de preconceitos religiosos e filosóficos. Desse modo o público brasileiro não tem tido exata noção daquilo que atualmente constitui o amplo campo da investigação parapsicológica em elaboração atualmente nos grandes centros de pesquisas mundiais.

Dos notáveis trabalhos iniciais do Dr. J. B. Rhine (1930) para cá, o objeto da Parapsicologia sofreu uma real ampliação. Atualmente não se cinge apenas à pesquisa dos fenômenos e das funções paranormais. Como muito bem afirma o Dr. Lawrence L. Le Shan, Ph. D., "em seu sentido mais profundo ela é o estudo da natureza básica do homem" (A.S.P.R. Newsletter, Nº 6 — 1970) - Assim, um dos problemas que se situam na pauta da pesquisa parapsicológica está o da sobrevivência da personalidade após a morte do corpo físico. Entre os inúmeros investigadores deste importante setor, sobressai o Dr. Ian Stevenson, ilustre Diretor do Departamento de Psiquiatria e Neurologia da Escola de Medicina da Universidade de Virgínia, nos Estados unidos da América.

O livro que ora se edita sob o título: **VINTE CASOS SUGESTIVOS DE REENCARNAÇÃO** é um dentre inúmeros e valiosos trabalhos produzidos pelo **Dr. Ian Stevenson**, no campo da Parapsicologia avançada. A tradução desta extraordinária obra vem preencher uma lacuna na literatura parapsicológica em língua portuguesa e traz importantíssima contribuição 30 conhecimento da Parapsicologia, para o público leitor interessado nesta disciplina, em nossa pátria.

VINTE CASOS SUGESTIVOS DE REENCARNAÇÃO compreende uma amostragem extraída do já grande acervo de fatos estudados era vários países pelo **Dr. Ian Stevenson**. Este cientista possui em seus arquivos cerca de seiscentos casos, dos quais investigou pessoalmente mais de duzentos. Em linguagem técnica, essas ocorrências são designadas com o nome de "memória extra-cerebral". Como o próprio leitor irá verificar, após inteirar-se do conteúdo deste livro, há inúmeras explicações para a "memória extra-cerebral". Todavia, para muitos casos há forte evidência a favor da hipótese da reencarnação. Daí o titulo do livra, O ilustre Autor encerra esta obra, com uma Discussão Geral (Cap. VII), na qual examina exaustivamente as hipóteses explicativas do fenômeno da "memória extra-cerebral". Faz, ainda, uma rigorosa e honesta avaliação dos casos estudados no contexto do livro, concernente à evidência que eles possam aduzir à hipótese da reencarnação e, por conseguinte, da sobrevivência após a morte. Este último capítulo por si só constitui um valioso e profundo trabalho sobre questões avançadas de Parapsicologia, onde o leitor encontrará magistrais lições acerca desse assunto, o lançamento do magnífico livro do Dr Ian Stevenson representa, sem dúvida, um acontecimento auspicioso para o público leitor brasileiro e português e se constitui em legítima contribuição ao desenvolvimento da Parapsicologia em nossa terra.

São Paulo, março de 1971
H. G. Andrade

Prefácio da edição em inglês

Proeminente, entre as questões com que se tem ocupado a pesquisa psíquica desde o seu inicio, tem sido a da sobrevivência da personalidade humana, ou de uma parte desta após a morte do corpo. As evidências "prima facie" da sobrevivência, de que a pesquisa psíquica tem se ocupado, são geralmente constituídas de ocorrências como fantasmas e aparições dos mortos, experiências de desdobramento e comunicações recebidas através de médiuns ou sensitivos, parecendo provir direta ou indiretamente de alguém cujo corpo havia morrido, mas cuja mente ou personalidade sobrevivia.

O conceito de sobrevivência, para o qual a evidência dessas espécies é relevante, seria o de sobrevivência após a morte física. Concebivelmente, entretanto, a sobrevivência, caso ocorra, deve tomar a forma de reencarnação imediatamente após a morte, ou, talvez, após um intervalo de existência desencarnada, Esta concepção não foi largamente alimentada no Ocidente, mas a sua racionalidade impressionou alguns dos mais eminentes pensadores ocidentais que a estudaram. Entre eles, na Antigüidade, estavam Pitágoras, Platão, Plotino e Orígenes; e, nos tempos modernos, Hume, Kant, Fichte, Schopenhauer, Henouvier, McTaggart, Ward e Broad.

Em 1660, um trabalho monumental, "A Critical History of the Doctrine of a Future Life", foi publicado por um erudito clérigo unitarista, o Rev. W. R. Alger. Entre outras concepções de sobrevivência, o autor considera a idéia de que "quando a alma deixa o corpo, nasce novamente em outro corpo; sua posição, caráter, situação e experiências em cada vida sucessiva dependem de suas qualidades, feitos e conhecimentos adquiridos em suas vidas anteriores". Relata que no Oriente os adeptos desta idéia atingem, no momento, a mais de seiscentos milhões. E, como explicação da "extensão e do apego tenaz a essa antiga e estupenda crença" acentua em 1880, na décima edição ampliada de seu trabalho, que "a teoria da transmigração das almas é maravilhosamente adequada para explicar o aparente caos da desigualdade moral da injustiça e dos diversos males ocorrentes no mundo da vida humana" (pág. 475).

É óbvio, entretanto, que essas virtudes da hipótese da reencarnação não a comprovam como verdadeira, pois o mundo realmente deve achar-se tão cheio de injustiças, desigualdades e males quanto parece demonstrar.

Então, se perguntarmos o que poderia constituir uma genuína evidência da reencarnação, a única resposta possível parece ser a mesma que se daria à pergunta: "De que modo podemos saber que vivemos dias, meses ou anos anteriormente?" A resposta é de que agora nos recordamos de ter vivido naquela época, neste ou naquele lugar ou situação e haver feito, então, certas coisas e adquirido determinadas experiências.

Mas, haverá alguém que se lembre de ter tido uma existência na terra, anterior à presente?

Posto sejam raros os relatos de tais afirmações, existem alguns. A pessoa que os faz é quase sempre, uma criança em cuja mente essas lembranças se apagam depois de alguns anos. Quando ela é capaz de mencionar fatos detalhados de uma vida anterior, da qual alega lembrar-se, fatos esses que uma eventual investigação comprova, embora ela não tenha tido oportunidade de conhecê-los de maneira normal em sua vida atual, então a questão com que nos defrontamos é a de como explicar a veracidade de suas memórias,

senão pela suposição de que essa criança realmente viveu a vida anterior de que se recorda.

Os vinte casos dessas lembranças aparentes e na maioria verificadas, que o Dr. Stevenson pessoalmente investigou, relata e discute nos presentes Processos da Sociedade Americana de Pesquisas Psíquicas, não pretende ele resolvam a questão, mas a impõem categoricamente ao leitor e, por isso mesmo, são todos tão interessantes quanto o são os demais numerosos casos que sugerem a sobrevivência após a morte física, à qual a pesquisa psíquica tem dedicado intensa e demorada atenção.

C. J. DUCASSE,
Chairman, Publications Committee
American Socíety for Psychical Research

Prefácio para a Segunda Edição

Este livro foi originalmente publicado em 1966 como o Volume 26 do *Proceedings* of the American Society for Psychical Research. Foi e continua sendo dirigido principalmente a cientistas de qualquer disciplina que possa achar o conteúdo de interesse e valor. Mas um grande público manifestou um crescente interesse no trabalho e para satisfazer esta demanda uma nova edição foi preparada com os presentes editores.

A publicação de uma nova edição forneceu a oportunidade de incluir material derivado de entrevistas de acompanhamento com dezoito dos vinte indivíduos. Estas entrevistas posteriores ocorreram numa variedade de intervalos depois das investigações originais, mas em cada um dos dezoito casos acompanhados pelo menos uma entrevista foi realizada não menos do que oito anos depois das originais.

Esta edição também contém nova informação permitindo uma melhor compreensão da xenoglossia recitativa de Swarnlata Mishra. Na época da publicação da primeira edição deste livro as canções e danças de Swarnlata não tinham sido definitivamente identificadas; mas isto agora foi feito (pelo menos para duas das canções) e eu forneci um registro adicional das canções e danças e das possibilidades existentes para Swarnlata tê-las aprendido normalmente.

O texto da primeira edição deste livro foi lido por um número de pessoas diretamente conectadas com os casos fossem os indivíduos, membros das famílias do indivíduo, ou como intérpretes para mim na inestigação dos casos. Estou feliz em registrar que nenhum destes leitores apontaram qualquer erro grave no meu relatório dos casos com os quais eles estiveram ligados. Não obstante, chamaram minha atenção (ou eu mesmo descobri por mim mesmo) um número de erros menores na escrita dos nomes ou outros detalhes. Eu corrigi a todos nesta presente edição.

Com relação à interpretação dos casos, eu tenho pouco a acrescentar ao que eu disse anteriormente na seção de Discussão Geral. O que eu posso acrescentar será reservado para a seção de Discussão em um novo livro de relatos de casos agora em preparação. Nem tenho eu nada do que me retratar. Eu iria somente reinterar que eu considero estes casos *sugestivos* de reencarnação e nada mais. Todos os casos tem deficiências como tem todos os relatórios. Nenhum caso individual nem todos eles coletivamente oferece nada como uma prova de reencarnação. Minha única e mais importante conclusão sobre eles é da necessidade de maiores estudos de casos similares. Se alguém se incumbir desta tarefa considerarei meus esforços amplamente recompensados.

I.S.

Divisão de Parapsicologia,
Departamento de Psiquiatria,
Universidade de Virgínia,
Charlottesville, Virgínia 22901
Agosto, 1973

Agradecimentos

Durante os anos de preparação desta monografia, contraí muitas dívidas de gratidão pela generosa assistência de colegas.

Algumas pessoas contribuíram, de modo geral, para todas as investigações. Pela assistência financeira inicial e pelo muito estímulo, sou grato à Sra. Eileen J. Garrett, Presidente da "Parapsychology Foundation". As revisões finais do material foram completadas em Zurich, Suíça, graças a uma bolsa de estudos fornecida pelo "Commonwealth Fund", a cujos diretores sou grato por esse apoio. Ao Sr. Francis Story estou agradecido pela valiosa troca de informações acerca de alguns casos e por suas importantes contribuições para os resultados de minha primeira visita ao Ceilão e de minha segunda visita à Índia, ocasião em que me acompanhou durante minhas investigações e multo auxiliou na coleta de dados e respectivas análises. Não sou menos devedor de gratidão ao Dr. Jamuna Prasad, Delegado Diretor de Educação, Uttar Pradesh, que atuou como principal intérprete durante minha segunda visita à Índia e que, juntamente com seus assistentes, esmerou-se em fazer as traduções tão fielmente quanto possível. O Dr. Karl Müller e o Prof. P. Pal enviaram-me muitas informações e idéias valiosas a propósito de ocorrências de reencarnação que estudaram. Aproveitei muitíssimo as sugestões e conselhos do Dr. Karlia Osis e do Sr. Arthur W. Osborn. O Dr. Robert W. Laidlaw contribuiu com valioso estímulo. Os Srs. José Martin e M. Resat Bayer assistiram-me no estudo de casos ainda não publicados, que ampliaram meus conhecimentos relativos àqueles do tipo aqui considerados, colaborando, assim, para a presente monografia.

A publicação deste trabalho muito deve ao encorajamento e à assistência que, desde o começo de minhas investigações, recebi do Prof. C. J. Ducasse. O prefácio por ele escrito deixou-me ainda mais em débito de gratidão. Agradeço-lhe, também, por outras sugestões feitas após uma segunda leitura do manuscrito. Sou reconhecido ao Dr. Gardner Murphy, que leu o manuscrito na primeira redação e na revisão final e fez muitas sugestões valiosas. Seu interesse persistente e construtivo por meu trabalho foi ainda mais apreciado, porquanto, algumas vezes, divergiu de mim na interpretação de dados. O Dr. J. G. Pratt leu todo o manuscrito e apresentou muitos comentários que me foram de grande valia.

Por seu cuidado consciencioso nas muitas revisões do manuscrito, desejo apresentar meus agradecimentos à minha assistente de pesquisas, Sra. Betty Heavener. Também à Sra. Laura A. Dale (editora das publicações da "American Society for Psychical Research", expresso meu caloroso reconhecimento pelo seu cuidadoso trabalho editorial, nas etapas finais da publicação.

Apresento meus agradecimentos, também, aos protagonistas dos casos, aos membros de suas famílias e a outras testemunhas, que tanto cooperaram nas minhas investigações e cuja freqüente e generosa hospitalidade posso retribuir apenas parcialmente, tentando registrar, tão fielmente quanto possível, tudo quanto me informaram a propósito de suas experiências.

Finalmente, não posso calar minha gratidão a duas pessoas cujo desejo de permanecerem incógnitas não me impede de expressar meu reconhecimento pela

assistência e pelo encorajamento, sem os quais eu não poderia ter completado este trabalho.

Algumas das pessoas já mencionadas, assim como muitas outras, contribuíram para o trabalho apresentado em seções particulares desta monografia, como segue;

Índia

Sou grato ao Professor F. Pal, Itachuna College, Bengala Ocid., tanto por ter-me cedido seus apontamentos dos casos de Sukla e de Swarnlata, quanto por assistir-me no segundo dia de minha investigação do caso de Sukla; ao Sr. Sudhir Mukherjee, Meerut, U.P., Índia, pela assistência que durante dez dias prestou-me, como intérprete, em minhas investigações na Índia, em 1961; ao Sr. Subash Mukherjee, pela coordenação, na Índia, de certos aspectos das investigações e das traduções de importantes documentos; ao Prof. B. L. Atreya, Professor Emérito de Filosofia, da Universidade Hindu de Benares, em Benares, U.P. Índia, por ter colocado à minha disposição a correspondência e os depoimentos juramentados concernentes aos casos de Parmod Sharma e de Ravi Shankar; à Sra. Robert Gaebelé, Conservadora da Biblioteca Pública e dos Arquivos, Pondicherry, Índia, por ter-me posto à disposição, informações a respeita do caso de Mallika e por ter arranjado minhas entrevistas com pessoas ligadas a esse caso; ao Sr. H. N. Banerjee, Departamento de Parapsicologia da Universidade de Rajastan, Jaipur, que atuou como meu intérprete no estudo dos casos de Jasbir e Praiash, em 1961, e que tão atenciosamente pôs à minha disposição, documentos e notas que tinha escrito ou coligido para o caso de Swarnlata; ao Dr. Jamuna Prasad, Delegado Diretor da Educação, U. P., que atuou como principal intérprete, durante meu estudo de três dos casos, em 1964; ao Sr, E. S. Lal, Sr Vishwa Nath, Sr. Chandra Prakaah, Sr. Ram Deo e Sr. S. K. Singh, todos do Gabinete de Psicologia, dirigidos pelo Dr. Prasad, que atuaram como intérpretes assistentes para o estudo de alguns casos, em 1964. O Sr. Jagdish Chandra gentilmente colocou à minha disposição precioso material sobre os casos Indianos mais antigos.

Ceilão

Desejo agradecer ao Sr. E. C. Raddalgoda, Kotte, Ceilão, por ter atuado como intérprete durante entrevistas realizadas com testemunhas cingalesas; ao Dr. William A. Coates, anteriormente Catedrático de Inglês da Universidade de Ceilão, Peradeniya, Ceilão, atualmente no Departamento de Línguas Modernas e Lingüística, da Universidade de Rochester, por sua assistência durante minhas investigações no verão de 1961; ao Venerável Ananda Maítreya, Catedrático de Filosofia Budista, Vidalankara, Pirivena, Colombo, por partilhar comigo informações sobre o caso de Wijeratne e facilitar minhas entrevistas com testemunhas desse caso; ao Sr. Siri Perera, Colombo, por fornecer-me uma cópia autenticada da ata de julgamento de Ratram Hami, em 1928; ao Venerável Piyadassi Thera, por ceder-me informações sobre o caso de Gnanatilleka.

Brasil

Sou grato ao Sr. Waldomiro Lorenz, de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, que me conseguiu entrevistas com testemunhas dos dois casos aqui descritos. Ele próprio muitas vezes atuou como intérprete e colocou à minha disposição o caso de Marta A.

Srta. Cordélia Anuda, de São Paulo, que me possibilitou falar com a Sra. Ema Bolze Moreira, em São João Novo, e atuou como intérprete nessa entrevista.

Alasca

A Dra. Louisa E. Rhine e a Sra. Sydney Loosli prestaram-me informações sobre o primeiro caso do grupo referido nesta seção, A Sra. Loosli, o Sr. Cyrus Peck (Secretário do "Alaska Native Brotherhood"), o Sr. Charles Ktevgard (do "Social Service Department", Mt. Edgecumbe Native Hospital, Sitka, Alasca) e o Sr. George Hall (anteriormente "Park Historian", Sitka, e "Glacier Bay National Monuments", Sitka, Alasca), muito me auxiliaram na obtenção de minhas entrevistas no Alasca. Ao Sr. Hall, ao Dr. Marius Barbeau ("National Museum of Canada", Ottawa, Ontário), à Dra. Ema Gunther ("Department of Antropology", University of Washington, Scattle), à Dra. Frederica de Laguna ("Department of Antropology", Bryn Mawr College, Bryn Mawr, Pennsylvania), ao Sr. Robert Pace ("Department of Sociology and Antxopology", Wake Forest College, Winston-Salera, North Carolina) e ao Sr. William L. Paul Sr. (Presidente Emérito do "Alaska Native Brotherhood"), também sou grato pelo utilíssimo material relativo à história, costumes e crenças dos índios "Tlingit" e seus vizinhos. Agradecimentos também são devidos à Sra. Olga Podtiaguine, pela tradução, do russo para o francês, de extratos do relatório de Veniaminov sobre o Alasca e os "Tlingits".

Líbano

O Dr. Sami Makarem (Department of Arab Studies, American University of Beirut) auxiliou-me enormemente, atuando como meu intérprete, em agosto de 1964, e fornecendo valiosas informações sobre a religião e o povo druso. O Sr. Clement Abushdid e o Sr. Wadih Rabbath participaram como intérpretes franco-árabes durante as minhas investigações, em março de 1964. O Dr. Mustafá Khalidy gentilmente conseguiu-me algumas valiosas apresentações no Líbano, a membros da comunidade drusa, em Beirute. Sua eminência o Sheik Mohamed Abu-Shakra, o Dr. Naif Hassan e o Sr. Anis S. Rawdah também me forneceram informações adicionais sobre a religião drusa.

I.S.

Departamento de Neurologia e Psiquiatria
Faculdade de Medicina
Universidade de Virgínia
Charlottesville, Virgínia 22901
Junho de 1966

Agradecimentos de Assistência na Preparação da Segunda Edição

Muitas das pessoas que eu mencionei acima continuaram a me assistir nos anos seguintes ao trabalho original no qual este livro foi baseado. Eu continuo sentindo gratidão a elas, mas não repetirei seus nomes aqui. Em adição, entretanto, muitas outras pessoas ajudaram nas entrevistas seguintes ou contribuíram de outros modos na preparação da segunda edição. Baseado nisto eu gostaria de mencionar particularmente as seguintes pessoas:

Índia

Dr. L. P. Mehrotra, Sr. K. S. Rawat, e Sr. Parmeshwar Dayal, todos os quais atuaram como intérpretes e pesquisadores assistentes para mim.

A investigação das canções e danças de Swarnlata tomaram quase tanto tempo e esforço quanto o estudo de um novo caso. Então eu me sinto justificado em mencionar novamente o nome do Professor P. Pal, que incansavelmente ajudou na coleta de informação que ajudaria na avaliação destes importantes aspectos do caso de Swarnlata.

Ceilão

Sr. Godwin Samararatne e Sr. Amaraseeri Weeraratne que atuaram como intérpretes para mim; Sr. V. F. Guneratne que ajudou generosamente ao facilitar minhas entrevistas seguintes com Wijeratne e em me manter em contato com os desenvolvimentos neste caso; o falecido Professor K. N. Jayatilleke, Sr. H. S. S. Nissanka, e Dr. G. Karunaratne que ajudou nas entrevistas seguintes com Gnanatilleka.

Alasca

Sra. Betty Hulbert que conduziu em meu nome uma segunda entrevista de continuação com Henry Elkin.

É um prazer bem como uma obrigação repetir meus agradecimentos à Sra. Laura A. Dale, o editor da publicação da Ameican Society for psychical Research, que se interessou ela própria bastante e competentemente na preparação da segunda edição deste livro assim como fez na primeira edição.

Finalmente, eu gostaria de agradecer às minhas secretárias, Sra. Carole Harwell, e Sra. Cynthia Henderson, pela incansável aplicação da tarefa de bater e rebater as adições e correções para a segunda edição.

ÍNDICE DA VERSÃO DIGITAL

Apresentação da edição brasileira.....2
Prefácio da edição em inglês.....4
Prefácio para a Segunda Edição.....6
Agradecimentos..... 7
Agradecimentos de Assistência na Preparação da
Segunda Edição.....10
I. Introdução.....12
II. Sete Casos Sugestivos de Reencarnação na Índia.....23
III. Três Casos Sugestivos de Reencarnação no Ceilão.....109
IV. Dois Casos Sugestivos de Reencarnação no Brasil 145
V. Sete Casos Sugestivos de Reencarnação entre
os Tlingits do Sudeste do Alasca.....172
VI. Um Caso Sugestivo de Reencarnação no Líbano.....215
VII. Discussão Geral.....256

Introdução

Publiquei, em 1960, um estudo e análise de casos sugestivos de reencarnação[1,2]. A maioria dos casos mencionados naqueles artigos já havia, de uma forma ou de outra, sido publicada, e só me foi possível acrescentar detalhes de um que eu mesmo tinha investigado, o da Sra. Weisz-Roos. Nesses artigos, exprimi a esperança de que o estudo de casos posteriores dessa espécie poderia contribuir para o conhecimento da pesquisa psíquica relacionada com a sobrevivência da personalidade humana à morte física. Desde então tenho tido a oportunidade de estudar, sozinho e com colegas, muitos casos de pessoas que afirmam lembrar-se de uma vida anterior. Apresento aqui alguns resultados de tais estudos.

Do censo internacional de casos sugestivos de reencarnação que empreendi, tenho, presentemente, cerca de seiscentos catalogado[3]. Destes, meus colegas e eu investigamos pessoalmente cerca de um terço; quanto aos demais, obtivemos informações apenas através de relatos publicados anteriormente ou de outras comunicações. Os vinte casos apresentados neste volume fornecem uma amostra representativa dos que investiguei em primeira mão. Nesta coleção incluí exemplos de aproximadamente todos os subtipos de casos de renascimento. Admiti alguns que examinei exaustivamente logo após a ocorrência dos eventos principais; incluí, ainda, alguns que, por uma ou outra razão, não foram estudados tão completamente. Acrescentei casos ricos em detalhes, bem como outros nos quais apenas ocorriam alguns fragmentos de lembranças aparentes. Semelhantemente, os leitores observarão que alguns dos casos apresentados foram autenticados por muitas testemunhas, enquanto que, para outros, encontrei apenas uma ou duas testemunhas dos fatos alegados. Mas, deliberadamente, apresento esses casos menos convincentes e outros mais convincentes, a fim de fornecer ao leitor um quadro da série de fatos que *sugerem* a reencarnação. Em minha discussão, ao final do livro, sustento que *alguns* dos casos fazem muito mais do que sugerir a reencarnação; parecem-me fornecer uma considerável evidência da mesma. Mas, não me refiro a todos os casos, e estou bem consciente de que alguns são menos convincentes, tanto em detalhes, quanto em autenticidade.

Dos casos restantes em toda a coleção, cerca de trinta outros são tão ricos em pormenores e tão bem comprovados, quanto os dez melhores do presente grupo. Os demais são ocorrências de menor importância, porquanto lhes faltam, não só detalhes abundantes, como a elevada autenticidade verificada no grupo anterior. A sua distribuição geográfica é, em linhas gerais, a seguinte: cerca da metade dos quase seiscentos casos vem do sudeste da Ásia (isto é, Índia, Ceilão, Tailândia e Burma). A

---

[1] I. Stevenson. "The Evidence of Survival from Claimed of Former Incarnations, Part I. Review of the Data". *Journal* A.S.P.R., Vol. 54, Abril, 1960, 51-71.

[2] I. Stevenson. "The Evidence for Survival from Claimed Memories of Former Incarnations, Part II. Analysis of the Data and Suggestions for Further Investigations", *Journal* A.S.P.R. Vol. 54, julho, 1960, 95-117.

[3] A este respeito espero que os leitores continuem a enviar-me relatos de casos sugestivos de reencarnação especialmente relativos a pessoas que desejem colaborar na investigação dos detalhes de suas experiências. Fosso assegurar ao paciente objeto de tal estudo, que se assim o desejar, seu anonimato será mantido. À época da preparação da segunda edição deste livro (1973) o número de casos na coleção aumentou para mil e duzentos. Também uma muito grande proporção do total recebeu investigação por mim mesmo ou meus associados.

maioria dos restantes vem do oeste da Ásia (isto é, do sudeste da Turquia, Síria e Líbano), da Europa e do Brasil. Apenas uns poucos vêm dos Estados Unidos e o Canadá, exceto o Alasca, onde ocorrem inúmeros casos.

Isto significa, portanto, que a incidência dos acontecimentos relatados varia grandemente entre as diversas culturas. Tal fato, entretanto, não indica, *necessariamente*, que as influências culturais expliquem, por si mesmas, os dados desses casos. Penso que muitos deles requerem pelo menos um *mínimo* de interpretação paranormal. Esta afirmação dá a minha própria opinião, antecipadamente à apresentação dos dados, o que justifico apenas pelos grandes esforços que fiz para apresentá-los nos relatos, independentemente de minhas conclusões, espero que isto deixe o leitor em liberdade para emitir sua própria interpretação do material apresentado. Mas não desejo desprezar as importantes relações entre as influências culturais e os casos mencionados, tópico que desenvolverei posteriormente, à medida que for estudando e relatando fatos adicionais deste tipo.

Entre as ocorrências ainda sob investigação, tenho outros exemplos de cada tipo aqui incluído, embora haja mais exemplos de algumas espécies de casos do que de outros. No momento, tenho sob investigação apenas um outro caso de "troca de encarnação", se posso aplicar esta expressão ao episódio de Jasbir (Vide págs. 37-51).

Até o presente, a maior parte das melhores evidências relacionadas à reencarnação provém de casos espontâneos. Nem sempre surge material relevante no laboratório, em circunstâncias sobre as quais possamos exercer sequer um controle moderado. Alguns dos primeiros e mais rigorosos investigadores da evidência da reencarnação empregaram a hipnose para regredir os pacientes no tempo, a supostas "vidas pregressas". De Rochas[4] e, mais tarde, Björkhem[5], para citar apenas dois investigadores, publicaram, cada um, relatos de uma série de tais experiências. Infelizmente, os resultados dessas experiências, posto que animadores, mostraram-se inconclusivos e, no todo, decepcionantes, principalmente pela dificuldade de controlar-se o acesso do paciente às informações incorporadas à "personalidade anterior". As "personalidades" geralmente evocadas durante as regressões a uma vida anterior, induzidas hipnoticamente, parecem constituir uma mistura de vários ingredientes. Estes podem incluir a personalidade atual do paciente, suas expectativas daquilo que ele pensa que o hipnotizador deseja, suas fantasias sobre aquilo que ele imagina ter sido sua vida anterior e, talvez ainda, elementos obtidos paranormalmente.

Quando pensamos haver identificado elementos paranormais precisos na "personalidade anterior", evocada sob regressão hipnótica, temos ainda que decidir, se possível, se não será melhor explicá-los através de nossos conceitos de telepatia ou clarividência, pela influência de alguma personalidade desencarnada, ou pela reencarnação. (Essas conclusões são válidas também para casos espontâneos entre as crianças), A plausibilidade de aspectos do comportamento da "personalidade" evocada não fornece uma orientação segura quanto à origem da personalidade ou seus vários componentes. E, salvo em crianças muito pequenas, ou no caso da comunicação de informações de maneira extremamente obscura, experimentamos a maior dificuldade em excluir as fontes normais de informação, do conteúdo da "vida anterior". Não obstante, alguns dos

---

[4] A. de Rochas. *Les vies successives*. Paris: Chacornac Frères, 1924.

[5] J. Björkhem. *De Hypnotislta Hallucinationerna*. Stockholm: Litteraturförlaget, l943.

casos revelados através da hipnose incluem matéria ou comportamento que não podemos explicar facilmente, senão por alguma hipótese paranormal. Eu próprio investiguei um acontecimento deste tipo, no qual a paciente falou uma língua que, segundo toda a evidência, ela não poderia ter aprendido por meios normais[6]. Experiências futuras, especialmente com crianças, que resultem na manifestação de habilidades inusitadas e não aprendidas, tais como línguas estrangeiras, poderiam trazer valiosa contribuição para o esclarecimento deste assunto.

Entrementes, a mais promissora evidência relacionada com a reencarnação parece provir de casos espontâneos, especialmente entre crianças. Contudo, o estudo e a avaliação de tais fatos é tão difícil quanto o de outras espécies de casos espontâneos em pesquisa psíquica, estando, naturalmente, sujeito aos mesmos tipos de crítica[7].

Métodos de Estudo dos Casos Espontâneos de Reencarnação

Estudando casos espontâneos, os pesquisadores psíquicos têm, durante décadas, empregado essencialmente os métodos do historiador e do jurista e, por vezes, do psiquiatra, para reconstituir fatos passados. Na maioria dos casos espontâneos, os principais acontecimentos já ocorreram quando o investigador entra em cena. Nessa oportunidade, muito depende de sua habilidade como entrevistador, ao conduzir e analisar o depoimento. A habilidade do entrevistador jamais deveria ser utilizada negligentemente em tais inquirições.

Entretanto, havendo suficiente habilidade do entrevistador, uma dificuldade central em todos esses inquéritos reside na impossibilidade de se confiar nas lembranças e mesmo nas percepções dos pacientes e das testemunhas, que podem omitir ou acrescentar vários detalhes ao caso, alterando, por vezes desmesuradamente, a representação acurada dos acontecimentos reais. Tais alterações de memória podem originar-se de deficiência de inteligência na pessoa relatante ou de erros motivados por seus desejos ou apreensões, quando se defronta com algo que apresenta importância emocional para ela. Mas se perguntarmos como descobrimos tais erros em relação aos "fatos reais" em qualquer inquirição, temos que reconhecer que o fazemos comparando o que disse um informante com o que foi dito ou escrito por outro, sobre a mesma ocorrência. Em ciência, mesmo nos laboratórios, jamais podemos prescindir do testemunho humano de alguma espécie; a tarefa reside em testar e aprimorar, em vez de afastar tal testemunho. Os juristas e historiadores buscam alcançar documentos escritos na época, ou pouco depois das ocorrências em tela. Sabem, entretanto, que o escrito não confere autenticidade a um documento além das qualidades do escritor, e que um documento escrito por uma

---

[6] I. Stevenson. "A Case of Responsive Xenoglossy". A ser publicado.

[7] Para a crítica de casos espontâneos, vide D, J. West. "The Investigation of Spontaneous Cases". *Proc.* S.P.R., VoL 48, 1948, 264-300; K J. Dingwall "British Investigation of Spontaneous Cases". *International Journal of Parapsychology*, Vol. 3, 1961, 89-97; M. Scriven. "New Frontiers of the Brain". *Journal of Parapsychology*, Vol. 25, 1961, 305-318. E para análise das críticas, vide W. H. Salter, "A Commentary on "The Investigation of Spontaneous Cases"- *Proc. S.P.R.*(Vol. 48, 1948, 301-305; H. Carrington. "The Investigation of Spontaneous Cases", *Journal S.P.R.*, Vol. 34, 1948, 306-307 (correspondência); W. F. Prince "Human Experíences". *Bulletin*, Boston Society for Psychic Research, Nº. 14, 1931, e Nº. 20. 1933; I Stevenson. *Journal of Parapsychology*, Vol. 26, 1962, 59-54 (correspondência); I. Stevenson. "The Substancially of Spontaneous Cases." *Proc.* Parapsychological Assoc., Vol. 5, 1968, 91-128.

testemunha duvidosa tem menos valor do que o testemunho verbal de uma que mereça fé. Mas, quanto a isto, os historiadores e os juristas pouco podem fazer.

No estudo dos presentes casos procurei seguir esses métodos tradicionais da lei, da história e da pesquisa psíquica. Infelizmente, dois pontos fracos de muitos fatos desse tipo, anteriormente investigados, ocorreram na presente série. Primeiro, com duas exceções (Swarnlata Mishra e Imad Elawar), os informes dos pacientes (geralmente crianças) não foram escritos antes de uma tentativa de verificação. Em segundo lugar, o reconhecimento pela criança, das pessoas e lugares da suposta vida anterior não era observado (com poucas exceções como, por exemplo, no caso de Imad Elawar) por indivíduos não ligados (isto é, independentes) às duas famílias relacionadas aos fatos. Na freqüente ausência de oportunidade de observação direta de importantes fatos passados, tomei o depoimento de tantas testemunhas quantas pude entrevistar. E muitas vezes interroguei as mesmas testemunhas a intervalos de um a vários anos. Por vezes também me foi possível comparar os resultados de meus inquéritos com os de outras pessoas independentes, que haviam estudado um determinado caso anteriormente, cuja competência para tanto merece minha confiança.

Depois de colher todos esses testemunhos, foi-me possível comparar as declarações feitas por diversas pessoas de uma família ou comunidade com declarações relativas aos mesmos casos, feitas por membros de outra família ou comunidade. Pude também comparar os depoimentos prestados a mim ou a outro investigador, por uma mesma pessoa, em diferentes ocasiões. Isto nos leva à questão da validade das informações assim obtidas, tópico importante, que discutirei depois. Desejo, porém, enfatizar aqui que a informação verbal constituiu apenas uma parte dos dados válidos em tais casos, uma vez que tive em alguns deles a oportunidade de observar diretamente a atitude do próprio sensitivo e das pessoas que o rodeavam em sua família atual, tanto quanto das pessoas da família de sua personalidade anterior. Posso igualmente esclarecer aqui que a atitude da criança, nestes acontecimentos, correspondia perfeitamente ao que me dissera a testemunha, relativamente ao seu comportamento. Isto aumenta minha confiança naquilo que me disseram a propósito dos aspectos informativos dos fatos, isto é, o que uma criança alegava lembrar-se, cujas declarações eu geralmente não poderia obter do paciente em primeira mão, mas apenas conhecer através dos pais e de outras testemunhas. A identificação dessas crianças com a personalidade anterior parece-me um dos mais importantes aspectos destes casos. Tal personificação, apresentando componentes de comportamento fortemente emocional, transcende a simples repetição, pela criança, de informações sobre outra pessoa que viveu antes. Em minha opinião, esses aspectos de comportamento nos casos não somente aumentam consideravelmente sua autenticidade como ampliam enormemente as nossas possibilidades de estudar a personalidade humana.

Detecção e Eliminação de Possíveis Erros na Coleta de Dados

Desde que o valor dos fatos desse tipo depende da precisão do depoimento das testemunhas e do relato do que disseram, viram ou ouviram, dei muito apreço à validade dessa exatidão relativamente às testemunhas dos casos que estudei.

Na falta de relatos escritos, contamos com o acervo de depoimentos corroborantes de diversas testemunhas que tentam lembrar-se dos mesmos fatos ou de outros a eles relacionados. Portanto, busquei tantas testemunhas dos casos quanto pude.

Confrontando o depoimento de diferentes testemunhas ou o da mesma testemunha em épocas diferentes, verifiquei que as discrepâncias ocorreram em cerca de dez por cento de todas as declarações que me fizeram. Tal incidência, um tanto inferior à que eu esperava quando iniciei tais estudos, aumenta a minha confiança na exatidão geral dos informantes, uma vez que, em seu todo, os relatos que fazem a respeito dos acontecimentos harmonizam-se muito bem. Além do mais, as discrepâncías quase sempre ocorreram mais em relação a detalhes acessórios do que nos acontecimentos principais. As testemunhas podem estar de acordo, por exemplo, em que a criança reconheceu um determinado devedor que tinha algo a pagar à personalidade anterior, mas discordam quanto à soma devida. Ou então, podem estar concordes quanto à forma da morte de uma pessoa, mas discordar quanto à data da ocorrência. Alguns detalhes são cruciais, entretanto eu não pretendo dar a entender que se deve desconsiderar todas as discrepâncias dos detalhes. Deseja apenas tomar claro que a maioria das divergências ocorre mais cm relação a minúcias do que às linhas gerais dos acontecimentos.

Não obstante, o trato das disparidades de depoimentos em ocorrências desta espécie constitui um problema difícil. Por um lado, certas testemunhas, logo (ou mais tarde), mostram-se inconsistentes, irrefletidamente aparentando ter dos sucessos um conhecimento que na realidade não possuíam; parece injusto permitir que o testemunho de tal pessoa invalide o de outra obviamente mais fidedigna, pela simples razão de que apresenta uma discrepância. Por outro lado, eu não seria justo para com o leitor se suprimisse todo depoimento discordante, uma vez que com isso poderia, embora inconscientemente, desvirtuar os dados relativos ao fato. Pareceu-me, contudo, que a eliminação total de alguns poucos itens que apresentassem discrepâncias de depoimento ocasionariam, quase sempre, um enfraquecimento da evidência de paranormalidade dos casos, e que somar tais itens discrepantes àqueles testemunhados consistentemente poderia indevidamente fazer com que os fatos parecessem mais ricos do que o são. Conclui, portanto, que poderia, com segurança, eliminar por completo a maioria dos itens nos quais ocorressem depoimentos discordantes. Mas retive alguns, oferecendo em cada caso um comentário sobre tais testemunhos divergentes.

Ultimamente, tenho dado muito mais atenção à análise de divergências individuais do que dava antes e pareceu-me conveniente remontar, tanto quanto possível, à origem de cada uma. Isto tornou-se mais fácil com dois intérpretes do que com apenas um. Verifiquei, então, que algumas discordâncias ocorriam por força de enganos na interpretação, uma vez que a tradução era feita com ligeiras (ou sérias) diferenças de forma em diferentes ocasiões. Outras discrepâncias ocorriam porque a testemunha, não havendo compreendido determinada pergunta, respondia de acordo com a idéia errada que fazia daquilo que lhe tinha sido perguntado. Ainda outras surgiam por deficiências de atenção ou de memória da parte das testemunhas. A análise das disparidades, durante ou pouco depois das entrevistas, permitiu-me “salvar” alguns aspectos importantes que, de outro modo, ter-se-iam perdido. Isto aumentou minha convicção de que a eliminação de tais aspectos discordantes, a que procedi, enfraqueceu, em lugar de reforçar os casos.

Com raras exceções, todo depoimento registrado provém de uma testemunha de primeira mão. Ocasionalmente, conservei o depoimento de testemunhas secundárias, o que sempre mencionei no relato dos casos.

Substituí por pseudônimos todos os nomes dos pacientes e das testemunhas dos casos do Alasca, a fim de protegê-los contra uma possível notoriedade indesejável. Mas em

todas as outras narrativas mudei apenas um nome (no caso de Imad Elawar), deixando todos os demais informantes testemunharem sob seus verdadeiros nomes.
Darei a seguir alguns detalhes particulares das três mais importantes prováveis fontes de erro nos relatos, e as providências tomadas para reduzir ou não levar em conta sua importância como fatores de enfraquecimento na exposição dos casos.

Traduções e Possíveis Erros de Intérpretes

Conheço bem francês e alemão e sei um pouco de espanhol e português. Admito, entretanto, não ter conhecimento apreciável de línguas orientais, como o árabe e o indiano. As principais probabilidades de influência indesejável nos relatos obtidos por meio de intérpretes ocorreram em alguns dos casos na Índia, no Ceilão e no Líbano.

Dos sete casos da Índia necessitei de intérpretes para o estudo de cinco. (No caso de Swarnlata quase todas as testemunhas falavam o inglês e no caso de Mallika falavam principalmente o francês). Para os cinco casos tive pelo menos dois, e às vezes, três intérpretes. Em 1964 fui assistido por dois intérpretes, simultaneamente: um traduzia, enquanto eu tomava notas em inglês; o outro conferia a tradução e também tomava notas em hindi, as quais comparávamos, posteriormente, com minhas notas em inglês.

Nos três casos do Ceilão utilizei-me (ao mesmo tempo) de dois intérpretes para um deles (o de Wijeratne) e um para os outros dois, embora num destes dois últimos (o de Gnanatilleka) uma das principais testemunhas falasse o inglês.

Para o caso de Imad Elawar, no Líbano, tive três intérpretes em diferentes ocasiões.

Em suma, em nove dos onze casos asiáticos, para os quais eu necessitei de intérpretes, tive pelo menos dois trabalhando comigo, por vezes, em diferentes ocasiões. Assinalei algumas discrepâncias atribuíveis a erros de tradução, mas creio que tais erros afetam apenas um pequeno e insignificante grupo de todos os itens dos casos[8].

Métodos de Registro e Possíveis Erros

Outros erros podem ter-se insinuado nos registros, por ocasião da transcrição das declarações das testemunhas ou das minhas observações de seu comportamento. Costumo tomar notas escritas à medida que a testemunha ou o intérprete fala. Prefiro este método ao uso de gravadores em tais investigações porque: a) freqüentemente o gravador produz uma inibição inicial na testemunha, que pode tornar-se esquecida ou reservada à sua vista, até que a ele se acostume; b) uma vez que no Oriente raramente se podem ter entrevistas completamente privadas (pois, geralmente, várias pessoas se reúnem a fim de darem seu testemunho em conjunto), o gravador deixa, por vezes, de dar informações adequadas a propósito de quem disse o quê, fato ao qual atribuo muita importância. Ouvindo a fita posteriormente, talvez não seja possível reconhecer corretamente quem são os donos das vozes. Além disso, as gravações não fornecem o deletreamento dos nomes e, freqüentemente, por exemplo, se uma voz de súbito baixa de volume, por vezes podem perder-se detalhes das informações. Em minha opinião, as notas escritas, portanto, são indispensáveis e não vejo razão porque não se possa confiar nelas, desde que as notas sejam tomadas à medida que a testemunha fala. (Em alguns

[8] Nos relatos que se seguem, forneço alguns detalhes suplementares sobre a investigação dos casos, inclusive a utilização de intérpretes.

casos, como por exemplo quando a testemunha falava num automóvel, ocorreram circunstâncias que me compeliram a tomar minhas notas ao voltar para o hotel algumas horas depois, ou, mais raramente, no dia seguinte).

Minha confiança na exatidão de minhas notas, feitas durante as entrevistas, foi reforçada por algumas experiências na Turquia. Durante o estudo de alguns casos ali, em março de 1964, tomei notas como de costume, buscando fixar tantos detalhes quanto possível. Ao mesmo tempo, M. Resat Bayer, que me assistia como intérprete, também registrou as entrevistas (com poucas exceções) num gravador de fita portátil. Depois eu mandei a M. Bayer cópias de todas as minhas notas e ele, cuidadosamente, comparou-as com o material contido nas fitas gravadas, relativamente a detalhes mantidos ou alterados. Tal comparação mostrou que eu não havia cometido erros de maior importância em minhas notas, e o Sr. Bayer apenas achou um pequeno número de discrepâncias irrelevantes, nos detalhes. A mais séria delas foi eu ter registrado a idade de uma criança entre dois e meio e três anos, quando, de acordo com a fita, deveria tê-lo feito entre dois e dois e meio. Perdi alguns pormenores captados nas fitas, sem dúvida porque no momento eu estava escrevendo o que acabava de ser dito, enquanto o intérprete prosseguia falando outras coisas. Mas o ponto mais importante dessa comparação foi que eu não havia, em minhas notas, adicionado nenhum detalhe aos registrados nas fitas.

No importante trabalho de interrogar as testemunhas, avaliando a exatidão de suas declarações e detectando importantes omissões ou discrepâncias, tive a felicidade de contar com a assistência do Sr. Francis Story[9], que me acompanhou ao Ceilão em 1961 e à Índia em 1964, Sua ativa participação no estudo dos casos ensejou-me oportunidade para a discussão dos depoimentos, bem como de quaisquer discordâncias ou outras dúvidas apresentadas enquanto o material permanecia ainda recente. Penso que essa colaboração reduziu as probabilidades de subestimar ou deixar de registrar alguns pontos importantes surgidos durante as entrevistas.

Erros de Memória por Parte das Testemunhas

Chegamos, a seguir, ao mais importante fator da fidelidade das lembranças dos informantes. Supondo-se que encontramos larga margem de concordância entre as diversas testemunhas nos fatos principais de um caso (conforme se dá naqueles aqui tratados), como poderemos saber se a testemunha chegou a essa concordância, independentemente e não por influência de opiniões correntes consideradas abalizadas que, de uns poucos fatos relativos ao comportamento da criança, elaboraram uma longa história? Possivelmente, todos do grupo concordam, sem maior preocupação, que viram ou ouviram certos fatos que por eles não foram vistos nem ouvidos, assim como aconteceu com as vestes do Imperador impostas à populaça por temor ou credulidade. Ou, tomando um exemplo real, da mesma forma que se tomou moda usar barra nas calças, porque o camareiro do Rei Eduardo VII, um dia, inadvertidamente, depois de engraxar-lhe os sapatos, esqueceu-se de desenrolar as calças do Rei, antes que ele saísse. Os elegantes da época logo acharam cômodo ou, pelo menos, oportuno usar barra em suas calças.

[9] A morte de Francis Story em abril de 1971 privou estas investigações de um participante infatigável que combinava entusiasmo para os estudos em geral com uma capacidade notável examinar casos individuais criticamente.

Em poucas palavras, temos aqui uma teoria dos erros de memória e de depoimento *motivados*. Eu diria que o principal argumento contra a probabilidade da ocorrência dessa epidemia generalizada (ou mesmo localizada) de idéias repousa nas acentuadas diferenças de atitude das várias testemunhas em relação aos eventos focalizados. No Ocidente, os críticos mal informados geralmente pensam que, uma vez que no Oriente todos (ou quase todos) acreditam na reencarnação, ninguém está isento de aceitar cada história com um sabor reencarnacionista, embora a outros pareça improvável esse caráter de reencarnação. Entretanto, é perfeitamente certo que a crença na reencarnação está difundida no Oriente, onde é bastante freqüente sua aceitação. Mas, quando se chega aos casos específicos, verifica-se que as pessoas neles envolvidas, por vezes adotam atitudes bem diferentes. Em primeiro lugar, existe uma crença generalizada de que a lembrança de vidas pretéritas condena à morte prematura, e muitas vezes os pais usam de medidas enérgicas e mesmo cruéis, para evitar que uma criança fale sobre uma vida anterior. Além disso, a criança que insiste em declarar-se pertencente a outra aldeia onde viveria mais feliz, ou outra que denota atitudes mentais estranhas às de sua família, traz um seríssimo problema para os seus e para si própria. E não faltaríamos à verdade, afirmando que muitas dessas crianças ameaçam mudar-se para o outro lar, o que algumas ocasionalmente levam a efeito (ex., Prakash e Parmod). Por vezes, a criança e os pais comprazem-se com parte da publicidade proveniente de afirmação da lembrança de uma vida passada. Porém, mais freqüentemente, acham que a publicidade implica em insuportável aborrecimento e prejuízo; nada lucram e muito perdem do sossego de sua vida familiar. A confirmação da relutância dos pais em buscarem publicidade para o caso advém, freqüentemente, de outras testemunhas como, por exemplo, vizinhos que se recordam da idade que tinha a criança quando pela primeira vez começou a falar de uma vida anterior. Em média há um lapso de três a cinco anos entre o período das primeiras declarações da criança (vide a tabela I, p. 471, na Discussão Geral) e o desencadeamento da publicidade sobre o caso, fora do círculo íntimo da família. Observei freqüentemente que os pais resistiram (por vezes durante anos) ao insistente pedido da criança para ser levada a outra cidade onde dizia ter vivido antes. Se tomarmos em consideração todas essas circunstâncias, que podem influenciar a disposição das testemunhas em relação aos casos, devemos rejeitar a teoria que sugere que toda concordância de evidência, favorecendo interpretações paranormais dos casos, origina-se de motivados erros de memória das testemunhas. As predisposições de muitas das testemunhas ocasionam uma distorção no relato dos eventos, afastando-os de interpretações paranormais ou reencarnacionistas. Freqüentemente as testemunhas forçam seu depoimento a respeito de algo que a criança disse e que sabem acarretará a possibilidade de a mesma deixá-las ou então preferir viver com uma outra família.

Dois outros aspectos que se repetem nos depoimentos levam-me a reforçar a confiança neles. Primeiro, se a testemunha estivesse distorcendo os relatos manifesta e separadamente, seria de esperar-se uma incidência muito maior de discrepâncias entre os depoimentos de diferentes testemunhas. Para que, por exemplo, se a testemunha "A" está elaborando a história, restringiria ela sua elaboração de modo a que coincidisse quase exatamente com a história da testemunha "B", sem se falar em "C", "D" e outras? A idéia de que as testemunhas se hajam influenciado reciprocamente faz mais sentido do que a hipótese que tenham elaborado suas histórias individualmente e, acidentalmente, chegado ao mesmo ponto. Mas relativamente a isso, é claro que embora *algumas* das testemunhas pudessem ter-se influenciado reciprocamente (e é quase certo que o fizeram), em outros casos as testemunhas não poderiam de modo algum ter feito tal coisa (como nos casos de Swarnlata e Imad) ou é quase certo que não o fizeram,

porquanto colocaram-se em pontos opostos de uma controvérsia (como nos casos de Prakash e Ravi Shankar). Além do mais, a existência de algumas discrepâncias elide a possibilidade de um total falseamento dos relatos. Em segundo lugar, as testemunhas eram tão sinceras ao nos falarem acerca dos enganos e confusões por parte da criança, quanto ao nos informarem sobre seus sucessos. (Vejam-se especialmente os casos de Swarnlata e Imad, como exemplos de tais enganos). Em conclusão, não digo que não tenham ocorrido, nestes casos, erros intencionais de testemunho, digo, sim, que tais erros não podem explicar toda concordância (ou discrepância) que encontrei no depoimento de diferentes testemunhas.

Informação das Entrevistas Seguintes com os Indivíduos e Suas Famílias

Além do interesse e amizade eu mantive contato com alguns dos indivíduos destes casos continuando minhas investigações nos anos de 1961-64. Então na preparação para a nova edição deste livro tentei visitar o máximo deles tanto quanto pude para obter informação em primeira mão sobre o desenvolvimento posterior dos indivíduos que eram crianças quando eu os visitei pela primeira vez ou sobre os caminhos posteriores na vida daqueles que já eram adultos. No fim eu fui capaz de encontrar a todos com exceção de dois dos indivíduos, a maior parte deles nos anos de 1970-73, mas um (Sukla Gupta) em 1969. Mallika Aroumougam tinha se mudado de Pondicherry e meus inquéritos sobre seu novo endereço não conseguiram localiza-la. Os pais de William George Jr. Ficaram relutantes em cooperar com inquéritos adicionais. Todos os outros indivíduos e suas famílias pareceram genuinamente agradecidos em renovar o conhecimento comigo e com sua paciência costumeira responderam minhas questões de modo prestativo.

O intervalo passado entre as investigações iniciais dos casos e as entrevistas que se seguiram variou. O mais curto intervalo, oito anos, ocorreu no caso de Sukla Gupta. O mais longo, doze anos, ocorreu no caso de Wijeratne. Para os outros casos o intervalo entre minha primeira e última (antes da preparação desta edição) entrevista foi de nove e dez anos. Em um número de casos eu tive entrevistas adicionais com os indivíduos e membros de suas famílias durante os anos entre a primeira e a última entrevista com eles.

Método de Apresentação de Dados Nestes Relatórios

Nos relatórios dos esses que se seguem, tive necessariamente que sumarizar e combinar algumas informações dadas por diferentes testemunhas. Assim, geralmente inicio o relatório de um caso, por uma breve história do seu desenvolvimento. No preparo desses sumários, combinei e parafraseei o depoimento de um certo número de testemunhas. Mas, no que toca a tabulações detalhadas do que as testemunhas disseram acerca das declarações ou das identificações feitas pelos pacientes e o que outras testemunhas disseram a propósito da verificação desses primeiros itens, anotei exatamente o que referiram as testemunhas. Isto não significa que eu tenha utilizado suas próprias palavras, pois tentei citar tais itens resumidamente, mesmo porque algumas testemunhas usaram expressões diferentes para descrever o mesmo evento. O que desejo esclarecer é que para cada item assim descrito nessas tabulações, tenho uma nota (quase sempre feita contemporaneamente) de que a testemunha citada fez uma declaração exatamente correspondendo ao item citado. E, desde que, como já foi dito, várias pessoas quase sempre assistiam às entrevistas, outras testemunhas concordaram verbalmente ou

silenciosamente, ou por vezes discordaram do que dizia a principal testemunha. Assim, de modo geral, era-me possível inscrever testemunhas adicionais para cada item registrado, porém preferi focalizar a atenção nas testemunhas principais, as quais me pareciam em melhores condições para observar os fatos que relataram. Porei minhas notas originais sobre os casos à disposição de qualquer investigador sério que deseje compará-las com o material aqui impresso.

Para cada caso forneci (no respectivo relato) algumas informações e comentários baseados na possibilidade de transmissão de informações ao paciente, através de meios normais de comunicação, inclusive por fraude e criptomnésia. Reservei uma discussão geral de hipóteses paranormais pertinentes a esses casos, para uma seção à parte, ao final dos relatórios. Mas julguei melhor comentar alguns pontos importantes enquanto o leitor tem seus detalhes em mente, embora surjam algumas repetições na Discussão Geral.

No relato dos casos que se seguem uso a expressão "personalidade anterior" na maioria das passagens, quando desejo referir-me à pessoa morta com quem o paciente em questão alega identificar-se. Esta expressão parece menos imprópria do que outras como "sua suposta personalidade anterior" ou "prévia personalidade alegada". Ao mesmo tempo, a expressão que utilizei não implica em uma afirmativa à pretensão da criança de que sua personalidade seja, de fato, uma continuação da "personalidade anterior". Esta é a questão central proposta pelos dados, e dela tratarei na Discussão Geral. De igual modo, refiro-me geralmente às declarações atribuídas à criança, simplesmente como suas "lembranças", em vez de suas "ostensivas lembranças de uma vida passada". As declarações atribuídas ao paciente representam lembranças de alguma espécie, e a questão reside em saber se são reminiscências do que ouviu ou aprendeu normalmente, do que sentiu paranormalmente, ou do que vivenciou numa existência anterior.

Planos para Investigações e Relatórios Futuros

Espero que a precedente apreciação das dificuldades apresentadas ao estudo destes casos e das tentativas de superá-las não deixe a ninguém a impressão de que eu esteja satisfeito com os presentes métodos. Sinto a obrigação premente de aprimorar o estudo destes casos, de todos os modos possíveis. Além de melhorar os métodos, eu preferiria estudar os casos quando mais recentes do que a maioria daqueles aqui relatados o eram na ocasião em que deles tomei conhecimento. Para isso, ocorrem obstáculos, uma vez que, como já foi dito, as famílias que têm crianças desse tipo geralmente desejam evitar publicidade e, portanto, só com relutância expõem a outras pessoas as declarações da criança. Raramente fazem isto antes de tentarem verificar, por si mesmas, as afirmações da criança. Espero, entretanto, através de melhor detecção de tais casos, ter conhecimento de alguns que ou possa examinar imediatamente após a criança ter feito suas declarações, e antes de sua verificação. Na presente coleção de casos foram tomadas notas por escrito, anteriormente à investigação, em dois deles, o de Swarnlata e o de Imad. Em um outro (o de Prakash), cheguei ao local dos principais acontecimentos, dentro de algumas semanas de sua ocorrência, sendo-me possível começar o seu estudo quando eram ainda bem recentes. Mas, nos demais casos, somente vim a estudar os depoimentos, meses ou anos depois dos acontecimentos originais.

As óbvias limitações ao estudo de casos deste tipo, mesmo nas circunstâncias mais favoráveis, deveriam levar-nos a buscar outros meios para obtenção de mais alguma

evidência de importância. Já me referi às possibilidades, no futuro, de outras e mais bem controladas experiências, através de hipnose, utilizando como pacientes especialmente crianças. Além disso, comecei a estudar os padrões de aspectos recorrentes em um grande número de casos espontâneos do tipo reencarnação. Pretendo estabelecer a autenticidade de todos os da minha coleção. Espero, então, comparar as características ocorrentes nos incompletamente investigados, com aquelas dos casos em cuja autenticidade tenho maior confiança, aplicando o método originalmente elaborado por Hart para o estudo dos fenômenos de aparições[10]. Se eu verificar que padrões ocorrentes em casos bem autenticados se apresentam repetidamente em outros menos bem autenticados, minha confiança nas informações contidas nos últimos será aumentada. Procurarei, então, aproximar-me do maior número de casos em início, para delinear padrões e obter inferências de todo o material disponível. Por outro lado, se tal análise não demonstrar padrões significantes análogos entre os mais e os menos bem autenticados, terei uma base para futuras discriminações no estudo desses fatos.

Continuarei, igualmente, a esforçar-me por avaliar casos desse tipo, tentando seu enquadramento nas varias teorias que concorram para seu esclarecimento, e procurando conceber novas teorias nas quais os dados se ajustem melhor do que nas hipóteses correntes. Prosseguirei tentando imaginar e descrever casos ideais que, se encontrados, permitirão julgamentos definitivos entre teorias rivais, buscando, também, encontrar e estudar tais casos cruciais.

[10] H. Hart. "Six Theories About Apparitions". *Proc*. S.P.R, Vol 50, 1956, 153-239.

II

SETE CASOS SUGESTIVOS DE REENCARNAÇÃO NA ÍNDIA

INTRODUÇÃO

A idéia da reencarnação constitui importante princípio da religião hinduísta professada pela grande maioria dos habitantes da Índia. O Hinduísmo é a mais antiga religião sobrevivente no mundo, uma vez que sua origem remonta ao quarto milênio a.C. Suas doutrinas e práticas não diferem muito hoje do que foram há milhares de anos.[1] As doutrinações dos conquistadores e missionários muçulmanos e cristãos exerceram pequeno impacto na continuidade da crença da maioria dos indianos nas idéias básicas do Hinduísmo. Na introdução desta monografia, fiz alusão às complexas relações que devem ligar a crença na reencarnação, em determinadas culturas, e a ocorrência de casos que parecem apresentar evidência justificando tal crença. Acrescentarei aqui apenas que a viabilidade do Hinduísmo de hoje pode ser devida a relatos bastante freqüentes na Índia, de experiências que parecem fornecer provas de reencarnação. Casos do tipo que vou descrever parecem ter ocorrido durante séculos na Índia. Sua existência é admitida ou insinuada através de muitas das escrituras e mitos hindus. Como sabemos que muitos casos do tipo de reencarnação sucedem hoje na Índia, parece pelo menos possível, e é talvez verossímil, que tais fatos hajam ocorrido com a mesma freqüência durante séculos. Quaisquer que sejam o valor e a devida interpretação desses casos, sua simples *existência* proporcionou um fluxo contínuo de apoio, aparentemente empírico, para a religião do Hinduísmo, bem como para o Budismo.

A mais antiga investigação de uma ocorrência na Índia, de que tenho notícia, deu-se no século XVIII. O então imperador Mogul, ao ter conhecimento de um caso, interessou-se por ele (embora fosse maometano) e fez as testemunhas virem à sua presença para interrogá-las. O fato apresentava características, tais como sinais de nascença, que encontrei também nos atuais[2]. Desde o começo do século XX, sucessos isolados e, ocasionalmente, pequenas séries deles, foram objeto de averiguação, por vezes bastante

---

[1] Os leitores poderão encontrar informação e bibliografia sobre o Hinduísmo e as crenças hindus nas seguintes fontes: S. Radhakrishnan. "Hinduism", em *The Legacy of India*. (Ed. GT. Garratt). Oxford: Oxford University Press, 1937; A.N. Coomaraswamy, *Hinduism and Buddhism*. New York: Philosophícal Library, s.d; K.M. Sen. *Hinduism*. Harmodsworth: Penguin Books, Limited 1961; Swami Nikhilananda. *Self-Knowledge: An English Translation of Sankaracharya's Atmabodha with Notes, Comments, and Introduction*. New York: Ramakrishna-Vivekananda Center, 1946; Swami Prabhavananda, com a colaboração de F. Manchester. *The Spiritual Heritage of India*. New York: Doubleday and Company, Inc., 1963; Bhagavad-Gita. (Tradução de Swami Prabhavananda e C. Isherwood.) Hollywood: The Marcel Rodd Co., 1964. (Este último livro é geralmente considerado como o Evangelho do Hinduísmo. Contém uma antiga e autorizada exposição das idéias hindus acerca da reencarnação).

[2] Este interessante caso não é, entretanto, a mais antiga alegação de lembrar uma vida prévia conhecida por mim na Índia. Tulsi Das, o poeta Hindi de Ramayana, menciona eu seu grande trabalho uma alegação de lembrar de uma vida prévia com alguns poucos (não verificados) detalhes. *The Ramayana de Tulsi Das* (trad. por F. S. Growse) 7ª edição. Allahabad: Ram Narain Lal, 1937, p. 652.

cuidadosa. A investigação sistemática de casos sugestivos de reencarnação na Índia, contudo, somente teve início há poucos anos.

No verão de 1961, visitei a Índia e o Ceilão, com o propósito de estudar casos sugestivos de reencarnação nesses países. Nessa visita investiguei, em amplitudes variáveis, cerca de dezoito deles na Índia. Destes, quatro são relativamente antigos, sendo que as aparentes lembranças de importância e as primeiras averiguações tiveram lugar vinte ou trinta anos atrás. Espero publicar, em relatórios à parte, as pesquisas referentes a estes casos mais antigos, com informações sobre as vidas ulteriores de seus protagonistas. Em várias outras ocorrências a insuficiência de detalhes impediu a verificação das aparentes recordações. Em alguns fatos, os dados disponíveis mostraram-se insuficientes para qualquer apreciação razoável. E, ainda em outro grupo, as investigações prosseguem e serão relatadas mais tarde.

Em 1964, retornei à Índia e revisei completamente, com dois novos intérpretes e um segundo observador, os casos de Prakash, Jasbir, Ravi Shankar e Parmod. Durante essa segunda visita à Índia, pesquisei também fatos adicionais novos e antigos cujos relatos constarão de publicações posteriores.

O presente relatório descreve sete casos bem recentes que, com relação ao comportamento das crianças, são ainda correntes. Em sua maioria são os mais ricos em detalhes, os mais bem testemunhados e, em minha opinião, os mais amplamente investigados, dentre os casos recentes sugestivos de reencarnação ocorridos na Índia. Não são essencialmente diferentes de muitos outros mais antigos já publicados, alguns dos quais já revisei[3]. Seu valor reside na investigação mais completa a que foram submetidos, o que, acredito, possibilitou discutir-se as várias hipóteses com a segurança de se ter à disposição, para tanto, a maioria dos fatos obteníveis sobre um caso determinado, relevante para a escolha entre tais hipóteses.

História Usual de Casos Sugestivos de Reencarnação

Até o presente, a história de casos sugestivos de reencarnação, na Índia (e em outros lugares), segue um padrão quase convencional. O caso geralmente principia quando uma criança de 2 a 4 anos de idade põe-se a falar a seus pais ou irmãos, de uma vida que teve em outra época e lugar. A criança sente, no geral, uma considerável atração pelos acontecimentos relacionados a essa vida e, em geral, importuna seus pais para lhe permitirem voltar para a comunidade onde alega ter vivido anteriormente, Se a criança faz bastantes asserções peculiares à sua existência pregressa, os pais (geralmente com relutância) começam a fazer averiguações de sua veracidade. Muitas vezes, na verdade normalmente, tais tentativas de averiguação não ocorrem senão vários anos depois de a criança ter começado a falar de uma existência precedente. Se alguma verificação se segue, membros das duas famílias visitam-se e indagam da criança se ela reconhece locais, objetos e pessoas de sua suposta vida anterior. Em tais ocasiões, o fato geralmente atrai muita atenção nas comunidades em que ocorre e os relatos chegam aos

[3] I. Stevenson. "The Evidence for Survival from Claimed Memories of Former Incarnations, Part. I. Review of the Data". *Journal* A.S.P.R, Vol. 54, abril de 1960, 51-71, e "The Evidence for Survival from Claimed Memories of Former Incarnations, Part II. Analysis of the Data and Suggestions for Further Investigations". *Journal* A.S.P.R., Vol. 54, julho de 1960, 95-117.

jornais. No passado, somente uns poucos, ex., o de Shanti Devi[4,5] , foram objeto de investigação por pessoas independentes, fora do círculo familiar imediato dos pacientes.[6] Procurei remediar essa deficiência, orientando o censo internacional de casos sugestivos de reencarnação acima mencionados, e, sempre que possível, providenciando investigações em primeira mão conduzidas por pessoas familiarizadas com os métodos da pesquisa psíquica[7]. Espero ter a oportunidade de estudar um número maior de casos nos quais a família da criança não tenha tentado ainda qualquer verificação, de modo a poder observá-los antes, durante e depois da ocorrência das principais declarações feitas pela criança. O de Swarnlata (no presente grupo) e o de Imad Elawar (no Líbano) aproximam-se parcialmente desse ideal.

Métodos de Investigação

Uma vez que na Introdução já descrevi meus métodos gerais de investigação, não repetirei aqui tal descrição; fornecerei simplesmente, pormenores adicionais relacionados aos casos específicos. Apresento, em seguida, detalhes sobre o tempo que despendi entrevistando testemunhas. Essas cifras não incluem a evolução de considerável número de informações sobre alguns casos, como os de Swarnlata, Sukla e Ravi Shankar, obtidas através de correspondência, antes e depois de minhas visitas ao local dos acontecimentos.

1. Caso de Prakash

Em 1981, despendi dois dias no estudo deste caso, Sri H. N. Banerjee assistindo-me como intérprete. Em 1964, voltei a verificar o fato, nele detendo-me mais dois dias em entrevistas com informantes anteriores e novos. Durante as entrevistas principais, em 1964, levadas a efeito em Kosi Kalan e Chhatta, o Dr. Jamuna Prasad atuou como intérprete principal e Sri Chandra Prakash, como intérprete assistente. Numa entrevista em Nova Délhi, Sri Inder Datt serviu de intérprete.

2. Caso de Jasbir

Em 1961 passei um dia investigando este fato, tendo Sri H. N. Banerjee funcionado como meu intérprete. Em 1964 voltei a examiná-lo durante três dias e meio. Nessa

---

[4] L.D.Gupta, N.R. Sharma e T.C. Mathur. *An Inquiry into the Case of Shanti Devi*. Délhi: International Aryan League, 1936.

[5] S.C. Bose *A Case of Reincarnation*. Ligate, Satsang, S.P.,1952.

[6] Contudo, penso ser importante observar que vários relatos de investigações feitas por pessoas independentes acerca de cases indianos sugestivos de reencarnação apareceram durante os anos de 1920 a 1930. Vide, por exemplo (além das fontes referidas nos itens 3 c 4 acima): I. Sen. "Kumari Shanti Devi and Reincarnation". Chitrapat, 4 de julho de 1936, Délhi; I. Sen. "Shanti Devi Further Investigated". *Proceedings Indian Philnsophical Congress*, ca. 1937; K. K. N, Sahay. *Reincarnation: Verified Cases of Rebirth After Death*, publicado particularmente, Bareilly, ca. 1927 (contém relatório do caso do filho do autor e de seis outros casos por ele investigados, ocorridos em outras famílias). R.B.S. Sunderlal "Cas apparentes de réminiscences de viés antérieures". *Revue Métapsychique*, julho-agosto, 1924, 302-307.

[7] I. Stevenson. "Criteria for the Ideal Case Bearing on Reincarnation". *Indian Journal of Parapsychology*, Vol. 2, 149-155.

ocasião, o Dr. Jamuna Prasad atuou como intérprete principal, com Sri R S. Lal assistindo como segundo intérprete e anotador.

3. Caso de Sukla

O Professor P. Pal investigou exaustivamente este caso em 1960. Apliquei dois dias examinando-o em 1961. No primeiro dia, um guia turístico do governo indiano, Sri S. K. Daw, auxiliou-me como intérprete. No segundo dia, o Professor P. Pal associou-se a mim, atuando como intérprete. O Professor Pal continuou ligado ao caso e gentilmente enviou-me informações suplementares sobre alguns de seus pormenores.

4. Caso de Swarnlata

Em 1961 estive quatro dias a investigar este evento. Para a maioria das entrevistas não necessitei de intérprete, porquanto as principais testemunhas falavam bem o inglês. Relativamente a umas poucas testemunhas, Sri M. L. Mishra, pai de Swarnlata, colaborou como intérprete. O Professor P. Pal estudou este fato em 1963, tendo feito a gentileza de colocar suas extensas anotações à minha disposição,

5. Caso de Ravi Shankar

Meu conhecimento deste caso desenvolveu-se primeiramente em 1961, por ocasião de uma visita ao Professor B. L. Atreya, em Benares. Não interrogara ele, em primeira mão, as pessoas relacionadas ao caso, mas coligira depoimentos através de correspondência com considerável número de testemunhas (mencionadas adiante no respectivo relatório). Em 1962, o Dr. Jamuna Prasad e Sri R. S. Lal (com Sri H. N. Banerjee) dedicaram um dia ao estudo do caso, em primeira mão. Sri Lal, gentilmente, pôs-me à disposição suas notas das entrevistas então levadas a efeito. Posteriormente, correspondi-me diretamente com o pai do menino falecido, relativamente a certos pormenores deste acontecimento. Em 1964 examinei o fato em primeira mão, estudando-o durante um dia e meio. Sri Ram Deo atuou como principal intérprete, tendo como assistente Sri S. K. Singh.

6. Caso de Mallika

Este fato foi investigado em 1960-61 por Mme. Robert Gaebelé, que reside em Pondicherry e estava em contato freqüente com as pessoas a ele relacionadas. Em 1961, passei um dia em Pondicherry, metade do qual dediquei ao estudo deste caso, de que havia poucas testemunhas. Entendi-me em francês com Mme. Gaebelé e com uma das outras testemunhas, Esta serviu de intérprete, em língua tâmil, junto a uma outra testemunha que não falava francês nem inglês.

7. Caso de Parmord

Deste caso tenho comigo alguns depoimentos escritos, a mim emprestados pelo Professor Atreya, parte dos quais traduzidos por Sri Subash Mukherjee, Em 1961, seu irmão, Sri Sudhir Mukerjee, serviu-me como intérprete durante meu estudo do caso, no qual empreguei, então, dois dias. Em 1962, Sri Subash Mukherjee coligiu mais outros depoimentos de algumas das testemunhas, os quais gentilmente traduziu para mim. Em

1964 passeí um dia e meio estudando-o com a assistência do Dr. Jamuna Prasad, como principal intérprete, e de Sri Vishwa Nath, como intérprete assistente.

Além de ter tido dois intérpretes no estudo dos casos de Jasbir feito em 1964, Ravi Shankar, Prakash e Parmod, tive, como já disse, a felicidade de contar com a colaboração do Sr. Francis Story, que me acompanhara durante minhas investigações de casos no Ceilão, em 1961. O Sr. Story observou, do ponto de vista crítico, as testemunhas e intérpretes (hem como eu mesmo) e às vezes dirigiu a inquirição para importantes tópicos negligenciados. Durante as entrevistas tomei notas em inglês à medida em que as traduções eram feitas e o intérprete fez anotações em hindi. Posteriormente, comparamos nossas anotações e discutimos amplamente os detalhes do caso, inclusive quaisquer discrepâncias detectadas que haviam ocorrido. Esse procedimento permitiu-nos verificar mais amplamente os pontos duvidosos e importantes, antes de deixarmos o local.

O Sr. Story e o Dr. Prasad revisaram meus relatórios dos quatro casos nos quais colaboraram comigo, em 1964.

RELATÓRIO DOS CASOS

O Caso de Prakash

Sumário do Caso e Sua Investigação.

Em abril de 1950, um menino de 10 anos, chamado Nirmal, filho de Sri Bholanath Jain, morreu de varíola na casa de seus pais, em Kosi Kalan, uma cidade do distrito de Mathura, Uttar Pradesh. No dia de sua morte estivara delirante e irritadiço. Ele disse duas vezes à sua mãe: “Você não é minha mãe, Você é uma Jatni. Voltarei para minha mãe”. Ao dizer isso, apontou em direção a Mathura e outra cidadezinha na mesma região chamada Chhatta, mas não mencionou o nome de nenhuma dessas cidades.(Chhatta fica a seis milhas de distância de Kosi Kalan, na estrada que vai desta cidade para Mathura.) Logo depois de fazer essas estranhas observações, morreu.

Em agosto de 1951, a esposa de Sri Brijlal Varshnay teve um filho, em Chhatta, a quem deram o nome de Prakash, Quando pequenino, notou-se que Prakash chorava muito mais do que qualquer outra criança, mas, exceto isso, não demonstrou comportamento estranho, até a idade de quatro anos e meio. Nessa ocasião, começou a acordar em meio à noite e a correr para a rua. Quando impedido, dizia que “era” de Kosi Kalan, que seu nome era Nirmal, e que ele queria voltar para seu antigo lar. Declarou que seu pai chamava-se Bholanath. Acordou e fugiu dessa forma por quatro ou cinco noites seguidas e daí por diante, um pouco menos freqüentemente, continuou a fazê-lo durante todo um mês. Importunava de tal modo sua família para levá-lo a Kosi Kalan que um dia, em 1956 (na esperança de acalmá-lo) seu tio paterno levou-o consigo numa viagem de ônibus que ia em sentido contrário àquela cidade, isto é, na direção de Mathura. Prakash, entretanto, notou imediatamente o engano e chorou para que o levassem a Kosi Kalan. Seu tio então colocou-o no ônibus certo e lá o levou. Foi à loja de Sri Bholanath, mas não a reconheceu, talvez porque estivesse fechada, na ocasião, era virtude da ausência de Sri Jain. E por esta mesma razão não encontrou a família Jain quando dessa visita. A família de Jain, contudo, soube da visita de Prakash a Kosi Kalan.

Nessa ocasião, em 1956, quando tinha cerca de cinco anos, as aparentes lembranças de Prakash da vida como Nirmal eram extremamente vívidas. Lembrava-se dos nomes dos parentes e amigos de Nirmal, dos quais não mais se recordou em sua segunda visita a Kosi Kalan, cinco anos mais tarde. Depois de retomar dessa cidade, da primeira vez, continuou a importunar sua família com o desejo de para lá voltar. Eles tomaram várias medidas numa tentativa de fazê-lo esquecer-se de Nirmal e de Kosi Kalan. Estas incluíram a de girá-lo numa roda de oleiro, em sentido contrário ao dos ponteiros do relógio, no intuito de atenuar-lhe a memória, e a de espancá-lo algumas vezes. Depois de algum tempo, ele parecia ter-se esquecido, ou pelo menos não mais falava abertamente de seu desejo de retornar à referida cidade.

Na primavera de 1961, um dos filhos mais jovens de Sri Bholanath Jain, Jagdish (irmão mais velho de Nirmal), perdeu um de seus filhos, um menino de três anos e meio. Logo em seguida, Sri Jagdish Jain mudou-se novamente de Délhi, onde estivera residindo, para Kosi Kalan. Nesta cidade, teve notícia do menino de Chhatta que dizia chamar-se Nirmal e ser filho de Bholonath Jain. No início do verão de 1961, Sri Bholanath Jain esteve a negócios em Chhatta, com sua filha Memo. Ali conheceu Prakash, que o reconheceu com seu "pai". Prakash, em parte, reconheceu também Memo, tomando-a por uma outra irmã de Nirmal, de nome Vimla. Ele implorou a Sri Bholanath Jain para levá-lo para Kosi Kalan, Quando Sri Jain e Memo partiram, o menino acompanhou-os ate à estação rodoviária suplicando-lhes que o levassem consigo. Dias depois, a mãe de Nirmal, a irmã mais velha deste, Tara, e o irmão Devendra, visitaram Prakash em Chhatta. Prakash chorou de alegria ao ver Tara, a irmã mais velha de Nirmal. Pediu a seu pai que o levasse a Kosi Kalan. A família Jain persuadiu os pais de Prakash a consentirem em sua ida àquela cidade outra vez. Em Kosi Kalan, Prakash orientou o percurso que vai da estação rodoviária à casa dos Jain. Aí chegando, hesitou à entrada, que havia sido radicalmente reformada desde a morte de Nirmal. No interior da casa, Prakash reconheceu outro irmão, duas tias e alguns vizinhos de Nirmal, bem como várias dependências da casa em que Nirmal vivera e morrera.

A família de Nirmal mostra-se satisfeita por ter ele renascido como Prakash. Lamentavelmente essa segunda visita, a Kosi Kalan e o encontro com membros da família Jain reativaram profundamente o anseio de Prakash de retornar para essa cidade. Começou de novo a fugir de casa e seu pai voltou a espancá-lo para fazê-lo esquecer-se dessa idéia ou pelo menos da sua execução.

Tive a felicidade de poder investigar primeiramente este caso em julho de 1961, dentro de três semanas depois da segunda estada de Prakash em Kosi Kalan, quando os acontecimentos permaneciam ainda frescos na mente dos informantes. Os ânimos entre ambas as famílias ainda estavam exaltados. Alguns membros da família Varshnay conceberam a idéia de que os Jain desejavam adotar Prakash permanentemente. Em minha primeira visita às duas cidades, Sri Jagdish Jain, de Kosi Kalan, acompanhou-me como guia à família Varshnay, em Chhatta. Mas sua presença no meu grupo identificou-nos com a família Jain e despertou considerável animosidade contra nós, em Chhatta. Nessa oportunidade, assim que Prakash viu Sri Jagdish Jain, sorriu prazenteiro e demonstrou alegria em ser carregado por ele pelas ruas, em direção a sua casa. (Sendo ainda pequeno, podia ser carregado facilmente). Porém, após inquirir os adultos da família Varshnay, quando me dirigi a Prakash, notei-o estranhamente reservado. Suspeitei que seu pai o havia instruído para nada dizer-nos e, no dia seguinte quando voltei para uma segunda entrevista com Sri Varshnay, ele confirmou esta inferência.

Em 1964, os Varshnay receberam-me muito mais cordialmente, em parte talvez porque eu já lhes fosse familiar, e em parte por já haverem de certo modo diminuído as intensas emoções relacionadas com as anteriores ameaças de fuga de Prakash. A família mostrou-se muito mais receptiva às minhas inquirições e me foi possível obter o depoimento da mãe de Prakash, a quem não entrevistara em 1961. Em 1964, contudo, não tive oportunidade de observar o comportamento de Prakash e dos seus na presença de membros da família Jain, como pudera fazê-lo em 1961.

Fatos Geográficos Importantes e Meios Possíveis de Comunicação Entre as Duas Famílias.

Kosi Kalan e Chhatta são cidades que distam entre si cerca de seis milhas, ambas na estrada principal entre Délhi e Mathura. Chhatta (aproximadamente 9.000 habitantes) é o centro administrativo da região, mas Koai Kalan (aproximadamente 15.000 habitantes) é o centro comercial. Tanto a família Jain como a família Varshnay haviam estado freqüentemente nas respectivas cidades mas os membros de ambas as famílias negaram ter tido relações mútuas c sequer terem-se conhecido anteriormente à primeira visita de Prakash a Kosi Kalan, em 1956. E, como já disse, realmente não se conheciam àquela época. Sri Varshnay assegurou-me que Prakash nunca saíra de Chhatta antes de sua primeira visita a Kosi Kalan, em 1956. Soube também que durante toda a sua vida Nirmal estivera em Chhatta uma única vez e, nessa ocasião, somente de passagem, quando foi a Mathura, em viagem de recreio. Os Jain e os Varshnay pertencem a subcastas ligeiramente diferentes, o que tornaria mais improvável tivessem relações de amizade ou amigos comuns.

Pessoas Entrevistadas Durante a Investigação[8].

Em Kosi Kalan entrevistei:

Sri[9] Bholanath Jain, pai do falecido Nirmal (entrevistado somente em 1961. Falecido em 1963).
Srimati Parmeshwari, mãe de Nirmal.
Memo, irmã menor de Nirmal.
Sri Jagdish Jain, irmão mais velho de Nirmal.
Devendra, irmão mais novo de Nirmal.
Sri Ramesh Jain, vizinho da família de Sri Bholanath Jain.
Sri Basantlal Chaudhari, ex-prefeito de Kosi Kalan.
Sri Chandra Bhan, vizinho da família de Sri Bholanath Jain.
Sri Jaswant Singh.
Sri Chiranji Lal, irmão de Sri Basantlal Chaudhari, comerciante de Kosi Kalan.

---

[8] Os leitores ocidentais poderão observar que as mulheres, ex.: as mães das crianças, que, como é de esperar-se, deveriam saber o que elas dizem quando com pouca idade, comumente quase não tomam parte nos depoimentos sobre estes casos. Na Índia e no Ceilão, de qualquer maneira, é geralmente difícil entrevistar senhoras, as quais não estão habituadas ao convívio com homens que não pertençam a suas famílias. Conseqüentemente, tive de louvar-me, com freqüência, no testemunho prestado pelos elementos masculinos da família, embora eu tenha, sempre que possível, entrevistado também as senhoras.

[9] "Sri" é um título honorífico para homens adultos na Índia, equivale aproximadamente a "Sr". "Srimati", para senhoras casadas, corresponde a "Sra.". As meninas e senhoras solteiras são chamadas "Kumari". e os meninos, "Kumar".

Sri Tek Chand.

O depoimento de Sri Harbas LaI, de Kosi Kalan, foi obtido em entrevista conduzida (em dezembro de 1964) por Sri Chandra Prakash, psicólogo do distrito de Agra.

Em Chhatta entrevistei:

Sri Brijlal Varshnay, pai de Prakash
Srimati Brijlal (Shanti Devi) Varshnay, mãe de Prakash
Sri Ghan Shyam Das Varshnay, irmão mais velho de Sri Brijlal Varshnay.
Prakash, filho de Sri Varshnay.

Em Délhi entrevistei:

Srimati Tara, esposa de Sri Dava Chand Jain e irmã mais velha de Nirmal (entrevistada apenas em 1961).
Srimati Omvati Devi, irmã mais velha de Prakash, casada.

Todos os informantes acima foram entrevistados em 1964, embora como já indicado, muitos deles foram entrevistados também em 1961.

Declarações e Reconhecimentos Feitos por Prakash.

Nas tabulações anteriores apresentei uma súmula das declarações e reconhecimentos de Prakash, com referência à sua alegação de ser Nirmal reencarnado. Embora eu tenha indicado nessas tabulações algumas das relações entre os vários informantes, os leitores poderão consultar a lista, dos mesmos e o sumário do caso já apresentado, ao lerem as referidas tabulações, bem como as demais que apresentarei posteriormente para os outros casos.

Dos fatos precedentes, os dos itens 1 a 8 ocorreram antes de quaisquer tentativas de verificação. Os dos itens de 9 a 12 tiveram lugar por ocasião da primeira visita da família de Nirmal a Chhatta, em 1961. Os dos itens de 13 a 34, ocorreram por ocasião da segunda visita de Prakash a Kosi Kalan, algumas semanas depois.

Relatos e Observações Relevantes sobre o Comportamento das Pessoas Relacionadas ao Caso.

Prakash tinha uma intensa identificação com a presumida personalidade anterior de Nirmal; na verdade, a mais acentuada identificação com a personalidade anterior de quantas ocorreram na maioria dos casos indianos por mim estudados. (A família Varshnay testemunhou vividamente essa identificação, que muito os aborreceu, particularmente pelos esforços empreendidos por Prakash em fugir para Kosi Kalan. Prakash insistia em que o chamassem de Nirmal, e por vezes não respondia quando o chamavam por Prakash. Disse à sua mãe que ela não era sua mãe e queixou-se da mediocridade da casa em que viviam. Falava das lojas "de seu pai", de seu cofre de ferro, e de membros da outra família. Com grande freqüência chorava copiosamente e ficava sem comer durante os períodos em que se obstinava em ir para Kosi Kalan. Um dia Prakash tomou um grande prego e partiu em direção a essa cidade. Membros da família saíram à sua procura, encontrando-o a meia milha de distância em direção de

Kosi Kalan. Quando lhe perguntaram sobre o prego, respondeu: "Isto é a chave do meu cofre de ferro".

A família Jain notou igualmente essa intensa identificação nas lágrimas de Prakash, quando esteve com eles, e em suas súplicas a Sri Bholanath Jain para levá-lo de volta para Kosi Kalan. Depois de 1981, diminuiu gradativamente a animosidade despertada entre as duas famílias pelo temor dos Varshnay de que os Jain quisessem, de algum modo, adotar Prakash, As relações de amizade melhoraram e ambas as famílias se presentearam. Os Varshnay permitiram, então, algumas visitas de Prakash aos Jain, em Kosi Kalan. Em 1964, supuseram que Prakash houvesse cessado de ir a essa cidade, mas eu soube que suas visitas continuaram, sub-repticiamente. Costumava gazetear e ir de ônibus, sozinho, para lá. Era incondicionalmente aceito e bem recebido pela família Jain, quando de suas visitas a Kosi Kalan.

Notei a alegria na face de Prakash quando avistou Jagdish, irmão mais velho de Nirmal, por ocasião de minha visita a Chhatta, em 1961, e a transformação que demonstrou tornando-se taciturno quando seu pai o preveniu para não conversar conosco. Observei também as fortes emoções da família Varshnay, relacionadas com a suspeita, especialmente por parte da avó de Prakash, de que eu estivesse promovendo a adoção deste pela família Jain. Essa senhora chegou mesmo a sugerir que moradores da cidade espancassem a mim e a meus companheiros pelo nosso suposto conluio com os Jain no sentido de transferir Prakash para essa família. Os Jain mencionaram também a oposição dos Varshnay às visitas entre ambas ns famílias. A família Varshnay resistiu à investigação, desde o início, somente nela condescendendo para acalmar as súplicas de Prakash. Por seu lado, a família Jain permaneceu indiferente à verificação durante cinco anos após terem, pela primeira vez, ouvido falar do assunto, por ocasião da primeira visita de Prakash a Kosí Kalan, em 1956. Seu interesse em rever o menino só se reavivou em 1961, depois de um encontro acidental com ele em Chhatta. Todos esses aspectos de comportamento do caso, muitos dos quais eu próprio presenciei, parecem incompatíveis com a hipótese de que qualquer das famílias o tenha engendrado como um embuste. De igual modo, são as lacunas nas informações prestadas por Prakash, bem como os ocasionais lapsos e incongruências dos informantes, que requereriam, se utilizados para reforçar o efeito natural da fraude, um elevado grau de representação e teatralização, muito acima da capacidade dessa gente. Além do mais, por ocasião de nossas visitas a Kosi Kalan, meu grupo era cercado por grande número de habitantes do lugar que logo tomavam conhecimento do nosso interesse pelo caso. O assunto era obviamente objeto de domínio e curiosidade públicos. Qualquer pessoa que soubesse tratar-se de uma burla, ou que as famílias já se conhecessem anteriormente, teria indubitavelmente se apresentado para proclamar sua suspeita mas ninguém o fez. Em 1964, não tive mais evidências de comunicação direta entre as duas famílias antes de 1961, do que tivera quando da minha primeira visita.

SÚMULA DAS DECLARAÇÕES E RECONHECIMENTOS FEITOS POR PRAKASH[1]

[1] Nesta, e nas tabulações que se seguem, a coluna *Informações* relaciona as testemunhas do que o paciente fez ou disse referentemente à vida anterior. A coluna *Verificação* relaciona os informantes, por informação, verificando a exatidão daquilo que o paciente disse ou fez com relação à prévia personalidade. Ao mencionar os reconhecimentos deixei freqüentemente em branco a coluna *Verificação*, uma vez que a pessoa informante do reconhecimento (ela própria quase sempre uma testemunha dele) ou sabia ser verdadeiro tal reconhecimento ao tempo em que ocorreu ou verificou sua exatidão

Item	Informantes	Verificação	Comentários
1. Seu nome anterior era Nirmal e morava em Kosi Kalan.	Brijlal Varshnay, pai de Prakash Omvati Devi, irmã mais velha de Prakash Shanti Devi Varshnay, mãe de Prakash	Bholanath Jain, pai de Nirmal Jagdish Jain, irmão mais velho de Nirmal	
2. Seu pai chamava-se Bholanath.	Omvati Devi Brijlal Varshnay	Bholanath Jain	
3. Ele tinha uma irmã chamada Tara.	Omvati Devi Brijlal Varshnay	Tara Chand Jain, irmã de Nirmal	
4. Ele tinha vizinhos em Kosi Kalan chamados Tek Chand, Ramesh e Narain.	Jagdish Jain (não mencionados pela família Varshnay)	Jagdish Jain	Narain havia falecido mais ou menos na época em que Nirmal morreu. Portanto esse item não pode ser aceito como informação corrente obtida prontamente por meios normais.
5. Sua casa em Kalan era "pukk" em contraste com a presente, "kachcha".	Shanti Devi Varshnay	Diferenças observadas por mim próprio, quando de minhas visitas a Kosi Kalan e Chatta.	A casa da família Varshnay em Chhata tem paredes de barro (kachcha) ao passo que a dos Jain, em Kosi, é de tijolos (pukka).
6. Seu pai possuía quatro lojas, inclusive uma de cereais, uma de roupas e uma de mercadorias em geral.	Shanti Devi Varshnay	Jagdish Jain	A família Jain tinha quatro lojas, a saber: uma de roupas, uma de mercadorias em geral, em que vendiam artigos de papelaria, e duas mercearias. Algum tempo após a morte de Nirmal, a família Jain desfez-se de duas lojas, conservando as outras duas.
7. Seu pai vendia camisas em Kosi Kalan.	Bholanath Jain (não mencionado pela família Varshnay)	Bholanath Jain	Sri Bholanath Jain possuía uma loja de mercadorias em geral, inclusive camisas.
8. Ele tinha um cofre de ferro.	Brijlal Varshnay	Jagdish Jain	Cada irmão tinha, uma gaveta no cofre e a chave correspondente à sua gaveta. Sri Jagdish Jain declarou que em uma de suas visitas a Kosi Kalan, Prakash trouxera consigo um prego que disse ser a chave da sua gaveta no cofre.
9. Reconhecimento de pai de Nirmal como "seu" pai.	Bholanath Jain, Memo Jain, irmã mais nova de Nirmal		Isso ocorreu em Chhatta. Há alguma discrepância de depoimento quanto à ocasião em que Prakash reconheceu "seu" pai, mas

posteriormente. Tanto quanto possível, perguntei à pessoa reconhecida pelo paciente acerca dos detalhes sobre esse reconhecimento, inclusive circunstâncias, outras pessoas presentes, e se foram feitas perguntas orientadoras ou se simplesmente foi solicitado o nome dos indivíduos a serem reconhecidos. Incluí informações sobre esses fatos sob o título *Comentários*, na coluna à direita. Essa coluna contém, também, várias outras informações ou material explicativo. A menos que especificamente observado em contrário, as declarações e reconhecimentos feitos pelo paciente foram verificados como sendo corretos ou adequados à personalidade precedente.

			os relatos concordam em que ele realmente o reconheceu.
10. Reconhecimento de Memo, irmã de Nirmal, como Vimla.	Bholanath Jain Memo Jain	Memo Jain (inexato quanto ao nome de Memo, porém Vimla era o correto de uma outra irmã)	Memo ainda não havia nascido quando Nirmal morreu. A confusão foi devida, provavelmente, ao fato de Memo ter, àquele tempo, a mesma idade que tinha Vimla quando Nirmal morreu. Discrepâncias de testemunhas ocorrem relativamente à forma como Prakash foi apresentado a Memo. A própria Memo asseverou, em 1964, que depois de Prakash ter reconhecido seu pai (e de Nirmal) Sri Bholanath Jain virou-se para ela e disse-lhe: "Ele é seu irmão". Então Prakash tomou a mão de Memo dizendo: "Vimla, minha irmã".
11. Perguntou a Memo por Jagdish e Tara, irmão e irmã de Nirmal.	Memo Jain	Memo Jain	
12. Reconhecimento da mãe de Nirmal.	Parmeshwari Jain, mãe de Nirmal		Quando Srimati Parmeshwari, juntamente com Tara e Devendra, visitaram Prakash em Chhatta, este sentou-se no colo de Tara e, chorando, indicou Srimati Parmeshwari dizendo: "Esta é minha mãe".
13. Chamou sua irmã mais velha Tara pelo nome quando a viu.	Tara Chand Jain, irmã mais velha de Nirmal Devendra Jain, irmão mais novo de Nirmal	Tara Chand Jain	Nome mencionado sob emoção demonstrado através de pranto.
14. Reconhecimento de Devendra, irmão mais moço de Nirmal.	Devendra Jain		Esse reconhecimento teve lugar em Chhatta. "Devendra" é una apelido afetivo de família, como também o nome pelo qual este menino é conhecido na comunidade. Perguntaram a Prakash: "Você o conhece?" Ao que ele respondeu: "Meu irmão mala novo, Devendra".
15. Reconhecimento do percurso entre a estação rodoviária e a casa de Sri Bholanath Jain.	Tara Chand Jain Brijlal Varshnay		Distância de cerca de meia milha com muitas curvas. Srimati Tara Jain tentou enganar Prakash, sugerindo-lhe voltas erradas. Em 1964, Srimati Omvati Devi, irmã de Prakash, que o acompanhou nesse percurso, negou ter sido Prakash quem ensinara o caminho, baseada no fato de que o irmão de Nirmal

			(Devendra) acompanhava o grupo, Srimati Tara Jain, em 1961, poucas semanas após o acontecimento achara ter sido Prakash quem havia orientado o percurso, Do mesmo modo acreditou Sri Brijlal Varshnay, também um membro do grupo, em seu testemunho de 1964.
16. Hesitação à entrada da casa da família Jain.	Devendra Jain		A entrada da casa havia sido visivelmente alterada após a morte de Nirmal, de forma que a entrada principal utilizada pela família, encontrava-se consideravelmente afastada do local onde ela tinha estado durante a vida de Nirmal.
17. Reconhecimento de Jagdish, irmão de Nirmal	Jagdish Jain		Prakash reconheceu Jagdish entre um grande número de pessoas (na casa de Jain) dizendo: "Este é meu Irmão". Em 1964, Sri Jagdis Jain disse que Prakash declinou também o nome dele (Jagdish); mas em 1961 ele não se lembrara desse detalhe. Membros da família Varshnay declararam coerentemente que Sri Jagdish Jain fora antes a Chhatta onde foi reconhecido por Prakash, mais ele (e outras testemunhas, em Kosi Kalan) insistiu em que Prakash o reconhecera em Kosi Kalan, e que só esteve em Chhatta posteriormente.
18. Reconhecimento de Sri Kamesh Jain, como sendo uma vizinha que possuía uma pequena loja "em frente à nossa casa".	Ramesh Jain Jagdish Jain		Um grupo de vizinhos foi ver Prakash na casa de Jain. Sri Bholanath Jain apontou para Ramesh e perguntou: "Quem é este?" Prakash respondeu: "Ramesh". Quando inquiriu: "Onde fica sua loja?" Ele respondeu: "É uma pequena loja em frente à nossa". Em 1964 Sri Ramesh Jain possuía ainda sua pequena loja quase em frente à de Jain, mas há alguns anos não a visitava regularmente e, além do mais, passou a maior parte do tempo em Bundi, Rajashthan, uma cidade distante. Portanto seria difícil, para qualquer habitante atual de Kosi

			Kalan, associar Sri Ramesh Jaín à sua loja. Sri Ramesh Jain estava casualmente em Kosi Kalan quando Prakash a visitou em 1961 e também quando eu lá estive, posteriormente, em 1964.
19. Reconhecimento da localização da loja de Sri Chandra Bhan.	Chandra Bhan Jagdish Jain		De acordo com o próprio Sri Chandra Bhan, Prakash reconheceu-o como um "dos nossos vizinhos da loja", mas não lhe declinou o nome. Segundo Sri Jagdish Jain, Prakash não reconheceu Sri Chandra Bhan, porém forneceu a correta localização da sua loja. A loja de Sri Chandra Bhan é contígua a uma das que Jain possui.
20. Reconhecimento da loja de Narain, tio de Nirmal.	Jagdish Jain		Esta era próxima à principal loja de Jain, mas Narain, que a possuíra, já havia morrido ao tempo do reconhecimento feito por Prakash.
21. Reconhecimento de Sri Chiranji Lal e indicação de sua ocupação.	Chiranji Lal		Prjakash saudou espontaneamente Sri Chiranji Lal, como se soubesse quem ele era, Sri Chiranji Lal perguntou então: "Sabe quem sou eu?" Prakash respondeu: "O Senhor é Chiranji. Eu sou o filho de Bholaram". (sic). Sri Chiranji então perguntou a Prakash como o reconhecera, ao que o menino respondeu que costumava comprar açúcar, arroz e farinha na loja dele. Por ocasião desse encontro, Sri Chiranji Lal não mais possuía o empório que na verdade tivera antes e no qual Nirmal fizera compras.
22. Conhecimento da localização da loja de Sri Tek Chand.	Tek Chand Jagdish Jain		Prakash declarou, na presença de Sri Tek Chand: "Vizinha à nossa encontrava-se a loja de Teku". A loja de Sri Tek Chand havia sido, anteriormente, contígua à de Sri Bholanath Jain, mas foi mudada para uma outra localidade, pouco tempo antes da morte de Nirmal. Sri Jagdish Jain afirmou que Prakash reconhecera também Sri Tek Chand, mas este não concordou com tal afirmação.

23. Reconhecimento de Chameli, tia de Nirmal.	Parmeshwari Jain Memo Jain		Reconhecida como “tia”; não chamada pelo nome.
24. Reconhecimento de Chiranji, tia de Nirmal.	Memo Jain		Não reconhecida pelo nome, mas igualmente identificada apenas como “tia”. Entretanto, Prakash perguntou corretamente pela saúde da sogra de Chiranji, cujo nome (Dadi) ele declinou. Dadi havia brincado com Nirmal.
25. Reconhecimento do quarto em que Nirmal dormia, na casa de Jain.	Bholanath Jain Jagdish Jain	Bholanath Jain	
26. Reconhecimento do quarto cm que Nirmal morreu, na casa de Jain.	Bholanath Jain Jagdish Jain	Bholanath Jain Parmeshwari Jain	Nirmal fôra removido do quarto em que usualmente dormia para este outro, pouco antes de morrer.
27. Reconhecimento de privadas, no teto da casa de Jain.	Bholanath Jain Jagdish Jain	Bholanath Jain	Aspecto característico dos sobrados de Kosi Kalan, mas não de casas menores de Chhatta. As crianças usam o teto de tais casas como privadas. No teto da casa de Jain, Prakash apontou para um canto e disse: “Era este o lugar que eu usava como privada”
28. Na loja de Jain, disse haver uma arca de madeira preta utilizada para guardar dinheiro, que fora trazida de Agra.	Bholanath Jain Jagdish Jain	Bholanath Jain	Em 1964, Jagdish Jain não conseguiu lembrar se essa arca era “preta” ou se apenas '“escura”. A palavra hindi “kala” é algumas vezes traduzida com o significado de “escuro” e outras vezes no sentido de “preto”, de modo que uma alteração na tradução pode explicar a possível discrepância.
29. Reconhecimento da gaveta de Nirmal, no cofre da família.	Jagdish Jain		Vide comentário ao Item 8.
30. Reconhecimento de uma corrente de brilhantes como pertencente ao avô de Nirmal.	Jagdish Jain		Quando lhe mostraram a corrente de brilhantes, Prakash declarou: “Isto pertence a meu avô”.
31. Ele possui duas camisetas.	Jagdish Jain		Realmente, a família de Jain havia conservado duas camisetas e outras peças de roupa que haviam pertencido a Nirmal.
32. Reconhecimento de um carrinho na casa dos Jain.	Parmeshwari Jain		Prakash exclamou: “Eu costumava brincar com isto”. Nirmal costumava brincar com esse carro.
33. Reconhecimento de Sri Harbans Lal como coletor de impostos.	Harbans Lal		Sri Bholanath Jain apontou para Sri Harbans Lal, que se encontrava entre outras pessoas, e perguntou: “Você o conhece?” Prakash respondeu: “Sim, ele

			costumava vir arrecadas dinheiro". Informação e declaração escrita obtida de Sri Harbans Lal por Sri Chandra Prakash, psicólogo regional, Agra, durante uma entrevista em dezembro de 1964.
34. Reconhecimento do médico da família.	Brijlal Varshney	Item não mencionado por testemunhas da família Jain.	Esse homem foi à casa de Jain e quando Prakash o viu, exclamou: "Ele é o médico".

Comentários sobre a Evidência de Conhecimento Paranormal por parte de Prakash.

Deixando de lado, por enquanto, os elementos emocionais do comportamento de Prakash, podemos perguntar-nos sobre a possibilidade de um menino de dez anos ter obtido, por meios naturais, a espécie de informações que mostrou possuir, tanto quando a família Jain visitou Chhatta, como quando ele visitou Kosi Kalan. Pode-se supor que no difícil trajeto pelas ruas, da estação rodoviária à casa de Jain, em Kosi Kalan, os cochichos dos circunstantes o tivessem orientado. Não temos, contudo, nenhuma prova disso. Ao contrário, possuímos testemunho de tentativas de sua irmã em desnorteá-lo. De mais difícil explicação são os reconhecimentos corretos por parte de Prakash de numerosos membros da família Jain e de seus vizinhos, muitas vezes dando nomes próprios bem como corretos relacionamentos ou outras identificações. Duas das pessoas reconhecidas eram senhoras que usavam "purdah"[10]. Além do mais, Prakash possuía informação sobre as dependências da casa de Jain e seus objetos e costumes. Além disso, demonstrou conhecimento da casa e de algumas lojas, conhecimento esse exato relativamente ao tempo em que Nirmal vivia, mas fora da época por ocasião de sua primeira visita a Kosi Kalan. Tais fatos, e seu engano em tomar Memo (que não era nascida quando Nirmal morreu) pela irmã deste, Vimla, sugerem conhecimento adquirido previamente de eventos anteriores, em vez de obtido recentemente, como fonte de informação de Prakash acerca de pessoas e lugares em Kosi Kalan.

O Desenvolvimento Posterior de Prakash

Eu não encontrei Prakash entre 1964 e 1971. Em novembro de 1971, encontrei-o novamente em Aligarh, U.P., na casa de seu tio materno.

Prakash estava então com cerca de vinte anos de idade. Ele continuou na escola até 1971, mas então foi reprovado na décima classe duas vezes largando a escola e se mudando (no verão de 1971) de Chhatta para Aligarh onde estava vivendo sob a supervisão de seu tio materno, embora não de fato na casa de seu tio. Ele estava trabalhando como um vendedor. Prakash tem sempre me impressionado como uma pessoa inteligente e eu acredito, sem ser capaz de documentar esta convicção, que ele era bem capaz de completar o segundo grau, mas ele não recebeu o encorajamento aparentemente minimamente necessário para manter jovens de sua idade no colégio e

[10] As senhoras que usam "purdah" são vistas apenas por seus maridos, filhos e parentes mais próximos, do sexo feminino. Ocultam-se dos olhares de outras pessoas por reclusão doméstica ou, quando saem de casa, por meio de véus. Seus traços fisionômicos são, portanto, desconhecidos de estranhos, e seu reconhecimento é virtualmente impossível a pessoas que não pertençam à intimidade familiar.

aplicado nos estudos. Sua saúde era geralmente boa. Ele não tinha, incidentalmente, tido varíola, a doença que Nirmal, a relacionada personalidade prévia deste caso, morreu. (Varíola ainda é comum na Índia). Seu humor pareceu a mim um pouco abatido, ou ao menos sério.

Ele disse que ele não pensa espontaneamente na vida prévia mais, somente quando questionado ou quando tem algum motivo particular para se lembrar disto. (Uma visita a Kosi Kalan seria naturalmente um de tais estímulos). Disse que ainda se lembrava do que ele previamente tinha lembrado sobre a vida prévia. Em resumo, declarou que suas memórias da vida prévia não tinham desaparecido. Perguntei-lhe um pouco sobre vários nomes relacionados a Nirmal e ele deu respostas corretas. Ele não se lembrava do nome da mãe de Nirmal, mas seu nome não figurava em suas memórias quando criança (veja a Tabulação acima). As acuradas respostas de Prakash, entretanto, não fornecem suporte para sua declaração de que suas memórias *originais* não tinham desaparecido porque ele continuou a visitar Kosi Kalan muito frequentemente. De fato, ele disse que ia a Kosi Kalan cerca de uma ou duas vezes por mês. Já que ele se mudou para Aligarh, quatro meses antes, ia a Kosi Kalan cada vez que retornava a Chhatta para visitar sua família. Os pais de Nirmal tinham ambos morrido e Prakash foi a Kosi Kalan principalmente para visitar Jagdish Jain, o irmão mais velho de Nirmal, que continuou nos negócios lá. Prakash tinha visitado-o apenas duas semanas antes de me encontrar na época do grande festival Diwali, uma importante ocasião religiosa Hindu realizada todo outono. Tais freqüentes visitas a Kosi Kalan certamente tenderiam a manter vivas as memórias de Prakash, ao menos os nomes dos membros da família que frequentemente seriam pronunciados, mesmo se não se encontrando de fato, durante estas visitas.

Ocorreu a mim que talvez as visitas de Prakash a Kosi Kalan tenham interferido com seus estudos na escola. Mas isto pareceu improvável porque ele disse que só gastava duas ou três horas em Kosi Kalan cada vez quando visitava a família de Nirmal lá.

Perguntei a Prakash onde, se ele tivesse a chance e a escolha, gostaria de renascer. Disse que não gostaria de renascer. (No Ocidente tal observação poderia talvez ser interpretada como indicativo de uma depressão clínica acompanhada de um desejo de morrer; mas na Índia o desejo de não renascer é quase universal e de fato uma aspiração positiva para devotos Hindus.) Quando eu então perguntei onde, caso tivesse que renascer, se preferiria renascer em Chhatta ou Kosi Kalan, respondeu Chhatta. É difícil de avaliar esta resposta desde que eu fiz a pergunta na presença do tio materno de Prakash e isso talvez o tivesse embaraçado a dizer abertamente que ele preferia a família em Kosi Kalan à de Chhatta. A resposta, pode, entretanto, indicar os verdadeiros sentimentos de Prakash. Isto lembraria que Nirmal, enquanto estava morrendo, francamente rejeitou sua mãe em Kosi Kalan e indicou que estava indo renascer para "minha mãe". Enquanto dizia isto gesticulou na direção de Mathura e Chhatta (que fica entre Kosi Kalan e Mathura). Não há motivo para duvidar que Prakash era amado por sua própria família. É igualmente claro, entretanto, que ele sentia e continuava a sentir em 1971 uma forte ligação à família de Nirmal em Kosi Kalan. Das observações e atitudes de seu tio em Aligarh, incluindo o fato que Prakash não estava de fato vivendo na aparentemente grande casa do tio, eu formei a impressão que talvez Jagdish Jain estava tendo um interesse mais vívido e carinhoso em prakash enquanto ele passava da adolescência para a maioridade independente do que seu próprio tio era. Se assim, isto poderia bem contar para a contínua ligação de Prakash para a família em Kosi Kalan à parte de quaiquer resíduos de afeição derivados da vida prévia.

O Caso de Jasbir

Sumário do Caso e Sua Investigação

Na maioria dos casos do tipo reencarnação, a personalidade precedente morrera alguns anos antes do nascimento da personalidade atual. O intervalo varia, mas a média nos casos indianos é de cinco a dez anos. Este que aqui tratamos apresenta o aspecto incomum de que a personalidade precedente com a qual o paciente se identificou, não morreu senão cerca de três anos e meio depois do nascimento do "corpo físico da personalidade atual". Este fato central da ocorrência deve ser lembrado ao ser lido o meu relatório. Voltarei a esse ponto, mais adiante na Discussão Geral, em que farei referência também a alguns outros casos correlatos.

Na primavera de 1954, Jasbir, com três anos e meio de idade, filho de Sri Girdhari Lal Jat, de Rasulpur, Distrito de Muzaffarnagar, em Uttar Pradesh, supostamente morreu de varíola. O pai de Jasbir procurou o seu irmão, bem como outros homens do vilarejo, para pedir-lhes que o ajudassem a sepultar seu filho "morto"[11] . Como então fosse tarde da noite, aconselharam-no a transferir o sepultamento para a manhã seguinte. Poucas horas depois, Sri Girdhari Lal Jat casualmente notou um certo estremecimento no corpo de seu filho, que a seguir voltou gradualmente à vida[12]. Alguns dias se passaram sem que o menino pudesse tornar a falar, sendo que algumas semanas antes expressava-se com clareza. Quando recuperou a capacidade de falar, demonstrou uma notável modificação de comportamento. Declarou então, que era filho de Shankar, da aldeia de Vehedi, e quis ir para lá. Não comia coisa alguma na casa dos Jat, sob o fundamento de que pertencia a uma casta superior, sendo um brâmane. Essa obstinada recusa em alimentar-se, tê-lo-ia seguramente levado a uma segunda morte, se uma bondosa senhora brâmane, vizinha de Sri Girdhari Lal Jat, não se tivesse encarregado de cozinhar para Jasbir, à maneira brâmane. Assim fez durante cerca de um ano e meio. O pai de Jasbir fornecia todos os ingredientes para a preparação da comida. Mas a família de Jasbir às vezes o enganava, dando-lhe alimento não preparado pela senhora brâmane, Ele percebeu o logro, e essa descoberta juntamente com a pressão exercida por sua família levaram-no a abandonar gradualmente a rígida dieta brâmane e a compartilhar com os demais membros da família suas refeições normais. O período de resistência durou, ao todo, menos de dois anos.

Jasbir pôs-se a fornecer, mais adiante, detalhes de "sua" vida e morte na aldeia de Vehedi. Relatou pormenorizadamente como durante uma procissão matrimonial de uma aldeia a outra comera alguns doces envenenados, alegando que estes lhe foram dados por um homem a quem emprestara dinheiro. Ficara aturdido e caíra da carriola que o transportava, sofrendo um ferimento na cabeça e vindo a morrer algumas horas depois. O pai de Jasbir disse-me ter tentado impedir a divulgação de suas estranhas afirmações e de seu comportamento na aldeia, mas as notícias logo transpiraram. A preparação especial dos alimentos de Jasbir, à maneira brâmane, era naturalmente do conhecimento

---

[11] Embora os corpos dos adultos sejam cremados pelos hindus na Índia, os das crianças de menos de cinco anos são geralmente enterrados em covas. Os corpos de todas as pessoas mortas de moléstias infecciosas, tais como cólera e varíola, não são cremados, mas sepultados ou atirados aos rios.

[12] Indaguei dos moradores de Rasulpur sobre seus métodos de constatarem quando a morte ocorre. Baseiam-se na cessação da respiração, na abertura do maxilar e no resfriamento do corpo.

de outros brâmanes da aldeia, e eventualmente (i.é, cerca de três anos mais tarde) chegou ao conhecimento de alguém desse grupo, Srimati Shyamo, uma brâmane nascida em Rasulpur, que era casada com Sri Ravi Dutt Sukla, de Vehedi. Ela só retomava a Rasulpur em raras ocasiões (com intervalo de vários anos). Numa de tais viagens, em 1957, Jasbir reconheceu-a como sua "tia"[13]. Ela relatou o acontecido à família de seu marido e a membros da família Tyagi, em Vehedi. Os detalhes de "sua" morte e outros pormenores narrados por Jasbir correspondiam rigorosamente a pormenores da vida e morte de um jovem de vinte e dois anos, Sobha Ram, filho de Sri Shankar Lal Tyagi, de Vehedi. Sobha Ram morrera[14] em maio de 1954, em acidente ocorrido em uma carriola, como declarou Jasbir, e da mesma maneira por ele descrita, embora a família Tyagi não tivesse nenhum conhecimento do envenenamento e da dívida de Sobha Ram senão depois das declarações de Jasbir. Posteriormente passaram a nutrir suspeita de envenenamento.

Mais tarde, Sri Ravi Dutt Sukla, marido de Srimati Shyamo, visitou Rasulpur, ouviu referências sobre as declarações de Jasbir e conheceu-o. Então o pai de Sobha Ram e outros membros de sua família ali estiveram, tendo sido reconhecidos por Jasbir, que os identificou corretamente em relação ao seu grau de parentesco com Sobha Ram. Algumas semanas mais tarde, por sugestão do gerente de uma usina de açúcar próxima de Vehedi, um habitante dessa aldeia, Sr. Jaganath Prasad Sukla, levou Jasbir a Vehedi, onde o colocou perto da estação ferroviária e pediu-lhe que indicasse o caminho em direção ao "quadrângulo"[15] dos Tyagi. Isto Jasbir fez sem dificuldade. Posteriormente, foi levado à casa de Sri Ravi Dutt Sukla e de lá os conduziu (por um percurso diferente) à casa dos Tyagi. Ele permaneceu alguns dias na aldeia e demonstrou à família Tyagi e a outros aldeões, possuir conhecimento detalhado dessa família e de seus negócios.

---

[13] Na Índia, pessoas que não sejam parentes entre si que moram na mesma aldeia, costumara chamar-se por títulos familiares. Assim, uma senhora mais idosa da família poderia apropriadamente ser chamada de "tia" por uma pessoa mais jovem da mesma aldeia.

[14] Como há poucos registros escritos de nascimento e morte na maioria das aldeias da Índia, não foi possível determinar com exatidão o intervalo entre a morte de Sobha Ram e "retorno à vida" e transformação da personalidade de Jasbir. O documento escrito existente com a família Tyagi, de Vehedi, fixa a morte de Sobha Ram como tendo ocorrido às 11:00 horas da manhã do dia 22 de maio de 1954.A diligência do Dr. L. P. Mehrotra levou a uma verificação adicional desta data com uma pequena discrepância. Em 1972 Dr. Mehrotra localizou a família da noiva em Nirmana em cujo casamento Sobha Ram participou. Eles registraram a data do casamento no Registro de Convidados como sexta-feira, 21 de maio, 1954. Informantes disseram que Sobha Ram morreu no terceiro dia do casamento às 8:30 p.m.Isto colocaria a data de sua morte como 23 de maio, não 22 de maio como registrado pela sua família. Mas eu não penso que a data de morte de Sobha Ram foi anotada em escrito pela família da noiva, então por isso estamos contando com suas memórias. Eles também não foram testemunhas em primeira mão do momento exato da morte de Sobha Ram. Não há registro da morte de Sobha Ram no hospital em Vehedi porque ele expirou no momento em que lá chegou e não foi admitido. Mas a quase concordância destes registros independentes feitos pelas duas famílias permitem-nos sentir razoável certeza que Sobha ram morreu em 22 ou 23 de maio, mais provavelmente, em minha opinião, na primeira data.

Infelizmente, a família Jat não tinha nenhum assentamento correspondente à presumida morte e transformação de Jasbir. A melhor testemunha localizou tal acontecimento em abril ou maio de 1954, mas não pude obter data mais precisa nem mesmo uma concordância entre todas as testemunhas a respeito do mês.

[15] Nas aldeias e cidades indianas, famílias de recursos possuem, além de seu lar, um "quadrângulo" que consiste de uma ou mais dependências cobertas utilizadas pelos homens da família, como local para reunião e sala de estar aberta O "quadrângulo" fica, às vezes, a alguma distância da casa da família.

Divertiu-se muito em Vehedi e voltou para Rasulpur com grande relutância. Daí por diante continuou a visitar Vehedi, de quando em quando, geralmente demorando-se várias semanas ou mais, no verão. Ele ainda deseja morar em Vehedi, sentindo-se solitário e isolado em Rasulpur.

No verão de 1961 estive tanto em Rasulpur quanto em Vehedi e entrevistei treze testemunhas do caso. Voltei em 1964 e reestudei-o com novos intérpretes, entrevistando a maioria das testemunhas anteriores e algumas novas.

Fatos Geográficos Importantes e Meios Normais de Comunicação Possíveis Entre as Duas Famílias.

Rasulpur (1.500 habitantes) é uma pequena aldeia, doze milhas a sudoeste do distrito de Muzaffarnagar, em Uttar Pradesh. Vehedi (2.000 habitantes) é outra pequena aldeia, oito milhas ao norte de Muzaffarnagar. As duas ficam distantes das rodovias principais e são acessíveis apenas por estradas lamacentas. Os moradores destas aldeias costumavam freqüentar a cidade distrital, mas ordinariamente não tinham oportunidade de ir às respectivas aldeias. O transporte numa distância de vinte milhas é muito restrito em tais lugarejos. A diferença de castas entre as duas famílias reduz ainda mais a possibilidade de contato entre elas. Os membros de cada uma das famílias implicadas neste caso atestaram absolutamente nada saber sobre a outra antes da verificação das declarações de Jasbir. Na realidade, eles e outros aldeões asseveraram mal terem ouvido falar no nome da aldeia da outra família. Eu consegui saber a respeito de apenas duas pessoas em Vehedi que tinham estado em Rasulpur antes da mudança de personalidade de Jasbir. Estas foram Sri Ravi Dutt Sukla e sua esposa Shyamo que, como foi dito, procediam de Rasulpur. Eles foram, isto deve ser lembrado, as primeiras pessoas em Vehedi a tomar conhecimento da transformação de Jasbir e de sua alegação de ser Sobha Ram renascido. Eu soube que, embora Shyamo proviesse de Rasulpur, todos os de sua família (com exceção de um de seus membros, um parente distante) haviam falecido. Por essa razão, ela raramente visitava Rasulpur e, na realidade, não estivera lá por cinco anos, antes da visita feita em 1957, ocasião em que Jasbir a reconheceu. A transformação deste ocorreu três anos antes dessa visita, em 1954. As estadas de Sri Ravi Dutt Sukla em Rasulpur eram ainda mais raras do que as de sua esposa, e ele também lá não estivera pelo menos cinco anos antes de 1957. Tive conhecimento de que, de vez em quando, Sobha Ram ia a Nirmana, vilarejo a apenas três milhas ao norte de Rasulpur, onde os Tyagi tinham parentes; e foi quando voltava de Nirmana que caiu de sua carriola e recebeu o fatal ferimento na cabeça. Como essa cidade fica perto de Rasulpur (muito mais perto do que Vehedi) é bem possível que alguns habitantes de Rasulpur, indo a Nirmana, tenham ali conhecido Sobha Ram; mas eu não tive conhecimento de nenhum desses contatos.

Em Rasulpur consegui encontrar apenas dois homens que haviam realmente estado em Vehedi. Um deles morara anteriormente em Vehedi durante muitos anos e havia conhecido Sobha Kam, mas não soube de sua morte senão cerca de quatro ou cinco meses depois de ocorrida e, portanto, bem depois que Jasbir começou a fazer suas afirmações de ter sido Sobha Ram. Não tinha ainda tomado conhecimento da mudança de comportamento de Jasbir, na ocasião em que pela primeira vez ouviu falar da morte de Sobha Ram. Este informante (Sri Niran Jan) continuou indo a Vehedi, depois de voltar a morar em Rasulpur, com intervalos de seis a vinte e quatro meses, e era amigo

de Sri Girdhari Lal Jat, pai de Jasbir. Asseverou jamais ter conversado com a família Jat a respeito de Sobha Ram.

Um outro velho morador de Rasulpur tinha estado em Vehedi e ouvido falar de Sobha Ram, mas não o conhecera pessoalmente; não soubera da sua morte, até a ocasião da transformação de Jasbir. Nem teve ele qualquer contato íntimo com a família de Sobha Ram.

A fatídica festa de casamento a que Sobha Ram comparecera e o acidente no caminho de volta ocorreram mais perto de Muzaffarnagar do que de Vehedi. Mas Sobha Ram não morreu senão após os convivas terem voltado para Vehedi algumas horas mais tarde. Não há razão para se supor que a notícia de sua morte (considerada então inteiramente acidental) tenha se espalhado pelas aldeias circunvizinhas. A família Jat e outras de Rasulpur asseguraram nada ter sabido a respeito de Sobha Ram até a ocasião em que Jasbir começou a fazer suas extraordinárias declarações.

Pessoas entrevistadas durante a investigação.

Em Vehedi, aldeia do falecido Sobha fíam, entrevistei:

Sri Shankar Lal Tyagi, pai de Sobha Ram.
Sri Raghbir Singh Tyagi, tio de Sobha Ram.
Sri Santoshi Tyagi, tio de Sobha Ram.
Sri Mahendra Singh Tyagi, irmão mais moço de Sobha Ram.
Sri Surajmal Tyagi, irmão mais moço de Sobha Kam.
Sri Baleshwar Tyagi, filho de Sobha Ram.

Em Rasulpur, aldeia de Jasbir, entrevistei:

Jasbir, filho de Sri Girdhari Lal Jat.
Sri Girdhari Lal Jat, pai de Jasbir.
Srimati Rajkali, esposa de Sri Girdhari Lal Jatf e mãe de Jasbir.
Sri Paltu Singh, irmão de Sri Girdhari Lal Jat, e tio de Jasbir.
Sobha Singh, irmão mais velho de Jasbir.
Sri Mahipal Singh, primo de Jasbir.
Angan Pal, primo e companheiro de Jasbir, filho de Sri Paltu Singli.
Sri Bhim Sen, aldeão não relacionado com a família Jat, filho da senhora brâmane que cozinhava para Jasbir.
Sri Ved Pal Varna Shastri, aldeão não relacionado com a família Jat.
Inder Pal, irmão mais velho de Jasbir.
Sri Niran Jan.
Sri Asha Rara, principal (prefeito da aldeia) de Rasulpur.
Sri Hridaya Ram, ex-prefeito de Rasulpur.

Em Muzaffarnagar, entrevistei:

Sri Ravi Dutt Sukla, que morara anteriormente em Vehedi e viúvo de Srimati Shyamo, natural de Rasulpur.

Em Kudda, entrevistei:

Sri Jaganath Prasad Sukla, sobrinho de Sri Ravi Dutt Sukla.

Todas as pessoas acima foram entrevistadas em 1964, e muitas delas também em 1961.

Sri R. S. Lal entrevistou e obteve depoimento de Sri Birbal Singh Tyagi, primo de Sobha Ram, em janeiro de 1965.

Declarações e Reconhecimentos Feitos por Jasbir.

Apresento adiante, em forma de tabulação, uma súmula das declarações e dos reconhecimentos feitos por Jasbir com relação à vida de Sobha Ram.

Os itens de 1 a 12 originam-se de declarações feitas por Jasbir, antes de ter havido qualquer tentativa de verificação ou outro contato entre as famílias Tyagi e Jat; os itens 13 a 27 derivam de depoimentos prestados a ou acerca de vários membros da família Tyagi, da aldeia de Vehedi, que estiveram em Rasulpur; os itens 28 a 38 provêm de declarações ou do comportamento de Jasbir em sua primeira visita a Vehedi. Não sei quando ocorreu o item 39, mas sei que teve lugar depois que as duas famílias tiveram alguns contatos.

Relatos e Observações Relevantes Sobre o Comportamento das Pessoas Relacionadas ao Caso.

Como já foi dito, quando Jasbir passou pela mudança de personalidade após retomar de sua morte aparente, ele se recusou a tomar alimentos com a família Jat. Uma bondosa senhora brâmane preparou-lhe durante um ano e meio as refeições, com ingredientes fornecidos pelo pai de Jasbir, Mas, depois desse período, Jasbir tornou-se gradualmente menos inflexível quanto a seus hábitos dietéticos e voltou a comer com a família novamente. Em outros aspectos, a identificação de Jasbir com Sobha Ram parecia igualmente acentuada. Usava sempre o presente do indicativo em suas declarações, como: “Eu sou filho de Shankar, de Vehedi”.

Sri Girdhari Lal Jat declarou que quando Jasbir começou a falar, depois de sua moléstia, notaram-lhe uma mudança no vocabulário. Por exemplo, ele costumava dizer “haveli” e não “hilli”, significando casa e “kapra” e não “latta”, significando roupas. As pessoas das camadas superiores da sociedade, i.é., os brâmanes, usam as primeiras palavras e as de nível inferior, as últimas. As primeiras são, por assim dizer, termos mais “aristocráticos”.

Jasbir sentiu (ainda sentia em 1964) uma grande atração pela família Tyagi em Vehedi. Ele ameaçou fugir de Rasulpur para Vehedi, pelo menos em uma ocasião. Parecia ter acentuado conceito de si próprio como um adulto, declarando abertamente a princípio, em Rasulpur, que tinha mulher e filhos. Mais tarde, insistências e reprimendas levaram-no a moderar suas afirmações. Mas mesmo assim ele achava natural pensar em Vehedi e nos haveres que lá possuía. Um dia, quando tinha cerca de seis anos, sua mãe caiu doente e Jasbir disse que, caso a família precisasse de dinheiro para o tratamento, ele o tinha em seu paletó, em Vehedi.

Demonstrou afeto por toda a família Tyagi, porém seu comportamento para com eles foi talvez mais notório em relação a Baleshwar, filho de Sobha Ram. Quando Jasbir ia a Vehedi, ele e Baleshwar dormiam juntos na mesma cama de lona, fato inusitado entre estranhos, mas comum entre pai e filho. Quando Baleshwar ia para a escola, de manhã, Jasbir reclamava. E, se alguém em Vehedi desse um presente a Jasbir, este o dava para Baleshwar.

Ambas as famílias Tyagi e Jat acham que Jasbir se sente feliz em Vehedi. Quando alguém de Rasulpur vai a Vehedi buscá-lo, depois de uma estada com os Jat, ele resiste e algumas vezes chora. Em Rasulpur, por outro lado, sente-se só e como que desterrado. Durante minha visita em 1961, percebi logo que ele não brincava com as outras crianças, porém mantinha-se isolado e arredío. Contudo, falou de bom grado com o intérprete, embora mostrando sempre uma expressão de tristeza em seu rosto plácido, bexiguento, porém formoso. Sri Girdhari Lal Jat declarou durante esta minha visita que, antes de sua mudança de personalidade, Jasbir gostava muito de brinquedos e de brincar mas, posteriormente, tornou-se desinteressado por tais coisas.

SÚMULA DAS DECLARAÇÕES E RECONHECIMENTOS FEITOS FOR JASBIR			
Item	**Informantes**	**Verificação**	**Comentário**
1. Ele era o filho de Shankar, de Vehedi.	Girdhari Lal Jat, pai de Jasbir Rajkali, mãe de Jasbir	Shankar Lal Tyagi, de Vehedi, tinha perdido um filho mais ou menos na época em que Jasbir fez esta declaração.	
2. Ele era brâmane, não um "Jat".	Girdhari Lal Jat, Rajkali		A família Tyagi de Vehedi é brâmane. Os Jat pertencem a uma casta Inferior. A maioria dos brâmanes são rigorosos quanto aos hábitos dietéticos, selecionando o alimento que comem e seu modo de preparação. Jasblr provavelmente teria passado fome se o alimento satisfatório não fosse providenciado.
3. Seu nome Sobha Ram.	Girdhari Lal Jat, Angan Pal		Parece que Jasbir não mencionou o verdadeiro nome da personalidade anterior a nenhuma outra testemunha.
4. Há um bueiro na aldeia a que pertencia.	Paltu Singh, tio de Jasbir	Visto por mim próprio quando de visita a Vehedi.	Em Vehedi um bueiro escoa água sob os trilhos da estrada do ferro. Rasulpur não possui um tal bueiro.
5. Há uma figueira-dos-pagodes em frente de sua casa.	Paltu Singh	O lugar em que existira a figueira-dos-pagodes foi-me mostrado em Vehedi.	Uma figueira-dos-pagodes havia anteriormente crescido bem em frente à casa de Tyagi em Vehedi. Tinha sido cortada

			aproximadamente em 1962. Mas o item não é totalmente específico (contrariamente ao anterior) uma vez que figueiras-dos-pagodes crescem também em Rasulpur.
6. A esposa de Sobha Ram era da aldeia de Molna.	Shankar Lal Tyagi, pai de Sobha Ram	Shankar Lal Tyagi	A viúva de Sobha Ram voltou para Molna, aldeia de seus pais, depois da morte de Sobha Ram.
7. Ele tinha uma carriola, que usava para ir a casamentos.	Paltu Singh	A carriola, que ficava sob uma cobertura na casa dos Tyagi, foi-me mostrada, em minhas visitas a Vehedi.	Em 1964 a família Tyagi ainda possuía a carriola usada por Sobha Ram e outros membros da família para ir a casamentos.
8. Ele (Sobha Ram) tinha morrido, quando voltava de Nirmana, de uma festa de casamento.	Mahipal Singh, primo de Jasbir Jasbir	Santoshi Tyagi	Sobha Ram tinha ido a Nirmana buscar a noiva para o casamento e retornava à aldeia do noivo, quando caiu de sua carriola. Nirmana é uma aldeia situada cerca de três milhas ao norte de Rasulpur.
9. Ele foi envenenado na festa de casamento. O veneno fora posto em alguns doces que comeu.	Mahipal Singh Rajkali Jasbir	Não verificado (vide comentários)	A família Tyagi tinha algumas suspeitas de envenenamento mas nenhuma prova definitiva de que Sobha Ram tivesse sido envenenado na festa de casamento. Jasbir disse mesmo o nome do suposto assassino, mas não incluí este nome. Além disso, os Tyagi não sabiam se Sobha Ram havia comido doces antes de morrer, mas afirmaram que havia mascado alguns bételes.
10. Ele morreu depois do cair da carriola.	Mahipal Singh Ved Pal Varma Shanstri Hridaya Ram	Santoshi Tyagi	A causa geralmente aceita da morte de Sobha Ram foi o ferimento que sofreu na cabeça, quando caiu da carriola nupcial, ao voltar de Nirmana, da festa de casamento.
11. A carriola em que ele voltava de Nirmana, da festa de casamento tinha um boi branco e outro preto.	Hridaya Ram Mahipal Singh	Shankar Lal Tyagi	Sri Mahendra Tyagi apresenta aqui testemunho discrepante assegurando que ambos os bois eram brancos.
12. Reconhecimento	Rajkali		Quando tinha apenas

por Jasbir, da estrada de Vehedi.			cerca de quatro anos de idade, Jasbir esteve com sua mãe perto de Muzaffarnagar e apontando na direção de Vehedi, disse: "Minha aldeia fica desse lado".
13. Reconhecimento de Srimati Shyamo como "tia".	Rajkali Jaganath Prasad Sukla Paltu Singh		Jasbir usou o termo familiar "Tai" (esposa do irmão do pai) em vêz de "Phoopi" (irmã do pai), A expressão "Tai" seria adequada relativamente ao parentesco de Sobha Ram com Srimati Shyamo em Vehedi, porquanto Srimati Shyamo tinha casado com um "irmão" (o termo é usado livremente na Índia) mais velho do pai de Sobha Ram. Mas visto Srimati Shyamo ser de Rasulpur ela era uma "irmã" (termo novamente impreciso) de Girdhari Lal Jat, pai de Jasbir. Portanto ele devia tê-la chamado de "Phoopi" (vide também nota de rodupé nº 13), Todos os informantes foram testemunhas secundárias deste item, Srimati Shyamo morrera antes de minha primeira visita, em 1961.
14. Reconhecimento de Sri Ravi Dutt Sukla	Ravi Dutt Sukla.		Jasbir deu o nome correto "Tau" correspondente ao parentesco de Sobha Ram com Sri Ravi Dutt Sukla em Vehedi.
15. Há um tamarindeiro em frente ao pátio.	Ravi Dutt Sukla	Tamarindeiro visto por mim em Vehedi.	O tamarindeiro está na propriedade de um outro homem, mas acha-se em frente ao "quadrângulo" dos Tyagi. Sri Ravi Dutt Sukla foi testemu-nha secundária deste e do item 16. Quando esteve em Rasulpur, os aldeões lhe perguntaram se ele poderia verificar esta e outras declarações de

			Jasbir.
16. A casa dos Tyagi tinha um poço, metade dentro e metade fora da casa.	Ravi Dutt Sukla	Esse estranho poço, único no gênero, existente em Vehedi, foi visto por mim ali.	
17. Reconhecimento de Sri Shankar Lal Tyagi, dizendo-lhe o nome corretamente.	Shankar Lal Tyagi Inder Pal, irmão de Jasbir Bhim Sen		Depois de ter visto Sri Shankar Lal Tyagi, a distância, Jasbir foi ao encontro de Inder Pal e lhe disse: "Meu pai chegou. Ele é de Vehedi". Srimati Rajkali (que não foi testemunha do reconhecimento) contou que Jasbir chegou em casa depois de ter visto Sri Tyagi, e disse-lhe que mandasse preparar pratos brâmanes para seu pai que havia chegado.
18. Tinha um filho chamado Baleshwar.	Shankar Lal Tyagi	Shankar Lal Tyagi	Sri Shankar Lal Tyagi interrogou Jasbir sobre o parentesco de familiares quando o visitou pela primeira vez em Rasulpur.
19. Tinha uma tia, Ram Kali.	Shankar Lal Tyagi	Shankar Lal Tyagi	
20. Sua mãe era chamada Sona.	Shankar Lal Tyagi	Shankar Lal Tyagi	
21. Tinha uma irmã chamada Kela.	Shankar Lal Tyagi	Shankar Lal Tyagi	
22. Sua sogra era chamada Kirpi.	Shankar Lal Tyagi	Shankar Lal Tyagi	
23. Reconhecimento do Sri Santoshi Tyagi.	Santoshi Tyagi		Pediram a Jasbir que identificasse Sri Santoshi Tyagi, e ele disse: "É meu tio".
24. A esposa de Sobha Ram chamava-se Sumantra.	Shankar Lal Tyagi	Shankar Lal Tyagi	
25. Quando ele morreu tinha dez rúpias num casaco preto dentro de uma arca.	Santoshi Tyagi que soube de "alguém" que tinha ido a Rasulpur procurar Jasbir, o qual teria dito isto.		
26. Reconhecimento de Surajmal, irmão mais moço de Sobha Ram.	Surajmal Tyagi Girdhari Lal Jat		O depoimento de Surajmal neste item foi que Jasbir o reconheceu do seguinte modo: Alguém perguntou a Jasbir: "Quem é ele? E Jasbir disse: "É meu irmão", e disse-lhe também o nome, Surajmal. Em certa ocasião, este situou tal reconhecimento em

			Vehedi, mas em outra oportunidade, em Rasulpur, onde em seu depoimento Sri Ghirdhari Lal Jat também localizou tal reconhecimento. (Possível erro de transcrição). O pai de Jasbir declarou também que Jasbir referiu-se corretamente a Surajmal como "irmão mais moço".
27. Reconhecimento de um vizinho dos Tyagi que tinha agido deslealmente em uma questão entre a família Tyagi e outros vizinhos.	Angan Pal Paltu Singh		Este homem tinha ido a Rasulpur onde Jasbir o reconheceu, contando a Angan Pal o que ele teria feito. Este falou com o pai de Jasbir, que foi interpelar o homem, o qual por sua vez confessou ter agido fraudulentamente num litígio entre as duas famílias.
28. Sobha Ram tinha sido mordido por um cachorro, em uma casa onda fôra pedir emprestada uma casa de campo para uma festa de casamento.	Angan Pal	Shankar Lal Tyagi	
29. Reconhecimento de Prithvi, tio materno de Sobha Ram, quando ele esteve em Rasulpur.	Hridaya Ram	Shankar Lal Tyagi	O tio Prithvi fôra a Rasulpur sem avisar. Jasbir, vendo-o, correu espontaneamente para ele dizendo: "Mama" (tio materno), Jasbir, além disso contou que ele (como Sobha Ram) tinha recebido de volta um dinheiro que emprestara a Prithvi. A família de Sobha Ram não pôde confirmar o pagamento desta divida, mas Jasbir informou também onde o dinheiro seria encontrado, e foi achado nesse lugar. Este parece ter sido o dinheiro mencionado no item 25. Há discrepâncias no depoimento quanto à importância exata da dívida e à quantia achada.

30. Reconhecimento do caminho, em Vehedi, de um ponto próximo a estação ferroviária atá o "quadrângulo" de Tyagi.	Jaganath Prasad Sukla		Jasbir caminhou diretamente para a quadra de Tyagi. A distância é de cerca de 200 jardas. O "quadrângulo" de Tyagi é o terceiro na estrada, vindo da estação. Embora seguido por um grupo de vinte pessoas, estas permaneceram atrás de Jasbir e não o guiaram de maneira alguma.
31. Reconhecimento de Baleshwar, filho de Sobha Ram.	Baleshwar Tyagi, filho de Sobha Ram Jaganath Prasad Sukla		Reconhecimento demonstrado apenas através do próprio comportamento. Jasbir mostrou grande afeição pelo menino, por ex., abraçando-o e dando-lhe presentes, mas Baleshwar Tyagi não pôde lembrar se Jasbir o havia reconhecido pelo nome.
32. Reconhecimento da tia de Sobha Ram.	Jaganath Prasad Sukla		Jasbir deu o correto parentesco ("Tai") de Sobha Ram com essa pessoa. Sri Jaganath Prarsad Sukla foi testemunha secundária deste item; não afirmou conhecer os detalhes de tal reconhecimento.
33. Lembrança de membros da aldeia com os quais os Tyagi não se davam.	Shankar Lal Tyagi	Shankar Lal Tyagi	Comportamento adequado de não falar com estas pessoas com as quais os Tyagi tinham brigado.
34. Reconhecimento de Sri Ram Swaroop Tyagi.	Shankar Lal Tyagi		Sri Ram Swaroop Tyagi perguntou a Jasbir: "Quem sou eu?" E Jasbir retrucou: "Eu não o esqueci. Você é meu cunhado".
35. Reconhecimento de Srl Birbal Singh, primo mais moço de Sobha Ram.	Shankar Lal Tyagi Birbal Sing Tyagi		Sri Birbal Singh entrou em uma sala onde Jasblr se encontrava Este viu-o e disse espontaneamente: "Entre, Gandhiji". Um dos presentes falou; "Este é Birbal. Jasbir retrucou: "Nós o chamamos de 'Gandhiji'. Sri Birbal Singh era chamado de Gandhiji na intimidade, porque tinha orelhas

			grandes e portanto, alguma semelhança com o Mahatma Gandhi. O depoimento de Sri Birbal Singh Tyagi relativo a este item e ao item 38 foi obtido por Sri R. S. Lal, em uma entrevista em Meerut em janeiro de 1965.
36. Reconhecimento de Sri Mahendra Singh Tyagi, irmão mais moço de Sobha Ram.	Mahendra Sing Tyagi		Alguém perguntou a Jasbir: "Quem é ele?" e Jasbir respondeu: "É meu irmão mais moço".
37. Reconhecimento de terras pertencentes à família Tyagi, em Vedehi.			Jasbir foi levado fora para os campos da aldeia e solicitado a dizer quais campos pertenciam à sua família. As propriedades na Índia são frequentemente divididas em glebas espalhadas ao redor da aldeia, e cada unidade circundada por terras pertencentes a outras famílias. Pediram que Jasbir identificasse este homem e ele disse: "Este homem é meu avô, Rai Sahib". Sri Raja Ram era chamado Rai Sahib.
38. Reconhecimento do avô de Sobha Ram, Sri Raja Ram.	Birbal Singh Tyagi		
39. O boi branco de Sobha Ram tinha chifres longos, e o preto chifres curtos.	Shankar Lal Tyagi	Shankar Lal Tyagi	Sri Raghbir Tyagi fez um depoimento discrepante neste ponto, afirmando que o boi branco tinha chifres curtos, e o preto, chifres compridos. Essa discrepância pode ter-se originado na confusão acreca de se os chifres curvos devem ser considerados mais longos ou mais curtos que os chifres retos. Diferenças de opinião poderiam sugerir se o "comprimento" do chifre fosse medido por alguém que tomasse a distância da raiz à ponta, ou por outra pessoa que tomasse o

			comprimento do chifre no todo.

Em 1964, o retraimento de Jasbir não havia diminuído e ele parecia, de certo modo, ainda mais deprimido. Sua expressão fisionômica carecia de animação. Apesar de, nesta ocasião, ter falado mais do que em 1961, não pareceu particularmente entusiasmado em fazê-lo e permaneceu como espectador em nossas entrevistas, no mesmo plano dos que com ele estavam, ao contrário de um participante ativo.

Membros da família Jat reconheceram que, da primeira vez que Jasbir fez declarações sobre sua vida anterior em Vehedi, não lhe deram crédito e alguns até o repreenderam por isso. O retraimento de Jasbir com relação à família, especialmente quanto à alimentação, e o seu desdém por eles como membros de uma casta inferior muito contribuíram para o seu isolamento. Parece que depois da verificação das declarações de Jasbir, a família dedicou-lhe mais respeito. Atualmente aparentam nutrir e manifestar-lhe os mais amistosos sentimentos, mas seu retraimento persiste notoriamente.

Embora a família Jat e outros aldeões de Rasulpur tivessem recebido meu grupo com muita cordialidade, não mostraram entusiasmo pelas idas de Jasbir a Vehedi. Os Tyagi consentiram em tais visitas por saberem que Jasbir ansiava por elas. Em 1964 já fazia dois anos que ele não ia a Vehedi, mas uma pessoa da família Tyagi, Sri Surajmal Tyagi, tinha estado com Jasbir em Rasulpur dois meses antes de minha segunda visita. Quando iam embora Jasbir chorava. Os Tyagi acham que os Jat têm alguma preocupação de que possam perder Jasbir em favor deles e, em 1961, os Jat não deram permissão a Jasbir para assistir a um casamento em Vehedi, aparentemente por receio de que os laços que o ligavam aos Tyagi se tornassem ainda mais fortes. Certa vez, Sri Shankar Lal Tyagi adoeceu e sua família mandou buscar Jasbir para vê-lo em Vehedi, mas a família deste não o deixou ir. Recusaram-se, também, a permitir que Jasbir se encontrasse com a viúva de Sobha Ram. Sri Jaganath Prasad Sukla também atestou relutância, da família Jat em deixar Jasbir ir a Vehedi. Contou que só conseguiu persuadir o pai de Jasbir a permitir-lhe a primeira visita, depois de suborná-lo com uma concessão (relativamente a uma transação agrícola) que ele (como agente do governo) tinha possibilidade de fazer a Sri Girdhari Lal Jat.

Os leitores devem desejar, como eu desejei, saber qual a explicação que Jasbir deu aos acontecimentos ocorridos entre a morte da personalidade de Sobha Ram e o retorno de Jasbir à vida, com recordações daquele. A esta pergunta Jasbir respondeu, em 1961, que, depois de morto, ele (como Sobha Ram) encontrou-se com um Sadhu (homem santo) que lhe aconselhou a "abrigar-se" no corpo de Jasbir, filho de Girdhari Lal Jat, Mas, em 1964, as imagens que Jasbir possuía relativamente a esse período tornaram-se confusas e ele fez várias declarações contraditórias com outras evidências. É provável que então tivesse tentado satisfazer aos inquiridores que o pressionavam por detalhes daquele período. Quanto às lembranças de sua vida como Sobha Ram, entretanto, ele parecia denotar pouca perda de clareza. Suas declarações a este respeito, no geral e nos pormenores, estavam de acordo com os demais relatos que anteriormente fizera. Faço este comentário sobre as condições de Jasbir em 1964, não como prova da validade de seu testemunho então. Nessa época o que ele disse poderia ser um emaranhado composto de suas próprias recordações da vida anterior (embora provindas originariamente) com aquilo que ouvira outras pessoas dizerem sobre suas primeiras declarações a respeito de tais lembranças. Não considerei coisa alguma do que o próprio Jasbir disse em 1961 ou em 1964 como evidência de uma hipótese paranormal do caso.

Embora a "morte" aparente de Jasbir tivesse ocorrido no período abril-maio de 1954, perto da data em que se verificou a morte de Sobha Ram, não sabemos se a mudança de personalidade de Jasbir ocorreu imediatamente na noite em que seu corpo pareceu morrer e depois reviveu. Nas semanas que se seguiram, ele estava ainda gravemente enfermo de varíola, mal podendo alimentar-se e incapaz de demonstrar qualquer personalidade. A mudança de personalidade pode, portanto, ter-se dado rápida ou gradualmente, durante as semanas que se sucederam imediatamente após a aparente "morte" de Jasbir.

Comentários Sobre a Evidência de Conhecimento Paranormal por Parte de Jasbir.

Que Jasbir tinha conhecimento detalhado da vida e morte de Sobha Ram parece claramente depreender-se da relação de declarações e reconhecimentos que demonstrou. Seu reconhecimento de pessoas incluía a enunciação de alguns nomes espontaneamente, o que diminui a possibilidade de ele ter sido orientado por insinuações ou perguntas dirigidas. Estas podem dar origem a aparentes reconhecimentos espúrios, se impropriamente conduzidas.

Apesar de as duas aldeias distarem entre si apenas vinte milhas em linha reta, são bastante distantes quando se leva em conta sua localização em relação às estradas principais e às condições de transportes e "casta" que separam os diferentes grupos na Índia. O isolamento das aldeias indianas entre si não pode ser convenientemente transmitido aos leitores ocidentais, simplesmente pedindo-lhes que imaginem cidades do Ocidente separadas por centenas de quilômetros. Há muito mais tráfego "per capita" entre, digamos Nova York e São Francisco do que entre duas aldeias como Rasulpur e Vehedi, embora estas estejam geograficamente muito mais próximas. Se as pessoas entrevistadas estiverem dizendo a verdade, não vejo de que modo Jasbir pudesse ter tido, por meios normais, conhecimento dos fatos que sabia sobre a vida de Sobha Ram. E não encontrei razão alguma para duvidar que as testemunhas com quem falei tenham realmente dito a verdade. Salvo discrepâncias ocasionais, as declarações dos diferentes informantes são consistentes em relação umas às outras, e isso na repetição dos mesmos depoimentos, três anos mais tarde.

Como prova de autenticidade, chamaria a atenção para os marcantes aspectos de comportamento, inclusive a acentuada identificação de Jasbir com Sobha Ram. Sua personificação de Sobha Ram, expressa no prazer de estar com os Tyagi em Vehedi e no solitário retraimento que experimentava e demonstrava em Rasulpur, constitui uma das mais notáveis e importantes características do caso. As reações das duas famílias estão de acordo com este comportamento de sua parte, suas lágrimas e outras emoções correspondendo às dele.

Tanto Rasulpur como Vehedi são pequenos vilarejos onde o que acontece com alguém torna-se logo de domínio público. Por ocasião de minhas visitas, multidões de curiosos espectadores se juntavam e tomavam conhecimento da sua finalidade. Todavia, nunca ninguém se apresentou para fazer qualquer insinuação de fraude ou da existência de fonte de informações normalmente adquiridas. Nem posso pensar em nenhuma motivação para a existência de fraude, mesmo que um tão impressionante espetáculo de atores congregados pudesse ter sido encenado. Ambas as famílias, particularmente a dos Jat, tiveram suas vidas desorganizadas com as declarações de Jasbir sobre as lembranças

de Sobha Ram. Se Jasbir, um menino de três anos e meio que se recuperava de uma doença grave, engendrou isso, o que ganhou foi apenas umas agradáveis férias em Vehedi, porém à custa de um severo afastamento dos seus, em Rasulpur.

Cuidadosas investigações feitas em ambas as aldeias não revelaram a existência de ninguém que pudesse ler atuado como intermediário normal de comunicação de informações da família de Sobha Ram para Jasbir. Já mencionei anteriormente as poucas pessoas que encontrei; que tiveram algum contato com as duas aldeias e com ambas as famílias. Somente um homem parece ter conhecido pessoalmente tanto Sobha Ram como a família de Girdhari Lal Jat. Mas este homem, Sri Niran Jan, ao que parece, não possuía conhecimentos detalhados sobre Sobha Ram ou sobre sua família, nem teve oportunidade de transmiti-los a Jasbir. Ele certamente não se considerava um repositório das informações apresentadas por Jasbir sobre a vida de Sobha Ram, e acho extremamente improvável que tivesse podido comunicar a Jasbir, de modo normal, as informações relevantes. É possível que este homem, ou algum outro morador de Rasulpur, que talvez tenha entrado em contato com a família Tyagi em Nirmana, senão em Vehedi, tivesse atuado como elo telepático por meio do qual Jasbir pudesse, caso possuísse a necessária capacidade, perscrutar as mentes da família Tyagi, que possuíam tais informações relevantes. Mas tal hipótese estenderia nossos conceitos de telepatia quase além dos limites de sua ocorrência cm qualquer caso do qual possuímos evidência independente. E, além disso, esta hipótese não explica convenientemente, por si só, a vívida personificação de Sobha Ram por Jasbir. Contudo, mais adiante, tratarei da discussão mais completa desta dificuldade.

Finalmente, gostaria de chamar novamente a atenção para o fato de a transformação de Jasbir ter-se operado bem rapidamente quando ele tinha cerca de três anos e meio. Antes desta idade parecia uma criança normal, exceto alguma dificuldade em falar. Deve-se recordar que o período de mudança da personalidade de Jasbir coincidiu com a sua recuperação física de uma moléstia aparentemente morta. No princípio de sua convalescença não houve lugar para qualquer expressão de personalidade, e por isso é impossível determinar em que espaço de tempo se deu esta mudança Mas a transformação total levou no máximo algumas semanas ou talvez muito menos tempo. Além disso, trata-se que de um caso de profunda alteração de personalidade, incluindo recusa em ingerir o alimento da família por ser ela de casta inferior. O caso, portanto, difere acentuadamente dos de outras crianças que parecem recordar se de vidas precedentes pelo período de vários anos, e assim fazendo, mais ou menos misturam a personalidade anterior com a que presentemente se desenvolve.

O Desenvolvimento Posterior de Jasbir

Não encontrei Jasbir entre agosto de 1964 e outubro de 1971. Neste meio tempo, Dr. Jamuna Prasad e sua equipe, estudando correspondências nos padrões de comportamento dos indivíduos e personalidades prévias em seis casos indianos do tipo reencarnação, se encontraram com Jasbir e sua família e eu recebi alguns informes de Jasbir deles.

Em 1971 Jasbir e sua família estavam vivendo na vila de Kaval a cerca de três milhas a leste de Muzaffarnagar. (Anteriormente eles tinham se mudado de Rasulpur e viveram numa vila chamada Ghola, a qual fica ao sul de Muzaffarnagar. Eles tinham se mudado

novamente de Ghola para Kaval em 1968).Em Kaval tive uma conversa bastante longa com Jasbir e seus pais, Girdhari Lal Singh e sua esposa Rajkali.

Jasbir, que nasceu no final de 1950, continuou a escola até a décima classe. Mas não passou o trabalho dessa classe e em 1969 parou a escola. Em 1971 ele estava ajudando seu pai no cultivo de terras. Ele não estava de todo satisfeito com sua vida de camponês e esperava obter um trabalho de clérigo, apesar de que isso seria difícil para ele sem o certificado de conclusão do segundo grau do colégio.

Jasbir continuou visitando Vehedi. Seus pais disseram que ele viajava para lá sempre três ou quatro meses e o próprio Jasbir disse que ele ia lá apenas dois meses antes de minha visita. Naquela visita ele permaneceu em Vehedi dois meses e meio trabalhando nos campos da família de Tyagi. O pai de Sobha Ram, Shankar Lal Tyagi, ainda estava vivo por então. Os Tyagi viam Jasbir como um membro legítimo de sua família. Ele so consultaram sobre o casamento do filho de Sobha Ram e ele compareceu à cerimônia. Jasbir tinha também sido consultado sobre o casamento de uma das filhas de Sobha Ram. Quando perguntei a Jasbir quem, se alguém em em particular, ele era ligado em Vehedi, ele respondeu que sua ligação era com o pai de Sobha Ram e seus filhos. (A mãe de Sobha Ram morreu muitos anos antes, mesmo antes do próprio Sobha Ram).

Jasbir negou que suas memórias da vida prévia tivessem desaparecido. Afirmou que ainda se lembrava claramente de cair da carriola em seu retorno do casamento em que compareceu (como Sobha ram) na vila de Nirmana. Chegou mesmo a mencionar o local exato em que ele caiu da carriola (Dabal Pathak), um detalhe que eu não me lembro dele ter mencionado antes. Ainda acreditava que tinha sido envenenado na cerimônia de casamento por um homem a quem Sobha Ram havia emprestado algum dinheiro o qual o homem não queria ressarcir. Este homem, de acordo com Jasbir, pensou que ficaria livro do débito matando Sobha Ram. (Eu não mencionei o nome deste homem antes e não vejo necessidade de incluí-lo agora). O homem em questão depois pagou Jasbir (*não* a família de Sobha Ram) 600 rúpias. Em 1971 Jasbir disse que esta era a quantia devida, apesar de em 1961 ele ter dito serem cerca de 300-400 rúpias a mim. Não devemos considerar o pagamento desta grande soma como uma confissão de culpa da parte do alegado envenenador, mas certamente podemos considerar isto como uma evidência da convicção do homem que Jasbir era de fato Sobha Ram renascido. Para os herdeiros legais de Sobha Ram eram certamente *seus* filhos e não de Jasbir.

Jasbir tinha retido um número de hábitos e atitudes brâmanes. Ele ainda acreditava os brâmanes um grupo superior de pessoas comparado aos membros de outras castas. Ainda não comeria comida preparada em potes de barro. Para acomodá-lo, sua família cozinhava comida para ele em vasos de metal e permitiam-no comer primeiro[16]. Jasbir também usava ao redor do seu pescoço o fio sagrado que é um hábito distinto de Hindus de casta superior. (Jats não usam este fio). Talvez, entretanto, ele tenha dado o mais impressionante sinal de sua contínua ligação com a casta brâmane quando perguntei-lhe pelo seu endereço de correspondência correto. Antes de dar-me o endereço ele primeiro deu-me seu nome completo e disse para enviar correspondência para ele: Jasbir Singh Tyagi, filho de Girdhari Lal Jat! Assim ele tinha conhecimento da realidade da

[16] Brâmanes insistem em ter suas comidas preparadas em vasos de metal. Membros de outras castas, especialmente Jats, podem cozinhar comida em vasos de barro. Como sinal de deferência, membros de castas mais baixas convidam os brâmanes a comer primeiro onde há um grupo misturado numa refeição e brâmanes ortodoxos esperam tal respeito.

paternidade de seu corpo, mas ao mesmo tempo também alegava ser membro da casta na vida passada.

A ligação de Jasbir com a casta brâmane não ia tão longe como objeção para casar com uma garota Jat. De fato, ele disse que esperava se casar num futuro próximo e que se casaria com uma garota do grupo Jat.

Perguntei a Jasbir se ele tinha alguma idéia do que tinha acontecido com a mente ou personalidade que havia ocupado o corpo de Jasbir antes dele aparentemente morrer de varíola e antes que aquele corpo tivesse aparentemente sido possuído pela mente de Sobha Ram. Nem ele sabia e nem eu. Tenho de tempos em tempos feito interrogatórios na área onde ele viveu sobre a existência de uma criança que alegasse que na vida anterior se chamava Jasbir da vila de Rasulpur que morreu de varíola por volta dos três anos; mas nunca encontrei qualquer traço de tal criança.

Jasbir disse que em sonhos ele algumas vezes ainda via o sadhu (homem sagrado) desencarnado com quem disse (quando criança) ele (como Sobha Ram) ter encontrado depois da morte de Sobha Ram. Deve ser lembrado que Jasbir disse que este sadhu tinha avisado o Sobha Ram desencarnado para "tomar conta" do corpo de Jasbir, que tinha ostensivelmente morrido. Jasbir falou com alguma relutância sobre estes contatos posteriores com o sadhu e deu a impressão que ele talvez estivesse violando confidências mencionadas a ele. Ele disse, entretanto, que o sadhu deu-lhe predições corretas de eventos futuros em sua vida. Uma vez, não me lembro exatamente quando, o pai de Jasbir havia proposto e de fato forçado um casamento para Jasbir no qual nem ele nem a pretendida noiva queriam. Em algum ponto durante as dolorosas negociações para este casamento o sadhu assegurou para Jasbir (em sonho) que a noiva não iria seguir adiante com este acordo e de fato ela não o fez, então os planos foram dissolvidos e Jasbir foi salvo. Inferência baseada em informações normais sobre a atitude da garota e de sua família podem responder bem pelo conhecimento antecipado de Jasbir neste caso; eu o cito somente como um exemplo que ele ofereceu do tipo de predições que ele alegou receber do sadhu em sonhos[17].

Desde 1964 uma notável mudança tem ocorrido no comportamento de Jasbir. Na primeira edição deste livro eu mencionei que ele era antes um pária na sua família. Sua atitude esnobe de superioridade levou a uma retaliação da parte deles, incluindo gritos e um desentendimento se desenvolveu entre Jasbir e sua família. Observei em 1964 que ele tinha ficado notavelmente deprimido. Mas em 1971 ele tinha se desenvolvido num jovem sorridente, auto-confiante. Creio que devemos dar grande parte do crédito pela sua feliz mudança aos seus pais que fizeram o melhor que puderam para se ajustar a uma situação a qual na maior parte das vezes foi muito difícil para eles. E no final ajudaram Jasbir a fazer suas adaptações a eles. Em 1971 Jasbir disse que seu irmão mais velho, a quem tinha sido particularmente hostil a suas pretenções de superioridade,

[17] Desde que estudei o caso de Jasbir em 1961 encontrei outros exemplos de alegações pelo sujeito de lembrar que durante o estado desencarnado posterior à morte eles encontraram homens sagrados (sadhus na Índia) que os guiaram até o lar de nascimento da próxima encarnação. E em alguns desses casos, o indivíduo continuou a experimentar contato com o homem sagrado após o seu nascimento. Alegações de memórias deste tipo de experiência ocorrem bastante comumente entre casos na Tailândia e Burma. A informação que obtive ao estudar casos nesses países prepararam-me para o comentário de Jasbir que ele ainda "encontra" o sadhu de seu caso em sonhos. Mas não o estimulei a contar-me sobre isto porque ele mencionou o fato espontaneamente e sem eu ter perguntado-lhe uma questão concernente ao sadhu.

aceitou-o totalmente na família. Não obstante esta cura notável dentro da família de Girdhari Lal Jat, Jasbir sentiu que a família Tyagi mostrou-lhe mesmo mais afeto.

As circunstâncias econômicas de Jasbir em 1971 eram difíceis, talvez precárias. Sua família estava menos próspera do que os Tyagis e ele via a si próprio como tendo recebido um "rebaixamento" nas circunstâncias sócio-econômicas de uma vida para outra. Hindus acreditam que tais mudanças derivem de uma conduta pecaminosa numa vida anterior, não necessariamente a imediatamente precedente em que esta ocorre. Jasbir não podia pensar em nenhuma ofensa por Sobha Ram que merecesse esse "rebaixamento", mas ele via a isso como a vontade de Deus e fez o máximo para aceitar as circunstâncias na qual se viu. Pareceu-me que tinha superado bem isto. Embora a vida de camponês para ele mais à frente quase certamente seria tensa com trabalho duro e condições arriscadas, encarava o futuro com alegria.

O Caso de Sukla[18]

Sumário do Caso e sua Investigação.

Sukla, filha de Sri K. N. Sen Gupta, da aldeia de Kampa, Bengala Ocidental, nasceu em março de 1954. Quando tinha cerca de um ano e meio e mal sabia falar, foi vista várias vezes acalentando um pedaço de madeira ou um travesseiro que ela chamava de "Minu". Quando lhe perguntavam quem era "Minu" Sukla dizia: "Minha filha". E no decorrer dos treze anos seguintes ela foi aos poucos dando mais informações sobre Minu e sobre "ele", referindo-se a seu marido da vida anterior.[19] Ela disse que "ele", Minu, Khetu e Karuna (os dois últimos, irmãos mais moços de seu "marido") estavam todos em Rathtala, Bhatpara. A aldeia de Bhatpara fica a onze milhas de Kampa, na estrada de Calcutá. A família Gupta conhecia muito pouco Bathpara; contudo nunca tinha ouvido falar do distrito de Rathtala, em Bhatpara, nem das pessoas cujos nomes Sukla mencionava.

Sulda passou a mostrar grande desejo de ir a Bhatpara, e começou a insistir em que iria sozinha caso a família não a levasse. Afirmava poder mostrar o caminha da casa de seu sogro. Sri Sen Gupta falou sobre o fato a alguns amigos, contando-o também a um empregado da estrada de ferro onde trabalha. Este homem, Sri S. C. Pal, residia perto de Bhatpara e tinha lá alguns parentes. Por intermédio desses parentes, Sri S. C. Pal soube que uma pessoa chamada Khetu morava em um distrito de Bhatpara chamado Rathtala. Este é um lugarejo assim chamado porque nele é guardado o carro (rath) da imagem de um deus. Sri Pal descobriu, ainda, que o homem chamado Khetu tivera uma cunhada, Mana, que havia morrido alguns anos antes (em janeiro de 1948), deixando uma filha de colo, Minu. Quando Sri Pal relatou esses fatos ao pai de Sukla, este tornou-se mais interessado em que Sukla fosse a Bathpara. Isso foi arranjado com o assentimento da outra família, de que Sri Amritalal Chakravarty é o chefe.

No verão de 1959, quando tinha pouco mais de cinco anos, Sukla e alguns familiares seus viajaram para Bhatpara, onde Sukla orientou o caminho da casa daquele que alegava ter sido seu sogro, Sri Amritalal Chakravarty. Ali ela reconheceu e identificou corretamente por seus nomes diversas pessoas e objetos. Posteriormente, membros da

---

[18] Para outro relato deste caso vide P. Pal "A Case Sugestive of Reincarnation in West Bengal". *Indian Journal of Parapsychology*, Vol. 3, 1961-62, 5-21. No presente relato inclui algumas informações extraídas do relatório do Professor Pal, no sumário do caso, e observações sobre as oportunidades de contato entre as duas famílias. Contudo, na coluna referente às declarações e reconhecimentos feitos por Sukla, inclui apenas testemunhos obtidos por mim próprio, no verão de 1961, a menos que alguma exceção seja mencionada. Os leitores poderão, assim, comparar as duas narrativas do caso. Como cada uma apresenta detalhes ou depoimentas de testemunhos omitidos na outra, os leitores somente obterão uma visão completa desse caso, estudando o relatório do Professor Pal, juntamente com este.

[19] Há, na Índia, grande relutância em usar-se na família, os nomes das pessoas. Algumas são comumente mencionadas apenas por seu grau de parentesco. As meninas e senhoras indianas, particularmente, não aludem a seus maridos por seus nomes. Referem-se a eles indiretamente, como, "ele" ou "o pai de Minu" (mencionando uma filha). Além do mais, na presença de seus maridos ou de parentes adultos do sexo masculino, as senhoras indianas costumam desviar o olhar para o lado ou para baixo, em sinal de respeito. Esta é uma atitude bem marcante, e, como é sempre seguida de um movimento da cabeça e dos olhos, pode ser facilmente observada pelos presentes. Tal procedimento também denota o reconhecimento do marido ou parente.

família Chakravarty visitaram Sukla e seus parentes, em Kampa. Ela recebeu também a visita de pessoas da família (Pathak) com a qual Mana havia sido criada. Srimati Pathak era tia materna da personalidade anterior. Mais tarde Sukla esteve outras vezes em Bhatpara. Seu encontro com seu suposto ex-marido, Sri Haridhan Chakravarty, e com sua pretensa ex-filha Minu, despertou grande emoção em Sukla e maior desejo de estar com eles outra vez. Diferentemente de algumas outras crianças protagonistas de tais casos, como Prakash e Jasbir, ela nunca manifestou desejo de reintegrar-se permanentemente na outra família. Mas ansiava pelas visitas de Sri Haridhan Chakravarty e angustiava-se quando ele não vinha.

O Professor P. Pal esteve em Kampa e em Bhatpara, repetidas vezes, pelo espaço de um ano em 1960, e investigou de forma completa os antecedentes e oportunidades de contato entre as duas famílias relacionadas ao caso. Confrontou também os depoimentos de cada informante com os dos demais. Destas averiguações resultou seu minucioso relatório. No verão de 1961, passei dois dias no local, indo às duas aldeias e entrevistando muitos dos informantes do Professor Pal, bem como alguns outros novos. Em 1962, o Professor Pal lá retornou para informar-se sobre o desenvolvimento posterior do caso.

Fatos Geográficos Importantes e Meios Normais Possíveis de Comunicação Entre as Duas Famílias.

Bhatpara é uma aldeia situada cerca de trinta milhas ao norte de Calcutá, na rodovia principal que segue para o norte. Rampa fica aproximadamente onze milhas mais ao norte, afastada algumas milhas da estrada principal. Uma estrada de ferro corre ao longo da rodovia, que é servida também por ônibus. Desse modo, as duas aldeias são facilmente acessíveis uma à outra. Os membros de ambas as famílias principais relacionadas ao caso negam que tivessem tido alguma vez conhecimento da existência da outra antes da tentativa de averiguação das declarações de Sukla.

A família de Sri Sen Gupta morara anteriormente a mais ou menos cento e cinqüenta milhas de distância, na Bengala Oriental, mas mudara-se para a Bengala Ocidental depois da divisão deste Estado entre a Índia e o Paquistão, em 1947. Depois de ter residido em outros lugares, Sri Sen Gupta e sua família instalaram-se era Kampa, mais ou menos em 1951. Sri Sen Gupta trabalha na estrada de ferro e havia passado de trem em Bhatpara. Estava seguro, porém, de que só parara ali uma vez, na ocasião em que dera um espetáculo de mágica em uma escola, como mágico amador que era.

As famílias Chakravarty e Pathak já moram em Bhatpara há muito tempo e algumas de suas atividades deviam ser conhecidas de outros habitantes do lugar ou poderiam ser conhecidas por estranhos que sobre elas indagassem. A eventualidade de conhecimento paranormal nas declarações feitas por Sukla depende, portanto, consideravelmente, de ela ter conhecimento de fatos da intimidade doméstica destas famílias desconhecidas, fora do seu âmbito, bem como do reconhecimento de alguns de seus componentes. As famílias Chakravarty e Pathak, por sua vez, negam peremptoriamente ter tido qualquer relacionamento com a família de Sri Sen Gupta, Além de residirem em aldeias diferentes, as duas famílias estavam separadas pela discriminação de castas, o que na Índia diminui ainda mais a probabilidade de relações sociais entre ambas.

Não obstante, o Professor Pal soube de duas pessoas que de fato tinham algum relacionamento com as duas famílias. A primeira delas é Sri S. C. Pal, já mencionado. Era um colega de trabalho de Sri Sen Gupta, que morava bem perto de Bhatpara e que ali tinha parentes. Ele pessoalmente não tivera, de início, conhecimento com as famílias Chakravarty e Pathak, mas o teve através de seus parentes, que foram identificados como as pessoas a quem Sukla provavelmente se referia. Sri Pai conhecia Sri Sen Gupta há apenas um mês quando este começou a lhe falar sobre as asserções de sua filha de que tivera uma existência anterior em Bhatpara. Sri Pal nunca visitara a casa de Gupta. Sukla já falava de uma vida pregressa em Bhatpara muitos anos antes que seu pai conhecesse Sri Pal e, portanto, pode-se com bastante segurança excluí-lo da possibilidade de ser uma fonte das informações que Sukla possuía.

Sri Atul Dhar é um outro colega de trabalho de Sri Sen Gupta, amigo de mais longa data e de muito maior intimidade. Sri Atul Dhar tinha um amigo que era primo de Sri Amritalal Chakravarty e, vez por outra, ia à casa deste com seu amigo. Nestas visitas conheceu ligeiramente Sri Haridhan Chakravarty e ouviu falar em sua esposa, Mana, mas nunca a viu. Quanto à sua vida privada, soube apenas de alguns desentendimentos entre Mana e a madrasta do marido. Sri Atul Dhar nunca falava sobre a família Chakravarty com Sri Sen Gupta. Quando este lhe relatou as declarações de Sukla sobre uma vida anterior em Bhatpara, ele não estava totalmente certo de que as afirmações dela se referissem aos Chakravarty que ele conhecia; "ocorreu-lhe apenas casualmente" que o Khetu a quem Sukla se referia, poderia ser um membro da família Chakravarty que ele conhecera alguns anos antes. Sri Atul Dhar animou Sri Sen Gupta a fazer averiguações, mas não participou pessoalmente das primeiras retribuições de visitas entre as duas famüias. Acompanhou a família Gupta, inclusive Sukla, em sua segunda visita a Bhatpara por ocasião da qual ela reconheceu vários objetos, inclusive saris que haviam pertencido à falecida Mana. Desses pormenores mais particulares, contudo, Sri Atul Dhar não teve qualquer conhecimento. Embora Sri Atul Dhar tivesse efetivamente maior conhecimento das duas famílias do que Sri Pal, creio que ele pode igualmente ser excluído da possibilidade de ser fonte das informações que Sukla possuía relativamente à família Chakravarty.

Pessoas Entrevistadas Durante a Investigação.

Em Kampa, entrevistei:

Sukla, filha de Sri K. N. Sen Gupta.
Sri K. N. Sen Gupta, pai de Sukla.
Srimati Shriti Kanna Sen Gupta, mãe de Sukla.
Srimati Nirod Bala Sen Gupta, avó paterna de Sukla.
Sri Naraindra Nath Roy, irmão de Srimati Shriti Kanna Sen Gupta e tio materno de Sukla.

Em Bhatpara, entrevistei:

Sri Amritalal Chakravarty, sogro da falecida Mana.
A esposa de Sri Amritalal Chakravarty, madrasta do marido de Mana.
Sri Haridhan Chakravarty, filho mais velho de Sri Amritalal Chakravarty e marido de Mana.

Sri Kshetranath Chakravarty (conhecido por "Khetu"), segundo filho de Sri Amritalal Chakravarty e cunhado de Mana.
Sri Karuna Kumar Chakravarty (conhecido por "Kuti"), terceiro filho de Sri Amritalal Chakravarty e cunhado de Mana.
Sri Rishikesh Chakravarty, quarto filho de Sri Amritalal Chakravarty e cunhado de Mana.
Sri Dilip Kumar Pathak, primo de Mana.
Sri Gopal Pathak, irmão mais moço de Mana.
Srimati Reba Rani Pathak, esposa de Sri Suresh Chandia Pathak e tia materna de Mana, que a criou.
Sri Jatindranath Pathak, irmão de Sri Suresh Chandra Pathak, tio materno de Mana.
Minu, filha de Mana.
Sri Gopal Chandra Ghosh, que não era parente, mas amigo dos Chakravarty.

Na Estação de Bali, Bengala Ocidental, entrevistei:

Sri S. C. Pal, amigo de Sri K. N. Sen Gupta, cujas indagações levaram à verificação das declarações de Sukla.

Depois de minha visita, em 1961, o Professor P. Pal novamente entrou em contato com Sri Atul Dhar e o entrevistou, tendo eu aproveitado o relatório desta entrevista, que me foi enviado pelo Professor Pal.

Declarações e Reconhecimentos Feitos por Sukla.

Apresento adiante, em forma de tabulação, uma súmula das declarações e reconhecimentos feitos por Sukla relativamente à sua afirmação de ser Mana reencarnada.

Nessas tabulações omiti relato de dois reconhecimentos feitos por Sukla, visto terem eles pouco ou nada contribuído para o caso, uma vez que lhes faltava a especificidade referente à vida de Mana, que pode ser encontrada nos itens relacionados. Por outro lado, pelo menos um destes reconhecimentos, o da máquina de costura usada por Mana, foi secundado pelas lágrimas que assomaram aos olhos de Sukla. Mana havia costurado muito nessa máquina.

Nas tabulações, os itens 1-6 ocorreram antes (pelo que sei) de as duas famílias terem tido qualquer aproximação; os itens 6-16 tiveram lugar por ocasião da primeira visita, de Sukla a Bhatpara, quando pela primeira vez as duas famílias entraram em contato direto; os itens 17-22 sucederam quando Sri Haridhan Chakravarty, Srimati Pathak e Minu visitaram Sukla e sua família, em Kampa, uma semana mais tarde; o item 23 teve lugar quando Sri Rishikesh Chakravarty esteve em Kampa com o objetivo de submeter Sukla a um teste por sua própria conta, e os itens 24-29 deram-se por ocasião de uma outra visita de Sukla e seus pais a Bhatpara, duas semanas após a primeira visita a esta cidade.

Relatos e Observações Relevantes Sobre o Comportamento das Pessoas Relacionadas ao Caso.

A compilação adiante registra principalmente aspectos cognitivos do comportamento de Sukla relativamente à sua declaração de ser a falecida Mana reencarnada. Mas os depoimentos das testemunhas abundam em detalhes de acentuada expressão emocional da parte de Sukla, bem como outras formas de comportamento perfeitamente adequadas ao relacionamento de Mana. Particularmente notável para as testemunhas foram as lágrimas com que Sukla saudou Minu e a atenção e afeto que posteriormente lhe prodigalizou nos encontros que se seguiram. A estatura das duas era chocantemente desproporcional para o papel maternal assumido por Sukla no relacionamento de ambas. Ela própria comentou o fato de Minu ter crescido, dizendo: "Eu sou pequena". Mas, dentro dessa limitação, Sukla interpretava o papel de uma mãe para com uma filha muito querida.

O Professor Pal[20] presenciou um exemplo de apego emocional de Sukla a Minu quando, em Kampa, Sri Dilip Kumar Pathak declarou a Sukla (falsamente, para testá-la) que Minu estava doente, com febre alta em Bhatpara. Ante essa notícia Sukla começou a chorar e levou algum tempo para convencer-se de que na verdade Minu estava bem. Em outra ocasião em que esta se encontrava realmente doente e o fato chegou ao conhecimento de Sukla, ela ficou extremamente aflita, chorou e exigiu que a levassem a Bhatpara para ver Minu. Sua família só conseguiu acalmá-la quando a levou no dia seguinte, para ver Minu, que então estava melhor. Como já foi dito, os olhos de Sukla lacrimejaram também quando viu a máquina de costura com a qual Mana trabalhara tão assiduamente durante sua vida.

Para com o marido de Mana, Sri Haridhan Chakravarty, seu comportamento era o de uma verdadeira senhora hindu em relação ao esposo. Por exemplo, numa refeição ela comeu os restos de seu prato, mas não teria terminado de comer a comida de ninguém mais. Na Índia, a mulher pode comer o resto da comida do prato do marido, mas não comerá do prato de nenhuma outra pessoa.

Sukla era um tanto arredia a outras crianças de sua família, e brincava sozinha. Não gostava de comer com as outras crianças. Quando estava com cerca de três anos (segundo seu pai), costumava dizer: "Por que é que eu tenho de comer com vocês? Eu sou uma brâmane". (Os Chakravarty são brâmanes, mas não os Guptas). Era sensível e deixou de freqüentar a escola, quando se sentiu objeto de mais atenção do que desejava. Depois (1962) voltou à escola. Sukla mostrava marcante circunspecção, superior à sua idade, e também uma tendência para a teimosia. Mana, de acordo com os que a conheceram, também apresentava estas mesmas peculiaridades.

Estas observações sobre os traços gerais das duas personalidades pouco contribuem para a evidência de paranormalidade dos aspectos informativos do caso, mas a teimosia de Sukla tem relação com paranormalidade, em outros pontos. Com exceção do reconhecimento indireto da tia materna de Mana e uma tendência para ligar-se à família Pathak, Sukla não reconheceu os membros desta família, como o fez com os da família do marido de Mana. E o Professor P. Pal assinalou em seu relatório que, mesmo depois de eles lhe terem sido claramente identificados, ela não lhes atribuiu o mesmo reconhecimento que aos familiares do marido de Mana. Nem pôde ela identificar coisa alguma na casa dos Pathak, onde Mana vivera toda a sua vida com exceção de alguns anos. Em resumo: Sukla não permitia que ninguém a industriasse nestes pontos. Isto,

[20] P. Pal. *Op. cit.* nº 18.

em minha opinião, atesta a honestidade das pessoas relacionadas ao caso, porquanto, se alguém a tivesse instruído quanto às informações sobre os Chakrayarty, poderia do mesmo modo tê-la orientado quanto aos Pathak. E não faria sentido que ela fingisse reconhecimento da família do marido e o omitisse relativamente à família em que Mana fôra criada. Do mesmo modo, se a própria Sukla tivesse tido capacidade e motivação para engendrar sua história, teria, penso eu, incluído reconhecimentos de infância da família de Mana.

SÚMULA DAS DECLARAÇÕES E RECONHECIMENTOS FEITOS POR SUKLA			
Item	**Informantes**	**Verificação**	**Comentários**
1. Ela. tivera uma filha chamada Minu.	Shriti Kanna Sem Gupta, mãe de Sukla Nirod Bala Sem Gupta, avó paterna de Sukla	Haridhan Chakravarty tinha uma filha, Minu, de sua primeira mulher, Mana, que havia morrido.	A primeira comunicação de Sukla a respeito de uma vida anterior foi sua atitude de ninar um pedaço de madeira que representava o nenê que Mana deixara ao morrer.
2. Seu cunhado chamava-se Khetu.	Shriti Kanna Sen Gupta Nírod Bala Sen Gupta	Conheci e conversei com Kshetranath Chakravarty, cunhado da falecida Mana.	Seu apelido de família era Khetu.
3.Tinha um outro cunhado chamado Karuna.	Shriti Kanna Sen Gupta Nirod Bala Sen Gupta	Conheci e conversei com Karuna Chakravarty.	Este item não foi incluído no relatório do Professor P. Pal. Karuna é sempre conhecido e chamado por seu apelido Kuti; nem os vizinhos sabiam que seu verdadeiro nome era Karuna.
4. O marido, Mina e cunhados moravam em Rathtala, Bhatpara.	Shriti Kanna Sen Gupta Nirod Bala Sen Gupta	O abrigo para o "rath" do deus encontra-se cerca de 30 metros da casa de Amritalal Chakravarty em Bhatpara, próximo às margens do rio. Vi essas edificações.	Declaração exata com relação ao tempo em que Mana vivia. Sri Haridhan Chakravarty mora atualmente a pequena distância de Hathtala e Minu mora com teu tio-avô, Sri Pathak, do outro lado de Bhatpara. Um "rath" é uma carreta ou carroção em que a imagem de um deus é transportada durante uma procissão religiosa.
5. O marido e ela tinham ido uma vez ao cinema e foram depois tomar refrescos.	Haridhan Chakravarty, marido de Mana.	Haridhan Chakravarty.	P. Pal teve conhecimento mais detalhado deste item através da família de Sukla. A data foi memorável porque foi a única vez em que Mana foi a um cinema em sua vida, tendo ela e o marido sido posteriormente

			censurados pela madrasta destes.
6. Reconhecimento do caminho da casa do sogro de Mana em Rathtala, Bhatpara.	Nirod Bala Ben Gupta K. N. Sen Gupta, pai de Sukla S. C. Pal Todas estes informantes acompanharam Sukla durante o trajeto.		Embora o percurso vantajoso fosse direto, sem voltas, havia muitas casas e ruelas em que Sukla poderia ter virado, se ignorasse o caminho correto. Há também um cruzamento importante. Sukla ia à frente dos outros. Apenas Sri Pal conhecia o caminho, e ele ia atrás da menina.
7. Confusão de Sukla quanto à entrada da casa do sogro de Mana.	K N. Sen Gupta S. C. Pal	Amritalal Chakravarty, sogro de Mana.	Desde a morte de Mana, uma entrada anterior da casa havia sido fechada e a entrada principal fora deslocada para outro lado distante da rua e dando para uma aléia. A confusão de Sukla foi, portanto, proporcionada pela mudança.
8. Reconhecimento do sogro de Mana.	K N. Sen Gupta S. C. Pal		Quando o grupo se aproximou da casa, Sri Amritalal Chakravarty surgiu inesperadamente na rua. Ao vê-lo, Sukla baixou os olhos, atitude comum de respeito da parte de uma jovem senhora para com um parente mais velho. Sri Amritalal Chakravarty disse-nos não ter notado nada de incomum no comportamento de Sukla por ocasião deste primeiro encontro. Mas ele estava na rua procurando pelo filho e talvez não tenha prestado muita atenção a Sukla; declarou, porém, que ela vinha à frente do grupo.
9. Reconhecimento de Minu, filha de Mana.	Nirod Bala Sen Gupta Amritala Chakravarty		Na casa, alguém do grupo anunciou, pelo nome, a chegada de Minu, antes de Sukla tê-la visto. Os sinais significativos do reconhecimento feito por Sukla foram suas lágrimas ao ver Minu e a afeição que demonstrou por ela.

			Vide, a seguir, outras notas relativas ao comportamento.
10. Reconhecimento do marido de Mana.	Haridhan Chakravarty Nirod Bala Sen Gupta		Perguntaram a Sukla: "Você pode apontar seu marido?". Havia vinte ou trinta pessoas na sala quando Sukla indicou Sri Haridhan Chakravarty corno "pai de Minu", modo apropriado de uma senhora hindu referir-se ao marido.
11. Reconhecimento do cunhado de Mana, Khetu.	Haridhan Chakravarty Kshetranath (Khetu) Chakravarty, cunhado de Mana		Feito na mesma ocasião ao reconhecimento do marido de Mana, Khetu não foi identificado pelo nome, mas Sukla designou-o como "o tio de Minu".
12. Reconhecimento do cunhado de Mana, Karuna.	Karuna Kumar (Kuti) Chacravarty, cunhado de Mana		Alguns minutos depois de entrar em casa, Karuna perguntou a Sukla: "Quem sou eu?". Ela disse: "Karuna" e também "Tumi", que significava cunhado mais moço. Ninguém o havia chamado pelo nome durante os poucos minutos que se sucederam à sua chegada. Além do mais, ele é comumente chamado pelo apelido de Kuti, não sabendo nem mesmo os vizinhos que seu verdadeiro nome é Karuna. As condições deste reconhecimento foram melhores do que as dos itens 10 e 11, nos quais os olhares do grupo poderiam ter fornecido pistas a Sukla. O reconhecimento de Karuna cunhado de Mana, também estava de acordo com o apego deste à falecida Mana. Karuna tinha sido padrinho de casamento de Mana com Sri Haridhan Chakravarty.
13. Reconhecimento da madrasta do marido de Mana.	Amritalal Chacravarty		A avó de Sukla pediu-lhe que indicasse "sua" sogra em um grupo de trinta pessoas.

14. Não reconhecimento do primo de Mana, irmão de Mana. Dilip Pathak.	Dilip Pathak, primo de Mana.		Sukla procedeu de modo um tanto familiar com Sri Dilip Pathak mas não o chamou pelo nome. De acordo com o Professor Pal, Sukla não chamou nenhum dos Pathak pelo nome. Esta familiaridade constitui um reconhecimento de categoria, visto ser virtualmente proibida e não usual entre crianças e pessoas adultas estranhas.
15. Não reconhecimento de Sri Gopal Pathak.	Jatindranath Pathak, marido da tia materna de Mana		Um outro provável reconhecimento parcial através da forma de comportamento, visto que Sukla demonstrou amizade para com Sri Gopal Pathak.
16. Não reconhecimento, por parte de Sukla, de nenhum aspecto da casa dos Pathak.	Jatindranath Pathak		Mana morou nessa casa muito mais tempo do que na casa dos Chakravarty, com a qual pareceu tão familiarizada.
17. Reconhecimento de Srimati Reba Rani Pathak, a tia materna de Mana.	Nirod Bala Sen Gupta. Reba Rani Pathak		Um reconhecimento indireto. Quando Srimati Pathak lhe perguntou: 'Com quem você deixou Minu, quando morreu?" Sukla respondeu: "Com você". De fato, pouco antes de Mana morrer, suas últimas palavras foram para esta tia, perguntando quem cuidaria de Minu, ao que a tia respondera que o faria ela própria.
18. O prato favorito do marido eram lagostins e "buli".	Nirod Bala Sen Gupta	Nirod Bala Sen Gupta	Sukla recomendou a sua família que preparasse esse prato quando Sri Haridhan Chakravarty os visitasse. Eles a atenderam e notaram que ela escolhera corretamente.
19. Dipu ainda era vivo.	Reba Rani Pathak	Reba Rani Pathak	Quando lhe perguntaram sobre Dipu, uma criança da família Pathak, Sukla disse que Dipu ainda estava viva, mas na realidade ela morrera

			depois da morte de Mana. Assim, sua declaração estava correta em relação ao tempo em que Mana vivia.
20. Além de Minu, Mana teve um filho que morreu com alguns meses de idade.	Reba Rani Pathak	Reba Rani Pathak	Perguntaram a Sukla se Minu era filha única. Mana teve um filho que morreu antes de Minu nascer.
21. Alusão aos três saris que Mana possuía.	Reba Rani Pathak Haridhan Chakravarty	Haridhan Chakravarty	Há discrepâncias nas declarações acerca das cores dos saris, mas os relatos obtidos confirmam que Sukla falou acertadamente quando disse que Mana tivera três saris, sendo dois de Benares, um tipo especialmente fino. Na realidade Sukla sabia mais sobre os saris do que Sri Haridnan Chakravarty, marido de Mana. Os saris tinham sido guardados em um baú depois da morte de Mana.
22. Mana tinha morado em Karagpur.	Minu, filha de Mana Haridhan Chakravarty	Haridhan Chakravarty	Alguém perguntou a Sukla: "Você morou em algum outro lugar além de Bhatpara?" Ela respondeu: "Sim, Kharagpur". Sri Haridhan Chakravarty e Mana tinham morado catorze meses em Kharagpur No relatório do Professor Pal a pergunta é atribuída a Minu, mas a pergunta e resposta citadas foram exatamente as mesmas nas declarações a mim feitas e nas constantes dos relatórios do Professor Pal.
23. Reconhecimento de Sri Rishikesh Chakravarty, um outro cunhado de Mana.	Rishikesh Chakravarty, cunhado de Mana. Nirod Bala Sen Gupta.		Ao chegar à casa dos Gupta, em Kampa, Sri Rishikesh Chakravarty manifestou o desejo de ver a esposa de seu irmão, Sukla pode ter escutado essa declaração. Ela, porém ao lhe perguntarem quem ele era,

			identificou-o como "tio de Minu". Não identificou um amígo de Sri Rishikesh que de fato não conhecera Mana.
24. Os Chakravarty tinham duas vacas.	Shriti Kanna Sen Gupta. Amritalal Chakravarty	Amritalal Chakravarty	As duas vacas tinham morrido depois da morte de Mana. De acordo com uma das testemunhas, Sukla disse corretamente a cor das vacas.
25. A famíla Chakravarty tinha um papagaio.	Shriti Kanna Sen Gupta.	Amritalal Chakravarty	O papagaio fugira depois da morte de Mana.

Comentários sobre a Evidência de Conhecimento Paranormal por Parte de Sukla.

Em seu relatório, o Professor Pal mencionou suas longas investigações sobre a integridade das pessoas ligadas a esse caso. Não conseguiu encontrar nada que sugerisse fraude, ou qualquer razão que a motivasse. Durante minhas próprias investigações no local, a finalidade de minha visita tornou-se conhecida por muitas pessoas além daquelas que eu estava entrevistando, e ninguém se apresentou para denunciar fraude por parte de qualquer dos indivíduos relacionados com os fatos. Pelo contrário, ouvi de meu motorista, que conversou com moradores do lugar, testemunho espontâneo da autenticidade geral da história conforme eu a ouvira.

No presente caso, ocorre a possibilidade de uma orientação inconsciente de Sukla em alguns dos reconhecimentos que ela aparentemente fez. O item 9, com certeza, e os itens 10, 11, 13 e 23, possivelmente incorrem nesta suspeita. Mas tais objeções dificilmente poderão ser aplanadas se aceitarmos os relatos feitos em contraposição a outros reconhecimentos conseguidos por Sukla, como nos itens 6, 7, 12, 17, 26 e 29. Apesar de o item 17 ter sido um reconhecimento indireto, foi bastante adequado ao extraordinário apego de Mana por Minu, novamente demonstrado por Sukla. Todavia, além dos reconhecimentos, Sukla demonstrou incontestavelmente um conhecimento impressionante e detalhado dos acontecimentos passados da vida de Mana. Embora tivesse manifestado saber de alguns desses fatos somente depois de as duas famílias terem entrado em contato, ela relatou parcelas substanciais desses acontecimentos à sua família, antes desse contato. Além do mais, o conhecimento de Sukla dizia respeito a pessoas e fatos como foram durante a vida de Mana, e não, mais recentemente. Ela sabia, por exemplo, que o filho de Mana havia morrido, mas não sabia que Dipu ou as vacas também haviam morrido ou que o papagaio fugira.

O Desenvolvimento Posterior de Sukla

Não encontrei Sukla entre agosto de 1961 e novembro de 1969, quando eu novamente a visitei e a sua família em Kampa. Durante este longo intervalo, entretanto, Professor P. Pal acompanhou o caso através de encontros ocasionais ou por correspondência com o pai de Sukla e outros membros da família. A informação seguinte inclui dados fornecidos a mim pelo Professor Pal bem como o que eu mesmo soube durante minha

visita a Kampa em 1969. Subsequentemente eu também recebi da própria Sukla uma carta que ela me escreveu em agosto de 1970.

Em 1969 Sukla, que tinha então quinze anos, estava na oitava série do colégio. Sua mãe disse que ela era mediana em suas tarefas no colégio. Em sua idade ela deveria estar na nona classe e assim estava um ano atrás de seus contemporâneos.

A expressão de Sukla das memórias de uma vida prévia permaneceu ativa entre as idades de três e sete. Desde então suas afirmações espontâneas sobre uma vida prévia diminuíram e ao mesmo tempo seu relacionamento com a família prévia mudou de uma forte ligação para uma indiferença e mesmo a um nível de antagonismo. Por cerca de um ano, depois das duas famílias terem se encontrado pela primeira vez, Haridhan Chakravarty (o marido de Mana) vinha visitar Sukla por volta de uma vez por semana. Desde então ele diminuiu suas visitas principalmente por causa das objeções levantadas por sua segunda esposa pela atenção que ele estava dando para a garota que ele acreditava ser sua primeira esposa renascida! Ele continuou a visitar Sukla, entretanto, mas menos frequentemente. E ela continuou a recebê-lo até por volta de 1966 quando tinha doze. Neste meio tempo, depois de Sukla ter cerca de sete ou oito, seus pais começaram a desencorajá-la a falar sobre a vida prévia e ela parou de fazê-lo. Quando alguém depois a inquiria sobre isso, ela apenas sorria.

A filha de Mana, Minu, casou (por volta de 1967) e sua família não convidou Sukla ou seu pai para o casamento. Quaisquer que fossem os motivos para esta omissão, isto pode ter aumentado ainda mais a separação entre Sukla e a família prévia. Foi por volta desta época, ou possivelmente antes, que Sukla começou a tornar-se menos amigável em relação a Haridhan Chakravarty. Quando Minu veio com seu novo marido para vitar Sukla em 1968, Sukla encontrou-os mas mostrou-se, pelo menos depois, descontente e queixou-se de ser "amolada por estas pessoas". Parece que Haridhan Chakravarty ainda ocasionalmente visitava Sukla até 1969, mas sua mãe disse que Sukla teria então observado: "Porque ele vem novamente?"

Por volta de 1969 Sukla não mais falava espontaneamente sobre a vida prévia e ficava chateada se alguém a questionava sobre isso. Em 1970 escreveu-me: "Não posso lembrar de nada sobre a vida de Mana de Bhatpara."

Duas questões se levantam. Primeira, Sukla realmente se esqueceu de todas as memórias da vida prévia? E segunda, se ela se esqueceu das memórias, que fatores contribuíram para isso?

Sobre a primeira questão a própria afirmação de Sukla é certamente pesada. Sua mãe, entretanto, em 1969 pensava que Sukla ainda preservava algumas memórias, mas não mais queria expô-las publicamente. No apoio desta crença ela citou a objeção bastante petulante de Sukla às visitas de Haridhan Chakravarty. Ela pensava que a adeclaração de Sukla: "Porque ele vem novamente?" mostrava um reconhecimento contínuo de seu lugar na vida prévia. O pai de Sukla, K. N. Sem Gupta, infelizmente não estava em Kampa durante minha visita aí em 1969. Um de seus primos, K. C. Sem Gupta, disse que ele tinha questionado Sukla cerca de um ano antes concernente à vida prévia e que ela tinha dito que havia se esquecido disto. Mas ele a tinha perguntado importunando e eu não penso que sua atitude teria levado Sukla a confiar nele se ela ainda tivesse memórias da vida prévia. Eu coloco mais confiança na afirmação do tio paterno de

Sukla, P. N. Sem Gupta, que também estava presente quando a visitei em 1969. Ele disse que pensava que Sukla tinha se lembrado da vida prévia até por volta da idade de dez e desde então tinha esquecido. Tomando todas as evidências disponíveis conjuntamente e pesando-as o melhor que posso, concluí que, por volta de 1969-70, Sukla tinha se esquecido completamente da vida prévia. Isto foi quase certamente precedido por um período de manter para si quaisquer memórias que tivesse conservado até aquele momento.

Quanto aos fatores que levaram ao seu esquecimento, penso que repetição e expressão das memórias um importante fator para manter sua vividez. (Isto é verdadeiro para *quaisquer* memórias, não apenas aquelas relacionadas a vidas prévias). Qunado os pais de Sukla a desencorajaram a falar de falar sobre a vida prévia e quando a segunda esposa de Haridhan Chakravarty começou a restringir suas visitas a ela, ela teve poucas ocasiões para reviver e refrescar suas memórias. A mãe de Sukla descreveu-a como estando "envergonhada" de suas memórias e sentindo-se conspícua entre seus irmãos e colegas, nenhum dos quais alegou se lembrar de uma vida prévia. Fiz esta alusão querendo dizer que como Sukla alcançou a puberdade tornou-se crescentemente embaraçante para ela conversar abertamente sobre ter um marido, ainda que um anterior! Então aos outros dois fatores que eu mencionei acrescento este terceiro de modéstia que contribuiu para promover o esquecimento. Durante este período um relacionamento circular provavelmente se desenvolveu entre o esquecimento de suas memórias e suas atitudes às visitas de Haridhan Chakravarty. Quanto menos ela se lembrava do (prévio) relacionamento com ele menos apropriadas ficavam suas visitas a ela. E gradualmente elas pareceram primeiro desnecessárias, depois embaraçantes, e finalmente, irritantes.

Em 1969 a mãe de Sukla disse que ela estava inclinada a permanecer distante de outras crianças. Acreditava que Sukla era de algum modo mais religiosa que outras crianças da família. Mas disse que Sukla nunca alegou superioridade porque acreditava que ela tinha sido uma brâmane. (Sua família são membros da casta Bania, e a família prévia eram brâmanes). Seu pai, entretanto, disse (em 1961) que quando Sukla tinha entre três e três anos e meio ela tinha feito objeções a comer com outros membros da família com base que era uma brâmane e eles não! Talvez sua mãe não tivesse ouvido tais observações ou, mais provavelmente, tenha-as esquecido em 1969. Em qualquer caso acredito que ela teria lembrado se Sukla tivesse mostrado qualquer coisa como o grau de consciência de casta brâmane que foi mostrado por Jasbir, e por dois outros sujeitos (cujos casos deverei publicar os relatórios posteriormente) que lembraram vidas prévias como brâmanes, apesar deles mesmos estarem em castas inferiores.

Este caso inclui um detalhe de relevância médica que merece menção. Mana Chakravarty, de acordo com seu marido, Haridhan Chakravarty, sofria de espinhas em seu nariz. Sukla também sofria de espinhas em seu nariz e era, de acordo com sua mãe, o único membro da família, incluindo os pais e todas as outras crianças, com esta menosprezada, mas definida doença. Em 1967 o pai de Sukla disse a P. Pal que, quando ela era uma criança, as espinhas deixavam seu nariz avermelhado e coberto de cicatrizes, mas que ela não teve mais espinhas por muitos anos. Entretanto, em 1969, sua mãe disse que ela ainda ocasionalmente sofria de espinhas em seu nariz.

O Caso de Swarnlata

Sumário do Caso e Sua Investigação.

Swarnlata é filha de Sri M. L. Mishra, assistente de inspetor distrital de escolas em Chhatarpur, Madhya Pradesh. Nasceu na aldeia de Shahpur, distrito de Tikamgarh, em Madhya Pradesh, em 2 de março de 1948. Quando Swarnlata contava três anos e meio de idade, sua família morava em Panna, uma cidade de Madhya Pradesh. Seu pai a levou consigo em uma viagem a Jabalpur, uma das principais cidades do Estado, situada cerca de 170 milhas ao sul de Panna. Na viagem de volta, ao passarem pela cidade de Katni (57 milhas ao norte de Jabalpur), Swarnlata inesperadamente pediu ao chofer do caminhão em que viajava, para virar para a estrada que conduzia à "minha casa". Pouco depois, quando o grupo tomava chá, em Katni, Swarnlata disse-lhes que poderiam beber chá muito melhor em sua casa, que ficava nas imediações. Tais afirmações deixaram Sri Mishra perplexo, e mais ainda quando soube que Swarnlata mais tarde contara a outras crianças da família outros fatos de uma existência anterior em Katni, como membro da família Pathak. Posteriormente Swarnlata interpretou para sua mãe — e então frente a outras pessoas — danças e canções que, pelo que sabiam seus pais, ela não tivera tido ocasião de aprender. Durante os anos que se seguiram, Swarnlata revelou fragmentos de suas aparentes lembranças principalmente a seus irmãos e irmãs e, até certo ponto, a seus pais. Em 1958, Swarnlata, cuja família se mudara nesse interregno para Chhatarpur (40 milhas a oeste de Panna), encontrou-se com a esposa do Professor R. Agnihotri, que provinha da região de Katni, à qual Swarnlata afirmou identificar como a tendo conhecido em sua vida anterior naquela cidade. Desse modo Sri Mishra confirmou, pela primeira vez, a exatidão de algumas das inúmeras declarações de sua filha a respeito da sua existência precedente em Katni. Em setembro de 1958, Sri Mishra anotou algumas das declarações de Swarnlata. Em março de 1959, Sri H. N. Banerjee passou dois dias em Chhatarpur, ali investigando o caso; nessa ocasião viajou para Katni onde travou conhecimento com a família Pathak, à qual Swarnlata afirmava ter pertencido em sua vida pregressa. Antes de viajar para Katni, Sri Banerjee anotou cerca de nove informações que Swarnlata dera a respeito da residência dos Pathak, as quais confirmou ao chegar lá. Antes da ida de Sri Banerjee a Katni, os Mishra ignoravam a que família Pathak Swarnlata se referia. Sri Banerjee disse que se orientou pelas informações de Swarnlata para localizar a casa dos Pathak. Achou que as declarações por ela feitas correspondiam estreitamente com a existência de Biya, filha de uma família chamada Pathak, de Katni, e falecida esposa de Sri Chintamini Pandey, de Maihar. Maihar é uma cidade ao norte de Katni. Biya morrera em 1939.

No verão de 1959, algumas pessoas da família Pathak, bem como da família do marido de Biya, viajaram para Chhatarpur, onde foram reconhecidas por Swarnlata, em condições que descreverei adiante. Logo após essas visitas, Swarnlata e outros membros de sua família viajaram primeiro para Katni, e posteriormente para Maihar (e cidades das imediações) onde a falecida Biya passara a maior parte de sua vida de casada e onde morrera. Em Maihar, Swarnlata reconheceu outras pessoas e lugares, fazendo comentários a respeito de diversas mudanças ocorridas desde a morte de Biya. Sri Mishra fez algumas anotações escritas desses reconhecimentos, logo após sua ocorrência. No verão de 1961, passei quatro dias em Madhya Pradesh e entrevistei grande número de pessoas relacionadas ao caso, em Chhatarpur, Katni, Sihora e Jabalpur. Swarnlata continuou a visitar os irmãos e os filhos de Biya, aos quais demonstrava a mais terna afeição.

Swarnlata faz declarações de natureza mais fragmentária sobre outra existência que acredita ter tido após sua vida como Biya, em Katni. Ela afirmou que após ter morrido (como Biya), renascera como Kamlesh, em Sylhet, Bengala (atualmente no Paquistão Oriental) e que nessa vida morrera quando criança, com cerca de nove anos, tendo então renascido na família Mishra. Algumas declarações feitas por Swarnlata a respeito dessa encarnação "intermediária" estão de acordo com a geografia e outros fatos referentes a Sylhet. Contudo, não foi ainda possível identificar, nessa região, uma criança cuja vida corresponda às limitadas informações fornecidas por Swarnlata. (As investigações foram dificultadas pelo fato de Sylhet pertencer atualmente ao Paquistão Oriental).

As canções e danças de Swarnata parecem pertencer à sua vida em Bengala. A letra dessas canções foi identificada como sendo em língua bengali, pelo Professor Pal, que transcreveu algumas para estudo posterior. Sylhet fica numa região onde se fala bengali, ao passo que em Madhya Pradesh, Swarnlata viveu somente entre pessoas que falam hindi. Espero publicar, mais tarde, um outro relato sobre tais canções e suas características lingüísticas[21]. Aqui focalizarei a atenção à vida que Swarnlata disse ter vivido como Biya, em Katni e cidades circunvizinhas.

Fatos Geográficos Importantes e Meios Normais de Comunicação Possíveis Entre Ambas as Famílias.

Os Mishra nunca viveram mais próximo de Katni do que quando moraram em Panna, a qual está a cerca de cem milhas. Katni, Jabalpur e as cidades de Maihar e Sihora, onde moravam membros da família Pathak, estão localizadas em um vale, a sudeste de Panna. Essa cidade fica nas colinas, enquanto que Chhatarpur situa-se mais além, no lado ocidental dessas colinas. A distância que separa as regiões de Katni-Jabalpur das de Panna-Chhatarpur é suficientemente grande para que haja uma acentuada diferença de dialetos e pronúncias entre regiões. Jabalpur e Katni ficam à margem de importantes ferrovias, ao passo que Panna e Chhatarpur não são servidas por estradas de ferro. Há, contudo, ônibus que ligam todas essas comunidades.

As famílias Mishra e Pathak negam categoricamente terem tido qualquer conhecimento uma da outra, anteriormente ao seu encontro relacionado com a verificação das declarações de Swarnlata. Quando Sri Banerjee visitou Katni, a família Pathak nada sabia a respeito dos Míshra, nem de coisa alguma sobre as afirmações de Swarnlata. Nem se lembram de terem tido amigos comuns, salvo duas exceções.

Primeiramente, como já se disse, a esposa do Professor Agnihotri conhecera Biya na região Maihar-Katni. Mas, nem Swarnlata e nem sua família haviam conhecido a família Agnihotri, anteriormente à época em que Swarnlata fez suas declarações iniciais sobre Katni. Tanto Sri M. L. Mishra quanto Sri Agnihotri afirmaram que as duas famílias não haviam travado relações senão na ocasião em que Sri Agnihotri, tendo sabido das asserções de Swarnlata de que se lembrava de uma vida anterior, convidou-a, bem como a seu pai, para irem à sua casa a fim de falarem dessa existência pregressa a alguns amigos. Nessa ocasião Swarnlata soube que Srimati Agnihotri chegara da região de Katni e pedira para vê-la. Foi então que ocorreu seu reconhecimento por Swarnlata.

[21] Veja o relatório detalhado sobre estas canções e danças começando na página 83.

Isso aconteceu em julho de 1958, quando Swarnlata contava dez anos de idade e já fazia seis anos que falava sobre sua existência pregressa.

Segundo, a mãe de Swarnlata provinha de Jabalpur. Seu nome de solteira era Pathak, mas sua família não tinha qualquer relação com os Pathak de Katni. Estes Pathak (de Katni) têm, na verdade, interesses comerciais em Jabalpur, e um dos irmãos de Biya, Sri Hari Prasad Pathak, tinha algum relacionamento com uma prima da mãe de Swarnlata, Srimati Mishra. A família Mishra viajava de Panna ou Chhatarpur para Jabalpur, passando de quando em quando por Katni, e é muito concebível que Swarnlata tenha adquirido algum conhecimento sobre a cidade de Katni durante tais viagens. Por exemplo, a família Pathak goza de destaque na região Katni-Jabalpur, e pode-se presumir que a localização de sua casa, em Katni, fosse ali amplamente conhecida. O mesmo já não poderia ser dito com relação ars detalhes do interior da casa, como árvores e sacadas, no seu recinto. O conhecimento destes seria limitado apenas a pequeno grupo de amigos dos Pathak, e a informação da sua vida privada, a um número ainda menor de pessoas pertencentes à família. Swarnlata também prestou esclarecimentos sobre aspectos estruturais da casa, como era anos antes de ela começar a falar sobre a vida pregressa. Se ela de algum modo teve conhecimento dos Pathak, esse conhecimento deve de certa forma ter escapado a seus pais, porquanto eles nada sabiam sobre essa família quando ela primeiro começou a falar sobre a vida anterior. E como Swarnlata jamais tivesse estado fora de casa a não ser em companhia de seus pais, é difícil imaginar como ela podia ter sabido a respeito da família Pathak por intermédio de algum informante, sem que eles (seus pais) tivessem também tido idêntica informação na mesma oportunidade. Voltarei à discussão desse assunto, após apresentar em detalhe as declarações e reconhecimentos feitos por Swarnlata.

Pessoas Entrevistadas Durante a Investigação.

Em Chhatarpur entrevistei:

Sri M. L Mishra, pai de Swarnlata.
Swarnlata.
Sri Krishna Chandra Mishra, irmão (três anos mais velho) de Swarnlata.
Sri R. P. Sukla, Diretor do “Maharaja College”, em Chhatarpur.
Sri B. M. Chaturvedi, “Maharaja College”, em Chhatarpur.
Sri R. S. Mishra, irmão mais velho de Sri M.L.Mishra e tio de Swarnlata.

Em Katni entrevistei:

Sri Hari Prasad Pathak, o tio mais velho da falecida Biya, e sua esposa.
Sri Rajendra Prasad Pathak, segundo irmão de Biya, e sua esposa.
Sri Brij Kishore Pathak, quarto irmão de Biya.
Sri S. L. Koul.

Em Sihora entrevistei:

Sri Murli Pandey, filho da falecida Biya.
Srimati Bindi, cunhada de Biya.

Em Jabalpur entrevistei:

Sri Mahendra Kumar Pathak, filho de Sri Rajendra Prasad Pathak e sobrinho de Biya.

Adicionalmente, tive acesso a vasta correspondência mantida com inúmeras outras pessoas familiarizadas com o caso, como Sri R. Agnihotri. Seu depoimento, entretanto, refere-se em sua maior parte a *bona fides* testemunhas principais e de outras pessoas relacionadas ao caso, e não a detalhes particulares das declarações e reconhecimentos de Swarnlata. O Professor P. Pal colocou à minha disposição extensas notas relativas ao seu estudo do caso, em 1963.

Declarações e Reconhecimentos Feitos por Swarnlata.

Apresento, em forma de tabulação a súmula das declarações e reconhecimentos feitos por Swarnlata, relativamente à sua afirmação de ser Biya reencarnada.

Tal tabulação omite inúmeras declarações e reconhecimentos menos importantes, bem como outras informações nas quais se verificaram discrepâncias ou lacunas de depoimento. Os itens 1-18 constituem declarações feitas por Swarnlata, em Chhatarpur, antes de ter ocorrido qualquer contato entre as famílias Mishra e Pathak, e a maioria deles foi anotada antes de a verificação ter sida tentada; os itens 19-23 sucederam em Chhatarpur, quando membros da família Pathak ou da família Pandey visitaram os Mishra; os itens 24-37 deram-se por ocasião da primeira estada de Swarnlata em Katni, em 1959; is itens 38-46 passaram-se em uma ida de Swarnlata a Maihar e Tilora, algumas semanas mais tarde; os itens 47-48 tiveram lugar em uma visita a Jabalpur, em 1959; o item 49 deu-se em uma outra visita a Maihar, em 1960.

Relatos e Observações Relevantes Sabre o Comportamento das Pessoas Relacionadas ao Caso.

A personificação de Biya por Swarnlata não é tão acentuada quanto a de algumas outras crianças desse tipo de caso em relação à sua personalidade anterior. Contudo, não deixa de ser bastante notável. Seu pai observou que em Chhatarpur, entre membros de sua atual família, Swarnlata portou-se como uma criança, conquanto mais séria e mais amadurecida do que a média das crianças de sua idade. Mas em Katni, entre os Pathak comportou-se como se fosse uma irmã mais velha da casa, e isto em relação a homens de quarenta ou mais anos mais velhos do que ela, como o são os irmãos Pathak. Além do mais, eles a aceitaram plenamente como sendo Biya reencarnada. Ela e os irmãos Pathak dão-se ao costume hindu corrente em Rakhi, segundo o qual irmãs e irmãos se presenteiam anualmente e renovam votos de devoção mútua. Quando estive em Katni, em 1961, encontrei Sri Brij Kishore Pathak amargurado e mesmo irado porque Swarnlata não estivera presente à cerimônia de Rakhi, no ano anterior. Disse que ela vivera em sua família durante quarenta anos e, com os Mishra, apenas cerca de dez, de modo que se sentia com maior direito sobre ela. Tal foi o ponto a que chegou a aceitação, por parte dos Pathak, da alegação de Swarnlata em ser Biya reencarnada. Parece de nenhum valor o fato de os Pathak serem considerados (entre as famílias indianas) um tanto "ocidentalizados". Sri R. P. Pathak asseverou-nos que não tinha a menor convicção na reencarnação antes da visita de Swarnlata, e que mudara inteiramente seu modo de pensar.

SÚMULA DAS DECLARAÇÕES E RECONHECIMENTOS FEITOS POR

SWARNLATA			
Item	**Informantes**	**Verificação**	**Comentários**
1. Ela pertencia a uma família de Katni, chamada Pathak.	M. L. Mishra, pai de Swarnlata	Rajendra Prasad Pathak, irmão de Biya	Na família Pathak de Katni, havia uma pessoa chamada Biya, que morrera em 1939.
2. Tinha dois filhos, Krishna Datta e Shiva Datta.	M. L. Mishra	Murli Pandey, filho de Biya	Biya tinha dois filhos chamados Murli e Naresh. Quase uma falha, possivelmente devida a associação de idéias. Muri é um apelido para Krishna, mais ou menos como Peggy é um apelido para Margaret. Krishna Datta era o nome do cunhado de Biya que morrera menos de um mês depois do nascimento de Muri. O sogro de Biya chamava-se Shankara Datta, que é um outro nome usado em lugar de Shiva Datta. Posteriormente Swarnlata recordou-se dos nomes corretamente. Vide adiante notas sobre o reconhecimento desses filhos.
3. Seu nome fôra Kamlesh.	M. L. Mishra	Incorreto	Swarnlata parecia estar confundindo lembranças diferentes. Posteriormente essas lembranças se separaram e ela disse chamar-se Kamlesh, numa vida que tivera em Sylhet, Bengala (atualmente Paquistão Oriental).
4. Seu nome fôra Biya.	Krishna Chandra, irmão de Swarnlata	Rajendra Prasad Pathak	
5. O chefe da família era Sri Hira Lal Pathak.	M. L. Mishra	Incorreto	O pai de Biya era Sri Chhikori Lal Pathak; seu irmão mais velho e chefe da família era Sri Hari Prasad Pathak. O nome dado por Swarnlata parece originar-se de uma fusão dos nomes do pai e do irmão de Biya.
6. A casa dos Pathak era branca.	M. L. Mishra	A casa e imediações foram examinadas por mim. Os itens 6 a 14 foram também verificados por	

		Rajendra Prasad Pathak. Swarnlata acertou em todos esses itens.	
7. A casa tinha quatro cômodos estucados, porém as outras dependências eram menos bem acabadas.	M. L. Mishra	Igual ao item 6.	Desde a morte de Biya a casa havia sido consideravelmente ampliada e melhorada. Essa informação estava de acordo com o aspecto da casa como ela era quando Biya ainda estava viva, dezoito anos antes.
8. As portas eram pretas.	M. L. Mishra	Igual ao item 6.	
9. As portas eram guarnecidas por grades de ferro.	M. L. Mishra	Igual ao item 6.	
10. O piso da entrada da casa era de ladrilhos de pedra.	M. L. Mishra	Igual ao item 6.	
11. A família possuía um automóvel.	M. L. Mishra	Igual ao item 6.	Um raro patrimônio na Índia atual, quanto mais por volta de 1930.
12. Havia uma escola para meninas atrás da casa.	M. L. Mishra	Igual ao item 6.	A escola situa-se a cerca de cem jardas detrás da propriedade. Não é visível da rua em que se localizava a casa dos Pathak.
13. Da casa avista-se uma linha férrea.	M. L. Mishra	Igual ao item 6.	Do outro lado da rua, em frente a propriedade.
14. Caieiras podem ser vistas da casa.	M. L. Mishra	Igual ao item 6.	As caieiras encontram-se no terreno vizinho à propriedade. A descrição e localização da casa fornecida por Swarnlata (itens 6, 13 e 14) possibilitaram a Sri H. N. Banerjee encontrá-la sem auxílio de quem quer que fosse, quando esteve em Katni, em março de 1959.
15. Sua família morava em Zhurkutia Mohalla.	M. L. Mishra	M. L. Mishra Murli Pandey	"Mohalla" significa bairro de uma cidade. O bairro em que se localizava a casa dos Pathak era anteriormente conhecido como Zharratikuria, Portanto, Swarnlata enganou-se ligeiramente quanto ao nome. O depoimento de Sri Murli Pandey foi obtido pelo Professor P.

			Pal.
16. Tivera dor de garganta e morrera de moléstia da garganta.	M. L. Mishra	Rajendra Prasad Pathak	Biya tivera uma afecção da garganta de que fora tratada. Morreu alguns meses mais tarde de moléstia cardíaca, e Swarnlata enganou-se, portanto, a respeito desse detalhe. A aparente lembrança, em muitos casos de reencarnação, abrange detalhes dos últimos dias ou meses da vida da personalidade anterior. Os casos de Ravi Shankar, Parmod e Sukla ilustram igualmente essa propensão.
17. O Dr. S. C. Bhabrat, de Napiertown, Jabalpur a havia tratado.	M. L. Mishra	Murli Pandey deu o nome do médico que tratou de Biya como sendo S. E. Barat. Ele acompanhara sua mãe ao médico em Jabalpur.	A discrepância no nome do médico pode ser atribuída a um erro na minha transcrição dos nomes falados ou a uma deficiência de memória por parte de Swarnlata ou de Sri Mishra.
18. Biya fora certa vez a um casamento na aldeia de Tilora, em companhia de Srimati Agnihotri e tiveram dificuldade em localizar uma privada.	M. L. Mishra Krishna Chandra		Sri M.L. Mishra e seu filho foram testemunhas secundárias desse item. Swarnlata relembrou esse episódio a Srimati Agnihotri. Esta falou a Srimati Mishra acerca dessa declaração de Swarnlata e da sua exatidão. Srimati Mishra relatou-a então a seu marido. Swarnlata falou também a Krishna Chandra sobre o episódio.
19. Reconhecimento de Sri Hari Prasad Phatak, irmão de Biya.	M. L. Mishra Hari Prasad Pathak, irmão de Biya.		Sri Hari Prasad Pathak chegou sem se anunciar à casa dos Mishra, em Chhatarpur. Não se apresentou a Sri Mishra. A principio Swarnlata chamou-o de Hira Lal Pathak, mas re-conheceu-o como seu irmão mais novo. Em seguida chamou-o corretamente de "Babu", nome pelo qual Biya o conhecera.
20. Reconhecimento de Sri Chintamini Pandey, marido de Biya.	Murli Pandey M. L. Mishra		Sri Chintamini Pandey e seu filho Murli chegaram a Chhatarpur,

			ocultando sua identidade às pessoas desta cidade. Organizou-se uma reunião na qual Swarnlata foi solicitada a identificar as pessoas presentes. Os dois visitantes anônimos encontravam-se presentes com nove outrus homens de Chhatarpur, alguns conhecidos de Swarnlata e outros estranhos a ela. Quando se aproximou de Sri Chintamini Pandey, declarou tê-lo conhecido em Katni e Maliar e mostrou-se tímida, como o fazem as esposas hindus na presença de seus maridos. Reconheceu igualmente Sri Chintamini Pandey em fotografia de um grupo de nove pessoas, tirada quarenta anos antes.
21. Reconhecimento de Sri Murli Pandey, filho de Biya.	Murli Pandey M. L. Mishra		Mesmas condições do item 17, exceto em que Murli tentou enganar Swarnlata, insistindo durante quase vinte e quatro horas contrariamente às objeções dela, em que ele não era Murli mas outra pessoa.
22. Não reconhecimento de um estranho, desconhecido de Biya.	Murli Pandey		Mesmas condições dos Itens 20-21. Muril trouxera consigo um amigo mais ou menos da mesma idade de seu irmão Naresh. Tentou sem obter êxito, persuadir Swarnlata de que esse amigo era Naresh, filho de Biya.
23. Sri Chintamini Pandey retirara 1200 rúpias de um cofre em que Biya guardava dinheiro.	Murli Pandey	Murli Pandey	Relatado por Swarnlata a Sri Chintamini Pandey, que posteriormente contou a seu filho, afirmando ainda que ninguém, exceto Biya (sua esposa) e ele próprio, sabiam que ele havia tirado esse dinheiro.

			Houve uma discordância de 200 rúpias entre a importância lembrada por Swarnlata como sendo a retirada e a que o marido de Biya reconheceu ter retirado. Sri Murli Pandey foi testemunha secundária desse item.
24. Reconhecimento de Sri Rajendra Prasad Pathak, irmão de Biya.	Rajendra Prasad Pathak		Corretamente designado por Swarnlata, como segundo irmão.
25. Reconhecimento de Sri Vishwambar Prasad Pathak, irmão de Biya.	Rajendra Prasad Pathak		Corretamente designado por Swarnlata como terceiro irmão.
26. Reconhecimento de Sri Brij Kishore Pathak, irmão de Biya.	Rajendra Prasad Pathak Brij Kishore Pathak, irmão de Byia		Corretamente designado por Swarnlata como irmão mais moço.
27. Reconhecimento da esposa de Sri Rajendra Prasad Pathak.	Esposa de Rajendra Prasad Pathak		Corretamente designado por Swarnlata como esposa do irmão mais moço.
28. Reconhecimento de uma criada da família.	Rajendra Prasad Pathak Krishna Chandra		O reconhecimento foi manifestado quando Swarnlata disse: "Ela é minha criada".
29. Reconhecimento de um vaqueiro da família.	Brij Kishore Pathak Krishna Chandra		Apresentado a Swarnlata como um teste de reconhecimento especialmente difícil, Sri Brij Kishore Pathak tentou também persuadir Swarnlata, que o vaqueiro havia morrido, sem obter êxito. Swarnlata comentou, além do mais, o fato de ele estar usando óculos, o que não acontecia quando Biya era viva
30. Reconhecimento de Sri B. J. Chaturvedi, amigo da família Pathak.	M. L. Mishra Krishna Chandra		.
31. Reconhecimento da esposa de Sri Chaturvedi.	Rajendra Prasad Pathak		Swarnlata chamou-a por um apelido familiar apropriado: "Bhoujai".
32. Indaga de um pé de margosa existente anteriormente no pátio da casa.	Rajendra Prasad Pathak	Rajendra Prasad Pathak	Havia um pé de margosa no pátio, mas, alguns meses antes da visita de Swarnlata ele havia sido abatido por uma tempestade, e removido.

33. Pergunta por uma balaustrada na parte traseira da casa.	Rajendra Prasad Pathak	Rajendra Prasad Pathak	Essa balaustrada havia sido retirada depois da morte de Biya.
34. Não aceitação da informação de que Biya tivesse perdido os dentes e declaração de que tinha obturações de ouro nos dentes da frente.	Rajendra Prasad Pathak M. L. Mishra	Rajendra Prasad Pathak	Sri M. L. Mishra informou que Sri Brij Kishore tentou enganar Swarnlata afirmando-lhe (falsamente) que Biya havia perdido os dentes. Swarnlata negou tal afirmação insistindo em que tivera obturações de ouro em seus dentes da frente. Os irmãos Pathak não se lembravam disso e inquiriram suas esposas, que comprovaram a afirmação de Swarnlata como verdadeira em relação a Biya. Sri M. L. Mishra foi testemunha secundária deste item.
35. Reconhecimento de um vendedor de bétele.	S. L. Koul		Este homem foi escolhido dentre um grupo de pessoas e foi identificado por Swarnlata pela sua ocupação.
36. O pai de Biya usava turbante.		M. L. Mishra. (não verificado independentemente pela família Pathak).	Sri Chhikori Lal Pathak usava turbante, ornato não muito comum naquela região da Índia. Mostraram a Swarnlata um gorro e um chapéu e lhe perguntaram qual dos dois seu pai costumava usar. Ela respondeu que nenhum deles, mas sim um turbante.
37. Reconhecimento de "bara" como o doce predileto de Biya.	Rajendra Prasad Pathak	Rajendra Prasad Pathak	Esse alimente era desconhecido dos Mishra. A própria Swarnlata jamais o provara, mas quando em Katni lho deram, ela comentou: "Eu costumava comer isso na minha vida anterior".
38. Reconhecimento da irmã do marido de Biya.	Murli Pandey Bindi, irmã do marido de Byia.		Sri Murli Pandey foi testemunha secundária. Srimati Bindi declarou ter sido reconhecida instantaneamente por Swarnlata. Ao entrar esta na cozinha Brimati Bindi perguntou: "Você

			me conhece?" Ao que ela respondeu com acerto: "Você é a irmã de meu marido".
39. Biya tinha outra cunhada que havia morrido antes dela.	Murli Pandey	Murli Pandey	Sri Murli Pandey foi testemunha secundária dessa afirmação.
40. Reconhecimento do quarto de Biya, na casa, de Maihar.	Murli Pandey		
41. Reconhecimento da estrada para o rio em que se banhava, em Maihar.	Murli Pandey		
42. Reconhecimento de Sri Kendarnath Pandey, primo de Sri Chintamini Pandey.	Murli Pandey		Corretamente identificado como tio de Sri Murli Pandey, num grupo de cerca de quarenta pessoas. Os itens 42/44 ocorreram quando pediram a Swarnlata que circundasse um grupo de pessoas sentadas em uma sala e as identificasse, uma por uma.
43. Reconhecimento de outra cunhada de Biya.	Murli Pandey		Reconhecimento como "irmã". Essa pessoa era esposa do cunhado de Biya.
44. Reconhecimento da parteira.	Murli Pandey Krishna Chandra		Identificada também como a mãe de um homem que morrera havia muitos anos, Swarnlata disse-lhe o nome. Nessa época a parteira era conhecida por outro nome, mas era conhecida anteriormente em conexão com o falecido filho, conforme Swarnlata a ela se referiu.
45. Reconhecimento de dependências da casa de Tilora.	Murli Pandey		Swarnlata identificou o quarto em que Biya morrera.
46. Reconhecimento da ausência de varanda na casa de Tilora.	Murli Pandey		A varanda tinha sido demolida depois que Biya morrera.
47. Reconhecimento de Sri M. K. Pathak, filho de Sri Rajendra Prasad Pathak.	M. K. Pathak		Ao entrarem em sua casa, em Jabalpur, Sri R.P. Pathak apontando seu filho perguntou: "Quem é este?". Ela imediatamente respondeu: "Baboo" que é o apelido pelo qual Sri M. K. Pathak é

			chamado em família.
48. Reconhecimento da esposa de Sri Hari Prasad Pathak.	M. K. Pathak Esposa de Sri Hari Prasad Pathak.		Swarnlata reconheceu-a como "esposa do irmão".
49. Reconhecimento de Naresh, outro fillho de Biya.	Murli Pandey		Sri Murli Pandey tentou novamente ludibriar Swarnlata dizendo que Naresh era outra pessoa chamada Bhola. Swarnlata insistiu em que ele era Naresh.

Swarnlata modifica seu comportamento com os filhos de Biya, de conformidade com as pessoas presentes. Se os pais ou pessoas mais idosas da sua atual família encontram-se por perto, ela se mostra reservada. Mas Sri Murli Pandey esclareceu que se Swarnlata está a sós com ele ou com seus irmãos, fica mais à vontade e os trata familiarmente, como o faria uma mãe. Ele tinha treze anos de idade quando Biya faleceu, e trinta e cinco em 1961. Contudo, não achava tal comportamento inadequado, porque ele também acreditava que sua mãe tivesse reencarnado. Sri Murli Pandey igualmente não cria na reencarnação, antes de conhecer e observar Swarnlata.

Swarnlata denotava forte emoção, chorando, quando se encontrava com membros da família Pathak ou quando deles se despedia. Chegava mesmo a ficar tristonha e lacrimosa quando pensava em Katni, e quando em 1961 falou-me sobre sua vida anterior, seus olhos se encheram de lágrimas. Quando ficava a sós, recordava-se às vezes da existência em Katni. De vez em quando ansiava voltar para lá e isso a tornava tristonha. De modo geral, contudo, sentia grande devotamento pela família Míshra, e sua devoção parecia menos fragmentária do que o foi a de outros, como por exemplo, Prakash e Jasbir. De acordo com seu irmão mais velho, Krishna Chandra, em 1961 Swarnlata falava menos espontaneamente sobre sua encarnação antecedente do que costumava fazer. Mas suas impressões sobre a vida de Biya não pareciam apagar-se como as imagens semelhantes da maioria das crianças desse tipo. Uma razão plausível disso talvez resida na completa tolerância e aceitação de suas experiências por parte dos membros da sua atual família. Os pais de Swarnlata a princípio protelaram toda tentativa de verificação e não acharam de nenhum proveito a publicidade em que se viram envolvidos. Mas consideram uma bênção terem uma filha inteligente, devotada e afetuosa e, contrariamente à família de algumas das outras crianças, nada fizeram para reprimir suas declarações ou sua participação na amizade dos Pathak, quando se apresentava a oportunidade.

Comentários Sobre a Evidência de Conhecimento Paranormal por Parte de Swarnlata.

Como já foi dito, há uma ligeira possibilidade de que Swarnlata e os Mishra tivessem tido conhecimento de alguns poucos fatos assimilados, inconscientemente, acerca da família Pathak, em Katni. Os Pathak, de Katni (com parentes e uma filial de seu negócio em Jabalpur), são muito conhecidos na região. Algumas informações de domínio público sobre eles poderiam ser facilmente conseguidas. Não há evidência alguma de que Swarnlata ou sua família tenham obtido algum conhecimento de tal ordem, porém não podemos excluir essa possibilidade. A solidez de explicações paranormais parece assentar então, a) no conhecimento que Swarnlata possuía de detalhes sobre a família e

a casa, os quais não eram conhecidos do público, como o fato de Biya ter obturações de ouro nos dentes da frente, detalhe que mesmo os irmãos de Biya haviam esquecido; b) seu reconhecimento de membros das famílias Pathak e Pandey; e c) seu conhecimento das anteriores (em contraste com as atuais) aparências de lugares e pessoas. Se enumerarmos os reconhecimentos testemunhados que fez, de pessoas apenas (não de lugares), estes somarão um total de vinte. Se dermos crédito às testemunhas que foram cuidadosamente inquiridas, a maioria desses reconhecimentos ocorreu de modo tal que Swarnlata foi obrigada a mencionar um nome ou declinar o relacionamento entre Biya e a pessoa em questão. Não era um caso de "Sou seu filho?" mas de "Diga-me quem eu sou." E, em várias ocasiões, sérias tentativas foram feitas no sentido de enganá-la ou de negar que ela tivesse dado a resposta correta. E seus reconhecimentos eram geralmente imediatos.

Ajuizando várias possibilidades, podemos considerar primeiramente a de que houvesse uma ampla conspiração entre todas as testemunhas, especialmente os Mishra, Pathak e Pandey. Mas, uma família de destaque, com vastos interesses comerciais tais como os têm os Pathak, não iria tomar parte em um embuste em que deveria envolver-se um grande número de testemunhas falsas, qualquer das quais poderia recuar posteriormente. Se neste caso houver ocorrido uma burla, esta deverá ter partido do lado de Chhatarpur. E minuciosas indagações acerca do caráter de Sri M. L. Mishra, feitas entre pessoas que o conheceram em Chhatarpur, não dão margem a qualquer suspeita de que ele tenha perpetrado uma farsa. De acordo com o seu próprio depoimento, ele, por muito tempo, duvidou da autenticidade ou veracidade das afirmações de sua filha e, por mais de seis anos, não tomou nenhuma iniciativa no sentido de verificá-las. Quando Sri Banerjee visitou o local do caso, em 1959, mostrou desejo de observar pessoalmente algum reconhecimento da família Pathak, por parte de Swarnlata. Ficou, portanto, desapontado quando as duas famílias se encontraram sem notificá-lo para que estivesse presente. Em carta a mim dirigida em 6 de agosto de 1962, Sri Mishra declarou que não queria que Sri Banerjee estivesse presente, porque temia que Swarnlata não conseguisse efetuar os reconhecimentos e que isso o embaraçaria publicamente. Pode-se supor que, se ele objetivasse para si algum proveito oriundo de fraude, teria desejado utilizar testemunhas independentes para conferir apoio e fama ao caso.

Mas, mesmo presumindo uma tentativa de fraude, teríamos em seguida que indagar se alguém poderia ter industriado Swarnlata para tais reconhecimentos. Não podemos afirmar que isso não tenha sucedido, mas ninguém poderia imaginar que isso pudesse ser feito fácil e prontamente. Em seguida teríamos que perguntar quem aplicaria seu tempo em fazê-lo. Sri M. L. Mishra, afora Swarnlata, é o único membro da família que recebeu alguma atenção pública, nem sempre favorável, conforme declarou, no caso de Swarnlata. Se ele tivesse engendrado uma farsa, teria envolvido seus dois filhos mais velhos, bem como Swarnlata, e corrido o risco de defecção destes. Teríamos que indagar também, nessa hipótese, de onde Sri Mishra poderia ter obtido algumas das informações estritamente pessoais que Swarnlata possuía sobre os negócios privados dos Pathak, como a retirada das 1.200 rúpias pelo marido de Biya ou o incidente ocorrido com Srimati Agnihotri, na festa de casamento.

Alguém poderá perguntar se Swarnlata poderia ter sido industriada por algum estranho que conhecesse Katni e os Pathak. Mas, quem teria sido, e, o que é ainda mais importante, como teria conseguido aproximar-se de Swarnlata? Como todas as crianças na Índia, particularmente as meninas, os passos de Swarnlata eram cuidadosamente

vigiados por sua família. Ela nunca saía à rua desacompanhada e jamais esteve a sós com estranhos em sua casa. Qual teria sido o local de encontro para as confabulações secretas sobre os Pathak? Esta suposição também cai, por absurda.

As Canções e Danças de Swarnlata

Como já mencionado, Swarnlata executou danças não familiares e contou canções numa língua incompreensível a seus pais. Tinha entre cinco e seis anos quando demonstrou-as pela primeira vez e assim não o fez até mais que um ano depois que ela primeiramente falou sobre a vida prévia vivida em Katni, o que ela fez quando tinha cerca de três e meio[22].

Swarnlata sempre realizou as canções e danças juntas, nunca uma sem a outra. Era como se tivesse aprendido-as juntas e não podia (ou não queria) separar uma da outra. Professor P. Pal compartilhava desta impressão porque numa visita que fez a Swarnlata e a sua família em 1963 observou "que ela tinha dificuldade em relembrar as palavras das canções sem dançar." Ela preservou a capacidade de executar estas canções e danças até 1971 quando graciosamente consentiu em realizá-las para mim. Apesar de incapaz de compreender a língua das canções, fiquei muito impressionado por sua voz e a destreza de sua dança. Seu pai, que observou esta performance comigo, disse que era invariavelmente a mesma e que Swarnlata não tinha esquecido nada do que ela tinha anteriormente realizado muitos anos antes. Professor Pal era um observador mais importante destes aspectos da execução e escreveu-me que "os tons pareciam estar corretos e a sposturas apropriadas e atrativas." Swarnlata repetiu sua performance para ele três vezes então ele pôde transcrever as canções.

Professor Pal, que é antivo de Bengal, identificou as canções como Bengali e ao retornar a seu lar em West Bengal soube que duas delas derivaram de poemas por Rabindranath Tagore. A terceira canção, também definitivamente Bengali, era de algum poeta menor a quem Professor pal não pôde identificar.

Os poemas de Tagore eram "Poush Toder Dak Diyecche", e "Ore Grihabasi, Khol Duar Khol." Professor Pal depois visitou o Visva-Bharati, uma instituição (em Santiniketan, West Bengal) fundada por Tagore, onde ele assistiu uma performance de uma das canções do repertório de Swarnlata. Esta era uma canção da primavera, a segunda das duas cujos títulos eu dei. Notou que a música desta performance era "bem a mesma" quanto a da interpretação de Swarnlata da mesma canção. A outra canção identificada de Swarnlata era uma canção da colheita por Tagore.

O texto das canções de Swarnlata, quando comparados com as palavras originais dos dois poemas de Tagore, mostram uma íntima similaridade, mas com algumas variações. A seguir darei as transcrições das canções feitas pelo Professor Pal juntas com (para as duas canções de Tagore) a versão original dos poemas e uma tradução em inglês em prosa fornecida pelo Professor Pal.

Uma Canção da Colheita

[22] As estimativas do pai de Swarnlata, Sri M. L. Mishra, sobre sua idade quando ela realizou as canções e danças pela primeira vez variaram. Numa declaração escrito perto da época do evento, por volta de 1961, disse que ela tinha sete anos à espoca. Mas isto ainda estaria dentro do período quando a família viveu em Nowgong e antes de se mudarem a Chhatarpur.

Poema Original de Tagore	*Como Cantado por Swarnlata*
Poush Toder Dak Diyechhe, Ai Re Chale Ay Ay Ay Dala Je Tar Bharechhe Aj Paka Fasale, Mari Hay Hay Hay Haowar Nesay Uthla Mete Dik Badhura Dhaner Khete Roder Sona Chhariye Pare Matir Anchale, Mari Hay Hay Hay Mather Bansi Shune Shune Akas Khusi Holo Gharete Aj Ke Rabe Go, Kholo Duar Kholo Alor Hansi Uthlo Jege Dhaner Sishe Sisir Lege Dharar Khusi Dhare Na Go, Ai Je Uthale Mari Hay Hay Hay	Posheta Dak Diyechhe Ayre Chute Ay Ay Ay Dala Ji Aj Bharachhi Tay Paka Fasale Ki Mari Hay hay hay Mathe Bansi Shune Shune Akas Kesi Holo Gharethe Ma Ke Elo Balo Kholo Kholo Duar Kholo Kholo Duar Kholo Haoyer Nishay Uth Na Mithel Dekhbo Mora Dhaner Shishe Roda Sona Chhariya Pare Ajio Chhale Ki Mari Hay Hay hay

Tradução para o inglês:

Poush[23] calls you. Come away, Come, Come, Come. Her basket is overflowing with ripe grains. Oh, Oh, Oh, The fairies are reveling in the paddy fields intoxicated with the wintry breeze. The golden sunbeams have spread over the skirt of the earth. Look how beautiful it is.

The sky is delighted hearing the notes of the field flutes. Who would stay indoors today? Unbolt your door. The smile of the sunbeams is kindled in the dew drops on the sheafs of paddy. The earth is overflowing with joy. Oh, Oh, Oh.

[Poush chama-te. Volte, Vem, Vem, Vem. Sua cesta inunda com grãos maduros. Oh, Oh, Oh, As fadas diverem-se ruidosamente nos campos de arroz intoxicados com a brisa fria. Os raios de sol dourados se espalharam sobre a saia da terra. Olhe quão belo é.

O céu é encantado ouvindo as notas das caneluras do campo. Quem permaneceria dentro de casa hoje? Desaferrolhe sua porta. O sorriso dos raios de sol é acendido nas gotas de orvalho nos maços do arrozal. A terra inunda com alegria. Oh, Oh, Oh.]

Uma Canção da Primavera	
Poema Original por Tagore	*Como Cantado por Swarnlata*

[23] Poush é o décimo mês do calendário Hindu. Começa aproximadamente na época do mês de dezembro no calendário ocidental. Esta é a estação para colher arroz em Bengal.

Ore Grihabasi Khol Duar Khol, Laglo Je Dol Sthale Jale Banatale Laglo Je Dol Duar Khol, Duar Khol Ranga Hasi Rasi Rasi Asoke Palashe Ranga Nesha Meghe Mesha Provat Akashey Nabin Patay Lage Ranga Hillol Duar Khol, Duar Khol Benubon Marmare Dole Ghase Ghase Mou Machi Fire Yachi Fuler Dakhina Pakhay Bajay Tar Bhikharir Bina, Madhabi Bitane Bayu Gandhey Bivol Duar Khol, Duar Khol	Ore Giobasi, Khol Duar Khol Laglo Je Dolna Thale Jale Banatale Laglo Je Dolna Ranga Hasi Hasi Rasi Ansuki Palashi Ranga Menga Menga Mesa Poese Akasi Nabin Patay Lagi Nabin Patay Lagi Bande Bi Dullal Khul Duar Khul Ore Giobasi Laglo Je Dolna.

Tradução para o inglês:

Oh you house dweller – open the doors of yours houses. The spring breeze is rocking lands, waters, and the forests. Open out your doors! Open out your doors! Bunches of red flowers of Ashoka and Palash trees are like smiles on red lips. There is a red tinge of intoxication in the fazes of clouds in the morning sky. There is a reddish wave of joy in the new foliage. Open out your doors! Open out your doors! The Tall grasses are waving to the tune of the murmur of bamboo groves. The bees solicit favor from the flowers. The murmur of their wings is like the tune of the beggar's fiddle. In the Madhabi Creeper grove the breeze is overwhelmed with fragrance. Open your doors! Open out your doors!

[Oh morador de casa – abram as portas das suas casas . A brisa da primavera remexe terras, águas, e as florestas. Abram suas portas! Abram suas portas! Os punhados de flores vermelhas de Ashoka e árvores de Palash são como sorrisos em lábios vermelhos. Há um matiz vermelho de intoxicação no agitar de nuvens no céu de manhã. Há uma onda avermelhada de alegria na nova folhagem. Abram suas portas! Abram suas portas! As gramas altas ondeiam ao tom do murmúrio dos bosques de bambu. As abelhas solicitam a permissão das flores. O murmúrio das suas asas é como o tom do violino do mendigo. No bosque de trepadeiras de Madhabi a brisa é oprimida com fragrância. Abram suas portas! Abram suas portas!]

Outra Canção da Primavera (Fonte Não Identificada)
Como Cantada por Swarnlata
Bhomra Ay Ayre Mahua Boné Jhumur Jhumur Neche Pakha Pakha Ay Apni Mone Bhomra Ay Ayre Mahua Boné, Fuler Savay Laglo Pireet

Sudur Bona Benu Baje Ki Reet Bana Pari Hay Nupur Bajay Apsu Makha Ai Ankher Kone

Tradução para o inglês:

Come thou black bee to the Mahua forest, thy dancing wings emitting a jingling sound. Come thou of thine own accord to the Mahua forest. There is love in the gathering of flowers. How sweet the bamboo whistles in the distant forest. The forest fairy jingles the bells tied to her feet with eyes moistened with tears.

[Venha tu abelha negra à floresta de Mahua, dançar vossas asas emitindo um tinindo som. Venha tu de tua própria vontade à floresta de Mahua. Há amor na reunião de flores. Como doce o bambu assobia na floresta distante. A fada da floresta tine os sinos amarrados aos seus pés com os olhos umedecidos com lágrimas].

Concernente às variações de Swarnlata do poema original de Tagore, professor pal fez o seguinte comentário em seu relatório:

Algumas palavras estão turvadas, modificadas, ou mudadas por Swarnlata, embora o som, métrica, e tom sejam mantidos claramente íntegros, assim como aconteceria a alguém que não entende o inglês, mas aprende uma canção inglesa cantada por um cantor inglês por seu canto. O cantor original também pode ter se desviado da canção original em partes como é algumas vezes feito por cantores.

Professor Pal também observou que as danças de Swarnlata acompanhando a canção da primavera eram do estilo Santiniketan o qual ele próprio observou durante sua visita a Visva-Bharati. Isto liquida a possível objeção que Swarnlata aprendeu as canções por ouvi-las sozinha e então aplicou-as *ad hoc* a seu cantar delas as danças que elas compôs mas que de fato não se ajustariam apropriadamente às canções.

Swarnlata disse que aprendeu as canções e danças de um amigo, Madhu, durante a vida prévia que lembrou vivendo como Kamlesh em Sylhet. Devo lembrar aos leitores aqui que nenhuma de suas afirmações sobre a vida em Sylhet foi verificada. Seu registro da vida, entretanto, contém numerosas características plausíveis, p.ex., detalhes acurados da geografia. Sua alegação com relação às oportunidades de aprender e falar Bengali em Sylhet é bastante razoável. Apesar de Sylhet ser próxima de Assam, o povo da região fala Bengali predominantemente. (Os nomes dados por Swarnlata entre entre as memórias daquela vida, p. ex., Kamlesh, são incomuns para uma família Bengali, mas ainda que a família prévia tivesse outra origem seu membros bem podem ter tido amigos Bengali e serem capazes de falar Bengali). Mais importante, Professor Pal soube que antes da divisão da Índia algumas das crianças de famílias abastadas em Sylhet tinham estudado no Visva-Bharati em Santiniketan, West Bengal. Um Festival anual da Primavera é mantido todo o ano e sobre nesta ocasião a canção da primavera de Tagore (uma daquelas executadas por Swarnlata) é invariavelmente realizada com danças por um grupo de garotas. É, portanto, de todo razoável supor que Kamlesh, a personalidade prévia a quem Swarnlata se referiu, aprendeu essas canções de Tagore em Bengali de um amigo que aprendeu-as no próprio Visva-Bharati ou possivelmente em outra parte.

Chegamos agora à questão de se Swarnlata poderia ter aprendido estas canções e danças normalmente antes da idade de (cerca) cinco anos quando as realizou pela primeira vez. Através de correspondência com membros da equipe de Visva-Bharati, que detinha o

copyright para as canções de Tagore, soube alguma coisa sobre a disponibilidade delas para o público geral. Esta instituição tinha dado permissão para o uso das canções em filmes, no rádio, e em discos fonográficos. Da *Gramophone Company of India* soube que uma das canções foi liberada num disco em 1940 e a outra em 1947, apesar deste segundo disco ter sido cancelado em 1949. Seria bem supor que as canções poderiam estar disponíveis em filmes, no rádio, e em discos fonográficos na Índia durante o período da infância de Swarnlata e início da meninice. Ela nasceu em março de 1948 e executou as danças pela primeira vez um tanto antes ou por volta de seu sexto aniversário, digamos março de 1954.

Como expliquei acima, durante os primeiros vários anos da vida de Swarnlata ela e a sua família viveram em Shahpur (Distrito de Tikamgarh) onde nasceu. Eles então se mudaram para uma cidade chamada Panna, onde permaneceram por cerca de dois anos e então para outra cidade chamada Nowgong, no Distrito de Chhatarpur. Todos estes locais estão em Madhya Pradesh, um estado falante de Hindi do norte central da Índia. Quando M. L. Mishra ficou alocado em serviço do governo em Panna, Swarnlata viveu com ele lá somente um curto período. O resto dos dois anos em que esteve em Panna Swarnlata passou com sua mãe vivendo em Shahpur com os pais de Sri Mishra. A família estava vivendo em Nowgong quando Swarnlata realizou pela primeira vez as canções e danças. Permaneceram em Nowgong por cerca de outros cinco anos e então se mudaram a Chhatarpur quando Swarnlata tinha aproximadamente dez anos. (Encontrei-os, tanto em 1961 quanto em 1971, em Chhatarpur). Durante todos estes anos Swarnlata estava com um ou ambos os seus pais exceto no período de uns poucos meses quando viveu com seus avós maternos em jabalpur, também em Madhya Pradesh. Estava então com cerca de três anos e meio.

Os Mishra não possuíam fonógrafo ou rádio até Swarnlata ter cerca de oito anos, isto é, até cerca de três anos depois de sua primeira performance das canções e danças. (Então eles adquiriram um rádio mas ainda não tinham fonógrafo). Ela nunca esteve num cinema tanto quanto o Sri M. L. Mishra sabia, até depois dela ter realizado pela primeira vez as danças. Ele foi bem afirmativo que nem ele nem sua esposa a lavaram a um. (De fato naqueles dias não havia um cinema em Shahpur, Nowgong ou Panna). Ele não podia afirmar com total certeza que os avós maternais dela não a tivessem levado a um durante os poucos meses que passou com eles em Jabalpur, apesar dele achar improvável. Isto teria ocorrido, se ocorreu, cerca de um ano ou mais antes de Swarnlata ter realizado as canções e danças pela primeira vez diante de sua família. Mas mesmo se os avós de Swarnlata a tivessem levado a um cinema em Jabalpur, é improvável que tivessem ido ver um filme Bengali. Estes somente raramente são mostrados em regiões de fala Hindi da Índia pela razão óbvia que a massa de pessoas que falam Hindi não poderia acompanhar a língua nos filmes. E canções Bengali, tais como aquelas de Tagore, somente seriam inclusas em filmes Bengali.

Resta a possibilidade que Swarnlata talvez tivesse aprendido as canções e danças Bengali de algumas pessoas falantes de Bengali que fossem talvez amigas da família. Havia alguns poucos Bengali vivendo nas regiões de Panna e Nowgong, mas nenhum dos amigos da família Mishra antes da época da primeira performance de Swarnlata das suas canções e músicas. É inimaginável, dadas as circunstâncias da vida indiana, que Swarnlata pudesse de algum modo ido à casa das pessoas de fala Bengali e aprendesse as canções e danças lá sem suas visitas sendo conhecidas a seus pais.

Que os próprios pais de Swarnlata tinham um escasso conhecimento de Bengali é atestado pelo fato até o fim de 1963 ainda pensavam que suas canções estivessem talvez em Assamese, uma inferência que fizeram do fato que Sylhet, onde Swarnlata disse que aprendeu as canções, está na Bangladesh do norte, e estava em Assam. (Existem falantes de Assamese na região, mas Assamese é uma língua distinta de Bengali, apesar de relacionada). De início um falante da Bengali que eles conheceram em Chhatarpur disse que a língua das canções era "Bengali impuro". E um falante de Bengali em Nowgong identificou a língua como Bengali. Apesar disto, persistiram no pensamento que a língua das canções de Swarnlata estava cantando fosse talvez Assamese.

Fatores adicionais tornam improvável, se não impossível, que Swarnlata apresse as canções e danças normalmente. Primeiro, as discrepâncias entre suas canções e os poemas originais de Tagore provavelmente não teriam ocorrido caso ela tivesse aprendido as canções diretamente em contato com eles. As discrepâncias fazem mais sentido se aceitarmos o registro de Swarnlata que Kamlesh, a personalidade prévia cuja vida ela alegou lembrar, tivesse aprendido-os de uma amiga (Madhu) a quem a ela própria presumivelmente foi dada intrução adequada talvez no Visva-Bharati. Distorções podem assim ter ocorrido ou na transmissão da amiga a Kamlesh ou na transferência de memórias de Kamlesh a Swarnlata, como quer que tenham ocorrido.

Segundo, as canções e danças são habilidades e habilidades só podem ser adquiridas por prática[24]. Não acredito que Swarnlata poderia ter adquirido seu conhecimento destas canções e danças por meramente observa-las passivamente enquanto realizada por outros, seja em filmes, ou no rádio ou discos. (Estou aqui assumindo que apesar de toda a evidência em contrário, ela de algum modo tenha conseguido observar as execuções das canções e danças antes dela mesma te-las realizado.) Ela própria deve ter paraticado as canções e danças antes de ter conseguido a habilidade para executá-las a sua família. Ao considerar sua performance como a expressão de uma habilidade, estou me referindo tanto às memórias que mostrou das canções e dançasquanto ao fato das canções serem em Bengali. Hindi e Bengali são ambas línguas indo-européias do sâncristo original. Estão tão separados como digamos o sueco e norueguês e, ao menos até certo ponto, mutuamente inteligível a oradores educados. O ponto principal das canções serem em Bengali portanto é que parece improvável que Swarnlata poderia tê-las ouvido executadas por músicos vivos na região da Índia onde viveu já que eram bem poucos os falantes de Bengali lá e nenhum tendo laços de amizade com seus pais.

Minha própra conclusão é que as canções e danças de Swarnlata pertencem a componentes paranormais do caso e estão entre as mais fortes características.

Devo adicionar que Swarnlata exibiu nestas canções somente xenoglossia recitativa. Professor Pal falou Bengali com ela num esforço de testar sua compreensão da língua, mas descobriu que não podia compreende-la. Ela não podia traduzir para o Hindi as músicas que cantava para sua família.

O Desenvolvimento Posterior de Swarnlata

[24] Para uma exposição de minha concordância com Polanyi que uma habilidade só pode ser adquirida com prática e minha concordância com Ducasse que uma habilidade não pode ser transmitida por percepção extra-sensorial entre pessoas vivas, ver I. Stevenson. "Xenoglossy: A Review and Reporto f a Case." *Proc*. A. S. P. R., Vol. 31, 1974, 1-268. (Também publicado pela University Press of Virginia, Charlottesville, 1974).

Não encontrei Swarnlata entre agosto de 1961 e novembro de 1971. Durante este período, entretanto, troquei cartas com ela e com seu pai de vez em quando. Como permaneci em contato com eles por este meio o lapso de dez anos não pareceu interferir e tivemos uma reunião bem amigável quando ela e a sua família receberam-me em Chhatarpur em 1971. Swarnlata tinha então vinte e três anos. Subsequentemente Swarnlata escreveu-me uma longa carta (em agosto de 1972) esclarecendo alguns pontos concernentes a suas experiências e sobre isto extraí o relatório que se segue.

Ela tinha ido bem nos estudos. Graduou-se primeiro com um diploma de bacharelado em ciências em 1967 e seguiu em frente para obter um mestrado em ciências em 1969, com distinção, em botânica. Em 1971 obteve uma posição como Conferencista em Botânica na faculdade de graduação (comunitária) em Chhatarpur. Era ambiciosa para continuar a se graduar nos estudos em direção a um diploma de Ph.D., mas foi limitada pelo pequeno número de bolsas para o apoio de estudos avançados na Índia.

Nos dez anos desde que a vi, Swarnlata evoluiu para uma bonita mulher de comportamento bastante sério e talvez levemente triste. Falou muito pouco espontaneamente durante as várias horas que passei com a família, mas acho que isso foi devido à timidez que muitas mulheres indianas mostram próxima de homens que não são membros imediatos da família – e perante muitos que são. A pedido de seu pai ela graciosamente demonstrou uma das canções e danças Bengali as quais disse ter aprendido na vida de Sylhet. Apesar de eu não ter visto sua performance antes, seu pai disse que era sempre a mesma e que não havia esquecido anda quando a mostrou a sua mãe pela primeira vez há muitos anos quando tinha entre cinco e seis anos.

Quando perguntei a Swarnlata se tinha preservado as memórias da vida prévia as quais teve quando criança, disse não ter esquecido nada. Na carta mencionada acima disse: "Cartas ou pessoas vindas a mim de Katni fazem-me lembrar eventos da vida prévia [lá]. Algumas vezes quando canto as canções da vida em Sylhet, lembro o ambiente daquele lugar...Quando estou absorvida em quaisquer das vidas passadas esqueço a existência da vida presente, mas isto é só por um curto momento e novamente retorno às circunstâncias presentes... Quando desejo ter uma coisa particular que não possuo então em minha mente o evento [relacionado] se insinua e assim fico satisfeita que tive esta coisa particular em minha vida prévia...Em resumo, o ambiente é o maior fator para lembrar as vidas passadas". A atitude de Swarnlata frente às mémorias de objetos, p.ex., de luxúria, pertencidos na vida passada é a oposta da mostrada por muitos indivíduos que lembram vidas prévias em circunstâncias sócio-econômicas melhores que suas próprias. Eles freqüentemente resmungam e gritam ou ridicularizam seus pais por sua pobreza; Swarnlata, pelo contrário, achou as memórias das circunstâncias das vidas prévias tranqüilizantes e aliviam qualquer sentido de privação atual que ela talvez sinta.

Ela continuou a visitar os Pathak e encontrá-los cerca de uma vez ao ano. Ainda participava com os irmãos de Biya na cerimônia Rakhi anual. Em sua carta (mencionada acima) escreveu: "Compartilho com eles (os Pathak em Katni) em sua alegria e dor... algumas vezes fico um pouco preocupada quando não recebo nenhuma notícia...do fim deles." Na mesma carta Swarnlata também descreveu um momento de percepção extra-sensorial concernente a um membro da família Pathak. Escreveu: "Recentemente tive um sonho que meu irmão [anterior] Sri Hari Prasad Pathak (o irmão mais velho de Biya) estava deixando a casa [em Katni] e estava com um humor anormal. Após uma

semana ouvi que ele estava morto e quis ir a Katni para lamentar sua morte. Nesta ocasião todos os eventos da vida passada foram reavidados".

O pai de Swarnlata pensou que pudesse arranjar um casamento para ela em 1972 e que se o fizesse, consultaria a família de Pathak sobre o casamento. Swarnlata tinha ela própria se expressado como disposta a casar, mas esperava também que pudesse continuar seus estudos na graduação. Em 1973 recebi uma carta do pai de Swarnlata anunciando seu casamento em 27 de maio de 1973.

No meu encontro com a família de Swarnlata em 1971 seu pai me disse que vários outros membros da família também lembraram vidas prévias. Disse que em 1961 não mencionou estes outros casos porque não queria distrair a atenção do meu trabalho planejado para ela. Em 1971, entretanto, ele sumarizou para mim alguns dos outros casos em sua família. Ele e sua esposa, Savitri Devi, tinham oito filhos. Destes, seis tinham tido algumas memórias de vidas prévias, embora nenhum deles tivesse se lembrado de tantos detalhes quanto Swarnlata. (Em adição, pelo menos três membros de gerações mais velhas da família, incluindo o próprio H. L. Mishra, tinham também tido algumas memórias de vidas prévias). Parece que após ouvir os recitais de várias de suas crianças sobre vidas prévias, H. L. Mishra tinha ouvido o suficiente sobre isto e assim impediu uma de suas filhas, Snehlata, de dizer o que quisesse dizer à família sobre a vida prévia *dela*! Consequentemente pouco se sabe sobre isto. Quatro das outras crianças, entretanto, tinham memórias de vidas prévias como pessoas relacionadas de um modo ou de outro a H. L. Mishra ou sua esposa. (Swarnlata também tinha dito que esteve junta numa vida passada com uma de suas irmãs, mas ou não pôde especificar qual ou o detalhe havia sido esquecido).

Tornou-se óbvio para mim que alguém poderia passar vários dias em Chhatarpur exclusivamente ocupado no estudo destes outros casos na família Mishra. Espero que eu e meus colegas na Índia possamos investigá-los mais completamente no futuro. Parece a mim que eles merecem menção aqui porque acredito que existam muitos mais casos na Índia (e outros países) os quais uma criança lembra de alguns (ou talvez muitos) detalhes de uma vida prévia, mas porque faltam aos casos características sensacionais tais como um assassinato, ou porque os pais não têm o desejo de prosseguir no assunto ou ficarem envolvidos em qualquer publicidade, as afirmações da criança são ignoradas e ela gradualmente esquece-se do que quer tenha se lembrado. Investigações na Índia durante anos recentes mostraram várias famílias nas quais mais de uma criança lembrou de uma vida prévia e também com a personalidade prévia sendo outro membro da mesma família.

Apesar de na maioria dos casos indianos presentemente conhecidos por mim o indivíduo *não* é um membro da família da personalidade prévia, ainda estamos restritos ao estudo de casos relatados a nós mais ou menos espontaneamente. Uma investigação mais completa, talvez uma pesquisa sistemática de casos numa amostra pré-determinada – numa aldeia inteira ou pequeno povoado – poderia mostrar bem uma incidência muito maior na Índia de casos os quais o indivíduo e a personalidade prévia fossem membros da mesma família do que encontramos nos casos como presentemente obtidos.

O Caso de Ravi Shankar

Sumário do Caso e sua Investigação.

A 19 de janeiro de 1951 Ashokumar, familiarmente chamado Munna, de seis anos de idade, filho de Sri Jageshwar Prasad, um barbeiro do distrito de Chhipatti, em Kanauj, uma cidade de Uttar Pradesh, perto de Kampur, foi atraído do local onde brincava e brutalmente assassinado com uma faca ou navalha, por dois vizinhos. Munna era filho único de Sri Jageshwar Prasad e o motivo do crime parece ter sido o propósito de eliminar o herdeiro de Sri Jageshwar, de modo a que um dos assassinos (um parente) pudesse herdar sua propriedade. Um dos supostos assassinos (Jawahar) era barbeiro (como Sri Jageshwar Prasad) e o outro (Chaturi) tintureiro. Uma pessoa do bairro tinha visto Munna afastar-se com esses dois homens, o que fez com que eles fossem presos e que um deles (Chaturi) fizesse uma confissão extra-oficial. A cabeça mutilada e decepada do menino, bem como algumas de suas roupas, foram posteriormente encontradas e imediatamente identificadas por seu pai. O suposto assassino, que havia confessado, retratou ulteriormente sua confissão, quando oficialmente incriminado. Não havendo testemunhas do crime, o processo contra os presumidos e confessos assassinos foi suspenso e eles foram postos em liberdade.

Alguns anos mais tarde, Sri Jageshwar Prasad teve notícias de que um menino nascido em um outro distrito de Kanauj, em julho de 1951 (seis meses após a morte de Munna), declarava ser filho de Jageshwar, barbeiro do distrito de Chhipatti, e havia dado detalhes de "seu" assassinato, referindo os nomes dos assassinos, o local do crime e outras circunstâncias da vida e morte de Munna. O menino, que se chamava Ravi Shankar, filho de Sri Babu Ram Gupta, vivia pedindo a seus pais vários brinquedos que ele dizia possuir na casa em que morava em sua vida anterior. A mãe de Ravi Shankar e suas irmãs mais velhas declararam, posteriormente, que ele fizera tais afirmações quando tinha de dois a três anos. Mais tarde, o professor de Ravi Shankar ouviu do menino sua narrativa sobre o assassinato, quando ele tinha pouca menos de seis anos de idade.

Quando Sri Jageshwar Prasad teve conhecimento das declarações do menino, foi à casa de Sri Babu Ram Gupta para obter informações mais completas. Este mostrou-se contrariado com tal intromissão e, ao que parece, temeu que Ravi Shankar lhe fosse tomado por Sri Jageshwar Prasad, principalmente depois que o menino começara a falar muito em "seus" antigos brinquedos. Sri Babu Ram Gupta não quis falar com Sri Jageshwar Prasad.

Posteriormente, porém, Sri Jageshwar Prasad arranjou um encontro com a mãe de Ravi Shankar, a qual o deixou falar com o próprio Ravi Shankar. De acordo com Sri Jageshwar Prasad, o menino, depois de algum tempo, reconheceu-o como seu pai da existência precedente e ainda falou-lhe sobre fatos da vida de Munna. Neste encontro, Ravi Shankar fez a Sri Jageshwar Prasad um relato do assassinato (de Munna), que condizia com muita precisão com o que ele pudera concluir sobre o acontecimento, através da confissão retratada de um dos assassinos, da inspeção do local do crime, perto do rio, e do corpo mutilado. Este encontro ocorreu em 30 de julho de 1955, quando Ravi Shankar tinha apenas quatro anos. No mês de março seguinte, 1956, o professor de Ravi Shankar referia por escrito (em uma carta ao Professor B. L. Atreya) algumas das declarações do menino acerca da sua vida anterior.

O pai de Ravi Shantar continuou a opor-se à discussão sobre o caso e espancava o menino severamente para fazê-lo parar de falar em sua existência pregressa. O professor de Ravi Shankar observou, em 1956, os efeitos dos espancamentos a que o pai do menino o submetia. Notou que Ravi Shankar tinha medo de falar sobre suas afirmações relativas à vida precedente. Sri Babu Ram Gupta chegou a brigar com os vizinhos devido a sua insistência em que todos esquecessem o assunto. (Alguns deles confirmaram a Sri Jageshwar Prasad o fato de Ravi Shankar ter estado a falar sobre sua vida anterior). O pai chegou ao ponto de mandar Ravi Shankar para fora do bairro, por um ano ou mais. Posteriormente Sri Babu Ram Gupta faleceu.

Além de ter medo do pai, Ravi Shankar tinha temor também dos assassinos de Munna. Certa vez em que por acaso avistou um deles ficou trêmulo de pavor e talvez também de raiva, pois manifestou a intenção de vingar-se do assassino. Contou, inclusive, a seu professor (em 1956) que, de modo geral, tinha medo de todos os barbeiros e tintureiros, e que fugia quando via algum.

A mãe de Ravi Shankar afirmou, em seu depoimento, que o menino tinha à volta do pescoço um sinal semelhante à cicatriz de um ferimento de facão. Ela disse que só notara essa marca quando o menino tinha três ou quatro meses. O sinal parecia ser congênito.

Quando Ravi Shankar se referia ao homicídio ocorrido na vida anterior, costumava dizer que aquela cicatriz de seu pescoço provinha dos ferimentos do assassinato. À proporção que Ravi Shankar foi crescendo, o sinal congênito em seu pescoço foi mudando gradualmente de posição, encontrando-se hoje abaixo do queixo, tornando-se, também, mais apagado.

Depois que Sri Jageshwar Prasad convenceu-se da exatidão do conhecimento que Ravi Shankar possuía a respeito do homicídio de seu filho, pretendeu renovar a acusação contra os presumidos assassinos que, por falta de provas testemunhais, tinham sido postos em liberdade cinco anos antes. Mas isso ao que parece não foi possível, não sei se por causa do lapso de tempo, ou porque os tribunais não quisessem reconhecer o testemunho de Ravi Shankar.

Em 1956, o Professor B. L. Atreya correspondeu-se com Sri Jageshwar Prasad relativamente ao caso e coligiu considerável número de depoimentos escritos de algumas outras testemunhas, como Sri Shriram Mishra, professor de Kavi Shankar em Kanauj. O Professor Atreya não entrevistou pesoalmente nenhuma das testemunhas. Os documentos que ele pôs a meu dispor pareciam justificar uma posterior investigação. Por isso, em 1962, o Dr. Jamuna Prasad juntamente com Sri R. S. Lal e Sri H. N. Banerjee visitaram o local do fato e entrevistaram numerosas testemunhas. Sri Lal gentilmente pôs à minha disposição as traduções das notas tomadas nessa ocasião.

Como já disse, o pai de Ravi Shankar faleceu por essa época. Infelizmente também, Sri Jageshwar Prasad e sua mulher estavam ausentes de Kanauj na ocasião desta investigação, em 1962, mas alguns outros depoimentos corroborantes foram obtidos de vizinhos da família.

Posteriormente (1963-65) correspondi-me diretamente com Sri Jageshwar Prasad, que gentilmente respondeu a perguntas relativas a certos detalhes do caso.

Em 1964, visitei o local dos fatos e pessoalmente entrevistei muitas das testemunhas já anteriormente ouvidas pelo Dr. Prasad, bem como algumas novas. Sri Jageshwar Prasad estava outra vez ausente de Kanauj, mas sua correspondência acima mencionada com o Professor Atreya e comigo e o depoimento de novas testemunhas tornaram essa ausência remediável, conquanto lamentável.

Fatos Geográficos Importantes e os Meios Normais de Comunicação Possíveis Entre as Duas Famílias.

Do depoimento de diversas testemunhas, parece depreender-se que as duas famílias implicadas neste caso conheciam-se apenas ligeiramente antes das tentativas de verificação das declarações de Ravi Shankar, iniciadas por Sri Jageshwar em 1955. Ao que parece, eles apenas se cumprimentavam. Srimati Ramdulari Ram Gupta, mãe de Ravi Shankar, asseverou que Sri Jageshwar Prasad nunca havia ido a sua casa antes de sua visita de investigação naquele ano. A família de Ravi Shankar tinha sabido do assassinato de Munna quatro anos antes, do mesmo modo que muitas e talvez a maioria das pessoas na cidade de Kanauj. Srimati Ramdulari Ram Gupta tinha ido à casa do menino assassinado para apresentar suas condolências. Negou ter conhecido a família antes do crime. Sri Jageshwar Prasad reagiu com profunda mágoa e rancor ao assassinato do filho; sua mulher ficou com a mente transtornada devido à tragédia. Sri Jageshwar Prasad esforçou-se ao máximo para levar os criminosos à Justiça. Ao que parece ele falou muito sobre o crime por toda a cidade. Mas sua atitude ocasionou a gradativa cessação de comentários que os outros faziam, por temerem a possibilidade de terem que comparecer como testemunhas perante a Justiça ou talvez de incorrerem na inimizade dos assassinos ainda em liberdade. Em 1962, o Dr. Prasad e seus companheiros acharam a família de Ravi Shankar extremamente relutante em falar acerca do incidente do assassínio de Munna e acerca das alegações de Ravi Shankar de ser Munna renascido. E esta reserva ainda não havia diminuído quando os visitei em 1964. Suas razões para essas reticências fundavam-se no desejo de evitar qualquer complicação com a justiça, e também no receio de que Ravi Shankar pudesse realmente deixá-los para ir morar com Sri Jageshwar Prasad, em quem ele falava continuadamente. Porque, embora a família de Ravi Shankar pouco falasse de Munna, Ravi Shankar quando jovem referia-se insistentemente à sua existência anterior.

Em vista das atitudes acima, creio improvável houvesse Ravi Shankar sabido qualquer coisa sobre Munna, através de pessoas de sua família que tivessem conhecimento do seu assassínio. Afora isso, contudo, temos que considerar se a família de Ravi Shankar teria ciência de detalhes íntimos da vida de Munna, como seus brinquedos, muito embora soubesse do assassinato de um menino com aquele nome. Algumas das informações conhecidas por Ravi Shankar eram de domínio público; muitas delas seguramente não o eram.

A posse, por Ravi Shankar, de informações a respeito da vida de Munna, certamente quase desconhecidas de seus pais, suscita a possibilidade de que o menino tivesse de algum modo ouvido essas informações de Sri Jageshwar Prasad ou de alguma pessoa do seu bairro, estranha a seus pais. Isto, entretanto, parece impossível quando nos recordamos de que Ravi Shankar começou a falar em sua vida anterior quando tinha

menos de três anos de idade e, segundo uma das testemunhas, quando tinha apenas dois anos. Na Índia, uma criança desta idade ficaria encerrada em casa sob a vigilância da mãe. A casa de Sri Jageshwar Prasad fica cerca de meia milha da de Sri Babu Ram Gupta, e as duas são separadas por ruas cheias de voltas. Não é razoável supor que uma criança tão pequena pudesse perambular a tão longa distância da sua casa até alcançar a casa de Sri Jageshwar, sem que este fato fosse conhecido por sua mãe. Nem poderia ele ter adquirido um conhecimento normal sobre os pertences de Munna (vide tabulações a seguir) sem que os pais deste, que os guardavam em casa, soubessem do fato.

Pessoas Entrevistadas ou que Forneceram Depoimento por Escrito Sobre o Caso.

Dentre as pessoas da família e vizinhos de Munna, o filho assassinado de Sri Jageshwar Prasad, do distrito de Chhipatti, cidade de Kanauj, forneceram depoimento as seguintes:

Sri Jageshwar Prasad, pai de Munna (Declarações escritas em cartas ao Professor B. L. Atreya. Declarações adicionais em cartas a mim.)
Srimati Mano Rama, mãe de Munna.
Sri Asharfi Lal Hajput, vizinho de Sri Jageshwar Prasad.
Sri Swaroop Hajput, vizinho de Jageshwar Prasad.
Sri Kishori Lal Verma, vizinho de Sri Jageshwar Prasad.

Da família e vizinhos de Ravi Shankar, filho de Sri Babu Ram Gupta, do distrito de Haziganj, de Kanauj, forneceram depoimento os seguintes:

Ravi Shankar, nascido em 1951.
Srimati Ramdulari Ram Gupta, viúva de Babu Ram Gupta, mãe de Ravi Shankar.
Sri Uma Shankar, irmão mais velho de Ravi Shankar.
Maheswari, irmã mais velha de Ravi Shankar, nascida em 1942 (entrevistada somente em 1962).
Sri Raj Kumar Rathor, vizinho ao lado de Sri Babu Ram Gupta.
Umkar, colega de Ravi Shankar.
Sri Shriram Mishra, professor de Ravi Shankar (as narrações a ele feitas por Ravi Shankar foram testemunhadas por um outro professor e três outras pessoas, e enviadas por escrito ao Professor B. L. Atreya, em 30 de março de 1958).

Além disso, utilizei um depoimento escrito, fornecido (em 31 de março de 1956) ao Professor B. L. Atreya por Sri Kali Charan Tandon. Refere-se ao seu conhecimento das declarações então feitas por Ravi Shankar.

Declarações e Reconhecimentos Feitos por Ravi Shankar.

Quando em 1962 o Dr. Prasad e Sri Lal falaram com Ravi Shankar (então com onze anos de idade), ele tinha esquecido em grande parte os fatos da alegada vida anterior. Em verdade, ele não se lembrava nem das declarações que havia feito sobre a existência pregressa e nem que as tivesse feito. Disse, contudo, que sempre que via Chaturi ou Jawahar, os supostos assassinos de Munna, enchia-se de pavor. Apesar disso declarou que não conhecia aqueles dois homens e não sabia por que eles lhe infundiam temor. Do mesmo modo, falou acerca de uma sensação de familiaridade que sentia em relação ao bairro de Chhipatti, em Kanauj, mas não sabia explicar por que ele lhe parecia familiar.

SÚMULA DAS DECLARAÇÕES E RECONHECIMENTOS FEITOS POR RAVI SHANKAR			
Item	**Informantes**	**Verificação**	**Comentários**
1. Era filho de Jageshwar e foi morto por degolamento.	Maheswari, irmã mais velha de Ravi Shankar.	Jageshwar Prasad. Kishori Lal Verma, vizinho de Jageshwar Prasad. Confissão de Chaturi, suposto assassino, conforme relato de Jageshwar Prasad.	Sri Jageshwar Prasad tinha um filho, Munna, de seis anos que foi assassinado no dia 19 de janeiro de 1951.
2. Seu pai era barbeiro.	Raj Kumar Rathor.	Jageshwar Prasad.	
3. Seu pai morava no distrito de Chhipatti, em Kanauj.	Maheswari. Raj Kumar Rathor. Uma Shankar, irmão mais velho de Ravi Shankar.	Jageshwar Prasad.	
4. Seus assassinos chamavam-se Chaturi e Jawahar.	Maheswari.	Jageshwar Prasad. Confissão de Chaturi, suposto assassino, conforme relato de Jageshwar Prasad.	Em reforço à confissão de Chatturi, algumas peças dos sapatos pertencentes a Jawahar foram encontradas perto das roupas e do corpo do menino.
5. Um era tintureiro e o outro, barbeiro.	Shriram Mishra. Raj Kumar Rathor.	Jageshwar Prasad.	Os supostos assassinos eram um tintureiro (Chaturi) e um barbeiro (Jawahar).
6. Estivera comendo goiabeiras antes de ser assassinado.	Maheswari.	Mano Rama, mãe de Munna.	Ele havia apanhado goiabas pouco antes de sair para brincar, e foi quando estava brincando que os assassinos o induziram a acompanhá-los.
7. Foi atraído pelos assassinos com um convite para jogar "geri".	Jageshwar Prasad. Uma Shankar.	Mano Rama.	Sri Uma Shankar foi uma testemunha secundária desta declaração de Raví Shankar. "Geri" é o nome de um jogo que Munna costumava jogar com Chaturi e Jawahar; assim é provável que eles o tenham convidado para jogar, como um pretexto para afastá-lo das imediações. Ninguém, na verdade, ouviu os supostos assassinos convidarem Munna para jogar naquele dia. Este item é, provavelmente, correto, mas não foi verificado.
8. Foi levado pelos assassinos até a beira do	Raj Kumar Rathor. Kali Charan Tandon.	Jageshwar Prasad. Kishori Lal Verma.	O corpo e as roupas de Munna foram

rio.			encontrados próximo ao rio.
9. Foi morto em um pomar.	Shiram Mishra.	Swaroop Rajput.	É provável que isto não seja perfeitamente exato; mas o percurso da casa de Munna ao local onde o corpo foi encontrado, atravessa vários pomares. O local onde o corpo loi encontrado pode não ter sido o lugar exato em que a criança foi assassinada, mas é de presumir que fosse na mesma área.
10. Ele foi assassinado perto do Templo de Chintamini.	Raj Kumar Rathor.	Asharfi Lal Rajput. Kishori Lal Verma.	A cabeça do menino assassinado foi encontrada a uns 230 metros do Templo de Chintamini. Supôs-se que o assassinato tivesse sido cometido neste local.
11. Os assassinos cortaram-lhe o pescoço.	Raj Kumar Rathor. Shiram Mishra. Kali Charan Tandon.	Kishori Lal Verma.	A cabeça da criança assassinada foi encontrada decepada. Em sua confissão (retratada) Chaturi tinha dito que mataram o menino com uma navalha.
12. Os assassinos enterraram-no na areia.	Raj Kumar Rathor.	Kishori Lal Verma.	Pelo menos parte do corpo foi encontrado enterrado.
13. Ele tinha urna "patti" (lousa de madeira) em sua antiga casa.	Ramdulari Ram Gupta, mãe de Ravi Shankar. Jageshwar Prasad.	Mano Rama.	De acordo com Sri Jageshwar Prasad, Ravi Shankar declarou, também corretamente, que esta loufia estava no "almirah" (armário grande) em sua casa. É talvez digno de nota o fato de Ravi Shankar costumar dizer que sua lousa e seus brinquedos (dos itens que se seguem.) "tinham sido guardados", Ele parecia ter certeza de que estavam guardados e que poderia tê-los consigo novamente se seus pais fossem buscá-los. De fato, a, mãe dele havia guardado cuidadosamente, quase reverentemente, muitos pertences de Munna, inclusive seus

			brinquedos.
14. Tinha uma pasta para livros em sua casa.	Raj Kumar Rathor.	Mano Rama.	A pasta escolar de Munna havia sido conservada pela família e me foi mostrada em 1964.
15. Tinha um tinteiro.	Ramdulari Ram Gupta	Mano Rama.	
16. Tinha um revólver de brinquedo, em sua antiga casa.	Maheswari. Ramdulari Ram Gupta. Raj Kumar Rathor.	Jageshwar Prasad. Mano Rama.	Munna manifestava uma predileção especial por revólveres de brinquedo. Ravi Shankar não possuía revólver. As pessoas pobres geralmente não estão em condições de comprar brinquedos para os filhos, mas como Sri Jageshwar Prasad só tinha um filho, Munna, podia dar-se ao luxo de comprar-lhe brinquedos, o revólver havia sido conservado e foi-me mostrado em 1964.
17. Tinha em sua casa um elefante da madeira.	Jageshwar Prasad.	Jageshwar Prasad.	O elefante de brinquedo de Munna havia sido guardado e foi-me mostrado em 1964.
18. Tinha em sua casa uma imagem do deus Krishna.	Raj Kumar Rathor.		A estatueta do deus Krishna, que pertencera a Munnah havia sido conservada e foi-me mostrada em 1964.
19 .Tinha em sua casa uma bola amarrada a um elástico.	Raj Kumar Rathor.		Este brinquedo de Munna também havia sido conservado e foi-me mostrado em 1964.
20. Tinha em casa um relógio.	Raj Kumar Rathor.	Mano Rama. Jageshwar Prasad.	O relógio de Munna havia sido guardado e foi-me mostrado em 1964.
21. Tinha um anel, que lhe fora pelo pai e que estava em sua escrivaninha.	Raj Kumar Rathor.	Jageshwar Prasad.	Ravi Shankar disse a Sri Jageshwar Prasad: "O anel que o senhor comprou para mim está na minha escrivaninha. O senhor não o vendeu?" O pai de Munna respondeu: "Seu anel está guardado. Você o reconheceria?" Ao que Ravi Shankar replicou: "Sim". Srimati Mano Rama declarou divergentemente que o anel não estava na escrivaninha, na época

			da morte de Munna.
22. Reconhecimento de Chaturi, suposto assassino de Munna.	Ramdulari Ram Gupta.	Ramdulari Ram Gupta.	Chaturi era o suposto assassino que confessara o crime. Não era conhecido da família de Ravi Shankar quando o menino o notou em um grupo de pessoas, em uma cerimônia religiosa. Ravi Shankar disse ao filho de seu anfitrião que ia vingar-se de Chaturi. Srimati Babu Ram Gupta vive em reclusão e, assim, não pôde ter conhecido um homem como Chaturi, estranho à família e pertencente a outro bairro. Quando Ravi Shankar mostrou sua reação de temor ao ver Chaturi, sua mãe perguntou pela identidade do homem que seu filho apontava e soube quem ele era.
23. Reconhecimento de Sri Jageshwar Prasad.			Em carta a mim endereçada, a 9 de julho de 1963, Sri Jageshwar Prasad descreveu-me o reconhecimento do seguinte modo; "Sentei-me à porta (da casa de Ravi Shankar). Estavam reunidas dez ou quinze mulheres. O menino, cujo nome agora é Ravi Shankar, foi chamado. Ele ficou de pé, à distância de cerca de meio metro de mim, e olhou-me tranqüilamente. Antes de mais nada, dirigi-me a ele dizendo; "Meu caro menino, venha cá, como é o seu nome? Você me conhece?" Repeti estas palavras duas ou três vezes, mas ele não disse nada e mostrou-se acanhado como se fosse chorar. Eu disse de novo: "Oh, caro menino, não se assuste. Você esqueceu de que costumava me pedir dinheiro?" Depois

			de uns vinte ou vinte e cinco minutos aproximou-se mais e mais e sentou-se no meu colo. Disse, então: "Pai, eu costumava ler na escola de Chhipatti, e minha lousa está no "almirah...".
24. Freqüentara a escola primária de Chipatti.	Kali Charan Tandon. Jageshwar Prasad.	Jageshwar Prasad.	
25. Reconhecimento por Ravi Shankar do relógio que pertencera a Munna.	Jageshwar Prasad.	Jageshwar Prasad.	Sri Jageshwar Prasad tinha posto o relógio de pulso de Munna e o estava usando quando se encontrou com Ravi Shankar. Durante a conversa, Ravi Shankar disse: "É o meu relógio." O pai de Munna trouxera-lhe o relógio de Bombaim
26. Reconhecimento da avó materna de Munna.	Jageshwar Prasad.	Jageshwar Prasad.	Sri Jageshwar Prasad não esteve presente a este reconhecimento. Ele escreveu: "Minha sogra foi à casa de uma outra pessoa e mandaram um menino chamá-lo (a Ravi Shankar). Ele estava chupando cana. Ao chegar, as mulheres lhe perguntaram se sabia quem estava lá. Por alguns momentos ele permaneceu de olhos baixos. Depois disse: "Minha avó (mãe da mãe) chegou. Ela veio de Kanpur." Ravi Shankar usou o termo hindi, "Nani", que significa avó materna. A avó materna de Munna morava realmente em Kanpur.

Nas tabulações anteriores apresentei uma súmula das declarações e dos reconhecimentos de Ravi Shankar, juntamente com os nomes das testemunhas que os testificaram, bem como alguns comentários. Dos diversos itens, de acordo com as testemunhas, vinte ocorreram antes de as duas famílias terem-se conhecido, e os restantes, durante ou depois do seu primeiro encontro.

Devo mencionar uma acentuada discrepância nos depoimentos deste caso, a qual não consegui deslindar. Sri Asharfi Lal Rajput e Sri Kishori Lal Verma (ambos vizinhos de Sri Jageshwar Prasad) e Sri RaJ Kumar Rathor (vizinho de Ravi Shankar) declararam que Ravi havia certa vez sido levado por seu pai, para visitar a casa de Sri Jageshwar

Prasad. Os depoimentos destas duas testemunhas, sobre este ponto, foram semelhantes, tanto em 1962 como em 1964, embora houvesse discordância nas declarações quanto à, pessoa que acompanhara Ravi Shankar nesta visita. Mas tal visita foi negada pela mãe e pelo irmão mais velho de Ravi Shankar e também pelo pai (Sri Jageshwar Prasad) e pela mãe de Munna. O pai de Ravi Shankar morreu antes da investigação de 1962. Quando perguntei isso ao próprio Ravi Shankar, ele a princípio não conseguiu lembrar-se de tal visita, mas depois disse que "talvez tivesse ido quando criança". Considerei as duas possibilidades seguintes, entre outras, para essa discrepância. Primeiro, Ravi Shankar poderia ter sido levado à casa de Munna, secretamente, em ocasião em que Sri Jageshwar estivesse fora. Ele freqüentemente viajava para fora de Kanauj a negócio. O pai de Ravi Shankar (que se opunha firmemente a qualquer contato entre as duas famílias) poderia ter desejado possibilitar essa visita sub-repticiamente. E a mãe de Munna, tendo ficado demente com a perda de seu filho, talvez estivesse confinada em aposento dos fundos da casa e não teria, provavelmente, visto o menino por ocasião de tal visita. Alternativamente, é concebível que os vizinhos tenham se enganado quanto à visita feita por Ravi Shankar a uma outra casa, onde se encontrara com a avó de Munna e a reconheceu (vide item 26 da tubulação), tomando-a por uma visita à casa de Sri Jageshwar Prasad.

Aspecto da Marca de Nascença em 1964.

Quando eu o vi, em 1964, Ravi Shankar era um menino bem desenvolvido, que aparentava boa saúde, embora talvez um pouco menor do que a média dos meninos de 13 anos de idade como ele. Tinha umas ligeiras marcas no rosto, mas estas não apresentavam nada de anormal e pareciam ser pequenas cicatrizes comuns de insignificantes ferimentos faciais.

Abaixo da altura do queixo, ligeiramente mais à direita do que à esquerda, observei um sinal linear cruzando o pescoço no sentido transversal. Tinha cerca de 5 cm. de comprimento e 3 a 6 mm. de largura. Era de pigmentação mais escura do que a pele à sua volta e tinha o aspecto pontilhado característico de uma cicatriz. Parecia-se muito com uma cicatriz antiga de ferimento de faca já cicatrizada. Isso, disseram-me, era o que restava de uma marca consideravelmente maior que, quando o menino nasceu, se localizava mais baixo no pescoço, a cerca de um terço da distância entre a depressão do estorno e o queixo.

Relatos e Observações Relevantes Sobre o Comportamento das Pessoas Relacionadas ao Caso.

Os depoimentos de várias testemunhas justificam nossa conclusão de que Ravi Shankar tinha se identificado plenamente com a personalidade de Munna. Sua família e seus vizinhos foram testemunhas de seus insistentes pedidos para que lhe dessem os brinquedos de Munna, que ele dizia se encontrarem em sua outra casa, e do seu desejo de ser levado para lá. Ele dizia que precisava daqueles brinquedos. Queixava-se de que a casa onde morava não era a "sua casa". No mínimo, uma vez, quando foi repreendido, fugiu de casa, dizendo que ia para seu antigo lar. Com freqüência, falava espontaneamente sobre o assassinato de Munna, a pessoas de sua família. Comentava-o igualmente com os vizinhos e com outros, porém mais raramente e com mais relutância depois da surra que recebeu do pai.

Ele próprio disse (em 1962) que tinha medo dos dois homens que a ele (Munna) haviam assassinado, embora não fosse capaz de explicar por que os temia. Sua mãe testemunhou seu profundo pavor quando pela primeira vez ele viu e reconheceu um dos assassinos, Chaturi. Entretanto, em 1964, disse não mais sentir medo ou raiva quando via Chaturi, e não conseguiu mesmo reconhecer Jawahar. Lembrava-se de que quando era menor tivera medo de Chaturi. A mãe de Ravi Shankar testemunhou também que ele demonstrava visível temor, sempre que ela o levava ao templo de Chintamini, situado na área em que Munna fora assassinado (vide Item 10 da tabulação).

Como foi dito anteriormente, a mãe de Munna ficou sofrendo das faculdades mentais depois de perder o filho. Vizinhos deram esta opinião em 1962, e eu pude confirmá-la durante minhas entrevistas, em 1964. Srimati Mano Rama demonstrou então acentuada depressão e agitação. A simples menção de seu filho perturbava-a grandemente e diversas vezes durante nossa entrevista teve dolorosas crises de choro. Ela estava presa às anteriores lembranças de seu filho Munna, tinha conservado todos os seus brinquedos, livros e outros pertences e tentava negar os acontecimentos mais recentes. Como mais uma prova de seu desequilíbrio posso citar o depoimento de uma testemunha (um vizinho) declarando que, de vez em quando, Srimati Mano Rama culpava o próprio marido pela morte do filho, acusação esta que vinha agravar profundamente o sofrimento tanto dele quanto dela.

A atitude de Srimati Mano Rama para com Ravi Shankar e suas reclamações denotavam uma acentuada ambivalência. Evidentemente, parte dela desejava crer que ele fosse a reencarnação de seu filho morto; mas a outra parte não podia suportar a idéia de seu filho morar com uma outra mãe.

Comentários Sobre a Evidência de Conhecimento Paranormal por Parte de Ravi Shankar.

No caso em apreço, a iniciativa de verificação partiu inteiramente da família do falecido Munna. A família de Ravi Shankar não deu um passo sequer relativo à investigação para verificar as declarações do menino, e seu pai opôs-se energicamente a tal providência, chegando ao ponto de espancar Ravi Shankar para forçá-lo a esquecer tais afirmações e, mais tarde, a mandá-lo para fora de Kanauj por uns tempos. O menino, não obstante, comentava sobre o assunto com os vizinhos e as notícias sobre o fato espalharam-se, vindo a cair nos ouvidos de Sri Jageshwar Prasad. No que diz respeito à oposição da família do garoto à verificação, o caso assemelha-se ao de Prakash e em menor proporção ao de Jasbir. Sua objeção parece ter surgido, em parte, do receio de que Ravi Shankar quisesse deixá-los pela família de Sri Jageshwar Prasad. Tinham ainda uma outra razão para conter o menino, depois que ele acusou abertamente Chaturi de ser o assassino, porquanto era possível que temessem represálias por esse fato (vide Item 22 da tabulaçao). Tal oposição certamente torna totalmente improvável ter sido o caso engendrado pela família de Ravi Shankar, com propósitos fraudulentos. Já apresentei minhas razões por que penso improvável tivesse Sri Jageshwar Prasad tido qualquer contato com o menino, antes de ter ouvido suas declarações. Ele próprio, bem como a mãe de Ravi Shankar, negaram ter tido esse contato.

A distância entre as casas de Munna e Ravi Shankar é de mais ou menos meia milha. O caminho é cheio de voltas e, como já disse anteriormente, é muito pouco provável que uma criança com a idade que Ravi Shankar tinha quando começou a falar em uma vida

anterior, pudesse perambular de um lado para outro sem que esse fato fosse notado por seus pais. Por outro lado, as duas casas ficam na mesma cidade, embora em bairros diferentes, e aqueles que vão de Chhipatti fazer compras no centro teriam necessariamente que passar próximo à casa onde mora Ravi Shankar. Em 1964, encontrei um colega de Ravi Shankar (Umkar) perto da casa de Sri Asharfi Lal Rajput que, por sua vez, mora em Chhipatti, não muito distante da casa de Sri Jageshwar Prasad. Umkar tinha cerca de 12 ou 13 anos de idade, e sua presença nesse local não prova que crianças ainda mais novas pudessem perambular pelas ruas do bairro, vindas de outros lugares. Mas serve para demonstrar que algum trânsito pode ocorrer entre os diversos bairros. Em resumo, conquanto eu não tivesse descoberto ninguém que pudesse ter servido de elo na comunicação normal de informação entre as duas famílias, não posso negar que pessoas que transitassem de cá para lá entre os dois bairros pudessem de algum modo ter servido como elo telepático entre as duas famílias e portanto, numa hipótese telepática deste caso, tivessem desempenhado um papel em sua produção. Mas deixei uma completa discussão da solidez e debilidade dessa hipótese para a parte final desta monografia.

No caso em apreço, bem como outros que apresentam marcas de nascença (vide alguns outros exemplos entre os casos do Alasca págs. 284-352 mais adiante), não podemos separar a nossa apreciação dos aspectos informativos e de comportamento que o caso apresenta, do valor que atribuímos às marcas de nascença. O sinal de nascença pode conduzir à história da criança a respeito de uma vida anterior, através de indução motivada pela tentativa dos pais em explicar a causa do sinal congênito. Mas, qual a origem da marca de nascença? De acordo com o que disse a mãe de Ravi Shankar, este nasceu com um sinal semelhante à cicatriz de um ferimento no pescoço. A simples história da vida anterior não é suficiente para explicar a existência do sinal congênito; este deve ter sido causado por alguma influência anterior ao desenrolar da história, Mas, quando os sinais de nascença são tão estreitamente relacionados aos detalhes do caso, a ponto de sugerir que foram causados por experiências em uma vida anterior, ocorrências deste tipo particular tornam-se de imenso interesse para nossa análise das explicações alternativas de casos sugestivos de reencarnação. Voltarei a tratar da significância deste fato, na parte relativa aos casos do Alasca e na Discussão Geral.

O Desenvolvimento Posterior de Ravi Shankar

Encontrei Ravi Shankar novamente em 1969 em Kanpur. Na época estava estudando Comércio em uma faculdade lá. Tinha então dezoito anos. Afirmou ter esquecido completamente as memórias da vida prévia, mas estava evidentemente consciente das principais características do que tinha anteriormente se lembrado por ouvir outras pessoas falarem sobre suas memórias. Viu o pai de Munna, Jageshwar Prasad, em junho de 1969, e expressou alegria por tê-lo encontrado.

Em 1969 Ravi Shankar havia perdido todas as fobias as quais tinha exibido quando mais jovem. Não tinha medo de barbeiros ou de facas e navalhas. Seu medo da região próxima do Templo de Chintamini em Kanauj (próximo do qual Munna foi morto) persistiu em alguma extensão até que tivesse dezessete anos, mas então retrocedeu.Não tinha mais qualquer desejo ou vingança contra os assassinos de Munna.

Em 1969 também encontrei (pela primeira vez) o pai de Munna, Jageshwar Prasad, e tive uma longa conversa com ele sobre o caso. Nenhum detalhe importante novo surgiu,

mas revisamos alguns eventos do caso, particularmente a ocasião de seu primeiro encontro com Ravi Shankar quando o último tinha reconhecido espontaneamente o relógio de Munna o qual Jageshwar Prasad tinha usado para o encontro (item 25 da tabulação). Este primeiro encontro ocorreu em julho de 1955, quando Ravi Shankar tinha quatro anos. O pai de Ravi Shankar opôs-se a encontros adicionais entre eles. Não obstante, se encontraram em duas ocasiões posteriores, brevemente em 1967, e (como mencionado acima) no verão de 1969. Jageshwar Prasad teve a impressão que Ravi Shankar estava relutante em encontrá-lo, provavelmente por causa das sérias repremindas e agressões administradas por seu pai. Jageshwar Prasad conjecturou que após a morte de Babu Ram outras pessoas suplantaram sua oposição ao encontro de Ravi Shankar com Jageshwar Prasad.

Jageshwar Prasad disse que sua esposa, Srimati Mano Ram, ainda estava lhe pedindo que "trouxesse minha criança de volta". Mas em outras vezes expressou um desejo de ter "a coisa toda esquecida". De acordo com ele, ela estava de algum modo atormentada na minha visita a Kanauj em 1969 a qual pensou pudesse colocar em perigo suas vidas já que os assassinos de Munna ainda estavam vivendo em Kanauj.

Fui até a casa de Jageshwar Prasad e encontrei sua esposa novamente. Ela parecia muito mais racional do que quando na época de nosso primeiro encontro em 1964. Disse que se sentia melhor, apesar de não inteiramente bem. Tinha expressado algum interesse em encontrar Ravi Shankar, mas então adicionou: "De que serve vê-lo se não posso reivindicá-lo?"

Jageshwar Prasad, que não falava inglês, tinha tido alguma leitura do relatório do caso de Ravi Shankar dado na primeira edição deste livro, ao qual enviei-lhe uma cópia. Disse que todos os detalhes no relatório estavam corretos. Como já mencionado, Jageshwar Prasad desejava que o caso contra os assassinos de Munna fosse reaberto com base nas declarações que Ravi Shankar tinha feito sobre o assassinato. E ele acreditou por um tempo que minhas declarações e a evidência registrada neste livro teriam alguma influência em ter os criminosos processados. Ele não tinha inteiramente abandonado esta crença, irreal desde o princípio, na época de nosso encontro em 1969[26].

Encontrei Ravi Shankar novamente em novembro de 1971, desta vez novamente em kanauj. Tinha então vinte anos e no ano final de seu programa de faculdade esperava obter aquele ano o diploma de Bacharel do Comércio. Estava indo satisfatoriamente em seu tralho de faculdade. Atrasou um ano (ao qual teve de repetir) por causa de acusações injustas de fraude em um exame. Mas contornou esta dificuldade e continuou seus estudos.

Em 1969 e 1971 novamente examinei a marca de nascença de Ravi Shankar. Houve maiores alterações desde 1964 com relação a sua posição para o pescoço e queixo. No momento a marca de nascença, que estava originalmente em seu pescoço, então (em 1964) logo abaixo o queixo, estava embaixo do queixo e próximo de seu ponto. Era claramente visível como uma distinta linha de pigmentação escura com cerca de 3 mm.

[26] A mim parece improvável que cortes aceitarão o testemunho de crianças que se lembrem de vidas prévias, e eu mesmo não acredito que deveriam. As afirmações de tais crianças pode algumas vezes apropriadamente levar a renovar a investigação de antigos casos criminais. Mas ações legais somente deveriam se seguir se tais investigações trouxerem nova evidência independente das afirmações da criança.

de largura enquanto corria atravessando a superfície abaixo do queixo próximo de seu ponto.

Em agosto de 1972, Dr. L. P . Mehrotra encontrou Ravi Shankar novamente em Kanauj. Soube que Ravi Shankar tinha se graduado pela faculdade em Kanpur em junho anterior. Então retornou a Kanauj onde estava trabalhando na loja de grão e sal do seu irmão, Uma Shankar. Já que houve em 1972 um excesso de formandos de faculdade na Índia em relação às posições para emprego disponíveis a eles, Ravi Shankar teve que se contentar em trabalhar na sua loja do irmão em vez de obter uma ou outra posição de escrevente para a qual sua educação parecia qualificá-lo.

O Caso de Mallika
Sumário do Caso e sua Investigação.

No presente grupo de casos indianos sugestivos de reencarnação incluo o de Mallika, como uma ilustração de casos em que há poucos detalhes de informação verificáveis mas que apresentam interessantes características de comportamento. Nesse sentido este caso possui aspectos semelhantes a alguns de menos importância ocorridos no Alasca bem como ao de Ranjith Makalanda (vide adiante), no qual as informações não possibilitaram a verificação de nenhuma das suas declarações.

O caso de Mallika foi relatado primeiramente por Mme. Robert Gaebelé[27,28], de Pondicherry. Quando estive na Índia, no verão de 1961, obtive mais algumas informações sobre o fato, fornecidas por Mme. Gaebelé e através de entrevistas com o pai de Mallika, com a irmã da mulher falecida, com quem Mallika se identificava, bem assim com o marido dessa irmã.

A pessoa falecida em questão era Kumari Devi Sabapathy, que havia morado em Vellore, cidade situada a umas setenta milhas a noroeste de Pondicherry. Devi havia morrido solteira, em 1949, aos vinte e oito anos de idade, vitimada por febre tifóide. Tivera um irmão e duas irmãs que sobreviveram ao período da infância. Uma das irmãs, depois de casada, morou em Pondicherry, onde o marido, Sri S. Mourougassigamany, é bibliotecário-assistente de Mme. Gaebelé, na biblioteca municipal. Em julho de 1956, os Mourougassigamany resolveram alugar o andar térreo de sua casa, e o fizeram a Sri K. Aroumougam e sua mulher que para lá se mudaram com sua filhinha, Mallika, nascida em Madras em 4 de dezembro de 1955. Vieram de Madras para Pondicherry em julho de 1956, indo imediatamente ocupar o apartamento da casa dos Mourougassigamany.

À medida que Mallik crescia, tornava-se grandemente apegada a Srimati Mourougassigamany. Quando não tinha ainda quatro anos completos de idade, Mallika subiu ao apartamento dos Mourougassigamanyf pela primeira vez. Lá notou algumas almofadas bordadas, sobre as cadeiras. Imediatamente apontou para elas dizendo: "Fui eu quem as fez." As almofadas haviam, na verdade, sido feitas por Devi, falecida irmã de Srimati Mourougassigamany, e quando esta disse a Mallika que as almofadas tinham sido feitas por uma mulher morta há mais de dez anos, Mallika abanou a cabeça e declarou: "Essa era eu".

A principio Mallika dirigia-se a Srimati Mourougassigamany como "irmã" mas esta pediu-lhe que não a chamasse assim. (Ela não queria que a lembrassem da morte de sua irmã). Disse a Mallika que a chamasse de "tia". Essa ligeira rejeição não impediu o desenvolvimento de um crescente apego de Mallika por Srimati Mourougassigamany, o qual se prolongou pelos anos que se seguiram. Sempre que podia, Mallika subia ao andar de cima para visitar Srimati Mourougassigamany e ajudá-la no serviço da casa. Ficava com ela o mais que podia. Essa afeição continuou até 1962. Quando os pais de

---

[27] Y. R. Gaebelé. "Un cas de réincarnation". *La Revue Spirite*, julho-agosto. 1960, 126-127.

[28] Y. R. Gaebelé. "Du nouveau sur Mallika". *La Revue Spirite*, maio-junho, 1961, 104-105.

Mallika a levaram para umas férias em Madras, em 1962, e ali foram visitados pelos Mourougassigamany, Mallika mostrou desejo de voltar com eles para Pondicherry[29].

Srimati Mourougassigamany notou várias semelhanças de comportamento entre Mallika e sua falecida irmã, como por exemplo, o modo particular de banhar-se, certos gestos e a maneira de andar desembaraçadamente perante outras pessoas. Mostrou também grande precocidade em certas habilidades como preparar caril.

Algum tempo depois da primeira declaração e atitudes que a identificaram com Devi, os Mourougassigamany levaram-na consigo em uma viagem a Vellore. Ela foi levada não à casa em que Devi e sua família haviam morado, mas a uma outra onde mora atualmente um irmão de Devi. Ali, na sala de estar, Mallika caminhou em direção a duas grandes fotografias e disse: "Estes são meu pai e minha mãe". Essas fotografias eram dos pais de Devi. Apontando para uma outra fotografia de um grupo de família, disse: "Este é meu irmão", e acrescentou: "Mas ele nunca está em casa". O irmão de Devi (que figurava naquele grupo) de fato estava sempre fora, administrando suas propriedades.

Os Mourougassigamany lembram-se de apenas uma outra declaração específica de Mallika alusiva à vida de Devi. Durante a vida desta os Mourougassigamany possuíam uma vaca, da qual Devi (quando os visitou em Pondicherry) gostava muito. Foi quem lhe escolhera o nome "Coundavy", inspirado no de uma princesa hindu. A vaca havia morrido muitos anos antes do nascimento de Mallika. Um dia, alguém, na presença de Mallika, referiu-se à vaca "Coundavy" e a menina logo disse: "Eu me lembro de Coundavy e do cachorrinho que costumava mamar na vaca como se fosse um bezerro." Isto fez lembrar aos presentes que um cachorro que pertencera aos Mourougassigamany havia mamado na vaca Coundavy quando esta estava amamentando um bezerro que tivera. Os Mourougassigamany asseveraram, com certeza, que ninguém havia anteriormente mencionado este incidente a Mallika.

Quando Mallika, mais tarde, encontrou-se com o irmão de Devi, imediatamente dirigiu-se a ele como "irmão". Tornou-se tão apegada a ele quanto à irmã de Devi, Srimati Mourougassigamany. Quando ele foi à casa dos Mourougassigamany, Mallika não o largou, servindo-o com grande solicitude e carinho, nunca deixando sua companhia exceto para ir à escola. Até 1962 continuou a chamá-lo de "irmão", tratamento bastante estranho partindo de uma criança para um homem de 55 anos e de família completamente diferente. O irmão de Devi já não morava com a família mas um pouco afastado. Mallika disse-lhe um dia: "Irmão, por que você saiu de casa?"

A afeição de Mallika pelos Mourougassigamany continuou intensa e, na verdade, parecia ter-se tornado mais apegada a eles do que a seus pais. O pai de Mallika mesmo afirmou isso. Contrariamente aos pais de algumas das outras crianças focalizadas nestes casos, como Prakash e Ravi Shankar, os de Mallika não parecem ter ficado inquietos ou enciumados pelo seu apego à presumida família anterior. A esse respeito, assemelham-se aos pais de Swarnlata, Sukla e Parmod.

Mallika nunca declarou coisa alguma acerca da vida de Devi, em resposta a perguntas. Suas poucas afirmações sempre foram feitas espontaneamente, aparentemente

[29] Y. R. Gaebelé. Comunicação Pessoal, 27 de julho de 1962.

estimuladas por algum objeto, pessoa ou comentário feito em sua presença. Mallika jamais falou em sua vida anterior com seus pais, mas somente com os Mourougassigamany e outros membros da família de Devi.

Comentário.

Como já foi dito, ao presente caso faltam muitos detalhes e, por esta razão, seus aspectos importantes são constituídos pelas características de comportamento de Mallika relativamente à profunda afeição que sentia pela irmã e pelo irmão de Devi.

Uma vez que Mallika e sua família se mudaram para o andar térreo da casa dos Mourougassigamany quando a menina tinha menos de um ano de idade, ela cresceu ao lado deles, visto morarem ambas as famílias na mesma casa. Um apego, de algum modo, por vizinho amável nada tem de surpreendente; é mais o grau de intensidade dessa ligação por parte de Mallika, e sua persistência, o que transcende os limites normais de tais afetos de crianças por seus vizinhos. É possível que Srimati Mourougassigamany alimentasse a amizade de Mallika, mas improvável que causasse aquela forma particular de afetividade. Ela não tinha filhos e desejava muito ter um, mas não apreciava que a lembrassem de sua falecida irmã. A recordação da morte desta conservou-se dolorosa para ela por muitos anos e foi por isso que proibira Mallika de chamá-la de "irmã", pedindo-lhe que a chamasse de "tia".

O afeto de Mallika pelo irmão de Devi é ainda mais difícil de entender, visto que as oportunidades de convivência entre ele e Mallika eram escassas e só possíveis nas suas ocasionais visitas de Vellore e Pondicherry. Apesar disso ela demonstrara um grau de familiarídade e afeição por ele, muito além do limite de comportamento adequado por parte de uma menina indiana para com um homem mais velho, mas totalmente apropriado no trato de uma irmã para com o irmão, que é como ela se dirigia a ele.

O caso apresenta interesse adicional pela sua exemplificação da "lei" psicológica segundo a qual o reconhecimento é mais forte do que a lembrança. Mallika não tinha, realmente, recordações totalmente espontâneas da vida de Devi, quando da ausência de estímulos que poderiam servir de associações para as lembranças. Ela comentou sobre as almofadas bordadas, depois que as viu; sobre os pais e o irmão de Devi, depois de ver suas fotografias; e sobre o comportamento do cachorro que mamava na vaca, depois que alguém fez alusão ao nome desta. A lembrança das imagens relativas à vida de Devi não tinham suficiente vigor para penetrar em sua consciência, exceto quando estimuladas. A atitude de afeto para com a família de Devi manifestava-se bem mais constantemente.

O caso de Mallika apresenta o aspecto um tanto singular de a sua família ter-se mudado justamente para a casa habitada também pela irmã da personalidade anterior. Por um lado, isto parece uma estranha coincidência, e alguns leitores podem ver nisso um fundamento para a suposição de que Srimati Mourougassigamany deixou-se dominar pela idéia de que Mallik fosse sua falecida irmã reencarnada e estimulou o comportamento da criança. Por outro lado, devemos lembrar-nos de que, na hipótese de reencarnação, muitas pessoas se reencarnam com apenas pálidas lembranças da vida anterior. O adormecimento ou despertamento dessas memórias podem, então, depender de tais pessoas virem ou não a entrar em contato com indivíduos ou lugares que

proporcionem o estímulo necessário para trazer as lembranças acima ao limiar da consciência[30].

[30] Por alguns anos após 1961 recebi ocasionalmente notícias sobre Mallika de Mme. Gaebelé. Subseqüentemente a família de Mallika deixou Pondicherry e meus esforços para localizá-los foram infrutíferos.

O Caso de Parmod

Sumário do Caso e Sua Investigação.

Parmod Sharma, segundo filho do Professor Bankey Lal Sharma, de Bisauli, Uttar Pradesh, nasceu em Bisauli, em 11 de outubro de 1944. Quando tinha cerca de dois anos e meio de idade, pôs-se a dizer a sua mãe que não cozinhasse pois ele tinha uma esposa em Moradabad que sabia cozinhar. Posteriormente, entre a idade de três a quatro anos, começou a referir-se a uma grande loja de soda e biscoitos que dizia possuir em Moradabad. Pediu para ir a essa cidade. Disse ser um dos "Mohan Brothers". Afirmou estar bem de vida e ser proprietário de uma outra loja em Saharanpur. Mostrou extraordinário interesse por biscoitos e lojas, de que falarei adiante mais detalhadamente. Contou como, em sua vida anterior, ficara doente após ter comido muita coalhada, e disse que "morreu em uma banheira".

Os pais de Parmod inicialmente não tomaram nenhuma providência para verificar as declarações do menino, Contudo, a notícia de tais fatos chegou ao conhecimento de uma família chamada Mehra, em Moradahad. Os irmãos dessa família, que possuíam uma loja de soda e biscoitos (chamada Mohan Brothers[31]) em Moradabad, e outra loja em Sharanpur, tinham tido um irmão, Parmanand Mehra, que morrera em 9 de maio de 1943, em Saharanpur. Parmanand Mehra contraíra um mal gastrointestinal crônico, depois de empanturrar-se de coalhada. Eventualmente, parece ter tido apendicite e peritonite, do que morreu. Parmanand havia sido um ativo homem de negócios que tinha uma sociedade com três irmãos e um primo. Possuíam muitos interesses comerciais em Moradabad e Saharanpur, entre os quais, dois hotéis, duas lojas e um cinema. O próprio Parmanand havia iniciado o negócio de biscoitos e de produção de água de soda da família, gerindo-o ele próprio, durante muitos anos.

Quando a família de Parmanand soube das declarações feitas por Parmod, através dos meios atrás descritos, decidiram visitar o menino, em Bisauli. No verão de 1949, quando Parmod tinha pouco menos de cinco anos de idade, vários membros da família Mehra foram a Bisauli, mas ele estava ausente. Pouco depois, porém, Parmod viajou para Maradabad, em companhia de seu pai e de um primo materno. Aí, reconheceu diversos componentes da família Mehra e muitos lugares da cidade. Em ocasião posterior, visitou Saharanpur, onde efetuou o reconhecimento de mais algumas pessoas.

O Professor B. L. Atreya, da Universidade de Benares, investigou este caso, poucas semanas após a visita de Parmond a Moradabad. Ele gentilmente ofereceu para este relato duas cartas escritas sobre o caso, em 1949, pelo Professor Sharma, pai de Parmod, bem como uma declaração sobre verificações e reconhecimentos, escrita por Sri Mohan Lal Mehra, irmão mais velho do falecido Parmanand Mehra. O Professor Atreya publicou um relatório sobre o caso, em 1957[32].

---

[31] O irmão mais velho da sociedade constituída pela família Mehra era Mohan Mehra. Seu nome ficou vinculado ao dos negócias da família que se denominavam "Mohan and Brothers", abreviado para "Mohan Brothers".

[32] B.L Atreya. *Introduction to Parapsychology*. Benares: The International Standard Publications, 1957. (Vide Cap. 3, pág. 116-119).

Em 1961 investiguei esse caso, com o auxílio de Sri Sudhir Mukherjee. Em 1962, Sri Subash Mukherjee colheu mais alguns depoimentos, em entrevistas com algumas testemunhas. Retornei ao local dos fatos, em 1964, e os reexaminei, tendo o Dr. Jamuna Prasad como intérprete. A maioria das testemunhas falava apenas o hindi, porém o pai e o irmão mais velho de Parmod falavam o inglês, assim como Sri Raj K. Mehra, de Moradabad. O próprio Parmod fala somente um pouco de inglês. Ao redigir este relatório, baseei-me principalmente nas minhas entrevistas em 1964. Contudo, servi-me também de documentos anteriores coligidos pelq Professor B. L. Atreya, de algumas entrevistas com informantes anotadas por Sri Subash Mukherjee e de alguns relatórios do caso publicados anteriormente[33,34]. Todos esses relatórios anteriores foram baseados em correspondência com as principais testemunhas e não em entrevistas pessoais. Utilizei-me de tais relatos apenas quando as testemunhas que entrevistei os leram e confirmaram como sendo exatos. O material coligido pelo Professor Atreya e os relatórios anteriores apresentara a vantagem de terem sido escritos logo após a ocorrência dos fatos principais.

Os elementos disponíveis para o estudo e autenticação dos eventos incluem, assim, declarações escritas imediatamente após os fatos centrais terem sucedido e as duas famílias terem-se encontrado, e também dados provenientes das duas séries de minhas entrevistas pessoais em 1961 e 1964, juntamente com alguma correspondência adicional, notas das entrevistas de Sri Subash Mukherjee e os relatórios anteriores.

Fatos Geográficas Relevantes e Possíveis Meios Normais de Comunicação Entre as Duas Famílias.

Bisauli é uma cidadezinha situada cerca de trinta milhas a sudoeste da grande cidade de Barrilly, no Estado de Uttar Pradesh. Moradabad é outra grande cidade do Estado, aproximadamente sessenta milhas ao norte de Bareilly. Saharanpur está ainda mais para o norte umas cem milhas. Embora Bisauli fique um tanto para o "interior" e distante das principais estradas de ferro, linhas de ônibus regulares a ligam a Bareilly, e desta pode-se facilmente ir de ônibus ou de trem a Moradabad.

A família do Professor Sharma estivera muitas vezes em Moradabad, embora Parmod lá não tivesse estado anteriormente à sua primeira visita de reconhecimento, no verão de 1949, quando contava menos de cinco anos de idade. A família de Parmod não tinha conhecimento da família de "Mohan Brothers" e, como já foi dito, a família de Parmod não tomou a iniciativa de um encontro entre ambas.

As duas famílias entraram em contato por intermédio de Sri Lala Raghanand Prasad que tinha parentes em Moradabad, embora ele próprio morasse em Bisauli onde era amigo e colega do Professor Sharma, pai de Parmod. Sri R. L Prasad falou sobre as afirmações e o comportamento de Parmod a um parente que morava em Moradabad, e este, que conhecia os Mehra, referiu-lhes os fatos, o que deu causa à sua primeira visita a Parmod, em Bisauli.

Em 1961, a mãe de Parmod declarou que seu irmão, Sri Shiva Sharan Sharma, funcionário da estrada de ferro, estivera por algum tempo fazendo um estágio em

---

[33] B. Samanera. "Five Year Old Boy Recalls Past Life". *Bosat*. Vol. 13, 1949, 27-32.

[34] B.L Atreya. *Op. cit*, nº. 32.

Moradahad. Também ele falou aos irmãos Mehra sobre o comportamento de Parmod, depois que dele teve conhecimento. Ele e Sri L. R. Prasad podem presumivelmente ter servido de elo telepático entre as famílias Mehra e Parmod, ponto sobre o qual tornarei a falar depois de apresentar os fatos principais do caso.

Pessoas Entrevistadas Durante a Investigação.

Em Bisauli entrevistei:

Parmod Sharma.
Srimati Bankey Lal Sharma, mãe de Parmod.
Vinod Sharma, irmão mais velho de Parmod.
Sri Madan Lal Sharma, primo mais velho de Parmod.
Sri Lala Raghanand Prasad, amigo do pai de Parmod.

Em Chindausi entrevistei:

Sri Bankey Lal Sharma, pai de Parmod.

Em Moradabad entrevistei:

Sri Mohan Lal Mehra, irmão mais velho de Parmanand Mehra.
Sri J. D. Mehra, segundo irmão de Parmanand.
Mehra Sri Raj Kumar Mehra, filho de Mohan Lal Mehra, sobrinho de Parmanand Mehra.
Srimati Nandrani Mehra, viúva de Parmanand Mehra.
Sri Nan Kumar Mehra, filho mais velho de Parmanand Mehra.
Sri Pritan Kumar Mehra, segundo filho de Parmanand Mehra.
Kumari Premlata Mehra, filha de Parmanand Mehra.

SUMÁRIO DAS DECLARAÇÕES E RECONHECIMENTOS FEITOS POR PARMOD			
Item	**Informantes**	**Verificação**	**Comentários**
1. Possuía uma loja de biscoitos.	B. L. Sharma, pai de Parmod. M.L. Sharma, primo da mãe de Parmod.	M.L. Mehra, irmão de Parmanand. Visitei a casa de biscoitos em Moradabad, em 1961 e 1964.	A família possuía uma grande loja de doces. O estabelecimento fabricava e vendia biscoitos.
2. A loja era também de água gaseificada.	B. L. Sharma.	M. L. Mehra. Eu próprio, durante visitas a Moradabad em 1961 e 1964.	A loja possuía uma máquina de fabricar soda. Essa complicada máquina foi-me mostrada em 1961 e 1964.
3. É uma grande loja em Moradabad.	B. L. Sharma.	Eu próprio, durante visitas a Moradabad em 1961 e 1964.	A loja em questão é relativamente grande e localiza-se no centro de Moradabad.
4. Sua loja pertencia a "Moban Brothers".	B.L. Sharma.	M. L. Mehra.	Outras testemunhas das declarações de Parmod, corno sua mãe e Sri M. L. Sharma, não se lembraram de que Parmod tivesse

			mencionado o nome Mohan, e pensaram que a loja e família certas foram identificadas pela descrição de Parmod. Embora o nome da família seja Mehra, o negócio da família, que pertencia a quatro irmãos e um primo tinha o nome do irmão mais velho: "Mohan and Brothers", geralmente reduzido para "Mohan Brothers".
5. Ficara doente depois de tomar coalhada.	M. L. Sharma.	M.L. Mehra. N. K. Mehra, mais velho de Parmanand. Nandrani Mehra, viúva de Parmanand.	Parmanand gostava extremamente de coalhada e, em uma festa de casamento, empanturrou-se com coalhada. Depois disso, ficou sofrendo de moléstia gastrointestinal crônica, seguida mais tarde por apendicite e posteriormente peritonite, de que morreu. Dois ou três dias antes de morrer pediu insistentemente que lhe dessem coalhada, contrariamente à prescrição. Declarou que talvez não tivesse outra oportunidade de saboreá-la. Parmanand atribuiu sua moléstia e morte iminente à ingestão excessiva de coalhada.
6. Ele "morreu numa banheira".	M. L. Sharma.	M.L. Mehra. J.D. Mehra, irmão de Parmanand.	Segundo Sri M. L. Sharma, Parmod disse ter morrido "numa banheira". Testemunhas da família Mehra afirmaram que Parmanand tentou um tratamento de uma série de banhos naturoterápicos quando estava com apendicite. Submetia-se a alguns desses tratamentos durante os dias que antecederam sua morte mas, na realidade, não morreu muna banheira. Em carta datada de 6 de

			setembro de 1949, Sri B.L. Sharma declarou que Parmod dissera ter morrido por estar "molhado de água" e que ele (Sri B.L. Sharma) soube (presumivelmente da família Mehra) que Parmanand havia tomado um banha pouco antes de morrer.
7. Tinha quatro filhos, uma filha e esposa.	M. L. Sharma.	N. K. Mehra.	Em 1964, em Moradabad, encontrei-me com a viúva de Parmanand, três dos seus filhos e sua filha. Um dos filhos encontrava-se ausente por ocasião da minha visita.
8. Possuía também uma loja em Saharanpur.	M. L. Sharma.	M. L. Mehra.	Os irmãos Mehra possuíam lojas tanto em Moradabad como em Saharanpur. Parmod fez as declaração dos itens 8-10 depois que as duas famílias se encontraram; portanto, ele poderá ter sabido desses fatos em Moradabad, quando ali esteve.
9. Possuía um hotel em Saharanpur.	B. L. Sharma	M. L. Mehra.	A família Mehra possuía um hotel em Saharanpur.
10. Possuía um cinema em Saharanpur.	B. L. Sharma..	M. L. Mehra.	A família possuía um cinema em Saharanpur.
11. Sua mãe morava em Saharanpur.	B. L. Sharma.	M. L. Mehra.	A mãe de Parmanand residia em Saharanpur.
12. Reconhecimento de Sri Karan Chand Mehra, primo mais velho de Parmanand, na estação ferroviária de Moradabad.	B. L. Sharma. M. L. Sharma.	M. L. Mehra. N. K. Mehra.	Corroborado também por Sri M. L. Mehra, primo de Srl Karam Chand Mehra., que não foi, todavia, elc próprio, testemunho ocular do reconhecimento. O pai de Parmod já havia cumprimentado Sri K.C. Mehra, mas isso não explicaria o fato de Parmod ter chorado e ter enlaçado com seus braços Sri K.C. Mehra, nem haver dito que Sri Mehra era seu "irmão mais velho". (Um indiano chama normalmente de "irmão" a um primo,

			particularmente se há uma estreita ligação como no caso de Parmanand e seu primo). Sri B. L. Sharma disse que Parmod declinou também o nome de Sri K. C. Mehra, quando o cumprimentou.
13. Seu nome era Parmanand.	B. L. Sharma.	M. L. Mehra.	Parmod não havia usado o nome Parmanand até o momento em que saudou Sri Karam Chand Mehra, na estação de Moradatad. Disse, então: "Olá, Karam Chand. Eu sou Parmanand".
14. Reconhecimento do caminho da estação de Moradabad a casa "Mohan Brothers" e identificação desta.	B. L. Sharma. M. L. Sharma. M. L. Mehra.	Em 1964, quando visitei Moradabad, atravessei essa área entre a estação ferroviária e a casa de "Mohan Brothers".	A loja fica a uma distancia considerável (cerca de meia milha) da estação ferroviária, em uma via com uma porção de conversões possíveis. Parmod foi conduzido da estação em uma "tonga", veículo de duas rodas, puxado por cavalos, muito usado na Índia. O cocheiro foi instruído para seguir a direção indicada por Parmod no percurso da estação à loja. Nada há de particularmente característico na casa que a torne facilmente reconhecível. Ela tem, contudo, no alto, letreiros que anunciam os biscoitos, bem como o nome do estabelecimento. Sri M. L. Mehra, que não se encontrava presente durante o trajeto da estação, declarou que o cocheiro da "tonga" foi orientado no sentido de seguir as indicações de Parmod, mas que as pessoas presentes tentaram confundir Parmod.
15. Reconhecimento da Prefeitura de Moradabad.	B. L. Sharma	A caminho entre a estação e a casa "Mohan Brothers",	Parmod usou a palavra. "Town Hall" — Prefeitura —

		passei pela Prefeitura e a observei.	(pronunciando "Ton Hall") que Sri B.L. Sharma insiste em que ninguém dissera em sua presença. A Prefeitura de Moradabad é um grande edifício no centro da cidade mas não traz nenhum letreiro ou outra indicação da sua finalidade e mais se parece com uma mesquita do que com um edifício público.
16. A casa "Mohan Brothers" fica perto da Prefeitura.	B. L. Sharma	Eu próprio, durante a visita a Moradabad.	Declaração relta por Parmod depois de atingir a Prefeitura de Moradabad, a caminho da loja "Mohan Brothers".
17. Queixa de que "seu" assento na loja, tinha sido mudado. Reconhecimento do lugar em que "ele" se sentava.	M. L. Sharma. B. L. Sharma. Raj K. Mehra. N. K. Mehra.		As lojas na Índia têm geralmente à entrada, um assento cercado (gaddi), para o proprietário ou gerente. Ele senta-se aí, recebe os fregueses e dirige o movimento. O assento e a disposição à sua volta haviam sido mudados depois da morte de Parmanand.
18. Explicação de como manejar a máquina de água gaseificada, da loja dos "Mohan Brothers", em Moradabad.	M. L. Mehra. B. L. Sharma. N. K. Mehra.		Quando Parmod entrou na loja, uma das suas primeiras observações foi: "Quem é que está cuidando agora do preparo das massas e da água gaseificada?" (Estas eram as principais incumbências de Parmanand Mehra no negócio da família). Quando levado à máquina de água gaseificada, Parmod mostrou saber exatamente como ela funcionava. A água havia sido desligada para confundi-lo, mas ele soube, sem que ninguém lhe dissesse, como fazer com que essa complicada máquina ficasse em condições de funcionar.
19. Reconhecimento do quarto em que dormia	M. L. Sharma J. D. Mehra	N.K. Mehra	Após a morte de Parmanand, Sri J. D.

na casa de Parmanand. Comentário sobre um biombo colocado no quarto depois de sua morte.			Mehra instalou um biombo divisório no quarto em que ele dormia, Quando Parmod viu tal biombo, perguntou a Sri Mehra: "Você fez isso?" O primeiro indagou de Parmod: "Não estava aqui?", ao que Parmod replicou: "Não".
20. Reconheclmerito do "almirah" (armário) de Parmanand, na casa.	Nandrani Mehra.		Indicando um determinado "almirah" na casa, Parmod disse que costumava nele guardar suas coisas.
21. Reconhecimento de uma mesinha baixa ("tipai") própria para refeições, que pertencera a Parmanand.	Nandrani Mehra.		Parmanand possuía uma mesa baixa especial, que usava para refeições. Parmod reconheceu essa mesinha quando a viu na cozinha, e disse: "Esta era a que costumava usar para minhas refeições". Sri M. L. Sharma e Sri B. L. Sharma foram testemunhas secundárias deste item.
22. Reconhecimento da mãe de Parmanand.	B. L. Sharma. N. K. Mehra.		Quando a mãe de Parmanand se aproximou do lugar em que Parmod estava sentado, este imediatamente dirigiu-se a ela chamando-a de "Mãe", antes que nenhum dos presentes tivesse feito qualquer comentário a respeito dela.
23. Reconhecimento da fiha de Parmanand.	B. L. Sharma. M. L. Sharma. Nandrani Mehra. Premlata Mehra, filha de Parmanand.		Parmod chamou-a sua "filha", mas não lhe disse o nome. Vide nota 17. pág. 88, referente à relutância com que na Índia se usam os nomes dos familiares. Não estou certo se o pai e o tio de Parmod foram testemunhas de primeira mão deste item.
24. Reconhecimento da esposa de Parmanand.	Nandrani Mehra. B. L. Sharma. M. L. Sharma.		Uma sugestão involuntária pode ter interferido nesse reconhecimento, porquanto Parmod foi levado a um grupo de

			senhoras e elas lhe perguntaram se conseguia reconhecer "sua" esposa. Ele assumiu uma natural atitude de embaraço e olhou para a viúva de Parmanand. Em seguida ela o levou para um lado. Posteriormente contou aos demais que Parmod lhe dissera: "Eu voltei mas você não colocou o Bindi". Esta observação referia-se ao sinal redondo de pigmentação vermelha usado na Índia pelas esposas, mas não por viúvas. A observação seria enormemente estranha provinde de um menino para uma senhora desconhecida mas perfeitamente adequada nas relações entre marido e mulher. Denota quão firmemente Parmod acreditava que aquela senhora era "sua" esposa. Ele a reprovou também por usar um sari branco, como comumente fazem as viúvas indianas, em vez de um colorido como é próprio às esposas.
25. Reconhecimento do filho de Parmanand, Sir N.K. Mehra.	N. K. Mehra Raj K. Mehra Nandrani Mehra		Sri N. K. Mehra disse que Parmod dirigiu-se a ele por seu apelido familiar, "Bali". Os outros dois informantes não ouviram ou não se lembram desse detalhe, mas declararam que Parmod mencionou a ordem de nascimento dos filhos de Parmanand, dizendo, por ex.: "filho mais velho". Sri J.D. Mehra prestou depoimento discrepante a respeito deste item, negando, em certa ocasião, que Parmod houvesse reconhecido Srl N. K. Mehra, e em outra, afirmando que ele o

			fizera. Sri N. K. Mehra informou que, quando chamou Parmod por seu nome, este protestou, como o faria um pai cujo filho o chamasse pelo nome.
26. Reconhecimento de Sri Govardhan Das Mehra, filho de Parmanand.	Govardhan Das Mehra, filho de Parmanand Nandrani Mehra		Govardhan Das Mehra, criança ainda, chegou da escola quando Parmod estava visitando a família Mehra, em Moradabad. Alguém perguntou-lhe: "Quem é esse?" Parmod replicou: "meu filho". Indagaram-lhe então o nome do menino e ele informou: "Gordhan". Esta era a forma abreviada correta de "Govardhan", usada na família. Srimati Nandrani Mehra declarou que Parmod enunciara a ordem exata dos filhos de Parmanand, como mais velho, caçula, etc. mas não declinou nenhum nome. Sri Govardhan Das revelou que Parmod lhe ordenara que se dirigisse a ele (Parmod) como "pai" e não por seu nome.
27. Reconhecimento de Sri M. L. Mehra, irmão de Parmanand.	K.L. Mehra.		Parmod identificou Sri M.L. Mehra como "irmão mais velho", mas não deu seu nome, esse reconhecimento teve lugar quando Parmod chegou à loja dos "Mohan Brothers". Uma testemunha, Sri B.L. Sharma. lembrou-se do fato, em 1964, como tendo ocorrido na estação ferroviária de Moradabad, mas Sri M.L. Mehra disse não ter ido à estação encontrar-se com Parmod.
28. Reconhecimento de Sri Raj K. Mehra, sobrinho de Parmanand.	Raj K. Mehra		Em 1961, Sri Raj K. Mehra declarou que Parmod o havia chamado "Raj" quando o reconheceu. Em 1964, não se lembrava disso e

			achava que Parmod o reconhecera apenas como "sobrinho".
29. Comentário sobre novos barracões acrescentados ao "Victory Hotel".	M. L. Mehra. J. D. Mehra.		Alguns barracões novos haviam sido construídos no hotel, depois da morte de Parmanand.
30. Reconhecimento de "almirahs" (armários) trazidos do Hotel anterior para o "Victory Hotel".	J. D. Mehra		A família possuirá um outro hotel (Churchill House) antes de comprar o "Victory Hotel". Transferiram alguns "almirahs" que Parmanand havia construído, do primeiro hotel para o "Victory Hotel". Parmod viu tais "almirahs" quando estava percorrendo o hotel e disse: "Estes são os "almirahs" que eu havia construído no Churchill House".
31. Reconhecimento de um médico conhecido de Parmanand em Saharanpur.	Raj K. Mehra.		Durante sua visita a Saharanpur, Parmod espontaneamcnte apontou para esse homem, dizendo: "Ele é médico e velho amigo meu".
32. Reconhecimento de Yasmin, um muçulmano devedor de Parmanand. Parmod disse-lhe; "Eu tenho um dinheiro para receber de você".	B. L. Sharma. Raj K. Mehra.		Yasmin mostrou-se, a princípio, relutante em admitir a dívida, mas quando um dos membros da família Mehra presente assegurou que não tinha intenção de recobrar o dinheiro, ele declarou que Parmod tinha razão a respeito da dívida. As testemunhas discordaram quanto à verdadeira soma devida.
33.Reconhecimento do motorista de um carro de transportes em Hardwar.	B. L. Sharma.		Sri B. L. Sharma, em carta escrita em 18 de novembro de 1949, situou tal reconhecimento em Hardwar, mas em 1964 lembrou-se de que ocorrera em Saharanpur. Acrescentou que Parmod notou espontaneamente o cocheiro, gritando-lhe: "Olá, Tauji".
34. Reconhecimento em	B. L. Sharma.		Sri J. D. Mehra não

Hardwar do médico da família de Parmanand (Sri Nawal Bahari Mathur).	J. D. Mehra.		presenciou este episódio, mas declarou que dele tivera conhecimento por intermédio de seu primo, Sri Karam Chand Mehra, que o testemunhou e informou que Parmod havia dado corretamente o nome do médico.
35. Reconhecimento da estalagem em que Parmanand costumava hospedar-se em Hardwar, bem como do quarto em que dormia.			Não verificado independentemente. Sri B. L. Sharma comprovou esses fatos por pessoas da estalagem, as quais se lembravam de Parmanand.
36. Estivera em Délhi a negócios.	B. L. Sharma.	M. L. Mehra.	Parmanand havia estado em Délhi. Parmod visitou Délhi e declarou que ali localizou vários lugares, como Chandrí Chowk e o "familiar" Red Fort. Porém não alegou ter conhecimento especial destes ou de outros lugares em Délhi.

Declarações e Reconhecimentos Feitos por Parmod.

Apresentei atrás, em forma de tabulação, um sumário das principais declarações e reconhecimentos atribuídos a Parmod. Os depoimentos das testemunhas e os primeiros relatos indicam que o caso foi, em certa época, mais rico em pormenores, os quais poderiam ter sido corroborados e verificados anteriormente. Contudo, restringi-me neste relatório a um número menor de detalhes que senti merecerem confiança pela sua autenticação por parte das testemunhas.

Dos itens constantes de tais tabulações os de números 1 a 7 foram mencionados por Parmod em Bisauli, e antes de sua primeira estada em Moradabad. As declarações de 8 a 10 foram por ele feitas após sua primeira visita a essa cidade e, do mesmo modo, o foi (provavelmente) a informação do item 11. Os itens 12 a 29 consistem principalmente de reconhecimentos ou depoimentos feitos durante a estada de Parmod em Saharanpur, no outono de 1949. Os itens 33 a 35 passaram-se durante uma visita, feita também nesse período, a Hardwar, uma cidade na montanha, perto de Saharanpur. Ignoro quando Parmod fez a declaração do item 36.

Relatos e Observações Relevantes sobre o Comportamento das Pessoas Relacionadas ao Caso.

Durante cerca de quatro anos, dos três ao sete de idade, Parmod manifestou um comportamento que denotava acentuada identificação com a personalidade anterior de

Parmanand Mehra. Sua primeira afirmação registrada, relacionada à existência pregressa, ocorreu quando, à idade aproximada de dois anos e meio, disse a sua mãe que não se desse mais ao trabalho de cozinhar, porquanto ele tinha uma esposa em Moradabad que prepararia as refeições. Manifestações mais completas de sua identificação com Parmanand Mehra deram-se quando ele se achava entre os três e quatro anos de idade.

Mais ou menos por essa ocasião começou a demonstrar, quando brincava, um grande interesse em construir modelos de lojas com fios elétricos a percorrê-los. Suas brincadeiras com lama incluíam a manufatura de biscoitos de barro. Oferecia-os aos outros, servindo-os com água, que representava chá. (Ele não comia dos seus biscoitos de barro). Denotava gostar muito de biscoitos e chá, o que era totalmente inusitado em sua família. Por associação com os biscoitos, começou a falar em água gaseificada. Gostava também de tomar essa bebida, e não apreciava o leite. Em seguida passou a fornecer outras informações a respeito do tamanho da casa comercial em Moradabad, o que nela se vendia, sua prosperidade e suas atividades ligadas à loja, tais como as viagens que fazia a Délhi.

Durante essa fase, tendia ao retraimento e evitava brincar com as outras crianças; parecia preocupado com sua vida em Moradabad e freqüentemente importunava seus pais para o levarem lá, chegando às vezes a chorar por isso. Relutantemente começou a freqüentar a escola, sob a promessa de sua mãe de que poderia ir àquela cidade, quando soubesse ler. Mas ele alegou que ia trabalhar, e não ler na sua loja. Queixava-se da situação financeira da família, comparando-a desfavoràvelmente. à "sua" prosperidade anterior.

Além da conduta já mencionada. Parmod manifestava outros anseios, costumes e aversões que eu achei corresponderem a traços ou experiências peculiares a Parmanand. Ele tinha, por exemplo, grande aversão por coalhada, o que, como já falei, dizia-se ter sido uma das principais causas que contribuíram para a doença e morte de Parmanand. Recomendava aos pais não tomarem coalhada, dizendo que era perigosa. À medida que foi crescendo, começou a tomá-la juntamente com outros alimentos, mas não a tomou pura senão quando tinha dezessete anos. Aos dezenove, em 1964, tomava esse alimento, mas ainda sem prazer, embora a maioria dos indianos o apreciem muito.

Parmod manifestava também grande desconforto ao sentir-se imerso na água. Não se incomodava que a água vinda de um cano lhe corresse sobre o corpo, por exemplo, mas sentia-se inquieto à sugestão de nadar ou mesmo banhar-se em um rio no qual seu corpo todo tivesse que ficar imerso. Esse temor relacionava-se aos banhos de imersão que Parmanand tomara antes de morrer. Tal sentimento havia também desaparecido por ocasião da minha segunda visita, quando Parmod estava com dezenove anos de idade.

Na primeira infância Parmod mostrava-se invulgarmente devoto, o que correspondia a um traço de religiosidade semelhante, por parte de Parmanand. Parmod afirmava lembrar-se de fragmentos de uma existência precedente à de Parmanand, na qual fora um "sannyasi" ou homem santo. Em 1964 denotava acentuado interesse pela quiromancia que, segundo eu soube, fora um passatempo de Parmanand. Parmod informou que, na vida em que fora Parmanand, lera a mão de sua cunhada. A viúva deste confirmou que seu marido de fato havia lido a mão da cunhada, tendo predito corretamente a idade em que ela morreria.

Parmod falava muitas palavras e frases em inglês, as quais seu pai esclareceu que não poderia ter ouvido na família, mas que eram peculiares a Parmanand, que falava essa língua. Também Sri B. L. Sharma fala o inglês mas não sua esposa, e o inglês não é usado em família. Entre as palavras inglesas ouvidas encontravam-se: "bakery" (padaria), "tub bath" (banho de imersão), e "town hall" (prefeitura). Ele mencionou também os nomes Tala, Birla e Dolmia, grandes companhias da Índia. A última é uma fábrica de biscoitos.

Quando criança, Parmod pareceu a seus pais ser dotado de um alto nível de inteligência. Contudo, não teve êxito de modo geral em seus estudos e, embora tivesse freqüentado uma faculdade intermediária, continuou a sentir dificuldades no currículo acadêmico. Sua mãe acreditava que a recordação da existência anterior havia interferido em seu aprendizado. Considerando-se o fato de que Pannod parecia muito preocupado com sua personalidade pregressa durante alguns dos anos críticos do período escolar, i.é., dos quatro aos sete, essa explicação tem muito cabimento. Em um aspecto do seu comportamento Parmod mostrava possuir habilidade superior. Um parente seu que possuía uma pequena loja deixava alguém tomando conta do negócio quando tinha que viajar. Parmod demonstrou grande aptidão para dirigir a loja, e esse homem deu-lhe preferência sobre outras pessoas para ser seu substituto. Não obstante esta aptidão para os negócios, Parmod afirmou preferir não interessar-se na atividade comercial, embora sua família considerasse que isso seria muito apropriado para sua futura carreira. Farmod achava que os tempos na Índia não eram muito favoráveis para negócios e, em 1964, estava tentando preparar-se para a carreira de engenheiro químico.

Por ocasião do seu primeiro encontro com membros da família Parmanand, Parmod externou grande emoção, inclusive chorando e dando demonstrações de afeto. Sri M. L. Mehra disse que em Moradabad, Parmod manifestou preferência em estar com ele, mais do que com seu pai. Suas atitudes em relação aos membros da família Parmanand correspondiam ao relacionamento que Parmanand mantinha com eles. Assim, agiu para com a esposa de Parmanand como um marido o faria e, relativamente aos filhos, como um pai. Demonstrou familiaridade com os filhos de Parmanand, mas não com seu sobrinho. Não consentia que os filhos de Parmanand o chamassem por seu nome, mas determinou-lhes que o chamassem de pai. Disse-lhes: "Eu apenas fiquei pequeno."

Parmod perguntou à esposa de Parmanand se esta iria causar-lhe aborrecimentos outra vez. Em outra oportunidade declarou, referindo-se a ela: "Esta é minha mulher e com quem eu sempre brigava." Um dos informantes esclareceu que Parmanand tinha-se contrariado com sua mulher e que se mudara para Saharanpur a fim de livrar-se dela.

Parmod fez várias visitas à família de Parmanand quando tinha entre cinco e seis anos de idade, e algumas pessoas dessa família visitaram-no em Bisauli. Nessas ocasiões ele manifestava a maior das afeições pelos componentes da outra família. Numa de tais oportunidades demonstrou grande relutância era voltar para Bisauli, tendo chorado ao ser levado de Moradabad. Um dia, depois de sua primeira visita a esta cidade, fugiu de casa tendo chegado até à estação ferroviária de Bisauli. Quando o trouxeram de volta, declarou que tinha intenção de ir a Saharanpur para administrar os negócios da família.

Depois das primeiras visitas, seu desejo de ir a Moradabad e seu acentuado interesse pela família Melira diminuíram gradualmente, juntamente cora suas declarações

espontâneas sobre a vida anterior. Apesar disso conservava, mesmo então, um apreciável interesse por essa família. Manifestou aborrecimento, certa ocasião, ao descobrir que não o haviam convidado para o casamento de um dos filhos de Parmanand. Durante os anos de 1961 a 1963, a filha de Parmanand, Kumari Premlata Mehra, trabalhou em Budaun, cidade muito mais próxima de Bisauli do que Moradabad. De lá costumava visitar Parmod, de vez em quando. Nessas ocasiões ele lhe mostrava muita ternura como também contrariedade quando deixava de ir vê-lo. Demonstrava para com ela, a princípio, a atitude de um pai em relação à sua filha, até que posteriormente Kurmari Premlata sugeriu que, em vista de o passado já não existir, se tratassem como irmão e irmã; daí em diante Parmod mudou seu comportamento para com ela. Em 1961 Parmod declarou que suas recordações tinham claramente enfraquecido um tanto, mas ainda conservava algumas. Não apresentou qualquer sinal de que tivesse elaborado os relatos posteriormente. Por exemplo, negou, então, que anteriormente tivesse lembrado o nome "Mohan Brothers", embora seu pai houvesse testemunhado essa lembrança.

Em 1962, o Professor Sharma declarou (em depoimento registrado por Sri Subash Mukherjee) que Parmod havia "esquecido totalmente" sua existência pregressa. Mas tal afirmação parece referir-se àquilo que a família de Parmod observara sobre as manifestações espontâneas das declarações e do comportamento de Parmod relativamente à personalidade precedente, e não à capacidade deste em lembrar-se voluntariamente daquilo que antes ele parecia recordar; porquanto, em 1964, Parmod afirmou que ainda podia recordar-se do que lembrava antes. Ele não mais se preocupou com a sua vida antecedente, a não ser quando ia a algum lugar como Délhi ou sentia uma certa familiaridade com determinado local ou edifício. Então tentava situar na vida de Parmanand esses locais e as lembranças que eles despertavam. Passou a falar cada vez menos sobre a vida anterior, a menos que, como aconteceu quando o visitei, alguém lhe perguntasse especificamente sobre a mesma.

Comentários sobre a Evidência de Conhecimento Paranormal por Parte de Parmod.

Em contraste com alguns outros casos na Índia, este ocorreu entre pessoas de educação e de responsabilidade em sua comunidade. O pai de Parmod, por exemplo, é um erudito em sânscrito e professor num colégio secundário. Com relação ao nível educacional das testemunhas, o caso equipara-se ao de Swarnlata, entre os outros casos indianos desta monografia. Não consegui encontrar nenhum indício de que os detalhes tenham sido elaborados pelas testemunhas. A evidência de paranormalidade do caso assentasse principalmente, mas não inteiramente, nas declarações feitas por Parmod quando ele era uma criança de três a sete anos de idade, relativamente à vida anterior, bem como na observação da identidade de comportamento que no mesmo período apresentava com o falecido Parmanand Mehra. Sobre esses aspectos, os depoimentos de diferentes testemunhas demonstram clareza e concordância.

Não temos base para rejeitar as categóricas afirmações das duas famílias de que nada sabiam uma da outra antes do primeiro encontro de reconhecimento em Moradabad, quando Parmod contava ainda menos de cinco anos de idade. Mas, então, somos quase forçados a supor alguma forma de comunicação paranormal, para explicar a posse, por parte de Parmod, de informações de natureza bastante pessoal e específica relativamente à vida de Parmanand, bem como à sua manifestação de um comportamento adequado e

condicente com a que seria de esperar das experiências dessa personalidade que morrera.

Declarei anteriormente que o tio materno de Parmod, Sri Shiva Sharan Sharma, era funcionário da estrada de ferro e que estagiou por cerca de três anos em Moradabad, durante o tempo em que Parmod era ainda pequeno e falava do seu interesse por biscoitos e água gaseífícada. Por causa desse manifesto interesse por biscoitos, seu tio costumava trazer-lhe os mesmos de Moradabad quando visitava sua íamília e irmã que morava em Bisauli. E comprava e trazia para Parmod biscoitos da casa "Mohan Brothers", em Moradabad. Tais biscoitos, eu soube mais tarde, tinham o nome "Mohan Brothers" neles estampado, mas não eram acondicionados em caixas rotuladas. (A "Mohan Brothers" vendia biscoitos apenas a seus varejistas, não os exportando para lugar nenhum). De acordo com a mãe de Parmod, este não reconheceu os biscoitos "Mohan Brothers". Não consegui entrevistar Sri Shiva Sharan Sharma, mas colhi de outras testemunhas, tantas informações quanto possível sobre seus passos e relações com os irmãos Mehra. Parece que Sri Shiva Sharan Sharma não estivera estagiando em Moradabad durante a vida de Parmanand e que não tinha conhecimento pessoal com nenhum dos irmãos Mehra, embora comprasse biscoitos na loja destes. Não foi a primeira pessoa a estabelecer contato entre a família de Parmod e os irmãos Mehra, com o objetivo de averiguar as declarações de Parmod. Essa iniciativa fora tomada por Sri Lala Raghanand Prasad. Só posteriormente Sri Shiva Sharan Sharma conversou com os irmãos Mehra sobre as afirmações de Parmod. Em suma, parece inverossímil senão impossível que Sri Shiva Shara Sharma conhecesse Parmanand, e improvável que tivesse ele qualquer conhecimento sobre os negócios pessoais da família Mehra. Mas era freguês de sua loja, e por estar sempre indo e vindo entre Moradabad e a família de Parmod, durante o período de mais intensa personificação de Parmanand por Parmod, pode-se conceber tivesse ele atuado com elo telepático entre os Mehra e Parmod[35].

Comentários Adicionais sobre Observações a Longo Prazo sobre Este Caso.

O presente caso oferece informações sobre o aspecto de outros do mesmo tipo que requerem mais profundos estudos, no futuro, de vez que a identificação com outra personalidade gradualmente diminui com o passar dos anos, de modo que eventualmente apenas alguns vestígios permanecem à superfície, ou talvez nenhum. No caso de Parmod temos muita informação acerca de seu comportamento como criança, entre três e sete anos de idade, época em que a identificação com a personalidade antecedente era mais acentuada. Temos também um considerável número de dados sobre seu desenvolvimento posterior, pelo menos até à idade adulta de vinte anos. Em muitos aspectos, o desenvolvimento de Parmod verificou-se de modo inteiramente normal. Isso certamente não fornece apoio à crença, algumas vezes expressa, de que pessoas que parecem lembrar-se de uma vida anterior têm ou desenvolverão alguma séria dissociação de personalidade. Por outro lado, o caso de Parmod pertence a um grupo no qual encontramos alguma presença de efeito residual na personalidade posterior, conseqüente da acentuada identificação com a outra personalidade que o paciente manifestou na infância. Como já dissemos, a mãe de Parmod acreditava que essa identificação, durante seus primeiros anos escolares, distraía-o das tarefas ordinárias do aprendizado em casa ou na escola e lhe provocava atraso em relação aos

[35] Soube de pessoas que podem ter fornecido tal elo telepático, em outros casos, como os de Sukla e de Jasbir no presente grupo e também no caso de Marta, no Brasil, e de Imad, no Líbano, a serem descritos adiante. Retornarei a esse importante assunto da possibilidade de elos telepáticos, na Discussão Geral.

seus contemporâneos. Em alguns outros casos do tipo reencarnação, encontrei evidência de que a intromissão, se assim posso chamá-la, das lembranças e comportamento relacionados com personalidade pregressa, interferem com o desenvolvimento da personalidade presente. Espero que da cuidadosa observação em prosseguimento, sobre Parmod e outros casos, possamos aprender alguma coisa mais a respeito de tais efeitos.

O Desenvolvimento Posterior de Parmod

Não encontrei Parmod entre agosto de 1964 e novembro de 1971. Durante estes anos, entretanto, soube de algumas notícias através do Dr. Jamuna Prasad, que incluiu o caso de Parmod entre aqueles nos quais uma equipe liderada por ele mesmo tem estudado correspondências nos traços comportamentais entre indivíduos e as relacionadas pessoas prévias de casos do tipo reencarnação. Durante estes anos também recebi cartas ocasionais de Parmod ou seu pai com notícias de suas atividades atuais.

Em novembro de 1971, fui capaz de ter uma conversa razoavelmente longa com Parmod em Pilibhit, U.P. Encontramo-nos no escritório do *Soil Conservation Service* [Serviço de Conservação do Solo] no qual ele está atualmente empregado. Parmod tinha então vinte e sete anos.

Como mencionei anteriormente, Parmod teve dificuldades nos últimos anos de sua educação, algo que sua mãe atribuiu a sua absorção com a vida prévia quando criança e sua conseqüente negligência do trabalho escolar. Parmod fracassou nos exames da décima segunda classe do colégio e finalmente passou neles em 1966. Naquele momento tinha mais de vinte e um anos e portanto alguns anos atrás de seus contemporâneos. Então entrou em um colégio de treinamento de aviação civil com a intenção de se tornar um piloto. Mas as taxas estavam além dos seu meios e ele deixou a escola no fim de 1968. No início de 1969 entrou no *Soil Conservation Service* de Uttar Pradesh e foi admitido como um escrevente no escritório do Serviço em Pilibhit onde encontrei-o em 1971. Sua posição era o que é chamado "temporário" na Índia o que significa que apesar de poder permanecer no cargo por anos, pode ser demitido sem aviso prévio a qualquer momento. Parmod estava bem consciente da precaridade de seu emprego e estava tentando continuar sua educação em particular para melhorar suas qualificações por uma posição mais alta. Não foi sucedido em uma tentativa para passar no exame de nível universitário, mas estava estudando para outra tentativa na época de nosso encontro. Estava pensando que preferiria, depois de tudo, estar nos negócios como Parmanand tinha estado.

O pai de Parmod tinha se aposentado nesse meio tempo e estava vivendo em Bisauli. O próprio Parmod não tinha se casado e estava vivendo sozinho em Pilibhit.

Em resposta a meu questionamento sobre a preservação de suas memórias da vida prévia, Parmod disse que houve um considerável esquecimento destas depois da idade de sete anos, mas acredita que reteve todas as memórias as quais não tinha perdido naquela idade. Ainda pensava na vida prévia, mas não podia mencionar a princípio qualquer estímulo especial para fazê-lo. Perguntado sobre que características da vida prévia ele pensava mais, mencionou os filhos de Parmanand e a fábrica (de água de soda) que tinha lhe pertencido. Então prosseguiu dizendo que situações similares àquelas da vida prévia poderiam lembrá-lo dela. Assim, caso visse crianças poderia

pensar no negócio que Parmanand tinha possuído. Disse que não pensava freqüentemente com a qual Parmanand não tinha sido feliz.

Parmod ainda mantinha amizades com membros com membros da família de Parmanand e os via bem freqüentemente. Algumas vezes mficava com eles em Moradabad, apesar de não ter vivido com eles num período em que esteve trabalhando (não estou certo quando) em Moradabad. De acordo com as preferências de Parmanand, Parmod via mais os filhos de Parmanand do que sua esposa em Moradabad.

Parmod também disse que ainda pensava ocasionalmente na vida como sannyasi ou homem sagrado (anterior à de Parmanand) a qual tinha lembrado. Lembrava-se desta vida em momentos em que achava-se a si mesmo com pessoas de interesses filosóficos. Mas das três vidas em que tinha memórias – a de sannyasi, de Parmanand, e a de Parmod – disse que preferia a de Parmanand. Não podia explicar esta preferência.

Perguntei a Parmod sobre resíduos de fobias que tinha mostrado anteriormente pela imersão em água e a ingestão de coalhada. Tinha perdido completamente o medo de imersão em água e podia tomar banhos sem dificuldade. (Parmod tinha de fato perdido seu medo por volta da época de meu encontro com ele em 1964 quando tinha dezenove anos). Disse que podia comer coalhada, mas acrescentou que ainda não gostava.

Então discutimos sua opinião do valor para ele de ter lembrado de uma vida prévia. Primeiro replicou que a experiência aparentemente não tinha sido nem útil nem danosa, mas então imediatamente modificou sua resposta fornecendo exemplos sugerindo que tinha sido ambos. Por um lado, concordou com sua mãe que sua preocupação inicial com memórias de vidas prévias haviam interferido em seus estudos; e sendo assim, ele plenamente não tinha recuperado da desvantagem já que sua promoção futura dependia muito no que completasse o ensino superior e ganhasse um diploma. Por outro lado, acreditava que suas memórias de uma vida prévia também tinha fornecido-lhe vantagens. A um nível prático pensava que sua perspicácia nos negócios provinha do que havia aprendido da vocação como Parmanand. E de um modo mais geral, a garantia de uma continuidade de vida depois da morte que suas memórias transmitiram a ele deu-lhe um porte e equilíbrio que grandemente ajudou seus relacionamentos pessoais.

Parmod então me perguntou se alguém cujo caso estudei já tinha se beneficiado de minhas investigações. Tive de admitir francamente que ninguém tinha se beneficiado até onde fosse do meu conhecimento. Disse que o benefício destas pesquisas, caso venha, será propagado mais geralmente por qualquer contribuição que elas façam a nosso entendimento da personalidade humana e para a evidência que ao menos uma parte de nós sobrevive à morte.

Paramod parece-me uma pessoa de inteligência média ou superior; seus talentos serão subempregados se permanecer um escrevente, mas ele pouco pode fazer no serviço do governo a menos que obtenha um diploma universitário. Pode avançar muito mais rapidamente em ganhos financeiros entrando no negócio, e estou inclinado a predizer que ele vai eventualmente escolher este curso na vida. Considero este caso estando entre os pouco raros os quais a lembrança de uma vida prévia interferiu no desenvolvimento da infância e dificultou o indivíduo na vida posterior.

III

TRÊS CASOS SUGESTIVOS DE REENCARNAÇÃO NO CEILÃO

INTRODUÇÃO

A maioria dos habitantes do Ceilão[1] descende de povos do grupo lingüístico dos Árias e, portanto, estão ligados aos indianos do Norte. São chamados cingaleses. Uma importante minoria de cingaleses é constituída de indivíduos que falam o Tâmil, e são descendentes dos indianos do Sul, de origem dravídica. O Budismo surgiu na Índia no século XVI a.C., como um movimento de Reforma dentro do antigo Bramanismo ou Hinduísmo. Seu fundador foi Siddartha Gotama, nascido provavelmente em 563 a.C. Viveu ele uma vida de extraordinária bondade, durante a qual atingiu a iluminação acerca da verdadeira natureza do homem e sua relação com a vida terrena e o resto do Universo. Tornou-se, assim, um Buddha, ou Iluminado, e passou o resto de sua longa vida transmitindo (e praticando) seus ensinamentos sobre a vida, o sofrimento e os meios de libertação do sofrimento. Embora hoje o Budismo tenha poucos adeptos na Índia, o Buda ocupa um lugar no Panteão Hindu como um Avatar ou Encarnação de Deus, juntamente com outras encarnações hindus, como Rama e Krishna. O Budismo floresceu e expandiu-se largamente na Índia durante o reinado do grande Imperador Asoka, no século III a.C.. Asoka enviou missionários ao Ceilão, e estes converteram os cingaleses, os quais desde então continuaram budistas. Os Tâmils são, na maior parte, hindus.

O próprio Budismo dividiu-se em várias ramificações. Os cingaleses pertencem à Theravada (às vezes Hinayana), seita cujos adeptos extraem suas crenças e práticas, do Cânon Pali, escritura dos ensinamentos do Buda, elaborada no século I a.C. Este ramo do Budismo difere do do Norte, ou Mahayana, em certos pontos de doutrina que dispensam ser mencionados aqui. Farei, contudo, breve menção a alguns importantes aspectos do Budismo, que se relacionam ao estude de casos sugestivos de reencarnação, na qual os budistas crêem tanto quanto os hindus. Ambos crêem também que a vida terrena envolve inevitavelmente sofrimento, que este sofrimento resulta de nosso desejo de gozos materiais encontrados na vida terrena, que tais desejos nos impelem freqüentemente às vidas sucessivas, e que a libertação final da "roda dos renascimentos" só é alcançada pela renúncia desses desejos e a consecução do desapego aos prazeres terrenos. Este objetivo pode ser atingido através de várias técnicas, inclusive conduta reta e a prática constante da meditação, que gradativamente conduzem à extinção (Nirvana) do desejo que dá origem às encarnações terrestres[2].

---

[1] Após a publicação da primeira edição deste livro o Ceilão mudou seu nome (em 1972) para República do Sri Lanka.

[2] Mais informações e bibliografias sobre o Budismo serão encontrados em: W. Rahula. *What the Buddha Taught*. Londres: Gordon Fraser, 1959; C. Humphreys. *Budhism*. Harmondsworth: Penguin Books, 1951; A. Coomaraswamy. *Hinduism and Buddhism*. Nova Iorque: Philosophical Library, sem data; Nyanatiloka Mahathera. *The Word of the Buddha*,. Kandy, Ceilão: Buddhist Pub. Soc., 1959; De la Vallée Poussin. "Buddhism", em *The Legacy of India*, (Ed. G.T. Garratt) Oxford: Oxford University Press, 1937; *The*

Os hindus acreditam na persistência, após a morte física, de um elemento essencial, ou Atman, em cada um, cujo significado corresponde imprecisamente à idéia de alma, dos ocidentais. O Atman (depois de um intervalo variável), liga-se a um novo organismo físico e volta novamente à existência terrestre, deste modo continuando a evolução (ou decadência) da personalidade que viveu antes. Estas idéias exigem o postulado da existência de uma entidade contínua e presumivelmente permanente. Contrariamente a isso, grande número de budistas, principalmente da seita Theravada, não crêem na persistência de uma entidade permanente, ou alma. Há um constante fluxo de desejo, ação, efeito ou reação, mas não uma alma que subsista. Quando uma pessoa morre, os efeitos acumulados de suas ações põem em movimento uma outra série de acontecimentos que levam a outras conseqüências, uma das quais pode ser o nascimento, na Terra, de outra personalidade. Se a primeira personalidade conseguiu desprender-se dos desejos materiais, poderá o nascimento ocorrer em um outro "plano", em vez de novo nascimento na Terra. Mas esta personalidade recém-nata se relacionará com a primeira apenas como a chama de uma vela que (antes de apagar-se de vez) pode acender a chama de outra. Os budistas, geralmente, preferem o termo "renascimento" a "reencarnação", para dar ênfase a esta distinção. As várias escolas de budistas adotam conceitos um tanto diferentes quanto ao que pode persistir depois da morte física. Mas são acordes entre si (e também com os hindus) na crença de que a conduta de uma personalidade pode afetar o comportamento, o organismo físico e os acontecimentos da vida de uma outra personalidade ulterior.

O Budismo rejeita inteiramente as idéias e práticas hindus referentes a casta. Os hindus conservaram durante séculos, a idéia de casta (embora hoje em dia esteja diminuindo), achando que ela exprime e regula importantes diferenças entre as pessoas. Mas acreditam que, de uma vida para outra, uma pessoa pode mudar de casta, para melhor ou pior, conforme seus méritos ou sua perversidade. O caso de Jasbir, na seção dos casos indianos desta monografia, é um doa vários que estudei na Índia, no qual as duas personalidades pertenciam a castas diferentes. As atuais personalidades desses casos tiveram considerável dificuldade em ajustar-se às condições das castas "estranhas" em que se encontraram[3]. Os budistas podem usar esses casos para mostrar, na evidência empírica que apresentam, que as distinções de casta nem sempre influenciam o próximo renascimento. A casta de um homem pode ser válida para uma existência somente, e

---

Tibetan Book of the Dead, (Ed. W.Y. Evans-Wentz) Londres: Oxford University Press, 3ª Ed. 1957; N. P. Jn. *Buddhism: The Religion of Analysis*. Carbondale: Southern Illinois University Press, 1966; Piyadassi Thera. *The Buddha's Ancient Path*. Londres: Rides and Company, 1964. Os precedentes são selecionados de uma vasta literatura sobre Budismo.

Para as observações e opiniões sobre Budismo cingalês de alguns antropólogos modernos e psicólogos sociais veja: M. Ames. "Magical-animism and Budhism: A Structural Analysis of the Sinhalese Religious System", em *Religion in South Asia* (Ed. E. B. Harper). Seattle: University of Washington Press, 1964; G. Obeyesekere. "The Great Tradition and the Little in the Perspective of Sinhalese Buddhism". *Journal of Asian Studies*, Vol. 22, 1963, 139-153; R. F. Gombrich. *Precept and Practice: Traditional Buddhism in the Rural Highlands of Ceylon*. Londres: Oxford University Press, 1971.

[3] Outros indivíduos deste livro, p.ex., Sukla, lembraram uma vida prévia numa casta diferente. Sukla e alguns outros indivíduos tiveram muito menos dificuldade que Jasbir em se ajustar para a consciência de estarem renascidos numa casta diferente. Mas ainda outros indivíduos (de casos a serem publicados) experimentaram dificuldades quase tão severas quanto as de Jasbir ao fazerem esta adaptação.

uma obstinada paixão pelas distinções de casta nada mais é do que uma forma de apego dos sentidos, que retarda a libertação final da roda dos renascimentos.

As tradições budistas atribuem a Gotama, o Buda, a capacidade de recordar-se de existências anteriores por que passou, e também de transmitir instruções àqueles que desejarem consegui-lo. Numerosos casos de pessoas que asseveram lembrar-se de vidas pregressas ocorrem nos países budistas, como Ceilão, Tailândia, Burma e Tibete. Como ocorre com o Hinduísmo, tais casos deram um contínuo apoio empírico às crenças do Budismo, o qual, embora esteja desaparecendo da Índia em grande escala, continua a florescer por quase todo o resto do Sul e do Leste da Ásia.

Em 1961, passei uma semana no Ceilão, na investigação de vários casos sugestivos de reencarnação, inclusive os três relatados aqui. Os métodos de investigação usados não diferem dos descritos na introdução destas séries de casos e necessitam ligeiras descrições adicionais aqui.

No caso de Gnanatilleka, entrevistei membros da atual família da criança, e daquela em que ela dizia ter vivido anteriormente. Recolhi evidência adicional de testemunhas oculares dos reconhecimentos feitos por Gnanatilleka, de membros da outra família. No caso de Wijeratne, o menino afirma haver renascido em sua própria família, como filho de "seu" irmão da vida anterior. Pode-se supor que, nestas circunstâncias, não podemos excluir completamente a possibilidade de Wijeratne ter obtido as informações que possuía sobre a personalidade falecida que ele dizia ter sido, de seu pai que conhecia muito bem os fatos relacionados à pessoa morta. É certo que não podemos, positivamente, considerar este fato como explicação para certos aspectos do caso, mas apresentarei mais adiante minhas razões para achar igualmente ou mais provável que, de fato, Wijeratne nada soube a respeito da outra vida que descreveu, através de membros de sua família, pelo menos antes que ele próprio começasse a relatar pormenores daquela vida.

O caso de Ranjith Makalanda difere de todos os outros casos asiáticos desta série, pela falta de informações suficientemente detalhadas para permitir a identificação de uma pessoa anterior, correspondente à personalidade que ele dizia ter sido. Não obstante, apresento o caso, porque, embora seja relativamente de menor importância, demonstra certos aspectos de casos secundários sugestivos de reencarnação, que encontrei repetidas vezes por todo o mundo. Investiguei grande número deles e, como disse acima, publicarei mais tarde sumários dos aspectos comuns, que ocorrem freqüentemente nos casos sugestivos de reencarnação, tanto nos de menor como nos de maior importância[4]. O de Ranjith Makalanda proporciona um exemplo bastante típico de caso secundário desse gênero.

Como esclareci na Introdução, Sr. Francis Story acompanhou-me no estudo desses casos. Sr. E. C. Raddalgoda, de Kotte, Ceilão, foi o principal intérprete do cingalês para o inglês. Para o caso de Wijeratne, tive a assistência adicional do Venerável Ananda

[4] Até 1973 publiquei três de tais sumários. Estes são: "Cultural Patterns in Cases Suggestive of Reincarnation Among the Tlingit Indians of Southern Alaska". *Journal* A. S. P. R. Vol. 60, julho de 1966, 229-243: "Characteristics of Cases of the Reincarnation Type in Turkey and their Comparison with Cases in Two Others Cultures. *International Journal of Comparative Sociology*, Vol. 11, março de 1970, 1-17; "Characteristics of Cases of the Reincarnation Type in Ceylon". *Contributions to Asian Studies*, Vol. 3, 1973, 26-39.

Maitreya, que atuou como segundo intérprete, durante as inquirições. Além dissso, as entrevistas, no Ceilão foram todas presenciadas pelo Dr. William A. Coates, então "Fulbright" [(*)]professor de inglês da Universidade do Ceilão, Peradeniya, e, hoje, do Departamento de Línguas Modernas e Lingüística, na Universidade de Rochester.

O Dr. Coates passou dois anos no Ceilão, ensinando inglês e estudando cingalês, Apesar de, na época de minhas entrevistas, ele ainda não falar ou compreender fluentemente o cingalês, conseguiu entender parte do que foi dito e afirmou, depois, que nunca tivera qualquer motivo para duvidar da correção das traduções do Sr. Raddalgoda. Sr. D. V. Sumithapala atuou como intérprete em uma das entrevistas. Algumas das testemunhas falavam o inglês, não precisando, portanto, de intérpretes.

RELATÓRIO DOS CASOS

O Caso de Gnanatilleka

Sumário do Caso e sua Investigação.

Gnanatilleka Baddewithana nasceu perto de Hedunawewa, no Ceilão central, a 14 de fevereiro de 1956. Quando tinha um ano de idade, começou a falar sobre uma outra mãe e outro pai, mas só aos dois anos fez as primeiras referências claras a uma vida anterior. Disse, então, que tinha mãe e pai em outro lugar, e também dois irmãos e várias irmãs. A princípio não deu ao lugar de sua vida pregressa uma localização específica, mas fê-lo após uma visita que alguns aldeões fizeram a sua casa, os quais tinham estado em uma cidade chamada Talawakele. Ao ouvir falar nessa cidade, Gnanatilleka declarou que sua mãe e seu pai encontravam-se em Talawakele. Disse, então, que queria ir visitar seus antigos pais, e forneceu maiores detalhes sobre a localização de seu lar anterior e os nomes de membros da família. Notícias de suas declarações chegaram ao conhecimento do Venerável Piyadassi Thera e Sr. H. S. Nissanka, em Kandy, e eles conseguiram, através dos detalhes fornecidos por Gnanatilleka, identificar uma certa família em Talawakele, a qual correspondia exatamente às declarações feitas por ela. Em 9 de novembro de 1954, essa família havia perdido um filho de nome Tillekeratne.

Pouco tempo depois, (em 1960), a família de Gnanatilleka levou-a a Talawakele, onde ela reconheceu corretamente vários edifícios da cidade. Entretanto, a casa, no local para onde ela os dirigiu, tinha sido demolida e a família mudara-se. A família de Tillekeratne, o menino falecido, que ela assegurava ter sido em sua vida anterior, tinha morado exatamente naquele local, mas dele se mudara pouco tempo depois da morte de Tillekeratne, ocorrida quando ele tinha doze anos de idade, a 9 de novembro de 1954. Por ocasião da primeira visita de Gnanatilleka a Talawakele, as duas famílias não se encontraram.

Tillekeratne havia freqüentado uma escola, "Sri Pada College", em Hatton, a doze milhas de Talawakele. Três dos professores desse colégio visitaram Gnanatilleka em Hedunawewa, e ela os reconheceu devidamente, descrevendo com detalhes certos aspectos e acontecimentos relativos à escola. Depois, no princípio de 1961, Gnanatilleka

---

[(*)]Professor Fulbright: Financiado pelos recursos adquiridos pelos professores e outras profissões (Ver Suplemento da Enciclopédia Britânica), Fulbright Act de 1946, com a finalidade de mútuo intercâmbio de estudantes. (Nota dos tradutores).

foi levada novamente a Talawakele, onde, perante o Venerável Piyadassi Thera, Sr. Nissanka e Sr. D. V. Sumithapala, foram trazidos à sua presença um a um, vários parentes e conhecidos de Tillekeratne, e lhe foi perguntado: "Conhece esta pessoa?" Gnanatilleka identificou perfeitamente sete membros da família de Tillekeratne e duas outras pessoas da comunidade.

No verão de 1961, visitei Talawakele, Hatton e Hedunawewa, com o fim de fazer uma investigação independente sobre o caso.

Fatos Geográficos Importantes e Possíveis Meias Normais de Comunicação entre as Duas Famílias.

Talawakele e Hedunawewa estão ambas situadas na parte central do Ceilão, a cerca de dezesseis milhas uma da outra. Talawakele fica na região montanhosa, enquanto Hedunawewa situa-se em profundo vale, e, por essa razão, o clima e a vegetação das duas áreas diferem consideravelmente. A comunicação entre elas é muito mais difícil do que poderá sugerir a distância comparativamente pequena que as separa. Uma estrada de chão-batido vai de Talawakele a Kotmale, cerca de vinte milhas para o Norte pela qual trafegam ônibus. Mas, de Kotmale a Hedunawewa, a estrada é ruim e não pavimentada em grande extensão. Talawakele é a cidade mais próxima de Hedunawewa, visto Kotmale (e a própria Hedunawewa) serem meros povoados. Há algum movimento de pessoas de Hedunawewa para Talawakele, conquanto não haja quase nenhum na direção inversa.

Membros da família de Tillekeratne afirmaram que não conheciam absolutamente a família de Gnanatilleka antes da investigação do caso, e que nenhum deles jamais estivera em Hedunawewa, A família de Gnanatilleka conhecia ligeiramente Talawakele, e sua mãe e seu pai negaram ter tido qualquer conhecimento com a família de Tillekeratne, antes do desenrolar do caso. Seu pai tinha estado em Talawakele, para ali pousar, apenas uma vez, vinte anos antes; desde então, passou pela cidade somente de trem. Sua mãe nunca havia ido a Talawakele. Seu irmão mais velho estivera lá para um espetáculo de dança.

Depois que o caso passou a ser de conhecimento geral do povoado, a família de Gnanatilleka soube que uma pessoa, que havia morado em Hedunawewa mas que era originária de Talawakele, para onde depois voltara, conhecia a família de Tillekeratne e havia ido ao enterro deste. No entanto, esse homem nunca estivera na casa de Gnanatilleka senão depois que o caso tornou-se conhecido, ocasião em que ele a visitou. E, como foi dito anteriormente, uma família de Hedunawewa tinha-se mudado, por um mês, para Talawakele, e depois retornara para Hedunawewa. Durante uma visita desta família à de Gnanatilleka, declararam na presença desta, que eram de Talawakele, observação esta que provocou, da parte de Gnanatilleka, sua primeira referência a Talawakele como sendo o lugar onde morara em sua vida anterior Entretanto esta família não conhecera a de Tillekeratne durante sua estada em Talawakele.

A casa de Gnanatilleka está situada na mata, acessível apenas por um caminho tortuoso cerca de meia milha distante do povoado de Hedunawewa, que conforme mencionei, é por sua vez um tanto difícil de alcançar da estrada principal entre Talawakele e Kotmale. Ninguém chegaria até a casa da família de Gnanatilleka, a menos que tivesse o desígnio de visitá-los. Quanto à inacessibilidade, seria difícil imaginar ou conseguir um

melhor local. Acredito, por isso, que pessoa alguma que não fosse do próprio povoado de Hedunawewa (e, provavelmente, ninguém de lá) poderia ter atingido a casa e conversado com Gnanatilleka, sem que sua família soubesse da visita. E, se aceitarmos a declaração de seus pais de que não receberam nenhum visitante de Talawakele antes das comprovações, então Gnanatilleka deve ter obtido, através de algum meio paranormal, a informação detalhada que possuía sobre Tillekeratne, sua família e sua vida.

Pessoas Entrevistadas Durante a Investigação.

Em Talawakele, entrevistei:

Sra. Beliwatte Liyanage Alice Nona, mãe de Tíllekeratne (o pai de Tillekeratne não estava em Talawakele durante minha visita).
Salmawathie, irmã mais velha, solteira, de Tillekeratne.

Em Hatton, entrevistei:

Sr. D. V. Sumithapala, professor do "Sri Pada College" e antigo professor de Tillekeratne.

Em Hedunawewa, entrevistei:

Sr. K. G. Ratnayaka, Diretor do "Government Central College", Hedunawewa Gnanatilleka.
Sr. D. A. Baddewithana, pai de Gnanatilleka.
Sra. D. P. Baddewithana, mãe de Gnanatilleka.
Sr. Ariyapala Baddewithana, irmão de Gnanatilleka.

Além disso, correspondi-me com o Venerável Piyadassi Thera sobre sua investigação do caso e sobre certos detalhes dos depoimentos de testemunhas.

Declarações e Reconhecimentos feitos por Gnanatilleka.

A tabulação que segue apresenta uma lista das principais declarações e reconhecimentos feitos por Gnanatilleka, que foram verificados. Não faz justiça às numerosas observações sobre o comportamento de Gnanatilleka, condizente com os acontecimentos da vida de Tillekeratne. Alguns destes serão sumarizados adiante.

Os itens 1 a 15, inclusive, são declarações feitas por Gnanatilleka antes de ter havido qualquer contato entre as duas famílias, ou qualquer tentativa de comprovação.

Os itens 16 e 17 tiveram lugar por ocasião da primeira visita de Gnanatilleka a Talawakele, com sua família.

Os itens 18 a 21 deram-se por ocasião da visita de Sr. D. V. Sumithapala e seus colegas, a Gnanatilleka, em Hedunawewa.

Os itens 22 a 34 aconteceram durante a segunda visita de Gnanatilleka a Talawakele. Desses itens, os de número 22 a 32 ocorreram quando Gnanatilteka estava numa sala

com os observadores, que apresentaram as pessoas que ela deveria reconhecer, geralmente uma a uma, embora duas vezes, em grupos de três. Relativamente a cada uma, perguntavam a Gnanatilleka: "Conhece esta pessoa?" Presentes na sala estavam: Gnanatilleka e seus pais, os três observadores encabeçados pelo Venerável Piyadassi Thera, todos estes estranhos às duas famílias interessadas; Sr. D. V. Sumithapala, ex-professor de Tillekeratne, e a pessoa ou pessoas que deviam ser reconhecidas por Gnanatilleka. Uma multidão de curiosos encontrava-se reunida na rua, do outro lado de fora da estalagem (hospedaria local) onde se realizaram esses trabalhos. Porém, embora aquela multidão pudesse ter intensificado a excitação do momento, não poderia provavelmente ter influído nos detalhes dos reconhecimentos de Gnanatilleka, que se realizaram no segundo andar da estalagem, nas condições já mencionadas.

Gnanatilleka fez os dois últimos reconhecimentos (itens 33 e 34) espontaneamente, quando distinguiu as pessoas implicadas, entre um grupo de outras. Ninguém lhe havia pedido que ela as reconhecesse.

Relatos e Observações Relevantes do Comportamento das Pessoas Relacionadas ao Caso.

Quando se zangava com seus pais, Gnanatilleka ameaçava voltar para a casa de "sua mãe de Talawakele", como chamava a Sra. Alice Nona. Quando reconheceu a Sra. Alice Nona na reunião em Hedunawewa, demonstrou-lhe grande afeição assim como ao pai de Tillekeratne. Demonstrou por Salinawathie, irmã mais velha de Tillekeratne, afetividade acentuadamente maior do que pelas suas outras três irmãs e uma frieza notória por seu irmão Buddhadasa. Estas reações eram plenamente adequadas aos familiares de Tillekeratne, porque Salinawathie tinha sido sua irmã favorita e Buddhadasa tinha sido um irmão pouco amigo e às vezes hostil.

SÚMULA DAS DECLARAÇÕES E RECONHECIMENTOS FEITOS POB GNANATILLEKA			
Item	**Informantes**	**Verificação**	**Comentários**
1. Ela tinha mãe e pai, dois irmãos e muitas irmãs vivendo em Talawakele[2].	D. A. Baddewithana, pai de Gnanatilleka . D. P. Baddewithana, mãe de Gnanatilleka.	Alice Nona, mãe de Tillekeratne.	Tillekeratne era uma das dez crianças, incluindo dois outros filhos.
2. Seu pai era carteiro.	D. A. Baddewithana. D. P. Baddewithana.	Salinawathie, irmã de Tillekeratne.	
3. Seu irmão foi uma vez mordido por um cachorro.	D. A. Baddewithana. D. P. Baddewithana.	Não confirmado independentemente. O Sr. e a Sra. Baddewithana declararam confirmar esta episódio.	
4. Ela tinha visto a Rainha passar num trem.	D. A. Baddewithana. D. P. Baddewithana.	A Rainha Elizabeth visitou o Ceilão em 1954. Seu trem passou por Talawakele, onde foi facilmcnte visível pelos moradores, no dia 15 de abril de 1954. O	O trem da Rainha passou por Talawakele onde seria facilmente visto pelas crianças. Sua visita foi importante acontecimento naquele

[2] Embora eu tenha usado o pronome "ela" e o possessivo "dela" com referência às declarações de Gnanatilleka, os leitores devem lembrar-se de que "ela", (Gnanatilleka) nas suas declarações, refere-se a Tillekeratne e aos lugares e acontecimentos da vida "dele".

		Sr. D. V. Sumithapala viu o trem especial da Rainha em Hatton, de modo que é muito provável que as crianças da escola também o tivessem visto.	ano. O Sr. e a Sra. Baddewithana declararam que não haviam falado da visita da Rainha a Gnanatilleka, cujo comentário sobre o fato foi estimulado por ver uma fotografia da Rainha.
5. Não havia coqueiros em Talawakele.	D. A. Baddewithana. D. P. Baddewithana.	Verificado por mim, de informantes sobre a flora local.	Os coqueiros são abudantes no baixo jângal, onde Gnanatilleka mora atualmente. São raros ou inexistentes nas terras altas perto de Talawakele.
6. Sua mãe, em Talawakele, costumava comprar lenha.	D. A. Baddewithana. D. P. Baddewithana.	Verificado por mim, de informantes sobre a flora local.	Nas florestas baixas próximas à casa de Gnanatilleka. pode-se com facilidade apanhar lenha gratuitamente. Nas cidades das terras altas ela é escassa e tem que ser comprada.
7. Ela costumava ir à escola tomando em Talawakele um trem que passava por um túnel.	D. A. Baddewithana. D. P. Baddewithana.	D.V. Sumithapala.	O mais longo dos túneis no Ceilão fica na linha entre Talawakele e Hatton. Tillekeratne passava por este túnel duas vezes por dia, indo e voltando da escola.
8. Seu pai de Talawakele não usava um coque de cabelo na parte posterior da cabeça.	D. A. Baddewithana. D. P. Baddewithana.	Correto, mas não confirmando independentemente. O penteado dos pais difere, segundo os Baddewithana.	
9. Sua mãe de Talawakele era corpulenta.	D. A. Baddewithana. D. P. Baddewithana.	Correto, conforme foi verificado por mim. Alice Nona é consideravelmente maior que a mãe de Gnanatilleka.	
10. Ela ia à escola com uma irmã.	Alice Nona, mãe de Tillekeratne. Salinawathie, irmã de Tillekeratne.	Alice Nona.	Tillekeratne também ia à escola com um irmão mais velho, Buddhadasa, de quem não gostava.
11. Uma irmã, Sudu Akka, ia à escola em Nawalipitya.	D. A. Baddewithana. D. P. Baddewithana.	Correto, mas não independentemente confirmado por mim.	
12. Ela tinha um irmão chamado Dharmadasa.	D. A. Baddewithana. D. P. Baddewithana.	Correto, mas não confirmado independentemente.	Acontece que um irmão muito mais velho de Gnanatilleka também se chamava Dharmadasa.
13. Sua casa está localizada entre a estação de ônibus e o	Ariyapala Baddewithana, irmão de Gnanatilleka.	Ariyapala Baddewithana.	A casa que ela localizou fôra a da família de Tillekeratne até alguns

correio, em Talawakele.			meses antes de sua morte. Não é a sua casa atual.
14. Narração de uma história de Jataka, ensinada a Tillekeratne pelo Sr. D. V. Sumithapala.	D.V. Sumithapala, professor de Tillekeratne. D. A. Baddewithana. D. P. Baddewithana.	D.V. Sumithapala.	O Sr. Sumithapala tinha de fato ensinado este conto mitológico a Tillekeratne. Gnanatilleka contou a história, com riqueza de detalhes e gestos dramáticos. Ela nunca ouvira a história em sua família.
15. Ela tinha subido ao Pico de Adão com alguns monges.	Venerável Piyadassi. D. A. Baddewithana. D. P. Baddewithana.	Venerável Piyadassi verificou este fato com Alice Nona.	O Pico de Adão, a montanha mala alta do Ceilão, é considerado sagrado e é freqüentemente galgado pelos cingaleses, de modo que isto não era um acontecimento fora do comum na vida do menino.
16. Reconhecimento do lugar e da casa onde a família de Tillekeratne costumava ficar.		Tillekeratne havia escalado o Pico de Adão duas vezes, uma com os monges, e outra com sua mãe.	Quando levada para o local da casa em Talawakele, Gnanatilleka disse: "A casa não está aqui, mas era aqui". Isto ocorreu na primeira visita de Gnanatilleka a Talawakele. As famílias não se encontraram então; a verificação deste item e do 17 ocorreu mais tarde.
17. Reconhecimento da casa onde morou o tintureiro.	Ariyapala Baddewithana.	Ariyapala Baddewithana.	Isto ocorreu na primeira visita de Gnanatilleka a Talawakele.
18. Reconhecimento do Sr D.V. Sumithapala, como um professor que nunca a havia castigado.	D.V. Sumithapala.	D.V. Sumithapala.	Isto aconteceu quando o Br. Sumithapala visitou Gnanatillleka em Hedunawewa. Ele tem certeza de que ninguém o apresentou nem a seus companheiros. Eles apenas lhe perguntaram, um por vez: "Você me conhece?" Parece que o Sr. Sumithapala é um professor excepcionalmente bondoso. Ele disse que nunca havia castigado Tillekeratne.
19. Não reconhecimento do Sr. Asoka Gautamadasa, diretor do "Sri Pada	D.V. Sumithapala.	D.V. Sumithapala.	Perfeitamente de acordo visto o Sr. Gautamadasa não estar no "Sri Pada College" quando

College".			Tillekeratne o freqüentou. Condições idênticas às do reconhecimento do Sr. Sumithapala.
20. Não reconhecimento do Sr. Tilak Samarsinghe, professor do "Anruddha College", Nawalapitiya, e amigo do Sr. Guatamadasa.	D.V. Sumithapala.	D.V. Sumithapala.	Condições idênticas às do reconhecimento do Sr. Sumithapala. Perfeitamente de acordo, visto que o Sr. Samarsinghe jamais conhecera Tillekeratne.
21. Descrição da área entre a escola em Hatton e a estação ferroviária próxima à escola, incluindo uma ponte e escadas entre a estação e a escola.	D.V. Sumithapala.	D.V. Sumithapala.	Ela suplementou sua descrição de um complexa área, com um detalhado desenho a giz das suas várias partes.
22. Reconhecimento da mãe de Tillekeratne.	Venerável Piyadassi Thera. D.V. Sumithapala. Alice Nona.		Quando a Sra. Alice Nona foi trazida à sala, perguntaram a Gnanatilleka: "Você a conhece?" Todos os reconhecimentos que se seguiram foram conduzidos da mesma maneira. Gnanatilleka não identificou abertamente a Sra. Alice Nona até que sua mãe atual deixasse a sala. Então Gnanatilleka disse: "é a minha mãe de Talawakele". E abraçou-a afetuosamente. Isto aconteceu em Talawakele, na segunda visita.
23. Reconhecimento do pai de Tillekeratne.	Venerável Piyadassi Thera. D.V. Sumithapala.		Condições idênticas às do reconhecimento da mãe de Tillekeratne.
24. Reconhecimento da irmã de Tillekeratne, Gunalatha.	D.V. Sumithapala. Alice Nona. Salinawathie.		Condições como as dos reconhecimentos de outros membros da família em Talawakele. O Sr. Sumithapala lembrou que Gnanatilleka identificou Gunalatha como sua "irmã de Talawakele". As outras testemunhas desse episódio disseram que Gnanatilleka declarara depois que Gunalatha era "a irmã com quem eu costumava ir à escola".

			Elas não estavam presentes na sala durante este reconhecimento, como estava o Sr. Sumithapala, e presumivelmente souberam disto por Gunalatha, a quem não entrevistei. É verdade que Gunalatha ia a Hatton de trem com Tillekeratne todos os dias de aula.
25. Reconhecimento da irmã de Tillekeratne, Leelawathie.	Alice Nona. Salinawathie. D.V. Sumithapala.		Gnanatilleka reconheceu esta irmã, mencionando onde ela morava. Salinawathie foi uma testemunha primária deste reconhecimento (assim como o Sr. Sumithapala) visto as três irmãs mais velhas terem entrado juntas na sala.
26. Reconhecimento da irmã de Tillekeratne, Somawathie.	Alice Nona. Salinawathie. D.V. Sumithapala.		Reconhecimento ocorrido do mesmo modo e ao mesmo tempo que o de Leelawathie.
27. Reconhecimento da irmã de Tillekeratne, Salinawathie.	Alice Nona. Salinawathie. D.V. Sumithapala.		Corretamente reconhecida como "Suddu Akka" (irmã gentil). Gnanatilleka mostrou mais afeição por Salinawathie do que pelas outras irmãs; Tillekeratne tinha sido mais chegado a ela do que às outras irmãs. Ela era solteira.
28. Pediu a Salinawathie que lhe trouxesse pêras.	Salinawathie.		Na antiga casa da família, onde morou Tillekeratne, havia uma pereira. As pêras poderiam ter sido associadas a esta irmã, mas não são comuns onde Gnanatilleka mora atualmente.
29. Reconhecimento do Sr. U. K. D. Silva	D.V. Sumithapala.		Condições como as dos outroa reconhecimentos de pesaoas em Talawakele dadas acima. Gnanatilleka reconheceu-o como seu "tio de Talawakele. Ele me ensinou na escola dominical".

30. Reconhecimento do Sr. N.A. Nayakkara.	D.V. Sumithapala.		Condições como as de reconhecimento anteriores em Talawakele. Gnanatilleka disse que o Sr. Nayakkara "tinha me ensinado na escola de Talawakele". Ele havia ensinado Tillekeratne na escola dominical em Talawakele.
31. Não reconhecimento da um estranho, desconhecido de Tillekeratne.	D.V. Sumithapala.		Coerente, visto esta pessoa não ter conhecido Tillekeratne. Condições como as dos reconhecimentos acima. Este estranho fôra trazido para ver se Gnanatilleka faria algum reconhecimento falso.
32. Reconhecimento de Buddhadasa.	Alice Nona. Salinawathie. D.V. Sumithapala.		Reconhecido como "meu irmão". Ela levou muito tempo para reconhecer Buddhadasa, afastou-se dele e, de certo modo, recebeu-o muito friamente. Tillekeratne e Buddhadasa não haviam sido bons amigos. Buddhadasa freqüentemente amolava Tillekeratne por causa de modelos de sacrários que Tillekeratne construía e prezara grandemente.
33. Reconhecimento de Upasakamma, uma devota do templo.	D.V. Sumithapala.	D.V. Sumithapala disse que a mulher em questão confirmou sua anterior ligação com Tillekeratne.	Uma mulher devota do templo, assinalada espontaneamente por Gnanatilleka em uma multidão de pessoas. Gnanatilleka disse: "Ela ia ao templo de Talawakele comigo."
34. Reconhecimento de um vizinho que havia brigado com sua mãe de Talawakele.	D.V. Sumithapala.		Este vizinho, no passado, havia brigado com a Sra. Alice Nona, mas depois haviam feito as pazes.

Todavia, Gnanatilleka não deseja seriamente morar com a família de Talawakele. Ela externa e recebe muito amor na sua família atual. Isto também está de acordo com as prováveis atitudes de Tillekeratne. Ele não achava fácil a vida em seu lar, antes de morrer. Seu pai passava fora grande parte do tempo, assim como um irmão mais velho por quem ele sentia amizade; o irmão mais moço que ficava em casa, Buddhadasa, não se mostrava seu amigo. E apesar de Tillekeratne parecer ter sido o filho favorito de sua

mãe, suas relações, mesmo com ela, tinham se tornado tensas e desagradáveis, por vezes. Um episódio narrado pelos pais de Gnanatilleka pode ilustrar tanto a intensidade como a ambivalência da atitude de Gnanatilleka com referência a sua mãe de Talawakele. Quando Gnanatilleka tinha mais ou menos quatro anos e meio, uma senhora de Talawakele morreu afogada e seu corpo foi levado rio abaixo até Kotmale, onde foi encontrado, Quando a família falou sobre isto, Gnanatilleka ficou extremamente transtornada e chorou, dizendo: "Poderia ter sido minha mãe de Talawakele." Segundo o Sr. Sumithapala, esta possibilidade afetou-a por uma semana.

O comportamento de Gnanatilleka para com o Sr. D. V. Sumithapala parece impressionantemente apropriado ao papel desempenhado na vida de Tillekeratne por este muito estimado professor. O Sr. Sumithapala parece ter tido um especial interesse por Tillekeratne. Aparentava ser uma pessoa delicada que se orgulhava da sua habilidade em lidar com crianças, sem castigos severos. Uma vez Tillekeratne perguntara ao Sr. Sumithapala: "É verdade que, depois que morremos, nascemos de novo?" A amizade entre Tillekeratne e seu professor repetiu-se na estima que Gnanatilleka e o Sr. Sumithapala dedicam um ao outro. Gnanatilleka demonstrou um afeto, na realidade, uma veneração por Sumithapala, que ela nunca dispensou a mais ninguém, exceto seus pais, e por vezes sua afeição por ele ultrapassou mesmo a que tinha pelos pais. Por exemplo, ela permitia que o Sr. Sumithapala usasse sua xícara, embora nunca consentisse que seus pais a utilizassem, ameaçando-os de sair de casa. Esperava ansiosamente por suas visitas, e pediu-lhe especialmente que a acompanhasse no seu primeiro dia de escola, quando entrou para o Jardim da Infância. O Sr. Sumithapala correspondia-lhe a afeição com calor. Ele contou que ficou com lágrimas nos olhos ao ser por ela reconhecido, por ocasião de sua primeira visita a Hedunawewa, em 1960. A pedido seu, ele foi testemunha de seus reconhecimentos da família e amigos de Tillekeratne em Talawakele, e quando ali ela ficava nervosa, ele a confortava. Continuou a visitá-la regularmente desde então. O Sr. Sumithapala me acompanhou à casa de Gnanatilleka em Hedunawewa, e tive oportunidade de observar a grande amizade que a menina e o professor tinham um pelo outro. Considerando-se que durante a vida de Gnanatilleka eles tinham se encontrado apenas oito ou dez vezes, a amizade parecia notavelmente sólida. Ambos acreditavam plenamente que Tillekeratne tinha retornado como Gnanatilleka.

A Sra. Alice Nona, mãe de Tillekeratne, manifestou grande emoção e chorou, assim como seu marido, quando Gnanatilleka reconheceu-os em Hedunawewa. Quando entrevistei a Sra. Alice Nona em Talawakele, uns oito meses após esse encontro, suas emoções ligadas ao caso ainda permaneciam vívidas. Enquanto conversava comigo sobre Tillekeratne e Gnanatilleka, foi ficando dominada pela dor e não conseguiu falar com facilidade. A emoção que presenciei poderia significar somente pesar por Tillekeratne, sem indicar nenhum afeto especial de sua parte por Gnanatilleka. No entanto, a manifestação emotiva que testemunhei, certamente sugeriu-me de modo intenso que ela agia com toda espontaneidade e que não participava de nenhum drama planejado. E suas observações por ocasião de seu primeiro encontro com Gnanatilleka, e mais tarde comigo, tornou claro que ela também acreditava que seu filho havia renascido. Os pais de Gnanatilleka também criam nisso, a ponto de temer às vezes que ela pudesse levar a efeito as ameaças que fizera, em momentos de irritação, de voltar para perto de sua mãe de Talawakele.

Gnanatilleka deixou espontaneamente de falar em sua vida anterior, e hoje pouco se lembra dela[5].

Comparação entre as características de Comportamento de Tillekeratne e Gnanatilleka.

Na série inteira dos casos ora em estudo no censo internacional de casos sugestivos de reencarnação, raramente ocorrem exemplos de diferença nos sexos das personalidades atual e anterior. No total de uns seiscentos de todas as espécies, as diferenças de sexo entre as duas personalidades ocorreram em menos de dez por cento. Sempre que possível, investiguei as características de comportamento de ambas as personalidades, com vistas ao estudo das diferenças e semelhanças entre elas. Em casos de diferença de sexo das duas personalidades, minhas pesquisas naturalmente focalizaram seu comportamento sexual. No presente caso obtive alguma informação que merece atenção no momento.

Como já foi dito, Tillekeratne não teve na família nenhum parente masculino mais chegado com quem se identificasse. Um irmão mais velho muito amigo e seu pai passavam fora de casa a maior parte do tempo. O irmão um pouco mais velho do que Tillekeratne era hostil e dificilmente seria objeto de identificação com o circunspecto Tillekeratne. O Sr. Sumithapala era o que mais se aproximava em preencher a função de fornecer um modelo masculino para Tillekeratne, mas obviamente não podia dar tudo que Tillekeratne precisava. Tillekeratne era o filho favorito de sua mãe, mas isto provavelmente mais o afastava do irmão e, possivelmente, também de seu pai. Tal fato certamente em nada contribuiu para orientar-lhe a masculinidade. Talvez como resultado dessas influências, Tillekeratne tenha desenvolvido, por ocasião de sua morte, uma tendência marcante para a efeminação. Tanto sua mãe como seu professor testificaram isto. A evidência consistia em acentuada predileção pela companhia de meninas e não de meninos (ele gostava mais de sentar-se perto delas), interesse pela costura, preferência por camisas de seda e de vez em quando, em pintar as unhas[6].

Gnanatilleka demonstra, segundo seus pais, alguma tendência à masculinidade. Ela é ainda criança e seu desenvolvimento ainda não se processou. Mas seus pais a consideram mais masculinizada que sua irmã mais velha, com quem a compararam. Mencionaram como evidência de sua masculinidade, sua coragem maior do que a da média das meninas de sua comunidade (com exceção de dois temores que serão assinalados em breve). Também afirmaram que Gnanatilleka era mais madura do que as outras meninas de sua idade, e empregava palavras mais longas do que a maioria dessas meninas costumam usar. Algumas de tais palavras nem eram usadas na família, no entanto ela as dizia, antes de entrar para a escola em 1961. O diretor da escola de Gnanatilleka não havia notado qualquer tendência para a masculinidade ou precocidade em Gnanatilleka. Este testemunho contraditório será julgado diferentemente conforme os leitores crerem que um professor é mais objetivo em suas observações do que os pais, ou que os pais têm melhores oportunidades de observar seus filhos do que os diretores de escola.

---

[5] Carta a mim dirigida pelo Sr. D.V. Sumithapala, de novembro de 1962.

[6] Pintarem os meninos as suas unhas é considerado efeminação, no Ceilão, embora isso não fosse um indício tão grave como no Ocidente. Não obstante, Tillekeratne foi o único menino que o Sr. Sumithapala observou que pintava as unhas.

Gnanatilleka disse muito simplesmente a seus pais: "Eu fui um menino. Agora sou menina". No dia de minha visita a Hedunawewa, ela disse que, quando fora menino, desejara ser menina. Quando lhe perguntaram se ela fora mais feliz como menino do que agora como menina, Gnanatilleka respondeu que era mais feliz como menina. Eu não soube de nenhuma declaração explícita de Tíllekeratne neste sentido, embora seu comportamento permita essa inferência.

Gnanatilleka preferia vestidos azuis e disse (segundo seus pais) que preferiria o azul, em sua vida anterior. O Sr. Sumithapala lembrava-se de que Tíllekeratne sempre gostou de azul e usava camisas azuis.

As exatas circunstâncias da morte de Tillekeratne, na idade de doze anos, permaneceram obscuras. Talvez tenha tido alguma doença das vísceras, mas parece que as machucaduras causadas por um tombo de uma cadeira contribuíram para sua doença final, e realmente o levaram a ser imediatamente internado num hospital, onde morreu uma ou duas semanas depois. À vista desta história de Tillekeratne, acho digno de nota o fato de os pais de Gnanatilleka declararem que ela sentia medo fora do comum de médicos e hospitais, e profunda relutância em subir em qualquer lugar de onde pudesse cair.

Comentário sobre a Evidência de Conhecimento Paranormal por Parte de Gnanatilleka.

Sob este título, mencionarei primeiramente minha funda impressão geral da completa integridade de todas as testemunhas com quem falei. A própria Gnanatilleka pareceu-me demasiado criança para arquitetar um caso como este, por si mesma. Não pude achar nenhum motivo da parte da família de Gnanatilleka, para cometer uma fraude. Não havia lucros financeiros a auferir, e toda aquela publicidade seria para eles mais vexatória do que agradável. De qualquer modo, uma burla por parte da família de Gnanatilleka dificilmente poderia ser levada avante sozinha. Qualquer maquinação teria seguramente incluído a família de Tillekeratne e seu professor, sendo de supor que todos eles teriam tido que ensaiar, antes de representarem sua peça na simulação das lágrimas e outras expressões de forte emoção, que foram testemunhadas por observadores de fora, tais como o Venerável Piyadassi Thera e o Sr. Nissanka, sem contar minhas próprias observações da manifestação de fortes emoções por parte dos participantes. A probabilidade disso parece ser suficientemente remota para justificar a exclusão de fraude, em favor de hipóteses mais promissoras.

A criptomnésia pode fornecer uma explicação da informação obtida por Gnanatilleka sobre as ocupações de Tillekeratne, se conseguirmos encontrar alguma razão para acreditar que ela poderia ter tido acesso a alguém (teria que ser uma pessoa de maior intimidade com a família de Tillekeratne) que conhecesse os fatos que ela revelou sobre o menino. Já mencionei minhas razões para acreditar que, na longínqua propriedade da família de Gnanatilleka, na afastada vila de Hedunawewa, nenhum estranho poderia ter tido acesso à menina sem que os pais soubessem de sua presença. Eles negam conhecer uma tal pessoa. Isto não faz voltar à possibilidade de uma fraude o que já considerei muito improvável. Mas, supondo que, de alguma forma, uma pessoa de Talawakele tivesse estado com Gnanatilleka antes de seus três anos de idade e a tivesse provido das necessárias informações, poderia ela ter-lhe inculcado as coerentes reações de

comportamento, que a menina demonstrou com tanta veemência à família e ao professor de Tillekeratne, e as quais provocaram neles reações igualmente intensas? Isto também me parece improvável.

Além das explicações normais para o caso, i.é., fraude e criptomnésia, há explicações que requerem alguma espécie de comunicação paranormal, mas reservarei a discussão dessas possibilidades para a Discussão Geral, que se segue à apresentação de todos os relatórios destes casos. Neste ponto, porém, eu gostaria de chamar a atenção dos leitores para os reconhecimentos feitos por Gnanatilleka, de pessoas que figuraram na vida de Tillekeratne.

Às vezes, as famílias de crianças, que afirmam lembrar-se de suas vidas anteriores, conduzem os testes de reconhecimento, o que dá margem à possibilidade, de que insinuações sejam feitas à criança, secretamente talvez, acerca da pessoa que ela é solicitada a reconhecer. Isto ocorre quando perguntam coisas assim: "Você está vendo aqui sua mãe da vida anterior?" Os olhares dos circunstantes em direção à pessoa certa podem rapidamente levar a criança a "reconhecer" a mãe em questão. No presente caso, Gnanatilleka fez doze reconhecimentos. Dez deles ocorreram em circunstâncias em que apenas lhe perguntaram: "Você conhece esta pessoa?" ou "Você me conhece?" Em nove dessas ocorrências, Gnanatilleka declarou inequivocamente o correto parentesco de Tillekeratne com a pessoa em apreço. Na décima vez, as testemunhas discordaram quanto a ter ela reconhecido, ou não, Gunalatha, a irmã mais moça de Tillekeratne, como "a irmã com que eu costumava ir à escola", ou apenas como "a irmã de Talawakele", A última declaração estaria correta para Tillekeratne e é, de certo modo, um reconhecimento, mas não diferencia aquela irmã das outras três que estavam presentes, como ocorre na primeira declaração. Em todas as outras vezes, Gnanatilleka declinou o parentesco tão especificamente, que não podia haver dúvida quanto à identidade da pessoa em foco. Gnanatilleka também nâo conseguiu reconhecer três pessoas "avulsas", apresentadas a ela como teste, para ver se iria dizer que conhecia essas pessoas que Tillekeratne nunca tinha visto. Nos dois outros reconhecimentos, Gnanatilleka espontaneamente distinguiu duas mulheres em meio a inúmeras pessoas presentes, e mencionou corretamente o parentesco que tinham com Tillekeratne ou sua família.

Reconhecimentos dos dois tipos feitos por Gnanatilleka, i.é., espontaneamente particularizando pessoas dentre um grupo ou corretamente identificando outras, quando lhe perguntavam "Você conhece esta pessoa?", não podem ser facilmente conseguidos sem um conhecimento anterior das pessoas identificadas. A informação sobre uma pessoa falecida, captada acidentalmente de um estranho, seria insuficiente. Não se pode imaginar a realização da façanha sem um conhecimento prévio, exceto através de instruções cuidadosas e demoradas, por parte de algum parente. E poderiam estas instruções abranger as atitudes adequadas, repassadas de emoção, como as que Gnanatilleka demonstrou para com os membros de sua família? Duvido. Em minha opinião, a realização dos reconhecimentos feitos por Gnanatilleka elimina, face a um juízo sensato, a fraude e a criptomnésia, como explicações do caso.

O Desenvolvimento Posterior de Gnanatilleka

Fui capaz de visitar Gnanatilleka e sua família novamente em julho de 1966, logo após a publicação da primeira edição deste livro. Naquela época Gnanatilleka (que tinha

então dez anos) disse que ainda se lembrava da vida prévia e, julgando pelas respostas concernetes a isto, penso que está provavelmente correta. Disse que algumas vezes enquanto estava desocupada seus pensamentos voltavam para a vida prévia; não pensa em quaisquer circunstâncias especiais que a lembrassem disto. Continuou a trocar visitas com a família de Tillekeratne. A família de Tillekeratne tinha vindo para uma visita a Hedunawewa e passou a noite aí cerca de dois meses antes de minha visita naquele ano; e Gnanatilleka tinha também visitado Talawakele por volta da mesma época. Em suas visitas a Talawakele continuou a se comportar de uma maneira não amigável em relação a Buddhadasa, o irmão mais velho de Tillekeratne, que tinha sido descortês com ele e que tinha derrubado um dos seus relicários modelo somente duas semanas antes da sua morte. E Buddhadasa naquele período não veio visitar Gnanatilleka em Hedunawewa.

Gnanatilleka estava então na quinta série do colégio e disse que era a primeira da classe. Sua mãe disse que ela havia perdido os traços masculinos (nunca proeminentes ao extremo) os quais havia msotrado quando mais jovem e estava se desenvolvendo normalmente como uma menina. Ela continuou a ter uma preferência por azul entre outras cores. E ainda estava muito interessada em religião e mantinha seu próprio relicário de Buda na casa onde adorava.

Gnanatilleka disse-me que preferia ser uma garota, e que também preferia sua família à de Tillekeratne. (Não pedi para ela elaborar esta última afirmação, mas não achei isto surpreendente em vista de algumas circunstâncias infelizes na vida de Tillekeratne).

Esta visita proveu uma oportunidade para inquirir mais sobre as manifestações de Gnanatilleka de percepção extra-sensorial com pessoas vivas para as quais aludi acima. Sobre a base (principalmente) de suas predições de visitas inesperadas do Sr. D. V. Sumithapala a Hedunawewa, Gnanatilleka adquiriu alguma reputaçãoem sua família para faculdades paranormais. Eles algumas vezes a consultavam sobre o resultado de uma jornada antes de empreendê-la. Mas em 1966 a evidência dos dons de Gnanatilleka de capacidades de percepção extra-sensorial acima da média não pareciam fortes. Algumas vezes as predições de Gnanatilleka revelavam-se corretas e outras vezes não. Ela continuou a predizer corretamente algumas vezes que o Sr. Sumithapala visitaria, mas algumas vezes ele chegava quando ela não tinha anunciado sua chegada com antecedência a sua família. A própria Gnanatilleka negou que pudesse dizer com antecedência quando a mãe de Tillekeratne estava vindo para visitá-la de Talawakele.

Visitei Gnanatilleka e sua família novamente em novembro de 1970. Nesta época Gnanatilleka estava perto dos quinze anos. Estava na nona classe no colégio e estava indo bem lá, estando colocada no sexto lugar entre 37 estudantes.

Gnanatilleka disse que suas memórias da vida prévia estavam desaparecendo. Evidentemente ela preservou algumas memórias, entretanto, e disse que ainda pensava na vida prévia. Lembrava particularmente das experiências de Tillekeratne no colégio. Lembrava também que Buddhadasa, o irmão mais velho de Tillekeratne, tinha danificado um de seus relicários de Buda. Gnanatilleka também disse que sonhava sobre sua mãe Talawakele. Sonhou com ela visitando Hedunawewa e também dela cozinhando! Sua mãe disse que Gnanatilleka ainda considerava que tinha duas mães.

A mãe de Gnanatilleka disse que ela estava se desenvolvendo normalmente ao longo de linhas femininas. Tinha começado a menstruar apenas alguns dias antes a minha visita. Seu estilo de cabelo, forma física, vestido azul, e maneirismo tudo indicavam uma típica garota cingalesa.

Gnanatilleka e sua família continuaram a ter algum contato com a família de Tillekeratne apesar de parecer menor do que anteriormente já foi. A irmã mais velha de Gnanatilleka, Karunawathie, casou em 1970 não muito antes de minha visita a Hedunawewa. A mãe de Tillekeratne e a irmã mais velha tinham assistido ao casamento e assim tinha feito Buddhadasa, seu irmão mais velho, a quem tanto Tillekeratne como Gnanatilleka não se davam. O Sr. D. V. Sumithapala também foi ao casamento. Antes dessa ocasião ele não tinha visitado-os por dois anos.

Gnanatilleka continuou a ser fortemente interessada em religião. Era vegetariana (sobre bases religiosas, apesar do Budismo como tal não requerer o vegetarianismo de seus aderentes) e influenciou sua mãe a se tornar uma também. Sua família ainda a creditava com alguma capacidade de percepção extra-sensorial. Como evidência desta vez citaram momentos quando ela tinha dito que seu pai, que tinha partido de Hedunawewa trabalhando em outra parte, retornaria e ele retornou inesperadamente.

Em anos recentes tornei-me crescentemente interessado na questão de porque, se um caso é melhor interpretado pela reencarnação, uma personalidade prévia particular renasce em uma família ao invés de em outra. Este não é o lugar para oferecer sequer um esboço dos dados começando a emergir de inquéritos dirigidos a esta questão. Mas no curso de recentes investigações eu freqüentemente perguntei aos informantes dos casos por suas opiniões sobre a questão com relação ao caso que conheciam. Soube que a própria Gnanatilleka havia dito a sua mãe (quando tinha cerca de cinco anos) que como Tillekeratne tinha visto seu irmão mais velho, D. A. Baddewithana, dançando em Talawakele e tinha desenvolvido "uma fascinação por ele". Mencionei acima que o irmão mais velho de Gnanatilleka tinha uma vez ido a Talawakele para uma exibição de dança. Isto ocorreu em abril de 1954, na época da visita da Rainha. Esta foi a única ocasião dele tendo ido lá antes do desenvolvimento do caso. Tinha cerca de quinze anos naquela época. D. A. Baddewithana, que estava presente durante minha visita à família em 1970, não podia se lembrar de encontrar Tillekeratne nesta ocasião, apesar de não negar que talvez o tivesse feito sem lembrar o fato ou o nome. Os dançarinos visitantes provavelmente conheceram um grande número de pessoas durante o curso de sua única noite que passaram em Talawakele e Tillekeratne pode ter sido uma delas. Eu não tenho, entretanto, qualquer confirmação independente de Tillekeratne ter assistido a exibição de dança na qual D. A. Baddewithana participou em Talawakele. A mãe de Gnanatilleka mencionou que quando era jovem ela mostrou uma afeição particular por D. A. Baddewithana, mas acrescentou com o cuidado apropriado que naqueles dias ele era o únicos dos outros de seus filhos em casa. Gnanatilleka nasceu dezessete anos depois do nascimento de seu irmão mais velho seguinte. As crianças mais velhas já em grande parte haviam se dispersado pelo tempo que Gnanatilleka começou a falar sobre a vida prévia.

Em 1966 soube que quando Gnanatilleka esteve falando mais ativamente sobre a vida prévia ela tinha mencionado uma irmã Sudu (de fato um apelido que significa "justo", veja item 11 da tabulação) e também uma irmã Dora, a quem algumas vezes se referia como Lora. Quando Gnanatilleka era jovem costumava escrever rabiscos em pedaços de

papel e dizia que eram cartas a serem dadas a Lora a quem, ela disse, ou estaria num internato ou em casa. (Este item não figura na tabulação porque eu não soube sobre isto até 1966). A pessoa a que Gnanatilleka estava se referindo foi identificada como Lora Almeda, que foi uma colega de quarto de Tillekeratne. Já que ela nunca tinha visto até 1970, encontrei-a em sua casa não distante de Talawekele e convidei-a a nos acompanhar em nossa visita não anunciada a Hedunawewa. Ela levou uma amiga que não tinha conhecido Tillekeratne. Em Hedunawewa não introduzimos estas duas estranhas, mas perguntamos Gnanatilleka se ela poderia reconhecê-las. Respondeu que uma se chamava "Dora" e quando perguntada onde a tinha conhecido disse "Talawakele", mas não pôde identificar mais nada onde tinha conhecido a visitante. Olho isto como um reconhecimento definitivo mesmo Gnanatilleka tendo errado o nome de leve. Isto evidencia, penso, que suas memórias da vida prévia não tinham desaparecido completamente mesmo perto da idade de quinze anos. É um pouco surpreendente, entretanto, que Gnanatilleka se lembrasse de Lora Almeda. Ao indagar sobre sua amizade com Tillekeratne, soube que Lora e ele foram colegas por muitos anos quando tinham cerca de sete a nove anos. Mas depois disso não tiveram muito contato, apesar de Lora pensar que tinham se visto algumas vezes em várias funções escolares.

O Caso de Wijeratne

Sumário do Caso e Sua Investigação.

H. A. Wijeratne, filho de H. A. Tileratne Hami, nasceu na aldeia de Uggalkaltota, no Ceilão, a 17 de janeiro de 1947. Quando nasceu, seus pais notaram-lhe uma acentuada deformidade no lado direito do peito e no braço direito, que, de modo geral, atribuíram ao "karma"[7] de uma encarnação anterior. O pai de Wijeratne também notou nele certa semelhança com seu falecido irmão, Ratran Hami. Wijeratne era, por exemplo, de tez escura (como Ratran Hami), enquanto que as outras crianças da família eram bem claras. Seu pai percebeu outras semelhanças nos traços fisionômicos entre Wijeratne e Ratran Hami. Disse a sua esposa: "Este é meu irmão que retornou". Mas ela não parece ter dado muita importância a essa afirmação, e nenhum deles associou a deformidade do lado direito do corpo do menino com Ratran Hami.

Quando Wijeratne contava de dois a dois anos e meio de idade, começou a vaguear pela casa, de modo solitário falando consigo mesmo. Sua atitude chamou a atenção da mãe que escutava seus monólogos. Ela ouviu-o ocasionalmente dizer que seu braço era disforme, porque ele havia assassinado sua mulher na vida precedente. Mencionou uma série de detalhes relacionados com um crime do qual, até então, ela nada sabia. Inquiriu o marido a respeito das declarações do menino, e ele confirmou a exatidão do que o garoto dizia, pois, de fato, seu irmão mais novo, Ratran Hami, havia sido executado em 1928, por ter assassinado a esposa.

O pai de Wijeratne tentou dissuadi-lo de falar sobre a existência pregressa, mas ele continuou a fazê-lo, geralmente de maneira cogitativa e solitária consigo mesmo e, em outras ocasiões, com pessoas que lhe perguntavam a respeito de seu braço. Narrou os pormenores do crime, a prisão e a execução de Ratran Hami com viveza e abundância de detalhes, o que descreverei adiante. De acordo com a mãe de Wijeratne, ele relatava aquilo de que se lembrava, por partes, falando-lhes uma coisa um dia, e, em outro dia, contando algum outro episódio ou pormenor. Ela não observou nenhuma circunstância que parecesse, de modo especial, estimular suas narrações sobre a vida de Ratran Hami.

Quando Wijeratne contava entre quatro e cinco anos de idade, suas declarações chegaram ao conhecimento do Venerável Ananda Maitreya, Professor de Filosofia Budista, Vidyalankara Pirivena, Colombo, que então interrogou o menino. Pouco depois disso, isto é, quando Wijeratne tinha cerca de cinco anos e meio, parou de referir-se

---

[7] Em auxílio do leitor ocidental que talvez não esteja familiarizado com a idéia de carma, devo esclarecer aqui que essa palavra se refere aos efeitos, na presente vida, de causas de uma vida precedente que são transferidas à personalidade subseqüente na vida seguinte. A palavra se aplica tanto aos "bons" quanto aos "maus" resíduos e aos aspectos de comportamento ou do organismo físico. Nas religiões asiáticas, que admitem a crença na reencarnação, a explicação de carma é freqüentemente aplicada às deformidades congênitas, como o é a qualquer adversidade, ou ventura para as quais nenhuma explicação adequada pode ser encontrada nas circunstâncias ou na conduta da pessoa, na presente existência. O leitor que desejar um mais extenso e, ao mesmo tempo, conciso sumário da doutrina do carma, conforme é manifestada no Budismo, pode consultar *Karma and Rebirth*, de N. Mahathera, Kandy, Ceilão: Buddhist Public-ation Society. S.d. Note-se que no caso de Wijeratne, o sinal de nascença (uma deformidade, realmente) está associada com a presumida personalidade de um *assassino*. Contrariamente, nos casos de Ravi Shankar (págs. 91 - 104) e alguns dos casos do Alasca desta monografia, os sinais de nascença estão relacionados às personalidades subseqüentes de pessoas *assassinadas*.

espontaneamente à sua vida anterior, mas continuou a falar sobre ela quando lho pediam.

Em junho de 1961, o Sr. Francis Story entrevistou Wijeratne (longe de seu pai), os professores do colégio em que ele estudava e os monges da região, aos quais a família de Wijeratne contara detalhes do que o menino havia dito vários anos antes. Em agosto de 1961, entrevistei Wijeratne juntamente com o Sr. Story e também seu pai, sua mãe e um irmão mais velho. O Venerável Ananda Maitreya, que havia investigado acerca do acontecimento alguns anos antes, acompanhou-nos e gentilmente pôs à minha disposição suas informações sobre o caso. Obtive uma certidão da ata do julgamento do homicídio praticado por Ratran Hami, o que me possibilitou determinar certas datas e fatos estabelecidos, bem como descobrir algumas discrepáncias entre o depoimento prestado no julgamento de Ratran Hami (por ele próprio e por cutros) e as declarações de Wijeratne sobre os mesmos acontecimentos, feitas entre vinte e trinta anos mais tarde.

Fatos Relevantes do Relacionamento da Família e da Geografia Referentes à Possível Comunicação Normal das Informações Obtidas por Wijeratne.

Tileratne Hami, o pai de Wijeratne, era o irmão mais velho, cerca de quinze anos, de Ratran Hami. Eram fazendeiros na aldeia de Uggalkaltota, ao tempo em que Ratran Hami assassinou sua esposa[8] porque ela se recusara a deixar a casa dos pais e ir em sua companhia para a aldeia. O homicídio ocorreu em 14 de outubro de 1927, e Ratran Hami foi julgado em junho de 1928 e executado em julho de 1928. O assassínio teve lugar na aldeia de Nawaneliya, que fica aproximadamente a cinco milhas de Uggalkaltota.

Por ocasião do crime, o Sr. Tileratne Hami não era casado, mas por volta de 1936 encontrou-se e casou-se com sua atual esposa, Sra. E. A. Hami. Ela é de uma outra aldeia, Alakola-ellaf no distrito de Marahala, próximo a Ealangoda. Essa aldeia fica cerca de vinte e seis milhas a oeste de Uggalkaltota. A Sra. E. A. Hami afirmou que nada sabia sobre o crime de Ratran Hami, antes de ouvir seu filho Wijeratne monologar sobre ele. Ela asseverou que seu marido jamais mencionara esse episódio da história da sua família, até quando ela o interpelou a respeito das estranhas declarações de seu filho. Não se lembrava de que (após o nascimento de Wijeratne), seu marido lhe tivesse dito que seu irmão havia retornado. Soubera que os aldeões de Uggalkaltota comentavam que ele se parecia com Ratran Hami. Mas não soube, por intermédio deles, coisa alguma sobre o crime de Ratran Hami, do qual só teve ciência pelas observações de Wijeratne[9]. Relativamente à indagação de se outras pessoas da família teriam tido

---

[8] No Ceilão os casamentos se realizam em duas etapas Depois que o casamento é combinado (geralmente com o consentimento das famílias da noiva e do noivo) é lavrado um contrato legal. Poderá então haver uma demora antes da festa formal de casamento e da união doméstica e consumação das núpcias; não é fora do comum que a noiva continue a viver na casa de seus pais, mas preparada para partir com seu marido quando ele o exigir. No caso de Ratran Hami e Podi Menike, a cerimônia legal havia tido lugar, mas as últimas, não. Entretanto, naquela circunstância ela poderia ser considerada "esposa".

[9] Os leitores poderão notar que a Sra. E. A. Hami não se recorda que seu marido lhe tenha dito o que ele claramente se lembra de ter-lhe falado, i.é., que Wijeratne era seu irmão que retornara. Não encontro facilidade em resolver essa discrepância. Possivelmente o Sr. Tileratne Hami apenas achou que seu filho se parecesse com seu irmão e em verdade, não falou tal coisa à sua rnulher. O Sr. Tileratne Hajni pode, compreensivelmente, ter preferido manter o crime de seu irmão afastado de sua vida. Mas também é

conhecimento do crime de Ratran Hami, antes que Wijeratne falasse a respeito, o testemunho de seu irmão mais velho, Ariyaratne, confirma inteiramente o de sua mãe. Ariyaratne tinha sete anos de idade quando Wijeratne nasceu. O primeiro afirmou que embora se fizessem comentários sobre a possível origem cármica da deformidade observada no braço de Wijeratne, quando este nasceu, não associaram essa deformidade ao crime de Ratran Hami, uma vez que nunca haviam ouvido falar nisso (por parte de seus pais ou de qualquer outra pessoa) até o momento em que Wijeratne começou a referir-se ao fato, quando tinha cerca de dois anos e meio de idade. Comentarei essas declarações posteriormente.

Pessoas Entrevistadas Durante a Investigação.

Em 1961 entrevistei as seguintes pessoas em Uggalkaltota:

Sr. H. A. Tileratne Hami, irmão do falecido Ratran Hami e pai de Wijeratne.
Sra. E. A. Hami, esposa do Sr H. A. Tileratne Hami e mãe de Wijeratne.
Wijeratne Hami.
Ariyaratne Hami, irmão mais velho de Wijeratne.
Venerável Ananda Maitreya, Professor de Filosofia Budista, Vidyalankara Pirivena, Colombo.
Sr. Wattegama, Diretor do "Central College" (escola de Wijeratne), Pelmadulla, que foi entrevistado pelo Sr. Francis Story, em 29 de junho de 1961.

Exame Físico de Wijeratne.

No verão de 1961, Wijeratne era um menino de catorze anos, que parecia bem desenvolvido e fisicamente normal, exceto quanto ao lado superior direito do tronco e o braço direito.

No lado superior direito do tronco, abaixo da clavícula, havia uma região côncava de aproximadamente cinco centímetros de diâmetro. A pele estava intacta nessa área, mas o tecido muscular do grande peitoral apresentava-se visivelmente deficiente. Ao palpar essa região, tinha-se a impressão de que uma das costelas subjacentes, aproximadamente a sexta, era defeituosa ou inexistente nesse lado, mas isso não se podia afiançar.

Todo o braço direito era menor, em comparação com o resto do corpo. Era alguns centímetros mais curto do que o esquerdo, e tinha cerca de metade da grossura deste. Os dedos da mão direita desenvolveram-se apenas de modo rudimentar. Nenhum era mais longo do que uma das falanges da mão esquerda normal, e tinha apenas uma articulação, i.é., a articulação falângeo-meta-carpeana. O primeiro, segundo e terceiro dedos eram ligados conjuntamente por pele, sendo o polegar e o mínimo destacados desse grupo. Com essa mão Wijeratne podia pegar uma caneta ou lápis, mas não podia segurar nada pesado. A mão direita era quase impossibilitada de pegar ou segurar objetos.

---

possível que ele tenha feito essa observação e que posteriormente sua esposa tenha se esquecido de que ele a fizera. Uma vez que os pais no Ceilão e em outros países budistas geralmente fazem especulações a respeito das vidas anteriores de seus filhos recém-natos, é bem possível que a mãe de Wijeratne não tenha dado atenção especial à observação. Àquele tempo ela não tinha nenhuma razão particular para isso.

Declarações Feitas por Wijeratne Sobre o Crime e Punição de Ratran Hami.

Antes de arrojar as várias declarações feitas por Wijeratne relativamente à sua afirmação de lembrar-se de uma vida anterior, desejo aclarar vários pontos. Primeiro, havia, neste caso, pouco a verificar através de consulta a pessoas não pertencentes à família, uma vez que ambas as personalidades apresentaram-se na mesma família e quase tudo (há umas poucas exceções importantes) o que Wijeratne afirmou era do conhecimento de seu pai, irmão de Ratran Hami. Segundo, tive contato com o caso doze anos depois que, pela primeira vez, Wijeratne começou a falar de sua vida pregressa. Durante esse tempo, ele e os pais, bem como outros membros da família, devem sem dúvida ter comentado bastante entre si, tanto a respeito das declarações de Wijeratne, como do crime e execução de Ratran Hami. É possível que Wijeratne, que ainda afirma recordar-se dos acontecimentos principais que narrou detalhadamente, tenha obtido de seu pai, alguma, ou talvez muita informação acerca de Ratran Hami. Devo dizer, contudo, que, se adquiriu informações desse modo, deve té-lo feito muito cedo, porque sua mãe assevera que, à idade de aproximadamente dois anos e meio, ele narrou a história com riqueza de detalhes; e o Venerável Ananda Maitreya, que interrogou Wijeratne quando este estava com quatro a cinco anos de idade, disse que àquele tempo ele contou a história com minúcias. Terceiro, embora eu aponte certas discrepâncias entre as declarações de Wijeratne e o depoimento das testemunhas no julgamento de Ratran Hami, não me sinto necessariamente obrigado a crer na sinceridade das testemunhas do julgamento, em contraposição à de Wijeratne. Podemos considerar um observador independente, o médico oficial que levou a efeito o exame "post-mortem" do corpo de Podi Menike, a moça assassinada por Ratran Hami. Mas as outras testemunhas do julgamento de Ratran Hami estavam profundamente preocupadas em ou mandá-lo para a prisão ou livrá-lo dela.

Nesse julgamento, Ratran Hami apresentou uma ardorosa defesa de seu ato, asseverando que não tinha tido intenção de matar Podi Menike. Afirmou que, numa contenda iniciada pela família dela, um amigo de Podi Menike espancou-o enquanto ela o segurava, evitando que ele fugisse. Na sua tentativa de escapar disse que apunhalou-a acidentalmente, mas sem intenção de matá-la. As outras testemunhas asseveraram que ele deliberadamente atacou Podi Menike com um "kris" (punhal malaio) e que só então tentaram bater-lhe. O Júri aceitou esse testemunho e considerou Ratran Hami culpado. O próprio Wijeratne parece ter chegado à mesma conclusão, uma vez que afirmou abertamente que ele, como Ratran Hami, matara Podi Menike. Na minha opinião, isso corrobora extraordinariamente a suposição de que o relato do homicídio, feito por Wijeratne em 1961, é a versão verdadeira, em contraposição ao caso forjado para a defesa de Ratran Hami, em seu julgamento.

As tabulações a seguir sumariam as declarações e reconhecimentos feitos por Wijeratne sobre a vida de Ratran Hami, bem como suas verificações.

Comparação das Personalidades e Atitudes de Ratran Hami e Wijeratne.

A ata do julgamento de Ratran Hami dá uma visão muito imperfeita da sua atitude em relação ao assassinato de Podi Menike, uma vez que, então, negou publicamente que tivesse em verdade tido intenção de matá-la, tendo alegado "inocência". Nem mais podemos confiar no depoimento contrário de testemunhas que desejavam vê-lo enforcado.

Mas o irmão de Ratran Hami e pai de Wijeratne lembrava-se de algumas das últimas cenas da vida de Ratran Hami. Depois que o juiz sentenciou a execução dele, seu irmão mais velho procurou-o e perguntou-lhe como se sentia. Recorda-se de que Ratran Hami declarou: "Não estou com medo. Sei que terei de morrer. Apenas preocupo-me com você." Posteriormente Ratran Hami disse a seu irmão que "voltaria".

Quanto ao caráter de Ratran Hami, o irmão disse-me somente que ele era "muito obediente", traço que nota igualmente em Wijeratne. No julgamento de Ratran Hami, testemunhas depuseram que ele maltratava sua primeira esposa, mas já manifestei minhas dúvidas quanto ao modo de elas avaliarem o comportamento dele.

Ao tempo de minhas entrevistas com ele, no verão de 1961, Wijeratne ainda dizia que "ele" (como Ratran Hami) havia assassinado Podi Menike, mas não demonstrou nenhum arrependimento por isso. Em verdade, afirmou-me que, se se defrontasse com situação semelhante na presente vida, de uma mulher legalmente casada recusar-se a vir para seu lar, ele provavelmente a mataria de novo. Entretanto, sobre seu próprio temperamento anterior como Ratran Hami, Wijeratne afirmou: "Eu tinha um gênio insuportável naquela ocasião. Não pensava no castigo que poderia sofrer." Declarou, porém, que seu temperamento na vida atual é mais brando do que era na sua vida como Ratran Hami. Em 1961, Wijeratne não se preocupava com a deformidade de sua mão, e, embora ele encarasse tal deformidade como um castigo justo pelo seu procedimento, tanto quanto o fato de ter sido enforcado, por outro lado ele pensa ter agido corretamente, como o faria um marido ofendido[10].

Wijeratne declarou que suas lembranças da existência anterior estavam se tornando um tanto mais pálidas. Já me referi ao depoimento de sua mãe, de que ele parara de falar consigo mesmo, quando tinha cerca de cinco anos. Sua mãe não achava que, quando Wijeratne falava dessas coisas, o fazia com mágoa, mas seu pai descreveu-o como "meditativo" no isolamento de seus solilóquios. Na sua narrativa da cerimônia da distribuição de esmolas promovida por seu pai, (irmão de Ratran Hami) Wijeratne lembrou-se de poucos detalhes. Mas o Venerável Ananda Maitreya declarou que, quando Wijeratne descreveu esse fato a ele, à idade de cinco anos, incluiu muitos pormenores do acontecimento.

Mas, embora alguns detalhes parecessem estar se desvanecendo da sua memória, Wijeratne, à idade de catorze anos, disse que se recordava dos principais eventos do último ano de vida de Ratran Hami (que haviam ocorrido mais de trinta anos antes) com mais clareza do que dos fatos dos primeiros anos de sua vida atual, acontecidos havia menos de dez anos. Ele ainda considerava seu pai como o irmão mais velho.

---

[10] Os leitores ocidentais acharão estranhas essas impressões de tal crime. Mas não são incomuns no Ceilão. A proporção de homicídios nesse país é elevada. Muitas afrontas levam um cingalês a uma ira de propensão e de consumação homicida, as quais, no Ocidente, exigiriam outras soluções. Apesar disso, os cingaleses são essencialmente amantes da paz, delicados e profundamente imbuídos das doutrinas budistas da reencarnação e carma. Portanto, um crime como o homicídio, embora não seja aprovado, é mais freqüentemente considerado "natural" ou "perdoável" do que o é no Ocidente; mas também mais freqüentemente considerado como portador das punições do carma na vida seguinte. Para os budistas, essa força moral ou psicológica, por assim dizer, torna-se tão importante ser considerada no acerto de contas, quanto às punições da justiça e dos xerifes.

Comentários Sobre a Evidência de Conhecimento Paranormal por Parte de Wijeratne.

Uma vez que o irmão de Ratran Hami esperava que ele renascesse como seu filho e pareceu-lhe achar certos aspectos do rosto e da tez do bebê Wíjeratne parecidos com os de Ratran Hami, poderemos facilmente acreditar que ele poderia, na ocasião, ter influenciado Wijeratne, embora inconscientemente, no sentido de uma identificação com seu falecido irmão. Teremos então que perguntar como poderia tê-lo feito, sem que sua mulher e o irmão mais velho de Wijeratne nada soubessem acerca da história de Ratran Hami até o momento em que Wijeratne começou a falar sobre sua existência precedente, quando tinha dois anos e meio. As crianças no Ceilão são tão rigorosamente cuidadas pelas mães, que não podemos imaginar o pai tendo muito acesso a elas na ausência da mãe. Em algumas culturas isso pode ocorrer, mas no Ceilão tal suposição não faz sentido.

Devemos considerar também a evidência que fundamenta a afirmação da mãe de Wijeratne (e declarações semelhantes de seu irmão mais velho), de que ela nunca havia ouvido falar do crime e da execução de Ratran Hami, antes de Wijeratne falar-lhe a respeito e ela perguntar a seu marido se fora verdade. Isto, a princípio, parece improvável, mas no Ceilão tal ignorância do homicídio pode muito bem ter ocorrido. O crime e execução de Ratran Hami tiveram lugar em 1927-28, uns sete anos antes de os pais de Wíjeratne terem-se casado. Embora os jornais de Colombo, a cento e dez quilômetros de distância, onde o julgamento teve lugar, o tivessem publicado, notícias a respeito, quer pelos jornais, quer pelo rádio, provavelmente nunca teriam chegado a Morahala, próximo a Balangoda, onde a Sra. Huratal Hami, mãe de Wijeratne, havia crescido. Resta a possibilidade de que notícias sobre o crime tivessem sido divulgadas por boatos de Nawaneliya para Morahala. Isso pode ter ocorrido, mas não aconteceu necessariamente. Assassinato, como já dissemos, dão-se com bastante freqüência no Ceilão; são, na verdade, uma coisa comum. Um crime em uma aldeia teria pouco valor noticioso em outra, quarenta e dois quilômetros distante.

SUMÁRIO DAS DECLARAÇÕES E RECONHECIMENTOS FEITOS POR WIJERATNE			
Item	**Informante**	**Verificação**	**Comentário**
1. Em sua vida anterior fôra Ratran Hami, irmão de seu pai atual, um fazendeiro que morava em Uggalkaltota.	Wijeratne. H. A. Tileratne Hami, pai de Wijeratne.	H. A. Tileratne Hami.	
2. Fora casado antes do noivado e do segundo matrimônio, mas não se lembrava de sua primeira esposa.	Wijeratne H. A. Tileratne Hami	H. A. Tileratne Hami.	A primeira esposa de Ratran Hami havia morrido. Os depoimentos de julgamento também incluem referência ao fato de o réu ser viúvo.
3. Havia apunhalado sua segunda esposa e essa é a razão por que sua mão e peito são deformados.	Wijeratne. H. A. Tileratne Hami. E. A. Huratal Hami, mãe de Wijeratne.	Todas as testemunhas do julgamento concordam em que ele apunhalou Podi Menike. Discordam acerca de quem começou a altercação e	A Sra. E. A. Hami declarou que Wijeratne, a princípio, relacionou a deformidade da sua mão (e braço) com a dívida cármica de Ratran Hami. À época

		se Ratran Hami tencionava matar sua esposa.	do crime, Ratran Hami e Podi Menike não havíam consumado as cerimônias do casamento, mas não seria impreciso qualificar Podi Menike como "esposa", na ocasião do crime (Vide rodapé nº 6). Wijeratne atribuiu a deformidade da sua mão direita ao fato de que "ele (Ratran Hami) havia assassinado minha mulher usando minha mão," Pode-se comparar isto à atitude do arcebispo Cranmer, quando queimado na fogueira, em 1566. Cranmer resolutamente estendeu a mão direita em direção às chamas porque essa mão tinha assinado a retratação que redigira.
4. Sua esposa era a filha mais velha de Punchimahataya.	E. A. Huratal Hami.	E. A. Huratal Hami.	Os depoimentos do julgamento referem-se a Punchimahataya como uma testemunha, mas ele não foi chamado e eu não apurei seu relacionamento com Podi Menike. Em outra ocasião o próprio Wijeratne disse que ela era filha de Punchimahataya. É portanto certo que um homem com esse nome teve alguma relação com o crime de Ratran Hami.
5. Sua esposa morava na aldeia de Nawaneliya.	E. A. Huratal Hami. Wijeratne.	Todas as testemunhas do julgamento estão de acordo em que o assassinato ocorreu na casa de Podi Menike, em Nawaneliya.	
6. Acreditava que sua mulher estava sob a influência de um outro homem, Mohottihamy, que a persuadira de não realizar seu casamento com Ratran Hami.	Wijeratne.	Nenhuma confirmação de tal assertiva existe nos depoimentos do julgamento. Um homem, de nome Mohottihamy, estava morando com a família de Podi Menike e foi testemunha do homicídio.	Mohottihamy declarou no julgamento que era primo da mãe de Podi Menike e que estava morando com a família desta à época do crime.

7. Quando chegou o tempo para as providências finais do casamento, foi à residência da sua esposa e pediu-lhe que acompanhasse à sua casa, mas ela se recusou.	Wijeratne.	No julgamento, a mãe de Podi Menike declarou que Ratran Hami esteve em sua casa de manhã e tentou, sem êxito, persuadir Podi Menike a ir morar com ele.	Outras testemunhas do julgamento foram concordes em que Podi Menike se recusara a ir com Ratran Hami para casa, quando de manhã ele pediu que o fizesse.
8. Havia carne dependurada e uma parte estava sendo cozida na casa de Podi Menike.	E. A. Huratal Hami.	Não corroborado independentemente. Não mencionado nos depoimentos do julgamento.	Wijeratne comentou com sua mãe a possibilidade de que a carne estivesse sendo preparada para a festa de casamento, que deveria realizar-se por ocasião da obstinada recusa de Podi Menike em realizar o matrimônio.
9. Depois que Menike se recusou a ir com ele, caminhou de volta para sua aldeia, a cinco milhas de distância.	Wijeratne.	H. A. Tileratne Hami.	O depoimento de duas testemunhas no julgamento declarava que Ratran Hami viera uma vez, ao final do período da manhã, à casa de Podi Menike e logo em seguida foi embora e regressou outra vez ao anoitecer. Isso teria dado tempo a Ratran Hami de retornar à sua aldeia e apanhar seu punhal.
10. Em sua casa, afiou um "kris" (punhal malaio) em uma prancha sob uma laranjeira.	Wijeratne. H. A. Tileratne Hami. E. A. Hami.	H. A. Tileratne Hami.	A Sra. E. A. Huratal Hami lembrou-se de que Wijeratne disse ter afiado seu punhal sob uma laranjeira. Ela não mencionou a prancha. Wijeratne apontou para sua família a laranjeira e a prancha, que estavam no mesmo lugar em que se encontravam vinte anos antes.
11. Tomou cinqüenta rúpias emprestadas de seu irmão para pagar o que devia aos trabalhadores que haviam construído sua casa. Pagou-os e voltou para a casa de Podi Menike, em Nawaneliya.	Wijeratne.	H. A. Tileratne Hami, quanto ao empréstimo das cinqüentas rúpias.	Não há verificação de se Ratran Hami realmente pagou os trabalhadores.
12. Não conseguindo persuadir Podi Menike a voltar consigo e	Wijeratne.	Ratran Hami, no julgamento, alegou ter sido atacado e	Ratran Hami lutava pela própria vida, no julgamento. Wijeratne

vendo na casa Mohottihamy, que pensava ser seu rival, apunhalou Podi Menike.		espancado por Mohottihamy, antes de apunhalar Podi Menike.	disse o que o júri acreditava, em I928; a saber, que Ratran Hami assassinara deliberadamente Podi Menike, quando esta não quis ir para casa com ele.
13. Apunhalou Podi Menike no seio direito.	Wijeratne.	O exame post-mortem referido no julgamento indicava que Podi Menike havia recebido graves e mortais ferimentos de punhal nas costas e principalmente sob a axila esquerda, mas não no seio direito. Três ferimentos atravessaram a parede toráxica.	No seu julgamento, Ratran Hami alegou ter apunhalado Podi Menike uma vez, nas costas. Disse não conseguir lembrar-se de tê-la apunhalado mais de uma vez. Como a família e amigos de Podi Menike o espancaram após o assassinato, este fato pode ter enfraquecido sua memória quanto ao que aconteceu no tumulto. Wijeratrje parecia lembrar-se que a deformidade côncava do lado direito do seu peito encontra-se, nele, na região do ferimento fatal que "ele" fizera em sua esposa. Mas nenhum dos verdadeiros ferimentos da mulher de Ratran Hami localizavam-se nessa área, segundo o médico que levou a efeito o exame post-mortem.
14. Após o homicídio, foi espancado por Mohottihamy.	Wijeratne.	Reconhecido por Mohottihamy em seu depoimento no julgamento.	
15. Foi levado para Balangoda depois do crime.	Wijeratne. E. A. Huratal Hami.	Esse detalhe não foi trazido à baila nos depoimentos do julgamento.	Provavelmente correto. Balangoda é a cidade mais próxima e possivelmente um lugar de detenção de criminosos presos no distrito.
16. O julgamento se estendeu por dois anos.	Wijeratne.	Um exagero. O assassinato ocorreu em 14 de outubro de 1927, e o julgamento, em 12 de junho de 1926.	Talvez uma prolongação subjetiva da experiência de passagem do tempo, resultante da situação de tensão, por parte de Ratran Hami.
17. Foi condenado à forca.	Wijeratne.	Certificado oficial do julgamento de Rantran Hami.	

18. Cinco dias antes de sua execução seu irmão (H. A. Tileratne Hami) promoveu, na prisão, uma cerimônia religiosa em sua intenção.	Wijeratne.	H.A. Tileratne Hami.	O Venerável Ananda Maitreya disse que quando Wijeratne era mais novo, i.é., quando tinha cinco anos, ele relatava a cerimônia religiosa com riqueza de detalhes, mencionando dez monges e seu superior que dirigiu a cerimônia.
19. Tentou imputar o crime a Mohottihamy mas foi impedido por um criado que o viu assassinar Podi Menike.	Wijeratne.	Na verdade, no julgamento, Ratran Hami tentou atribuir o crime a Mohottihamy e nenhum criado testemunhou no julgamento.	Wijeratne pode possivelmente referir-se a uma explicação do homicídio, dada por Ratran Hami antes do próprio julgamento, mas deixou-a de lado quando o julgamento se efetuou. Parece bem claro que a defesa de Ratran Hami foi engendrada por seu advogado, na forma clássica. Seu advogado não quereria, é claro, incriminar um homem inocente, e provavelmente rejeitou uma história que Ratran Hami deve ter concebido às pressas e contado à policia, nas suas primeiras declarações.
20. Na cerimônia religiosa disse a seu irmão que voltaria (querendo dizer que nasceria outra vez).	Wijeratne. H. A. Tileratne Hami.	H. A. Tileratne Hami.	Wijeratne disse-me apenas que, como Ratran Hami, declarara que retornaria outra vez. Seu pai acrescentou que Ratran Hami dissera que voltaria como seu fílho.
21. No dia anterior à sua execução, um saco de areia foi dependurado no patíbulo.	Wijeratne.	Relato de execuções no Ceilão, escrito por um carrasco. *Ceylon Observer*, Colombo, 15 de outubro de 1961.	Verifiquei que é costume, no Ceilão, testar a corda e alçapão do patíbulo, "enforcando" um pesado saco de areia, no dia precedente ao da verdadeira execução. (Vide nota de rodapé nº 10 adiante).
22. Na execução, um sacerdote budista oficiou os últimos ritos para ele, pouco antes de ser enforcado.	Wijeratne.	Não verificado.	Provavelmente correto.
23. Foi colocado um pano preto em sua	E. A. Huratal Hami.		Capuzes são geralmente colocados na cabeça

cabeça, antes de o alçapão abrir-se.			dos criminosos executados no Ceilão. O irmão de Ratran Hami (pai de Wijeratne) não esteve presente durante esses últimos episódios da vida de Ratran Hami.
24. Quando o alçapão se abriu ele pensou somente em seu irmão. Sentia o pescoço apertar-se e então teve a sensação de despencar num abismo de fogo.	Wijeratne.		
25. Não se lembrou de coisa alguma do que aconteceu depois, até que, quando tinha dois anos de idade, percebeu que seu pai era seu irmão.	Wijeratne.		Testemunhas afirmaram que, quando menor, Wijeratne falava sobre suas experiências depois da morte como Ratran Hami, e antes do seu nascimento como Wijeratne.
26. Na época da sua execução tinha cerca de vinte e três ou vinte e quatro anos, e seu irmão, aproximadamente trinta.	Wijeratne.	Correto quanto a Ratran Hami, que nasceu em 1904 e estava, portanto, com vinte e quatro anos quando foi executado. Aparentemente incorreto em relação a H. A. Tileratne Hami, que tinha aproximadamente quarenta anos quando seu irmão morreu.	
27. Reconhecimento por Wijeratne, de um cinto deixado por Ratran Hami, com sua tia.	H. A. Tileratne Hami.	H. A. Tileratne Hami.	Ratran Hami deixou o cinto em questão com sua tia, pouco antes do crime. A tia deu-o ao filho que dele se apropriou e o usava. Wijeratne tinha cerca de seis ou sete anos de idade, quando identificou o cinto de Ratran Hami com seu primo. Devido a uma briga de família, não tinha havido contato entre a família de Wijeratne e o homem que já possuía o cinto há muitos anos antes que Wijeratne estivesse com ele e reconhecesse o cinto. Esse reconhecimento não foi corroborado independentemente. O Sr. H. A. Tileratne

			Hami e sua esposa não estavam presentes quando Wijeratne reconheceu o cinto acerca do qual lhes falou posteriormente.

Podemos crer também que o Sr. H. A. Tileratne Hami pode não ter falado a sua mulher, antes ou depois do casamento, acerca da história de seu irmão. Os crimes e punições dos parentes são geralmente mantidos em segredo durante o noivado, em qualquer civilização.

Na minha opinião, uma prova maior de plausibilidade ou autenticidade da história narrada por Wijeratne e por sua família advém do fato de ter seu pai, pelo menos, e provavelmente outros membros de sua família, tentado energicamente reprimir suas lembranças ou que ele contasse a história de Ratran Hami. O próprio Venerável Ananda Maitreya presenciou as tentativas feitas pelo pai de Wijeratne no sentido de impedir o menino de falar quando, com a idade de cinco anos, estava contando a história ao mesmo Ananda Maitreya. Nessa época seu pai deu, como justificativa de desejar abafar a ocorrência, o temor de represália por parte dos coléricos parentes ainda vivos de Poli Menike, a jovem assassinada por Ratran Hami. Os detalhes foram transmitidos primeiramente ao Venerável Ananda Maitreya, porque ele era um monge muito conhecido da família. Aos demais monges só foram contados depois. O Sr. H. A. Tileratne Hami estava tão preocupado em ocultar o ocorrido, que mandou Wijeratne, por algum tempo, para fora de casa e da aldeia em que viviam. Em minhas entrevistas com a família, cerca de nove anos depois que os monges ouviram a história, o perigo de vingança parecia já ter passado, mas o desejo da família de evitar publicidade continuou e foi justificado pelo temor de zombaria por parte dos vizinhos. Em nenhuma oportunidade, procurou a família divulgar o caso de Wijeratne, quer pelos jornais ou por outros meios, e somente vim a saber dele através da amizade do Sr. Story com alguns monges da região, que dirigiam a escola que Wijeratne freqüentava.

E eu acrescentaria, finalmente, que o fato de contar essa história aos monges dá mostra da honestidade da família em sua narrativa do caso. Isso porque os aldeões no Ceilão tratam os monges com o maior respeito. Os aldeões não teriam forjado uma história falsa para ludibriá-los, nem insistiriam eles na existência de um assassino e criminoso executado numa família, se não acreditassem piamente na evidência do que apresentavam. A família de Wijeratne e Ratran Hami não iria irrefletidamente reavivar e repetir a esses tão venerandos monges a história de um crime de vinte e cinco anos, praticado por Ratran Hami, a menos que estivessem eles próprios profundamente convencidos da autenticidade das afirmações de Wijeratne em ser Ratran Hami renascido.

Ao supor alguma fonte paranormal para as informações sobre Ratran Hami dadas por Wijeratne, nada mais posso fazer do que apontar os vários fatores, na situação global, que me fazem crer que de algum modo Wijeratne obteve seu conhecimento sabre Ratran Hami por meio paranormal. Nada mais claro que, uma vez que quase tudo o que ele sabia seu pai também sabia, resta a possibilidade de que Wijeratne tenha adquirido suas informações diretamente do pai, quer por comunicação verbal, quer talvez parcial ou totalmente por percepção extra-sensorial.

Muitos fragmentos de informações prestadas por Wijeratae, contudo, parecem cair totalmente fora dessa explicação. Wijeratne mencionou três detalhes (itens 21-23 da tabulação) do último dia de vida de Ratran Hami, que parece não terem sido do conhecimento de seu pai, até o momento em que Wijeratne os relatou. Refiro-me ao "enforcamento" preliminar de um saco de areia para testar o patíbulo, ao uso de capuz negro na hora de ser enforcado, e à realização dos últimos ritos por um sacerdote budista, no dia que precedeu a própria execução[11]. Os dois últimos são detalhes bastante comuns de muitos enforcamentos no Ceilão, mas o primeiro não o é, era, em verdade, novo para mim; julguei-o duvidoso até que pude comprová-lo pelo relato de um carrasco de prisão sobre o processamento de execuções no Ceilão[12]. Devemos perguntar-nos se é provável que o Sr. H. A. Tileratne Hami conhecesse esse pormenor ou se, caso o conhecesse, o teria mencionado a seu filho. Executado seu irmão, talvez sua mente persistisse em pensar nos detalhes, ou ele especialmente os estudasse sempre que pudesse, e, se contou alguma coisa a seu filho sobre Ratran Hami antes que o menino falasse de suas recordações da vida anterior (o que negou), teria provavelmente se referido a tal fato, tanto quanto a qualquer outro. Mas, em vista do seu intenso desejo de abafar toda a história, a princípio, do que já mencionei razões, parece improvável que tenha dito qualquer coisa a Wijeratne sobre o assassínio, julgamento e execução, antes que o próprio Wijeratne referisse os detalhes.

O episódio do reconhecimento por Wijeratne, do cinto que Ratran Hami dera a sua tia, merece um breve comentário. Quando Wijeratne reconheceu e apontou a seu pai a prancha em que "ele" havia afiado o "kris" com que Ratran Hami apunhalou Podi Menike e a laranjeira sob a qual a prancha se encontrava, mostrou ao pai objetos que este já conhecia, bem corno sua relação com o assassínio. O menino poderia então ter adquirido essa informação do pai, ou por meio normal ou por telepatia. Mas quando Wijeratne reconheceu o cinto de Ratran Hami, então usado indevidamente por seu primo, seus pais não estavam presentes e somente souberam disso posteriormente. O pai de Wijeratne não poderia tão facilmente ter sido a fonte de informação desse reconhecimento; e, na verdade, se os fatos tiverem sido narrados corretamente pelos pais de Wijeratne, só poderemos explicar o reconhecimento do cinto por Wijeratne através de alguma forma de sobrevivência ou de uma forma complexa de telepatia entre Wijeratne e o primo de Ratran Hami ou o pai de Wijeratne.

Não podemos plausivelmente supor que Wijeratne tenha extraído toda a sua informação de uma leitura clarividente dos depoimentos do julgamento porque a) estes não contêm alguns detalhes comprovados, como os episódios de Uggalkoltata ocorridos entre as duas viagens de Ratran Hami à casa de Podi Menike, e b) porque, no julgamento, Ratran Hami negou a intenção de matar, enquanto que Wijeratne reconheceu esse intento. Por outro lado, tanto Wijeratne como Ratran Hami (no julgamento) declararam que este apunhalara Podi Menike apenas uma vez, embora o patologista atestasse vários ferimentos, três dos quais penetrando o peito. A localização feita por Wijeratne, do ferimento fatal na parte direita superior do tórax, supostamente correspondente à sua

[11] O irmão de Ratran Hami (pai de Wijeratne) náo estava presente durante esses últimos episódios da vida de Ratran Hami, embora ele pudesse ter sabido ou inferido o que sucedeu antes e depois da execução.

[12] *Ceilon Observer*, Colombo, 15 de outubro de 1961. Wijeratne não podia ter obtido tal informação dessa fonte, uma vez que falou sobre detalhes do enforcamento de Ratran Hami, anos antes que esse relato aparecesse. A prática de esticar a corda com um saco de areia no dia que precede ao do enforcamento é mencionado em *A History of Capital Punishment*, de J. Laurence (New York: The Citadel Press, 1960).

própria deformidade côncava nessa região, também difere da localização dos ferimentos do corpo de Podi Menike. Isto sugere uma distorção de informação por parte de Wijeratne, que pode ter desejado explicar a deformidade de seu próprio peito, bem como o encolhimento do braço, num sentido cármico. Podem também ser aplicadas[11] outras explicações. Desde que o Sr. H. A. Tileratne Hami estava presumivelmente a par dos depoimentos do julgamento de seu irmão, é improvável que Wijeratne tenha colhido esse detalhe errôneo da mente de seu pai.

Como já disse, Wijeratne declarou que, como Ratran Hami, havia assassinado Podi Menike. Além do mais, declarou que, em idênticas circunstâncias, agiria da mesma forma. Ratran Hami, contudo, protestou inocência no julgamento. Estou inclinado a pensar que essa diferença, de algum modo, corrobora a hipótese da reencarnação em contraposição à opinião de que Wijeratne obteve suas informações, quer normalmente, quer (no todo ou parcialmente) através da ESP, de seus pais ou (presumivelmente) das atas do julgamento. Se estas tivessem sido a fonte de suas informações, não teria ele então se fixado na posição de ser "inocente".

O Desenvolvimento Posterior de Wijeratne

De 1961 até a época da publicação da primeira edição deste livro (1966) não encontrei Wijeratne. Em julho de 1966, encontrei-o novamente em Colombo onde ele estava morando então. Subsequentemente encontrei-o em março de 1968, perto de Colombo, em novembro de 1970 em Uggalkaltota, em abril de 1973 em Katny e em outubro de 1973 em Angoda. Na ocasião de visitar Wijeratne em Uggalkaltota, também fui capaz de falar em alguma extensão com seu irmão mais velho, H. A. Ariyaratne Hami. Nesta visita Sr. Francis Story, Sr. V. F. Guneratne, Sr. E. C. Raddalgoda, e Sr. Godwin Samararatne acompanharam-me. Todos eles eram bem familiarizados com Wijeratne e os três primeiros em particular têm sido ativos em encontros pessoais com Wijeratne. Tenho obtido informação adicional sobre seu desenvolvimento posterior de várias outras fontes. O próprio Wijeratne escreve-me de tempos em tempos. Também, Sr. V. F. Guneratne tem acompanhado seu desenvolvimento de perto e compartilhou informação sobre ele comigo. Sr. Guneratne tem tido um amável interesse em Wijeratne e tem se encontrado com ele Uggalkaltota ou em outra parte em várias ocasiões desde 1966. Também possuo um relatório obtido pelo Sr. E. C. Raddalgoda do Sr. B. A. Francis, o vice-diretor do colégio que Wijeratne esteve entre 1966 e 1969.

Devo primeiro mencionar que no verão de 1966 Sr. Guneratne conseguiu um exame de raio-x do peito de Wijeratne. Na primeira edição deste livro mencionei que ele tinha uma concavidade profunda dos tecidos musculares sobrejacentes às costelas do peito

[11] Arrisco apresentar uma dessas possíveis explicações, subentendendo com o leitor que ela é bastante especulativa. Os cingaleses sem cultura freqüentemente confundem esquerdo com direito, comumente referindo-se ao lado "direito" da pessoa com quem falam, como "esquerdo", porque é esquerdo para eles. É, portanto, bem possível que Ratran Hami se lembrasse de ter apunhalado Podi Menike no lado "direito" para ele, que na verdade correspondia ao lado esquerdo dela, onde os patologistas observaram os ferimentos. Então, supondo que as imagens mentais em vez de alterações físicas, orientam as mutações no organismo físico da pessoa que detém as imagens, e supondo-se uma influência no corpo de Wijeratne ocasionada pela mente de Ratran Hami, poderíamos explicar a deformidade do peito direito de Wijeratne. Nesse último caso, desejo lembrar aos leitores as observações de Padre Thurston de que, quando aparecem estigmas no corpo de pessoas religiosas, que oram ante um crucifixo, esses estigmas do místico aparecem nos mesmos lugares das chagas da Imagem de Cristo, ante a qual o místico tenha meditado ou orado. (H. Thuraton. *The Physical Phenomena of Mysticism*. Londres: Burns Oates, 1952, págs. 190-191).

direito superior. Tive a impressão de que uma costela subjacente, a qual pensei ser a sexta, fosse de algum modo deficiente. O resultado do exame de raio-x (pelo Dr. Q. Peiris datado de 26 de junho de 1966) do peito de Wijeratne afirmou que "a terceira costela da direita é mais curta do que sua associada do lado oposto. À exceção disto não há características ósseas notadas no peito".

Em 1966 e 1968 Wijeratne disse-me que as memórias da vida passada haviam sido esquecidas consideravelmente, apesar de algumas persistirem. Lembrava-se somente vagamente como Podi Menike era antes da cerimônia de casamento. A única nova memória que mencionou, adicional àquelas anotadas de minha primeira entrevista de 1961, foi do juiz que passou a sentença a Ratran Hami em seu julgamento por assassinato em junho de 1928. Recordou sua vestimenta preta e figura fina.(Penso que esta memória foi recentemente mencionada ao invés de recentemente lembrada). Em 1970 disse que não pensava mais espontaneamente sobre a vida prévia, mas somente quando alguém lhe lembrava disto. Não obstante, certas memórias da vida prévia, quando trazidas à consciência, ainda estavam mais claras a ele do que memórias da sua infância. Isto era verdadeiro das memórias dos eventos do último ano da vida de Ratran Hami, tal como o assassinato de Poli Menike em outubro de 1927, e o subsequente julgamento e execução de Ratran Hami no verão de 1928[14].

Na primeira edição deste livro mencionei que durante minha entrevista com Wijeratne em 1961 ele não expressou remorso pelo assassinato de Podi Menike e disse que, sob circunstâncias similares, se sentiria justificado em matar uma mulher que cancelou um contrato de casamento como ela fez. Nos anos subseqüentes veio a mudar esta posição. Ele primeiro me disse em 1966 que ele então pensava que *não* mataria uma esposa que o provocasse. Em 1968 ainda expressava a mesma opinião. Formei a impressão que sua atitude alterada não surgiu de qualquer sentido de culpa com referência à morte de Podi Menike, mas antes de uma avaliação de que, tudo considerado, as penalidades do assassinato não justificaram a satisfação transitória de vingança ou a remoção de um inimigo. Ainda considerava que o braço mal formado com o qual nasceu foi uma punição pelo assassinato de Podi Menike. Wijeratne disse que enviaria-me uma declaração registrando sua posição modificada sobre o assassinato para inclusão numa nova edição deste livro. Isto ele fez e cito o seguinte (com umas pequenas mudanças no inglês) de uma carta que escreveu-me, datada de 26 de janeiro de 1969.

Eu cuidadosamente considerei a afirmação do que alguém deveria fazer se uma esposa se comportasse de uma maneira indecorosa. Penso que é sábio que como um primeiro passo ela deve ser feita ciente de sua fraqueza e avisada de acordo. Estas são ocorrências comuns na sociedade. [Wijeratne aqui quer dizer comportamento impróprio por esposas!] Se, entretanto, uma esposa não seguir o conselho do marido, seria sábio divorciar-se dela. Caso contrário a raiva repentina que pode surgir numa pessoa pode levar à destruição de muitas vidas. Assim de acordo com os ensinamentos de Buda se as ações são guiadas pela paciência e sabedoria isto pode levar a uma vida feliz.

---

[14] O caso de Bishen Chand (I. Stevenson, *Journal* A. S. P. R., Vol. 66, outubro de 1972, 375-400) fornece um exemplo um tanto similar da perda seletiva das memórias. Em 1971 Bishen Chand tinha esquecido tudo de um grande número de detalhes sobre a vida prévia, exceto um – o assassinato de um homem pela personalidade prévia cuja vida ele lembrava.

A referência de Wijeratne à destruição de muitas vidas, não apenas a vida da pessoa assassinada, refere-se, eu penso, principalmente a sua própria vida a qual viu como substancialmente alterada, se não arruinada, pelo assassinato de Ratran Hami cometeu.

Em 1969 Wijeratne tornou-se seriamente doente mentalmente e foi admitido para um hospital psiquiátrico em Ratnapura por quase um mês em novembro-dezembro de 1969. Um cartão descartado dado a ele, presumivelmente pelo comparecimento em uma clínica psiquiátrica, e o qual examinei, afirmou que foi diagnosticado como tendo esquizofrenia hebrefrênica. Em 1970 obtive uma considerável quantidade de informação sobre a doença mental de Wijeratne do próprio Wijeratne, de seu irmão mais velho, e do vice-diretor do colégio que freqüentava. Em 1973 também fui capaz de discutir a doença com Dr. N. B. Hettiaratchy, o psiquiatra que tratou Wijeratne no hospital psiquiátrico em Ratnapura. Dr. Hettiaratchy deu-me uma cópia de suas notas sobre a admissão de Wijeratne no hospital e confirmou que el teve uma doença esquizofrênica. Ele não tinha, entretanto, se aprofundado extensivamente no início da história de vida de Wijeratne e nada sabia dos detalhes de suas memórias de uma vida passadas, apesar de estar consciente que Wijeratne tinha tido tais memórias. Também não sabia sobre as circunstâncias imediatas e estresses que emergiram da informação fornecida por Wijeratne e as outras pessoas mencionadas acima como importante para a causa de sua doença.

O fator desencadeante na doença foi, quase certamente, uma paixão louca que Wijeratne tinha por uma garota em sua classe no colégio. Wijeratne falou com esta garota na classe, mas parece nunca ter tido quaisquer relações sociais com ela, nem mesmo ao ponto de compartilhar uma refeição com ela. A garota respondeu de um jeito amável que aumentou sua atratividade para ele, mas ela não parece ter encorajado Wijeratne de algum jeito. E parece posteriormente (de acordo com um testemunho de terceira mão) tê-lo evitado. Não obstante, Wijeratne evidentemente elaborou fantasias sobre ela e então em algum momento passou a imaginar que ela o tinha rejeitado. Disse que tinha "escapado" da garota porque acreditava que pensar nela interferiria em seus estudos. Até onde eu poderia dizer, o relacionamento nunca progrediu ao ponto onde um pudesse ter rejeitado ao outro; isto foi largamente senão inteiramente construído em sua própria mente. Mas os colegas de classe sabiam de sua louca paixão e, de acordo com H. A. Ariyaratne (que ouviu sobre isto por ele e pelo irmão mais velho de Wijeratne), estavam importunando Wijeratne sobre a garota.

Nesta situação Wijeratne começou a ter dificuldades para dormir, seus pensamentos se tornaram confusos, e desenvolveu ilusões. Uma destas foi que era um pássaro. Quebrava galhos de árvores e quando seu irmão perguntou-lhe porque estava fazendo isto, disse-lhe: "Agora sou um pássaro". A ilusão de ser um pássaro durou cerca de uma semana. Depois (quando falei com ele no outono de 1970) lembrou a experiência e disse que se sentiu leve (no peso) na época. A ilusão não se desenvolveu com maiores detalhes como tendo a aparência de um pássaro com penas, asas, etc.

No hospital Wijeratne foi tratado com tranqüilizantes sobre os quais continuou por um período posterior. Esteve moderada ou severamente doente no todo por aproximadamente cinco meses. Tinha parado com a medicação pelo outono de 1970. Quando o vi em novembro daquele ano causou-me a impressão de estar substancialmente melhor, mas havia um vestígio de abstração em suas maneiras como se seu contato com seu ambiente estivesse ainda levemente prejudicado. Também

pensei que seu sentimento um tanto inapropriado e seus planos de estudar sozinho para o exame de ingresso numa faculdade sem a ajuda do colégio, ou no mínimo de um tutor, pareceram-me ilusórios. A dificuldade de avaliar estes sinais tornou-se maior porque sua família inteiramente estava naquela época sob ameaça de um processo levado contra eles em conseqüência de uma discussão com o chefe da aldeia sobre o uso de terra; estavam todos muitos preocupados sobre os resultados do julgamento iminente que subseqüentemente foi cancelado com a retirada das queixas contra a família de Wijeratne.

Tanto o presumido fator desencadeante da psicose de Wijeratne quanto a ilusão de ser um pássaro durante isto *podem* ter alguma conexão com suas memórias de uma vida prévia.

Em um relatório escrito sobre a conduta de Wijeratne no colégio e as circunstâncias na época de sua doença, B. A. Francis, o vice-diretor de seu colégio, escreveu que Wijeratne tinha dito a alguns de seus colegas que a garota a quem se sentia atraído lembrava-lhe da esposa da vida prévia, Podi Menike[15]. Isto tinha presumidamente estimulado seu desejo de ser amável com ela. Quando perguntei depois Wirejatne diretamente se a garota em questão tinha-o lembrado de Podi Menike, disse que não. Mas mostrou relutância considerável mesmo para admitir a parte exercida pela sua atração à menina na perturbação emotiva que precedeu sua psicose. Inicialmente tentou dizer que ficou doente por causa da preocupação sobre os exames pendentes, mas quando eliciado mais admitiu que preocupou-se com a garota em sua classe. Poderia ser mesmo mais difícil para ele admitir para alguém como eu mesmo que a garota tinha de fato lembrado-lhe Podi Menike.

Seja de que jeito for, penso que podemos seguramente sugerir ao menos alguma semelhança entre a situação de Ratran Hami quando sua noiva o rejeitou e a fantasiada (ou real) rejeição de Wijeratne pela garota que pode ou não ter lembrado Podi Menike. Wijeratne tinha resolvido não recorrer a violência em tais casos, uma resolução que, incidentalmente, reafirmou em nossa entrevista em 1970. Psiquiatras que acreditam que fortes emoções não expressadas geram psicoses podem debater com filósofos de ética se a doença de Wijeratne, caso tenha sido causada pela frustração trazida por uma mulher não correspondente, como parece provável, foi um avanço sobre a solução de Ratran Hami a tal situação. Que ninguém pense que advogo o assassinato em tais circunstâncias!

Quando Wijeratne e seu irmão mencionaram que durante sua psicose ele tinha tido a ilusão de ser um pássaro, Sr. V. F. Guneratne, Sr. Francis Story, e Sr. E. C. Raddalgoda todos disseram que se lembravam que Wijeratne tinha anteriormente, voltando até 1961, feito observações que implicavam que, durante o longo intervalo entre a morte de Ratran Hami em 1928 e o nascimento de Wijeratne em 1947 (dezoito anos e meio), ele passou ao menos parte de seu tempo reencarnado como um pássaro. De acordo com eles, nunca especificamente disse que foi um pássaro, mas disse que depois de

[15] Os colegas de Wijeratne estariam bem familiarizados com a história da vida prévia que ele lembrava. Assim, podem ter conjecturado que a garota lembrava-o de Podi Menike e passaram esta interpretação para o vice-diretor sobre o que Wijeratne havia lhes dito. O vice-diretor não disse se ouviu do próprio Wijeratne que a garota pela qual se sentia atraído lembrava-lhe Podi Menike. Mas ele evidentemente pensava que os colegas de Wijeratne estavam dizendo-lhe verdadeiramente o que Wijeratne havia lhes dito.

despencar no abismo de fogo (p. 156, item 24) seguindo a execução de Ratran Hami (aqui cito minhas notas de 1970), "tinha esvoaçado ao ar e empoleirado-se nos topos das árvores". Estes três observadores todos tinham assumido que Wijeratne estava se referindo a uma vida "intermediária" como um pássaro. Não consigo lembrar de Wijeratne tendo mencionado tal experiência durante a entrevista em 1961 (ou depois) e não pude localizar nenhum vestígio disto em minhas notas[16].

Não é necessário acreditar que Wijeratne, após a morte de Ratran Hami, realmente teve uma vida intermediária como um pássaro para considerar que possa ter havido alguma conexão entre as memórias de Wijeratne da vida empoleirada nos topos das árvores (assumindo agora que as memórias de meus colegas são melhores que as minhas) e a posterior ilusão que teve de ser um pássaro. O conteúdo da memória e a ilusão lembram um ao outro intimamente. Mas a memória em si poderia também ter sido uma ilusão baseada na expectativa de Ratran Hami que seu crime merecia punição no corpo de um animal subhumano. Wijeratne negou (durante minha entrevista com ele em 1968) que como Ratran Hami estivesse com medo antes da execução de se rebaixar a uma vida como um animal subhumano.É também verdadeiro que Ratran Hami disse a seu irmão, H. A. Tileratne Hami (o pai de Wijeratne), que "retornaria", presumivelmente querendo dizer dentro da família de seu irmão. Mas a crença que crimes graves resultam em um renascimento como um animal não humano é tão difundida entre os Budistas que acho difícil pensar que esta possibilidade não entre em conjecturas de uma vida futura considerada por Ratran Hami enquanto aguardava a execução. Tais fortes expectativas de uma experiência em um corpo animal podem ter se convertido posteriormente em pseudo-memórias de um tipo ilusório na mente de Wijeratne[17].

---

[16] Nem pôde qualquer registro escrito disso ser encontrado nas notas dos três observadores que disseram lembrar que Wijeratne tinha feito observações implicando que tinha tido uma vida como um pássaro. Pedi que uma busca em suas notas fossem feitas. Sr. Raddalgoda, que atuou como intérprete em 1961, tinha destruído suas notas. Uma fita registrando as declarações de Wijeratne feita pelo Sr. Guneratne não mostrou nenhuma referência a uma vida como um pássaro. E o Sr. Story disse que omitiu o detalhe de um relatório do caso que me enviou (no verão de 1961, antes de minha primeira visita ao Ceilão) porque ele pensou que eu acharia uma vida de pássaro por demais inacreditável! Assim não havia documento para apoiar as memórias de meus três colegas e sua concordância naturalmente fez-me pensar que talvez eu não tenha ouvido ou lembrado nada sobre a vida de pássaro, se Wijeratne tivesse mencionado isto em 1961, porque eu teria achado este um conceito por demais incrível.

Tenho geralmente adotado a política de não incluir referências a vidas como animais subhumanos que tem ocasionalmente aparecido em alguns dos casos do tipo reencarnação que tenho investigado. Pensei que fosse inapropriado aludir a estes sem se dedicar um espaço para uma completa discussão do conceito de renascimento nos corpos de animais subhumanos, frequentemente referido como metempsicose. Espero por uma oportunidade de discutir o assunto em extensão em algum trabalho futuro. Aqui devo apenas adicionar que apesar da crença de renascimentos em animais subhumanos ser uma parte integral tanto do Hinduísmo quanto do Budismo, ouvi muito pouco sobre isso durante todas as minhas investigações no sul da Ásia. Somente muito raramente algum informante se ofereceu a dizer-me sobre um caso real ilustrativo desta crença. Na natureza das coisas a evidência trazida sobre o renascimento de animais subhumanos seria muito difícil de adquirir, mas mesmo assim, eu não posso deixar de ficar surpreso pela penúria de material apresentado a mim sob este tópico, em comparação com a massa de evidência relacionada à alegação de reencarnação em corpos humanos. Leitores interessados no assunto de renascimento em corpos de animais subhumanos são referenciados aos artigos de W. Roos ("Is Rebirth in a Subhuman Kingdom Possible?" *The Maha Bodhi*, Vol. 75, 1967, 238-242) e F. Story ("The Buddhist Doctrine of Rebirth in Subhuman Realms". *The Maha Bodhi*, Vol. 76, 1968, 28-39, e Vol. 76, 1968, 58-70) onde o conceito (não a evidência) é discutido de forma muito completa com relação ao Budismo.

[17] Se estou correto nesta linha de pensamento, o caso então se assemelha neste particular ao de Gopal Gupta (I. Stevenson. *Cases of the Reincarnation Type*. Em preparação). Gopal disse que após a morte de

Como já mencionei, Wijeratne ainda estava na escola na época do início de sua doença mental em 1969. Tinha então aproximadamente vinte e três anos e os leitores podem se perguntar porque ele permanecia na escola quando a maioria dos jovens de sua idade a teria deixado alguns anos antes ou passado para a faculdade ou universidade. Naquela época ele já estava uns quatro ou cinco anos atrás de seus colegas. Isto deveu-se ao menos em parte porque ele se prepararia para o exame de admissão na faculdade e então não o fez. Escreveu-me uma ocasião em dezembro de 1969, quando uma doença física impediu-o de realizar o exame, mas ele também perdeu-o em pelo menos duas outras ocasiões quando, tanto quanto eu possa saber, nada interferiu com sua realização. Numa quarta ocasião (em 1970) sua doença mental impediu-o de permanecer no colégio. Seu pai era um comerciante pequeno e cultivador que, embora longe de ser bem sucedido, tinha meios suficientes para permitir que Wijeratne continuasse seus estudos. O próprio Wijeratne quis continuar sua educação e ao menos até 1973 expressou um desejo de estudar medicina. Na época de sua doença mental em 1969-70 deixou a escola e não a tinha voltado quando encontrei-o em Uggalkaltota no outono de 1970. Mas naquela época, como mencionei anteriormente, se sentia suficientemente recuperado para começar a estudar novamente e estava preparando-se em casa para o exame de admissão na faculdade. Mais tarde conseguiu o auxílio de um tutor particular. E em dezembro de 1970, e em maio de 1971, finalmente passou no exame de admissão e assim se qualificou para entrar numa universidade no Ceilão.

Em meu encontro seguinte com Wijeratne, em abril de 1973, ele estava estudando na Universidade do Ceilão, Peradeniya (perto de Kandy), e morando com Sr. Godwin Samararatne (um de meus intérpretes) em Kandy. Nessa época Wijeratne havia aprendido a falar inglês bastante bem e nos comunicamos sem um intérprete. Estava estudando assuntos científicos na Universidade com a esperança de se qualificar a entrar numa escola médica. Estava em boas mãos e seus sentimentos pareciam bastante apropriados. Pareceu-me que havia se recuperado totalmente de sua doença mental de 1969-70 e esta também era a opinião do Dr. N. B. Hettiaratchy, que acompanhou-o como um doente externo por um tempo e então liberou-o como recuperado.

Em que pese a mão direita de Wijeratne ser tanto pequena quanto mal formada ao ponto em que ele tinha os dedos muito encurtados, vários dos quais estavam colados juntos, a deformidade não pareceu ter sido uma incapacidade severa a ele tanto fisicamente quanto psicologicamente. Tinha sem dúvida sido uma constante lembrança da vida prévia, mas sua família e amigos aparentemente tinham feito pouco caso da deformidade e Wijeratne disse que outras pessoas não tinham chamado a atenção para isto. Em dezembro de 1971, deu entrada em um hospital e se submeteu a uma cirurgia com sucesso para separar os dedos da mão direita que estavam colados juntos. Sua mão se recuperou bem e foi capaz de fazer uso melhor dela após a operação.

Shaktipal Sharma (a personalidade prévia deste caso) ele teve uma "vida intermediária" como um garoto em Londres. Apesar de Gopal ter dado alguns detalhes sobre sua alegada vida em Londres, estes não incluíam quase anda que fosse verificável, em contraste com a abundância de afirmações que fez de detalhes verificados concernentes à vida de Shaktipal Sharma. Estou fortemente inclinado em pensar a "vida intermediária" de Gopal como uma fantasia, mas poderia ser uma vida que surgiu primeiro na mente de Shaktipal Sharma. Apenas para registrar, Shaktipal Sharma teve um desejo intenso de ir a Londres e estudar aí para advocacia, um desejo que a oposição do seu pai tinha frustrado. Para uma exposição mais completa da idéia que nossos pensamentos pre-mortem influenciam nossas experiências post-mortem, veja *The Tibetan Book of Dead* (Ed. W. Y. Evans-Wentz). 3ª ed. Londres: Oxford University Press.

Em abril de 1973, mostrou-me com prazer os resultados da operação em sua mão direita. O seu dedo indicador e o mindinho foram separados pela operação e era fácil de observar que teve muito mais uso da sua mão que anteriormente. Uma operação adicional para separar os dois dedos do meio foi planejada para uma ocasião posterior.

No final do verão de 1973 Wijeratne recaiu em outra psicose. Em outubro de 1973, voltei ao Ceilão fui ao hospital psiquiátrico em Angoda para vê-lo. (Após uma curta estadia no hospital em Patnapura, ele foi transferido a Angoda, então o Dr. N. B. Hettiaratchy pôde novamente supervisionar seu tratamento). Na época de minha visita Wijeratne tinha melhorado muito, apesar de ainda não recuperado. Subsequentemente soube que após eu deixar o Ceilão tinha ficado bem o suficiente para retornar para casa.

O fator desencadeante neste episódio psicótico, como no anterior, foi uma rejeição de Wijeratne por uma garota a qual ele se sentiu atraído. Espero obter mais informação sobre o que deu errado. Isto poderia levar não só ao relacionamento entre doença de Wijeratne e suas memórias da vida prévia, mas à gestão adequada da sua susceptibilidade a recorrências da doença.

Teria interessado-me grandemente localizar a garota no Ceilão que tivesse as memórias de Podi Menike assassinada em 1927 por Ratran Hami. Iniciei inquéritos que espero levem à descoberta de tal garota e Sr. Godwin Samararatne conduziu esta procura diligentemente. Revelou-se que uma garota nasceu na família de Podi Menike em 25 de dezembro de 1928, isto é, catorze meses após a morte de Podi Menike. Não tinha marcas de nascença, mas alguma real ou imaginada semelhança com a primeira Podi Menike impeliu sua família a dar-lhe o mesmo nome. Posteriormente ela não tinha quaisquer memórias da vida da Podi Menike assassinada, ou de qualquer outra vida prévia. Nem pudemos localizar na localidade quaisquer outras sugestões, ou evidência mais forte, de uma menina que tivesse alegado ter sido a primeira Podi Menike[18].

[18] Como vejo agora os casos cingaleses, depois de analisar as características de mais de quarenta deles, uma busca por uma criança alegando ter sido a Podi Menike renascida nesta área onde viveu foi uma grande perda de tempo e esforço. As duas personalidades nos casos Tlingit quase sempre pertencem à mesma família (I. Stevenson. "Cultural Patterns in Cases Suggestive of Reincarnation Among The Tlingit Indians of Southeastern Alaska." *Journal A. S. P. R.*, Vol. 60, julho de 1966, 229-243). As duas personalidades nos casos turcos quase sempre vêm de vilas vizinhas (I. Stevenson. "Characteristics of Cases of the Reincarnation Type in Turkey and their Comparasion with Cases in Two other Cultures". *International Journal of Comparative Sociologu*, Vol. 11, março d e1970, 1-17). Mas nos casos cingaleses as duas personalidades raramente pertencem à mesma família ou à mesma vila ou vizinhanças. (I. Stevenson. "Characteristics of Cases of the reincarnation Type in Ceylon". *Contribuitions to Asian Studies*, Vol. 3, 1973, 26-39). Na maioria dos casos cingaleses o indivíduo lembra uma vida em outra parte da ilha a uma considerável distância, freqüentemente maior que 50 ou 100 milhas, distante daonde nasceu. Então embora não tivéssemos nenhuma boa direção sobre onde procurar uma criança alegando ter sido Podi Menike, agora saberíamos, penso, em *não* nos preocupar em olhar na própria vizinhança.

O Caso de Ranjith Makalanda

Observações Introdutórias

No caso que se segue, os escassos detalhes de informação e do comportamento demonstrado pela criança, não permitiram nem mesmo uma tentativa de verificação dos fatos de que alegou lembrar-se. Deste modo, ao contrário de muitos dos outros neste grupo de vinte casos, este não fornece nenhuma evidência direta de reencarnação, embora realmente a *sugira*. Mas parece-me que merece ser apresentado nesta oportunidade porque proporciona excelente exemplo de um tipo de caso que ocorre ainda mais comumente do que outros, com abundância de detalhes suscetíveis de verificação. Casos com insuficiência de detalhes verificáveis, mas com aspectos proeminentes de comportamento da criança e das suas alegações de lembrar-se de uma vida anterior, ocorrem não raro na Europa e mesmo nos Estados Unidos, que, comparado com outros países em que investiguei, ofereceu menor número de casos mais detalhados, do que quase todos os outros países, e menos ainda quando as respectivas grandezas das populações são levadas em conta. Estes casos menores, embora nada acrescentem à evidência da reencarnação, são, não obstante, compatíveis com ela. Eles exigem alguma explicação, e parece-me que há somente duas hipóteses — a hipótese de reencarnação e o que eu chamo de hipótese de "identificação imposta" — que podem justificar os fatos, se acharmos que eles foram relatados com exatidão.

O caso chamou minha atenção em 1961, ocasião em que o Sr. Francis Story entrevistou o pai do jovem Ranjith, que tinha então dezenove anos de idade. Mais tarde, neste mesmo ano, entrevistei o pai de Ranjith e tomei notas minuciosas de suas declarações sabre o rapaz e das respostas às minhas perguntas. Nesta ocasião, Ranjith estava na Inglaterra. Voltou, depois, para o Ceilão, onde o Sr. Story o entrevistou longe de seus pais, em três diferentes ocasiões. Aproveitei as notas do Sr. Story para o meu relatório.

As Declarações e Comportamento de Ranjith Makalanda Sugestivos de Reencarnação.

Ranjith Makalanda, sétimo filho de uma família cingalesa pura, nasceu em Kotte, Ceilão, em 1942[19]. Seu pai é o Sr. Makalamadage Sam de Silva. O sexto filho da família é três anos mais velho que Ranjith. O oitavo filho da família, uma menina, nasceu cinco anos depois de Ranjith. Quando Ranjith tinha menos de dois anos de idade, seu pai começou a notar nele sinais de uma memória excepcionalmente viva, mas não forneceu detalhes dessa evidência. Mais ou menos na mesma ocasião, o pai de Ranjith também começou a notar certos traços no comportamento do menino, que lhe pareceram muito mais característicos de um inglês do que de crianças cingalesas. Estes traços, ou certa atitude que os subentendia, tornavam o menino um estranho na família. Ele os olhava com frieza e mostrava menos afeição pelos pais do que os outros filhos. Os pais, por seu lado, o encaravam como uma "aberração" que de algum modo se extraviara para dentro de seu meio. Isto, todavia, não impedia uma efusão de afeto de sua parte para com o menino, embora a acentuada independência e insubmissão, que Ranjith demonstrava à orientação dos pais, os deixasse perplexos e, muitas vezes, profundamente magoados.

[19] Tem havido discrepâncias nas datas fornecidas a mim em diferentes vezes para o nascimento de Ranjith.

Em casa, a família falava tanto o cingalês como o inglês, e os filhos tiveram oportunidade de aprender ambos. Mas Ranjith aprendeu o inglês antes e melhor do que qualquer um dos outros filhos. Pode-se achar que ele teve a vantagem de ouvir o inglês falado pelos irmãos mais velhos, como de fato sucedeu. Entretanto, sua irmã mais moça teve essa mesma oportunidade tanto quanto, ou mais do que ele e, no entanto, aprendeu o inglês vagarosamente e não tão bem quanto Ranjith.

Quando Ranjith tinha cerca de dois anos, seu pai notou que, se ficava enjoado e desejava ele próprio provocar vômito, metia os dedos na garganta para induzir a vomição. Seu pai observou que este era o método inglês de provocar o vômito, e o hábito é estranho entre os cingaleses. Ranjith não gostava muito de arroz e não o comia à moda cingalesa, mas jogava os grãos dentro da boca. Por outro lado, gostava do pão com a manteiga passada mais liberalmente do que é costumeiro no Ceilão, e segurava-o com os dedos à moda inglesa. Quando come em hotel, usa faca e garfo com desembaraço, ainda em contraste com a inaptidão, por falta de experiência, das outras crianças da família. Ele insiste em chamar a mãe e o pai de "Thatha" e "Amma" e não "Mummy" e "Daddy", como fazem todas as outras crianças. "Thatha" e "Amma", em cingalês, referem-se aos genitores, mas são substituídos em muitos lares (inclusive o dos de Silva) pelos termos "Mummy" e "Daddy", que denotam relações afetivas. Esta forma de tratamento era, assim, o modo de o menino sustentar sua convicção de que, embora vivendo com seus pais biológicos, ele tinha em outro lugar outros pais para quem reservava tôda a sua afeição. A irmã mais moça de Ranjith também chamava os pais de "Thatha" e "Arama", hábito este que o Sr. de Silva acha que copiou de Ranjith. Quando era pequenino, Ranjith dirigia-se às pessoas mais velhas com familiaridade e, muitas vezes, por seu primeiro nome, sem acrescentar "Sr." ou "Sra." que a maior parte das crianças cingalesas empregavam ao falar com pessoas mais velhas.

Ranjith tinha uma pronunciada aversão em ser fotografado e esquivava-se das câmeras, mas esta fobia nunca teve relação com os fatos da vida pregressa — ou, pelo menos, ele nunca mencionou nada a respeito.

Quando Ranjith tinha de três anos e meio a quatro anos, seu pai ouviu-o dizer à mãe, irmãos e irmãs: "Vocês não são minha mãe, meus irmãos e minhas irmãs. Minha mãe, meu pai e os outros estão na Inglaterra". Como Ranjith continuasse a proceder como se isso fosse um fato, deixando de demonstrar qualquer apego filial a ele e sua mulher, o Sr. de Silva, algum tempo depois, decidiu interrogar Ranjith diretamente acerca da sua "outra família".

Chamou Ranjith à parte e, primeiro, perguntou-lhe de onde ele era. Ranjith disse que era da Inglaterra. Quando perguntou os nomes dos pais, ele não se lembrava, mas disse os nomes de dois irmãos, Tom e Jim, e de uma irmã, Margaret. Não se lembrava de seu próprio nome. Mas, quando o Sr. de Silva perguntou sobre a ocupação de seu pai, Ranjith pareceu ter outras lembranças. Disse que o pai trabalhava em grandes navios. Ele trazia abacaxis para casa. (Não ficou claro se Ranjith queria dizer que o outro pai trazia os abacaxis dos navios, ou de alguma viagem que ele — o outro pai — fizera a portos estrangeiros). Ele trabalhava no navio e Ranjith levava-lhe o almoço no serviço, onde havia um lugar para guardar a refeição. Sua casa era no alto de um morro, sem outras casas por perto, mas com uma outra no sopé do morro. Ranjith então acrescentou espontaneamente que, às vezes, ele vestia um "pullover" e um sobretudo e ia para perto do fogo, de manhã, porque havia geada no jardim e nas entradas. Vinham carros

remover o gelo das estradas. Quando o Sr. de Silva perguntou a Ranjith se os carros eram a motor, ele disse que eram carros puxados a cavalos. Ranjith além disso declarou, espontaneamente ainda, que não era budista, mas cristão. Disse que levava seus irmãos e sua irmã à Igreja todos os domingos, no assento traseiro de sua motocicleta. Acrescentou então, ainda espontaneamente, que ele e sua mãe eram muito claros, e, quando perguntaram claro como quem, ele disse que muito mais claro do que uma senhora "burgher"[20] vizinha dos de Silva. Quando seu pai lhe perguntou como se trajava sua outra mãe, Ranjith disse que ela usava saia e jaleco. Isto contrastava com os saris usados pelas mulheres cingalesas. Quando lhe perguntaram sobre as frutas que comia na Inglaterra, Ranjith disse "uvas e maçãs".

Com respeito às declarações de Ranjith, citadas no parágrafo precedente, o Sr. de Silva manifestou acreditar que os assuntos, acerca dos quais Ranjith falara, não tinham sido discutidos em família. Nem é provável que jamais o tivessem sido. O gelo natural é completamente desconhecido nas terras baixas tropicais do Ceilão. Há muito poucos veículos puxados a cavalo no Ceilão, e o Sr. de Silva tinha certeza de que Ranjith jamais vira uma carruagem ou carro puxado a cavalos. Nem poderia Ranjith ter ouvido tais coisas na escola, visto que esta conversa teve lugar quando ele tinha menos de quatro anos de idade e ainda não estava na escola. É possível que ele tivesse ouvido alguma coisa sobre este assunto, de seus irmãos e irmãs mais velhos, mas isto não é provável, visto que não são temas normais de conversa entre crianças, na Ásia.

Por ocasião do quarto aniversário de Ranjith, seu pai fez com que o acontecimento fosse anunciado no rádio, o que uma estação local fazia mediante o pagamento de uma taxa. As irmãs mais velhas de Ranjith disseram-lhe, então, que às 5 horas da tarde, no dia de seus anos, sua "mãe" falaria com ele da Inglaterra. Quando se aproximava a hora, a família reuniu-se à volta do rádio, sendo Ranjith o que ficou mais próximo do aparelho. Quando uma voz feminina, com um inconfundível sotaque inglês, anunciou o aniversário de Ranjith, este, com as mãos em concha ao redor da boca, disse para o rádio: "Mamãe, estou na casa de uma família cingalesa. Leve-me para aí" (querendo dizer, levar de volta para sua antiga casa). O rádio então tocou uma versão da canção "Feliz Aniversário" em cuja letra aparece a palavra "darling" (querido). Depois da canção, Ranjith disse: "É mamãe. Mamãe me chama de "darling" e, às vezes, de "sweetheart" (amor). O tio de Ranjith, que estava presente, perguntou-lhe então como é que ele reconhecera a voz de sua mãe. A isto ele replicou que a mãe "fala docemente como aquela". Este emprego da palavra "softly" (docemente) era novidade para o pai de Ranjith, porque, ainda que corretamente usada por Ranjith, acontece que no inglês-cingalês é empregada a palavra "slowly" (mansamente), para referir-se à qualidade expressa pela palavra "softly", no inglês da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos. O Sr. de Silva disse que a primeira vez em que ouvira este outro sentido da palavra "softly" foi de seu filho.

Imediatamente após o episódio acima, o Sr. de Silva reparou que seu filhinho se isolou no quintal da casa e parecia triste. Ele aconselhou aos outros filhos que não falassem no episódio e procurassem fazer Ranjith esquecer suas recordações.

---

[20] A Holanda dominou o Ceilão de 1640 a 1796. Muitos descendentes de soldados e colonos holandeses vivem hoje no Ceilão, principalmente em Colombo e redondezas. São conhecidos como "burghers". Apesar de muitos deles, talvez a maioria, terem casado com cingalesas, são notoriamente mais claros de cabelo e de pele do que os cingaleses, e muitas vezes são tão loiros como outros europeus que vivem em países tropicais.

Nos anos seguintes, o Sr. de Silva pensou que Ranjith houvesse esquecido sua vida anterior. Entretanto, quando Ranjith tinha pouco mais de dez anos, dirigiu-se ao pai e expressou o desejo de sair da escola e ir trabalhar para ganhar a vida. Disse que queria trabalhar em uma garagem e que estava disposto a lavar carros, se fosse necessário. Este pedido espantou e magoou seu pai, pois, embora os rapazes na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos costumem trabalhar quando jovens, um estudante sensato, no Ceilão, esforça-se por completar seus estudos e certamente não iria se empregar lavando carros, se lhe fosse possível fazer qualquer outra coisa, como era o caso de Ranjith, visto seu pai desejar que ele permanecesse na escola. Além disso, a maioria dos rapazes cingaleses acharia o emprego de lavar carros muito desonroso. Apesar disso o Sr. de Silva concordou, a contragosto, e Ranjith foi trabalhar em garagens. Aí, e talvez antes, na escola, Ranjith aprendeu com espantosa rapidez mecânica de automóveis, e a guiar carros e motocicletas. Quando Ranjith tinha dezoito anos, o pai resolveu aperfeiçoar suas aptidões mandando-o para a Inglaterra, para um curso de treinamento em engenharia de automotores. Falou nesta intenção a Ranjith, sem nenhuma idéia definida quanto à data em que ele deveria partir para a Inglaterra. Mas Ranjith, cujo desejo de ir para esse país não tinha diminuído com o correr dos anos, desde a primeira vez em que o manifestara, prontamente reservou sua passagem em um navio que ia para a Inglaterra, sem consultar mais seu pai. O pai, então, relutantemente concordou com sua partida quase que imediata. Em uma festa de despedida dada pelo pai, Ranjith disse a seus amigos presentes que ele ainda acreditava ter vivido antes na Inglaterra.

No navio e na Inglaterra Ranjith dizia sentir-se completamente à vontade com o povo inglês. Locomovia-se em Londres com facilidade e prazer. Não tenho nenhum indício de que Ranjith tivesse qualquer conhecimento paranormal de Londres e da Inglaterra, e saliento, como digno de nota, ele não ter dito que conhecia Londres, mas que ela lhe era familiar e que ele se dava muito bem lá e com o povo inglês, em toda parte. Nem todos os jovens cingaleses poderiam escrever a seus pais quanto a uma tal aceitação mútua junto aos ingleses[21]. O relato sobre o desembaraço de Ranjith em Londres não se baseia apenas na afirmação de seu pai, pois a filha do Sr. de Silva (irmã de Ranjith), que estava morando em Londres quando Ranjith lá chegou, também comunicou a seu pai a facilidade com que Ranjith se movimentava naquela cidade.

Ranjith tinha uma certa esperança de que na Inglaterra se despertassem outras lembranças de seu lar anterior, as quais pudessem fazê-lo identificar alguma cidade ou alguma casa, que tivessem sido suas outrora. Mas isto não aconteceu. Todavia Ranjith continuou a dar maiores provas de um domínio precoce sobre automóveis. Desprezando conselhos, entrou em uma corrida automobilística na Escócia, e chegou em primeiro lugar entre vinte e dois competidores. Era o único concorrente da Ásia, na prova.

A Atitude do Pai de Ranjith para com os Ingleses.

[21] O Sr. de Silva pode ter exagerado a ambientação de seu filho em Londres comparada com a de outros rapazes cingaleses, que tiveram oportunidades de viajar para a Inglaterra. Mas não há dúvida de que Ranjith, em sua entrevista posterior com o Sr. Story, mostrou muito prazer ao contar como os ingleses o tinham estimado! E certamente ele parece ter se sentido muito à vontade em Londres. Quando sofreu uma dor de dente, simplesmente entrou em um hospital que viu (logo ao chegar a Londres) e mandou extrair o dente.

O Sr. de Silva referiu-me sua acentuada aversão pelos ingleses. Partilhava essa aversão com a maioria dos cingaleses durante a ocupação do país pelos ingleses, de 1796 a 1948. No seu caso, porém, a ojeriza pelos ingleses parece ter sido maior do que da parte de muitos outros cingaleses. Quando membros da família real britânica visitaram o Ceilão, o Sr. de Silva não tomou parte nas manifestações de boas-vindas. Ele parece ter ficado horrorizado com a presença, em sua família de um intruso inglês na pessoa de seu filho Ranjith, que demonstrava muitas das características de comportamento dos detestados ingleses. O Sr. de Silva referiu-se à sua atitude para com os ingleses como uma prova subsidiária de que ele de nenhum modo fizera conscientemente qualquer coisa que desse causa ao aparecimento dentro de sua família, do esquisito "menino inglês".

Contudo, a atitude do Sr. de Silva para com a Inglaterra era de fato muito mais complexa do que sugere a confissão dos seus pensamentos conscientes. Ele me falou de uma série notável de sonhos que tivera entre cerca de 1932 e 1950. Narrou cinco desses sonhos com bastantes detalhes. Em todos eles via-se conversando amistosamente com o monarca inglês reinante, George V, com Eduardo VIII ou com George VI. Na realidade, "amizade" é termo muito fraco, porquanto nesses sonhos ele desfrutava intimidade com os reis, apresentando um numa reunião, estando de mãos dadas com outro, cozinhando para um terceiro, etc. Os sonhos do Sr. de Silva deixaram-no intrigado, pois não estavam de acordo com suas idéias conscientes de antagonismo para com tudo o que fosse inglês. Mas demonstra uma outra face de seu caráter e de sua atitude para com os ingleses; a saber, identificação com a riqueza deles, com as cerimônias, com o poder e a dignidade que os monarcas ingleses simbolizam.

Comentários.

Não tenho razão alguma para acreditar que o Sr. de Silva saísse fora de seus hábitos para narrar uma história desta espécie, inventada por algum motivo pessoal. Além disso, a história de um "estranho" em sua própria família, que flagrantemente violava os hábitos de comportamento das crianças cingalesas e afirmava ser de outro lugar, dificilmente poderia ser considerada algo que recomendasse o Sr. de Silva como pai. Acredito, portanto, que ele relatou o que observara, e não o que inventou.

Em vista da atitude acentuadamente ambivalente do Sr. de Silva com respeito aos ingleses, é possível que suas observações fossem destorcidas por suas atitudes. Poderia, por exemplo, achar seu filho mais britânico em suas maneiras do que o achavam outras pessoas que nada notaram fora do comum no comportamento de Ranjith. Podemos supor que o Sr. de Silva fosse demasiadamente atento, excessivamente desconfiado, podemos quase dizer, com relação às características dos ingleses. Se o menino pareceu aprender o inglês rapidamente, o Sr. de Silva poderia ter exagerado o fato mais do que um observador mais objetivo. Poderíamos imaginar, talvez, que o Sr. de Silva sentisse uma satisfação inconsciente com a idéia de ter um "inglês" na família. Seus sonhos sugerem isso. Mas não é provável que toda a família (a qual, conforme declarou, compartilhava algumas de suas observações quanto a Ranjith) participasse de sua ambivalência em relação aos ingleses. E parece improvável que um preconceito da parte do Sr. de Silva pudesse explicar inteiramente todo o caso e principalmente minuciosas declarações que o Sr. de Silva atribuiu a Ranjith, quanto a uma vida anterior na Inglaterra. Ou o menino fez essas declarações ou não as fez, e não tenho motivos para pensar que o Sr. de Silva não ouviu o menino dizer o que relatou ter dito.

Como já mencionei, o caso pode ser explicado pela hipótese de "identificação imposta". De acordo com esta hipótese, uma pessoa mais velha, geralmente pai ou mãe (neste caso o Sr. de Silva) impõe inconscientemente uma certa personalidade a uma criança, que vai gradualmente assumindo as características desejadas pelo pai ou mãe. O processo é sutil e consiste em pequenas compensações para ajustá-la ao tipo desejado, ou pequenas recusas ou castigos quando um outro comportamento se apresenta. Sabe-se bem que pais que desejam ardentemente um filho de um certo sexo, digamos uma menina, podem conduzir um menino indesejado a um desenvolvimento feminino, até que ele enverede quase que irresistivelmente para a homossexualidade. Por vezes este comportamento forçado, imposto pelo pai ou mãe, ocorre aberta e cruamente, mas também pode ocorrer furtivamente, por assim dizer, permanecendo o pai ou mãe alheios ao fato de estarem determinando o comportamento que (inconscientemente) desejam para o filho. No que diz respeito ao presente caso e a outros semelhantes, a questão não é se os pais influenciam a personalidade dos filhos (o que sabemos que sim), mas se esta influência tem limites. Poderá só ela ser responsável por uma tal alteração da personalidade, que faça com que a criança se imponha à consciência de uma identidade completamente diversa? Porque nada menos do que isto é o que ocorre em muitos casos sugestivos de reencarnação, inclusive o presente. No intuito de poder englobar subsídios de dados de outros casos da presente série, deixarei o exame mais completo desta hipótese para a Discussão Geral, no final desta monografia.

O Desenvolvimento Posterior de Ranjith Makalanda

Em julho de 1966, tive outra entrevista com o pai de Ranjith, Sr. de Silva. (Na época Ranjith estava em outra cidade, Polonnaruwa (no Ceilão central), e não o encontrei). Ranjith estava com cerca de vinte e três anos por então. Estava trabalhando para uma companhia de tratores. Estava casado, mas infeliz, e se divorciando de sua esposa.

Sr. de Silva descreveu Ranjith como um tanto alienado do resto da família. Ainda não era "um típico garoto cingalês". Gostava da companhia de ingleses e quando podia, guiava turistas ingleses pelo Ceilão sem cobrar nada deles simplesmente porque gostava de sua companhia. Por outro lado, de acordo com o Sr. de Silva, Ranjith não havia ficado completamente satisfeito com a vida na Inglaterra durante seus dois anos lá.

Em março de 1968 finalmente encontrei o próprio Ranjith Makalanda e tive uma longa conversa com ele bem como outra entrevista com seu pai. Naquela época Ranjith tinha cerca de vinte e seis anos. Estava trabalhando em Colombo para uma companhia de aluguel de carros e táxi. Tinha mantido seu interesse em veículos motores. Disse também que havia preservado seu amor pela Inglaterra e iria lá imediatamente mas tinha a convicção que não deveria deixar seus pais que estavam, por então, ficando um tanto idosos. Disse que os dois anos que passou na Inglaterra foram "os mais felizes de sua vida". (Esta observação obviamente não bate com a afirmação de seu pai mencionada acima). Continuou a gostar de comida ocidental e, por exemplo, preferia pão e manteiga a arroz. Sempre que tinha recursos para fazê-lo, ia a um dos grandes hotéis em Colombo usados por visitantes ocidentais e gozava de uma refeição ocidental. Se não podia comer nestes hotéis preferia comer talharim num restaurante chinês a comida cingalesa, a qual é comumente extremamente quente com chilis e temperos. Sr. de Silva confirmou a persistência das preferências de Ranjith.

Ranjith disse que tinha se expressado mais confortavelmente em inglês do que em cingalês e que sua gramática inglesa era melhor do que sua gramática cingalesa. Lembrou que havia aprendido inglês muito rapidamente quando criança. Eu mesmo notei que seu sotaque inglês tinha muito menos dos sotaques e ritmos característicos usados pela maioria dos cingaleses quando falam inglês. Deve ser lembrado que seus pais falavam inglês um com o outro quando ele era uma criança, que inglês era falado bem difundidamente em Colombo (do qual Kotte é um subúrbio), e que (antes de conhecê-lo) Ranjith tinha passado dois anos na Inglaterra. Portanto, não desejo enfatizar qualquer aspecto do inglês de Ranjith exceto por sua preferência por ele; e mesmo isto pode derivar de sua família.

Ranjith disse que por toda a sua vida tinha tido um forte desejo de matar animais. Lembrou de ter tais desejos quando era uma pequena criança, e ainda gostava de caçar e matar animais nas florestas do Ceilão. Estava consciente de que esta tendência violava os preceitos do Budismo e lutava contra isto, mas algumas vezes não podia se controlar. Uma interpretação deste traço é que pode ter sido um resíduo de uma vida prévia quando um cristão (cuja religião não condenava a matança de animais) e como um inglês, já que muitos ingleses são bem conhecidos por caçar e matar animais com entusiasmo.

Ranjith disse que ainda se lembrava das coisas que havia dito e feito (relacionadas à vida prévia) quando era uma criança pequena. Em particular, pensava que o episódio de seu quarto aniversário (quando falou para a voz inglesa anunciando seu aniversário no rádio) permanecia bastante claro em sua memória.

Em novembro de 1970, encontrei Sr. de Silva novamente (em Kotte) e também tive outra entrevista separadamente com Ranjith em Kandy onde ele esteve trabalhando.

Sr. de Silva disse que Ranjith ainda não tinha se encaixado realmente na sociedade cingalesa, mas persistia nas “maneiras inglesas”. Tinha recebido uma carta de Ranjith expressando contentamento sobre a disponibilidade no lugar onde ele trabalhou de comida ocidental. Tinha recebido uma carta de Ranjith expressando contentamento sobre a disponibilidade no lugar onde ele trabalhava de comida ocidental. Como outro exemplo das “maneiras inglesas” de Ranjith, Sr. de Silva mencionou que ele nunca saía de casa usando um sarongue, uma vestimenta popular no Ceilão. Para avaliar este comentário devemos enfatizar o “nunca” já que muitos cingaleses educados usavam calças a maior parte do tempo; mas a maior parte deles também usava algumas vezes, mesmo se somente raramente, sarongues quando saíam de suas casas.

Em 1970 Ranjith estava empregado em Kandy como um instrutor em mecânica de carros em um instituto de treinamento apoiado por uma igreja cristã. Ele estava assim ainda engajado em um trabalho que tinha a ver com veículos motores.

Ranjith disse que ainda preferia comida ocidental a comida cingalesa, mas que podia servir-se de comida cingalesa quando não podia obter nada mais. (Comia então com um dos membros europeus da missão apoiando o instituto de treinamento e era assim capaz de gozar de sua culinária inglesa).

Ranjith lembrou de um período na idade de cerca de nove anos quando teve um desejo de deixar de ser budista e tornar-se um cristão. Pensou que podia comer mais livremente

se fosse um cristão e que a adoração cristã (que, por exemplo, não requer retirar os sapatos antes de entrar na igreja) era mais simples que a budista. Mas não podemos atribuir estas idéias exclusivamente a resíduos de uma vida prévia como um inglês cristão, já que elas se tornaram proeminentes quando Ranjith estava assistindo a uma escola cristã em Nugegoda onde a maioria dos estudantes eram cristãos. O próprio Ranjith pensava que sua atração pela religião cristã neste período derivava da influência de seus amigos na escola.

Porque um número de indivíduos asiáticos destes casos que lembraram vidas prévias como europeus ou americanos tem reclamado do calor nos países tropicais em que viveram, perguntei a Ranjith sobre sua preferência por climas. (Seu pai tinha anteriormente afirmado que Ranjith nunca tinha reclamado do clima no Ceilão). Em resposta Ranjith disse que o clima de Kandy o agradava. (Kandy, nas montanhas do Ceilão central, tem geralmente um clima agradável). Ele considerou o clima de Kotte (sobre as planícies perto da costa) muito quente. Por outro lado, pensava que o clima de lugares tais como Nuruwa Eliya muito frio. (Apesar de Nuruwa Eliya não ser longe do equador, está a seis mil pés acima do nível do mar e eu mesmo passei lá uma das noites mais frias que já experimentei em qualquer lugar!).

Desde que Ranjith lembrou uma vida prévia como um cristão, perguntei porque achava que tinha renascido numa família budista. Ele então ofereceu a especulação que tinha sido um piloto de avião britânico que tinha sido morto numa queda de avião perto de Kotte. A Real Força Aérea (Britânica) tinha tido uma base a cerca de uma milha e meia de Kotte e alguns pilotos foram mortos em quedas e próximas de suas bases durante a Segunda Guerra Mundial. A conjectura de Ranjith se harmonizava com seu gosto por veículos e seu intenso amor por voar. Disse que sempre quis ser um piloto, mas não foi capaz de arcar com os custos do programa de treinamento. Disse que seu interesse em aviões vinha desde que se entendia por gente. Tinha conseguido voar em aviões muitas vezes e não tinham experimentado qualquer temor ao fazer isso[22].

[22] A conjectura de Ranjith sobre ser um piloto britânico na vida prévia, o qual foi bem espontâneo para mim (quanto a seus detalhes) e de fato surpreendeu-me, lembra as afirmações feitas por um número de indivíduos cujos casos estudei em Burma. Estes são crianças que lembravam vidas prévias como britânicos ou pilotos americanos (ou outros aviadores) abatidos sobre Burma durante a Segunda Guerra Mundial. (Relatórios detalhados destes casos serão publicados posteriormente). Os indivíduos burmeses relatando tais memórias. São todos claros em tez e cabelos. Ranjith, por outro lado, apesar de lembrar uma vida prévia como uma pessoa clara, tinha o cabelo preto e uma pele bastante pigmentada usuais do povo cingalês. Deve ser lembrado que ao passo que os indivíduos burmeses tiveram memórias mentais (embora freqüentemente somente escassas e fragmentadas) de serem aviadores britânicos ou americanos, Ranjith não alegou *lembrar-se* de que tinha sido um piloto britânico que tinha batido próximo de Kotte na vida prévia. Apresentou esta idéia simplesmente como uma explicação possível de porque, se tinha sido um inglês cristão na vida prévia, tinha vindo a renascer em Kotte numa família Budista se o renascimento é a melhor interpretação de seu caso. A conjectura de Ranjith ofereceu uma resposta à questão de porque, se tinha sido um inglês numa vida prévia, tinha renascido no Ceilão, mas não explica, estritamente falando, porque renasceu numa família budista. Existem muitas famílias cristãs no Ceilão, especialmente dentro e por volta de Colombo onde Kotte fica.

IV
DOIS CASOS SUGESTIVOS DE REENCARNAÇÃO NO BRASIL

INTRODUÇÃO

A idéia de que uma certa porção da personalidade humana sobrevive à morte física tem persistido mais intensamente no Brasil do que talvez em qualquer outro país do Ocidente. Nada menos de cinco por cento da população do Brasil arrolam-se oficialmente como espíritas, mas há uma acentuada evidência de que outros vinte e cinco por cento da população são espíritas, embora os recenseadores os tenham registrado como católicos romanos. Duas correntes culturais da África e da França uniram-se para difundir, em todas as classes do povo brasileiro, a crença na sobrevivência. Os brasileiros integraram e assimilaram os africanos em muito maior escala do que em outro qualquer país da América do Norte ou do Sul. E foi do elemento africano dessa cultura que se originou uma vigorosa crença no mundo dos espíritos e em práticas a ele relacionadas, destinadas a demonstrar sua participação em nossos atos. A herança africana de uma crença no mundo dos espíritos influencia mais particularmente as classes mais pobres e menos instruídas do povo brasileiro. As pessoas mais cultas tendem mais a derivar seu interesse pela sobrevivência, do ramo francês do Espiritismo, fundado por Kardec[1], que se espalhou no Brasil no século dezenove, quando os brasileiros se voltavam para a Europa em busca do aprimoramento da cultura, mais do que o fazem hoje[2]. O Espiritismo kardecista (seus adeptos preferem este termo a "espiritualismo") inclui a reencarnação como um dos seus princípios fundamentais, diferindo assim de muitas outras formas do espiritualismo do Ocidente.

A crença na sobrevivência (com reencarnação), largamente difundida no Brasil criou um clima cultural favorável à narração de pretensas recordações de uma vida anterior. As crianças que fazem tais afirmações gozam de acatamento dos pais ao relatarem suas histórias[3]. Além disso pode acontecer as crianças contarem suas histórias a pessoas instruídas capazes de valorizar o que a criança diz. Uma dessas pessoas foi o Sr. Francisco V. Lorenz, professor no Rio Grande do Sul, em cuja família ocorreram os dois casos aqui relatados. O Sr. Lorenz tomou extensas notas do primeiro desses casos e, ao que parece, observou-os desde o seu início, com interesse não desprovido de

---

[1] A. Kardec. *O Livro dos Médiuns*. Paris: Livraria das Ciências Psíquicas, 1922. Para uma exposição das idéias de Kardec sobre a reencarnação, vide sua obra *O Céu e o Inferno* (trad. de Anna Blackwell) Londres: Trubner & Co., 1878.

[2] Os leitores interessados na história da fusão do Espiritismo africano e europeu no Brasil poderão encontrar este assunto tratado por L. J. Rodrigues, em *God Bless the Devil*, New York: Bookman Associates, Inc., 1961.

[3] Mas a mãe de uma criança que falava em uma vida anterior, não deu atenção aos detalhes das declarações do filho. Firmemente convicta da reencarnação, não achava importante para o filho, ou outra qualquer pessoa, que ele se lembrasse de passagens de uma vida anterior, Esta atitude contrasta com a que se vê na Índia e em Burma, onde também muita gente aceita a reencarnação, mas acredita que a criança que se lembra de uma existência passada morre cedo. Freqüentemente tentam impedi-la de falar nisso, não por indiferença, mas por preocupação pelo seu próprio bem-estar.

espírito crítico. O Sr. Lorenz faleceu em 1957 e sua esposa em 1944; mas seu filho, Sr. Waldomiro Lorenz, continuou vivamente interessado nos casos que tinham ocorrido em sua família, e em outros. O Sr. Waldomiro Lorenz havia discutido os casos de Marta e Emílio Lorenz com o pai, depois de ele, Waldomiro Lorenz, tornar-se adulto. Ficou, então, familiarizado com as observações do pai e com as interpretações dos casos. Depois de corresponder-me com o Sr. Waldomiro Lorenz, visitei o Brasil no verão de 1962, e lá investiguei sete casos sugestivos de reencarnação. Apenas dois deles merecem apresentação nesta oportunidade. Três dos casos restantes carecem de detalhes suficientes para uma verificação das declarações da criança, mas a investigação dos outros dois continua.

Métodos de Investigação

Os métodos de investigação que segui no estudo dos presentes casos assemelham-se aos descritos na Introdução desta monografia. Passei duas semanas no Brasil, das quais cinco dias foram aplicados à investigação destes dois casos. Duas das testemunhas falavam inglês; as restantes, português. O Sr. Waldomiro Lorenz atuou como intérprete em todas as entrevistas menos uma. A Sra. Cordelia Anuda foi intérprete em uma entrevista. Todavia, compreendo o português consideravelmente melhor do que falo, e em muitas ocasiões pude seguir a conversação entre a testemunha e o intérprete.

Em um dos casos relatados aqui, as duas famílias em apreço conheciam-se antes que ele ocorresse, e, no outro caso, ambas as personalidades apareceram na mesma família, a do Sr. F. V. Lorenz. Estas circunstâncias certamente tornam possível a transmissão de informações de uma personalidade a outra através de meios normais, embora, como se verá, possa-se duvidar se isto explica todas as aparentes recordações e o comportamento das crianças em foco. E em outros aspectos os casos diferem relevantemente de muitos dos que estudei em outras partes do mundo. Em primeiro lugar, o Sr. F. V. Lorenz guardava detalhadas anotações atualizadas do caso da sua filha Marta, Infelizmente estas notas perderam-se posteriormente, mas o Sr. Lorenz publicou um relato mais ou menos completo do caso de Marta[4]. Em segundo lugar, embora ambos os casos tivessem ocorrido originalmente quase quarenta anos antes, consegui entrevistar, de modo geral independentemente, algumas irmãs e irmãos mais velhos das pessoas que afirmavam ter vivido anteriormente. Estas pessoas eram crianças mais velhas ou adultos jovens ao tempo em que os protagonistas do caso eram crianças. Foram, pois, testemunhas contemporâneas dos principais acontecimentos dos casos.

RELATÓRIO DOS CASOS

O Caso de Marta Lorenz

Sumário do Caso e sua Investigação.

Maria Januária de Oliveira (conhecida familiarmente como Sinhá ou Sinhazinha) nasceu aproximadamente em 1890, filha de um próspero fazendeiro do Rio Grande do Sul,

[4] F.V. Lorenz. *A Voz do Antigo Egito*, Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1946. (Este livro resume, para os leitores da língua portuguesa, o caso Rosemary, de aparente xenoglossia egípcia, descrito por F. H. Wood em *This Egyptian Miracle*, Londres: John M. Watkins, 1955). *Inter alia*, Lorenz inclui no livro um registro do caso de sua filha, Marta.

Estado do extremo sul do Brasil. A propriedade de seu pai fica a umas doze milhas a oeste do vilarejo de Dom Feliciano, que, por sua vez, está a cerca de uma centena de milhas a sudoeste de Porto Alegre, a maior cidade e o maior porto do Estado. Sinhá — para usar o nome pelo qual é a maior parte das vezes designada — gostava da vida do campo nas terras de seu pai, nas quais cresceu. Apesar disso, parece ter sofrido de solidão, devido ao relativo isolamento do local. Ela ia freqüentemente à vila de Dom Feliciano onde usufruía a amizade de Ida Lorenz, esposa de F. V. Lorenz, professor do distrito. Duas vezes Sinhá se apaixonou por rapazes que seu pai não aprovou. Um dos rapazes suicidou-se. Por ocasião da segunda dessas frustrações, Sinhá caiu em estado de melancolia. O pai arranjou-lhe uma viagem para espairecimento à cidade praiana de Pelotas, onde ela passou o carnaval, porém pouco interessada. Descuidava-se de si mesma, saindo no frio e na chuva sem agasalho suficiente, tendo contraído, posteriormente, uma grave infecção nos pulmões e laringe. Sua moléstia foi diagnosticada como tuberculose, e alguns meses depois veio a falecer. No leito de morte, ela confessou a Ida Lorenz que desejava morrer e que procurou apanhar a moléstia. Prometeu então à sua amiga querida que retornaria e que nasceria como sua filha. Sinhá predisse ainda que "quando eu renascer e estiver em idade de poder falar no mistério do renascimento no corpo de uma meninazinha, que será sua filha, contarei muitas coisas sobre minha presente vida, e assim você ficará sabendo a verdade."[5] Sinhá faleceu em outubro de 1917, um dia depois de haver feito aquela notável declaração. Tinha cerca de 28 anos de idade.

Dez meses depois, em 14 de agosto de 1918, Ida Lorenz deu à luz uma filha, Marta. Quando Marta tinha dois anos e meio, começou a falar sobre fatos da vida de Sinhá. Fez a primeira alusão a este assunto a sua irmã mais velha, Lola.

Apresento aqui, a narrativa do Sr. F. V. Lorenz sobre as primeiras declarações feitas por Marta a Lola e a ele:

Um dia, quando Marta tinha dois anos e meio, ao voltar com Lola de um riacho próximo à sua casa, onde estiveram lavando roupa, ela pediu à irmã: '"Lola carregue-me nas costas."

A irmã que (como todos os nossos filhos e vizinhos) nada sabia a respeito da promessa da moça falecida (de retornar) respondeu: "Você sabe andar muito bem. Não preciso carregar você."

Ao que Marta respondeu: "Quando eu era grande e você pequena, eu costumava muitas vezes carregar você."

"Quando você era grande?" perguntou Lola, rindo.

Então a pequenina respondeu: "Naquele tempo eu não morava aqui; morava longe, num lugar onde havia muitas vacas, bois e laranjas e onde havia também animais que pareciam cabras mas que não eram cabras". (Ela se referia a carneiros).

Estas palavras descreviam a fazenda dos paia da falecida Sinhá, no interior.

Assim conversando, Lola e Marta foram andando e chegaram em casa. Então Lola nos contou aquelas idéias esquisitas de sua irmãzinha, e eu lhe disse: "Filhinha, nunca morei lá onde você disse que morou".

Ao que ela retrucou: "Sim, mas naquele tempo eu tinha outros pais."

[5] F.V. Lorenz. *Op. Cit.*, nº 4 (Minha tradução)

Uma outra irmã da Marta disse, então, brincando: "E você tinha uma empregadinha preta como a que temos hoje?" (Ela estava se referindo a uma pretinha órfã que minha mulher e eu tínhamos recolhido).

A menina não se atrapalhou e respondeu: "Não. Nossa empregada preta lá já era grande, como também a cozinheira; mas tínhamos um pretinho, e um dia ele esqueceu de ir buscar água e meu pai lhe bateu."

Ao ouvir isto, disse eu: "Eu nunca bati em nenhum preto, filhinha."

Ela retrucou: "Mas foi o meu outro pai quem bateu nele. E o pretinho gritou para mim: "Sinhazinha, ajude-me!" e eu pedi a meu pai que não lhe batesse e o negrinho saiu correndo para buscar água".

Então eu a interroguei: "Ele trouxe a água do riacho?"

"Não, papai", explicou Marta, "não havia nenhum riacho lá. Ele trouxe a água de um poço." (Isto estava correto, quanto à casa de Sinhá).

"Quem era esta Sinhá ou Sinhazinha?" perguntei.

"Era eu. Mas naquele tempo eu tinha outro nome. Meu nome era Maria e eu tinha mais um outro nome de que não me lembro agora." [6]

F. V. Lorenz refere era seu relatório que, na ocasião em que Marta começou suas declarações, nem Lola nem nenhum dos outros irmãos e irmãs mais velhas de Marta sabiam da predição de Sinhá de que retornaria na família Lorenz. F. V. Lorenz e sua esposa parece que tinham ocultado cuidadosamente esta informação aos outros filhos, esperando observar o que iria acontecer com Marta espontaneamente. Depois de seus comentários com Lola e o pai, Marta continuou a fazer, em outras ocasiões, nada menos de 120 declarações isoladas, sobre a vida de Sinhá ou reconhecimentos de pessoas conhecidas de Sinhá. F. V. Lorenz tomou notas detalhadas dessas declarações. Infelizmente ele as escreveu em taquigrafia alemã, incompreensível para qualquer outro membro da família que, desconhecendo sua importância, desfizeram-se delas. Pouco tempo depois deste contratempo, F. V. Lorenz escreveu de memória suas recordações sobre o caso, as quais publicou em 1946. Ao fazê-lo, porém, omitiu muitas informações conhecidas de outros membros da família, que ainda se lembravam das declarações de Marta. O irmão mais velho de Marta, W. Lorenz, coligiu alguns desses itens adicionais, e alguns mais foram registrados por ocasião de minha visita ao Brasil, em 1962. Na tabulação do sumário das declarações, omiti todos os testemunhos discrepantes e os não verificados, ou fiz comentários sobre essas deficiências quando achei conveniente conservar algum item sobre o qual havia dúvidas.

Se tivesse sido possível publicar os 120 itens anotados por F. V. Lorenz na época, o caso de Marta ter-se-ia tornado o mais bem testemunhado e o mais completamente documentado de todos os casos sugestivos de renascimento até então observados em uma criança. Os leitores têm agora diante de si apenas uma parte do material anteriormente disponível. Grande parte desse material consiste nas declarações de Marta acerca de minudências sobre a vida de Sinhá, já conhecidas pela família Lorenz. Mas uma pequena parte das declarações verificadas relacionava-se com assuntos inteiramente desconhecidos de F. V. Lorenz, de sua esposa e dos outros filhos da família.

Ao que parece, Marta falava muito na casa de Sinhá e muitas vezes pediu para ir lá. Mas seu pai, na verdade, não lhe satisfez este desejo até que ela tivesse doze anos de idade,

[6] F.V. Lorenz. *Op. Cit.*, nº 4. (Minha tradução).

época em que ela deixou de falar muito na vida de Sinhá. Ema Bieszczad (uma das irmãs mais velhas de Marta) declarou que C. J. de Oliveiro somente soube do suposto renascimento de sua filha por ocasião desta visita, e que sua mulher jamais fora informada. Parece provável que, por alguma razão, F. V. Lorenz não achou conveniente falar, antes, a C. J. de Oliveiro acerca das declarações de sua filha (de Marta).

Entre as idades de sete e dez anos, Marta gradualmente deixou, espontaneamente, de falar muito sobre a vida de Sinhá. Ela cresceu, casou-se e teve filhos. Em 1962, estava morando em Porto Alegre, onde passei algumas horas com ela. Esquecera ela muito coisa da vida de Sinhá, mas não de tudo, certamente, e diz que ainda conserva algumas vívidas lembranças de acontecimentos sucedidos com Sinhá, muito especialmente das últimas cenas de sua vida e de sua morte por tuberculose.

Fatos Geográficos Importantes e Meios Possíveis de Comunicação Entre as Duas Famílias.

Como já foi dito, as famílias de F. V. Lorenz e de C. J. Oliveiro, pai de Sinhá, moravam a uns vinte quilômetros de distância uma da outra, e conheciam-se muito. F. V. Lorenz e sua mulher estavam em posição de saber, na época em que foram feitas, se a maioria das asserções de Marta sobre a vida de Sinhá eram ou não corretas. Seus filhos, porém, não possuíam muitas das informações relevantes, de modo que Marta às vezes lhes falava sobre passagens da vida de Sinhá, das quais não tinham conhecimento. E algumas das declarações ou reconhecimentos feitos por Marta relacionavam-se a fatos desconhecidos de seus pais, ou ocorridos era sua ausência. Esforcei-me por documentar estas variações nos testemunhos e sua corroboração na tabulação que se segue à lista das testemunhas entrevistadas.

Pessoas Entrevistadas durante a Investigação.

Além de utilizar o relatório escrito do caso, feito por F. V. Lorenz, entrevistei as seguintes nove outras testemunhas.

Em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, entrevistei:

Sra. Marta Inês Lorenz Huber, nascida em 14 de agosto de 1918.
Sr. Waldomiro Lorenz, irmão mais velho de Marta, nascido em 10 de maio de 1913.
Sr. Paulo Lorenz, irmão mais moço de Marta, nascido a 3 de fevereiro de 1923.
Sra. Florzinha Santos Menezes, irmã de criação, mais velha que Marta, nascida em 1905.

Em Taquara, Rio Grande do Sul, entrevistei:

Sra. Ema Estelita Bieszczad, irmã mais velha de Marta, nascida em 12 de fevereiro de 1907.

Em Dom Feliciano, Rio Grande do Sul, entrevistei:

Sra. Luiza Carolina (Lola) Moreira, irmã mais velha de Marta, nascida em 29 de agosto de 1908.

Sra. Ana Luiza Lorenz Arginiro, irmã mais velha de Marta, nascida em 28 de abril de 1912
Dona Moça Antonietta de Oliveiro Costa, irmã viva de Sinhá, nascida em 1893.

Em São João Novo, São Paulo, entrevistei:

Sra. Ema Bolze Moreira, irmã de criação, mais velha que Marta, nascida em 1900.

Além desses, os leitores devem lembrar-se dos nomes das seguintes pessoas, falecidas à época de minhas entrevistas, mas participantes ou testemunhas importantes dos acontecimentos do caso:

Sr F. V. Lorenz, professor em Dom Feliciano, pai de Marta Lorenz.
Sra. Ida Lorenz, sua esposa, grande amiga de Sinhá e mãe de Marta Lorenz.
Sr. C. J. de Oliveira, fazendeiro na região de Dom Feliciano, pai de Sinhá.

Declarações e Reconhecimentos Feitos por Marta.

As tabulações adiante apresentam em forma de sumário, todas as declarações e reconhecimentos atribuídos a Marta com referência à sua afirmação de ser Sinhá renascida.

Relatos e Observações Relevantes Sobre o Comportamento das Pessoas Relacionadas ao Caso.

Como em outros casos sugestivos de reencarnação, o comportamento da paciente do presente caso fornece muita matéria adicional que tem de ser levada em conta em sua avaliação final.

A tabulação das informações dadas por Marta sobre a vida de Sinhá nos diz muito pouco sobre o *sentido* que Marta atribuía às suas recordações como Sinhá, pois Marta identificava-se completamente com Sinhá. (Ela o fazia, porém, numa linha de desenvolvimento contínuo, não como uma substituição de sua identidade como Marta). Deste modo, era particularmente próprio de Marta censurar as pessoas que maltratavam Carlos, seu irmão, se ela achasse que elas o faziam. Florzinha Santos Menezes declarou, por exemplo, que ouviu Marta, em duas diferentes ocasiões, manifestar aborrecimento para com pessoas que, achava ela, estavam maltratando Carlos. Quando lhe perguntaram porque protestava daquele modo, Marta replicou: "Porque, quando eu era Sinhá, eu gostava muito de Carlos. (Carlos tinha sido afilhado de Sinhá, como foi dito anteriormente, e Sinhá lhe havia dado duas vacas). F. V. Lorenz, em seu relatório sobre o caso, declarou que, quando Marta contava episódios da vida de Sinhá, começava sempre dizendo; "Quando eu era Sinhá." Outra frase comum, com que iniciava suas declarações sobre Sinhá (quando pequena), era: "Quando eu era grande."

A convicção de Marta sobre a continuidade de sua própria vida após a morte levava-a, quando ainda bem pequenina, a confortar adultos que haviam perdido alguém. Em certa ocasião, uma senhora que tinha ido visitar a família Lorenz, queixava-se de recente perda de seu pai e dizia: "Oh, meu Deus! Os mortos nunca voltam." Ao que Marta

retrucou: "Não diga isto! Eu também morri e, veja, estou vivendo de novo" [7]. Em outra ocasião, durante uma tempestade, quando uma de suas irmãs mostrou-se preocupada com Emilia, uma irmã falecida, que iria ficar toda molhada em sua sepultura, Marta disse: "Não diga isto! Emilia não está no cemitério. Está em um lugar mais seguro e melhor do que este em que estamos. Sua alma jamais poderá molhar-se"[8].

Quando ficou mais velha, a identificação de Marta com Sinhá persistiu, especialmente com respeito a seus próprios filhos. Ficou preocupada com a idéia de que Florzinho, o último namorado de Sinhá, pudesse voltar como seu próprio filho. (Florzinho tinha se suicidado, quando o pai de Sinhá impediu seu casamento com ela). Marta então, vinte e cinco anos após as mortes de Sinhá e do namorado, esperava por um novo encontro dos dois, assim como Sinhá havia predito um novo encontro com Ida Lorenz, de quem ela disse que viria como filha. O fato de Marta observar alguma evidência — que lhe causava satisfação — de que Florzinho havia de fato reencarnado como seu filho, não tem importância aqui; estou, no momento, interessado somente em descrever a acentuada sensação de continuidade entre duas vidas que Marta experimentava, e que ainda tinha, em 1962.

Alguns observadores que conheceram tanto Sinhá como Marta, comentaram a semelhança de caligrafia das duas mulheres, embora, que eu saiba, autoridades independentes nunca tenham se manifestado sobre essa presumida semelhança. Comentários idênticos ocorreram quanto à parecença física entre Sinhá e Marta. Atribuímos pouca importância a tais observações da parte de membros da família de Marta, que sabiam de sua afirmação de ter sido Sinhá anteriormente. Entretanto, observações sobre este ponto destacam-se das demais, e realmente nos oferecem exemplo de um tipo de observação, que seria extremamente eficaz no estudo destes casos, se pudéssemos tê-los com mais freqüência. Quando Marta tinha dezenove anos, ela trabalhou em uma fazenda, ensinando crianças. Estando lá, uma preta velha notou-a e disse: "Esta moça (Marta) parece-se com Sinhá." Acontece que a preta era uma ex-escrava e empregada de C. J. de Oliveiro, mencionada no item nº 5 da tabulação que se segue. Marta, a única testemunha deste episódio, tem plena certeza de que não disse a ninguém, na fazenda, que se recordava da vida de Sinhá. Lembra-se de que, na fazenda, evitava muito especialmente falar sobre Sinhá a quem quer que fosse, porque os proprietários eram católicos romanos muito ortodoxos, e provavelmente contrários à idéia de reencarnação.

Sobre um aspecto da semelhança entre Sinhá e Marta, temos testemunho mais detalhado. Como foi dito antes, Sinhá morreu de uma grave infecção pulmonar, provavelmente tuberculose. Afetou-lhe particularmente a laringe e, em seus últimos dias de vida, Sinhá tinha muitas dores na garganta e a voz rouca e fraca. Até a idade de dez anos, Marta foi especialmente suscetível a infecções na parte superior do aparelho respiratório, durante as quais sua voz ficava rouca. Vários de seus irmãos e irmãs mais velhos, como Waldomiro Lorenz e Lola Moreira, recordam-se de sua suscetibilidade a tais infecções. A lembrança que Marta tem de seus freqüentes ataques de laringite,

---

[7] F.V. Lorenz. *Op. Cit.*, nº 4. (Minha tradução).

[8] Notas de F.V. Lorenz e entrevista com Ema Bolze Moreira. Suas versões sobre o que Marta disse exatamente, naquela ocasião, diferem consideravelmente nos detalhes, embora não haja idéia expressa por Marta, de que somente o corpo fica no túmulo. Citei a versão relatada por F.V. Lorenz.

abrangia outros detalhes. Ela se recordava de que freqüentemente tinha rouquidão, até a idade de nove anos. (Outras testemunhas achavam que sua voz era normal, exceto durante suas infecções respiratórias). Disse ela que tinha dessas infecções mais ou menos uma vez por mês, e que, então, sua voz ficava particularmente rouca e que tinha dor de garganta.

SUMÁRIO DAS DECLARAÇÕES E RECONHECIMENTOS FEITOS POR MARTA			
Item	**Informantes**	**Verificação**	**Comentários**
1. Sinhá costumava carregar Lola, quando esta era criança.	F.V. Lorenz[1], pai de Marta Lorenz Huber. Lola Moreira, irmã mais velha que Marta Lorenz Huber.	Aparentemente reconhecido por F.V, Lorenz, como correto.	Segundo W. Lorenz, Sinhá tinha querido ser madrinha de Lola, mas, em vez disso, foi convidada para ser madrinha de Carlos, outro filho da família Lorenz. Em 1962, com a idade de sessenta e quatro anos, Lola não se lembrava de ter sido carregada por Sinhá, mas lembrava-se da afeição de Sinhá por ela.
2. Em seu lar anterior havia vacas, bois, laranjas, e "cabras que não eram cabras".	F.V. Lorenz. Lola Moreira.	F.V. Lorenz. Dona Moça Costa, irmã de Sinhá.	A menina de dois anos e meio não conhecia a palavra carneiro. Na fazenda de C. J. de Oliveiro, havia carneiros, bois e cavalos, mas não cabras. Na casa dos Lorenz havia cabras, mas não carneiros, e Marta então não tinha visto carneiros.
3. Seus nomes anteriores foram Sinhá, Maria e mais um outro.	F.V. Lorenz. Ema Bieszczad, irmã mais velha de Marta Lorenz Huber. Marta Lorenz Huber.	F.V. Lorenz.	Sinhá era o nome familiar ou apelido de Dona Maria Januária de Oliveiro. Marta disse recordar-se de que, quando não conseguiu lembrar-se do outro nome, seu pai disse: "Era Januária?" ao que ela replicou: "Sim, era".
4. Seu pai de então era mais velho do que agora (o pai atual); tinha longa barba e falava asperamente.	F.V. Lorenz.	F.V. Lorenz.	Itens exatos quanto ao pai de Sinhá, C. J. de Oliveiro, mas não quanto ao pai de Marta, F.V. Lorenz. Marta fez uma imitação bem sugestiva da maneira de falar do pai de Sinhá.
5. Seu pai anterior teve uma cozinheira preta e um empregadinho preto, em quem batia.	F.V. Lorenz. W. Lorenz, irmão de Marta Lorenz Huber.	F.V. Lorenz.	
6. Certa vez o pai bateu no negrinho por este não ter ido buscar água, e Sinhá interveio quando ele gritou por socorro.	F.V. Lorenz. W. Lorenz. Ema Bieszczad.	F.V. Lorenz. Ema Bieszczad.	Este episódio era desconhecido de F.V. Lorenz quando Marta fez esta declaração. Segundo W. Lorenz, seu pai

[1] Ao citar F.V. Lorenz, refiro-me tanto ao seu relato escrito do caso, em *A Voz do Antigo Egito* (*op. cit.*, nº 4) como às notas sobre o caso, um tanto mais detalhadas, postas à minha disposição por seu filho Waldomiro Lorenz.

			verificou o acontecido por intermédio de C.J. de Oliveiro. Dona Moça Costa, em 1962, lembrou-se de que, certa vez, Sinhá tinha intervindo quando seu pai estava batendo no negrinho, mas não se lembrava qual tinha sido o motivo. Ema Bieszczad achava que sua mãe, Ida Lorenz, provavelmente também confirmou o episódio, porque tinha visto C. J. de Oliveira bater no menino em outras ocasiões.
7. Eles tiravam água do poço, não de um riacho.	F.V. Lorenz.	F.V. Lorenz.	Certo, quanto à casa de Sinhá; na casa dos Lorenz, tiravam a água de um riacho que passava atrás da casa, não de um poço.
8. Reconhecimento do Sr. Florindo de Almeida como ex-namorado de Sinhá.	F.V. Lorenz.	F.V. Lorenz. W. Lorenz.	Outra declaração cuja exatidão não foi reconhecida por F.V. Lorenz, quando feita por Marta. Quando ele interrogou o homem que Marta reconhecera, este confirmou a veracidade do que ela dissera. Ele fora um dos dois homens por quem Sinhá se apaixonara, mas com quem seu pai a impedira de casar-se.
9. Sinhá e F.V. Lorenz eram compadres.	F.V. Lorenz.	F.V. Lorenz.	Sinhá tinha sido madrinha de Carlos, filho de F.V. Lorenz.
10. Quando Ida Lorenz ia visitar Sinhá, esta preparava café e a esperava na frente da casa, tocando uma vitrola, que colocava em cima de uma pedra.	F.V. Lorenz. Lola Moreira	F.V. Lorenz. Dona Moça Costa.	Marta fez esta declaração quando sua mãe perguntou-lhe se ela seria capaz de dizer como Sinhá costumava recebê-la (à Ida), quando esta visitava Sinhá. Dona Moça Costa lembrou-se de Sinhá tocando vitrola sobre a pedra, antes das visitas de Ida Lorenz. Não mencionou o café. Ida Lorenz, naturalmente sabia deste modo de ser recebida, mas ninguém mais na família Lorenz sabia a respeito disto.
11. Descrição da maneira de Sinhá falar, na época de sua morte; Sinhá tinha muitas dores na garganta.	F.V. Lorenz. W. Lorenz. Ema Bieszczad. Ana Arginiro, irmã mais velha de Marta Lorenz Huber.	Ida Lorenz, como descreveu F. V. Lorenz.	Ida Lorenz perguntou a Marta como Sinhá lhe havia falado pela última vez. Marta aproximou-se de sua mãe, suasurrou-lhe no ouvido e apontou para a garganta dizendo que não conseguia falar, que sua voz havia sumido. De fato, Sinhá morreu de tuberculose e com laringite tuberculosa a

			qual tornou sua voz rouca e fraca em seus últimos dias. A imitação que Marta fez do modo de Sinhá falar foi testemunhada por vários membros da família. Somente Ida Lorenz sabia realmente como Sinhá falara pouco antes de morrer.
12. Sinhá apanhara sua última doença em uma viagem a uma cidade onde havia muitas pessoas mascaradas.	F.V. Lorenz.	F.V. Lorenz. Dona Moça Costa.	Depois de recusar-se a permitir que sua filha se casasse com o homem que amava. C. J. de Oliveiro levou-a numa viagem a Pelotas, durante o carnaval, para ajudá-la a esquecer-se do amado. Mas nesta viagem, na volta, teve início a última e fatal moléstia de Sinhá. É quase certo que esses fatos fossem do conhecimento de F.V. Lorenz e indubitavelmente conhecidos de sua esposa Ida, antes da morte de Sinhá.
13- Na viagem de volta (a Pelotas, mencionada no item nº 12), apanharam uma forte chuva e tiveram que passar a noite em uma velha casa.	F.V. Lorenz. Ema Bolze Moreira, irmã de criação mais velha de Marta.	F.V. Lorenz. Ema Bolze Moreira.	Parece que F.V. Lorenz não sabia deste detalhe antes de o comprovar com C. J. de Oliveira, depois que Marta fez esta declaração. Ema tinha ouvido Sinhá descrever a viagem, com detalhe, antes de sua morte, e uns cinco anos depois ouviu Marta fazer um relato idêntico da mesma viagem. A narrativa de Ema inclui dois detalhes omitidos na narrativa de F.V. Lorenz, e o relato deste contém um pormenor não encontrado na versão de Ema.
14. Reconhecimento do parentesco de Sinhá com a Srta. Francisca de Oliveira, prima e afilhada de Sinhá.	F. V. Lorenz. Ema Bieszczad. W. Lorenz.	F. V. Lorenz. Ema Bieszczad. W. Lorenz. Dona Moça Costa.	F.V. Lorenz não foi testemunha primária deste episódio, mas os outros dois informantes o foram. Dona Francisca de Oliveira era uma completa estranha em Dom Feliciano, quando ocorreu este episódio. Ninguém da família Lorenz sabia de seu parentesco com Sinhá. Como tivesse sabido das declarações de Marta, disse a esta: "Se você foi realmente Sinhá, diga-me qual era o nosso parentesco". Marta respondeu corretamente e sem hesitação.

15. Sinhá havia dado a Carlos Lorenz, seu afilhado, duas vacas, antes de morrer.	F. V. Lorenz.	F. V. Lorenz. Dona Moça Costa. Lola Moreira.	Este foi conhecido por F.V. Lorenz, antes da morte de Sinhá. Dona Moça Costa só sabia de uma vaca, dada a Carlos por Sinhá. Mas Dona Moça Costa casou-se e saiu da casa do pai em 1914. Ela poderia muito bem não ter sabido da dádiva da segunda vaca, fato que, segundo Lola Moreira, ocorreu pouco antes da morte de Sinhá.
16. As duas vacas dadas a Carlos por Sinhá tinham dado cria, nesse ínterim.	F. V. Lorenz. Lola Moreira.	F. V. Lorenz. Lola Moreira. Marta Lorenz Huber.	As vacas tinha ficado na fazenda de C. J. de Oliveiro. Quando Marta fez esta declaração, F.V. Lorenz não sabia que uma das vacas tinha dado cria, e teve confirmação disso através de C. J. de Oliveiro. F.V. Lorenz diz em suas notas que apenas uma das vacas tinha dado cria; Lola Moreira assegurou que ambas tinham tido bezerrinhos. Marta Lorenz também declarou (1962) que ambas tinham tido bezerros. Segundo as testemunhas desse episódio, Marta teve conhecimento de fatos que ocorreram na fazenda de Sinhá, depois de sua morte.
17. Sinhá tinha um cavalo branco; contudo não era chamado assim, mas "barroso" (em inglês: cor de barro).	F. V. Lorenz.	F. V. Lorenz. Dona Moça Costa.	Fato provavelmente conhecido de F.V. Lorenz, antes da morte de Sinhá. De acordo com Dona Moça Costa, o cavalo realmente pertencia ao pai de Sinhá, mas esta preferia montar o cavalo branco em vez do seu, que era castanho.
18. Sinhá e Ida Lorenz tinham certa vez, no mesmo dia, comprado selas idênticas.	F. V. Lorenz. W. Lorenz soube desta declaração, pouco depois de Marta tê-la feito. Florzinha Menezes, irmã adotiva de Marta Lorenz.	F.V. Lorenz. Dona Moça Costa.	Marta declarou (1962) que ainda se lembrava deste episódio. Recordou que, quando criança, costumava brincar com a sela de sua mãe, e disse que lembrava-se então que era igual à que tivera quando fora Sinhá. Mas não falou sobre esta semelhança durante algum tempo. Foi estimulada a fazer as declarações dos itens 17 e 18 um dia em que estava observando um cavalo ser selado com a sela de Ida, que parecia a de Sinhá.
19. Preferência por C.J. de	F. V. Lorenz.	F. V. Lorenz.	Os dois homens foram à

Oliveiro e rejeição de outro visitante, Sr. Valentim.	Ana Arginiro.	Ana Arginiro.	casa de Lorenz na mesma hora. O Sr. Valentim mostrou todos os sinais de amizade, mas a pequenina Marta dirigiu-se para o outro homem, o pai de Sinhá, e acariciou-lhe a barba num gesto de afeição, embora ele não a agradasse, aparentemente por não gostar de crianças. Ana Arginiro recordou-se de Marta ter abraçado o pai de Sinhá, dizendo: "Olá papai." Isto aconteceu quando Marta tinha menos de um ano de idade.
20. Sinhá costumava sentar-se ao lado do pai, às refeições.	Lola Moreira.	Lola Moreira. Dona Moça Costa.	Quando pequena, Marta recusava-se a sentar-se na cozinha com as outras crianças, afirmando que costumava sentar-se ao lado de seu outro pai, às refeições. Outro fato do qual F. V. ou Ida Lorenz não sabiam.
21. Sinhá tinha um gato branco.	Ema Bolze Moreira.	Ema Bolze Moreira.	Sinhá gostava especialmente de gatos, assim como Marta. Mas outros membros da família gostavam de gatos, embora talvez menos do que Marta.
22. Sinhá foi enterrada vestida de branco, e com alguma coisa na cabeça; não se lembra o quê.	Ema Bolze Moreira.	Não verificado.	
23. Seu enterro foi assistido por muitos negros, mas poucas mulheres brancas. Ida Lorenz assistiu ao enterro.	Florzinha Menezes. Lola Moreira. Ema Bolze Moreira.		Muitas mulheres brancas evitaram ir ao enterro de Sinhá com medo de contágio da tuberculose. Ida Lorenz era uma das duas ou três únicas mulheres brancas que compareceram.
24. O pai de Marta foi ao enterro de Sinhá.	Ema Bolze Moreira.	Ema Bolze Moreira.	Ema Bolze Moreira perguntou a Marta se seu pai havia ido ao enterro de Sinhá. Ao responder Marta que sim, Ema B. Moreira negou o fato, mas, quando Marta insistiu que ele havia ido, ela o perguntou a F.V. Lorenz, que confirmou ter assistido ao funeral.
25. Sinhá costumava fazer rosca.	Lola Moreira.	Lola Moreira. Dona Moça Costa.	Roscas são pães-doces trançados, próprios da região. O gosto de Sinhá em fazer bolos era sabido de toda a família Lorenz. Dona Moça Costa lembrava-se de Sinhá fazendo bolos, mas não mencionou nenhum tipo especial.

26. O pai de falava duro com os escravos.	Florzinha Menezes.	Verificado apenas por inferência.	Um dia, em que C. J. de Oliveiro estava visitando a família Lorenz e falando alto, disse Marta "Eu jamais gostava quando ele gritava tanto com os escravos. Não sei se ele está bravo com meu pai atual." A escravidão foi abolida no Brasil em 1888, uns dois anos antes do nascimento de Sinhá. O que é sabido do temperamento de C. J. de Oliveiro, e sobre o episódio verificado, de ele espancar o pretinho seu empregado, leva a crer que a formal emancipação dos escravos no Brasil teria influenciado muito pouco sua atitude para com eles.
27. Descrição do caminho para a fazenda de C.J. de Oliveiro, inclusive uma volta em torna de uma grande pedra, logo antes de chegar à casa.	Marta Lorenz Huber.	Marta Lorenz Huber.	Quando tinha doze anos (e muito depois do período das suas declarações mais freqüentes sobre a vida de Sinhá) o pai da Marta levou-a em visita à casa de Sinhá. Infelizmente, em 1962, não se teve a presença de outras testemunhas vivas desta visita. A Sra. Lola Moreira tinha acompanhado o grupo, mas estava doente e prestou pouca atenção ao que se passou.
28. Reconhecimento de um relógio na casa de C. J. de Oliveiro, o qual pertencera a Sinhá.	Marta Lorenz Huber. W. Lorenz, mencionando F.V. Lorenz.	Marta Lorenz Huber. W. Lorenz, mencionando F.V. Lorenz.	Por ocasião da visita mencionada no item 27, Marta, dentro de casa, apontou para um relógio na parede e disse que ele havia pertencido a Sinhá, e que encontrariam o nome dela nas costas do relógio, gravado em letras douradas. Tiraram o relógio da parede e no dorso estava escrito "Maria Januária de Oliveiro". Como no item 27, as outras testemunhas deste fato ou estavam mortas ou não puderam ser encontradas, em 1962. W. Lorenz soube do episódio através de seu pai, que foi testemunha do reconhecimento do relógio por Marta. C.J. de Oliveiro sabia que o relógio havia pertencido a Sinhá, e a principio mostrou-se relutante em pegar o relógio e mostrar-lhe o dorso, aparentemente por temer que Marta pudesse

			querê-lo para si. O relógio fora comprado por Sinhá, que cuidava dele pessoalmente. Quando ela estava fora, o relógio parava e, ao voltar, ela lhe dava corda e o acertava pelo pôr-do-sol. Era o único daquele tipo na região, naquele tempo. Foi o único objeto da casa reconhecido por Marta, durante sua visita, quando foi à casa de Sinhá, aos doze anos. Infelizmente, esforços recentes para verificar independentemente a existência do relógio e detalhes sobre ele, na casa de C. J. de Oilveiro, não foram bem sucedidos. Dona Moça Costa de nada se lembrava quanto a algum relógio pertencente a Sinhá; contudo, como se casara e mudara-se da casa de seus pais três anos antes da morte de Sinhá, ela poderia não ter conhecido o relógio, se ele tivesse sido comprado depois de seu casamento. Depois de minha visita em 1962, W. Lorenz perguntou sobre o relógio ao irmão mais moço de Sinhá e a um empregado da família de C. J. de Oliveiro, mas nenhum dos dois se lembrava dele, possivelmente por serem muito crianças ao tempo em que Sinhá tinha o relógio, do qual poderiam ter-se desfeito depois da morte dela. Que o relógio existiu, parece ser suficientemente claro, pela comprovação da narrativa de Marta sobre o fato, feita por F. V. Lorenz, em um relato a seu filho, W. Lorenz .

Nessas ocasiões ela também sentia o corpo dilatado, e pensava que ia morrer[9].

[9] Esta experiência incomum é semelhante à percepção de mudanças no tamanho do corpo por que passam os pacientes durante a hipnose ou embriaguês com drogas, como o ácido lisérgico dietilamide. É semelhante também às mudanças na imagem do corpo, experimentadas por alguns pacientes adultos, que parecem ter vívida lembrança e viver novamente uma existência anterior, acordados ou sonhando. No presente caso, a dor na laringe e a rouquidão evidentemente conduziram, através de associações, à completa reprodução das últimas cenas da vida de Sinhá. Estas eram as passagens da vida de Sinhá de que Marta, à idade de quarenta anos, se lembrava mais claramente. Nessa experiência, uma sensação somática

Vários observadores que conheceram tanto Sinhá como Marta, comentaram as semelhanças de personalidade das duas mulheres. Visto que a maioria desses observadores sabia do fato de Marta acreditar ter vivido antes como Sinhá, este conhecimento poderia ter influenciado suas opiniões. Além disso, diversos aspectos a que fizemos menção como intensamente encontrados nas duas mulheres, aparecem muito comumente e não podemos considerá-los, de modo algum, específicos em relação a elas. Não obstante, considero esses atributos não inteiramente sem valor como evidência de semelhança entre as duas personalidades, embora nada contribuindo para a evidência de como as personalidades vieram a parecer-se uma com a outra.

Sinhá gostava muito de gatos, e Marta igualmente. (O gato branco de Sinhá é mencionado no item 21, na lista das declarações feitas por Marta acerca de Sinhá). Quando inquiri sobre esta predileção pelos gatos por parte de outros membros da família de Marta, soube que alguns de seus irmãos e irmãs, especialmente Lola, também gostam muito desses animais. A própria Lola Moreira não se lembrava de que Marta tivesse uma afeição especial por gatos. No entanto, o fato de que Marta era, realmente, mais apegada aos bichanos do que o eram as outras pessoas da família é demonstrado pelo fato de que, quando a família se mudou para outra propriedade, para tentar o plantio de café por algum tempo, Marta foi a única a ter gatos em casa.

Sinhá levou uma vida despreocupada, embora solitária, como filha de um próspero proprietário de terras. Ela gostava de dançar. Não cosia nem cozinhava, exceto para fazer suas roscas. Sinhá desejava uma educação que não podia ter em seu longínquo lar, no interior. Quando Marta era jovem, gostava de roupas finas, mas depois seus gostos se adaptaram aos seus meios. Apreciava especialmente dançar bem. Queria ser professora, e de fato ensinou temporariamente numa fazenda, mencionada atrás. Mas sua família não tinha meios para dar-lhe um curso normal completo e, por isso, aprendeu costura, porém jamais gostou de costurar.

Sinhá tinha medo de chuva e Marta o tinha igualmente. Segundo Florzinha Menezes, quando alguém perguntava a Marta por que tinha aquele pavor de chuva, ela dizia: "Quando eu era Sinhá, eu tinha medo de chuva." Tanto Sinhá como Marta tinham um horror a sangue, que chegava a ser fobia. Esse horror parece ter afetado outros membros da família de Sinhá, mas a fobia de Marta sobrepujava a de todos. W. Lorenz declarou que a fobia pelo sangue ocorria unicamente com Marta, na família Lorenz. Lola Moreira relatou que uma pessoa, que havia conhecido Sinhá mas nada sabia quanto ao seu suposto renascimento como Marta, presenciou uma vez Marta ter uma reação de pânico quando um de seus dedos sangrou. Esta mulher comentou espontaneamente que a reação de Marta, ao ver sangue, era exatamente igual à de Sinhá.

Comentários sobre a Evidencia de Conhecimento Paranormal da Parte de Marta.

Como já foi dito, todos com exceção de seis dos itens reunidos na tabela atrás, eram conhecidos de membros da família Lorenz, embora às vezes só de um ou dois membros, em vez do grupo todo. Os itens 6, 8, 14, 16, 20 e 28 tiveram que ser averiguados através de inquirições de pessoas fora da família, que sabiam dos fatos. Mas, dado o conhecimento existente e mantido na família Lorenz quanto a Sinhá e sua família, temos

---

parece ter estimulado outras associações como aconteceu ao assistir ao selar de um cavalo (vide Comentários ao item 18 da tabulação adiante).

que considerar possível e realmente provável que alguma informação sobre Sinhá tenha sido transmitida por eles a Marta. A questão seguinte a ser formulada é se essa via ficou bem patente para explicar *todas* as informações que Marta possuía sobre Sinhá.

W. Lorenz conversou longamente com seu pai, F. V. Lorenz, sobre o desenrolar do caso. Seu pai, assegurou ele, sabia muito bem da possibilidade de serem transferidas informações a Marta por meios normais. F. V. Lorenz tinha um considerável conhecimento de literatura sobre pesquisa psíquica. Quando sua esposa lhe contou a idéia de Sinhá, de renascer na família deles, resolveram nada dizer a ninguém sobre isto, até que eles próprios observassem alguma coisa. Mais tarde, realmente, relataram-no a uma outra pessoa, o padrinho de W. Lorenz, grande amigo de F. V. Lorenz, mas não o contaram a nenhum dos filhos. Os outros filhos, hoje adultos, asseveraram ignorar a predição de Sinhá sobre seu retorno, até depois do primeiro episódio das declarações de Marta (itens 1 e 2 da tabulação), e sua reação diferente, quando pequenina, para com os dois senhores que vieram visitar a família (item 19). Pouco depois das primeiras declarações de Marta acerca de sua vida anterior, Ida Lorenz parece haver falado, pelo menos a alguns dos outros filhos, acerca da predição de Sinhá. Aparentemente ela o fez para tentar explicar aos outros o comportamento de Marta, visto que pelo menos uma das irmãs (Lola) inicialmente achou que Marta estava dizendo verdadeiros absurdos ao referir-se a uma vida pregressa. Na época das primeiras declarações de Marta, com a idade de dois anos e meio, seus outros irmãos mais velhos (os que entrevistei) tinham sete (Waldomiro), oito (Ana), neve (Lola), treze (Ema Estelita), quinze (Florzinha, irmã adotiva), e vinte anos (Ema Moreira, irmã adotiva). Todas estas pessoas provavelmente estavam com idade suficiente, na época, para conhecerem naquele tempo, e recordarem desde então, se haviam sido informadas acerca da predição de Sinhá sobre seu retorno, antes das primeiras declarações de Marta. Waldomiro, Lola e Ema Estelita insistiram em que não tiveram conhecimento anterior do fato; Ana e Ema Moreira não se lembravam de quando tinham ouvido pela primeira vez falar na predição de Sinhá, de retomar. Não inquiri Florzinha Menezes sobre este ponto. A mais velha do grupo, Ema Moreira, jovem de 20 anos na época das declarações de Marta, assegurou que a família nunca havia falado sobre Sinhá na presença de Marta, e que Marta falava sobre Sinhá espontaneamente.

Podemos encontrar alguma evidência intrínseca de que F. V. Lorenz abordou as declarações de Marta cautelosamente, e levando em consideração a possibilidade de lhe sugerir respostas tiradas de sua própria recordação da primeira conversa sobre Sinhá. Se acreditarmos que esta foi uma reprodução bastante exata de sua conversa com a meninazinha, devemos reconhecer que ele não forneceu nenhuma indicação à criança. Segundo Marta, quando ela hesitou quanto ao nome de Januária, depois de dar os nomes de Sinhá e Maria corretamente, ele o sugeriu a ela, mas só quando ela hesitou, não antes. Fora isso, ele parecia adotar um tom de inquirição, embora possamos supor que ficasse na expectativa de algumas das respostas de Marta, à vista de seu conhecimento da promessa de Sinhá, de que iria retornar.

Nos comentários acima não referi importantes aspectos do caso relativos a comportamento, que indicam, mais ainda do que os elementos informativos, a identificação de Marta com Sinhá. Alguns leitores talvez considerem que poderemos explicar adequadamente os elementos da personificação baseando-nos nas informações que Marta possuía quanto a Sinhá (quer obtidas normalmente, quer através da percepção extra-sensorial) e no estímulo de tal personificação por parte dos pais de Marta, os quais

desejavam que a amiga morta retornasse e viesse viver entre eles, como prometera fazer. Este modo de ver os elementos de personificação no caso é significante, mas tem também importantes pontos fracos. Transferirei uma consideração completa sobre isso para a Discussão Geral, que se seguirá a todos os relatórios dos casos.

O Desenvolvimento Posterior de Marta

Não encontrei Marta Lorenz entre julho de 1962 e fevereiro de 1972. Nessa época fui a Porto Alegre e encontrei aí primeiro seu irmão mais velho, Waldomiro Lorenz. Após ter ouvido suas notícias ambos fomos à casa de Marta nos limites de Porto Alegre e tivemos uma longa conversa com ela. O marido de Marta, Fritz Huber, e sua irmã mais velha, Ema Estelita Bieszczad, também estavam presentes durante este encontro. Nos dez anos desde que vi Marta tenho ocasionalmente trocado cartas com Waldomiro Lorenz (especialmente concernente ao suicídio do irmão dele e de Marta, Paulo. (Para detalhes disto ver o relatório de caso de Paulo Lorenz).

Quando visitei Marta em 1972 ela tinha cinqüenta e quatro anos. Seu casamento era feliz. Suas duas crianças que sobreviveram à infância cresceram e ambas estavam casadas.

Marta disse em 1972 que tinha esquecido muito da vida de Sinhá, mas também lembrava muito. Isto foi o que tinha dito em 1962 e pareceu-me que suas memórias da vida prévia não tinham sofrido qualquer esquecimento adicional nos dez anos desde nosso último encontro. Pelo contrário, saí deste encontro com a impressão que eu talvez tivesse superestimado na primeira edição deste livro a quantidade de memórias perdidas de Marta da vida prévia que tinha sofrido e agora acredito que ela possuía mais delas na maioridade do que tinha percebido então. Isto não é para negar que Marta tinha esquecido muito do que ela lembrava quando mais jovem, nem ela declarou o oposto. Mas ela obviamente reteve com vívida claridade muitos dos detalhes da vida de Sinhá. Particularmente proeminente em suas memórias pareciam ser aquelas associadas com Florzinho, o último amor de Sinhá. Seu casamento com ele foi frustrado pela desaprovação de seus pais. Florzinho tinha então cometido suicídio e logo depois a própria Sinhá indiretamente cometeu suicídio expondo-se ao frio e umidade. Marta ainda pensava sobre Florzinho de tempos em tempos em 1972 e também sobre a crença que seus dois primeiros filhos (que nasceram ambos mortos na infância) fossem a reencarnação dele. (Sua convicção sobre isto foi largamente baseada em marcas de nascença nas cabeças dos bebês os quais diziam corresponder a marcas em Florzinho). Marta disse que ainda pensava em si mesma como Sinhá. Não acho que ela quis dizer por isto que não pensava em si mesma como Marta. Não houve negação de sua vida presente, apenas um sentimento de continuidade com a de Sinhá. Disse que algumas vezes espontaneamente pensava em Sinhá, especialmente à noite quando rezava e se preparando para dormir.

Marta não tinha retornado a visitar a família de Sinhá desde sua infância. Seus membros estavam todos mortos ou dispersados, então não posso dizer firmemente que a falha de Marta em manter contato com eles surgiu de uma perda de seu interesse, mas acredito que não. Acredito que ela os teria visitado caso estivessem disponíveis e se, após seu casamento, ela tivesse os recursos financeiros para viajar a considerável distância de Porto Alegre a seu local de residência além de Dom Feliciano. Quaisquer que sejam as razões para Marta não continuar a visitar a família de Sinhá, podemos dizer ao menos

em seu caso que a manutenção das memórias da vida prévia não foi ajudada, como parece ter ocorrido em outros casos, por visitas entre as famílias relacionadas. (Para exemplos nos quais isto parece ter ocorrido, veja a seção das entrevistas de continuação no relatório de caso de Prakash).

Marta foi muito afetada por duas mortes em sua família as quais ocorreram após meu encontro com ela em 1962. A primeira destas foi o suicídio de seu irmão mais jovem Paulo em 1966, já mencionado. A morte de Paulo chocou e transtornou-a tanto que teve que requerir admissão em um hospital onde permaneceu por mais de três semanas. Ela não tinha se recuperado completamente da morte de Paulo em 1972. Então, em 1969, seu irmão mais velho Carlos morreu. Carlos era o afilhado de Sinhá e o irmão favorito de Marta. (Descrevi anteriormente como Marta defendia Carlos quando achava que o estavam maltratando). Carlos parece ter tido uma vida particularmente miserável caracterizada por filhos demais, muito pouco dinheiro, e saúde pobre. Marta tentou ajudá-lo, mas aproveitou pouco. Chorou quando lembrou-se dele em 1972.

Marta continuava (em 1972) a sofrer de ataques de bronquite os quais tinham lhe dado problemas quando era mais jovem. Disse que toda a vez que pegava um resfriado "ia para seu peito e laringe". Em tais momentos perdia sua voz. Ela ainda estava tendo ataques de bronquite cerca de quatro vezes ao ano. Em contraste, seu irmão Waldomiro e sua irmã Ema muito raramente tinham resfriados e infecções respiratórias. De fato, Ema disse que tinha tido uma infecção respiratória apenas uma vez em sua vida e que foi durante uma epidemia. Anteriormente, em 1967, Waldomiro Lorenz tinha escrito-me (em resposta a uma questão direta sobre este ponto) que nenhum dos dez irmãos de Marta (que sobreviveram à infância) tinham sofrido de laringite ao contrário dela. Será lembrado que após Sinhá deliberadamente expor a si mesma ao frio e umidade ela desenvolveu tuberculose dos pulmões e laringe do que morreu. E antes dela morrer só podia falar num débil sussurro (veja item 11 da tabulação). Acredito que podemos razoavelmente considerar a vulnerabilidade de Marta a bronquite e laringite um tipo de "marca de nascimento interna" relacionada à vida prévia e morte de Sinhá.

Marta também conservou até 1972 vários traços comportamentais que foram proeminentes em Sinhá. Ainda tinha medo de chuva e de sangue e ainda gostava de gatos. Suas irmãs mais velhas, Ema Estelita e Lola, também gostavam de gatos. Então um apego a gatos esta longe de ser único a Marta em sua própria família, mas era uma característica proeminente de sua personalidade como foi na de Sinhá.

Já que Sinhá tinha indiretamente cometido suicídio tenho me interessado na ocorrência de tendências suicidas em Marta e discuti isto com ela em 1972. Seu irmão, Waldomiro, nunca tinha ouvido-a dizer que poderia cometer suicídio, mas a própria Marta bem francamente admitiu para mim que ela freqüentemente desejou morrer. Nunca tinha de fato tentado suicídio, mas pensou que talvez tivesse se matado em alguns momentos se tivesse uma arma com a qual pudesse realizá-lo.

Acho que deveria ter mencionado na primeira edição deste livro que tanto Sinhá e Marta eram creditadas com poderes de percepção extra-sensorial acima da média. As demonstrações mais impressionantes de Sinhá ocorreram quando ela anunciou com antecedência que sua amiga Ida Lorenz (a mãe de Marta) estava vindo visitar a fazenda da família. Dom Feliciano, onde Ida Lorenz vivia, estava a cerca de 12 milhas da fazenda que pertencia à família de Sinhá. Apesar de Sinhá não ter como saber por meios

normais quando Ida Lorenz poderia decidir vir para visitar a família na fazenda, ela tinha tanta certeza que Ida Lorenz estava vindo em certos dias que arranjava uma vitrola pronta para tocar música como um tipo de gesto de boas vindas quando ela chegava. A irmã sobrevivente de Sinhá, Dona Moça Antonietta de Oliveiro Costa, disse-me sobre a acurácia das predições de Sinhá das visitas de Ida Lorenz em 1962. F. V. Lorenz, o pai de Martha, também atestou a estas predições das visitas de sua esposa feitas por Sinhá, nas notas que ele fez sobre o caso.

Dois dos irmãos de Marta atestaram-na tendo uma incomum capacidade de percepção extra-sensorial quando era mais jovem. Seu irmão Waldomiro disse-me que uma vez sua madrinha deu a ela um livro como presente. Marta ignorou-o, deixando-o empacotado. Seu pai lhe perguntou: "Você não vai ler isto?" Marta respondeu: "Não. O livro é sobre um caso semelhante ao meu". Ela então forneceu corretamente o título do livro ainda empacotado.

Uma ainda mais impressionante demonstração de aparente percepção extra-sensorial ocorreu quando Marta tinha entre cinco e seis anos. (Os informantes divergem um tanto sobre sua idade à época). Ela acordou uma noite dizendo que tinha tido uma visão de uma garota chamada Celica que estava (na visão) chamando-a: "Sinhá, Sinhá". Seu pai, F. V. Lorenz (de acordo com sua irmã, Ema Estelita Bieszczad), anotou o momento em que Marta teve esta visão noturna de Celica. Foi descoberto corresponder exatamente com a hora da morte da garota Celica. Isto ocorreu em um local a cerca de quinze milhas de distância de acordo com a afirmação feita sobre isto por F. V. Lorenz. Ninguém na família de Marta tinha, ou podia ter tido, qualquer conhecimento normal da morte de Celica no momento em que Marta teve sua visão e ouviu Celica chamando-lhe "Sinhá". Um mensageiro veio da família de Celica na manhã seguinte para convidar a família Lorenz ao funeral de Celica. (Marta disse-me em 1973 que ainda se lembrava bem distintamente desta visão que tinha tido de Celica quando criança). Talvez o mais importante ponto do episódio seja que Celica era uma amiga íntima, e alguns informantes disseram, uma parente de Sinhá. Estudantes destes casos que acreditam serem adequadamente interpretados por percepção extra-sensorial podem dizer que se Marta pôde saber paranormalmente sobre a morte de uma das amigas de Sinhá ela poderia muito bem ter obtido *todas* as informações corretas que mostrou sobre Sinhá e sua família pelos mesmos meios. Somente posso responder que neste caso ao menos, não podemos excluir esta possibilidade e o incidente que descrevi tende a aumentar a plausibilidade de tal hipótese[10].

Desde que Martha tinha alcançado a meia idade em 1972 pareceu apropriado e inofensivo pedir que comparasse sua vida que tinha chegado a este ponto com a de Sinhá que, no entanto, morreu numa idade muita mais jovem por volta de vinte e oito. O julgamento de Marta foi de que as duas vidas eram equivalentes em termos de felicidade. Ela era menos bem sucedida do que Sinhá tinha sido, pois o pai de Sinhá era um fazendeiro moderadamente próspero. Mas Marta não pensava que sucesso tinha

---

[10] Marta foi creditada com conhecimento paranormal em pelo menos um evento acontecendo na família de Sinhá depois da morte de Sinhá como descrito no item 16 da tabulação. Sua informação sobre o evento pode ter derivado de comunicação extra-sensorial com membros vivos da família de Sinhá.

Para outros exemplos de percepção extra-sensorial da parte dos indivíduos destes casos com membros das famílias ou amigos das personalidades prévias relacionadas, veja os relatórios de caso de Gnanatilleka, Swarnlata Mishra (na seção sobre as entrevistas de continuação) e Shamlinie Prema (I. Stevenson. *Cases of the Reincarnation Type*. Em preparação).

muito a ver com felicidade ou que a vida de Sinhá tinha mais disto do que a dela. Uma notável diferença entre as duas – aqui estou dando minha própria opinião, não a de Marta – é que os *affairs* amorosos de Sinhá foram frustrados e nunca se casou. Marta tinha casado e seu marido a tratava bem. A triste perda de dois de seus irmãos, Paulo e Carlos, tinha sido até certo ponto compensada pelo afeto que ela recebeu de seu marido, seu filho, e seu irmão, Waldomiro.

O Caso de Paulo Lorenz

Sumário do Caso e sua Investigação.

O caso de Paulo Lorenz ocorreu na mesma família, como este que acabamos de descrever. Neste caso, a personalidade em apreço, reencarnada como Paulo, era a de sua falecida irmã, Emilia. Assim, ambas as personalidades, a atual e a anterior, eram membros da mesma família. Este fato certamente aumenta a possibilidade de comunicação normal (e, quanto a isso paranormal) de informações entre a personalidade atual e as pessoas mais velhas que conheceram a personalidade anterior. Porém, apesar desta deficiência, o caso merece ser apresentado, porque ilustra: (a) uma diferença de sexo nas duas personalidades; (b) uma personificação altamente desenvolvida da primeira, por parte da segunda pessoa; e (c) a manifestação, na segunda personalidade, de um talento especial para a costura que, embora nada tendo em si mesmo de incomum, foi nesta família, na verdade, grande e quase especificamente desenvolvido nestes dois filhos, e em mais nenhum outro, numa família de 13 filhos.

Emilia Lorenz era a segunda dos filhos e filha mais velha de F. V. e Ida Lorenz. Nasceu a 4 de fevereiro de 1902, e recebeu o nome de Emilia em homenagem ao primeiro filho da família, um menino chamado Emílio, que havia morrido na infância, alguns anos antes.

Sob todos os pontos de vista Emilia foi extremamente infeliz durante toda a sua curta vida. Sentia-se constrangida como menina e, alguns anos antes de sua morte, disse a vários de seus irmãos e irmãs, mas não aos pais, que se existisse reencarnação, ela retornaria como homem. Disse também que desejava morrer solteira. Teve propostas de casamento, mas recusou todos os pretendentes. Cometeu várias tentativas de suicídio. Em uma das vezes, tomou arsênico, e deram-lhe grande quantidade de leite, como antídoto. Afinal tomou cianureto, em conseqüência do que morreu imediatamente, a 12 de outubro de 1921.

Algum tempo depois da morte de Emilia, a Sra. Ida Lorenz assistiu a algumas sessões espíritas, nas quais recebeu comunicações de um Espírito que dizia ser Emilia. Estas reuniões eram compostas de um grudo de amadores dentre os quais a própria Ida Lorenz parece ter sido uma das principais possuidoras de tudo quanto a capacidade psíquica manifestava. As comunicações de "Emilia" pareciam ser dirigidas diretamente a Ida Lorenz, fato que devemos lembrar ao avaliar a origem da idéia de que Emilia retornaria à existência terrestre. "Emilia" manifestou arrependimento pelo suicídio, e disse que desejava voltar na sua família, porém como menino. Segundo Lola Moreira, (repetindo o que ouvira de sua mãe), Ida Lorenz não acreditou no desejo de "Emilia", comunicando que voltaria como menino. Mas a mesma comunicação foi dada em três ocasiões diferentes, em que "Emilia" disse: "Mamãe, receba-me como seu filho. Virei como seu filho". Dentre os filhos, somente Ema Bieszczad teve conhecimento da predíção de "Emilia" nas sessões, de que retornaria como menino; e nada soube até que Paulo já estava com dois a três anos. Os outros filhos não ficaram sabendo disso senão muito tempo depois. Quando Ida Lorenz relatou esta comunicação ao marido, ele manifestou incredulidade quanto ao fato de Emilia querer mudar de sexo. Se as comunicações referentes a tal intenção foram ou não do Espírito desencarnado de Emilia, não tem importância aqui; eu as menciono apenas pela influência que elas, e o

modo como os Lorenz as receberam, possam ter tido na possibilidade de o Sr. e a Sra. Lorenz favorecerem uma mudança de orientação sexual em seu próximo filho.

Na época da morte de Emilia, Ida Lorenz já tinha tido doze filhos, dos quais a mais nova era Marta Lorenz (nascida a 14 de agosto de 1918, três anos antes), e não esperava engravidar novamente. Não obstante ficou grávida mais uma vez, e a 3 de fevereiro de 1923, pouco menos de ano e meio depois da morte de Emilia, deu à luz um menino. Deram-lhe o nome de Emílio, mas é chamado, na família e neste relatório, de Paulo, seu nome na intimidade.

Nos primeiros quatro ou cinco anos de vida, Paulo recusou resolutamente usar roupas de menino. Usava roupas de menina, ou nenhuma. Brincava com meninas e com bonecas. Fez vários comentários, confirmando sua identidade com Emilia. Mostrou uma excepcional habilidade para costura, e tinha também em comum com Emilia vários outros traços ou interesses.

Quando Paulo tinha quatro ou cinco anos, fizeram-lhe um par de calças de uma saia que havia sido de Emilia. Isto parece ter-lhe agradado e, a partir de então, consentiu em usar roupas de menino. Gradativamente sua orientação quanto ao sexo mudou para o lado masculino, mas eram óbvios importantes elementos de feminilidade em sua adolescência, e uma acentuada identificação feminina (para um homem) perdurou até a época da minha investigação do caso, em 1962.

No verão de 1962, eu tive conhecimento deste caso por gentileza de Waldomiro Lorenz, irmão mais velho de Paulo. O próprio Sr. Lorenz havia testemunhado alguns dos acontecimentos do caso. Falei com Paulo e também com seis de suas irmãs mais velhas, que disseram lembrar-se de fatos da infância de Paulo. Como já forneci uma lista desses informantes com relação ao caso de Marta, não os apresentarei novamente aqui. Suas idades ao tempo dos acontecimentos do caso de Paulo podem ser deduzidas das informações dadas nas páginas 178 e 188-189[11].

Comportamento e Declarações de Emilia e de Paulo Indicativos da Identificação de Paulo com Emilia.

Darei adiante, em forma de tabulação, os detalhes das semelhanças entre Emilia e Paulo e o comportamento deste, indicativo de sua identificação com Emilia. Nessa tabulação fiz uma lista dos itens importantes relativos ao comportamento de Emilia ou as declarações dela, assim como de Paulo. Os informantes desses itens estavam quase sempre em condições de conhecer e de comprovar a relevância dos itens relativos a ambas as personalidades. Em alguns casos, o informante testemunhou somente quanto ao comportamento de uma das personalidades, e um outro informante, mencionado nos comentários, forneceu a informação em correspondência com o comportamento da outra personalidade. Por isso, não incluí nessas tabulações uma coluna de verificações.

[11] Acho importante dizer novamente que entrevistei separadamente todas as irmãs mais velhas de Paulo, que foram informantes neste caso. Contudo, o Sr. Waldomiro Lorenz atuou como intérprete em todas as entrevistas, com exceção de uma com a Sra. Ema Moreira. Pode-se supor que a presença, a espectação e as interpretações do Sr. Lorenz diminuíram a independência dos diferentes testemunhos. Isto sem dúvida ocorreu, de certo modo, mas eu entendia suficientemente o português para saber que os vários depoimentos estavam se desenrolando muito espontaneamente e com pouca influência do intérprete.

Particularidade da Inclinação para Costura, Demonstrada por Paulo.

Parece que Emilia demonstrou talento para costura. Ela gostava de coser e ultrapassava de muito em competência suas irmãs mais novas. A mãe delas, Ida Lorenz, não gostava de coser e nunca usou uma máquina de costura, mas compraram uma para Emilia, que a usou bastante. Depois da morte de Emilia, esforçaram-se por ensinar Augusta, uma das irmãs mais novas, a coser, mas fracassaram completamente. Então uma outra das irmãs aprendeu a costurar mas nunca se tornou tão perita quanto o fora Emilia. Marta e Lola também aprenderam a coser, mas não demonstraram a habilidade de Emilia. Como foi dito acima, fizeram uma tentativa para fazer de Marta uma costureira (já que não tinham posses suficientes para que ela fizesse um curso de professora), porém ela não gostava dessa profissão nem demonstrou competência para ela.

Ao contrário, Paulo manifestou real habilidade para costura antes de ter recebido qualquer instrução, e isso quando tinha menos de cinco anos. As testemunhas são acordes em afirmar que Paulo não apenas demonstrou interesse e aptidão para costura em tenra idade, mas também uma real habilidade antes de ter recebido instruções para tal mister. Depois da sua mudança no sentido de um desenvolvimento mais masculino, quando tinha cerca de cinco anos, Paulo não continuou a desenvolver sua perícia em costurar. Como adulto, sua habilidade agora não poderia ser comparada com a das irmãs, que continuaram a coser. O que temos a considerar aqui é a manifestação desse pendor em tenra idade e antes de receber qualquer instrução.

SUMÁRIO DO COMPORTAMENTO E DAS DECLARAÇÕES DE EMILIA E PAULO, INDICATIVOS DA IDENTIFICAÇÃO DE PAULO COM EMILIA.		
Item	**Informantes**	**Comentários**
1. Declarações de Emilia, antes de morrer, de que desejava voltar como homem, se reencarnasse.	Ema Bieszczad, irmã mais velha que Paulo. Lola Moreira, irmã mais velha que Paulo. Ana Arginiro, irmã mais velha que Paulo. Ema Moreira, irmã adotiva, mais velha que Paulo. W. Lorenz, irmão de Paulo.	Não contado aos pais pelos filhos que ouviram Emilia fazer essas declarações. Lola Moreira declarou que os filhos não tinham com os pais familiaridade suficiente para contar-lhes coisas daquela espécie. W. Lorenz lembra-se de que, já adulto, falou ao pai sobre o desgosto de Emilia por ser mulher e o pai mostrou surpresa, não tendo ouvido falar nisso antes. Emilia fazia melhor roupas de homem e de menino do que roupas femininas.
2. Gosto de Emilia e de Paulo por viagens.	Ana Arginiro.	Aparentemente, uma das razões por que Emilia desejava ser homem. Como mulher, no Brasil do começo do século XX, ela não podia viajar com facilidade. Paulo, segundo W. Lorenz, com quem atualmente reside, gosta especialmente de viajar, e nisso aplica suas férias.
3. Habilidade incomum, de Emilia e Paulo, na costura.	Ema Moreira. Ana Arginiro. Lola Moreira.	Emilia tinha demonstrado grande perícia em costura e possuía a única máquina de costura da

	W. Lorenz. Florzinha Santos Menezes, irmã adotiva mais velha que Paulo. Marta Lorenz Huber. Ema Bieszczad.	família. Várias testemunhas relataram a precoce competência de Paulo em costura. Lola Moreira recordou-se de que, quando Paulo era "extremamente pequeno" e uma empregada estava tentando desajeitadamente manobrar a máquina de costura, ele a empurrou para o lado e mostrou-lhe como trabalhar com a máquina, cosendo nela um saquinho. W. Lorenz e Florzinha Menezes lembram-se de que, uma vez, quando Paulo tinha mais ou menos quatro anos, ela (Florzinha) estava tendo dificuldade em enfiar a máquina e Paulo mostrou-lhe como fazê-lo. Marta Lorenz Huber e Lola Moreira lembram-se de que uma ocasião deixaram na máquina um bordado por acabar; Paulo, na ausência delas, terminou o trabalho deixado. Estes três episódios, mencionados atrás, ocorreram quando Paulo ainda não havia recebido aulas de costura. Ema Bieszczad lembrou-se de ter visto Paulo trabalhando na máquina de Emilia, antes de ter recebido aulas. Declarou que, certa vez, quando alguém perguntou a Paulo como é que ele sabia coser sem haver tomado lições, ele respondeu: "Eu já sabia coser." Ema Moreira lembra-se igualmente da perícia de Paulo em manejar a máquina de costura quando tinha quatro anos, e antes de tomar lições. Ana Arginiro recorda-se também que Paulo sabia coser muito bem, antes de receber qualquer instrução, e que não queria ser ensinado, dizendo que já sabia. Além de descreverem o talento de Paulo em costura, vários informantes mencionaram seu gosto por ela. Freqüentemente ele ia para a máquina de costura, e a manejava sozinho, apesar da proibição das outras irmãs.
4. Tentativas, sem êxito, de Emilia e Paulo para tocar violino.	Ema Bieszczad.	Tanto Emilia como Paulo, queriam aprender violino; tentaram, mas faltava-lhes jeito.
5. Preferência de Emilia como de Paulo, por Lola, dentre os irmãos e irmãs da família.	Marta Lorenz Huber.	Lola era a irmã favorita de Emilia e também de Paulo, que manifestou o desejo de mudar-se da casa de W. Lorenz e ir morar

		com Lola, atualmente viúva.
6. Pouco interesse pela cozinha, por parte de Emilia e de Paulo.	Marta Lorenz Huber.	Marta declarou: "Ele (Paulo) não era muito interessado em cozinha, e nem Emilia".
7. As primeiras palavras faladas por Paulo, com três anos e meio, ao ver uma outra criança pôr alguma coisa na boca, foram: "Cuidado! As crianças não devem pôr coisas na boca. Pode ser perigoso."	Ema Bieszczad.	Paulo demorou tanto a falar, que houve dúvidas quanto à sua capacidade de fazê-lo, ou de que pudesse ouvir. Algumas crianças (freqüentemente os filhos menores cujas necessidades são atendidas pelos outros) não falam até os três ou quatro anos, e depois, começam com sentenças inteiras, e Paulo parece ter sido um exemplo disso. Depois de duas tentativas de suicídio ingerindo veneno, tendo a segunda vez dado resultado, a Emilia renascida poderia ter ficado cautelosa quanto a pôr coisas na boca.
8. Tanto Emitia como Paulo tinham o hábito de quebrar as beiradas dos pães frescos.	Ema Bieszczad.	Esse hábito parece ter sido exclusivamente de Emilia e Paulo, na família.
9. Recusa de Paulo em usar roupas de menino, antes dos quatro ou cinco anos.	Marta Lorenz Huber. Lora Moreira. Ema Moreira.	Florzinha Menezes e Ana Arginiro recordam-se de que Paulo gostava de roupas de menina. Não falaram em nenhuma recusa categórica de sua parte em usar roupas de menina.
10. Declarações de Paulo, dizendo ser menina.	Marta Lorenz Huber. Ana Bieszczad. Ema Moreira.	Para Marta, Paulo disse uma vez: "Não sou bonito? Vou andar como menina." Para Ema Bieszczad costumava dizer: "Sou menina". Ema Moreira também se lembra de ter ele dito que era menina.
11. Preferência de Paulo para brincar com meninas e bonecas.	Marta Lorenz Huber. Lola Moreira. Ema Moreira.	
12. Afirmação de Paulo de ter estado na casa de D. Elena; descrição exata da casa de D. Elena.	Ema Bieszczad.	W. Lorenz disse que Emilia havia tomado aulas de costura com D. Elena.
13. Declaração de Paulo dizendo que havia tomado aulas de costura com D. Elena.	Marta Lorenz Huber segundo W. Lorenz, que não ouviu pessoalmente esta declaração.	Emilia havia tomado aulas de costura com D. Elena.
14. Paulo não gostava de leite.	W. Lorenz. Lola Moreira.	Na ocasião da sua primeira tentativa de suicídio com arsênico, Emilia foi obrigada a tomar grande quantidade de leite. A fobia de Paulo por leite (sua aversão é tão intensa que justifica essa palavra) pode se relacionar com este episódio. W. Lorenz não pode lembrar-se se Emilia tinha esse horror a leite no período entre essa tentativa de suicídio sem resultado e a

		outra tentativa ulterior em que foi bem sucedida. Perguntou a uma outra irmã mais velha, Augusta Praxedes (nascida a 18 de junho de 1905, que só nisso foi testemunha no relatório desse caso) a respeito dessa fobia pelo leite, por parte de Emilia. Ela se recordava de que Emilia tomara leite com prazer, quando pequenina, e passou a ter essa fobia depois de adulta. Portanto, não se sabe exatamente quando Emilia adquiriu essa fobia por leite, mas parece razoável deduzir que isto surgiu depois de ter ela usado o leite no tratamento de uma (e possivelmente outra) tentativa de suicídio. De qualquer forma, observou-se essa fobia pelo leite em Emilia quando adulta, e em Paulo quando em tenra idade. W. Lorenz assegurou que Paulo detestou leite "a vida toda".
15. Reconhecimento, por parte de Paulo, da máquina de costura de Emilia.	Marta Lorenz Huber. Ema Moreira. Lola Moreira.	Na ocasião em que terminou o bordado de Marta Lorenz Huber, que havia ficado por acabar na máquina de costura (item 3, Comentários), Paulo disse que a máquina era dele e que costumava usá-la. No momento (veja item 3, acima) em que Paulo empurrou a empregada para o lado para mostrar-lhe como se manejava a máquina de costura, Lola Moreira perguntou a Paulo: "Como é que você sabe fazer isto?" e Paulo respondera: "Esta máquina era minha, e já cosi multo com ela". Ema Moreira também se lembrava de Paulo ter dito que a máquina era dele. Ele dissera; "Esta máquina era minha. Vou coser." De fato, a máquina de costura havia pertencido a Emilia.
16. Reconhecimento por parte de Paulo, do túmulo de Emilia e interesse que por ele demonstrou.	Marta Lorenz Huber. Lola Moreira.	Marta Lorenz Huber levou Paulo em visita ao cemitério. Em vez de andar por ali vendo os vários túmulos, Paulo ficou parado todo o tempo diante da sepultura de Emilia. Disse: "Estou olhando meu túmulo." Lola Moreira recordava-se de que Paulo, certa vez, ficou longo tempo diante do túmulo de Emilia. Uma vez apanhou uma flor em outro túmulo, pôs no túmulo de Emilia e sorriu. Florzinha Menezes

		lembrava-se de que quando ia ao cemitério, Paulo lhe dava flores para pôr no túmulo de Emilia.
17. Reconhecimento por parte de Paulo, de um vestido que pertencera a Emilia.	Marta Lorenz Huber.	Da fazenda de uma saia em desuso, de Emilia foram feitas umas calças para Paulo. Ele reconheceu a fazenda e disse: "Quem diria que depois de ter eu usado esta fazenda em uma saia, iria usá-la depois em umas calças?" Ele gostava especialmente dessas calças, e as preferia a quaisquer outras. Segundo Lola Moreira, depois de haver ganho essas calças aos quatro ou cinco anos, venceu sua relutância em usar roupas de menino.

Orientação Sexual de Paulo na Idade Adulta.

Como já foi dito, quando tinha cerca de 4 ou 5 anos, Paulo aceitou as calças de menino, e aos seis anos começou a perder os pronunciados traços femininos, embora esses permanecessem proeminentes até sua adolescência. Em 1962, Paulo, com a idade de 39 anos, conservava uma tendência mais feminina que muitos dos homens de sua idade. A evidência desta declaração está primeiramente no fato de nunca ter se casado, e nunca ter demonstrado inclinação para isso. Na realidade, ele pouco trata com mulheres, exceção feita das irmãs.

Em 1962, apliquei a Paulo o teste do desenho de figuras humanas[12] modificado. Neste teste, pede-se ao paciente que desenhe três figuras humanas, em vez das duas costumeiras. Quanto à primeira figura, o sexo fica à escolha do paciente. Quanto à segunda pede-se ao paciente que desenhe uma pessoa do sexo oposto. Quanto à terceira figura a escolha é deixada outra vez ao paciente. Tiram-se inferências da escolha do paciente nas opções "livres" do sexo da figura, como também dos próprios desenhos. Paulo preferiu desenhar mulheres, nas duas oportunidades de opção "livre". Durante o teste, a princípio, ele não entendeu as instruções para desenhar "uma pessoa de qualquer sexo" (terceiro desenho) e pensou que devesse desenhar alguém de sexo indeterminado ou neutro. Porém a figura que então desenhou era também pronunciadamente feminina, com longos cabelos. Dessas evidências parece seguro concluir que, embora Paulo estivesse então com muito menos tendência para a feminilidade do que estivera quando criança, persistia nele um grau definidamente maior de tal tendência do que em outros homens de sua idade.

Comentários sobre a Evidência de Conhecimento e Comportamento Paranormal da Parte de Paulo.

Como no caso de Marta Lorenz, os pais de Paulo esperavam o retorno de Emilia. Contudo, pelo testemunho já citado, parece provável que os filhos e os pais não

[12] L. Whitakcr. "The Use of an Extended Draw-a-Person Test to Identify Homosexual and Effeminate Men". *Journal of Consulting Psychology*, Vol. 25, 1961, pg. 482-485.

compartilhavam a mesma informação quanto às intenções de Emilia de retornar para a família.

Vários dos irmãos e irmãs de Emilia a tinham ouvido afirmar seu desejo de ser homem e a esperança de que, caso reencarnasse, voltaria como homem. Mas há razões para crer que os pais desconhecessem estas assertivas de Emilia; (a) porque Lola Moreira afirmou que os filhos não teriam relatado tais declarações aos pais; e (b) porque W. Lorenz lembra-se de que seu pai ficou muito surpreso, quando ele (W. Lorenz) falou-lhe sobre as declarações de Emilia, numa ocasião em que, já depois de adulto, esteve discutindo o caso com o pai.

De sua parte, parece que os pais nada haviam contado aos filhos sobre as sessões espíritas, nas quais acreditavam que Emilia tivesse comunicado sua intenção (para eles surpreendente) de retornar como menino. W. Lorenz afirmou que somente soubera destas comunicações através de seu pai, na conversa a que nos referimos nos parágrafo precedente, depois que já era adulto, Lola não pôde lembrar-se exatamente de quando teve conhecimento das comunicações feitas nas sessões, mas achava que Paulo "já era um menino grande", naquela ocasião. Ema Bieszczad soube das comunicações de "Emilia" nas sessões, quando Paulo tinha de dois a três anos, e ela, dezoito. Declarou que não se interessou pelo assunto, e que não falou com mais ninguém a respeito.

Se aceitarmos esse testemunho, podemos supor que as crianças da casa sabiam que Emilia não tinha gostado de ser mulher e pensava em poder retornar como homem, porém (com exceção de Ema Bieszezad) não tiveram ciência da intenção de "Emilia" comunicando que retomaria quando elas eram jovens. Reciprocamente, os pais de Emilia nada sabiam a respeito do seu desgosto de ser menina, mas tinham conhecimento do desejo da "Emilia" que dera a comunicação, de retomar como menino.

Estas considerações tornam-se importantes em qualquer avaliação da possibilidade de ter a família de Paulo influenciado relativamente à sua tendência para a feminilidade. Se os filhos tivessem concebido antes a idéia de que Paulo era, de fato, Emilia renascida, poderiam ter assumido uma atitude que reforçasse o comportamento afeminado em Paulo. Contudo, seu conhecimento da revolta de Emilia contra a feminilidade poderia igualmente tê-los induzido a influenciar Paulo quanto à concretização do desejo de Emilia, de ser homem. O Sr. e a Sra Lorenz poderiam ter influenciado Paulo à afeminação porque tinham razões (acreditavam eles) para pensar que Emilia tinha renascido como seu filho, e tinham demonstrado surpresa ante as comunicações de "Emilia" no sentido de que ela desejava mudar de sexo e retornar como menino.

W. Lorenz acha muito improvável que os país influenciassem Paulo para uma ou outra tendência. Ele também não acha que os pais tivessem preferência por algum sexo para os filhos. Tinham igual número de meninos e meninas. Numa família de treze filhos, onze atingiram idade de casar, e todos casaram, com exceção de Emilia e Paulo. Este fato torna menos provável qualquer repressão geral mais acentuada por parte dos pais ao desenvolvimento sexual dos filhos, conquanto seja possível que, por razões desconhecidas, Emilia e Paulo fossem escolhidos pelos pais para se amoldarem ao sexo oposto[13].

[13] A. M. Johnson ("Factors In the Etiology of Fixations and Symptom Choice", *Psychonalytic Quarterly*, Vol. 22, 1953, 475-496) contou um caso de transvestismo num menino de seis anos com evidência (obtida através de entrevistas terapêuticas com a criança e a mãe) de que a mãe do menino favorecia seu

À possível influência dos pais de Paulo em seu desenvolvimento sexual é realmente menos importante do que a questão de saber se essa influência em Paulo poderia ou não, ter resultado na identificação de Paulo com Emilia. O número de itens informativos que expressam uma identificação clara, é muito menor que no caso de Marta Lorenz (os itens 12, 13, 15, 16 e 17 são os únicos indiscutíveis nesse grupo). Porém, se acrescentarmos a esses itens as observações quanto às características de comportamento comuns a Emilia e a Paulo, i.é., amor a viagens, grande interesse pela costura, pouco interesse pela cozinha, não gostar de leite e o hábito de tirar as beiradas dos pães, já teremos no conjunto considerável evidência de identificação de Paulo com Emilia. Paulo claramente considerava sua vida uma continuação da de Emilia. Se as influências paternas ou de outras pessoas, exercidas sobre os filhos, podem ou não ter força para fazer a criança demonstrar uma identidade totalmente diferente da sua, é questão de que me ocuparei na Discussão Geral que se seguirá.

Mesmo supondo que as influências sobre Paulo, exercidas pela família, possam explicar sua identificação com Emilia, isto não justificaria sua prematura habilidade em costura[14]. Várias testemunhas depuseram quanto à manifestação de tal habilidade por parte de Paulo, antes de ter ele recebido qualquer instrução a respeito. Existe uma diferença importante e fundamental entre uma aptidão, por um lado, o interesse por alguma coisa ou a posse de informação sobre ela, por outro. Paulo poderia ter adquirido gosto pela costura como parte de sua identificação com o sexo feminino, que muitas vezes se interessa pela costura como ocupação. (Mas ele não se interessava muito por arte culinária, e nem Emilia). E ele poderia ter obtido informação quanto ao dono da máquina de costura, e quanto às lições de costura que Emilia recebera de Dona Elena, através de membros da família, ou normalmente ou por percepção extra-sensorial. Mas essas vias não bastam para explicar a manifestação de uma habilidade específica por parte de Paulo, antes de receber qualquer instrução.

O presente caso parece menos positivo do que o seria um autêntico caso de xenoglossia, visto desconhecermos os limites da transmissão genética de aptidões. Muita gente acha, creio eu, que a idéia de transmissão genética da habilidade de falar uma língua estrangeira encontra mais credulidade do que a idéia da sobrevivência, Mas a transmissão genética de uma aptidão, como a de costurar, aproxima-se mais estreitamente daquilo que costumamos reconhecer possível através da hereditariedade. Além disso, no presente caso, as duas personalidades que possuíam a aptidão eram da mesma família. Talvez a hereditariedade possa justificar a ocorrência da habilidade para costura em dois filhos dos mesmos pais. Porém é importante não resolver a questão por conclusões apressadas. Estamos acostumados a atribuir à hereditariedade a ocorrência de aptidões em membros da mesma família (como o dom da música na família Bach, ou o gosto pela ciência, na família Darwin). Entretanto, esses dotes em adultos de uma

---

transvestismo. Ela detestava o sexo masculino e tinha predileção pela irmãzinha do menino, de dois anos. Neste caso, o menino "realmente preferia ser o bebê da casa a ser menina. Profundos resíduos do seu desejo de ser menina perduraram, entretanto, após a rivalidade com a irmã ter sido desfeita através intensa terapia."

[14] Uma análise clara das possibilidades contidas nos casos que apresentam habilidades requer uma discriminação cuidadosa entre *interesse* por uma atividade, *aptidão* para adquirir habilidade nela, e uma real competência ou *habilidade* na mesma. Infelizmente, estas três qualidades com freqüência aparecem juntas, talvez inevitavelmente assim aconteça. Além disso, é sempre extremamente difícil distinguir aptidão e habilidade uma vez que tenha ocorrido algum aprendizado.

mesma família não significam necessariamente que foram herdados. A pessoa que demonstra o dom pode ter herdado um interesse pelo assunto pelo qual mostrou aptidão, e também pode ter nascido em uma família que favorecesse seu desenvolvimento, ou pode haver herdado uma aptidão para aprender essa atividade. Podemos, assim, notar exemplos de rápida aquisição de uma habilidade sob circunstâncias favoráveis, em vez de exemplos de habilidades herdadas.

Experiências feitas com animais quanto à hereditariedade de inteligência, avaliada pela habilidade em percorrer um labirinto, ilustram a distinção que desejo salientar. Tryon criou raças de ratos que aprenderam a percorrer um labirinto muito mais rapidamente que raças derivadas de ratos inicialmente menos inteligentes[15]. Esses ratos superiores não herdaram a habilidade de percorrer o labirinto; herdaram uma aptidão para aprender a percorrer o labirinto em um menor número de tentativas do que ratos de outras raças menos dotados.

Embora não possamos decidir se foi a hereditariedade ou a reencarnação o motivo da habilidade em costurar demonstrada por Paulo, sob um certo aspecto a reencarnação pode impor-se como uma explicação mais completa do fenômeno. A transmissão genética pode ser responsável pela repetição, na mesma família, de um dom especial; entretanto, não justifica por si mesma a ocorrência desse dom em dois diferentes membros da família, e não em nenhum mais dos outros treze filhos. Ao contrário, a teoria da reencarnação se aplicada ao presente caso, relaciona a ocorrência da habilidade para costura, em Paulo com a de Emilia, fazendo supor que a personalidade de Paulo era uma continuação da personalidade de Emilia, mas ocupando um corpo diferente. Em resumo, a hereditariedade pode ser a causa de *semelhanças* entre membros da mesma família; a reencarnação pode ser a causa de algumas das *diferenças*. Entretanto, o poder explanatório de uma teoria não a torna necessariamente superior a outra teoria oponente, mas menciono esta distinção entre o que a hereditariedade pode explicar e o que a reencarnação pode explicar, porque devemos ter em mente as limitações do que a genética pode hoje apresentar-nos sobre a diferenciação humana. Devemos continuar tentando outras teorias, inclusive a da reencarnação, buscando preencher essas lacunas dos nossos conhecimentos.

O Desenvolvimento Posterior de Paulo

Após meu encontro com Paulo Lorenz em 1962 não o vi novamente. Em 1967 seu irmão Waldomiro Lorenz escreveu-me que Paulo havia cometido suicídio em 5 de setembro de 1966. Ele próprio ainda estava emocionalmente destruído por este evento e incapaz de comunicar muitos dos detalhes que levaram Paulo a cometer suicídio então tive que esperar até fevereiro de 1972, antes de poder saber bastante sobre o que aconteceu. Naquela época estava em Porto Alegre novamente e tive uma longa conversa com Waldomiro Lorenz bem como com suas irmãs (e de Paulo), Marta Lorenz Huber e Ema Estelita Lorenz Bieszczad.

Paulo Lorenz passou algum tempo no Exército Brasileiro e aposentou-se cedo com o posto de sargento por causa de doença. Tinha tuberculose pulmonar e gastou alguns anos re recuperando e convalescendo desta doença. Depois (de 1952 em diante) foi empregado no Departamento de Rodovias. Mais tarde na vida tomou alguma parte em

[15] R. C. Tryon. "Individual Differences", em *Comparative Psychology*. (Ed. F. A. Moss). New York: Prentice-Hall, Inc., 1942.

atividades políticas no lado do Partido Trabalhista. Em 1963 o Presidente parlamentarista do Brasil, João Goulart, foi deposto por uma insurreição militar e nos anos seguintes (1964-66) os líderes militares apertaram seu controle do país e virtualmente suprimiram toda a oposição, ao menos de partidos políticos oficialmente permitidos. Paulo Lorenz tinha sido um amigo de um dos líderes do Partido Trabalhista que tinha fugido para o Uruguai. Ele ficou deprimido e sentia que o governo militar o estava observando. Esta convicção fortaleceu-se quando foi de fato pego pelas autoridades militares e agredido durante uma "interrogação". Depois disto desenvolveu idéias ilusórias sobre ser observado por agentes do governo militar. Acreditava que o governo militar iria prendê-lo e vivia com constante temor disto. Apesar da base racional para alguma preocupação na sua parte devido a realmente ter sido espancado por representantes do governo militar, a sua família pensou que suas idéias de perseguição excediam o que os fatos justificavam e que tinha tornado-se ilusivo no assunto. Não obstante, e para muito de seu pesar mais tarde, demoraram em tomar medidas para arranjar para Paulo tratamento psiquiátrico.

Durante os meses antes de se matar Paulo fez ameaças suicidas e ao menos uma tentativa de se matar. Disse ao cozinheiro de Waldomiro Lorenz que ia atirar em si mesmo. E uma vez tentou se matar injetando ar na veia, mas foi salvo desta tentativa[16].

A família não tinha ignorado estes avisos de Paulo, e Waldomiro tinha planejado leva-lo para tratamento psiquiátrico. Mas antes que tivesse feito isto e cerca de dois meses depois da tentativa fracassada de suicídio mencionada acima, Paulo, que estava então vivendo com sua irmã, Lola Moreira, entrou num banheiro, despejou algum líquido inflamável em si mesmo e tacou fogo em seu corpo e roupas. Fez isto por volta das 7:00 da manhã e morreu dez horas depois sem ter expressado qualquer arrependimento por sua ação.

A morte de Paulo chocou sua família enormemente. Sua irmã mais velha Marta ficou tão transtornada que teve de ser admitida e tratada num hospital por várias semanas. E seu irmão Waldomiro ficou talvez ainda mais afetado. De fato, ficou severamente deprimido e não tinha se recuperado completamente na época de minha visita à família em fevereiro de 1972.

Apesar de meus três informantes sobre o suicídio de Paulo concordarem que os problemas políticos de Paulo foram fatores desencadeantes em sua doença paranóica, depressão e suicídio, não propuseram a superficial interpretação que estes embrólios políticos de Paulo foram os únicos, ou mesmo os mais importantes fatores no seu suicídio.

Na primeira edição deste livro mencionei que Emilia antes de seu suicídio tinha expressado o desejo de renascer como homem. Sua razão dada par ao desejo de mudar de sexo eram as restrições às mulheres que existiam no Brasil na primeira metade deste século. Desejava em particular liberdade para viajar, a qual era virtualmente impossível a uma mulher solteira então, e não frequentemente praticável para uma mulher casada

[16] Waldomiro Lorenz escreveu-me em 1967 que Emilia também tinha tentado se matar da mesma maneira. Eu não tinha sabido disto em 1962. Naquela época os informantes me disseram que Emilia tinha feito fracassadas tentativas de suicídio antes de ser bem sucedida em se matar. Numa destas ocasiões tomou veneno e em outra tentou se enforcar. Eles não tinham então mencionado que Emilia tinha tentado o método de injetar ar na veia.

com filhos. Paulo, como um homem, gozava de liberdade para se locomover por onde desejasse e costumava passar suas férias viajando, um hábito que continuou quase até sua morte. Mas parece ter procurado liberdade pagando o preço da solidão. Como mencionei anteriormente, ele era marcadamente feminino em seus hábitos e atitudes quando criança e reteve algumas tendências femininas ao adentrar na meia idade. Parece provável que uma combinação deste desejo de liberdade e sua identificação feminina o impediram de se casar, e morreu solteiro.

V
SETE CASOS SUGESTIVOS DE REENCARNAÇÃO ENTRE OS ÍNDIOS TLINGIT DO SUDESTE DO ALASCA

INTRODUÇÃO

Os índios Tlingit[1], que habitam a maior parte sudeste do Alasca acreditam na reencarnação, e essa crença constitui um importante aspecto do seu comportamento religioso e social. Outras tribos nativas de várias partes da América do Norte e do Sul têm tido essa mesma crença na reencarnação, mas somente no extremo noroeste da América do Norte transformou-se essa crença num sistema coerente de idéias[2]. Os povos circunvizinhos dos Tlingits, como os Haidas, que vivem ao sul dos Tlingits, no sudeste do Alasca e em Queen Charlotte Islands, da Colúmbia Britânica; os Tsimsyans[3] que habitam na costa da Colúmbia Britânica a leste dos Haidas: os Athapaskans, ao norte [4,5]; os Esquimós, ao noroeste, e os Aleutas, a oeste, todos crêem na reencarnação. Restringirei este relato (quase inteiramente) às concepções dos Tlingits sobre a reencarnação e aos casos sugestivos de reencarnação que ocorrem entre eles. Entre os Tlingits, como entre quaisquer outros povos, as idéias baseadas no conhecimento da reencarnação influenciam a atitude para com os indivíduos que alegam lembrar-se de uma vida anterior, e podem mesmo ser relevantes para a ocorrência de tais casos. Antecedi, portanto, os relatos dos casos, de uma apresentação das idéias dos Tlingits sobre a reencarnação e sobre certos outros tópicos a ela relacionados.

As informações históricas sobre o Alasca iniciam-se em 1741, com a visita àquele território, em navios russos, do navegante dinamarquês Vitus Bering. Depois de Bering vieram outros exploradores, como James Cook, e, em seguida a eles, muitos

---

[1] Pronuncia-se mais ou menos "Klin-gít", mas a primeira consoante aproxima-se mais do "ch" alemão (ex.: achtung) ou escocês (ex.: loch) do que do "k" inglês. Os nativos do sudeste do Alaska eram chamadas "Kolush" pelos russos (francês: Koloche).

[2] Os Incas do Peru acreditavam na reencarnação, porém no mesmo corpo carnal, não em outro. Sua crença parecia-se um tanto com a dos antigos Egípcios e, de modo semelhante, os levou à pratica da. mumificação do corpo físico após a morte. Em contraposição, os Tlingit do Alasca, que acreditavam na reencarnação em outro corpo, usavam cremar os cadáveres até que os missionários suprimiram essa prática, no século XIX. Contudo, alguns Esquimós do sudeste do Alasca praticavam mumificação (no século XIX) e também acreditavam no renascimento em um novo corpo físico.

[3] M. Barbeau. Comunicação pessoal, 1962. O Dr. Barbeau declara que teve conhecimento da crença na reencarnação entre os Tsimsyans, durante suas investigações na Colúmbia Britânica, mas ainda não publicou seus dados. Há uma alusão ao renascimento em um dos textos publicados pelo Dr. Barbeau (*Tsimsyan Miths*. Ottawa: National Museum of Canada Bulletin Nº 174, Anthropological Series Nº 51/1961).

[4] Frederica de Laguna. Comunicação pessoal, 1962. Em 1965, confirmei isto, encontrando casos típicos de reencarnação entre os Athapaskans e Haidas, no Alasca.

[5] C. Osgood. *Contributions to the Etnography of the Kutchin.* Yale University Publications in Anthropology. New Haven: Yalen University Press, 1936.

comerciantes que apreciavam as peles de lontras marinhas que os índios capturavam e lhes vendiam. Contudo, as culturas ocidentais pouca atuação tiveram na região, até a fundação dos fortes russos e postos de comércio, nas últimas décadas do século XVIII.

Os Tlingits lutaram ferozmente com seus vizinhos e valentemente resistiram a seus conquistadores. Os russos, que governaram o Alasca aproximadamente de 1780 a 1867, nunca os dominaram completamente, embora tivessem mantido com eles relações comerciais satisfatórias. Os Tlingits dominaram as tribos circunvizinhas e obrigaram as interioranas a pagar-lhes tributo por seus negócios com os russos. Sob o domínio dos americanos, os Tlingits continuaram firmemente independentes por muitos anos, nunca consentindo que o governo os confinasse em territórios reservados. Os Tlingits demonstram uma atitude igualmente intransigente com relação a tentativas de influência sobre sua vida religiosa. Cremavam seus mortos e por muito tempo resistiram aos esforços dos missionários cristãos em ensinar-lhes a enterrar os corpos em sepulturas. Contudo, sua religião foi gradualmente sucumbindo, de modo que hoje em dia quase todos eles nominalmente professam o Cristianismo. Mas muitos Tlingits continuam a crer no mundo dos Espíritos. Têm ocorrido acusações de feitiçaria mesmo nos últimos anos. Persistiu também a crença na reencarnação e a maioria dos Tlingits a mantém mais ou menos intensamente.

Origem dos Tlingits

Os antropologistas concordam em que a espécie humana se desenvolveu dos ancestrais desse povo no Hemisfério Oriental, e que os ancestrais dos nativos pré-colombianos da América emigraram da Ásia. De modo geral são acordes também em crer que a maior parte da emigração da Ásia ocorreu há milhares de anos, através do Estreito de Bering, e a uma época em que a Ásia e a América eram ligadas por uma faixa de terra ou separada por uma passagem de mar muito mais reduzida do que o atual estreito[6].

Posteriormente, entre os etnologistas prevaleceu acordo com relação às tribos que por último emigraram da Ásia. Pois que, geralmente, (embora não universalmente) acreditam que os ancestrais dos índios da costa noroeste da América, inclusive os Tlingits, foram os últimos emigrantes da Ásia. A prova disso advém do fato de a arte, a arquitetura, os costumes e crenças dos povos do nordeste da Sibéria assemelharem-se mais estreitamente aos dos nativos do noroeste da América do que aos dos de qualquer outra tribo americana[7].

Mas, embora os entendidos estejam de acordo em que os ancestrais dos Tlingits e seus vizinhos foram os últimos emigrantes da Ásia, discordam quanto à época em que essas migrações ocorreram e quando terminaram. Como essa questão relaciona-se com a crença dos Tlingits na reencarnação, merece melhor análise aqui.

A maioria dos antropologistas acreditam que as migrações da Ásia e o contato entre as culturas da Ásia e da América cessaram milhares de anos antes da Era Cristã. Contudo, dão a idéia de que persistiu considerável contato entre a Ásia e o noroeste da América

---

[6] E. Antevs. "The Spread of Aboriginal Man to North America." *The Geographical Review*, Vol. 25, 1935, 302/309.

[7] F. Boas. "Relationshlps Between North-West America and North-East Asia", in *The American Aborigines: Their Origin and Antiquity*. (Ed., D. Jenness). Toronto: University of Toronto Press, 1933.

em plena Era Cristã e possivelmente até pouco tempo antes do começo do período histórico do Alasca, no século XVIII.

A evidência desses últimos contatos origina-se de várias fontes:

a) Os cantos fúnebres entoados pelos índios do noroeste da América assemelham-se extremamente às melodias fúnebres da China e Mongólia. Uma palavra, "Hayu", entoada repetidamente numa música fúnebre de uma tribo de índios noroestinos é também proferida seguidamente por cantores de música fúnebre na China e significa "Alas" (Ai!) em chinês[8,9]. Outra demonstração de pesar entre os índios noroestinos, como por exemplo, bater com a testa no chão, aparece também na China. Tambores cobertos de pele apenas de um lado são usados para canções desses índios e tambores semelhantes são utilizados na Sibéria, apenas pelos budistas[10].

b) Existem algumas similitudes entre as línguas do Alasca e da Ásia. Já me referi a uma delas atrás. Uma outra existe na palavra "shaman", que se aplica, em muitos lugares da Ásia (como também na Finlândia), a um sacerdote ou feiticeiro, e tem exatamente o mesmo significado na língua Yakut, do Alasca. (Contudo, a palavra correspondente a "shaman" em Tlingit é "ichta".) O vocábulo "shaman" é possivelmente uma corruptela de "Sramana", que significa Buda e daí, sacerdote budista, em sânscrito[11].

c) As ilhas Kurilas, a península Kamchatka e as ilhas Aleutas formam uma cadeia que se estende pelo Oceano Pacífico Norte, de modo tal que, com uma exceção, a distância entre duas pontas de terra nunca ultrapassa cento e sessenta quilômetros; e nessa exceção, entre as ilhas Copper e Attu, a distância é inferior a trezentos e vinte quilômetros. Nessa região, do Japão ao Alasca e Colúmbia Britânica, passa a corrente quente japonesa, que favorece grandemente a navegação do Ocidente ao Oriente nessa área. Em meados do século XIX, um junco japonês desmantelado foi levado por essa corrente à costa da Califórnia[12]. Juncos japoneses têm, com mais freqüência, sido arrastados para as Ilhas Aleutas[13].

d) Um manuscrito chinês do século V a.D. relata as viagens de um missionário budista chinês, o qual descreve uma viagem que fez a um país existente a grande distância ao leste da China. Esse documento chegou ao conhecimento dos estudiosos ocidentais do século XVIII, e foi objeto de profundo estudo no século XIX. A descrição que Hwui Shan fez de sua viagem às terras orientais, as quais chamou de Fusang, levou muitos

---

[8] M. Barbeau. "The Aleutian Route of Migration Into America." *The Geographical Review*, Vol. 35, 1945, 424-443.

[9] M. Barbeau. *Alaska Beckons*. Toronto: The Macmillan Company, 1947.

[10] *Ibidem*.

[11] E.P. Vining. *An Inglorious Columbus or, Evidence that Hwui Shan and a Party of Buddhist Monks from Afghanistan Discovered America in the Fifth Century*, A.D. New York: D. Appleton & Company, 1885.

[12] *Ibidem*.

[13] C.G. Leland. *Fusang, or the Discovery of America by Chinese Buddhist Priests in the Fifth Century*. New York: J.W. Bouton, 1875.

estudiosos a crer que ele viajara pela rota do Pacífico Norte, via Kamchatka e Alasca, chegando por acaso onde é hoje o México[14,15].

e) Diversos objetos de origem oriental têm sido achados em escavações de tal modo situadas, que denotam uma acentuada possibilidade de terem sido trazidos da Ásia, em tempos pré-históricos, embora não muito antes do início dos tempos históricos do século XVIII. Esses objetos incluem antigas moedas chinesas e um par de presas de babirosa (javali selvagem) das Celebes ou de ilhas vizinhas do sul do Mar da China. Outro desses objetos encontrados em escavações foi uma estatueta em bronze de Garuda, de um tipo comum em Bengala e no Nepal. É bastante improvável que essa imagem tenha aparecido na América antes de 1770, mas não pode ter vindo pela rota Kurilas-Aleutas; navios espanhóis provenientes de Manila, que cruzassem o Pacifico, nos séculos XVI ou XVII, poderiam tê-la trazido[16,17].

A Crença na Reencarnação Entre os Tlingits

Sabemos que os Tlingits não receberam sua crença na reencarnação através dos europeus, porquanto pessoas que viajaram ao Alasca, no início do século XVIII, já a encontraram firmada entre eles. Assim, Veniaminov sacerdote russo, posteriormente bispo no Alasca, faz referência à crença na reencarnação entre os Tlingits[18]. Veniaminov estudou os Tlingits após o início do comércio entre os europeus e os nativos do Alasca, porém antes de qualquer outra influência substancial dos europeus em sua cultura, como a que começou após os missionários americanos terem-se espalhado pelo Alasca, em meados do século XIX.

Segundo Veniaminov, "os Tlingits... acreditam que os mortos voltam a este mundo, porém apenas entre seus parentes... Por essa razão, se uma mulher grávida vê freqüentemente em seus sonhos um parente morto, ela crê que esse homem entrou nela; ou, talvez, se descobrirem no corpo do recém-nascido alguma semelhança com a pessoa morta, como um sinal de nascença ou um defeito que eles sabiam existir no corpo do finado, passam a crer firmemente que essa mesma pessoa retornou à terra e, por essa razão, dão à criança o nome do morto." [19]

Um antropologista francês, Pinart, referiu-se à crença da reencarnação entre os Tlingits (ou Koloches), em 1872[20]. Chamou a atenção para o fato de que, embora os Tlingits geralmente achem que a reencarnação se dá em outra forma humana, acreditam também

---

[14] E. P. Vining. *Op. cit.*, nº 11.

[15] C. G. Leland. *Op. cit.*, nº 13.

[16] M. Barbeau. *Op. cit*., nº 8.

[17] M. Barbeau. *Op. cit.,* nº 9.

[18] I. E. P. Veniaminov. *Reports About the Islands of the Unalaska Districts*. St. Petersburg: Imperial Academy of Sciences, 1840.

[19] *Ibidem*. Vide pág. 58. (Traduções da Sra. O. Podtiaguine.)

[20] A. Pinart. "Notes sur les Koloches". *Bulletins de la Société d'Anthtopologie de Paris*, Vol. 7, 1872, 788-811.

na transmigração de uma espécie animal a outra[21]. Pinart escreveu: "Freqüentemente acontece que, se uma mulher grávida vê em sonhos algum parente falecido há muito tempo, dirá que esse mesmo parente retornou no corpo dela e que ela o porá de novo no mundo." [22]Pinart focalizou também a existência, entre os esquimós ocidentais (do Alasca), de um sistema religioso muito mais elaborado, com cinco planos ascencionais de céu, a serem atingidos, cada um, após sucessivas encarnações na Terra, com transformação, purificação gradual e, posteriormente, libertação, do ciclo dos renascimentos. Pinart achou essas crenças muito semelhantes às da Ásia. [23]

No final do século XIX (1865), o etnólogo alemão Krause escreveu extenso relato sobre os costumes e crenças dos Tlingits[24]. Ele observou a crença na reencarnação entre os Tlingits e Haidas, mas parece não ter dado muita importância ao assunto e, em suas referências, baseou-se quase exclusivamente em Veniaminov. Vinte anos mais tarde (1904), Swanton, etnólogo americano, dedicou grande atenção ao assunto, em seu relatório sobre os Tlingits. Swanton refere uma história, que em seu tempo teve larga repercussão entre os Tlingits, e da qual ouvi uma versão em 1961. Cito a narração feita por Swanton: "Em uma certa guerra, um homem foi morto e subiu para Kiwaa (uma região do céu Tlingit) e, pouco tempo depois, uma mulher do seu clã deu à luz uma criança. Um dia, quando alguém estava falando sobre essa guerra, a criança pôs-se a chorar persistentemente e disseram-lhe: "Fique quieta. Por que está chorando? Por que chora tanto?" Então a criança retrucou: "Se você tivesse feito o que mandei e tivesse esperado primeiro a maré baixar teríamos destruído toda aquela gente". A criança era o mesmo homem que havia sido morto. Por seu intermédio souberam que havia tal lugar e que as pessoas que morreram violentamente estiveram lá... [25].

Swanton notou, como havia feito Veniaminov, a atenção que os Tlingits davam a marcas de nascença, como sinais de reencarnação. Um de seus informantes declarou que "se uma pessoa com um corte ou cicatriz no corpo morresse e reencarnasse, a mesma marca poderia ser observada na criança."

De Laguna resumiu as idéias dos Tlingits sobre a reencarnação, especialmente no que estas afetam as relações sociais e complexidades que ocorrem, quando uma família acredita que um membro falecido de uma geração retornou numa geração posterior[26].

---

[21] Porém Veniaminov, escrevendo trinta e cinco anos antes, categoricamente nega que os Tlingits acreditassem na transmigração da alma humana para corpos de animais. Antropologistas mais recentes também não relataram tal crença. Os Tlingits têm, na verdade, muitas lendas de transformação de seres humanos em animais, como homem em urso, mas estas diferem da idéia de renascimento em um novo corpo quer animal, quer humano.

[22] A. Pinart. *Op. cit.*, nº 20. Vide pág. 803. (Minha tradução).

[23] A. Pinart. "Esquimaux et Koloches: Idées religieuses et traditions des Kaniagmioutes." *La Revue D'Anthropologie*, Vol. 4, 1873, 674-680.

[24] A. Krause. *Die Tlingit Indianer*. Jena: Hermann Costenoble, 1885. Edição americana (Tradução por Erna Gunther), Seattle: University of Washington Press, 1956.

[25] John R. Swanton. "Social Condition, Beliefs and Linguistic Relationship of the Tlingit Indians." No 26º *Annual Report of the Bureau of American Ethnology*. (1904-05). Washington: Government Printing Office, 1908, 391-485. (Vide p. 463.)

[26] Frederica De Laguna. "Tlingit Ideas About the Individual." *Southwestern Journal of Anthropology*, Vol. 10, 1954, 172-191.

A crença dos Tlingits na reencarnação não é de maneira alguma tão desenvolvida quanto as doutrinas sobre o mesmo assunto no Hinduísmo e no Budismo. Mas abrange o conceito de carma (embora não chamado assim), com a expectativa de que os infortúnios de uma vida poderão diminuir em outra.

A esse respeito, Pinart escreveu o que segue: "É comum ouvir um homem doente ou um pobre dizer que deseja ser morto, de modo a poder voltar a uma vida jovem e saudável. Uma das razões da extraordinária bravura dos Koloches (Tlingits) é sua falta de temor à morte. Ao contrário, eles a buscam, fortalecidos pela esperança de logo retornarem ao mundo numa situação melhor."[27]

Veniaminov relatou que "Os pobres que observam a melhor condição de vida dos ricos e também a diferença entre os filhos dos ricos e os seus, freqüentemente dizem: "Quando eu morrer, com toda certeza voltarei na família de fulano ou sicrano", indicando a família de sua preferência. Outros dizem: "Oh, como seria bom eu morrer logo. Então eu voltaria outra vez e dentro de muito menos tempo."[28]

Num dos casos a ser descrito adiante (pág. 201), um homem idoso manifestou o desejo de que sofresse menos de gagueira na sua próxima existência. E num outro caso (não referido detalhadamente aqui), um pobre pescador, que se sentira muito tolhido pelo fato de não conseguir falar inglês, declarou antes de morrer que cultivaria o conhecimento de línguas em sua vida seguinte. A pessoa da geração seguinte com a qual foi posteriormente identificado possui, na verdade, muita habilidade e interesse por línguas, e aprendeu não apenas o inglês, mas também o russo e o alêuta, que falava tão bem quanto o tlingit.

Além da crença na reencarnação propriamente, e no conceito de carma ligando uma vida a outra, os Tlingits possuem duas outras concepções significantes relativas à reencarnação. Primeiro, os Tlingits acreditam que as crianças que se lembram de suas vidas pregressas são fadadas a morrer cedo, e procuram desencorajar a criança que afirme lembrar-se de uma vida anterior, de fazê-lo. Idêntica crença existe na Índia, Burma e Ceilão, onde as famílias de tais crianças freqüentemente fazem ingentes esforços no sentido de anular aparentes lembranças de uma vida anterior, reveladas por uma criança. Segundo, os Tlingits também acreditam no renascimento, em contraposição à reencarnação. De acordo com a concepção de renascimento, a personalidade velha dá origem à nova, como uma vela que está se extinguindo pode acender uma outra vela, e assim sucessivamente. Na reencarnação, por outro lado, a mesma personalidade continua, embora alterada pelas circunstâncias da nova vida. A reencarnação assim definida é um conceito do Hinduísmo e o renascimento do Budismo.

O Budismo, que se iniciou na Índia no século VI a.C., atingiu a China no século I a.D., e a Coréia em 372 a.D.[29,30]. Espalhou-se pelo Japão no século VI, e posteriormente

---

[27] A. Pinart, *Op. Cit.*, nº 20. Vide pág. 803. (Minha tradução.)

[28] I. E. F. Veniaminov. *Op. cit.*, nº 18. Vide pág. 59. (Tradução da Sra. O. Podtiaguine).

[29] E. P. Vining, *Op. cit.*, nº 11.

alcançou a Mongólia e a Sibéria até Kamchatka. Se o Budismo estendeu-se, ou não, ao Alasca, não podemos dizer com certeza. Mas acho essa possibilidade bastante plausível. Já examinei acima, de forma sucinta, as provas exteriores de contato entre a Ásia e o noroeste da América, depois da criação do Budismo, e antes dos tempos históricos (i. é., 500 a.C.-1.700 a.D.) Essas provas provocam atenção, embora não convicção. A íntima semelhança entre as idéias de reencarnação entre os Tlingits e os Budistas também sugere que os ancestrais dos Tlingits importaram, e não inventaram suas idéias sobre a reencarnação, interpretação que Pinart insinua ao comentar a semelhança das idéias dos Esquimós a respeito do céu com aquelas encontradas na Ásia.

O aparecimento de missionários e de escolas no Alasca, no final do século XIX, iniciou o declínio da cultura tlingit. Primeiro as lutas com lanças, em seguida a cremação dos mortos, e finalmente as "potlatches" (festas rituais) sucumbiram à persuasão religiosa e ao controle governamental. Um dos últimos velhos entalhadores de totens, e um dos poucas artesãos vivos capaz de representar as lendas de seu povo nesses maravilhosos monumentos, mostrou-me seu trabalho no Alasca e deplorou o fato de a geração mais nova (ele tinha setenta e dois anos) nada saber sobre reencarnação e ter deixado de dar atenção às marcas de nascença nos recém-nascidos, as quais, se percebidas, indicariam quem renasceu. Isto porque a crença na reencarnação está desaparecendo entre os Tlingits, e pode-se notar uma gradação descendente da crença proporcional à idade. A geração das pessoas de mais de sessenta anos atualmente, crê plenamente na reencarnação, e as dúvidas dos mais jovens os escandalizam. A outra geração, de pessoas entre as idades de trinta e sessenta, tem conhecimento da crença na reencarnação entres os Tlingits, e muitos (a maioria talvez) acreditam em sua veracidade, embora freqüentemente com algumas dúvidas relevantes. Na geração mais jovem, que se segue, encontrei freqüentemente escárnio ou ignorância com referência à reencarnação entre os Tlingits. Conheci um Tlingít estudante de ginásio, que havia ouvido falar sobre reencarnação na Índia, mas não no Alasca, entre seu povo!

Embora a maioria dos meus informantes falassem livremente sobre seu conhecimento de casos ou sobre as crenças dos Tlingits, encontrei algumas pessoas que se mostraram reticentes em discutir tais assuntos. Essa reserva contrastou marcantemente com a quase universal naturalidade com que o povo da Índia falou sobre a reencarnação, durante idênticas investigações naquele país. A diferença pode originar-se da maior rapidez de aculturação ocidental no Alasca, onde a pressão das religiões e das ciências ocidentais colocou aqueles que ainda conservam as antigas religiões tribais na defensiva em relação a estas. O Tlingit pode temer que suas idéias sobre reencarnação provoquem críticas ou sejam objeto de menosprezo por parte de outros. Ao contrário, as religiões ocidentais produziram apenas um ligeiro impacto na Índia e, embora esta conte com alguns milhões de cristãos, a crença na reencarnação provavelmente permanece tão sólida na Índia atual, como o era há cinco mil anos atrás. Contudo, outras razões podem explicar a reserva dos Tlingits, referentemente à reencarnação. Alguns deles ainda crêem, mais do que outras gerações, que advém infortúnio ao Tlingit que falar sobre sua religião com pessoas de fora. Finalmente, razões de ordem pessoal sem dúvida justificam algumas inibições em falar acerca de casos particulares. Muitas das personalidades anteriores, ligadas aos paciente, morreram violenta ou misteriosamente, ou ambas as coisas, e os informantes pareceram relutantes em referir-se a tais fatos ou a causas de antigas contendas entre os clãs, nas quais ocorreram algumas dessas mortes.

---

[30] C. Humphreys. *Buddhism*. Harmondsworth: Penguin Books, 1951.

Métodos de Investigação

Em 1961-65, visitei o sudeste do Alasca quatro vezes, com o objetivo de estudar casos sugestivos de reencarnação entre os índios Tlingits. Durante estas minhas viagens, estive em dez comunidades habitadas por índios Tlingits, a saber Juneau, Klukwan, Sitka, Hoonah, Wrangell, Petersburg, Angoon, Anchorage, Kake e Ketchikan Ao todo, levei cinco semanas, estudando casos tlingits, em primeira mão.

Como na introdução desta monografia já descrevi os métodos de investigação utilizados, não os repetirei aqui.

Durante meus estudos de tais casos, entrevistei, no total, cerca de cem pessoas, a maioria das quais foram testemunhas dos fatos referentes aos casos aqui relatados, sendo que algumas foram informantes sobre a cultura dos Tlingits.

Quase todas as testemunhas falavam inglês, mas necessitei de intérprete para alguns Tlingits idosos, que falavam somente sua língua. Na maior parte das vezes, um parente servia de intérprete; duas vezes, a Srta. Constance Naish, missionária em Angoon, serviu de intérprete.

Incidências de Casos Relatados Entre o Povo Tlingit

Além dos sete casos sugestivos de reencarnação relatados aqui, fiquei sabendo, durante minhas visitas ao Alasca, de trinta e seis outros ocorridos entre os Tlingits, e de oito entre os Haidas. Ainda estou investigando alguns deles e planejo um outro relato descrevendo-os, bem como certos exemplos discriminados no estudo do grupo maior de casos tlingits. Não posso, contudo, investigar mais profundamente alguns outros casos porque a pessoa possuidora da experiência ou outras importantes testemunhas de primeira-mão morreram. Apesar disso, conversei pelo menos com uma testemunha de primeira-mão de cada um desses casos. Dos relatos que me fizeram dos mesmos, julgá-los-ia semelhantes a outros dos quais não pude obter depoimentos mais completos por parte das testemunhas. Se juntarmos todos eles, teremos trinta e três casos relatados entre os Tlingits, ocorridos entre pessoas nascidas durante o período de 1851 a 1965.[31] Chegamos à convicção de que a incidência de *todos* os casos deve ser consideravelmente maior do que a incidência dos *relatados*, talvez muito maior. Isto se torna uma conclusão óbvia se refletirmos no fato de que as informações sobre os quarenta e três casos acima foram obtidas por um pesquisador, num período de menos de seis semanas entre os Tlingits. Além do mais, soube ainda de um outro caso que não tive tempo de examinar, mas que, pelas informações recebidas, parece assemelhar-se àqueles que pude estudar ou conhecer melhor. Uma verificação mais completa sem dúvida traria à luz muitos casos mais; no momento, porém, vou considerar apenas os quarenta e três mencionados acima. O primeiro deles entre os Tlingits data de 1851 (ano do nascimento da pessoa que passou pela experiência de lembrar-se de uma vida anterior). Em 1883 Krause calculou a população dos Tlingits em mais de dez mil

[31] Para uma revisão das características destes 43 casos veja I. Stevenson. "Cultural Patterns in Cases Suggestive of Reincarnation among the Tlingit Indias of Southeastern Alaska." *Journal* A.S.P.R., Vol. 60, Julho, 1966, 229-243. Investigações subseqüentes no Alasca aumentaram o número dos casos Tlingit sob revisão para mais de setenta.

pessoas. Por ocasião do censo de 1960, contaram-se 7.887[32]. Entre 1851 e 1965 podemos calcular que houve umas quatro gerações de não mais de 40.000 Tlingits. Isso apresenta uma incidência de casos relatados entre esse povo, de quarenta e três em 40.000, ou aproximadamente um em 1.000. Assim, a cifra a que se chegou (que, como dissemos acima, deve ser um número mínimo) apresenta uma incidência muito mais alta desses casos do que em outras áreas culturais do Ocidente. Numa base comparativa, muitos milhares de casos sugestivos de reencarnação devem ter ocorrido no resto dos Estados Unidos, durante os anos de 1851 a 1965. Mesmo admitindo o fato de que muitos casos sugestivos de renascimento dos Estados Unidos não se tornem conhecidos dos investigadores, a incidência dos mesmos nos Estados Unidos continental não deve ser provavelmente tão elevada quanto o é no sudeste do Alasca[33].

RELATÓRIO DE CASOS

O Caso de Jimmy Svenson[34]

Sumário do Caso e sua Investigação.

A mãe de Jimmy Svenson é de raça pura tlingit e seu pai é meio tlingit e meio norueguês. Jimmy nasceu a 22 de novembro de 1952, em Sitka. Quando tinha cerca de dois anos, começou a falar sobre sua vida anterior, dizendo que havia sido irmão de sua mãe e tinha morado na aldeia de Klukwaxi. Esta é uma aldeia a cento e sessenta quilômetros de distância. Fez uma série de afirmações concernentes a assuntos que seu tio poderia ter sabido, mas que parecia improvável que Jimmy tivesse conhecido por meios normais. Com freqüência, geralmente quando zangado, pedia para ir para a aldeia de Klukwan para ficar com sua avó materna. Jimmy falou continuamente sobre sua existência anterior durante aproximadamente dois ou três anos, e daí em diante suas referências nesse sentido diminuíram.

Ao tempo da minha investigação deste caso, no outono de 1061, Jimmy (então com menos de nove anos de idade) não mais alegava lembrar-se de qualquer coisa acerca de sua vida anterior. Portanto, tive conhecimento do que ele havia dito e feito anteriormente, através de entrevistas com sua mãe, pai, um irmão, duas irmãs e outros membros da família de sua mãe. Antes de narrar o que esses vários informantes me disseram, mencionarei fatos relevantes sobre a vida e morte do falecido John Cisko (tio de Jimmy) e as suposições de como ele encontrou a morte.

John Cisko era um índio tlingit de raça pura que, como muitos da tribo, gostava de caçar e pescar, no que demonstrava grande habilidade. Bebia álcool em excesso, especialmente vinho. Por ocasião de sua morte, no verão de 1950, quando tinha cerca de

---

[32] Dados fornecidos pelo "Bureau of Vital Statistics, Department of Health and Welfare", Estado do Alasca. A cifra inclui um pequeno número de indígenas não Tlingits.

[33] Cifras semelhantes de casos relatados provêm de outras áreas, como do sudeste da Turquia, Líbano, Índia, e Ceilão, onde a incidência de casas parece também grande. Eventualmente, será possível estudar-se as relações entre as várias culturas e a incidência de casos relatados, e esse estudo poderá fazer luz sobre a razão das incidências diversas nas diferentes culturas.

[34] Conforme foi dito na pág. 28, ocultei os nomes das pessoas que passaram pelas experiências e que testemunharam os acontecimentos narrados, usando pseudônimos nesta seção da monografia.

vinte e cinco anos, estava no exército e voltara ao Alasca em licença. Permaneceu em uma das numerosas aldeias pesqueiras de salmão e de fábricas de conserva da região. Um dia saiu num pequeno barco com duas mulheres a passeio. Várias horas depois o barco foi encontrado empinado na praia com o motor no lugar e sem o tampão do fundo. Esses indícios faziam supor que o barco se havia enchido de água, talvez rapidamente e antes que seus ocupantes, (provavelmente) embriagados, se apercebessem do perigo. Algumas pessoas encontraram nas imediações os cadáveres das duas mulheres afogadas, mas jamais conseguiram recuperar o corpo de John Cisko. Nos canais do sudeste do Alasca as marés sobem muito e as correntes são rápidas. Um baixa-mar pode arrastar um corpo rapidamente e para sempre. Essas circunstâncias tornam um homicídio bastante fácil, freqüentemente suspeitável, e extremamente difícil de ser provado. Hans, um irmão de John Cisko declarou-me que estava convicto de que um amante ciumento de uma das mulheres, que acompanhavam John, o havia assassinado. Hans ouvira dizer que uma testemunha vira o homicídio, mas que não quis falar sobre o assunto por temer represália por parte do criminoso.

Um outro Tlingit que trabalhava para a mesma fábrica de salmão enlatado no verão de 1950, como capitão de um barco pesqueiro, disse-me que achava o homicídio uma explicação improvável para a morte de John Cisko. O capitão considerava mais provável que o mesmo tivesse se afogado depois de manter-se agarrado ao barco inundado tanto quanto pôde, e que a maré havia carregado seu corpo, embora não arrastasse os das suas companheiras.

A irmã de John Cisko, Millie, tinha-lhe grande afeição e lamentou muitíssimo sua morte. Ela queria dar ao próximo filho que nasceu dois anos mais tarde, o nome de John, mas foi dissuadida disso porque esse nome já era muito freqüente na família do marido. Assim, ela e o esposo deram ao menino o nome de John como um segundo nome, de modo que ele se chamou James John Svenson.

Jimmy tinha quatro sinais redondos no abdome, os quais examinei em 1961. Sua mãe declarou que essas marcas existiam quando ele nasceu. Em 1961 tinham cerca de seis milímetros de diâmetro e eram claramente destacadas da pele circundante. Três tinham menos pigmentos do que a pele em redor, e uma tinha maior número de pigmentos. Três estavam à altura das costelas inferiores direitas, acima do fígado; a quarta encontrava-se cerca de cinco centímetros à direita do umbigo. Os sinais se pareciam muito com os de ferimentos a bala.

Declarações feitas por Jimmy Svenson.

Dado que vários informantes com quem conversei se lembravam de diferentes declarações feitas por Jimmy, relacionei todas essas afirmativas a ele atribuídas, na tabulação adiante, com comentários de sua verificação leitos pelos informantes.

Testemunhas secundárias relataram outros detalhes de informação fornecidos por Jimmy a sua família. De acordo com esses informantes, Jimmy já havia falado a esses parentes sobre pormenores específicos da vida em Klukwan, como por exemplo, as características e hábitos do cachorro da família e detalhes da casa em que John Cisko residira em Klukwan. Estes eram supostos itens de informação conhecidos de John Cisko, mas sem probabilidade de que fossem do conhecimento de Jimmy Svenson, através de meios normais. Contudo, quando perguntei aos principais informantes sobre

esses fatos, eles negaram ter deles qualquer lembrança. Omiti-os portanto, na lista acima. Uma vez que duas testemunhas secundárias concordaram em que tiveram conhecimento deles através de um membro da família, isto nos pode dar um exemplo de enfraquecimento, com o passar do tempo, da lembrança dos detalhes pelas testemunhas principais. Ou então de que as testemunhas secundárias talvez tenham retocado a história que originalmente ouviram.

SUMÁRIO DAS DECLARAÇÕES, RECONHECIMENTOS E COMPORTAMENTO DE JIMMY SVENSON		
Assunto	**Informantes**	**Comentários**
1. O seu nome era John e não Jimmy.	Millie Svenson, a mãe de Jimmy.	
2. Morava em Klukwan (aldeia onde John Cisko morara).	Olaf Svenson, o pai de Jimmy.	Não referido pela mãe de Jimmy, que, entretanto, salientou o contínuo desejo de Jimmy, de ir para Klukwan.
3. Foi assassinado a tiro (na vida anterior).	Olaf Svenson. Millie Svenson.	Millie Svenson disse e Jimmy acrescentou: "Pelo capitão." O pai disse e Jimmy acrescentou: "No estômago", e apontou para seu estômago ao declarar isso. A primeira afirmação está de acordo com os sinais de nascença no abdome de Jimmy, mas a forma exata da morte de John Cisko é desconhecida.
4. Falou muito de Klukwan e freqüentemente dizia que queria ir lá para visitar sua avó (mãe de John Cisko).	Millie Svenson.	Jimmy tinha visto sua avó quando era bebê, mas não estivera em Klukwan antes dos seis anos e meio de idade.
5. Fez uma descrição exata de um dos lagos próximo a Klukwan.	Elizabeth Kolov, a irmã mais nova de Jimmy.	Detalhes da descrição não fornecidos.
6. Disse que costumava beber vinho.	Olaf Svenson.	John Cisko costumava beber vinho em excesso. Olaf Svenson., um meio-norueguês, nunca tinha vinho em casa, somente cerveja. A mãe de Jimmy disse que este declarara ter bebido "whisky" (não vinho) "há muito tempo atrás."
7. Disse ao seu tio: "Não sou seu sobrinho, sou seu irmão." (Com a idade de seis anos).	Hans Cisko, irmão de John Cisko, tio de Jimmy Svenson	Hans Cisko insistiu em que essa observação foi bastante espontânea e livre quando, ao sair (após sua primeira visita à família Svenson) ele disse a Jimmy: "Bem, até logo, sobrinho."
8. Familiaridade com a aldeia de Klukwan e área circunvizinha, quando foi levado lá com a idade de seis anos e meio.	Millie Svenson.	Nenhum detalhe de conhecimento específico foi lembrado. Jimmy simplesmente parecia estar invulgarmente familiarizado com pessoas e lugares da região.
9. Insistentes rogos para ir pescar com George Young, quando ele (Jimmy Svenson) visitou Klukwan.	Millie Svenson. George Young, primo de Millie Svenson.	Confirmado a mim pelo parente em questão. Esse homem havia sido amigo íntimo e companheiro de pescaria de John

		Cisko. Outros parentes (exceto a avó materna de Jimmy) estavam fora da aldeia quando ele visitou Klukwan. Esse "companheiro de pesca" era o único parente à disposição para um possível reconhecimento por parte de Jimmy.

Comentários.

Os membros da família de Jimmy forneciam informes sobre as suas declarações, muito relutantemente. Tive a impressão de que os informantes retinham dados que conheciam então e, também, que haviam esquecido fatos que antes sabiam. Acredito que os nove itens que relacionei representam uma versão abreviada da história original, em vez de uma versão ampliada. Devemos entretanto considerar a história como ela é, e não como seria se melhores testemunhas e investigadores precedentes a tivessem observado. Tomada como é, o máximo que podemos dizer dela é que se harmoniza com a reencarnação, mas não apresenta uma evidência acentuada a respeito.

O caso padece de duas sérias deficiências que diminuem seu valor comprobatório relativamente à reencarnação. Em primeiro lugar, Jimmy não fez qualquer declaração que abrange informe que não pudesse em absoluto ter obtido normalmente. Talvez tivesse se aproximado disso (nas provas que temos) quando alegou que costumava beber vinho. Nos dados restantes encontramos insinuações de conhecimento paranormal, como na descrição do lago próximo a Klukwan, mas nada que possamos categoricamente afirmar como tal. O caso se tomaria bem diferente se uma testemunha fidedigna declarasse que havia visto John Cisko ser morto a tiros no estômago. Pareceria, então, que pessoas mortas podem, na verdade, contar histórias. Mas John Cisko não o fez de maneira clara ainda[35].

Um segundo e igualmente grave defeito deste caso, com relação ao seu valor probante da reencarnação, surge do fato de que John Cisko quanto Jimmy Svenson pertenciam à mesma família e eram parentes como irmão e filho da mesma senhora. Em realidade, Jimmy Svenson mora em uma cidade a cento e sessenta quilômetros de Klukwan, mas cresceu em companhia de sua mãe, que amava John Cisko como seu irmão favorito. Ela o pranteou muito e deu o nome dele ao filho que teve após a sua morte. E, uma vez que ela acredita na reencarnação, bem pode ter falado sobre seu irmão ao filho e assim ter comunicado a ele os fatos que o menino alegou lembrar.

Contudo, como em muitos outros casos sugestivos de reencarnação, devemos considerar os aspectos de comportamento bem como aqueles puramente informativos do caso.

Por exemplo, Jimmy não apenas asseverou conhecer Klukwan, mas, quando zangado com os pais, pedia para ir para lá ficar com sua avó materna (a mãe de John Cisko). Em suma, Jimmy não só parecia saber a respeito de John Cisko; agia como se ele e John Cisko fossem a mesma pessoa. Agora, como a mãe de Jimmy desejava que seu irmão

[35] Minha coleção de casos inclui diversos outros exemplos nos quais pessoas que alegam ter vivido antes, projetaram novas luzes sobre mortes ou homicídios obscuros. (Vide, por exemplo, o caso de Ravi Shankar, relatado nas págs. 91-104).

retornasse, ela pode ter imposto a ele uma identificação com seu falecido irmão. Proponho-me a discutir essa importante teoria da "identificação imposta" na Discussão Geral, ao final desta monografia e, por isso, vou mencioná-la apenas resumidamente aqui. Contudo, devo chamar a atenção para um dos pontos fracos da teoria de "identificação imposta", no caso presente. Na minha opinião, ela deixa de explicar satisfatoriamente o enfraquecimento de personificação da personalidade, à medida que a idade da criança vai aumentando. Observamos comumente em casos sugestivos de reencarnação que, conforme a criança cresce, sua lembrança da vida anterior e a simultânea identificação com a outra personalidade diminuem (Vide a tabela na página 306). No caso de Jimmy Svenson, as lembranças aparentes começaram a enfraquecer-se quando ele tinha quatro anos, e teriam sido completamente esquecidas ao tempo em que conversei com ele, quando tinha nove anos. Se adotarmos a teoria de identificação imposta para este caso, devemos admitir que, quando Jimmy tinha quatro anos, sua mãe aceitou a idéia de que ele desenvolvesse uma personalidade outra que não a de seu irmão John Cisko. Então, a partir dessa época, a personificação de John Cisko e pseudo-lembrança, que existiriam nesta hipótese, regrediriam dentro de poucos anos. O afrouxamento de pressão por parte da mãe de Jimmy seria compatível com a diminuição, através dos anos, da sua mágoa pela morte do irmão. Mas, em casos em que pressões inconscientes, por parte de um pai ou mãe, fomentaram o desenvolvimento de um determinado sintoma ou comportamento na criança, o sintoma não regrediu com o correr do tempo, somente; nem diminuiu no pai ou mãe o desejo de que a criança tivesse tal comportamento. Essa falta de diminuição de intensidade de um sintoma imposto pode se originar do fato de o desejo que o promove ser não só intenso, como inconsciente, por parte do pai ou mãe.

Não creio que possamos chegar a uma conclusão segura sobre este caso, no momento. A reencarnação poderia explicar o comportamento da criança como o poderia também a teoria da "identificação imposta". A evidência de paranormalidade do caso não vai além de insinuações; por outro lado, a teoria de "identificação imposta" aplicada ao caso, torna-o um exemplo que transcende a influência previamente demonstrada dos pais sobre as crianças. Os fatos de que dispomos não nos permitem escolher entre estas duas possibilidades.

O Desenvolvimento Posterior de Jimmy Svenson

Não encontrei Jimmy Svenson entre setembro de 1961 e maio de 1972. Em nosso primeiro encontro que ele não tinha ainda nove anos e em nosso segundo tinha dezenove e meio. Lembrava somente vagamente de nosso encontro em 1961.

Em 1972 disse não ter memórias mentais da vida prévia. (Estas tinham de fato todas desaparecido na época de nosso primeiro encontro em 1961). Lembrava de uma ocasião de uma experiência de *déjà vu* quando tinha oito anos e visitando Haines. (Haines é uam cidade a cerca de vinte milhas de Klukwan, a aldeia da personalidade prévia deste caso, John Cisko). Em uma loja particular de Haines teve tamanha impressão que, como disse, "podia ter jurado que tinha estado aí antes"[36]. Pensava que seu tio, John Cisko, tivesse estado nesta loja, mas não podia dizer com certeza.

[36] Esta memória confere com o que suas meia-irmãs me disseram em 1961. Disseram que quando Jimmy tinha visitado Haines em (cerca de) 1959 ele parecia ter reconhecido um armazém aí. A lembrança delas faria dele com cerca de sete anos à época, enquanto Jimmy (em 1972) pensava que tinha então cerca de

Jimmy disse-me que uma de suas tias disse-lhe que John Cisko tinha lembrado de uma vida prévia. Não tive conhecimento de tal alegação antes. A tia de Jimmy disse que John Cisko tinha por vezes a experiência de achar que há tinha estado em um determinado local antes quando não tinha. Não soube se John Cisko teve memórias mentais específicas de uma vida prévia. A tia de Jimmy parece não ter mencionado que John Cisko teve memórias mentais quando falou a Jimmy sobre seu parecer de lembrar-se de uma vida prévia. Ela aparentemente disse a Jimmy somente que John Cisko tinha lembrado uma vida prévia com experiências de *déjà vu* (minha frase).

Como mencionei anteriormente, o corpo de John Cisko nunca foi recuperado então tudo o que sei foi que se afogou, como parece mais provável, ou baleado, como o próprio Jimmy disse ter sido quando era mais jovem. (Possuía algumas marcas de nascença em seu abdome para apoiar esta alegação). Em qualquer caso Jimmy disse não demonstrar em 1972 qualquer fobia específica relacionada com a causa da morte de John Cisko, isto é, afogamento ou tiro. Jimmy disse que não tinha medo de água e que adorava nadar. Não gostava de nadar sozinho, mas que isto é uma questão de prudência[37]. Quanto a armas de fogo, ele era um tanto inquieto com elas, mas isto pode ser creditado, penso, pelo fato de que quando tinha cerca de doze anos seu olho esquerdo foi atingido (mas não permanentemente danificado) por um tiro de espingarda de ar comprimido. O cuidado de Jimmy com armas de fogo não o impedia de ocasionalmente atirar se a chance se apresentava.

Jimmy teve uma infeliz e de fato turbulenta adolescência. Seus pais se separaram quando tinha cerca de dez ou onze anos, um ano ou dois depois de minha investigação do caso em 1961. Então em 3 de maio de 1963 sua mãe afogou-se no porto de Sitka quando um barco em que ela estava bateu em um rebocador. Estava embriagada, mas não sabia nadar de qualquer modo. O pai de Jimmy nesse meio tempo ficou aleijado e incapaz de ajudá-lo. Então assinou os papéis em que dava a guarda legal de Jimmy a sua meia-irmã, Margaret, e a seu marido. Seus guardiões mudaram de residência ao menos duas vezes, e Jimmy passou seus dez anos com eles primeiro em New Hampshire e então no estado de Washington. Seu pai morreu de câncer em agosto de 1970. Jimmy continuou sua educação e terminou o segundo grau em Washington.

Nesse meio tempo, entretanto, envolveu-se com jovens que tomavam drogas e começou a experimentá-las por si mesmo. (Presumo que estivéssemos falando de heroína, mas não perguntei especificamente). O uso de drogas por sua vez levou ao envolvimento com a polícia e prisão. Jimmy finalmente decidiu romper com o grupo de usuários de drogas e também com seus cunhados. Então deixou Washington e retornou a Sitka onde estava morando com seu meio-irmão e procurando trabalho quando encontrei-o em maio de 1972.

---

oito anos. O armazém pertenceu à família de John Cisko e assim teria (quase certamente) sido conhecido a John Cisko.

[37] Em 1972 Jimmy disse que quando era mais jovem tinha medo de se afogar, mas que aprendeu a nadar quando seu meio-irmão mais velho jogou-o dentro de um dique cheio d'água. Não soube antes disto que ele tivesse tido qualquer fobia de água quando uma criança pequena e de fato sua meia-irmã disse-me em 1961 que ele gostava de nadar e queria "nadar sempre que podia". Isto não impede uma fobia de água anterior, mas eu não penso que qualquer um tenha mencionado isto a mim.

Jimmy não tinha visitado Haines e Klukwan (a aldeia da personalidade prévia, seu tio, John Cisko) desde 1962. Indicou que o ramo de sua família não o receberia bem por causa de seu registro de prisões pela polícia. Entretanto, sua falta de interesse em manter relações com aquele lado da família (de sua mãe) parece ter antecipado de longe os problemas posteriores da sua adolescência.

Jimmy expressou ambição em ir para uma faculdade e pareceu-me que tinha inteligência para entrar e se graduar numa faculdade caso tivesse a motivação. Sua mãe deixou-lhe uma pequena quantia de dinheiro a qual ele cuidadosamente guardou e estava mais elegível para uma bolsa de estudo do *Bureau of Indian Affairs*.

Deve ser lembrado que John Cisko bebia álcool excessivamente. Jimmy disse que ingeria álcool "de vez em quando", mas negou qualquer desejo por isto e disse que costumeiramente evitava licores destilados. Penso ser talvez prematuro afirmar uma conexão entre o excessivo consumo de álcool por John Cisko e o envolvimento de Jimmy com drogas. Jimmy ainda é jovem (mas assim era John Cisko quando se afogou na idade de vinte e cinco) e em 1972 mostrou todos os sinais de desejar prosseguir na vida sem recorrer a tranqüilizantes químicos.

O Caso de William George Jr.

Sumário do Caso.

Este caso inclui uma predição de renascimento feita antes da morte e o aparente cumprimento dos testes propostos. Coaduna-se ao tipo de renascimento descrito por Veniaminov[38] no sentido de o renascimento ter sido anunciado em um sonho da mãe, e revelado por sinais físicos que se assemelhavam aos do homem falecido, que aparentemente retornara.

Primeiro descreverei o caso resumidamente e depois apresentarei, em forma de tabela, as declarações das três testemunhas que entrevistei.

William George Sr. foi, no seu tempo, um famoso pescador do Alasca. Como outros Tlingits, acreditava em reencarnação. No fim da vida, evidentemente passou a ser assaltado por dúvidas, e alimentava também o grande desejo de retornar. Em várias ocasiões, disse a seu filho predileto (Reginald George) e a sua nora: "Se esse negócio de renascimento for verdadeiro, voltarei e serei filho de vocês". Expendeu essa declaração diversas vezes, acrescentando: "E vocês irão me reconhecer porque terei marcas de nascença semelhantes às que tenho agora". E, dizendo isto, apontava para dois proeminentes nevos pigmentados de cerca de meia polegada de diâmetro, um na superfície superior do ombro esquerdo, e o outro na face interna do antebraço esquerdo, a umas duas polegadas abaixo da dobra do cotovelo. No verão de 1949, William George Sr. então com cerca de sessenta anos de idade, expressou novamente a intenção de retornar depois da morte, entregando nesta ocasião, a seu filho predileto, um relógio de ouro, que lhe fora dado por sua mãe. Ao fazê-lo, disse: "Eu voltarei. Guarde este relógio para mim. Vou ser seu filho. Se existe tal coisa (referindo-se ao renascimento), eu o farei." Reginald George foi passar um fim-de-semana em casa, pouco tempo depois, e deu o relógio de ouro a sua mulher, Susan George, contando-lhe o que o pai lhe havia dito. Ela pôs o relógio numa caixa de jóias, onde ficou guardado durante uns cinco anos.

No princípio de agosto de 1949, poucas semanas após os acontecimentos acima, William George Sr. desapareceu do barco de pesca de arrastão, do qual era capitão. Membros da tripulação nada sabiam quanto ao que lhe sucedera, e os que o procuraram nunca encontraram seu corpo. Possivelmente caíra ao mar e a maré o carregara para longe, como pode facilmente acontecer naquelas águas.

A Sra. Reginald George, sua nora, pouco tempo depois engravidou e deu à luz, no dia 5 de maio de 1950, apenas nove meses depois da morte do sogro. A criança foi o nono de seus dez filhos. Durante o parto, ela sonhou que o sogro lhe aparecera e dissera que estava esperando para ver seu filho. Parece que, nesta ocasião, a Sra. George não ligou essa visão onírica com o renascimento do sogro, porque, quando acordou da anestesia, ela estava assustada e esperava ver o sogro, talvez como uma aparição com sua forma adulta anterior, como o vira em sonho. Mas o que realmente viu foi uma desenvolvida

---

[38] I. E. P. Veniaminov. *Op. cit.*, nº 18. Para mais detalhes e exemplos, tanto de sinais de nascença como de sonhos proféticos, entre os casos Tlingits do tipo reencarnação vide: I. Stevenson, "Cultural Patterns In Cases Suggestive of Reincarnation Among the Tlingit Indiana of Southeastern Alaska." *Journal* A.S.P.R, vol. 60, julho de 1966. Este artigo contém uma análise de alguns dos dados dos quarenta e três casos dos Tlingit.

criança do sexo masculino, que tinha nevos pigmentados na superfície superior do ombro esquerdo e na face interna do antebraço esquerdo na região exata dos nevos mencionados pelo avô do menino. Os sinais de nascença da criança tinham mais ou menos a metade do tamanho dos de seu avô. A identificação dessas marcas de nascença fez com que os pais da criança lhe dessem o nome do avô, e assim ele se tornou William George Júnior.

William George Jr. teve uma pneumonia grave na idade de um ano. Não começou a falar senão aos três ou quatro anos, porém com uma gagueira bem acentuada, que gradativamente o abandonou nos anos seguintes, conquanto seu pai, Reginald George, em 1961, ainda mostrasse muita preocupação com o defeito do menino. William George Jr. parece ter inteligência média, a julgar pelo seu aproveitamento na escola e a conversa que mantive com ele no Alasca.

À medida que ele foi crescendo, a família de William George Jr. observou nele um comportamento que reforçou sua convicção de que William George Sr. havia retornado. Esse comportamento era de várias espécies. No primeiro grupo havia traços de gostos, aversões e aptidões semelhantes às do avô. Por exemplo, William George Sr. tinha machucado gravemente o tornozelo direito, quando jogava bola-ao-cesto, em moço. Depois disso passou a mancar e virava o pé direito para fora, de modo que caminhava com andar definidamente característico. William George Jr. tem um andar idêntico, e vira o pé direito para fora, quando caminha. Seus pais testificaram isso e eu também observei, vendo como William George Jr. andava. No menino, contudo, a anormalidade do andar não é marcante, e duvido que eu a tivesse percebido se não me houvessem chamado a atenção para o fato.

Membros da família notaram também semelhanças nos traços faciais e na postura, entre William George Jr. e o avô. William George Jr. parece-se com o avô na tendência à irritabilidade e a dar conselhos de advertência aos que o cercam. Demonstra um conhecimento precoce de pesca e barcos. Conhece as melhores baías para pesca e, quando foi posto pela primeira vez num barco, pareceu já saber como manejar as redes. Mostra ter um medo da água maior do que o comum em outros meninos de sua idade. É mais sério e sensato que eles.

O segundo tipo de observações feitas com William George Jr. consiste num comportamento que indica uma identificação quase completa do menino com o avô. Por exemplo, refere-se à sua tia-avó como "irmã", sendo este de fato o parentesco dela com William George Sr. Do mesmo modo, refere-se aos tios e tias (irmãos e irmãs de Reginald George) como se fossem seus filhos e filhas. Além disso, demonstra uma preocupação coerente com o comportamento deles, por exemplo, com o excessivo consumo de álcool de dois de seus "filhos" (tios). Os irmãos e irmãs de William George Jr., participam de sua personificação e, muitas vezes, o chamam de "avô", ao que ele não se opõe. A identificação de William George Jr. com o avô tem diminuído um pouco, nos últimos anos. Seu pai achou que William Jr. estava se preocupando demasiadamente com o passado. Notou que a mente dele "divagava". Por esse motivo e devido às divergências dos "mais velhos" quanto ao perigo de recordar vidas passadas, os pais de William Jr. dissuadiram-no de falar na vida de William Sr.

Em terceiro lugar, William George Jr. demonstrou ter um conhecimento das pessoas e lugares que, na opinião da família, transcende ao que ele poderia ter aprendido através

dos meios normais. Fiz uma lista desses fatos na tabulação apresentada adiante, mas descreverei primeiro, com mais detalhe, o item mais importante. Quando William George Jr. estava entre quatro e cinco anos, a mãe um dia resolveu dar uma olhada nas jóias de seu porta-jóias, e espalhou-as em seu quarto. Tirou também o relógio de ouro de William George Sr., da caixa. Enquanto ela examinava o conteúdo, William George Jr., que estivera brincando num outro cômodo entrou no quarto. Reparando no relógio, pegou-o e disse: "É o meu relógio." Agarrou-se firmemente, repetindo que era dele, e a mãe, por muito tempo, não conseguiu persuadi-lo a devolvê-lo. Por fim consentiu em que fosse reposto na caixa. Desde então, e até a presente data, William George Jr. de vez em quando pergunta aos pais pelo "seu relógio". Na verdade, como ficou mais velho, reclama o relógio com mais firmeza, dizendo que deve ficar com ele, agora que estava crescendo.

Tanto o Sr. como a Sra. Reginald George afirmam que o relógio de ouro tinha ficado no porta-jóias desde a ocasião em que a Sra. George lá o depusera, em julho de 1949, até o dia em que, cinco anos mais tarde, ela o retirara de lá ao examinar suas jóias. Eles têm igualmente certeza de que nunca falaram no relógio com William George Jr., ou em sua presença. Lembram-se de ter contado a algumas pessoas da família que William George Sr. lhes tinha dado o relógio antes de sua morte. (Uma delas, o Sr. Walter Mays, testificou isto). Têm convicção, contudo, de que nenhuma daquelas pessoas poderia ter falado do relógio a William Jr. Sua certeza sobre esses fatos fez com que os pais de William Jr. ficassem muito mais impressionados com o reconhecimento do relógio do que com a existência dos sinais de nascença na mesma localização dos de William George Sr. Em sua opinião, também, o reconhecimento do relógio ocorrera bastante acidentalmente. A Sra. Reginald George não tinha intenção de mostrá-lo ao menino. Simplesmente aconteceu que ele irrompesse no quarto quando ela o tinha tirado do porta-jóias, e ele o percebeu sem a menor insinuação dela.

William George Jr. perdeu, hoje, em grande parte, sua antiga identificação com o avô, e, a não ser o fato de reclamar ocasionalmente "seu relógio" e uns restos de gagueira, ele age como um menino normal de sua idade. Conversei com ele no Alasca, e esperei que tivesse algo mais a dizer sobre o relógio, que a mãe mostrou em minha presença. Ele o segurou com amor, mas nada falou a respeito. Não sei se essa reserva se originou do acanhamento por minha causa, ou por um desvanecimento das imagens que originalmente o levaram a reclamar o relógio como seu.

Declarações Feitas pelas Testemunhas do Caso.

Apresento agora, em forma de tabulação uma lista das várias declarações e outras atitudes de William George Jr. Os três principais informantes foram o Sr. e a Sra. Reginald George e o Sr. Walter Mays, primo de Reginald George e sobrinho de William George Sr. O Sr. Mays fora companheiro inseparável de viagens de pesca, e de outras ocasiões, de William George Sr. Surgiram circunstâncias que me tornaram possível entrevistar os três informantes separadamente: a Sra. George, no Alasca, e o Sr. George e Sr. Mays em Seattle.

Os leitores que tomam a sério a hipótese da reencarnação, poderão desejar saber qual a atitude do Sr. e da Sra. Reginald George quanto ao desejo expresso por William George Sr. de retornar como filho deles. A Sra. George disse que não teve nenhum forte desejo consciente de que o sogro voltasse como filho dela. Contudo, pela expressão de alegria

em sua face, ao contar a história, julgo que ela se sentiu lisonjeada por seu sogro a haver escolhido, dentre várias outras mulheres na família, para ser sua próxima mãe. A escolha aparentemente foi motivada, pelo menos em parte, pela afeição que lhe tinha, por seus próprios predicados e não pelo fato de ela ser a esposa de seu filho predileto. O Sr. Reginald George era efetivamente o filho favorito, já que os outros se mostraram desinteressados ou indiferentes pelo bem-estar do pai. Reginald George retribuía a afeição de seu pai. Ele realmente desejava que este retornasse como seu filho, e ficou na expectativa de que cumprisse seu intento.

Comentários sobre Hipóteses Alternativas.

Como no caso anterior, as duas principais hipóteses para explicar este caso são reencarnação ou uma identificação assumida ou imposta, com o avô. E também, como no caso precedente, a ocorrência das duas personalidades na mesma família torna muito mais provável a transferência de informação sobre a personalidade falecida ao menino, por meios normais, do que quando as duas personalidades aparecem em duas famílias inteiramente desconhecidas uma da outra.

O desgosto dos pais pela morte súbita e misteriosa do velho pescador pode muito bem ter influenciado suas esperanças e convicção de que ele retornara. A crença comum entre os Tlingits, na reencarnação, e a intenção expressa pelo capitão de retornar a eles, poderia certamente ter contribuído para que acreditassem que ele voltara como seu filho. De acordo com essa interpretação, o sonho da Sra. Reginald George durante o parto satisfaz de modo patente seu desejo de que o sogro retornasse, senão por ela, para alegrar o marido. Depois, após o nascimento da criança, os pais poderiam, talvez inconscientemente, ter lhe imposto a identificação com o avô, a qual eles declararam que ele apresentava.

Mas uma dificuldade ainda maior do que as mencionadas relativamente ao caso precedente, surge de uma certa necessidade de explicar a ocorrência dos sinais de nascença em lugares idênticos; o andar anormal que tinha o menino; e o reconhecimento do relógio de bolso, de ouro, que o avô havia dado a seu pai.

O Reconhecimento do Relógio.

O reconhecimento do relógio de ouro pode talvez ser resolvido, pela suposição de que os George tivessem feito referências a ele (embora o neguem) ao treinarem a criança para assumir a identidade do avô. Não podemos afirmar que isto não poderia ter acontecido. Um ponto mais importante talvez é saber se tal referência ao relógio, ou mesmo várias referências, teriam sido suficientes para possibilitar ao menino identificá-lo quando o viu. O reconhecimento do relógio de ouro por William George Jr. não era tão difícil de ser feito, talvez, como os testes de reconhecimento por que passou o Dalai Lama (décima quarta encarnação) que reconheceu, com sucesso, o rosário, o tambor e o bordão da décima terceira encarnação, quando estes objetos lhe foram apresentados juntamente com outros semelhantes, que haviam pertencido ao último Dalai Lama[39]. Contudo, mesmo em testes de reconhecimento desta espécie, pode haver alguma

[39] H. Harrer. *Seven Years In Tibet*. (Trad. por R. Graves) New York: E.P. Dutton & Co., 1954. Para uma exposição independente e corroborante (exceto quanto a alguns detalhes discrepantes dos testes propostos ao décimo-quarto Dalai Lama, vide também B. J. Gould. *The Jewel in tbe Lotus*. Londres; Chatto e Windus, 1957.

orientação oculta, já que estão presentes espectadores que conhecem o objeto a ser reconhecido e na expectativa de que o menino o reconheça. Se pudermos crer no relato da Sra. George sobre o que aconteceu no presente caso, o reconhecimento do relógio de ouro do avô, feito por seu filho, foi inteiramente espontâneo e não planejado por ela. Seja o que for que pensemos sobre a possibilidade de o menino ter ouvido falar no relógio antes, ninguém o convidara a reconhecer o relógio, ou esperou que ele o fizesse. Ele casualmente o viu e imediatamente o identificou. Este fato diminui a probabilidade de que insinuações de sua mãe influenciaram o reconhecimento.

Mesmo quando nos sentimos seguros para excluir influências sensoriais ocultas que levassem a tais reconhecimentos, permanece a possibilidade de uma transmissão de informe, através de percepção extra-sensorial da parte dos que conhecem a identidade do objeto (ou pessoa) ao paciente, o qual, por meio de paramnésia poderia então falsamente reconhecê-lo (ou a pessoa) como por efeito de sua própria memória. O importante tópico dos testes de reconhecimento será objeto de maiores considerações na Discussão Geral.

SUMÁRIO DAS DECLARAÇÕES FEITAS POR TESTEMUNHAS NO CASO DE WILLIAM GEORGE JR.			
Declarações da Sra. Reginald George	**Declarações do Sr. Reginald George**	**Declarações do Sr. Walter Mays**	**Comentários**
1. William George Sr. dizia repetidamente que ia retornar como seu filho.	Confirmado pelo Sr. George. O seu pai falou nisso alguns anos antes de morrer.	O Sr. Mays ouviu William George Sr. fazer tal declaração, certa vez, em 1949.	
2. William George tinha sinais salientes na parte superior do ombro esquerdo e no antebraço esquerdo, abaixo do cotovelo. Sinais de cerca de meia polegada de diâmetro. Não se lembra se os sinais eram altos.	O Sr. George só se lembrava do sinal no ombro esquerdo, e disse que era alto. Tinha cerca de meia polegada de diâmetro.	Desses dois sinais, o Sr. Mays lembrava-se claramente.	Os sinais em William George Jr. (examinados por mim em 1961) encontram-se nos lugares mencionados. Têm cerca de meia polegada de diâmetro. Não são salientes.
3.William George Sr. dissera que quando retornasse reconhecê-lo-iam pelos seus sinais.	O Sr. George não se recordava de ter o pai chamado a atenção para os sinais como um meio de o reconhecerem.	O Sr. Mays não sabia dessa declaração.	Se William George Sr. o comunicou ou não, a outras pessoas, além da sua nora, a sua crença de que seria reconhecido pelos sinais, fato de William George Jr. ter sinais nos mesmos lugares que o seu avô, foi o principal fator a influenciar os pais a darem-lhe o mesmo nome do avô.
4. No verão de 1949, o seu marido dera-lhe um relógio de bolso de ouro, dizendo que o pai lho havia dado e que lhe dissera: " Se esse negócio da reencarnação for	No verão de 1949 William George Sr. dera a Reginald George um relógio de bolso, de ouro, dizendo: "Eu voltarei. Guarda este relógio para mim. Vou ser teu filho. Se existe	O Sr. Mays tinha ouvido dizer que William George Sr. dera ao seu filho um relógio pelo qual ele seria reconhecido após a morte.	O Sr. George disse que o seu pai lhe dera o relógio "uma ou duas semanas" antes de morrer. A Sra. George recordava-se do espaço de tempo como sendo de vários meses.

verdadeiro, retornarei na sua família e reclamarei este relógio. Cuide bem deste relógio.”	tal coisa, eu o farei.”		
5. Ela pôs o relógio numa caixa de jóias, onde permaneceu, durante cinco anos, até ao dia em que William George Jr. o retirou de lá; ocasião em que o reconheceu e o reclamou para si.	Confirmado pelo Sr. Reginald George.		O Sr. Reginald George não estava presente por ocasião do reconhecimento do relógio. A Sra. George estava sozinha com o filho. O Sr. George prestou depoimento baseado na observação direta da atitude de posse, por parte do filho, relativamente ao relógio em questão.
6. Durante o parto, no nascimento de William George Jr., a Sra. George teve um sonho, no qual lhe aparecera o sogro e lhe dissera que estava à espera para ver o seu filho.	O Sr. Reginald George sabia que a sua esposa sonhara, durante o parto, que o seu pai estava voltando.		Não sei se a Sra. George contou a alguém o seu sonho, antes do nascimento da criança, mas acho pouco provável, porque ela foi anestesiada para o parto, pouco depois de ter o sonho. Ao acordar da anestesia, após o parto, a Sra. George estava assustada, porque esperava lá ver o seu sogro.
7.		Quando William George Jr. Viu o Sr. Mays, disse: “Eu costumava ir pescar com ele.” Não reconheceu o Sr. Mays pelo nome.	Bastante exato quanto ao fato de William George Sr. e o Sr. Mays freqüentemente pescarem juntos.
8.William George Sr. havia machucado a perna quando jovem e William George Jr. andava com o pé direito virado para fora, de maneira semelhante à do avô.	O seu pai machucara o pé direito quando era moço. Isto ocasionou um defeito no andar. William George Jr. tem o mesmo defeito, mas em grau menor.		A anormalidade no andar existe, mas não é acentuada, em William George Jr.
9.	Quando William George Jr. tinha mais ou menos quatro anos, veio a correr da rua onde estivera a brincar, e disse entusiasmadamente que tinha visto a sua “irmã” passar. Os pais souberam então que a irmã de William George Sr. tinha, de		O Sr. Reginald George achava que William George Jr. tinha visto a sua tia-avó antes. O ponto importante é, pois, a sua referência a ela como “irmã” (em vez de tia-avó) e a sua animação ao vê-la. Tal entusiasmo não seria adequado, ao ver uma tia-avó a quem o

	fato acabado de passar pela casa deles.		menino talvez tivesse visto apenas uma ou duas vezes na vida atual.
10. Um dia, quando Reginald George ia a sair no seu barco para ir pescar, o seu filho aconselhou-o a pescar numa determinada baía, cujo nome ele disse. William George Jr. acrescentou então que ele próprio, havia, certa vez apanhado uma enorme quantidade de peixe naquela baía. Isto foi um fato na vida de William George Sr.	O Sr. Reginald George lembrava-se de que o filho o aconselhou minuciosamente quanto à pesca em determinada baía, e tinha razão em dar esse conselho. Não se recordava de que o menino tivesse afirmado, na mesma ocasião, que fizera uma pescaria especialmente importante naquela baía, na sua vida anterior.		William George Sr. era um esplêndido pescador e uma das suas características era o conhecimento pormenorizado dos melhores locais de pesca, mas isto era surpreendente num menino que mal tinha começado a entrar em um barco.

A Herança de Sinais (Naevi).

A indicação dos sinais, por parte do falecido avô como um indício de sua identidade quando retornasse, e sua aceitação pelo filho e nora, ocorreram sem se levar em conta a possibilidade da herança de sinais. Este assunto ocupou a atenção de inúmeros dermatologistas e geneticistas, principalmente na Europa. Várias investigações realizadas na década de 1920 estabeleceram o fato de que a tendência para mais ou menos sinais é indubitavelmente hereditária. Mais pesquisas posteriores mostraram que tanto a localização como o número de sinais podem ser herdados. Infelizmente, não muitos casos receberam um estudo minucioso com respeito à presença ou ausência de um sinal, no mesmo lugar, em diferentes membros de uma família, durante três ou mais gerações. Consegui achar, ao todo, apenas doze desses "pedigrees" publicados ou citados na literatura sobre o assunto, na Europa c nos Estados Unidos[40,41,42,43,44].

Para o presente caso, a questão relevante sobre a herança de sinais é se a tendência para herdar um sinal (em um local particular) pode ser transmitida por um dos pais que, em si mesmo, não apresenta o sinal em sua pele. Em termos genéticos, é a herança totalmente dominante, ou sua incidência é por vezes diminuída. Pelo estudo dos doze "pedigrees" podemos concluir que a herança é, em geral totalmente dominante, registrando-se, porém, exceções. Em duas das doze famílias estudadas, um avô e um ou mais de seus netos tinham um sinal ou sinais exatamente nos mesmos lugares, mas os pais da geração intermediária não os tinham, embora esses pais atuassem como

[40] A. H. Estabrook. "A Family with Birthmarks (*Nevus* Spilus) for Five Generations." Eugenical News, vol. 13, 1928, 90-92.

[41] S. J. Denaro, "The Inheritance of Nevi" *Journal of Heredity*. Vol 35, 1944. 215-218.

[42] E.A. Cockayne. *Inherited Abnormalities of the Skin*. Londres: Oxford University Press, 1933.

[43] C.A. Maruri. "La Herencia de los Lunares." Actas Dermo-Sifilográficas, Vol. 40, 1949, 518-525.

[44] CA. Maruri. La Herencia en Dermatologia, Santander: Aldus, S.A. Artes Gráficas,1961.

transportadores da tendência para o sinal no neto[45,46]. A ocorrência desses raros casos excepcionais na herança de sinais torna impossível atribuir com segurança à reencarnação, o aparecimento destes em William George Jr., mas podemos encará-los como alguma evidência dela.

Seria um erro pôr de lado esta questão, como se a Genética sozinha pudesse, no momento, elucidar todos os seus aspectos. A Genética pode apenas indicar a probabilidade de herança dos sinais por gerações ulteriores. Não contribui para a nossa compreensão do porquê, neste caso, o fato de somente William George Jr., dentre os dez filhos da família, ter sinais nos mesmos lugares dos de seu avô [47]. A reencarnação, da qual não há outra evidência particularmente acentuada neste caso, oferece realmente uma explicação para isso. Como já o dissemos, a Genética ajuda a compreender as semelhanças entre membros da mesma família; a reencarnação é uma teoria que pode explicar algumas das diferenças entre membros da mesma família.

A Herança de uma Anormalidade no Andar.

Como já foi dito, William George Sr. machucou o tornozelo direito, ficando coxo quando ainda bem jovem. William George Jr. tem um andar idêntico, com uma tendência, embora mais leve, de atirar o pé direito para fora, quando anda. Os pais de William George Jr., independente e espontaneamente, comentaram comigo o coxear do filho e sua semelhança com o andar defeituoso do avô. Aqui temos a tratar um caso de herança de uma característica adquirida, algo considerado extremamente improvável por todos os geneticistas e como quase impossível pela maioria. Como seria difícil incluir um específico andar anormal entre os traços impostos a uma criança pelos pais, a hipótese de identificação imposta explicará este aspecto do caso muito menos adequadamente do que os outros aspectos, tais como a atitude paternal do menino para com os tios. Creio que a reencarnação explica mais satisfatoriamente a ocorrência desse coxear, do que outras teorias, se acreditarmos que o andar de William George Jr. assemelha-se particularmente ao coxear adquirido pelo avô.

---

[45] L. Leven. "Erblichkeit der Naevi." Deutsche Med. Wochenschr.,Vol. 55, 1929, 1544.

[46] A. Brauer. "Hereditärer symmetrischer systematisierter Naevus aplasticus bei 38 Personen." *Dermat. Wochenschr.*, Vol. 89, 1829, 1163-1168.

[47] A bem da rigorosa exatidão, devo dizer que não examinei pessoalmente os membros da família George, a não ser William Jr, no que diz respeito à ocorrência ou ausência de sinais neles, nos mesmos lugares do corpo. Esta omissão foi devida primeiramente à minha ignorância quanto à genética dos sinais, por ocasião de minha primeira visita ao Alasca. Por ocasião da minha segunda visita, não consegui persuadir a família a cooperar em tal exame. Contudo, pela importância que os pais de William George Jr atribuíram aos sinais, inclusive dando-lhe o nome do avô, com base neles, acho seguro presumir que os encaravam como um indício característico da volta do avô, o que não teriam feito, se quaisquer outros membros da família tivessem sinais nos mesmos lugares.

O Caso de Charles Porter

Sumário do Caso.

O principal informante desse caso é o homem que, quando menino, afiançava lembrar-se de uma vida anterior. Na época em que me contou o que sabia quanto àquelas lembranças, o Sr. Charles Porter declarou não mais recordar-se da vida antecedente. Ele apenas se lembrava do que ouvira a mãe dizer, quando já era um pouco maior. De acordo com a que se lembra das narrativas dela, quando era pequenino costumava dizer que havia sido morto por uma lançada, em um combate de clãs de índios Tlingit. Disse o nome do homem que o havia morto, como também o local, e qual era o seu nome tlingit na vida anterior. O homem que fora morto por uma lançada tinha sido tio de sua mãe. Estes fatos foram confirmados pelo registro dessa morte na história da tribo.

Sempre que o menino contava a história de como havia morrido, com a lança, apontava para seu flanco direito. Segundo o Sr. Porter, quando ele contou isso pela primeira vez, em menino, não sabia que tinha, no local que apontaria, um sinal de nascença mais ou menos com a forma de um ferimento de lança no seu flanco direito. O Sr. Porter declarou que só veio a saber desse sinal de nascença quando já adulto. Examinei o flanco direito do Sr. Porter e ali vi uma grande área pigmentada, de forma incomum. Estava situada imediatamente abaixo da última costela, a meio-lado. Devido a sua localização extremo-lateral, podia facilmente deixar de ser vista pelo seu possuidor. Era de formato ligeiramente romboidal e media aproximadamente meia polegada de largura por um quarto de comprimento. De fato, apresentava acentuada semelhança com o tamanho e a forma de uma velha cicatriz que uma lançada faria. E uma lança, penetrando neste ponto do corpo, iria perfurar o fígado e provavelmente importantes vasos sangüíneos, de modo que era quase certo causar morte instantânea.

Embora o Sr. Porter fosse um Tlingit de raça pura, sua família estava entre os primeiros Tlingits que receberam educação inglesa. Falavam inglês em casa, e ele próprio só aprendeu a língua tlingit aos onze ou doze anos de idade. O Sr. Porter achava, pois, que seus pais não lhe iriam contar a luta entre os clãs ou dizer-lhe o nome do homem que havia morto a pessoa que ele acreditava ter sido, na vida antecedente. Ele declarou que a família nunca falara na história dos Tlingits, quando ele era criança.

O Sr. Porter disse que sua tia comentara o fato de ele gostar de uma qualidade especial de tabaco, a qual ela se lembrava ter sido muito apreciada pelo tio-avô, cujo nome ele recebera e que fora morto por uma lançada.

Dois outros informantes corroboraram os fatos principais do caso, mas não acrescentaram pormenores, ou deles se lembraram de modo um tanto diferente.

A Sra. Elspeth Graham é irmã do Sr. Porter, cinco anos mais velha. Vive atualmente em outra comunidade, onde a entrevistei independentemente. Ela se recordava de que o irmão, aos dois anos de idade, havia começado a dizer que tinha sido morto, numa vida anterior, por uma lançada e mencionado o nome do homem que o tinha morto. Este homem — disse ela — era naquela época, um velho que ainda morava na comunidade onde eles cresceram. Segundo a Sra. Graham, o irmão deixara de falar em sua vida anterior quando tinha uns oito anos de idade. Antes disso, falara muito sobre sua vida pregressa e sobre sua morte, embora sua mãe procurasse impedi-lo de fazer isso.

Quando entrevistei a Sra. Graham pela primeira vez, em 1961, ela não se lembrava de que o irmão tinha um sinal de nascença no lado, mas em uma entrevista posterior, em 1963, declarou que se lembrava de que ele realmente tinha um sinal de nascença no flanco, quando nasceu.

Entrevistei também a mãe do Sr. Porter, Sra. Gregory Hodgson (casada pela segunda vez), que morava em outra comunidade. Na época de minha entrevista, ela era uma idosa senhora de noventa anos, que estava convalescente de uma moléstia infecciosa, durante a qual estivera temporariamente psicótica. Ela reconheceu que sua memória era fraca, e achei isto muito possível depois do relato de sua recente enfermidade, que me fez seu marido e pelo fato de sua mente visivelmente divagar durante a entrevista.

Ela se lembrava de ter o filho dito que fora morto por uma lança. Disse que ele explicava isto, quando lhe perguntavam onde arranjara o sinal esquisito, mencionado acima. (Isto não é de fato incoerente com a declaração do Sr. Porter quanto a ter falado que fora morto por uma lançada antes de tornar-se consciente de possuir o sinal. É, porém, incoerente com o conjunto da sua declaração de que só soube do sinal de nascença quando já adulto, e a declaração da irmã de que ele deixara de falar no ferimento de lança quando tinha uns oito anos de idade.) A Sra. Hodgson também se recordava de que o filho tinha identificado o homem que alegava tê-lo matado, e que este era, na época, um homem idoso, ainda com vida. A Sra. Hodgson parecia confusa quanto à localização do ferimento de lança, e disse que havia um nas costas e um no joelho.

Uma parenta do Sr. Porter, que entrevistei em Sitka, assegurou ter ouvido dizer que este, quando criança, tinha muito medo de facas, baionetas e lanças, e tudo fazia para evitar mesmo a simples viste de lanças ou punhais. O Sr. Porter, pessoalmente, não se lembrava de ter tido esse medo quando criança, e sua irmã mais velha, Sra. Graham não se recordava de ter ele tido tal temor.

Comentários.

O Sr. Porter nasceu em Sitka, em 1907. Segundo sua irmã, Sra. Graham, ele falara sobre o fato de ter sido morto num combate entre tribos, mais ou menos entre 1909 e 1915. O homem que supostamente o havia morto era vivo na época, mas idoso. Suponhamos que ele tivesse então, pelo menos uns sessenta e cinco anos, em 1910, o que significa ter nascido em 1845. Segundo Krause, as lutas com lanças entre clãs, haviam cessado, na época em que ele visitara os Tlingits, em 1881-82; mas Simpson havia presenciado um combate com lanças entre clãs, durante sua visita em 1841-42[48]. Um célebre massacre a lança da tribo WrangelI, ocorreu em Sitka no princípio da década de 1850. (Este massacre será discutido mais tarde quando tratarmos do caso de Derek Pitnov). Esse tipo de combate desapareceu, portanto, no período de trinta anos, entre 1852 e 1882. Um homem nascido em 1845 poderia muito bem ter participado de um combate a lança quando jovem e, portanto, esta parte da narrativa tem plausibilidade histórica.

Meus informantes não fizeram nenhum registro escrito das declarações do Sr. Porter menino, e não recordavam nenhum outro detalhe além dos que apresentei. Não pude, pois, encontrar assentamentos daquele particular combate entre tribos, nem dos nomes

[48] G. Simpson. *An Overland Journey Round the World during the Years 1841 and 1842*. Filadélfia: Lea e Blanchard, 1847. (Parte 2, 86-87).

de seus participantes. E uma vez que há tal escassez de informação quanto à posse por parte de um meninozinho, do conhecimento sobre este combate, não podemos tirar conclusões seguras quanto ao fato de ter ou não o Sr. Porter obtido sua informação de modo paranormal. Ao lado de uma explicação paranormal está a sua convicção de haver dito que fora morto por uma lança, antes de saber que possuía o conseqüente sinal de nascença, e sua crença de que seus pais, falando o inglês, não lhe descreveriam detalhes de uma luta entre clãs Tlingits. Por outro lado, a existência de um sinal de nascença tão estranho, pode ter levado a imaginação dos pais a arquitetar uma história em harmonia com a forma romboidal do mesmo, que então impuseram ao menino e que ele aceitou. Um tanto contrário a este ponto de vista está o depoimento da Sra. Graham, de que sua mãe dissuadira o irmão de falar no ferimento de lança, embora seja possível que a Sra. Hodgson tenha incutido ocultamente aquela história no filho enquanto conscientemente tentara reprimi-la. Qualquer explicação do caso dentro de linhas normais, deixaria ainda inexplicado o sinal de nascença, mas deixarei a discussão desse tópico para mais tarde.

A Vida Posterior de Charles Porter

Como já mencionado, Charles Portes nasceu em 1907 e assim já era um homem maduro quando encontrei-o em 1961. Depois daquele primeiro encontro vi-o em visitas subseqüentes ao Alaska em 1962, 1963, 1965, e 1972. Também ocasionalmente trocamos cartas.

Em nosso último encontro em maio de 1972, tinha 65 anos e procurava antecipar a aposentadoria da sua posição com o Governo do Estado do Alasca o que ocorreria um mês mais tarde. Sua saúde geral continuava boa, mas estava melancólico por causa da morte de sua esposa, a qual ocorreu um mês antes de nosso encontro.

Disse que ainda ocasionalmente pensava na vida prévia, uma declaração que pareceu em desacordo com sua anterior (de 1961) de acordo com a qual suas memórias da vida prévia eram então de segunda mão, isso é, ele só lembrava-se do que tinha ouvido sua mãe contar a outras pessoas do que ele tinha dito antes sobre isto. (Possivelmente, como em outros casos, a acessibilidade das memórias à consciência flutuavam). Mas sua lembrança da vida prévia parecia muito vaga e ele não podia lembrar o relacionamento com si mesmo da personalidade prévia que foi identificada em sua infância como o tio de sua mãe.

Porque Charles Porter cresceu no Alasca há muitos anos, fiquei particularmente interessado na sua adaptação às forças opostas das culturas concorrentes no Alasca. Pareceu-me que lidava com isto muito bem.

Ele foi um dos mais bem educados Tlingits que conheci. Era um ardente presbiteriano e trabalhou como missionário antes de se juntar ao Governo Territorial. Estava planejando retomar algum trabalho missionário depois de sua aposentadoria. Tinha estado ativo em um dos clubes de serviço de Juneau do qual era um dos poucos membros Tlingit. Em geral seria considerado um dos Tlingits mais “assimilados”, ao menos da sua faixa etária. Por outro lado, permaneceu orgulhoso da sua herança Tlingit e lamentou o declínio na cultura Tlingit. Queixou-se que ninguém respondia-o no dialeto Tlingit mais. (Atualmente a cultura e língua Tlingit passavam por um renascimento notável no Alasca em 1972). E sentiu ressentimento considerável no Escritório de Negócios Indígenas que tinha recusado a ajudar sua esposa antes de sua morte. Atribuiu esta

recusa ao Escritório ter mantido nas suas anotações sua oposição muitos anos antes a reservas para os Tlingits.(Os Tlingits, em contraste com os índios dos quarenta e oito estados do sul, nunca permitiram o governo dos Estados Unidos colocá-los em reservas). Por muitos anos Sr. Porter foi ativo nos negócios da *Alaska Native Brotherhood* (uma sociedade fundada para promover o bem-estar dos nativos do Alasca) e foi seu secretário por vários anos entre 1961 e 1967.

Descobri que alguns Tlingits que se tornaram ministros ou missionários de igrejas cristãs adotaram uma endurecida oposição às tradicionais crenças Tlingits. Mas o Sr. Porter não achava o Cristianismo e a reencarnação incompatíveis. Ele não apenas cooperou pacientemente em meu estudo de seu próprio caso, mas ajudou-me de várias formas a saber ou investigar outros casos. Talvez nossos dois últimos encontros em maio de 1972 ilustrem sua capacidade de reconciliar as duas culturas às quais parecia pertencer igualmente. Um dia entramos em uma longa discussão de seu próprio caso do tipo reencarnação e de outros e da melhor tradução para a língua inglesa da frase Tlingit que corresponde a "reencarnação". E então um dia ou dois depois encontrei-o inesperadamente no aeroporto Juneau quando ele estava partindo para outra cidade onde ia se engajar numa atividade missionária cristã.

O Caso de Norman Despers

Sumário do Caso

Este caso, embora superficial em detalhes, apresente certos aspectos que se repetem em casos de "*déjà vu*" sugestivos de reencarnação relatados em muitos lugares do mundo.

Obtive a informação sobre este caso, do Sr. Henry Despers Jr., em Hoonah, e de seu filho, Norman Despers, rapaz de dezoito anos que entrevistei em Sitka, onde ele cursava o colégio. A Sra. Henry Despers, a outra única testemunha das observações de Norman Despers sugestivas de vida anterior, faleceu há alguns anos atrás.

Norman Despers nasceu em Hoonah em 1944. Quando tinha três ou quatro anos de idade, os pais o levaram, um dia, a uma enseada de nome Dundas Bay, a umas trinta e cinco milhas de Hoonah. Quando estavam na enseada, Norman Despers subitamente e de modo espontâneo disse: "Eu tinha um fumeiro aqui no estreito, e mais tarde fiquei cego." Demonstrou grande entusiasmo e mesmo felicidade ao fazer essa declaração. O Sr. Despers não se lembra de outras declarações do menino quanto a uma vida anterior.

Norman Despers tinha mencionado com exatidão dois fatos da vida de seu avô, Henry Despers Sr. Ele havia sido um pescador que de fato possuíra um fumeiro em Dundas Bay. Morrera com oitenta e cinco anos, em 1937, depois de quatro anos de cegueira. Henry Despers Júnior desposou sua primeira mulher em 1928, e teve dela um filho. Ela morreu e ele se casou novamente em 1942. Norman Despers foi o primeiro filho (de cinco) deste segundo casamento e foi o primeiro filho de Henry Despers Jr., nascido após a morte de Henry Despers Sr.

O Sr. Henry Despers Jr. declarou ter absoluta certeza de que nem ele nem sua segunda mulher jamais disseram qualquer coisa a Norman Despers quanto ao fumeiro do avô ou quanto ao fato de ter ele sido cego. Também tinha certeza de que o filho não poderia reconhecer os restos do fumeiro que ainda existia por ocasião da visita deles a Dundas Bay. Seu pai, o proprietário do fumeiro, o havia abandonado em 1930 e na época da visita deles ao local, por volta de 1947, nada mais restava a não ser algumas estacas. Henry Despers Jr. interpretou os comentários do filho como evidência de que seu pai (o avô do menino) havia renascido como filho dele. Embora parecesse não ter muita certeza disso anteriormente, o episódio convenceu-o da veracidade da reencarnação.

Norman Despers recebeu o nome de um tio materno, muito querido dos pais. A avó materna e os filhos que ainda tinha (irmãos do tio do qual Norman tomara o nome) costumava falar muito a Norman sobre o tio falecido. Os tios costumavam dizer, quando Nomian ficou mais velho, que ele se parecia com o tio. Quando entrevistei Norman Despers, ele mesmo se recordou desses fatos. Também lembrou-se de que, quando foi a Dundas Bay pela primeira vez, o local pareceu-lhe familiar. Teve a mesma sensação de familiaridade quando esteve pela primeira vez em Sitka, uns quatro meses antes de nossa entrevista. Na ocasião de minha entrevista, porém, não se lembrava dos comentários que seu pai lhe atribuía. Achava que se recordava de um fumeiro e, a meu pedido desenhou o esboço de um. Mas não podia dizer com certeza se era o fumeiro de Dundas Bay. Norman nada sabia quanto à crença em reencarnação entre os Tlingits, e não teve noção do impacto causado no pai por suas declarações quando era pequeno.

Norman tem vista fraca e começou a usar óculos regularmente aos quatorze anos. Henry Despers Jr., agora na casa dos cinqüenta, usa óculos, mas apenas para ler.

Comentários

Se aceitarmos o relatório do Sr. Despers quanto à seqüência dos fatos no presente caso, poderemos explicá-lo por uma combinação de percepção extra-sensorial e paramnésia. Os dois fatos declarados pelo menino eram certamente do conhecimento do pai, que estava presente no momento. Norman Despers pode tê-los extraído da mente do pai, atribuindo-os erroneamente a si mesmo como "lembranças" de uma vida pregressa. O pai do menino podia ter sido um agente passivo da informação transmitida.

Contudo, antes de abandonar o caso, devemos perguntar-nos por que o menino fez aquelas declarações somente ao visitar a baía onde estivera localizado o fumeiro. Por que não inferiu esses fatos e neles não falou quando em casa, com os pais? Talvez a resposta esteja em uma estimulação do pai de Norman em pensar no pai dele quando foi aquela baía. Deste modo, Norman poderá ter captado, através de percepção extra-sensorial, os pensamentos que chegaram ao consciente do pai, ou que talvez estivessem a sua superfície. Ou talvez ele tenha se empenhado em "leitura de objetos" em que os lugares circunvizinhos atuaram como veículos para a transmissão, a ele, de informação exata sobre o avô. Em qualquer dos casos, também teria ocorrido paramnésia se percepção extra-sensorial for a explicação correta para o caso.

Ao mesmo tempo, se ocorrer reencarnação, seria de esperar que uma visita a um local da vida anterior estimulasse recordações reais. Esta feição do caso é compatível tanto com a percepção extra-sensorial como com a reencarnação.

Experiências *déjà vu*, até quanto incluam evidência definida de conhecimento paranormal, parecem muitas vezes ilustrar a observação comum de que o reconhecimento é mais fácil do que a recordação, e também freqüentemente ilustram a estimulação da lembrança (provavelmente através de associações) por meio de visitas a locais ligados a acontecimentos do passado na suposta vida anterior. No caso presente, a visita ao local do velho fumeiro, já em ruínas, parece ter reavivado alguma "lembrança" relativa ao mesmo. Depois, quase que instantaneamente veio a declaração do menino quanto ao fato de ser cego. Norman Despers não tinha aparentemente lembrança alguma de sua vida anterior, e nenhuma recordação de sua parte ou da parte do pai exceto quando foi pela primeira vez ao local onde estava o fumeiro de Henry Despers Sr.

Muitos dos casos sugestivos de reencarnação apresentam uma acentuada preponderância entre os eventos, que são aparentemente recordados e os ocorridos nos últimos anos da vida ou próximos da morte da personalidade anterior, A aparente recordação de Korman Despers, do fato de ter sido cego nos últimos anos de vida ilustra isso. Henry Despers Sr. abandonou o fumeiro por volta de 1930, e ficou totalmente cego alguns anos mais tarde, lá por 1933. É possível que tenha abandonado o fumeiro porque sua vista já estivesse falhando. Isto pode explicar a associação, na mente do menino Norman Despers, do fumeiro com a cegueira.

Não vejo nenhuma significação no desenho do fumeiro feito por Norman Despers. O desenho não tinha nada de especial que o identificasse como a reprodução do fumeiro

de Henry Despers Jr. ou qualquer outro fumeiro, visto haver muitos idênticos a ele no sudeste do Alasca.

Como no caso de Jimmy Svenson, a criança deste caso recebeu o nome de um falecido tio. Nisto também há evidência direta da parte do menino, de que seus parentes falavam muito com ele sobre o tio, chamando a atenção para semelhanças na sua aparência física e na do tio. Estas circunstâncias, porém não o influenciaram a uma identificação com o tio materno; em vez disso ele experimentava um senso de identificação com o avô paterno.

O Desenvolvimento Posterior de Norman Despers

Não encontrei Norman Despers entre setembro de 1962 e maio de 1972. Naquele momento visitei-o em sua casa em Hoonah onde estava vivendo com sua esposa e filhos. Tinha vinte e sete anos.

Tinha se recuperado completamente da tubeculose a qual tinha na época de minha primeira entrevista com ele. Não mencionei esta doença anteriormente porque não era relevante para suas memórias de uma vida anterior; mas a tuberculose foi o principal motivo para estar em Sitka onde foi um paciente no *Alaska Native Hospital* em Mt. Edgecumbe (de fato uma parte de Sitka) e onde assistia ao segundo grau quando encontrei-o em 1962.

Em 1972 a saúde de Norman Despers estava no geral boa, exceto por sua vista, que não estava. Tinha marcante miopia (20/250) exigindo correção com óculos. Possuía três irmãos, sendo um mulher. Norman era a única das quatro crianças com algum dano na visão[49]. Deve ser lembrado que seu avô, de cuja vida Norman tinha duas memórias, sofreu de vista pobre e ficou cego nos últimos quatro anos de sua vida.

Norman não tinha memórias adicionais da vida prévia desde nossa entrevista anterior.

Continuou no segundo grau até seu ano sênior, mas quando seu pai ficou doente retornou a Hoonah e parou o colégio. Casou em 1964 e tem três filhos. Seu pai morreu em 1968. Em 1972 estava trabalhando numa fábrica de conservas de caranguejo em Hoonah.

[49] Na primeira edição deste livro mencionei que Norman era uma das cinco crianças do segundo casamento de seu pai. Em 1972 Norman se referiu a somente quatro crianças como vivas, então possivelmente uma morreu nesse meio tempo. Não perguntei sobre isso porque não notei a discrepância naquele momento.

O Caso de Henry Elkin

Sumário do Caso.

O único informante deste caso foi o próprio Sr. Henry Elkin. Ele nasceu em 1899 em Angoon. Morou ali durante os primeiros anos de sua vida e mudou-se há vários anos para Hoonah, onde atualmente vive.

Sua mãe lhe contou que ele nascera com dois sinais na pele do tórax, um na frente e outro nas costas, do lado esquerdo. Essas marcas ainda são nítidas e eu as examinei cuidadosamente. Na pele, do lado esquerdo do tórax, aproximadamente a meia distância do mamilo e da clavícula, há um sinal redondo de cerca de 1/2 polegada de diâmetro, ligeiramente rugoso e ligeiramente claro em relação à pele circundante. Atrás, no lado esquerdo do tórax há um sinal maior, de forma irregular mais ou menos de um triângulo, ligeiramente fundo, e não diferente em coloração, da pele que o cerca. Este fica a cerca de seis polegadas do ombro, no lado esquerdo das costas, e aproximadamente a três polegadas da linha mediana. Do outro lado das costas, do lado direito, mais ou menos no mesmo nível e um pouco mais próximo à linha mediana encontra-se uma outra cicatriz irregular semelhante, porém menor. O Sr. Elkin declarou que esta marca era proveniente de uma queimadura que sofrera, depois do nascimento, e que as outras duas, de acordo com sua mãe, eram congênitas.

A marca redonda rugosa da parte dianteira do tórax do Sr. Elkin, no lado esquerdo, parece-se exatamente com a cicatriz de um ferimento de bala, no ponto da perfuração. O sinal do lado esquerdo das costas do Sr. Elkin tem uma aparência menos definida, mas poderia possivelmente ter sido ocasionado pelo ferimento de saída de uma bala. As duas marcas do lado esquerdo do tórax estão dispostas ao longo da linha reta e quase horizontal que uma bala seguiria ao atravessar o peito, partindo da marca da frente para a de trás.

Na época em que o Sr. Elkin nasceu, seus pais não o identificaram com nenhum parente falecido (pelo menos publicamente) nem lhe deram, que ele saiba, o nome de um parente determinado. O Sr. Elkin não afirma recordar-se de qualquer morte associada com as marcas congênitas que dão a impressão de ferimento a bala, que correspondessem às marcas congênitas em seu tórax. Entretanto, ele se recorda de duas aparentes reminiscências de uma vida anterior.

Quando o Sr. Elkin era criança, sua mãe o levou à velha casa comunal em Angoon. Ao percorrê-la, ele disse que "viu sua avó lá." Sua mãe disse que tal fato havia ocorrido antes de ele ter nascido, porém não mais falou sobre o assunto com ele. Quando os Tlingits empenhavam-se em suas guerras tribais (que, como disse, cessaram entre 1850 e 1880), as mulheres permaneciam nas casas comunitárias até que os maridos sobreviventes voltassem da batalha. A avó de Henry Elkin esperava, de fato, na casa comunitária de Angoon, que seu marido retornasse das batalhas. Ele estava, portanto, aparentemente recordando-se de fatos que haviam tido lugar vinte e cinco anos ou mais antes.

Quando Henry Elkin tinha oito anos de idade, "lembrou-se" subitamente de uma ocasião em que seu pai, juntamente com um companheiro, tinham salvo num barco as vidas de dois homens que, enquanto colhiam algas, sofreram um acidente e estavam

prestes a morrer afogados. Os detalhes da recordação desse episódio foram reconhecidos como corretos por seus pais, quando ele lhos contou. Não obstante, mais uma vez eles lhe disseram que isso havia ocorrido antes de ter ele nascido, e proibiram-no de falar novamente no assunto. A lembrança do salvamento desses dois homens por seu pai permanecia clara na mente do Sr. Elkin, em 1962.

Comentários

Como lamentavelmente o Sr. Elkin é a única testemunha do seu caso, temos que aceitar ou rejeitar sua palavra de que as suas marcas do lado esquerdo do seu tórax eram de fato congênitas, e não pós-natais como a do lado direito posterior do tronco. Acho difícil explicar como ele as poderia ter adquirido após o nascimento. Uma bala que realmente fizesse trajetória entre os locais dessas duas marcas, teria provavelmente sido fatal. É pouco concebível que não tivesse atingido todos os grandes vasos do tórax, dos quais, qualquer um deles alcançado, teria ocasionado morte quase instantânea, por hemorragia. Mas, se tal ferimento não tivesse sido imediatamente mortal, seria na certa bem lembrado por alguém. Se isso tivesse acontecido com o Sr. Elkin, após a idade de cinco anos, digamos, ele próprio se lembraria do fato. Se tivesse ocorrido quando era muito criança, ou seja, com menos de cinco anos, ele poderia esquecer-se de tal ferimento, mas seus pais saberiam a respeito e presumivelmente não teriam razão alguma para dizer-lhe que observaram os sinais em seu corpo, por ocasião do seu nascimento. Se desejassem transformá-lo num herói de guerra, talvez tivessem procedido assim, mas não engendraram tal história e bloqueavam-lhe a lembrança do pouco de que se recordava.

Parece-me que os mesmos argumentos invalidam a idéia que ocorreu de que o Sr. Elkin houvesse infligido tais marcas a si mesmo, com propósitos fraudulentos. Sem atentar para a dor que sentiria e a habilidade que lhe seria exigida para simular ferimentos de bala com tanta nitidez, teríamos que defrontar o fato de que jamais ele pareceu ter arquitetado sua história, de qualquer modo que fosse. Assim, longe de urdir a história de uma morte heróica em combate, o Sr. Elkin parece ter renunciado ao seu relato um tanto relutantemente. Em suma, penso que o caráter fragmentário deste aumenta sua autenticidade.

Como já se disse, muitos Tlingits acreditam ser uma desgraça lembrar-se de uma vida anterior, como também o crêem muitos hindus e budistas. Portanto, comumente desestimulam a criança a que se lembre de uma existência anterior, de falar a esse respeito. Contudo, a insistência, por parte dos pais do Sr. Elkin, em que ele não falasse acerca das suas aparentes recordações de uma vida anterior, parece ter sido um tanto mais acentuada do que a costumeira dissuasão de crianças em falar de suas vidas pregressas. Este fato, bem como o reconhecimento por parte dos pais, da correção das suas duas declarações, dão a idéia de que talvez eles houvessem realmente identificado o Sr. Elkin com uma determinada pessoa que não morreu de morte natural; e tinham razões suficientes para não desejarem que essa identificação se desenvolvesse na criança ou que fosse divulgada na aldeia. Não temos nenhuma prova direta dessa especulação, e eu somente saliento isto, em conexão com a teoria de identificação imposta. Porquanto, nas cicatrizes congênitas do Sr. Elkin havia material disponível para uma imediata imposição, na criança, da personalidade que seus pais lembrassem ter tido ferimentos da mesma espécie. Quem quer que morresse de tais ferimentos teria certamente sido um herói de guerra ou teria sido assassinado às ocultas. Uma vez que os

Tlingits glorificam os heróis de guerra, concluo que o Sr. Elkin pode enquadrar-se na categoria de homens mortos que contam histórias.

Uma Entrevista Posterior com Henry Elkin

Não encontrei Henry Elkin entre setembro de 1962 e maio de 1972. No último mês que estive no Alasca, soube que ele ainda estava vivendo em Hoonah, e fui lá para encontra-lo. Recebeu-me cordialmente, apesar de estar extremamente ocupado e se preparando para ir pescar halibutes quando cheguei. Tinha então setenta e três anos, mas parecia um tanto mais jovem. Parecia estar em boa saúde, e disse que estava, exceto por algum resíduo de uma doença do coração que tinha tido muitos anos antes.

Henry Elkin disse-me que ainda ocasionalmente pensava sobre as memórias que tinha tido de uma vida prévia. Isto surpreendeu-me porque esperava que dissesse que não se lembrava de nada. Quatro dos outros cinco indivíduos Tlingit a quem eu realizei entrevistas de continuação disseram, na época das últimas entrevistas, que não possuíam memórias persistentes das vidas prévias que tinham anteriormente lembrado ou se identificado. (Derek Pitnov de fato nunca teve *qualquer* memória mental de uma vida prévia).

Quando perguntei a Henry Elkin do que ainda lembrava, primeiramente deu-me um registro do episódio descrito acima no qual tinha visitado a casa comunitária em Angoon e tinha então tido uma memória, ou visão talvez, de sua avó materna lá presente. Sua descrição do episódio não diferia da que tinha me fornecido em 1962 exceto que disse que em 1972 sua irmã (não sua mãe) o tinha levado para visitar a casa comunal em Angoon. Falou ainda que foi sua mãe que lhe disse que o evento que lembrou tinha ocorrido antes de ter nascido.

Seu registro da segunda memória da vida prévia diferia consideravelmente do que tinha me dito anteriormente, ou melhor, numa luz bastante diferente posto o que tinha contado-me em 1962. Refiro-me a sua memória de estar com seu pai em um barco quando seu pai salvou as vidas de dois outros homens que estavam prestes a se afogarem. Em 1972 Henry Elkin não mudou estes detalhes do que tinha acontecido quando seu pai salvou as vidas destes homens que quase se afogaram. De fato, forneceu alguns detalhes adicionais como os nomes dos homens que foram salvos do afogamento. E repetiu que sua mãe disse-lhe que ele ainda não havia nascido na época deste episódio. Mas em 1972 adicionou algumas informações que não havia dado antes. Disse que seus pais haviam lhe contado que sua irmã mais velha estava viva quando este resgate aconteceu e que ela tinha estado na canoa com seu pai (e de Henry Elkin).

A irmã mais velha no caso morreu com doze ou treze anos quando o próprio Henry Elkin era um garotinho. (De sua descrição inferi que ele tinha talvez cinco ou seis anos quando ela morreu; ele não podia lembrar exatamente que idade tinha e se recusou a dar uma estimativa; um desejo de se prender estritamente ao que ele podia se lembrar é um de seus traços admiráveis). Henry Elkin nasceu em 1899. Vamos supor que sua irmã morreu por volta de 1905. Se ela tinha então cerca de doze ou treze anos podemos situar seu nascimento como sendo por volta de 1892. Mas ela não teria saído com seu pai em uma canoa muito antes de ter cinco ou seis anos. Presumo portanto que o incidente em questão ocorreu em algum lugar por volta de 1897-8, não muito antes de 1899, mas

ainda definitivamente antes do nascimento de Henry Elkin de acordo com o que sua mãe havia lhe dito.

A memória de Henry Elkin do episódio é que *ele* estava na proa na canoa que seu pai estava remando. Não inclui memórias de sua irmã estando lá. Como então vamos entender isto como uma memória dele? Confesso uma perplexidade concernente ao item. Se aceitarmos que Henry Elkin tinha tido uma vida prévia, esta memória em particular pode ter derivado de suas experiências como um espírito desencarnado o qual tinha alguma consciência de eventos na família da personalidade prévia a qual foi ser também a família em que ele reencarnaria[50]. Não encontrei qualquer outro caso Tlingit em que o indivíduo alegou uma memória de eventos acontecendo na família prévia durante o período entre as vidas terrestres. Mas alegações de memórias de eventos que ocorrem à família prévia durante o período de "intermissão" aparecem ocasionalmente em casos do sul da Ásia e em alguns destes o indivíduo alega detalhes verificáveis de eventos que ocorreram à família prévia após a morte da personalidade prévia a antes do nascimento do indivíduo.

Alternativamente, a versão revisada de Henry Elkin (ou talvez eu devesse dizer em justiça para com ele, ampliada) da memória do resgate dos homens afogados pode ter entrado em sua mente por percepção extra-sensorial de sua irmã. Sua irmã havia estado na canoa de seu pai no momento do resgate dos homens. Deve ter tido uma memória do episódio e talvez isto de algum modo foi transmitido a Henry Elkin e então subseqüentemente foi falsamente atribuído por ele como um evento que ele mesmo vivenciou. Mas não precisamos sequer evocar percepção extra-sensorial porque também é possível que a irmã de Henry Elkin simplesmente tenha lhe dito suas próprias memórias do incidente antes de morrer e então depois – através de uma ilusão de memória – veio a pensar que ele, não ela, tinha participado no resgato dos homens que o pai deles salvou.

[50] Na maioria (70%) dos casos do tipo reencarnação Tlingit o indivíduo e a personalidade prévia são relacionadas pelo lado da mãe. (I. Stevenson. "Cultural Patterns in Cases Suggestive of Reincarnation among the Tlingit Indians of Southeastern Alaska". *Journal* A.S.P.R., Vol. 60, julho de 1966, 229-243). Se o presente caso seguiu este padrão a avó materna de Henry Eltkin a quem (em sua primeira memória) ele viu presente na casa comunitária em Angoon era a irmã da personalidade prévia que participou em uma guerra tribal e morreu nela. De acordo com o padrão dos casos Tlingit (e as expectativas da cultura Tlingit) o falecido iria então renascer no lado da família da sua irmã. Assim a personalidade prévia e o indivíduo pertenceriam à mesma família pelo lado materno.

O Caso de Derek Pitnov

Sumário do Caso

Derek Pitnov nasceu em 1918 em Wrangell. Ao nascer tinha um sinal no abdome que, embora fosse proeminente na primeira infância, havia-se apagado desde então, mas ainda permanece bem distinto. O Sr. Pitnov permitiu-me examinar a marca em 1962.

Esse sinal apresenta o formato de um losango. Tem, no momento, cerca de uma polegada de comprimento por meia de largura. Fica aproximadamente a uma polegada à esquerda e ligeiramente abaixo do umbigo. A marca parece ser apenas na pele e o tecido desta na região do sinal, não é preso ao músculo subjacente. Há uma pequena depressão no centro da marca. Quanto à cor, ela é atualmente, no centro, um tanto mais escura do que a pele circundante e nos bordos um pouco mais clara do que essa pele próxima. O Sr. Pitnov declarou que quando era mais jovem, o sinal era uma polegada maior e de cor muito mais acentuada, especialmente ao sentir frio, como quando ele se banhava em água fria. O Sr. Pitnov disse que anteriormente tinha a aparência de um ferimento recente. Ele não tem marca nenhuma nas costas. Uma lança que penetrasse o abdome em ângulo reto no local da marca do Sr. Pitnov ocasionaria morte quase instantânea por seccionar a aorta descendente.

O Sr. Pitnov sabia de um sinal de nascença em seu abdome, quando criança, mas só recentemente teve conhecimento da sua possível relação com um ferimento real de um ancestral seu. Soube, por volta de 1955, que ao nascer, a marca do abdome fora relacionada por algumas senhoras idosas de Wrangell, ao ferimento mortal sofrido por um famoso nativo de Wrangell, Chah-nik-kooh. Este, embora não fosse um chefe, havia comandado um contingente de homens de Wrangell a um "potlatch" (festa ritual) em Sitka a qual teve lugar em 1852 ou 1853. Os Sitkas e seu chefe, Yakwan, haviam proclamado que esse "potlatch" seria um acontecimento amistoso para solução pacífica de uma velha desavença entre as tribos de Wrangell e de Sitka. O grupo de Wrangell fora advertido da iminência de traição por parte de Sitka, mas não fizera caso. Quando chegaram a Sitka, uma recepção amistosa deu início às cerimônias. Os Wrangell não traziam armas e não esperavam precisar usá-las. Mas em meio às festividades, Yakwan e alguns outros homens caíram sobre os Wrangell e traiçoeiramente assassinaram quarenta deles a golpes de lança. Uns poucos sobreviventes fugiram para Wrangell levando a notícia desse massacre. A aversão entre as tribos persistiu acentuada até um outro (e profícuo) tratado de paz em 1918, porém uma certa animosidade e temor mútuo perduram até hoje.

O massacre de Sitka foi objeto de alguma atenção da história escrita do Alasca[51,52] mas as tradições orais dos Wrangell fornecem mais detalhes. Entre estas encontramos um relato de como Chah-nik-kooh encontrou a morte. Conta-se que, quando Yakwan mostrou sua lança e sua intenção de trucidar os Wrangell, Chah-nik-kooh bradou: "Se você deseja matar alguém, mate a mim!" Essa observação evidencia um misto de resignação à morte inevitável e de uma desafiante bravura em enfrentá-la. Foi, portanto, o primeiro a ser lanceado. Na verdade, Yakwan traspassou vários corpos com uma só lança, embora não se saiba se Chah-nik-kooh foi um dos que foram assim tratados. Os corpos dos homens chacinados ficaram em Sitka.

---

[51] H. H. Bancroft. *History of Alaska*. San Fracisco: A. L. Bancroft & Co., 1886.
[52] C. L. Andrews. *The Story of Alaska*. Caldwell, Idaho: Caxton Printers, 1938.

Como foi mencionado, alguns poucos sobreviventes conseguiram voltar a Wrangell levando a história do massacre e de sua fuga. Por eles os Wrangell ficaram sabendo dos detalhes dos homicídios e os transmitiram a seus descendentes. Pormenores do local exato dos ferimentos de todos os homens assassinados tornar-se-iam, assim, bem conhecidos em toda a comunidade de Wrangell.

Em 1918, (cerca de sessenta e seis anos depois do massacre), alguns habitantes idosos de Wrangell afirmavam que as marcas de nascenca no abdome do Sr. Pitnov tinham a localização idêntica à dos ferimentos mortais de Chah-nik-kooh, que era também tio-bisavô do Sr. Pitnov.

Podemos nutrir sérias dúvidas quanto à evidência da singularidade das marcas de nascença do Sr. Pitnov, que permitiram aos anciãos de Wrangell relacioná-las com tanta segurança aos ferimentos de Chah-nik-kooh. No morticínio de quarenta Wrangell, como poderia alguém mais tarde saber, como segurança, exatamente onde cada vítima havia recebido o ferimento? A impossibilidade dos Wrangell em examinar a pele dos corpos posteriormente, deve ter aumentado a dificuldade, sendo que a. história do massacre e de como Chah-nik-kooh morreu dependiam dos relatos das testemunhas oculares que escaparam. Como digo, poderemos pôr em dúvida a fidelidade da memória dos anciãos quando afirmaram que o Sr. Pitnov era de fato a reencarnação de Chah-nik-kooh. Mas não podemos duvidar da plausibilídade inerente da história, porquanto a narrativa de tão pequeninos detalhes, como a maneira exata da morte e a localização do ferimento da lança, é inteiramente característica das histórias tribais dos Tlingits, transmitidas de uma geração a outra[53].

O próprio Sr. Pitnov forneceu toda a informação precedente sobre a ocorrência da marca congênita em seu abdome e sua relação com o destino de Chah-nik-kooh. Ele se lembrava da marca quando era criança, mas somente soube da sua relação com Chah-nik-kooh, quando adulto. Surgiu a questão, como aconteceu em outros casos semelhantes, de ter o sinal sido encontrado no Sr. Pitnov, por ocasião do nascimento, ou ter sido adquirido posteriormente.

---

[53] Muitos Tlingits acreditam que suas tradições orais são mais precisas do que os documentos escritos. Eles treinam uma criança na reprodução de uma história até que ela possa repeti-la perfeitamente. Isso lhes assegura uma transmissão rigorosa de uma geração a outra. Alegam que relatos escritos podem descuidadamente conter e perpetuar erros que são evitados na tradição oral. Tampouco os modernos historiadores consideram sem valor a tradição oral. Alguns são mesmo inclinados a concordar com os protestos contra documentos escritos de povos que confiam na tradição oral. (R. M. Dorson. "Oral Tradition and Written History: The Case for the United States." *Journal of the Folklore Institute*, Vol. I, dezembro de 1964, 220-234). P. Drucker (*Indians of the Northwest Coast*. New York: McGraw-Hill Book Company Inc. 1955) participa dessa confiança e declara: "No que respeita a essas tradições, deve-se salientar que, embora os índios não possuíssem documentos escritos, e tivessem que se fiar nas transmissões orais das histórias de seus clãs e de suas famílias, as tradições de todos os grupos, das ilhas Vancouver até o Norte, são tão específicas e coerentes — e quanto possam ser conferidas, tão corretas — que há pouca dúvida de que em sua maioria sejam historicamente exatas..."

Um incidente ocorrido durante minha segunda visita ao Alasca ilustra a confiança que tem um contador de histórias Tlingit na tradição oral e seu desprezo pelos documentos escritos. A pedido do Sr. George Hall, um ancião Tlingit, autoridade em lendas e histórias tribais, começou a narrar-nos uma lenda Tlingit. Desejando conservá-la para estudos posteriores, peguei minha caneta e comecei a anotar o que ele dizía. Ao ver isso, o narrador exasperou-se e queixou-se ao Sr. Hall de que essa espécie de coisa (escrever as histórias) era o meio pelo qual os erros entravam nas histórias, distorcendo-as.

Em Wrangell, onde o Sr Pitnov havia nascido, indaguei de vários membros de sua família sobre a existência dessa marca quando nasceu. E entrevistei uma das suas irmãs, em Anchorage. A mãe, o pai e duas irmãs mais velhas nada sabiam sobre a existência de sinais de nascença no corpo do Sr. Pitnov. Podemos desprezar o testemunho de uma irmã mais idosa visto que ela é apenas dois anos mais velha do que o irmão, e é improvável que tenha compreendido o significado do sinal congênito quando ele nasceu ou que tenha sabido disso posteriormente. E sua outra irmã, embora com quatro anos de idade quando ele nasceu, deixou a família, indo para a escola alguns anos mais tarde, crescendo num ambiente diferente daquele do Sr. Pitnov. Portanto, teria sido improvável que ela tivesse ouvido falar dessa marca de nascença. O testemunho do pai do Sr. Pitnov também é de pequena valia, uma vez que ele, com 89 anos de idade, no outono de 1962, tinha obviamente uma memória fraca. Além do mais, parece nunca ter estado muito próximo de sua esposa ou ter dado a ela ou a seus filhos muita atenção; o casamento terminou por separação e divórcio, cerca de um ano depois do Sr. Pitnov nascer. Mas, é estranho que a mãe deste não se lembrasse de qualquer marca de nascimento no abdome do filho. Ela parecia ter mente vivaz e, embora com 70 anos de idade em 1962, não mostrava nenhum sinal evidente de decrepitude. Ela se lembra de que o filho tinha um sinal de nascença no joelho mas nada sabia quanto a um no abdome. (O Sr. Pitnov nada falou sobre um sinal em seu joelho.) A falha dela em lembrar-se disto torna-se ainda mais inexplicável em vista do fato de que uma outra senhora de Wrangell, a Sra. Robertshaw, lembrava-se de que o Sr. Pitnov tinha nascido com uma marca "abaixo do pulmão esquerdo". Esta informante, de 90 anos de idade em 1962, mostrou alguns sinais de confusão, confrontada com outros informantes. Ela fala apenas tlingit e nada de inglês. Seu sobrinho-neto serviu-lhe de intérprete. Sua localização da marca, embora não tão precisa quanto poderia ser, está, de modo geral, correta. E pareceria que ela realmente tinha algum conhecimento do sinal particular em questão.

O Sr. Pitnov não diz lembrar-se da vida e morte de Chah-nik-kooh, ou, relativamente a isso, de nenhuma outra pessoa. Contudo, dá mostras de dois interessantes e importantes traços de comportamento. Primeiro, lembra-se de ter tido, desde a infância, um acentuado temor por punhais, baionetas e lanças. Quando menino, tinha medo de facas e com elas não brincava, como os demais meninos. Sentia uma profunda repulsa pelos exercícios de baioneta, quando esteve no exército, durante a Segunda Guerra Mundial. Não deixa que seus filhos brinquem com facas. Essa fobia não se estende a outras armas perigosas, como as armas de fogo mas restringe-se às armas brancas.

O Sr. Pitnov não sabe de nenhum acontecimento da sua presente vida que possa explicar essa fobia que sente por punhais e lanças. Uma vez, numa briga, cerca de dez anos antes, um homem puxou um punhal para ele mas o Sr. Pitnov assegura que seu horror a punhais antecedia esse incidente, e que sua profunda reação de rancor para com o homem que o ameaçou foi uma conseqüência, não a causa, da sua aversão por punhais.

A esposa do Sr. Pitnov declarou que havia notado seu acentuado horror por facas e que ele fazia mais restrição a que seus filhos as usassem do que outros pais da comunidade.

Figuras de lanças não despertam especial emoção no Sr. Pitnov, porque quando eu lhe mostrei uma fotografia de uma lança de batalha dos Tlinglts ele não demonstrou nenhum sinal visível de emoção, ao observar a fotografia. Em 1965, o Sr. Pitnov me disse achar que seu temor por armas brancas havia diminuído muito.

Segundo, o Sr. Pitnov, embora nascido em Wrangell, tem profundo interesse em melhorar as relações entre o povo de Wrangell e o povo de Sitka. Fixou residência em Sitka, onde algumas pessoas ainda dão mostras de marcante reserva para com os Tlingits de Wrangell. Ele teria, sem dúvida, assumido uma atitude mais conveniente se tivesse ficado em Wrangell, ou se, morando em Sitka, permanecesse incógnito e afastado das organizações locais. Mas, ao invés disso, integrou-se totalmente nestas, ocupando mesmo, elevados cargos em organizações tlingits de Sitka. O Sr. Pitnov disse-me que sente um profundo desejo de promover a harmonia entre os dois clãs e de ser útil ao povo de Sitka. O Sr. George Hall, que conhece tão bem o Sr. Pitnov, quanto à situação, testificou o impulso que o Sr. Pitnov sente em ingerir-se nos negócios dos Tlingits, em Sitka, o que continua a fazer, a despeito de frustrações e desapontamentos.

Nas atitudes do Sr. Pitnov para com os Tlingits de Sitka podemos reconhecer semelhanças com o comportamento de Chah-nik-kooh, que dirigiu uma expedição de paz de Wrangell a Sitka, na qual perdeu a vida. O Sr. Pitnov afirma que antes de 1955 não tinha conhecimento nenhum dos relacionamentos que estabeleciam entre ele próprio e Chah-nik-kooh e, se isto é verdade, sua compulsão para sanar os agravos existentes entre os Wrangells e Sitkas, antecedia qualquer idéia que pudesse ter tido de ter desempenhado aquele mesmo papel em uma existência anterior.

Nos meus estudes de casos sugestivos de reencarnação, encontrei grande quantidade de pessoas que relatem alguma moléstia tipicamente relacionada com algum acontecimento da vida pregressa[54]. O Sr. Pitnov declarou que tem tendência para sentir dores abdominais, quando em tensão. Porém, como muitas pessoas, quando tensas não sentem dores abdominais, mas sintomas em outros órgãos, é interessante observar que os sintomas físicos de tensão do Sr. Pitnov se localizem principalmente no abdome.

Comentários

O fato de a mãe do Sr. Pitnov não se lembrar do sinal no abdome deste, cuja presença aí foi asseverada pela Sra. Robertshaw, apresenta um desconcertante problema neste caso. Mas ele pode ter a seguinte explicação. A Sra. Robertshaw, é de modo geral, considerada em Wrangell como uma das últimas pessoas idosas cabalmente informadas sobre a história tribal e em assuntos tais como a relação de renascimentos e sinais de nascença. Quando o Sr. Pitnov nasceu, em 1918, é bem possível que a Sra. Robertshaw tenha tido conhecimento do sinal e por ele se interessasse, enquanto que sua mãe demonstrou pouco interesse pelo fato e, com o passar dos anos, esqueceu-se completamente dele. Numa conversa posterior com o Sr. Pitnov, ele atribuiu a falta de confirmação, por parte de sua mãe, do fato de ter ele tido a marca de nascença, a uma deliberada omissão do assunto, em vez de a uma real perda de memória. Ele crê que ela deseja evitar qualquer referência às velhas contendas entre os clãs dos Tlingits, que, como mencionei, de certo modo perduram ainda hoje.

Se o sinal no abdome do Sr. Pitnov não for um sinal de nascença, teremos que explicar sua existência de algum outro modo. Como no caso de Henry Elkin, é difícil imaginar

[54] Na presente série de casos, Marta (págs. 175-193), apresenta a outra única ilustração de tais correlações entre eventos da vida da personalidade pregressa e a enfermidade do paciente. Mas outros casos ainda não publicados trazem outros exemplos disso.

como uma marca daquelas dimensões poderia ter aparecido no corpo do Sr. Pitnov, após o nascimento, sem que ele ou sua mãe tivessem conhecimento disso. Contudo, isso poderia ter acontecido, e no caso do Sr. Pitnov, um ferimento ou queimadura comparativamente superficial poderia ter ocasionado uma marca residual. Como já se disse, o sinal no abdome do Sr. Pitnov não tem nenhum outro correspondente em suas costas, de onde uma hipotética lança deveria ter emergido. Não obstante, o problema do formato especial da marca perdura. Esse sinal tem o formato de um losango, bem distinto e simétrico. No contorno geral lembra muito o sinal romboidal pigmentado existente no flanco direito do Sr. Porter. O sinal do Sr. Porter é de formato um tanto menos regular pelo menos em um lado, em que tem a borda bastante pontiaguda. Mas ambos têm, de modo geral, a forma de um losango.

Acontece que a lança de batalha dos Tlingits tem a lâmina achatada, que na base se torna do formato de um losango e é encaixada em um punho romboidal. O punho liga-se a um cabo roliço e longo. A parte roliça não tem diâmetro maior do que o punho em losango[55]. Quando essa lança entra no corpo, a lâmina rasga o tecido e o punho faz um ferimento em forma de losango. O cabo roliço não modificaria o ferimento feito pela lâmina e punho. A lança de batalha dos Tlingits tem uma lâmina bem estreita e um punho de não mais de 1,5 polegada de largura. Em suma, seu tamanho e aspecto indicam que ocasionaria um ferimento correspondendo aproximadamente, em dimensão e formato, às marcas do flanco do Sr. Porter e do abdome do Sr. Pitnov. O fato de duas pessoas nascerem com sinais em forma de losango, correspondentes aos de um ferimento que fosse infligido por lanças usadas no Alasca requer alguma explicação[56].

A Vida Posterior de Derek Pitnov

Não encontrei Derek Pitnov entre agosto de 1965 e maio de 1972. Mas em 24 de maio de 1972 tive uma longa conversa com ele em Sitka, e também conheci sua (segunda) esposa.

Na primeira edição deste livro mencionei que o interesse de Derek Pitnov em tentar melhorar as relações entre os povos Tlingit anteriormente hostis e briguentos de Wrangell e Sitka. Ele continuou de algum modo interessado nesta questão mas menos do que anteriormente, possivelmente talvez porque o rancor anterior tinha diminuído, apesar dele mesmo não mencionar isto para mim como motivo para ter ficado menos interessado. Também ficou menos ativo do que anteriormente nos negócios da *Alaska Native Brotherhood* na qual havia previamente participado com entusiasmo. Tinha, entretanto, servido quatro anos como membro do Conselho da Cidade de Sitka de 1966

[55] O Sr. George Hall gentilmente pôs à minha disposição uma fotografia da uma lança de batalha Tlingit, bem como alguns outros petrechos de guerra que possibilitam avaliar a dimensão da lança. A fotografia permite também inferir-se quanto ao formato da lâmina, punho e cabo da lança. A lança mesma não estava à mão, quando visitei o Alasca, mas as minhas deduções sobre sua dimensão e formato foram confirmadas em conversa com ex-proprietário da lança a qual hoje já não é disponível.

[56] Apesar disso, não desejaria deixar a impressão de que considero o formato de losango das marcas de nascença decisivos por si mesmo, relativamente à possibilidade de alguma explicação paranormal para eles. O Dr. R. M. J. Harper publicou a fotografia de um sinal de nascença pigmentado de formato losangular, bastante semelhante à do Sr. Porter. (R. M. J. Harper. *Evolution and Illness*. Londres: E. e S. Livinstone, Ltd., 1962). No caso de Harper a marca de nascença aparece na parte inferior esquerda do tórax, na linha do mamilo de uma criança de sete anos. Harper relacionou esses sinais a mamilos excrescentes, mas isto é apenas uma possível explicação.

a 1970 e somente perdeu seu trabalho depois de uma amalgamação da cidade e vila adjacente que levou à abolição de alguns escritórios de conselheiros.

Sr. Pitnov tinha tido experiências insatisfatórias com emprego desde nosso último encontro. Trabalhou por três anos num moinho de polpa fora de Sitka e então desistiu disto para juntar-se ao Serviço do Parque Federal. (O Departamento do Interior mantém um parque histórico em Sitka). Mas por volta de 1971 renunciou desta posição e com sua (primeira) esposa obteve emprestado uma grande quantidade de dinheiro e tentou abrir um negócio. O negócio fracassou ao menos parcialmente porque sua esposa divorciou-se dele nesta época e retirou sua eqüidade da companhia possuída em conjunto. Depois deste desastre, ele passou um inverno desempregado em Anchorage. Sua fortuna melhorou outra vez quando lhe foi oferecido um emprego bem remunerado de construção em Sitka. E por essa época encontrou sua segunda esposa.

Embora recebesse salários comparativamente altos para seu trabalho em construção, Sr. Pitnov certamente era capaz de emprego mais capacitado e intelectual. Tinha um vocabulário excelente e um conhecimento profundo, se não acadêmico, do povo Tlingit. Estes logros deviam tê-lo qualificado para uma posição com o *Bureau of Indian Affairs*, mas por razões que não posso compreender, não foi capaz de obter um emprego neste ramo do governo federal.

Em 1972 sua saúde geral era boa, apesar que ainda era suscetível à dor em seu abdome quando sob estresse. Como escutei novamente seu relato deste sintoma, pareceu-me que estava sofrendo, nestes momentos, de hiper-acidez gástrica; disse que suas dores abdominais eram aliviadas por anti-ácidos.

Negou que tivesse no momento qualquer aversão consciente por facas como a que tinha quando era mais jovem e mesmo adentrando no início da maioridade. Sua esposa, entretanto, observou que ele nunca usava uma faca para comer. Se algo no seu prato de alimento exigia corte ele o fazia com a borda do seu garfo, como eu mesmo observei quando tivemos uma refeição juntos. Ele não estava ciente de deliberadamente evitar o uso de uma faca, mas este hábito concebivelmente pode ser o último vestígio da sua anterior fobia bastante severa a facas.

Examinei novamente a marca de nascimento em seu abdome. Achei que tinha se tornado um tanto menos proeminente e mais pálida quando a tinha visto sete anos antes. (Mesmo então, já tinha diminuído, de acordo com o Sr. Pitnov, da sua proeminência aparência na infância). Tinha, entretanto, retido o formato de diamante que observei antes. Desde que tinha ganho algum peso nos sete anos entre nosso último encontro e este, penso que isto causou alguma distorção, como agora me pareceu, no formato de diamante da marca de nascença. Não obstante, o formato de diamante era distintamente visível a apareceu com alguma claridade nas fotografias que tirei da marca de nascença.

O Caso de Corliss Chotkin Jr.

Sumário do Caso

Victor Vincent, um Tlingit de raça pura, morreu na primavera de 1946 em Angoon. Durante os últimos anos da sua vida, apegou-se especialmente a sua sobrinha, Sra. Corliss Chotkin Sr., filha de sua irmã. Ele freqüentemente se hospedava na casa da sobrinha e do marido desta em Sitka, e estes sempre fizeram com que ele se sentisse bem-vindo. Em uma dessas visitas, cerca de um ano antes de sua morte, Victor Vincent dissera à sobrinha: "Retornarei como seu próximo filho. Espero que então eu não seja tão gago como sou agora. Seu filho terá estas cicatrizes". E ele puxou a camisa para cima e mostrou-lhe uma cicatriz nas costas. Essa cicatriz era proveniente de uma operação nas costas, a que se submetera alguns anos antes. Parecia-se distintamente com uma cicatriz de operação, pois os pequenos sinais dos pontos permaneciam visíveis. O Sr. Vincent apontou ao mesmo tempo para uma cicatriz que tinha no nariz, do lado direito da base, como sendo uma outra marca pela qual sua sobrinha reconheceria seu renascimento. Essa cicatriz era proveniente de uma operação nesse local. Ao predizer seu retorno, Victor Vincent disse também a sua sobrinha; "Sei que terei um bom lar. Você não vai sair por aí embriagando-se." Com isso aludia a alguns alcoólatras da família. Victor Vincent acreditava que sua falecida irmã Gertrude, mãe da Sra. Corliss Chotkin Sr., havia nascido como filha da Sra. Chotkin, Gertrude Jr. (Gertrude Jr. havia dado à família alguma evidência de conhecimento paranormal da vida de sua avó). O Sr. Vincent apresentou isto como uma razão a mais para retornar na família de sua sobrinha, dizendo que queria crescer outra vez com sua irmã.

Cerca de dezoito meses após a morte de Victor Vincent, a Sra. Corliss Chotkin Sr. deu à luz, em 1947, a um menino que recebeu o nome do pai, chamando-se Corliss Chotkin Jr. Ao nascer, o menino tinha duas marcas no corpo, exatamente do mesmo formato e na mesma localização das cicatrizes mencionadas por Victor Vincent na predição do seu renascimento.

O sinal na base do nariz, que se disse encontrar-se originalmente com a mesma exatidão no mesmo lugar da cicatriz na base do nariz de Victor Vincent, deslocou-se no sentido inferior, estando, atualmente, na narina direita de Corliss Chotkin Jr, que tinha quinze anos de idade em 1962. Este sinal, que foi de cor avermelhada, apresenta-se agora apenas ligeiramente mais pigmentado do que a pele que o circunda, e forma uma depressão definida.

A marca nas costas de Corliss Chotkin Jr. é muito mais característica de uma cicatriz de operação. Localiza-se nas costas, cerca de oito polegadas abaixo da linha dos ombros e duas polegadas à direita da coluna. É acentuadamente pigmentada e saliente. Mede aproximadamente uma polegada de comprimento por um quarto de polegada de largura. Ao longo de suas bordas podem-se facilmente distinguir diversos pequenos sinais esféricos, distintos da cicatriz principal. Quatro destes, de um lado, estão alinhados como os sinais dos pontos de operações cirúrgicas. Do outro lado, o alinhamento é menos definido. Esse sinal também deslocou-se (para baixo), desde o nascimento de Corliss Jr. Além do mais, tornou-se muito mais fortemente pigmentado, desde seu nascimento. A Sra. Chotkin atribui esta alteração ao fato de Corliss Jr. coçar freqüentemente o sinal, por queixar-se de que sente muita coceira nessa região. O ato de

coçar levou aparentemente a uma inflamação e a alguma distorção do formato da marca, bem como a um aumento de pigmentação.

Como já se disse, a família notou as marcas de Corliss Chotkin Jr. quando ele nasceu. Esta observação, contudo, não fez com que seu nome fosse baseado no de seu tio, e em vez disso, recebeu o nome de seu pai.

Quando Corliss Jr. começou a falar, membros de sua família tentaram ensiná-lo a dizer seu nome, quando lho perguntavam. Um dia, quando tinha treze meses de idade e sua mãe começou a fazer isto, insistindo com o menino para dizer seu nome, ele impetuosamente declarou: "Você não me conhece? Sou Kahkody." Este nome era o apelido tribal de Victor Vincent, e o menino o enunciou com excelente pronúncia, Quando a tia da Sra. Chotkin soube daquela observação, disse que ele se vinculava a um sonho que ela tivera. Sonhara, pouco antes do nascimento de Corliss Jr., que Victor Vincent vinha morar com os Chotkins. A Sra. Chotkin está certa de que não falou a sua tia sobre a predição de Victor Vincent relativamente ao seu retorno, antes de ter ela ouvido a tia contar esse sonho. A própria Sra. Chotkin esperava ter esse sonho, mas não o teve. A enunciação espontânea do nome do tio, feita por Corliss Chotkin Jr. fez com que fosse chamado pelo nome tribal de seu tio, que havia pronunciado.

Quando Corliss Jr. tinha dois anos, ao ser levado pela mãe por uma rua de Sitka, ele reconheceu espontaneamente uma enteada de Victor Vincent, chamando-a corretamente pelo nome, Susie. Demonstrou grande comoção ao vê-la, e, pulando no carrinho em que era conduzido disse: "Lá está minha Susie." Esse reconhecimento teve lugar nas docas, em Sitka. A Sra. Chotkin encontrava-se casualmente lá com o filho e um filho de criação, mais velho (quatro anos mais velho do que Corliss Jr.) Não estavam esperando Susie, nem havia o filho adotivo da Sra. Chotkin notado Susie, quando Corliss a reconheceu. Após o primeiro reconhecimento, Corliss Jr. abraçou Susie afetuosamente, dizendo também seu nome tlingit. Não parava de falar: "Minha Susie."

Ainda quando Corliss Jr. tinha dois anos, reconheceu William, filho de Victor Vincent. Este homem tinha vindo a Sitka em visita, sem que a Sra. Chotkin o soubesse e, como aconteceu com Susie, Corliss Jr. avistou-o na rua e disse: "Lá está William, o meu filho."

À idade de três anos, Corliss Jr. reconheceu a viúva de Victor Vincent. Sua mãe o havia levado consigo a uma grande concentração de Tlingits, a que essa senhora compareceu. De novo Corliss Jr. apontou-a na multidão (antes que a Sra. Chotkin a tivesse visto) dizendo: "Aquela é a minha velha" e "Lá está Rose." Rose era o nome correto da viúva de Victor Vincent e ele sempre se referia familiarmente a ela como "a minha velha".

Em outra ocasião, Corliss Jr. reconheceu uma amiga de Victor Vincent, a Sra. Alice Roberts, que casualmente se achava em Sitka e passava pela casa dos Chotkin, em cujo jardim Corliss Júnior estava brincando. Ao passar, ele a chamou corretamente pelo nome, um nome afetivo. De modo semelhante, e bem espontaneamente, reconheceu três outros amigos de Victor Vincent. Numa dessas ocasiões sua mãe novamente não estava com ele mas observava-o a pequena distância; ele estava na rua sozinho com a pessoa em questão, como estava quando reconheceu a Sra. Roberts. Nas outras vezes sua mãe encontrava-se a seu lado, quando ele se aproximou das pessoas que pareceu reconhecer. Entretanto, nessas ocasiões ele simplesmente demonstrou uma desusada (e quanto a

uma criança, bastante inadequada) familiaridade com essas pessoas, que eram amigas de Victor Vincent, de Angoon. A Sra. Chotkin declarou que Corliss havia reconhecido ainda outras pessoas conhecidas de Victor Vincent, e chamou-as corretamente pelos nomes tribais, porém ela não conseguia lembrar-se dos detalhes dessas identificações. Todos os reconhecimentos feitos por Corliss ocorreram à época em que ele atingira os seis anos de idade.

Corliss Jr. narrou com exatidão dois episódios da vida de Victor Vincent, dos quais sua mãe acha que ele não pode ter tido conhecimento por meios normais. Certa vez descreveu, com alguns pormenores. uma experiência por que Victor Vincent passou, quando pescava. Seu motor quebrou-se e o barco ficou desarvorado em um dos numerosos e perigosos canais do sudeste do Alasca. Victor Vincent vestiu o uniforme do Exército de Salvação (no qual trabalhava meio período) e remou num pequeno bote, a fim de atrair a atenção de um navio que passava, o *North Star*. (Vestiu o uniforme do Exército de Salvação para chamar a atenção sobre si; a tripulação do navio que passava poderia, de outro modo, cruzar indiferente com um simples pescador Tlingit.) Pediu à tripulação que entregasse uma mensagem dele. A Sra. Chotkin havia ouvido essa história narrada pelo próprio Victor Vincent, quando era vivo. Ela tinha certeza de que Corliss Jr. não tinha ouvido dela ou de seu marido, esta história, antes de ele a ter contado a eles, em detalhes precisos e circunstanciados.

Em outra ocasião, a Sra. Chotkin e Corliss Jr. estavam na casa anteriormente ocupada pela Sra. Chotkin e sua família durante a vida de Victor Vincent. O menino apontou para um quarto, dizendo: "Quando minha velha e eu visitávamos você, dormíamos nesse quarto." Essa observação pareceu tanto mais extraordinária porquanto o prédio, que anteriormente fora uma residência, havia, àquela época, sido cedido para outra finalidade, e nenhuma dependência dele poderia ser reconhecida como quarto. Mas o cômodo que ele indicou havia de fato sido ocupado por Victor Vicent e sua esposa quando visitavam os Chotkins.

Por volta dos nove anos de idade, Corliss começou a fazer menos declarações sobre sua vida anterior. Ao tempo das minhas entrevistas, em 1962, quando ele tinha quinze anos de idade, disse nada lembrar-se de sua existência pregressa.

Certos aspectos do comportamento de Corliss Jr. impressionaram a Sra. Chotkin pela estreita semelhança com características de seu tio, Victor Vincent. A esse respeito, a Sra. Chotkin chamou a atenção para a forma pela qual Corliss Jr. penteia o cabelo puxado para a testa, de uma forma que corresponde exatamente ao penteado usado por Victor Vincent, e exatamente oposta à que ela ensinou ao filho. Victor Vincent gaguejava enormemente e, como já se disse, manifestou o desejo de gaguejar menos quando renascesse. Corliss sofria de acentuada gagueira quando criança, a qual persistiu até que, à idade de dez anos aproximadamente, submeteu-se a uma terapêutica da fala para esse mal. Hoje ele já não gagueja. Victor Vincent era um homem devotamente religioso, que procurava seguir os preceitos de Jesus e entrou para o Exército de Salvação, no qual trabalhou ativamente. Corliss Jr. demonstrou devotamento semelhante e manifestou o desejo de freqüentar uma escala de estudos bíblicos. Victor Vincent gostava de barcos e de estar sobre a água. Ele teria preferido viver sobre a água a morar em terra. Entendia muito de barcos e seus motores. Corliss tem o mesmo gosto pela água e expressou desejo de viver vagueando num barco. Tem também uma precoce aptidão para lidar com motores e consertá-los. Aprendeu sozinho, sem nenhuma

instrução, a dirigir barcos. Não é provável que tenha herdado tal habilidade de seu pai, uma vez que este não tem aptidão para motores, e Corliss Jr. consertou com facilidade um motor quebrado que o pai não conseguiu reparar.

Relativamente à questão da origem congênita dos sinais no nariz e nas costas de Corliss Jr., obtive o testemunho de seu pai, Corliss Chotkin Sr. Declarou ele que os sinais achavam-se presentes quando o menino nasceu, e eu penso que podemos aceitar essa declaração como definitivamente comprobatória do fato de serem essas marcas congênitas, e não adquiridas após o nascimento. O Sr. Chotkin Sr., embora tivesse se encontrado com o Sr. Victor Vincent muitas vezes (este último hospedou-se em sua casa em inúmeras ocasiões) não se lembrava de nenhuma das cicatrizes do Sr. Vincent, para as quais este havia chamado a atenção quando predisse seu renascimento. A cicatriz das costas do Sr. Vincent não seria visível em condições ordinárias. A do nariz seria visível, mas era evidentemente pequena (como o é a marca do nariz de Corliss Jr., hoje) e talvez não fosse facilmente notada ou lembrada, a menos que se chamasse a atenção para ela. Contudo, um dos amigos de Victor Vincent, o Rev. William Potts, confirmou a existência de uma cicatriz no canto direito superior do nariz de Victor Vincent, resultante de uma operação. Um relatório oficial, a mim enviado pelo "U. S. Public Health Service Hospital" em Seattle, onde um informante disse ter Victor Vincent permanecido algum tempo, declara que Vincent aí havia sofrido uma operação para remoção do saco lacrimal direito (dacriocistectomia) em 1938. A incisão e cicatriz dessa operação encontrar-se-iam na localização exata entre o olho direito e a base do nariz, que me foi indicado pelo Ver. William Potts como sendo a região da operação sofrida por Victor Vincent; e pela Sra. Chotkin, como a posição de uma das duas marcas de nascença de Corliss Chotkin Jr., quando ele nasceu.

O Sr. Chotkin Sr. não se lembrava da predição feita por Victor Vmcent à sua esposa, em sua casa. Isso não nos deve surpreender, porquanto a conversa entre a Sra. Chotkin e o tio era sempre em tlingit, língua que o Sr. Chotkin não entendia. Além do mais, o Sr. Chotkin (de origem anglo-saxônica) aparentava pouco interesse pelos costumes e crenças dos Tlingits, e parece ter dado pouca atenção às relações entre sua esposa e os parentes desta.

Meus esforços para obter alguma informação comprobatória de uma operação que o Sr. Vincent tivesse sofrido no peito, incluíram uma carta escrita ao "U. S. Public Health Service Hospital", em Seattle. Esse hospital enviou-me um sumário da segunda internação do Sr. Vincent, cm 1940. Nessa época constatou-se que ele tinha uma tuberculose pulmonar no ápice direito, ligeiramente avançada. Nenhuma operação, de qualquer espécie foi feita durante essa internação. Parece possível, contudo, que posteriormente o Sr. Vincent tenha sofrido uma pleurisia ou abcesso do lado direito, que necessitou drenagem.

Entrevistei algumas pessoas que haviam conhecido Victor Vincent, porém nenhuma delas soubera de sua intenção de retornar como filho da Sra. Chotkin. Mas, como um de seus amigos me observou, ele provavelmente não teria expressado essa intenção a não ser a pessoas de sua própria tribo. Ele bem pode não tê-la comunicado a ninguém, a não ser a Sra. Chotkin; ou outros que tivessem sabido teriam dado pouca atenção ou esquecido o fato nos dezoito anos subseqüentes, anteriores às minhas investigações.

Quando entrevistei a tia da Sra Chotkin a respeito do sonho que ela declarou ter tido relativamente ao retorno de Victor Vincent, achei que essa senhora, que tinha noventa anos de idade, dava mostras de um sério enfraquecimento da memória. Ela não conseguia lembrar-se de nada do sonho. Visto ela ter-se expandido sobre o lamentável declínio de interesse pela reencarnação, por parte das gerações mais jovens dos Tlingits, parece possível que seu esquecimento desse sonho, se ela o teve, era resultante de moléstia cerebral orgânica, e não de falta de interesse, que parece a explicação mais provável para a ignorância do Sr. Chotkin Sr. quanto ao caso.

Infelizmente, muitas das testemunhas dos reconhecimentos feitos por Corlias Jr., de pessoas conhecidas de Victor Vincent, estavam mortas ou não se encontravam disponíveis. Consegui entrevistar somente uma das pessoas que Corliss identificou com clareza pelo nome. De acordo com a Sra. Chotkin, Corliss a chamou por seu primeiro nome quando ela passou pela casa. Ele tinha, então, pouco mais de dois anos. Essa pessoa, uma professora, não se recorda de que Corliss jamais a tivesse reconhecido quando ele era pequenino. Contudo declarou que, a caminho do trabalho, ela costumava passar pela casa em que os Chotkin haviam morado. Algumas crianças, vez por outra, chamavam-na pelo nome, e se uma determinada criança o fez, ela não lhe deu atenção. Todavia, geralmente a chamavam pelo seu último nome, raramente pelo primeiro. A Sra. Chotkin, presenciando essa cena da porta de sua casa, ter-se-ia surpreendido pelo fato de o menino saber o nome dessa pessoa; mas a senhora não se surpreendera, e podia muito bem não se lembrar do episódio.

Duas outras testemunhas foram participantes do caso, somente com relação ao comportamento familiar de Corliss, isto é, ele (de acordo com a Sra. Chotkin) as havia reconhecido agindo de modo inusitadamente amistoso da parte de uma criança tlingit para com um adulto desconhecido. Aqui novamente a mãe da criança poderia notar esse comportamento mais do que a outra pessoa em apreço; além disso, essas duas testemunhas eram mais idosas e ambas mostraram tendência para a divagação mental. Assim, estas circunstâncias fizeram-me concluir que o fato de não se lembrarem dos episódios alegados de reconhecimento não desabonou necessariamente o relato da Sra. Chotkin.

Devo, porém, esclarecer que vários informantes lançaram dúvidas sobre a fidedignidade da Sra. Chotkin como testemunha, afirmando-me que ela tinha tendência para retocar e mesmo inventar histórias. Nenhum desses críticos atacou qualquer ponto especial do caso presente; fizeram apenas imputações de modo geral. (Meus informantes do Alasca não impugnaram nenhuma outra testemunha durante minhas estadas lá.) Depois de mais inquirições, soube ainda por outras testemunhas que elas tinham confiança na exatidão da Sra. Chotkin, quanto ao relato dos eventos. E por outras evidências, pareceu-me possível que certas animosidades pessoais haviam influenciado as opiniões acerca da Sra. Chotkin, e talvez tenham tornado alguns dos meus informantes testemunhas não fidedignas com respeito a ela. Não obstante, fiz o máximo esforço para ter a confirmação de seu relato tanto quanto pude, por meio de comprovação independente.

Em minha terceira visita ao Alasca, em 1963, pedi-lhe que repetisse toda a narrativa, o que ela fez. Embora houvesse feito um relato condensado do caso e omitisse alguns detalhes anteriores (ao mesmo tempo que incluía alguns pontos de menor importância não mencionados antes) sua segunda descrição era, no todo, semelhante à primeira que eu ouvira nove meses antes. A única discrepância maior ocorreu na lembrança de uma

data. Além do mais, a Sra. Chotkin ofereceu-se para fornecer-me nomes de outros informantes ou testemunhas, que ela pensava pudessem corroborar seu relato, em vários pontos. Sua atitude a esse respeito não pareceu a de alguém que estivesse tentando ocultar uma fraude. Sua filha, sete anos mais velha do que Corliss, nada sabia sobre o caso. Isto pareceu uma circunstância estranha, a princípio, mas, pensando bem, parece atestar a genuinidade do relato da Sra. Chotkin. Sua explicação é de que ela própria havia demorado a concatenar os vários acontecimentos do caso e a chegar à convicção, que agora possui, de que seu tio renascera como seu filho. Por conseguinte, ela não falou muito sobre o assunto, ou nada absolutamente, com outras pessoas, na ocasião em que ocorreram os fatos. Parece que ela havia falado sobre o comportamento de Corliss a muito pouca gente, se é que o fez, até o momento em que as indagações feitas pelo Sr. George Hall, a meu pedido, a induziram a falar com ele e comigo sobre o assunto. E o fato de sua própria filha (e algumas outras testemunhas que entrevistei) não saberem coisa alguma sabre o caso até o dia das minhas investigações, certamente atesta o fato de que a Sra. Chotkin não estava de modo algum explorando o caso na comunidade, em seu próprio benefício.

Consegui conferir cerca de vinte e um itens de detalhes relacionados ao caso narrado pela Sra. Chotkin. Destes, obtive comprovação em fontes independentes, relativamente a dezesseis itens, e não o consegui com referência a cinco. Destes cinco já tratei de três acima, sendo estes, exemplos de reconhecimento alegados, que outras pessoas podem não ter notado ou lembrado. A mesma explicação poderia ser aplicada à falta de comprovação dos outros dois itens não confirmados. Contudo, descobri que, em relação a dois outros assuntos relacionados a outros casos, a Sra. Chotkin forneceu informação notoriamente discrepante com a de outras testemunhas. Relativamente à existência tanto de uma cicatriz no nariz de Victor Vincent quanto o sinal de nascença, no nariz de Corliss Chotkin Jr., na mesma localização, obtive confirmação de outras testemunhas. No confronto, então, aceito o relato da Sra. Chotkin como fidedigno em seus principais aspectos, embora reconhecendo a possibilidade de que ela pessa ter urdido (penso eu, inconscientemente) alguns dos detalhes.

Comentários

Creio que podemos considerar assente (pela confirmação de outras testemunhas) que as declarações da Sra. Chotkin, de que o sinal de nascença no nariz de Corliss Chotkin Jr. correspondia à cicatriz de Victor Vincent, na mesma localização. E parece provável que a outra marca de nascença (nas costas) também correspondia à cicatriz das costas de Victor Vincent. Temos então de explicar de algum modo, (a) a ocorrência dessas estranhas marcas no corpo de Corliss Jr. e (b) os outros aspectos do caso que indicam que ele se identificou claramente com o seu falecido tio materno.

Ao contrário dos sinais congênitos do caso de William George Jr., não podemos explicar as marcas de nascença de Corliss Chotkin Jr, com base na hereditariedade, por três razões. Primeiro, as marcas não têm a aparência de sinais proeminentes ou nevos. A marca bem acentuadamente pigmentada das costas de Corliss Jr. poderia assemelhar-se a um nevo, mas é mais alongada do que redonda; muito mais longa do que os nevos que tenho visto, e além do mais, tem as marcas periféricas já descritas que dão a idéia de pontos cirúrgicos.

Além disso, a Sra. Chotkin assevera que, quando Corliss nasceu, o sinal era apenas avermelhado e não tinha a forte pigmentação que tem agora. O Sr. Chotkin disse também que originalmente parecia uma "pequena cicatriz". Segundo, embora Corliss Jr. seja sobrinho de Victor Vincent, não é descendente direto dele. Terceiro, as marcas que se alega estarem reproduzidas em Corliss Chotkin Jr. foram, em Victor Vincent, conseqüentes de uma operação cirúrgica e, portanto, adquiridas e não congênitas nele. Ninguém mais da família, de acordo com a Sra. Chotkin tem qualquer marca com a mesma localização das de Corliss Jr.

Visto que os sinais eram positivamente congênitos e não hereditários, eles só podem ter tido duas origens. Ou provieram de alguma influência intra-uterina ou de alguma outra influência posta em ação antes da concepção. Mas não podemos imaginar nenhum acidente intra-uterino, durante a gestação, que conduzisse ao aparecimento de um sinal de nascença semelhante à cicatriz de uma incisão cirúrgica com marcas à volta. A ocorrência desses sinais de nascença parece ser mais bem explicada pela suposição de influência de alguma mente no corpo em desenvolvimento de Corliss Jr., e, uma vez que os sinais de nascença do corpo de Corliss Jr., quando ele nasceu, correspondiam (um claramente e o outro, provavelmente) às cicatrizes adquiridas de Victor Vincent, que ele mostrara quando predisse seu retorno, então, penso ser isso evidência de que a influência no corpo embrionário de Corliss Jr. proveio da mente extinta de Victor Vincent. Uma fonte alternativa da presumida influência psicocinética seria a própria Sra. Chotkin, supondo-se que seu desejo de ver o tio retornar como seu filho foi seguido do poder de reproduzir seu corpo, até mesmo com as cicatrizes.

Chegamos, em seguida, ao fato de que embora o Sr. e Sra. Chotkin tivessem notado as marcas de nascença de Corliss Jr., não as consideraram como prova concludente do renascimento de Victor Vincent. Ao contrário do Sr. e Sra. Reginald George, não deram a Corliss Jr. o nome tlingit de seu tio, senão depois que ele próprio pronunciou esse nome, aos treze meses de idade. Pareceria, então, que o Sr. Chotkin Sr. estava desinteressado e a Sra. Chotkin, cética quanto à questão de Victor Vincent ter renascido como filho dela. Essas circunstâncias tornam menos provável, embora de nenhum modo impossível, que ela tenha imposto a Corliss Jr. uma identificação com seu falecido tio.

Mas, supondo que ela realmente impôs essa identificação em seu filho, devemos então perguntar-nos até onde poderia ir sua influência em possibilitar ao menino obter informações conhecidas de Victor Vincent, sem se dar conta de que ela a estava transmitindo a ele. Devemos nos lembrar aqui que, dos sete reconhecimentos referidos como conseguidos pelo menino, dois tiveram lugar quando sua mãe não estava com ele e os outros ocorreram de modo inteiramente espontâneo. Nenhuma insinuação ou sugestão foi feita ao menino no sentido de que ele reconhecesse alguém. Ele expressou o reconhecimento em três casos, antes mesmo que sua mãe tivesse visto as pessoas que ele estava identificando. Tudo isso, se acreditarmos no relato da Sra. Chotkin, sugere que Corliss Jr. havia de algum modo armazenado grande acervo de informações sobre a vida de Victor Vincent, e que então ele se serviu dessas informações ao fazer a identificação dos sete parentes e amigos de Victor Vincent que ele corretamente identificou pelo nome ou reconheceu, pelas atitudes com que os tratou. Para ter reconhecido acertadamente essas sete pessoas sem tê-las conhecido previamente, ele teria na certa que ter retido grande quantidade de informações sobre características altamente específicas de seus rostos, maneiras e outras atitudes e comportamento.

É possível supor que Corliss Jr. tenha obtido as informações necessárias aos reconhecimentos que realizou, por intermédio das pessoas que reconheceu, através de percepção extra-sensorial. Nessa hipótese, cada uma delas teria comunicado a ele, por vezes antes de o verem, alguma informação acerca de quem ele ou ela fora na vida de Victor Vincent. Mas essa hipótese deixa de explicar o fato de serem os reconhecimentos coerentes com o relacionamento de Victor Vincent. Por que a criança reconheceria várias pessoas, somente do ponto de vista de Victor Vincent? A percepção extra-sensorial não explica o *padrão* de reconhecimento. Nem esclarece os aspectos de comportamento que os acompanham, isto é, o entusiasmo da criança ao ver os vários amigos e parentes de Victor Vincent. Mas, tanto os padrões de reconhecimento como os aspectos de atitude que os acompanham tornam-se compreensíveis, se supusermos que a mente de Victor Vincent, de algum modo, participou desses reconhecimentos.

Em resumo, podemos tentar explicar o comportamento do menino, supondo que a Sra. Chotkin tenha identificado as marcas de nascença com as cicatrizes que ela havia visto em Victor Vincent, e então tenha imposto no filho uma identificação com o tio-avô. Mas, em primeiro lugar, isso não esclarece como ocorrem sinais de nascença desse formato, aparência e localização. E podemos explicar os reconhecimentos, imaginando que a Sra. Chotkin tenha industriado seu filho a reconhecer os diversos parentes e amigos de seu tio. Mas ela teria que ter feito isso inconscientemente, a menos que presumamos esteja ela mentindo, para o que não apareceu nenhum motivo óbvio. (Ela não parece ter obtido da história qualquer benefício que pudesse dar motivo a que a tivesse planejado ou mesmo arquitetado). Se imaginarmos que uma orientação inconsciente por parte da Sra. Chotkin não apresente uma explicação plausível para os reconhecimentos do menino, então devemos supor que ele, de alguma forma, tinha acesso à mente de Victor Vincent, sendo essa mente ou ainda desencarnada, "possuindo-o", ou reencarnada e contínua com sua personalidade. Dessas possibilidades alternativas voltarei a tratar na Discussão Geral.

O Desenvolvimento Posterior de Corliss Chotkin Jr.

Encontrei Corllis a sua família em agosto de 1965, e não novamente senão em maio de 1972. Neste momento visitei Sitka e tive uma longa conversa com seus pais e uma mais curta com o próprio Corliss. Discutimos seu desenvolvimento ulterior e traços residuais da vida prévia em suas memórias e comportamento. Corliss, que nasceu em 15 de dezembro de 1947, estava então com vinte e cinco anos.

Corliss continuou no segundo grau até a idade de dezenove anos quando estava no undécimo nível. Repetiu um ano e fez trabalho de qualidade medíocre na penúltima série do colégio. Aparentemente tinha planejado deixar o colégio e juntar-se à Marinha, mas antes que pudesse fazer isto, foi recrutado para o Exército.

Então passou dois anos no Exército em (aproximadamente) 1968-70. Durante este período esteve na Ásia por um ano e via serviço na artilharia no Vietnã. Uma granada inimiga fez um acerto direto em sua pessoa, mas ele de algum modo sobreviveu a isto com somente um severo dano em uma orelha e um estrago menor na outra. Foi enviado ao Japão para tratamento e convalescência onde passou um mês num hospital do Exército. Saiu com o que parecia ser um dano permanente da audição em uma orelha e alguma perda na outra. Ele também tinha uma sensibilidade aumentada a barulho. À parte disto, sua saúde era boa.

Depois de ser liberado pelo Exército, Corliss não retornou ao segundo grau e em 1972 não tinha planos imediatos de completar sua educação. Estava então trabalhando como um trabalhador especializado num moinho de polpa na periferia de Sitka.

A mãe de Corliss disse que ele nunca falou espontaneamente sobre a vida prévia e que quando o assunto surgiu "ele apenas deu risadas sobre isto". Quando perguntei ao próprio Corliss sobre a persistência de qualquer memória mental da vida prévia, disse que não tinha nenhuma. Tudo o que podia lembrar era de um evento em sua infância quando algumas velhas senhoras Tlingit chamaram-no "Kahkody", o nome tribal pelo qual Victor Vicent foi conhecido e o qual Corliss alegou para si quando era uma criancinha. Na minha presença, entretanto, Corliss *não* riu sobre o assunto da vida prévia quando foi discutido, mas mostrou um sério interesse na questão.

Dos vários traços comportamentais que Corliss mostrou correspondências com alguns similares em Victor Vincent fui capaz de obter algumas informações sobre três.

Seu pai disse que ele continuou a ter um forte interesse em motores de todos os tipos.

Na primeira edição deste livro afirmei que Corliss tinha (em 1965) perdido o gaguejar que ele mostrou precocemente na infância. (Victor Vincent tinha expressado um desejo de renascer sem o hábito de gaguejar o qual foi severamente afligido). Pareceu em 1972 que Corliss não tinha de fato superado a tendência de gaguejar. Esta persistia em 1972, mas somente quando ficava animado ou por outro lado emocionalmente transtornado. Sua mãe disse que ele gaguejava muito menos do que Victor Vincent que "gaguejava todo o tempo". Corliss não gaguejou absolutamente durante a hora que passei com ele em maio de 1972. Com relação a isto a observação de um homem a quem conheci em Angoon (também em 1972) merece menção. Victor Vincent tinha vivido e morrido em Angoon e este informante tinha-o conhecido. Ocorreu de eu mencionar o caso de Corliss Chotkin Jr. a ele e imediatamente perguntou, "Ele ainda gagueja daquele jeito?" (Evidentemente a gagueira de Victor Vincent era proeminente o suficiente para ser intimamente associada a memórias dele). A resposta, se o caso for interpretado como um de reencarnação é: bem menos.

Victor Vincent era uma pessoa religiosamente devota que tem estado ativa em trabalho missionário e era major no Exército da Salvação. Este interesse foi também lembrado por aqueles que o conheciam e uma vez quando inquiri sobre ele a um Tlingit mais velho, ele especificou: "Oh, você quer dizer o Major do Exército da Salvação?" Corliss era interessado em religião durante sua infância e continuou assim em sua adolescência. Seu interesse em religião tornou-se muito atenuado por suas experiências no Vietnã, e parece que o difundido abuso de drogas e outras misérias da guerra eram atribuídas em sua mente a falhas ou fraquezas da religião. Depois que retornou a Sitka teve uma experiência pessoal de uma espécie aflitiva com ativos membros de um grupo religioso lá. Isto revoltou-o tanto que se distanciou completamente da religião formal.

Em 1972 examinei novamente as marcas de nascença no nariz e costas de Corliss. A do seu nariz (na narina direita) pareceu-me ter se tornado um tanto menos proeminente desde 1965 e mal era visível. A marca de nascença sobre suas costas continuava a coçar depois de 1965 e Corliss continuava a arranhá-la com subseqüente irritação e uma suspeita ou perigo de mudança maligna nos tecidos afetados. Conseqüentemente foi

avisado para tê-la removida cirurgicamente e isto foi feito por volta de 1969. Então em 1972 apenas pude ver o local da cicatriz da operação para extração da marca de nascença. Este tinha sarado bem.

UM CASO SUGESTIVO DE REENCARNAÇÃO NO LÍBANO

INTRODUÇÃO

Na maioria dos casos sugestivos de reencarnação até aqui investigados, houve lamentável tardança entre o desenvolvimento dos principais eventos dos casos e a chegada à cena, de um observador independente. Este, conseqüentemente, em geral tem que reconstruir, o melhor que pode, os fatos que ocorreram meses e, às vezes, anos antes. Ao fazer isto, tem que enfrentar duas importantes fontes de erro: Primeiro, com a simples passagem do tempo há, da parte das testemunhas, uma importante perda de pormenores nas lembranças dos fatos ocorridos; segundo, depois de um encontro das duas famílias em foco nesses casos — a da personalidade atual e a daquela em que ele alega ter vivido anteriormente — pode haver uma fusão de histórias. Por exemplo, a primeira família pode, erroneamente, afirmar que a criança fez uma ou algumas declarações coerentes com a personalidade anterior, de cuja vida sabem agora alguma coisa mas que a criança, de fato, não fez. As testemunhas simplesmente introduziram esses detalhes nos seus relatos sobre o que a criança disse, talvez pelo desejo inconsciente de fazer com que as declarações da criança combinassem com os pormenores da vida da personalidade anterior. Não acho que tais falhas ocorram com muita freqüência, e acredito que um meticuloso interrogatório das testemunhas, comparando o que uma testemunha diz com a narrativa dos mesmos fatos feita por outras testemunhas, muito concorrerá para reduzi-las. Todavia, não se pode ter plena confiança de haver eliminado completamente esses erros, ou em saber até que ponto contribuíram, num dado caso, a torná-lo mais merecedor de uma interpretação paranormal do que é. Em um pequeno número de casos já estudados, relatos escritos das declarações da criança foram registrados com pormenores, exatamente o que ela disse, antes de qualquer tentativa de verificação. Além disso, em alguns casos, investigadores independentes realizaram a verificação, de modo que os erros com motivação da parte das famílias foram reduzidos em grande parte ou completamente eliminados[1]. Contudo, tais casos são muitíssimo poucos, comparados com o número total (perto de seiscentos) de casos sugestivos de reencarnação, existentes presentemente em meu arquivo. Na maioria deles apenas houve demora na investigação.

---

[1] Entre os casos que possuem registres escritos de aparentes lembranças, feitos antes de verificação, devemos notar o seguinte: 1) Caso de Praibbu Khairti, R.B.S. Sunderlal, "Cas apparents de réminiscences de viés antérieuress". *Revue Métapsychique*, julho-agosto, 1924, 302-305 2) Caso de Jagdish Chandra. K. K. N. Sahay. *Reincarnation: Verified Cases of Rebirth After Death*. Bareilly, Índia, ca. 1927; 3) Caso de Vishwa Nath. K. K.N. Vahay. *Op. cit*, também publicado com detalhes adicionais em I. Stevenson. "Some New Cases Suggestive of Reincarnation. II. The Case of Bishen Chand." *Journal* A.S.P.R. Vol. 66, outubro de 1972, 375-400 : 4) Caso de Swarnlata, relatado nas págs. 70 - 90 desta monografia. Os precedentes casos tiveram verificações das declarações da criança, feitas por pessoas fora das famílias em foco. Posso mencionar também; 5) O caso de Herr Georg Neidhart, de Munique, que anotou, antes de verificação, o que parecia recordar de uma vida anterior; entretanto, ele próprio levou a efeito as verificações. Vide a narrativa da experiência por que ele próprio passou, em Q. Neidhart. "*Werden Wir Wieder Geboren?*" Munique; Gemeinschaft für religiöse und geistige Erneuerung e. V. 1956....". Muitos casos adicionais deste raro, mas valioso tipo estão agora sob investigação e relatórios de três deles serão incluídos em I. Stevenson. *Cases of the Reincarnation Type*. Em preparação.

Numa visita ao Líbano, em março de 1964, tive oportunidade de deparar com um caso no qual as duas famílias implicadas ainda não se haviam encontrado. Aproveitando a oportunidade e servindo-me da plena cooperação que me ofereceram as referidas famílias no desenrolar do caso, despendi uma semana (em duas visitas) nesta investigação. Anotei, antecipando-me à verificação, quase tudo o que a criança havia declarado quanto à sua alegada vida anterior, antes de tentar uma verificação na aldeia onde dizia ter morado. (Surgiram alguns detalhes depois de iniciada a verificação, e foram anotados separadamente). Tive também oportunidade de observar o comportamento do menino dentro de sua própria família e com membros da família da vida pregressa, quando o levamos à outra aldeia para saber se ele reconheceria pessoas e lugares de lá.

A Crença na Reencarnação entre os Drusos

Antes de apresentar os pormenores do caso, iniciarei o leitor, em poucas palavras, nas crenças religiosas do povo druso[2]. A religião drusa teve início com as asserções do califa islamita-fatimita Al-Hakim, que destruiu a Igreja do Santo Sepulcro em Jerusalém, declarou-se encarnação de Deus em 1017 d.C. e pouco tempo depois desapareceu misteriosamente. Seus seguidores declararam que ele não estava morto, mas oculto, até sua volta como Mahdi. Porém os sucessores de Al-Hakim no califado perseguiram aqueles adeptos, que por fim encontraram refúgio na Síria, conduzidos por um certo Darazi, do qual a seita deriva seu nome. As seitas muçulmanas vizinhas e adeptos de outras religiões atacaram impiedosamente os Drusos que, durante os séculos subsequentes, praticaram seus dogmas secretamente. As discordâncias teológicas entre os Drusos e outras seitas muçulmanas parecem tão grandes a alguns observadores, que estes por vezes consideram os Drusos como pertencentes a uma religião distinta, e não a uma seita Islâmica. Porém os Drusos consideram-se, de fato, como uma ramificação do islamismo, e consideram Maomé um profeta, assim como os maometanos admitem Jesus também como um profeta anterior.

À proporção que as perseguições religiosas aos Drusos diminuíram, eles passaram a praticar sua religião mais e mais abertamente. Alguns chefes drusos, em Beirute, asseguraram-me que a religião está completamente livre, sem quaisquer aspectos secretos. Outros Drusos que encontrei, especialmente em aldeias, mostraram reserva quanto a este ponto, e insistiram em afirmar que alguns elementos da religião continuavam totalmente secretos. De qualquer modo, as idéias dos Drusos quanto à reencarnação não são hoje secretas, e parece que nunca o foram. A reencarnação constitui um dos princípios fundamentais da religião drusa[3]. Adicionaram a ela outros dogmas secundários, que sustentam bem firmemente.

---

[2] Para mais informações a respeito da religião dos Drusos, vide: J. Nantet. *Histoire du Liban*. Paris: Les Editions de Minuit. 1963; L. Dietrich. "Die Lebre von der Reinkarnation im Islam." *Zeitschrift für Religions-und Geistesgeschichte*. Vol. 9, 1957, 129-149; P.K. Hitti. "The Origins ot the Druze People and Religion with Extracts from Their Sacred Writings." Columbia University Oriental Studies, Vol. 28. New York: Columbia University Press, 1928. Para uma exposição adicional da crença drusa na reencarnação e uma bibliografia mais extensiva da religião Drusa veja I. Stevenson. *Cases of the Reincarnation Type*. Em preparação.

[3] Algumas outras seitas islâmicas, além dos Drusos, crêem na reencarnação, embora muitas delas não creiam. As seitas islâmicas que aceitam a reencarnação sustentam suas controvérsias citando passagens do Alcorão, as quais, como numerosos trechos da Bíblia, prestam-se a uma interpretação a favor de tal crença. Por exemplo; "Como deixais de acreditar em Alá se estivestes mortos e Ele vos deu a vida.

Os Drusos crêem que o renascimento ocorre imediatamente após a morte[4]. Um corolário desta crença atribui grande importância ao fato de se manifestar calma e paz na presença de um moribundo, a fim de facilitar a transição suave para o outro corpo. Este corpo que o espera já se desenvolveu durante os precedentes nove meses de gestação no ventre de alguma mulher que, no momento, está para dar à luz. No caso de haver um aparente intervalo, como aconteceu no presente caso, entre a morte de uma personalidade e o renascimento de outra que alega ser a pessoa anterior renascida, os Drusos são unânimes em afirmar que uma outra vida que se interpôs deve ter preenchido o intervalo aparentemente livre. Se a criança não tem nenhuma lembrança aparente dessa vida intermediária, eles deduzem que tal vida não apresentara fatos dignos de nota, ou que algo interferiu na recordação da criança quanto a essa vida.

Quando as mortes excedem em número aos nascimentos tal como ocorreu durante as numerosas guerras dos Drusos, eles imaginam um período e um lugar de espera para as almas drusas desencarnadas, que às vezes dizem estar situado na China. Depois das guerras, as mulheres passam novamente a ter mais filhos, e os nascimentos excedem às mortes, por algum tempo. Em nenhuma outra circunstância admitem os Drusos um intervalo entre a morte e renascimento. Também acreditam, ou acreditaram que os Drusos constituem um povo especialmente escolhido — quase uma raça à parte — cujo número Deus pretende conservar inalterável. Antigamente puniam de modo severo as deserções da seita e não permitiam nela o ingresso de adeptos de outras seitas. Ultimamente tem havido alguma transigência a estas regras.

Hoje os Drusos habitam o Líbano, no sudoeste da Síria (principalmente no planalto montanhoso, o Djebel Druso), no norte de Israel e regiões vizinhas do Jordão. No Djebel Druso, há aldeias inteiras somente de Drusos, mas no Líbano e em Israel eles vivem juntamente com outros muçulmanos e cristãos. Nessas aldeias prepondera às vezes uma outra religião, de modo que se encontram aldeias com maioria de Drusos, e com minoria deles. Nelas há por vezes segregação residencial em blocos diferentes, devida à religião. A população drusa total, nas quatro países, atinge atualmente de 150.000 a 200.000[5]. Juntamente com outros habitantes da zona, muitos Drusos, especialmente os do Líbano, têm emigrado, particularmente para o Brasil e Estados Unidos. Provavelmente cerca de mil Drusos vivem atualmente nos Estados Unidos.

Vivendo antigamente isolados nas montanhas e sendo ferozmente separatistas, os Drusos já há muito que vieram para Beirute, Haifa e outras cidades importantes da sua

---

Depois Ele vos dará a morrte, e novamente a vida, e depois para Ele voltareis". (Surah. 2 versículo 28); e "E Alá vos fez com que nascesseis da terra, fazendo-vos depois voltar a ela, e Ele vos dará a luz novamente, um nascimento," (Surah. 71, versículos 17-18). M. M. Picktall. *The Meaningof the Glorious Koran: An Explanatory Translation*. New York: The New American Library, 1953.

[4] Pelo que sei, a seita Jainista da Índia e alguns budistas tibetanos são os outros únicos grupos que crêem em reencarnação, e cujos adeptos acreditam também em um renascimento imediato após a morte. Todos os outros grupos, que aceitam a reencarnação, "permitem" em suas crenças um período de tempo variável, entre a morte e o renascimento. Muitas vezes diferem grandemente porém, em outros detalhes da crença, tais como as circunstâncias em que fica a pessoa entre as vidas terrenas e as forças que determinam seu retorno a uma outra vida na Terra, depois de sua "intermissão".

[5] Em 1969 Hirschberg estimou os Drusos do centro-leste a um número de aproximadamente 300.000. (H. Z. Hirschberg. "The Druzes." Em A. J. Arberry, *Religion in the Middle east: Three Religions in Concord and Conflict*. Vol. 2. Islam. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

região de origem. Nelas introduziram-se na vida comercial, profissional e política dos países a que agora pertencem. Em Beirute não se consegue distinguir a maioria dos Drusos de outras pessoas por qualquer diferença no vestir ou no comportamento. Nas aldeias montanhosas, ainda apresentam, muitas vezes, diferenças no trajar (as mulheres, por exemplo, usam vestidos pretos e lenços brancos na cabeça) e no comportamento, especialmente pelo afastamento das mulheres da maioria das relações sociais mais comuns, com estranhos.

Das minhas entrevistas com vários adeptos da religião drusa, adquiri a impressão de que a crença na reencarnação persiste, entre eles, tão solidamente hoje como antes. Diria, contudo, que o interesse pelo assunto talvez tenha diminuído, principalmente entre os Drusos da grande cidade cosmopolita de Beirute. Além disso, há pessoas que demonstram grande ceticismo com relação a casos particulares, e seria bastante incorreto crer-se que a alegação de recordar-se alguém de uma vida pregressa mereça aceitação tácita da parte das pessoas que o cercam. Pelo contrário, casos individuais são submetidos muitas vezes a pesquisas rigorosas, especialmente quanto à capacidade da criança focalizada, de fazer reconhecimentos exatos, sem o auxílio de membros da família anterior com a qual alega ter vivido. De um modo geral, todavia, o meio cultural enseja alegações de lembrança de uma vida anterior, e os pais raramente desencorajam a narrativa de tais alegações ou aparentes recordações dos filhos. Estas circunstâncias formam contraste com alguns outros grupos que crêem na reencarnação. A cultura dos Tlingits do Alasca, por exemplo, hoje coloca-se na defensiva contra a invasão de atitudes ocidentais correntes relativamente à ciência e à religião[6]. A crença na reencarnação tem diminuído grandemente entre a geração mais jovem dos Tlingits, algo bem diferente do que acontece com os Drusos. Na Índia e em outras partes da Ásia meridional, a crença na reencarnação persiste hoje intensamente, com algum desgaste da parte das "pessoas ocidentalizadas", cultas, afetando porém insignificantemente as crenças de outras centenas de milhões de habitantes. Mas, nestes países, e também no sudeste da Turquia, onde ocorrem numerosos casos entre os muçulmanos árabes, os pais muitas vezes dissuadem energicamente seus filhos de falarem. Por vezes, até mesmo os castigam, enchendo-lhes a boca com imundícies ou com sabão. Como entre a maioria dos Drusos persiste firmemente a crença na reencarnação sem nenhuma atitude defensiva para com outras crenças, e como os pais pouca ou nenhuma objeção fazem às alegações das crianças quanto ao fato de se recordarem de uma vida pregressa, encontramos no Líbano e na Síria condições quase que ideais para o desenvolvimento de casos sugestivos de reencarnação[7]. (Nada digo aqui quanto ao valor de qualquer desses casos; estou apenas falando de um ambiente que permite a criança dizer o que quiser sobre o assunto). E, por isso, não devemos nos sentir surpresos com o fato de que a incidência de casos entre os Drusos seja, talvez, a mais elevada do mundo[8].

---

[6] Para informação quanto às idéias dos Tlingits sobre a reencarnação, vide o cap. anterior referente aos casos ocorridos entre os Tlingits, e as referências citadas naquele capítulo.

[7] Contudo, no Djebel Druso da Síria, ouvi dizer que a crença na reencarnação tem declinado um tanto, mesmo lá, e que às vezes os pais batem nos filhos para fazê-los parar de falar sobre vidas anteriores.

[8] Apresentei atrás, (Cap. V desta monografia, págs. 213 - 214) uma estimativa da incidência de casos sugestivos de reencarnação *relatados*, entre os Índios Tlingits do Alasca, de aproximadamente um caso em cada 1.000 habitantes, Numa população de cerca de 35.000 árabes muçulmanos, do sudeste da Turquia (que visitei em 1964), encontrei oito casos com feições verídicas, o que daria, para aquela região, uma incidência de casos relatados de cerca de um caso para cada 4.500 habitantes. O Dr S. Makarem, de Beirute, um estudioso das seitas islâmicas, que fez algumas investigações próprias de casos de tipo

O Caso de Imad Elawar

Sumário do Caso e sua Investigação

Durante uma visita de investigação que fiz ao Brasil, em 1962, um jovem intérprete de inglês-português, nascido no Líbano, muito me auxiliou, demonstrando também interesse por minhas investigações. Contou-me que, em sua aldeia natal no Líbano, Kornayel, ocorrem numerosos casos do tipo que me interessava, isto é, de crianças que alegam recordar-se de uma vida anterior. Deu-me um cartão com uma nota, em árabe, para seu irmão, naquela aldeia. Com aquele cartão como minha única apresentação, fui à aldeia de Kornayel, em 16 de março de 1964. Investigando, vim a saber que o irmão do meu amigo tinha ido para Beirute, ali passar o inverno, como faz muita gente das aldeias do Líbano situadas nas montanhas muito mais frias, a leste da cidade. Quando contei o que me interessava às pessoas a quem perguntávamos o caminho, algumas delas imediatamente disseram que uma criança de sua comunidade estivera fazendo tais alegações quanto a uma vida pregressa. Aconteceu que o Sr. Mohammed Elawar, pai da criança, Imad Elawar, era primo do homem que eu procurava e do meu amigo intérprete do Brasil. A família de Imad convidou-me a ouvir os pormenores de suas declarações sobre sua vida anterior.

Naquela noite, 16 de março, tomei, portanto, notas escritas de tudo o que o pai e a mãe de Imad me contaram sobre as declarações deste, juntamente com alguns testemunhos corroborantes ou adicionais prestados por outros parentes presentes à entrevista. Naquela ocasião, porém, eu tinha comigo apenas um chofer, com um deficiente conhecimento de francês e de inglês, e que, muito pior, demonstrava falta de atenção cuidadosa aos detalhes. Por isso decidi utilizar-me de guias experimentados, e nos outros quatro dias seguintes a esta visita tive excelentes intérpretes. Estes guias, o Sr. Clement Abushdid e o Sr. Wadih Rabbath, ambos educados em escolas francesas de Beirute, falavam francês corretamente e inglês sofrivelmente. Quis-me parecer que teríamos um alcance mais seguro de termos técnicos se nos utilizássemos do francês, por isso falei nessa língua com eles durante toda a investigação. Ambos se interessaram pelos detalhes do caso e dedicaram-lhe meticulosa atenção, pelo que vi, para me proporcionarem traduções exatas do que era dito pelos informantes. Estes falavam todos apenas o árabe, com exceção de um que falava um pouco de francês.

Em agosto de 1964, voltei ao Líbano para reexaminar o caso e para ver se conseguia mais alguma evidência adicional da parte da família da personalidade anterior, de vez que o depoimento em março tinha se limitado às declarações de uma única testemunha. Nesta segunda visita, contei com a competente assistência do Dr. Sami Makarem, membro do Departamento de Estudos Árabes da Universidade Americana de Beirute. O Dr. Makarem, formado pela Universidade de Michigan, tem um excelente domínio do inglês e atuou como meu intérprete durante esta visita. Reexaminei com ele cerca da quarta parte dos itens declarados nos depoimentos das testemunhas, quanto ao que Imad havia dito e feito, e também entrevistei várias outras testemunhas da vida da personalidade anterior do caso. Assim, para muitos dos itens obtive informação através de três intérpretes diferentes em diferentes ocasiões, o que me permitiu comparar as traduções umas com com as outras. O excelente conhecimento que o Dr. Makarem tinha

---

renascimento, no Líbano, declarou-me estar convicto de que a incidência dos mesmos entre os Drusos das aldeias do Líbano atingiria, no mínimo, a proporção de um caso em cada 500 habitantes.

do inglês e do árabe permitiu-me igualmente analisar e compreender algumas discrepâncias no testemunho, as quais comentarei mais adiante. Nessa segunda visita ao Líbano, o Sr. Wadith Rabbath novamente auxiliou-me como intérprete (do árabe para o francês), durante um dia.

Na primeira entrevista com a família de Imad, eu soube que ele nascera em a 21 de dezembro de 1958. Tinha, portanto, pouco mais de cinco anos na ocasião de minha primeira visita. Entre um ano e meio e dois anos, ele havia começado a fazer referências a uma vida anterior. Tinha mencionado um número considerável de nomes de pessoas e alguns acontecimentos daquela vida, assim como vários itens quanto a propriedades que alegava ter possuído. Às vezes falava consigo mesmo sobre pessoas cujo nome dizia, perguntando-se a si mesmo, em voz alta, como ia indo essa gente. Afora tais solilóquios, suas declarações sobre a vida anterior ocorrerm em momentos inesperados, aqui e ali, quando algo parecia estimulá-lo a isso. Parece que também falava sobre o assunto durante o sono. Ele ainda fazia declarações sobre a vida pregressa, na época de minhas visitas. Imad havia dito o nome da aldeia (Khriby) em que alegava ter morado, e o da família (Bouhamzy) à qual alegava ter pertencido; tinha pedido insistentemente à sua famílai que o levasse a Khriby.

O pai de Imad contou-me que ele próprio havia ralhado com Imad por ser um mentiroso, contando aquelas histórias de uma outra vida. O menino, então, aprendeu a evitar o assunto com o pai, e, conseqüentemente, falava mais com a mãe e os pais paternos, que moravam com seus pais.

Certo dia, um morador (Salim el Aschkar), da aldeia de Khriby, na qual Imad dizia ter morado, veio a Kornayel e Imad, vendo-o na rua, reconheceu-o na presença de sua avó paterna. (Para detalhes deste reconhecimento, vide Tabulação 1, item 57). Este reconhecimento inesperado fez aumentar, nos pais de Imad, a credibilidade de suas declarações sobre sua vida pregressa. Mas, ainda assim sua família não deu nenhum passo para averiguar suas declarações. Algum tempo depois, aconteceu que eles encontrassem uma mulher de Masser el Chouf, aldeia próxima de Khriby a qual havia ido a Kornayel, em visita. Ela confirmou aos pais de Imad que algumas das pessoas, com os nomes citados por Imad, de fato moravam ou haviam morado em Khriby. Finalmente, em dezembro de 1963, mais ou menos três meses antes de minha visita, chegou a Kornayel um convite para os funerais de um preeminente druso de Khriby, o Sr. Said Bouhamzy. Um tio do pai de Imad, homem de relevo na comunidade drusa, resolveu comparecer ao funeral, e o pai de Imad, curioso de saber o que pudesse em Khriby, foi também com ele. Em Khriby, esteve com algumas pessoas que lhe indicaram dois homens, cujos nomes correspondiam a dois dos que foram dados por Imad. Contudo, mesmo nesta visita a Khriby, o Sr Mohammed Elawar não conheceu realmente nenhum membro da família à qual Imad alegava ter pertencido. Esta visita foi, aliás, a primeira que ele ou o tio haviam feito a Khriby. Além disso negaram ter qualquer outro conhecimento com quem quer que conhecesse a outra família, além das pessoas mencionadas acima.

Visto Imad haver citado um número considerável de nomes, sua família procurou encaixá-los em algum tipo de laços de família. As primeiras palavras que ele havia falado foram “Jamile” e “Mahmoud”, e tinha falado em Jamile repetidas vezes, e comparado sua beleza com a aparência menos atraente de sua mãe. Falou também num desastre em que um caminhão atropelara um homem, quebrando-lhe as duas pernas e

causando-lhe outros ferimentos que o levaram à morte, pouco tempo após o desastre. Imad havia falado de uma briga entre o motorista do caminhão e o homem atropelado, e ele se inclinara a achar que o motorista tencionava matar o homem acidentado, atropelando-o propositadamente com seu caminhão. Imad tinha também se referido a um desastre de ônibus. Disse pertencer à família Bouhamzy, de Khriby. E, mais tarde, demonstrara uma estranha alegria em poder andar, repetindo sempre quão feliz se sentia por isto.

Sua família reunira todas essas declarações, como segue. Achavam que ele alegava ser um tal Mahmoud Bouhamzy, de Khriby, que tinha uma esposa chamada Jamile, e que fora fatalmente acidentado por um caminhão depois de uma briga com o motorista do mesmo. Aconteceu que Imad nunca realmente disse que o acidente fatal com o caminhão ocorrera com ele; apenas o descrevera vivamente. Nem dissera especificamente que Jamile fora sua mulher; apenas referia-se a ela constantemente. A família de Imad determinou outras colocações em sua "família anterior" para algumas das pessoas cujos nomes ele mencionara. Assim, acharam que duas das pessoas mencionadas foram seus filhos. Posteriormente tiraram outras conclusões que se revelaram errôneas e cujos detalhes anotarei na tabulação sumarizada e na discussão adiante. Embora eu procurasse saber exatamente o que o próprio Imad havia dito, seus pais me comunicaram, como tendo sido ditas por ele, algumas das conclusões que eles próprios haviam tirado em sua tentativa de encontrar uma feição coerente para toda a história. Aconteceu, porém, que erros nas conclusões tiradas pela família de Imad contribuem consideravelmente para a evidência de sua sinceridade, e também para a improbabilidade de que eles próprios tivessem servido de fonte ou canal das informações transmitidas por Imad.

Depois de minha primeira conversa com a família de Imad, propus-lhes que no dia seguinte fossemos em pequeno grupo, com Imad, à aldeia de Khriby, para lá verificar, se possível, as declarações que ele havia feito e para observar se era capaz de reconhecer algumas pessoas ou locais da região. Concordaram prontamente com isso e a 17 de março voltei a Kornayel e tive uma segunda entrevista com os membros da família de Imad, com um novo intérprete, A impressão que eu já havia sentido quanto à exatidão dos detalhes que havia anotado na noite anterior, levou-me a repassar todos os pontos principais novamente, com a família e o competente intérprete, antes de seguirmos para Khriby. Quando partimos para Khriby, eu já tinha uma versão correta de tudo o que os pais puderam lembrar-se de ter sido dito por Imad acerca da vida pregressa. Durante o caminho rumo a Khriby, para onde, no fim, apenas Imad e o pai vieram comigo e o intérprete, Imad fez mais umas poucas declarações relativas à vida anterior, e seu pai também relatou alguns itens adicionais. Tomei nota de tudo isso no carro, antes de chegarmos a Khriby. Ainda mais alguns itens surgiram mais tarde, depois de começada a averiguação, pois a família de Imad recordou-se de mais alguns pormenores relativos a declarações ou comportamento dele, os quais haviam esquecido antes ou haviam omitido. Anotei estas várias diferenças ao registrar os dados na Tabulação 1, adiante.

Antes do resumo da narrativa de minhas pesquisas, apresentarei uma digressão preambular acerca das aldeias em foco e das comunicações entre elas.

Fatos Geográficos Importantes e Meios Normais de Comunicação Possíveis Entre as Duas Famílias.

A aldeia de Kornayel onde moram Imad e sua família, fica nas montanhas, a cerca de quinze milhas a leste de Beirute. A aldeia de Khriby, na qual Imad alega ter vivido, fica a cerca de vinte milhas a sudeste de Beirute. As duas aldeias são separadas pela distância de quinze milhas em linha reta, mas a estrada extremamente sinuosa que fica entre elas, na montanha tem mais de vinte e cinco milhas. Ambas se acham em estradas de terra batida, razoavelmente boas, com linhas de ônibus para Beirute Mas nenhum tráfego regular direto liga as duas aldeias. Uma outra cidadezinha, Baadaran, que figura de modo importante nos depoimentos, fica perto de Khriby, a cerca de três milhas de distância.

Os Drusos têm o costume de convidar membros de outras aldeias para assistirem funerais. Os parentes do morto enviam mensageiros às aldeias nas quais possam estar morando membros de sua família, ou haver parentes por afinidade, convidando-os para o funeral. Somente as pessoas da outra aldeia, que têm alguma ligação com a família do morto, são comumente convidadas a essas exéquias, a menos que o morto venha a ser pessoa de excepcional importância. Neste caso, habitantes de todas as aldeias podem receber convite. Como já foi dito, um convite mais ou menos público para o funeral de Said Bouhamzy, de Khriby, em dezembro de 1963, foi o que provocou a primeira visita do pai e do tio-avô de Imad, a Khriby. Parece muito improvável que tivesse havido qualquer intercâmbio entre as duas aldeias, exceto por motivo dos tais funerais ou de algum casamento eventual entre pessoas das mesmas. Estes detalhes quanto às possibilidades de contato entre as aldeias adquirem importância na apreciação de como Imad veio a obter a informação que demonstrou possuir quanto a pessoas e locais de Khriby.

Procurando por pessoas que pudessem ter conhecido as duas famílias, (embora ambas negassem conhecer-se uma à outra), eu soube de duas, já mencionadas, que conheciam alguma coisa sobre a família Bouhamzy de Khriby, e que tinham ido a Kornayel e estado com a família Elawar. Descobri uma outra pessoa que conhecia as duas famílias, e assim contarei pormenores de suas relações com ambas, conforme eu os soube.

O Sr. Kassim Elawar, avô paterno de Imad, tem um parente, o Sr. Faris Amin Elawar, que tinha sabido de um acidente de ônibus que correspondia ao acidente narrado por Imad. Esse íato ocorrera na aldeia de Baadaran, próximo de Khriby (vide item 23, da Tabulação 1). O Sr. Faris Amin Elawar ia a Baadaran de tempos a tempos, a negócios, e tinha algum conhecimento não muito íntimo, com a família Bouhamzy daquele lugar. Ele também visitava freqüentemente a família Elawar, em Kornayel. O pai de Imad tinha bastante certeza de que o Sr. Faris Amin Elawar jamais falara na família Bouhamzy ou no acidente de ônibus, em nenhuma de suas visitas à família Elawar. Depois de minha primeira visita a Kornayel, em março de 1964, a família Elawar falou ao Sr. Faris Amin Elawar acerca das narrativas de Imad quanto ao acidente de ônibus, e ele confirmou vários detalhes que coincidiam com um acidente real, ocorrido muitos anos antes em Baadaran. Mas não pôde fornecer-lhes nenhuma verificação quanto a outros assuntos sobre os quais Imad falou, referentes à vida anterior. Antes de março de 1964, a família Elawar não havia falado com o Sr. Faris Amin Elawar sobre nenhuma das declarações de Imad relativas à sua vida pregressa. O Sr. Faris Amin Elawar costuma passar uns tempos em Kornayel, mas estava ausente por ocasião de minha visita, e não pude entrevistá-lo para saber mais detalhes relativos ao seu conhecimento da família Bouhamzy.

A Primeira Visita a Khriby

Na minha primeira visita a Khriby, no dia 17 de março, entrevistei dois informantes da aldeia, o Sr. Kassim Mahmoud el Aschkar e o Sr. Khalil Lateif. Tinham algum conhecimento com a família Bouhamzy e comprovaram que um tal Said Bouhamzy, de Khriby, havia de fato morrido (em junho de 1943) depois de ter sido atropelado por um caminhão. Este Said Bouhamzy era amigo do Said Bouhamzy (também de Khriby), que morrerra em dezembro de 1983, como já foi dito. Confirmaram igualmente a existência de várias pessoas da aldeia, cujos nomes correspondiam aoa mencionados por Imad. Deram a Jamile, incorretamente como se evidenciou, a posição da esposa de Mahmoud Bouhamzy (parente de Said Bouhamzy) em vez da de esposa de Said Bouhamzy, o homem morto pelo caminhão. Para outros itens, seus depoimentos foram deficientes ou inexatos quando confrontados com os do filho de Said Bouhamzy, a quem entrevistei no dia seguinte. Este informante, Sr. Haffez Bouhamzy, tinha ido a Beirute no dia de nossa primeira visita. A única pessoa que pude entrevistar naquela ocasião foi o Sr. Yousef el Halibi, um senhor de idade, preso a uma cama já havia muitos anos e com um enfraquecimento de memória muito acentuado. Confirmou ter sido amigo de Said Bouhamazy, mas não pôde fornecer outras confirmações de detalhes das narrativas de Imad com respeito à vida anterior. Nesta ocasião, Imad apontou corretamente na direção da casa em que dizia ter morado, e fez mais duas outras declarações sugestivas de um conhecimento paranormal da aldeia, mas não esteve com nenhum membro da família Bouhamzy[9].

A Segunda Visita a Khriby

No dia seguinte, 18 de março, voltei a Khriby com o Sr. Abushdid, que atuou como intérprete, mas sem pessoas da família Hawar. O Sr. Haffez Bouhamzy tinha voltado a Khriby e forneceu-me muitas informações pormenorizadas sobre a família Bouhamzy. Eu havia sabido no dia anterior, que não fora Mahmoud Bouhamzy mas sim Said Bouhamzy a pessoa morta pelo caminhão. Agora, soube de duas outras embaraçantes informações. Primeiro, que Said Bouhamzy, que fôra morto pelo caminhão, não tinha tido nenhuma ligação com a mulher chamada Jamile; além disso, detalhes descritivos de "sua" casa, dados por Imad, não correspondiam aos da casa de Said Bouhamzy, em Khriby. Segundo, que já existia uma pessoa alegando ser Said Bouhamzy renascido. Este homem, Sleimann Bouhamzy, tinha nascido alguns meses depois da morte de Said Bouhamzy, como filho da irmã de Said, que se havia casado com um parente do mesmo nome e que morava na Síria, no Djebel Druso. Sleimann tinha vindo a Khriby, quando menino, e tinha dado evidência que satisfez plenamente a família de Said quanto ao fato de ser realmente este renascido. Farei, mais adiante, um sumário deste caso em breves traços, devido à sua relevância, em certos detalhes, para o caso de Imad. Aqui, porém, posso dizer que a investigação do caso de Imad deparou, a princípio, com desconcertantes complexidades e, em duas ocasiões, pareceu desfazer-se em fragmentos desconexos sem importância: uma vez, quando eu soube que Mahmoud Bouhamzy não havia sido morto por um caminhão, e outra vez, quando soube que a vida de Said Bouhamzy, que *havia* sido morto por um caminhão não combinava, em outros detalhes, com as declarações feitas por Imad. Além do mais, uma outra pessoa já havia se apresentado como sendo Said Bouhamzy renascido.

---

[9] Veja, entretanto, o relatório dado posteriormente (págs. 297-298) de minhas entrevistas com Sr. Farias Amin Elawar e seu filho, Saleem, em 1968.

O Sr. Haffez Bouhamzy, porém, procurou enquadrar as declarações de Imad a outras pessoas da família, como Mahmoud Bouhamzy, em um tal Salim Bouhamzy, ambos residentes em Khriby. Mahmoud Bouhamzy foi posto de lado por estar ainda vivo; além disso, pormenores sobre sua casa não combinavam com as descrições feitas por Imad. Esses pormenores combinavam com a casa na qual Salim Bouhamzy havia morado, e ele havia morrido antes do nascimento de Imad, mas acontecimentos da vida da personalidade anterior, descritos por Imad, não se enquadravam nos acontecimentos da vida de Salim. Contudo, *tanto* a descrição da casa *como* os acontecimentos da vida descritos por Imad combinavam exatamente (com correções devidas às conclusões dos pais) com os detalhes e da vida de um tal Ibrahim Bouhamzy, primo de Said Bouhamzy. Ibrahim Bouhamzy tinha vivido na mesma casa que seu tio Salim Bouhamzy, não distante (300 pés) da casa de Said Bouhamzy. Na vida particular, Ibrahim tinha uma linda amante de nome Jamile[10]. Nunca se casaram, mas Jamile casou-se após a morte de Ibrahim e mudou-se para outra aldeia. Ibrahim Bouhamzy morrera de tuberculose, a 18 de setembro de 1949. A lista detalhada dos itens da Tabulação 1 mostra quão exatamente as declarações de Imad combinavam com os itens que se referiam à vida de Ibrahim Bouhamzy. Além disso, havia uma notável correspondência entre vários aspectos de comportamento demonstrados por Imad e traços de caráter de Ibrahim, como foi atestado pelo Sr. Haffez Bouhamzy.

Farei mais tarde uma revisão desses aspectos de comportamento, em grupo, mas tornarei a citar aqui as repetidas expressões de prazer, por parte de Imad, pelo fato de ser capaz de andar. No dia 18 de março, eu soube pelo Sr. Haffez Bouhamzy que a morte, depois do desastre de caminhão do amigo e parente de Ibrahim, Said Bouhamzy, ocorrido a 8 de junho de 1943, havia afetado muito a Ibrahim Bouhamzy. Mas isso não me ajudou a compreender por que, se havia alguma relação entre a personalidade de Ibrahim e a de Imad, este (Imad) expressaria tanta alegria por poder andar: Ibrahim Bouhamzy, cuja vida parecia coincidir com as declarações de Imad, não havia quebrado suas pernas. Havia, na verdade, morrido tuberculoso, quando tinha cerca de vinte e cinco anos, depois de passar mais ou menos um ano num sanatório. Como foi feita referência a uma doença nas costas, ocorreu-me perguntar, no dia seguinte, se por acaso Ibrahim tinha tido tuberculose na espinha. O Sr. Haffez Bouhamzy contou, então, que Ibrahim tivera tuberculose na espinha e que, durante a moléstia, tinha grande dificuldade para andar; nos últimos dois meses de sua vida ficara completamente impossibilitado de caminhar. Neste lastimoso estado, Ibrahim lamentava-se por estar doente, parecendo sentir certa injustiça no fato de uma criatura tão jovem e antes tão forte, estar assim inutilizada. O Sr. Haffez Bouhamzy ouviu-o certa vez dizer que, se Deus o curasse, ele se tornaria sacerdote. O Sr. Fuad Bouhamzy irmão de Ibrahim, quando foi entrevistado mais tarde, não confirmou a declaração de Haffez de que Ibrahim tivesse tido tuberculose de espinha ou tivesse ficado impossibilitado de andar. Segundo ele, a tuberculose afetara apenas os pulmões e o pericárdio. Ibrahim tinha podido andar, até pouco antes de sua morte, disse ele. Estava, contudo, debilitado, e passou os últimos seis meses de vida no hospital, a maior parte do tempo, de cama. Saiu do hospital para a casa dos seus, pouco antes de morrer[11]. A alegria de Imad por poder

[10] Ocultei o nome verdadeiro da amante de Ibrahim sob o pseudônimo de "Jamile", que, apropriadamente, significa em árabe "linda moça".

[11] A acentuada discordância nos testemunhos do Sr. Haffez Bouhamzy e do Sr. Fuad Bouhamzy quanto à última doença de Ibrahim Bouhamzy levou-me a discutir o assunto com dois dos intérpretes.

“estar de pé e andando” (quando aprendeu a andar) correspondia assim, com a derradeira moléstia e atitudes de Ibrahim Bouhamzy.

A Terceira Visita a Khriby

Finalmente, depois de ter encontrado uma pessoa com detalhes de vida, de atitudes e de haveres que correspondiam exatamente aos descritos ou demonstrados por Imad, pareceu-me importante observar se este poderia fazer reconhecimentos dos membros ainda vivos da família de Ibrahim Bouhamzy, ou reconhecer o interior da casa na qual tinha morado e para a qual fora trazido de volta para morrer, dois dias antes de seu falecimento. Deste modo, a 19 de março voltei a Kornayel, e persuadi o Sr. Mohammed Elawar a acompanhar-me a Khriby novamente, com Imad. Quanto a Imad, devo dizer, não foi preciso persuadi-lo, porque fazia anos que ele pedia aos pais que o levassem a Khriby, e a proposta de uma outra viagem para lá iluminou-lhe a face com sorrisos de satisfação. Em Khriby, Imad tornou-se tímido e ficou mesmo perturbado ao entrar na casa de Said Bouhamzy, para onde fomos em primeiro lugar. Não demonstrou nenhum sinal de reconhecer qualquer dos aspectos da casa e não conseguiu reconhecer nenhuma dentre as várias fotografias da família de Said Bouhamzy, num álbum que lhe foi apresentado. Aos poucos foi se acalmando, porém, e, ainda na casa, mostrou grande interesse por duas perdizes em uma gaiola, as quais ele queria levar para sua casa, e teria levado se o pai (ou o dono delas) tivesse permitido. Caminhamos então até à casa de Ibrahim Bouhamzy, que era próxima. Eu tinha esperado arranjar uma apresentação em série, de membros da família de Ibrahim ao menino, sob condições que pudessem excluir a transmissão de quaisquer indiretas ou sugestões a ele. Infelizmente, quando chegamos à casa, as coisas fugiram ao meu controle porque três senhoras, residentes na aldeia, apareceram inesperadamente e levaram o menino com elas pela casa a dentro. Eram a mãe e a irmã de Ibrahim Bouhamzy e uma vizinha. Nestes circunstâncias, o intérprete e eu seguimos o pequeno grupo, que incluía ainda apenas o Sr. Haffez Bouhamzy e o Sr. Mohammed Elawar. O intérprete (naquele dia o Sr. Wadih Rabbath) fez todo o possível para controlar tudo o que diziam a Imad enquanto lhe faziam perguntas. Depois me relatava o que fora dito e eu fazia as anotações no momento. Imad fez treze reconhecimentos ou outras declarações posteriores exatas quanto à vida de Ibrahim Bouhamzy, nessas circunstâncias. Na maior parte deles, o Sr. Rabbath sentiu-se seguro de ter ouvido todas as importantes trocas de palavras entre Imad e as senhoras que o interpelavam, e de que elas não fizeram indiretas ou sugestões às respostas dele. Quanto aos itens restantes, o Sr. Kabbath não pôde ouvi-los (talvez por estar descrevendo o item precedente, para mim) e só soubemos depois, através dos informantes, o que Imad havia dito. Indiquei essas alterações nas observações da Tabulação 2, adiante.

A Visita a Raha, Síria.

Infelizmente, eles estiveram presentes em diferentes entrevistas. Mas é provável que a discordância quanto ao fato de Ibralilm Bouhamzy estar apenas preso ao leito ou estar realmente incapacitado de andar, tenha surgido de um erro de tradução, ocasionado provavelmente por algum sentido duplo, em outras línguas, de uma frase árabe. Por outro lado, o Sr. Wadih Rabbath lembrou (assim como nas minhas notas) que o Sr. Haffez Bouhamzy tinha dito positivamente que Ibrahim Bouhamzy tinha tuberculose na espinha. Quanto a este ponto, o Sr. Fuad Bouhamzy seria testemunha mais fidedignia. Era irmão de Ibrahim (Haffez era primo) e além disso tinha alguma prática de medicina e trabalhara no corpo médico do exército libanês. Estas duas testemunhas prestaram depoimentos concordess sobre outros assuntos para os quais forneceram informações.

No final da terceira visita a Khriby, eu havia relatado quase todos os nomes mencionados por Imad, a pessoas conhecidas de Ibrahim Bouhamzy. Porém três nomes ficaram sem colocação. Estes nada sugeriam ao Sr. Haffez Bouhamzy. Meus informantes os atribuíram à vida intermediária em que eles insistiam, quando a personalidade de Ibrahim Imad havia vivido no período entre a sua morte, em 1949, e o nascimento de Imad, em 1958. Consideravam aqueles nomes os vestígios daquela vida intermediária, que, para eles, era uma certeza, não uma hipótese. Mas a mim pareceu possível que aqueles nomes também poderiam ter uma colocação na vida de Ibrahim, e que Sleimann Bouhamzy, que alegava ter sido Said Bouhamzy renascido, poderia talvez fornecer alguma informação tirada, quer de seu estoque de informações como sobrinho de Said Bouhamzy, quer daquilo que ele próprio alegava lembrar-se da vida pregressa de Said Bouhamzy. Também me pareceu importante saber mais alguma coisa sobre suas alegações de reminiscências de uma vida anterior, embora ele (nascido a 3 de dezembro de 1943) fosse naquela época um homem adulto. Para isso, no dia 20 de março, fui com o Sr. Wadih Rabbath e o Sr. Mohammed Elawar à aldeia de Raha, no Djebel Druso da Síria. Esta aldeia fica a sudoeste de Damasco, na Síria, e a cerca de noventa milhas a sudeste de Beirute. As estradas de Beirute e de Damasco chegam a ela num trajeto cheio de voltas, sendo que, em linha reta fica apenas a 30 milhas a leste de Khriby.

Em Raha, o Sr. Sleimann Bouhamzy descreveu-nos o que se lembrava de sua experiência de parecer recordar-se da vida de Said Bouhamzy. E realmente contribuiu para a verificação das declarações de Imad. Voltarei a falar nessa narração em uma secção mais adiante neste relatório,

A Quarta Visita a Khriby e Circunjacências

No fim de minha estada no Líbano, em março de 1964, as verificações das declarações atribuídas a Imad Elawar partiram em grande parte de apenas uma testemunha, o Sr. Haffez Bouhamzy. Conquanto eu tivesse me encontrado com a irmã e a mãe de Ibrahim Bouhamzy, e elas tivessem participado, como já expliquei, da segunda visita de Imad a Khriby, eu não as havia entrevistado. Eu não tinha nenhuma razão para duvidar do depoimento de Haffez Bouhamzy, mas achava que devia conírontá-lo com o de outras testemunhas. Por isso, resolvi voltar novamente, o que fiz em agosto de 1964. Nessa ocasião, além de reexaminar alguns dos detalhes com a família de Imad em Kornayel, tornei a ir a Khriby. Lá consegui entrevistar o Sr. Nabih Bouhamzy (irmão de Haffez Bouhamzy), que fala inglês, o Sr. Fuad Bouhamzy (irmão de Ibrahim Bouhamzy), que fala inglês e francês, e (ligeiramente) a irmã de Ibrahim, a Sra. Huda Bouhamzy. Falei também com outras testemunhas menos importantes. Estas novas testemunhas confirmaram, excetuando alguns pequenos detalhes, o depoimento do Sr. Haffez Bouhamzy, e também alguns itens, antes obscuros ou aparentemente discordantes. Surgiram alguns itens de declarações feitas por Imad completamente novos (isto é, não relatados anteriormente) e foram submetidos a verificação nesta última oportunidade também.

Pessoas Entrevistadas Durante a Investigação

Em Kornayel, entrevistei:

Imad Elawar.
Sr. Mohammed Kassim Elawar, pai de Imad.

Sra. Mohammed Kassim Elawar, mãe de Imad.
Sr. Ali Hussain Elawar, primo do Sr. Mohammed Elawar.
Sr. Kassim Elawar, avô paterno de Imad.
Sra. Naile Elawar, avó paterna de Imad.
Sr. Majeed Toufic Elawar, primo do avô paterno de Imad.

Em Khriby, entrevistei:

Sr. Haffez Bouhamzy, filho de Said Bouhamzy e primo de Ibrahim Bouhamzy.
Sr. Nabih A. Bouhamzy, filho de Said Bouhamzy e primo de Ibrahim Bouhamzy.
Sr. Fuad Bouhamzy, irmão de Ibrahim Bouhamzy.
Sra. Huda Bouhamzy, irmã de Ibrahim Bouhamzy (casada com pessoa do mesmo nome).
Sra. Lateife Bouhamzy, mãe de Ibrahim Bouhamzy.
Sr. Kassim Mahmoud el Aschkar, vizinho de Ibrahim Bouhamzy.
Sr. Khalil Lateif, vizinho e primo de Ibrahim Bouhamzy.

Em Baadaran (próximo a Khriby), entrevistei:

Sr. Yousef el Halibi.
Sr. Mohammed Abuhassan.
Sr. Daukan el Halibi, filho de Yousef el Halibi.
Sr. Milhem Abuhassan.

Em Raha, Djebel Druso, Síria, entrevistei:

Sr. Sleimann Bouhamzy, sobrinho de Said Bouhamzy.
Sr. Assad Bouhamzy, pai de Sleimann Bouhamzy.

Verificação das Declarações Originais Feitas por Imad Elawar sobre a Vida em Khriby

Nas tabulações adiante dispus os detalhes de todas as declarações feitas por Imad, referentes à sua alegada vida pregressa em Khrriby, juntamente com comentários sobre a verificação das declarações ou outros aspectos concernentes a elas. Imad fez quase todas aquelas declarações, antes de deixarmos Kornayel para ir a Khriby em nossa primeira visita, mas algumas o foram durante o caminho ou mais tarde, e algumas outras só foram lembradas pela família posteriormente. Mencionei estes diferenças nas tabulações.

Dos cinqüenta e sete itens da primeira tabulacão, Imad fez dez das declarações no carro, a caminho de Khriby, quase todas na primeira ida a Khriby, antes de chegarmos àquela aldeia. Mas dessas dez, três foram inexatas. Quanto aos restantes quarenta e sete itens, Imad se enganara apenas em três. Parece-me muito passível que, com a exciíação da viagem, e talvez sentindo de nossa parte a expectativa de ouvir mais declarações, ele fizesse confusão de imagens da "vida anterior" com lembranças de sua "vida atual". De qualquer modo, seu "escore" nesse grupo de declarações foi positivamente inferior às quarenta e sete feitas antes de sairmos de Khriby.

Declarações e Reconhecimentos feitos por Imad Elawar, em Khriby.

Na minha primeira visita a Khriby, como já mencionei, o Sr. Haffez Bouhamzy não estava disponível e não fui nem à casa de Said Bouhamzy (atualmente ocupada por seu filho, Sr. Haffez Bouhamzy), nem à de Ibrahim Bouhamzy. Imad, em verdade, fez duas declarações, nessa ocasião, as quais demonstraram algum reconhecimento da região. Porém, é certo que não identificou de modo positivo a casa de Ibrahim Bouhamzy, pela qual passamos na estrada. De um ponto mais adiante da casa, olhando em sua direção e do outro ledo do pequeno vale, alguém pediu a Imad que mostrasse onde era a "sua" casa. Ele apontou para a direção geral, com bastante exatidão. Enquanto apontava, Imad chamou a atenção para uma casa com venezianas pintadas de verde vivo, mas que não era pegada à de Ibrahim; a casa de Ibrahim, no entanto, não tinha venezianas verdes. Se Imad quis indicar a casa com as venezianas verdes como sendo a sua da vida anterior, ele acertou quanta à direção geral mas errou quanto à casa exata.

TABULAÇÃO 1			
SUMÁRIO DAS INFORMAÇÕES DE IMAD, ANTES DA CHEGADA A KHRIBY			
Nota: A menos que declarado em contrário, o Sr. e a Sra. Mohammed Elawar foram, isoladamente ou juntos, os informantes de todas as declarações feitas por Imad. Contudo, em muitas das declarações estavam presentes um ou vários outros membros da família Elawar, principalmente os avós paternos de Imad, como testemunhas verbais ou tácitas do relato dos pais de Imad.			
Item	**Informantes**	**Verificação**	**Comentários**
1. Seu nome era Bouhamzy e morava na aldeia de Khriby.	Mohammed Elawar, pai de Imad. Nassibeh Elawar, mãe de Imad.	Haffez Bouhamzy, primo de Ibrahim Bouhamzy.	Várias famílias de nome Bouhamzy moravam ern Khriby. Há uma outra aldeia de nome Khriby, perto de Kornayel, mas, quando o inquiriram sobre isto, Imad disse que sua aldeia ficava "longe". Parece que Imad nunca mencionou o primeiro nome de "Ibrahim".
2. Mahmoud (nome mencionado por Imad).		Haffez Bouhamzy. Nabih Bouhamzy, primo de Ibrahim Bouhamzy	Mahmoud Bouhamzy era tio de Ibrahim Bouhamzy.
3. Tinha uma mulher chamada Jamile.		Haffez Bouhamzy. Nabih Bouhamzy. Fuad Bouhamzy, irmão de Ibrahim Bouhamzy.	A amante de Ibrahim Bouhamzy chamava-se Jamile. O Sr. Milhem Abuhassan prestou um depoimento discrepante quanto a esse item, mas modificou sua declaração quanto ao item, duas vezes, e gabou-se de conhecer muito Ibrahim, o que não foi comprovado por suas respostas a perguntas que lhe foram feitas para testar esse conhecimento. Duas outras testemunhas da redondeza, que não eram membros da família, também

			prestaram depoimentos discordantes quanto às relações com Jamile.
4. Jamile era linda.		Haffez Bouhamzy.	Jamile era famosa, na região, por sua beleza. A opinião do Sr. Haffez Bouhamzy foi apoiada polo testemunho de uma mulher da aldeia, Masser el Chouf, onde Jamile morara, a qual havia falado na beleza de Jamile ao Sr. Mohammed Elawar. Em uma terra de mulheres belas, como é o Líbano, este detalhe pode parecer falho em especificidade, porém assim não parecia àqueles que tinham conhecido Jamile.
5. Jamile vestia-se bem e usava saltos altos.		Haffez Bouhamzy.	Usar salto alto chamava a atenção para uma mulher drusa nas aldeias. Mesmo hoje em dia isto não é comum.
6. Jamile usava roupas vermelhas. Ele sempre lhe comprava coisas vermelhas para seu uso. *		Haffez Bouhamzy.	O Sr. Haffez Bouhamzy recordou-se de Jamile usando um lenço vermelho na cabeça.
7. Tinha um "irmão", Amin.		Haffez Bouhamzy. Nabih Bouhamzy.	Amin Bouhamzy é parente próximo de Ibrahim Bouhamzy. Os parentes próximos e amiges íntimos podem ser referidos como "irmão". É também possível que os pais de Imad tenham deduzido o parentesco de irmão como fizeram corn o de filho, com relação a outras pessoas, cujos nomes Imad mencionou. Vide comentários sobre os itens abaixo.
8. Amin morava em Tripoli.		Haffez Bouhamzy.	Tripoli é uma cidade litorânea, ao norte de Beirute.
9. Amin trabalhava no edifício do Fórum, em Tripoli.		Haffez Bouhamzy. Nabih Bouhamzy.	Amin era funcionário do Departamento de Topografia do governo libanês. Seu emprego era no edifício do Fórum, em Tripoli. Era

* Este item não foi registrado por escrito antes de sua verificação.

			vivo, mas aposentou-se em 1964. Ocorreu aqui um erro de dedução por parte dos pais de Imad. Declararam primeiramente que Imad havia dito que Amin era "juiz" em Tripoli. O Sr. Mohammed Elawar disse mais tarde que Imad realmente apenas declarara que Amin trabalhara no edifício do Fórum e eles disso deduziram que ele fosse juiz.
10. Havia alguém de nome Mehibe.		Nabih Bouhamzy. Sleimann Bouhamzy, primo de Ibrahim Bouhamzy (que obtivera a informação de sua mãe, não diretamente entrevistado por mim).	Mehibe era a prima de Bouhamzy. Os pais de Imad tinham pensado que Mehibe fosse a filha da personalidade anterior.
11. Tinha um "filho" chamado Adil.		Sleimann Bouhamzy. Nabih Bouhamzy.	Ibrahim teve um primo chamado Adil. Outro erro de inferência por parte dos pais de Imad. Disseram eles mais tarde, que Imad tinha mencionado os nomes de "Adil" e "Talal" ou "Talil" e eles presumiram que fossem os filhos da vida pregressa.
12. Tinha um "filho" chamado Talil ou Talai.		Haffez Bouhamzy. Nabih Bouhamzy.	Ibrahim teve um outro primo chamado Khalil (Khalil como parente de Ibrahim também verificado por Sleimann e Bouhamzy[*]) e Shekk Assad Bouhamzy, pai de Sleimann Bouhamzy). Vide comentário do item nº 11, quanto à questão do parentesco com Talil. A família de Emad não se lembrava exatamente se Imad tinha dito "Talil" ou "Talai". Se foi o primeiro, ele bem poderia estar tentando dizer "Khalil" do qual a primeira consoante é gutural e poderia ter

[*] Verificação de Sleimann Bouhamzy, por alegar recordar-se da vida de Said Bouhamzy.

			sido ouvida com o som de "T". Os avós de Imad sustentam essa suposição, dizendo que quando começou a falar sobre a vida anterior, Imad havia dito que era de "Tliby" (Khriby) antes que conseguisse pronunciar o nome da aldeia corretamente.
13. Tinha um "irmão", Said.		Haffez Bouhamzy. Nabih Bouhamzy.	Ibrahim conheceu duas pessoas com o nome de Said Bouhamzy. Uma, seu primo, foi morto por um caminhão, em 1943. A outra, um amigo, morreu em dezembro de 1963. Vide comentário no item 7). Por ocasião da morte do segundo Said Bouhamzy, em dezembro de 1963, alguns habitantes de Kornayel furam convidados para o enterro, que foi anunciado em Kornayel. Imad já falava em sua vida anterior há vários anos, antes desse acontecimento). Quando Imad teve notícias da morte do segundo Said Bouhamzy, demonstrou grande interesse pelo fato.
14. Tinha um "irmão" chamado Toufic.		Haffez Bouhamzy. Nabih Bouhamzy.	Toufic é primo de Ibrahim Bouhamzy. (Vide comentário item 7).
15. Tinha um "filho", chamado Salim.		Haffez Bouhamzy. Nabih Bouhamzy.	O tio de Ibrahim, com quem ele morava, chamava-se Salim Bouhamzy. (Vide comentário 7). Os pais de Imad depois disseram que ele nunca havia especificamente mencionado ninguém como seus "filhos". Eles é que deduziram aquele parentesco.
16. Tinha um "filho", chamado Kamel.		Haffez Bouhamzy. Nabih Bouhamzy.	Kamel é irmão de Toufic e Khalil Bouhamzy, portanto outro primo de Ibrahlm

			Bouhamzy (Vide comentários nos itens 7 e 15).
17. Tinha uma "irmã", chamada Huda*.		Estive com Huda Bouhamzy, irmã de Ibrahim Bouhamzy, em Khriby.	Aqui os informantes deduziram corretamente o parentesco da pessoa mencionada com a personalidade anterior. Possivelmente foram ajudados, porque, quando nasceu a irmã de Imad, ele pediu à família que dessem à criança o nome de Huda. Testemunhas não se recordam se Imad tinha usado especificamente a palavra "irmã" ao mencionar Huda.
18. Tinha um amigo Yousef el Halibi.		Não verificado, mas provável.	Yousef el Halibi era ainda vivo em 1964, e recordava-se de amizade com Said Bouhamzy. Provavelmente era também amigo de Ibrahim Bouhamzy, mas este ponto não foi especificamente verificado. O Sr. Fuad Bouhamay disse que conhecia Yousef el Halibi, de modo que é provável que seu irmão Ibrahim o tivesse conhecido também.
19. Tinha um amigo, Ahmed el Halibi.		Não verificado independentemente, mas vide comentários.	Não verificado independentemente. Em agosto de 1964, o Sr. Mohammed Elawar contou-me que o filho do Sr. Yousef el Halibi tinha confirmado, em março, que seu pai teve um irmão chamado Ahmed el Halibi, mas não ouvi isto diretamente naquela ocasião.
20. Um caminhão atropelou um homem, fraturou-lhe as duas pernas e esmagou-lhe o tronco.		Haffez Bouhamzy. Fuad Bouhamzy. Sleimann Bouhamzy.**	Verdadeiro quanto a Said Bouhamzy, cujo acidente e morte eram do conhecimento de Ibrahim Bouhamzy.
21. Foi para o "lugar		Haffez Bouhamzy.	Depois do acidente,

* Este item não foi registrado por escrito antes de sua verificação.
** Verificação de Sleimann Bouhamzy, por alegar recordar-se da vida de Said Bouhamzy.

onde estão os médicos" e foi aí operado.		Sleimann Bouhamzy.***	Said Bouhamzy foi levado a um hospital onde sofreu duas operações, uma cerebral e outra abdominal, mas mesno assim morreu poucas horas depois das operações.
22. O acidente deu depois de a briga, e o motorista tencionava matá-lo.		Inexato.	Inexato, mas não é certo que o próprio Imad fizesse ligação da briga com o acidente. Parece possível que Imad ou os pais confundissem ou ligassem imagens do fatal acidente de caminhão a Said Bouhamzy e o acidente de ônibus ao ônibus de Ibrahim, (Vide itens 23 e 24 e a discussão no texto). Imad nunca disse especificamente que o acidente de caminhão fora com ele. O motorista foi julgado e teve uma pena leve, por negligência, mas não considerado culpado de agressão. Isto seria muito provavelmente uma suspeita. Ibrahim, que tinha um temperamento brigão, poderia devido a isso ter atribuído ao motorista um motivo hostil. Sleimann Bouhamzy* declarou que, quando estava morrendo, Sald Bouhamzy rogou aos que estavam a sua volta que tratassem o motorista com brandura, pois temia que ele fosse acusado falsamente de perversidade.
23. Seu ônibus tinha saído da estrada e houve um acidente. Mas ele próprio não estava na direção na hora do acidente.		Nabih Bouhamzy. Ali Mohammed Abouhassan. Fuad Bouhamzy. Mohammed Elawar (relatando verificações	Certa vez Ibrahim desceu do ônibus que estava dirigindo, ainda com passageiros. Seu ajudante estava no ônibus e possivelmente

*** Idem, idem.

Morreu gente no desastre.*		do filho de Yousef el Halibi, Daukan el Halibi).	no controle. O freio de emergência falhou, rodou em marcha-a-ré por um barranco e os passageiros se feriram. Ajuntou-se uma multidão (praticamente a aldeia toda) e veio a polícia. Um dos informantes, o Sr. Habih Bouhamzy, disse que depois desse acidente Ibrahim ficou muito apreensivo e não dirigiu mais o ônibus. Não muito depois, teve a sua moléstia irreversivelmente fatal. Em março de 1964 eu soube que o acidente tinha sido com um caminhão (não um ônibus), mas em agosto ficou bem claro que havia um acidente do ônibus, tanto pelo que foi declarado por Imad como por ter sido verificado que ocorrera com o ônibus de Ibrahim, não com caminhão. Não morreu ninguém no acidente.
24. Tinha havido uma briga, porque o motorista havia insultado sua irmã. Ele esmurrara o motorista e o derrubara, chegando a polícia e seu amigo Ahmed el Halibi.		Mohamed Elawar (citando o filho de Yousef el Halibi, Daukan el Halibi)	Nenhum informante confirmou os detalhes de tal briga entre Ibrahim e o motorista de ônibus, mas o fato é bem característico da natureza írascível de Ibrahim. Depois do acidente a polícia veio investigar os danos. Em agosto eu soube que, em março, o Sr. Daukan el Halibi, filho do Sr Yousef el Halibi, havia confirmado que o pai e o tio tinham ido ao local do acidente, mas o intérprete não me dissera isto durante a entrevista. A cena seguiu-se ao acidente com o ônibus, do item 23.
25. O motorista era cristão.		Nabih Bouhamzy.	Inexato, se se referir ao motorista do caminhão

* Este item não foi registrado por escrito antes de sua verificação.

			que matou Said Bouhamzy. Ele era muçulmano. Imad eleve ter confundido o homem que dirigia o caminhão que matou Said Bouhamzy com um outro homem. Ibrahim de fato tinha um amigo chegado que era motorista de ônibus e era cristão.
26. Era amigo do Sr. Kamel Joumblatt.		Haffez Bouhamzy. Nabih Bouhamzy.	Tanto Ibrahim como Said Bouhamzy eram amigos daquele conhecido filósofo e político druso. O Sr. Joublatt mora numa aldeia não distante da região meridional de Khriby. Imad ficou multo emocionado quando, um dia. para testá-lo, um vizinho afirmou (falsamente) que o Sr. Joublatt havia falecido.
27. Gostava muito de caçar.		Haffez Bouhamzy. Nabih Bouhamzy. Fuad Bouhamzy.	Ibrahim gostava apaixonadamente de caça. Imad pede freqüentemente ao pai para levá-lo a caçar. Na casa de Said Bouhamzy, Imad demonstrou muito interesse por duas perdizes. As perdizes são a principal caça da região.
28. Tinha uma espingarda de dois canos.*		Haffez Bouhamzy. Nabih Bouhamzy. Fuad Bouhamzy.	Exato. Imad costumava juntar dois dedos para mostrar o que queria dizer quando descrevia a espingarda de cano duplo.
29. Tinha também um rifle.**		Haffez Bouhamzy. Nabih Bouhamzy. Fuad Bouhamzy.	Exato.
30. Ele tinha escondido a espingarda.***	Kassim Elawar.	O lugar onde Ibrahim havia guardado a espingarda me foi mostrado por sua mãe, Lateife Bouhamzy.	Exato. Esse item provavelmente se refere ao rifle, cuja posse era ilegal para um civil, no Líbano. Ibrahim tinha escondido a sua arma.

* Registrado depois da verificação ter começado, mas antes de verificado.

** Este item não foi registrado antes de sua verificação.

*** Idem, idem.

31. Tinha um cão de caça castanho.		Nabih Bouhamzy. Haffez Bouhamzy.	O cachorro era castanho claro, mas não era um cão de caça Outra inferência da família de Imad. Imad tinha dito que gostava de caçar que tinha uma espingarda e um cão. A família deduziu que fosse um cão de caça, mas, de fato, era um tipo de cão pastor.
32. Ele próprio certa vez havia batido em um cachorro*.		Nabih Bouhamzy.	Exato. Um outro cachorro tinha brigado com o cachorro de Ibrahim e este batera nele.
33. Sua casa era na aldeia de Khriby.		Casa que eu próprio visitei.	A casa fica na parte central da aldeia, não em arrabalde. No primeiro dia de inquirições foi dito ter Imad declarado que a casa ficava fora da aldeia, mas isto foi corrigido antes de chegarmos a Khriby e foi provavelmente um erro de tradução.
34. Logo antes casa há uma ladeira**.		Casa que eu próprio visitei.	A estrada apresenta um declive bem acentuado logo antes de chegar à casa de Ibrahim.
35. Havia dois poços, na casa; um cheio e um vazio***.		Nabih Bouhamzy. Fuad Bouhamzy. "Poços" vistos por mim, na casa.	Durante a vida de Ibrahim havia dois poços, cujos locais nos mostraram. Os "poços" haviam sido tapados desde a morte de Ibrahim. Não eram poços de água, mas simples escavações ou cubas de concreto usadas para armazenar suco de uvas. Eram usadas alternadamente, durante a estação chuvosa, um desses recipientes enchia-se de água, mas o outro, mais raso, não se enchia, porque a água se evaporava. Assim, um ficava vazio, enquanto o outro ficava cheio.

* Mencioando por Imad durante a viagem a Kornayel a Khriby.
** Idem, idem.
*** Idem, idem.

36. Estava fazendo um novo jardim, na ocasião de sua morte.		Haffez Bouhamzy. Fuad Bouhamzy.	Por ocasião da morte de Ibrahim, estavam reformando o jardim da casa.
37. Havia cerejeiras e macieiras, no novo jardim.		Haffez Bouhamzy. Fuad Bouhamzy. As macieiras e cerejeiras me foram mostradas nas visitas a Khriby.	
38. O caminhão estava cheio da pedras, que estavam sendo usadas no trabalho de construção do jardim.		Haffez Bouhamzy. Nabih Bouhamzy.	Inexato ou duvidoso. O Sr. Haffez Bouhamzy lembra-se de que estavam usando e recolocando as pedras nos terraços que já existiam no jardim. Não se recordava se estavam retirando as pedras de um caminhão. Imad poderia estar se referindo ao caminhão que atropelara Said Bouhamzy, mas parece que ele estava vazio e não cheio de pedras na ocasião do acidente.
39. Ele tinha dinheiro, terras, mas nenhum emprego fixo.		Haffez Bouhamzy. Nabih Bouhamzy.	Exato, de modo geral, porém Ibrahim realmente postula um caminhão com o qual trabalhava comercialmente. Foi também motorista de ônibus, por algum tempo.
40. Tinha um automóvel amarelo pequeno.		Haffez Bouhamzy. Nabih Bouhamzy. Fuad Bouhamzy.	Exato.
41. Tinha um ônibus*.	Kassim Elawar.	Fuad Bouhamzy. Nabih Bouhamzy.	Exato.
42. Tinha um caminhão.		Haffez Bouhamzy. Nabih Bouhamzy. Fuad Bouhamzy.	Exato. Ibrahim Bouhamzy não usava aqueles veículos simultaneamente, mas sucessivamente. Na realidade não era o "dono" deles, pois pertenciam à família, mas a família tinha muitas propriedades em comum.
43. Usava o caminhão para transportar pedras**.	Kassim Elawar.	Nabih Bouhamzy.	Exato.
44. Não era ele quem		Haffez Bouhamzy.	Inexato. Ele mesmo

* Este item não foi registrado antes de sua verificação.
** Idem, idem.

dirigia o caminhão.			dirigia o caminhão. É provável que este item se refira ao acidente de ônibus citado nos itens 23 e 24. Aparentemente, Imad queria ressaltar que ele (Ibrahim) não estava no ônibus (i.é., dirigindo) quando este saiu da pista, e que o ajudante (motorista) foi o responsável pelo acidente. Havia alguma confusão quanto à circunstância de Imad referir-se a um ônibus ou a um caminhão.
45. Há duas garagens na casa[***].		Os dois galpões a que provavelmente se referiam, foram examinados por mim.	Inexato, mas talvez um "acerto" parcial. lbrahim deixava seus veículos ao ar livre. Abaixo da casa, havia dois galpões e Imad estava, provavelmente, procurando referir-se a eles, Isto parece tanto mais passível pelo fato de Imad haver se referido anteriormente a "salas com tetos arredondados" aparentemente no mesmo contexto, e aqueles galpões mais abaixo da casa tinham tetos arredondados, como pude ver quando examinei pessoalmente um deles.
46. A chave da garage está no sótão[*].		Não verificado.	A casa possui um sótão e é possível que Ibrahim guardasse lá uma chave sobressalente. Sua irmã não conseguiu verificar este ponto. Teria sido uma chave das galpões do item 45.
47. Há uma entrada com um tipo de abertura circular[**].		Esta abertura foi examinada por mim.	Acima da porta principal que dá para o quintal, há uma abertura

[***] Mencionado por Imad durante a viagem de Kornayel a Khriby.

[*] Mencionado por Imad durante a viagem de Kornayel a Khriby.

[**] Mencionado por Imad durante a viagem de Kornayel a Khriby, anotado depois da verificação ter começado, mas antes de terminada.

			que dá no sótão, e que é quase semi circular e fechada por uma janela. Esta parece poder ser removida para dar acesso ao sótão, ao qual também se podia ir por um pequeno alçapão atrás da porta dianteira da casa. Conquanto exato, aberturas deste tipo dando para o sótão, existem em outras casas da região.
48. As ferramentas para os carros estavam nesse lugar de abertura arredondada[***].		Huda Bouhamzy, irmã de Ibrahim Bouhamzy. Lateife Bouhamzy.	O Sr. Haffez Bouhamzy, primo de Ibrahim, não sabia que este guardava as ferramentas no sótão. É possível que o item 46 fosse uma tentativa à mesma referência e uma confusão tenha surgido do fato dêem francês, a palavra correspondente, tanto a chave como a chave de fenda. ser "clef". O árabe, que tirou igualmente do francês muitos termos técnicos, usa a mesma palavra "clef" em ambos os sentidos. De qualquer mudo, quanto ao item 48, Imad estava perfeitamente exato; quanto ao item 46, este pormenor não pôde sor verificado, mas talvez também fosse exato.
49. Em sua casa havia um fogão a óleo[****].	Majeed Toufic Elawar, primo do avô paterno de Imad.	Fuad Bouhamzy.	Não havia nem há, na casa de Imad, nenhum fogão a óleo, mas havia um na casa de Ibrahim.
50. Tinha uma cabra e a cabra tinha um filhote (cabritinho)[*].		Fuad Bouhamzy.	Quando Ibrahim era jovem, a família tinha tido um rebanho de cabras.
51. Tinha um carneiro.[**]		Fuad Bouhamzy.	A família de Ibrahim possuía também carneiros, quando ele era jovem.

[***] Mencionado por Imad durante a viagem de Kornayel a Khriby.

[****] Registrado depois da verificação ter começado, mas antes de terminada.

[*] Mencionado por Imad durante a viagem de Kornayel a Khriby.

52. Tinha ao todo cinco filhos.		Nabih Bouhamzy.	Não verificado. Ibrahim não tinha filhos registrados. Ele não se casara mas tinha pelo menos um filho. O Sr. Nabih Bouhamzy o ouvira admitir isso. Quando Imad estava falando em filhos, ergueu cinco dedos, indicando o número deles, em resposta a uma pergunta. Possivelmente ele estava se referindo aos cinco filhos de seu amigo e primo, Said Bouhamzy, de quem Ibrahim gostava muito.
53 Ele estava "bem de vida".		Haffez Bouhamzy. Nabih Bouhamzy.	Um ponto não muito específico mas comparado a muitas das famílias da aldeia, Ibrahim teria sido considerado como própero.
54. Tinha uma fazenda.		Nabih Bouhamzy.	
55. "Sei falar inglês".[***]		Inexato.	Inexato para Ibrahim, que falava bem o francês mas não falava nada de inglês. O Sr. Abushid disse que Imad fizera esse comentário no carro, depois de ouvir o Sr. Abushid e eu trocarmos algumas frases em inglês. O pai, que estava guiando o carro no momento, não ouviu Imad fazer tal comentário, mas sim ouviu dizer quase no mesmo momento: "Sei falar como o senhor", referindo-se ao francês, língua em que o Sr. Abushid e eu falávamos usualmente. Imad, no seu primeiro ano de escola estava aprendendo francês e sabia contar até vinte, corretamente, nessa língua. Existe, portanto, alguma dúvida quanto a este item, e de qualquer

[**] Idem, idem.

[***] Idem, idem.

			modo é possível que Imad não estivesse então se referindo à vida pregressa. O pai de Imad nunca o ouviu dizer que sabia falar inglês, em ocasião alguma.
56. Vai-se a Khriby por Hammana.	Naile Elawar, avó paterna de Imad.	Mapas de estrada do Líbano.	Exato. Hammana é uma aldeia a sudeste de Kornayel, e passa-se por ela no caminho para Khriby, vindo de Kornayel. O pai de Imad insistiu em que estc não tinha anteriormente saído de Kornayel por aquele lado da aldeia. É estranho que, visto Hammana não ser próxima de Khriby, "a personalidade de Ibrahim" se lembrasse dessa relacionamento. Seria uma orientação mais característica, para alguém que morasse em Kornayel, que estivesse procurando Khriby no mapa e visto o caminho a tomar, ir para lá partindo de Kornayel. Parece, portanto, possível que Imad colhesse esta informação por ouvir seu pai mencloná-la. Talvez o importante é que a colheu devido ao seu grande interesse por Khriby e pelo seu desejo, freqüentemente manifestado, de ir até lá. (Vide Discussão no texto, quanto à evidência de que Imad houvesse visitado Khriby anteriormente).
57. Reconhecimento de Salim el Aschkar, de Khriby.	Naile Elawar.		Salim el Aschkar, natural de Khriby, tinha-se casado cora uma moça de Kornayel, e às vezes vinha a esta aldeia. Quando Imad tinha mais ou menos dois anos de idade, estava na rua com a avó, quando Salim el Aschkar passou. Imad

			correu para ele e abraçou-o. "Você me conhece?" perguntou Salim. ao que Imad respondeu: "Sim, você foi meu vizinho". Aquele homem havia sido vizinho da família de Ibrahim Bouhamzy, mas não morava mais perto da casa deles.

Nessa visita, fomos além de Khriby, à próxima aldeia, Baadaran, onde mora o Sr. Yousef el Halibi. No caminho para lá, Imad comentou que aquele era o caminho para Baadaran. Há uma sinalização à beira da entrada de Baadaran, indicando a aldeia, mas quando Imad fez aquela declaração, nós havíamos acabado de sair de Khriby para um percurso de três milhas, de modo que ele não poderia ter lido a sinalização. É provável, porém, que ele tivesse lido alguma sinalização que não tivéssemos notado ou que tivesse ouvido alguém dizer que íamos a Baadaran com o propósito de ver o Sr. El Halibi. Portanto, não considero essa declaração de Imad sugestiva de qualquer conhecimento paranormal.

Como já mencionei, na secunda visita, de Imad a Khriby, fomos às casas de Said Bouhamzy e de Ibrahim Bouhamzy, as quais, novamente, Imad não pareceu reconhecer exteriormente. O Sr. Haffez Bouhamzy não achou que isto era motivo para surpresa, visto que, segundo ele, a aldeia tinha mudado muito nos quinze anos que decorreram após a morte de Ibrahim Bouhamzy, especialmente no que se refere a ruas. No quintal da casa de Ibrahlm e dentro da casa (que foi aberta para nós), Imad efetivamente fez quatorze outras declarações ou reconhecimentos, que relacionei na Tabulação 2, adiante, juntamente com duas que acabei de mencionar, feitas na primeira visita a Khriby.

Nos dezesseis itens de declarações ou reconhecimentos ocorridos em Khriby, Imad foi exato em quatorze, meio vago em um deles (reconhecimento do exterior da casa), e falhou num teste de reconhecimento (da mãe de Ibrahim). Devemos, talvez, por de lado dois outros itens em que o depoimento foi discordante (episódio do ferimento no dedo), ou em que houve muita possibilidade de fontes normais de informação (o trajeto para Baadaran. Com isso, ficam faltando ainda doze itens, alguns de natureza altamente pessoal, relativos à casa e à vida de Ibrahim Bouhamzy. Ao analisar o conhecimento que Imad demonstrou ter da casa, antes de ir a Khriby e no interior dela quando lá estivemos, os leitores devem lembrar-se de que a casa permaneceu fechada durante alguns anos. A informação que Imad possuía só poderia ter sido obtida normalmente através de alguma pessoa que tivesse conhecido a casa, e não através de um exame da área externa.

TABULAÇÃO 2
SUMÁRIO DAS DECLARAÇÕES E RECONHECIMENTOS FEITOS POR IMAD EM KHIRBY
Nota: Os seguintes reconhecimentos e declarações ocorreram na presença do intérprete ou na minha própria, ou nos foram contados em poucos minutos. O Sr. Haffez Bouhamzy, a Sra. Huda Bouhamzy e a Sra. Lateife Bouhamzy verificaram a exatidão do que Imad disse ou fez. Os itens seguidos de asterisco (*) foram testemunhados diretamente pelo intérprete; outros itens só foram relatados mais tarde por testemunhas.

Item	Comentários
58. Reconhecimento do local da casa da vida anterior(*).	Casa de Ibrahim Bouhamzy, vista posteriormente. Imad indiscutivelmente apontou a direção geral correta em que ficava a casa, de uma distância de mais ou menos 300 jardas. Mas falhou na identificação da casa, especificamente.
59. Reconhecimento da estrada de Khriby para Baadaran.(*)	Declaração feita durante o trajeto de Khriby a Baadaran. Item não significante, pois Imad poderia ter visto alguma sinalização apontando o caminho, ou talvez ter ouvido alguém mencionar a direção.
60. Reconhecimento do lugar onde Ibrahim deixava seu cachorro.(*)	No quintal da casa, perguntaram a Imad: "Se você tinha um cachorro aqui, onde o deixava?" Ele corretamente indicou o lugar no quintal.
61. O cachorro ficava preso por uma corda. (*)	Quando perguntaram como o cachorro ficava preso, Imad disse: "Por uma corda." Muitos cães da região ficam presos com correntes, não cordas.
62. Reconhecimento da cama de Ibrahim Bouhamzy. (*)	Havia duas camas no quarto. Imad apontou para a de Ibrahim.
63. Declaração quanto a antiga posição dessa cama.(*)	Perguntaram a Imad: "Como estava disposta a cama quando você dormia nela?" Ele então mostrou que a cama ficava em posição transversal à posição atual, completamente diferente desta. (Vide o item seguinte).
64. Declaração de como os amigos conversavam com Ibrahim(*).	Durante sua moléstia infecciosa, os amigos não podiam entrar no quarto de Ibrahim, e por isso conversavam com ele através de uma janela, e a cama foi disposta de modo que ele pudesse ver e falar com os amigos, pela janela. Quando perguntaram a Imad: "Como conversava com seus amigos?", ele apontou para a janela e disse: "Por ali."
65. Lugar onde Ibrahim Bouhamzy guardava sua espingarda(*).	Imad, quando lhe perguntaram onde guardava "sua" espingarda, apontou para o fundo de um armário embutido numa parede divisória. Ele não apontou para as portas do armário, mas estava perfeitamente certo quanto ao armário. A mãe de Ibranim disse que apenas ela e Ibrahim sabiam onde estava guardada a espingarda. O Sr. Haffez Bouhamzy, primo de Ibrahim, não sabia deste fato.
66. Não reconhecimento da mãe de Ibrahim Bouhamzy.	Na presença da mãe de Ibrahim, perguntaram a Imad: "Conhece esta senhora?" E ele disse: "Não". Disseram-lhe, então, que fosse cumprimentá-la, o que ele fez. Depois, quando lhe perguntaram se gostava dela, respondeu: "Sim, muitíssimo."
67. Reconhecimento da irmã de Ibrahim, Huda.	A irmã de Ibrahim perguntou a Imad: "Você sabe quem eu sou?" e ele replicou: "Huda".
68. Reconhecimento de um retrato de Fuad, irmão de Ibrahim.	Mostraram primeiramente a Imad um retrato bem pequeno de Fuad, em uniforme militar. Ele não reconheceu esta fotografia. Mas, quando lhe perguntaram de quem era o retrato em um grande quadro a óleo dependurado na parede, ele disse corretamente; "Fuad".
69. Reconhecimento de um retrato de Ibrahim Bouhamzy.	Quando lhe mostraram uma fotografia de Ibrahim Bouhamzy, relativamente grande e lhe perguntaram quem era, Imad disse: "Eu." Neste caso foi feita insinuação de que era de seu irmão ou de seu tio, mas ninguém deu a entender que era de Ibrahim.
70. Declaração das últimas palavras ditas por Ibrahim antes de morrer.	A Sra. Huda Bouhamzy perguntou a Imad: "Você disse alguma coisa pouco antes de morrer. O que

	foi?"' Imad replicou: "Huda, chame o Fuad" Estava exato, pois Fuad havia deixado o quarto pouco antes, e Ibrahim queria vê-lo novamente, mas morreu naquele instante.
71. Menção dos nomes de dois irmãos de Ibrahim(*).	Perguntaram a Imad: "Quem são seus irmãos?" e ele respondeu: "Fuad e Ali," ambos corretamente. Parecia não lembrar-se de um terceiro irmão, Sem, o caçula.
72. Declaração de onde Jamile morava.(*)	Imad apontou corretamente com o dedo em direção à aldeia vizinha de Masser el Chouf, onde Jamile morava.
73. A mãe de Ibrahim, certa vez, esmagou um dedo na porta que dava para o quintal.	Quanto a este item ouvi testemunhos antagônicos, no que se refere ao que Imad dissera e ao que realmente sucedera durante a vida de Ibrahim. Uma das testemunhas disse que Imad se recordava de ter machucado "seu" (de Ibrahim) dedo. A Sra Huda Bouhamzy declarou que Imad recordava-se de que a mãe de Ibrahim havia esmagado o dedo na porta. Isto de fato ocorreu, e a mãe de Ibrahim ainda tinha a extremidade de um dedo achatada, quando a vi durante uma de minhas idas a Khriby.

A cena da visita de Imad à casa de Ibrahim e o reconhecimento de membros da família do mesmo, não evocou nos participantes tanta emoção como aconteceu em outras "reuniões" desta espécie[12]. A mãe e a irmã de Ibrahim pareceram muito interessadas em ver Imad e o receberam com muita cordialidade, mas não choraram. Imad, de sua parte, também não chorou. Entretanto, sentia-se evidentemente feliz, por estar em Khlluy e com aquelas pessoas. Demonstrou a mais forte emoção diante de uma pequena fotografia de Fuad, irmão de Ibrahim, achada por alguém e que lhe foi dada para guardar. Mostrou-se extremamente apegado a ela e beijou-a afetuosamente. Ao ser levado da casa e da presença dos parentes de Ibrahim, não ofereceu resistência ou mostrou qualquer mágoa pela separação.

Ibrahim tinha amado especialmente sua mãe sua irmã Huda e seu irmão Fuad. Os reconhecimentos de Huda e do retrato de Fuad feitos por Imad, harmonizam-se com essas preferências de Ibrahim. A mãe de Ibrahim talvez tivesse mudado mais, na aparência física (sendo, em 1964, uma senhora notoriamente idosa) do que Huda.

Durante a cena na casa, quando Imad não sabia a resposta a uma pergunta, ele não tentava adivinhar e se não reconhecia algum objeto que lhe mostravam, nada dizia. Podemos considerar isto também como um outro ponto contra a hipótese de lhe haverem dado quaisquer sugestões ou indiretas quanto aos reconhecimentos as quais, se estivessem pairando à sua volta, o levaria talvez a fazer muito mais declarações – quer fossem corretas ou não – do que ele realmente fez.

Relatos e Observações de Importância sobre o Comportamento das Pessoas Relacionadas ao Caso.

Além de anotar, antes de irmos a Khriby, as declarações sobre a vida anterior atribuída a Imad anotei também vários itens sobre seu comportamento, relatados por seus pais ou

[12] Vide, por exemplo, relatos das emoções manifestadas durante tais "reuniões" nos relatórios dos casos da Índia e do Ceilão, apresentados em outros pontos desta monografia.

pelos avós, como sendo presumivelmente provenientes das experiências e atitudes da personalidade anterior.

Sob este cabeçalho, devemos notar antes de tudo o interesse de Imad por Khriby, e pela gente de lá. Ele pediu insistentemente aos pais que o levassem ali e falara muito de várias pessoas que alegava ter conhecido naquela aldeia. Na minha última visita a Kornayel, em agosto de 1964, Imad me pedira que o levasse a Khriby, visto seus pais, disse ele, não o fazerem. Uma manifestação digna de nota de seu interesse por Khriby ocorreu quando ele se encontrou com Salim el Aschkar na rua de Kornayel, e atirou-se a seus braços; uma outra foi quando uma mulher procurou pôr à prova suas reações, declarando-lhe falsamente que o Sr. Kemal Joublatt (o atacadista druso que lmad alegava ter conhecido e que Ibrahim de fato conhecera muito) havia morrido. Ouvindo isto, Imad ficou extremamente zangado, e procurou enxotar a mulher da casa. E, em dezembro de 1963, ocorreu ainda um outro episódio desse tipo, quando chegou notícia a Kornayel de que Said Bouhamzy (o segundo cidadão de Khriby com esse nome) tinha morrido. Imad mostrou-se muito interessado pela notícia. Depois disse, pensativamente: "Fiquei ainda com um irmão." (Esse último comentário presumlvelmente se referia a Amin ou Kemal, os sobreviventes do círculo de amigos íntimos e primos de Ibrahim, que se chamavam um ao outro de "irmão".) Eu próprio vi o sorriso de alegria no rosto de Imad, quando lhe propusemos a viagem a Khriby.Em Khriby, excetuando duas ocasiões em que alguma coisa - não sei bem o quê - o irritou, ele mostrou constantemente os maiores sinais de alegria.

Dentre todas as pessoas mencionadas por Imad como pertencendo à vida anterior, Jamile ocupava o lugar mais proeminente. Seu nome foi a primeira palavra que enunciou claramente quando começou a falar, e desde então estava sempre em seus lábios. Falava em comprar roupas vermelhas para ela e comparava sua beleza e suas roupas com as de sua mãe que, por exemplo, não usa salto alto como Jamile usava. A saudade de Imad com relação a Jamile chegou à sua expressão máxima quando, um dia, deitado numa cama ao lado de sua mãe, pediu-lhe repentinamente que ela fizesse como Jamile fazia. Não sei as palavras que usou para dizer isso era árabe, mas a sentença, traduzida para o francês, foi "Maman, faites comme si vous étiez Jamile." Este fato ocorreu quando Imad tinha de três a três anos e meio.

Na visita a Khriby, Imad não pediu para ver Jamile, que havia muito tinha se casado e mudado da região. Isto, porém, não é para causar surpresa, se recordarmos que Jamile havia sido apenas amante de Ibrahim, e suas relações haviam sido um grande escândalo na comunidade. Não seria de esperar, portanto, que Ibrahim (ou Imad sob a influência, das experiências deste) insistisse em falar nas suas relações com Jamile, quando na presença de parentes femininos. Em Khriby, Imad indicou corretamente a direção em que ficava a casa onde Jamile morara, mas não mencionou o nome dela espontaneamente, como o fizera tantas vezes em Kornayel. Em agosto, eu soube que poderiam provocar em Imad uma forte emoção, se lhe dissessem, para o aborrecerem, que Jamile havia morrido.

Os pais de Imad comentaram a notável fobia por grandes caminhões e por ônibus, que Imad mostrara mesmo quando bem pequeno. Ele corria e se escondia desses veículos, antes de conseguir falar e exprimir seu temor. Gradualmente perdeu esse medo e, na idade de quatro ou cinco anos, estava completamente livre dele. Os pais de Imad davam como causa dessa fobia por veículos grandes a suposição de ele haver sido atropelado e

morto por um caminhão, em sua vida anterior. Porém, como vimos, foi Said Bouhamzy, e não Ibrahim, quem encontrou a morte desta maneira. Ibrahim, entretanto, vivia ainda na ocasião da morte de Said no desastre de caminhão, e a morte do primo e amigo o tinha mortificado extremamente. Além disso, Ibrahim havia dirigido tanto caminhão quanto ônibus. Em certa ocasião, quando ele tinha saído do ônibus, os freios falharam e o veículo rodou ladeira abaixo, capotando com seu ajudante (de Ibrahim) dentro (vide item 23, tabulação 1). (Um dos informantes testificou que Ibrahim tinha ficado tenso depois desse acidente, conquanto um outro não confirmou essa conseqüência). Embora o próprio Ibrahim não se tivesse machucado, esse acidente perigoso juntamente com a morte de Said, podiam muito bem ser os responsáveis pelo medo de grandes veículos motorizados, por parte de Ibrahim. Afora este acidente, Ibrahim também participara de uma acidente de automóvel. Assim sendo, o comportamento de Imad com relação a veículos parece coerente com o que seria de esperar à vista das experiências de Ibrahim.
Os pais e avós de Imad comentaram a surpresa e a alegria demonstradas por estes, quando começou a andar. Ele fazia observações como: "Olhem! já consigo andar", como se estivesse surpreso, realmente, de poder andar. Aqui, novamente, seus pais, durante os anos em que pensaram ter a personalidade anterior de Imad fraturado as pernas e sido morto por um caminhão, atribuíram esta alegria de poder andar ao fato de mal conseguir ele acreditar que as pernas quebradas estavam sãs. Porém, como vimos, Ibrahim também havia ficado inválido e não pouco antes de sua morte, mas durante um grande período de incapacidade devido à tuberculose. Imad, que até agora nada disse sobre a promessa de Ibrahim de tornar-se sacerdote caso Deus o curasse, parece ele próprio não compreender como e por que agora pode andar com desembaraço. Um dia, perguntou à mãe: "Mamãe, a senhora fez alguma operação que a possibilitasse andar de novo?" Ora, Said Bouhamzy, depois do desastre de caminhão que lhe esmagou o tórax e lhe fraturou as pernas, foi submetido a uma operação abdominal depois do acidente mas, apesar disso, morreu algumas horas depois. Ibrahim teria sabido disso, e Imad igualmente demonstrou ter conhecimento dessa operação após o acidente. Parece possível, por isso, que ele tenha concebido a idéia de que ele próprio ficara perfeito devido a uma operação cirúrgica. Merece também ser considerada a possibilidade de uma fusão de imagens na mente de Imad, de "memórias" relacionadas com a doença de Ibrahim e o fatal acidente de seu amigo Said. Como já fiz notar, Imad parece ter tido presentes em seu consciente várias imagens e então, algumas vezes articulava as palavras, dirigidas a si mesmo ou a outras pessoas. Com toda a certeza os pais fizeram, em suas mentes, uma fusão das cenas da morte de Said Bouhamzy com outras declarações de Imad, e ligaram a morte violenta de Said à personalidade anterior de Imad. Fusão semelhante pode ler ocorrido na mente do próprio Imad.

A suposição precedente encontra apoio no detalhe de ter havido uma briga, antes do desastre com o caminhão, entre seu motorista e o homem acidentado e morto pelo caminhão (item 22, Tabulação 1). Conforme os pais de Imad relataram esse item, Imad havia acusado o motorista do caminhão de asaassínio voluntário, atropelando deliberadamente o homem que foi ferido. Imad havia igualmente descrito uma briga na qual dizia que ele (na vida anterior) tinha derrubado um motorista de caminhão (ou ônibus). Na verdade, o motorista do caminhão que matara Said Bouhamzy, não havia brigado com este, e Said Bouhamzy, em seu leito de morte (segundo Sleimann Bouhanizy), tinha expressamente isentado de culpa o motorista. Mas, como o próprio Ibrahim era briguento por natureza, seu temperamento poderia tê-lo feito atribuir prontamente a causa do acidente e a morte do amigo a maldade por parte do motorista. Outras pessoas tiveram também esta suspeita, mas um julgamento no tribunal acusou o

motorista de negligência apenas. Portanto, a inclusão feita por Imad, de um detalhe inexato referente à briga antes do acidente de caminhão, pode ter surgido de uma fusão em sua mente, de imagens do acidente de caminhão com as de uma briga de Ibrahim com um motorista, ou poderia ter nascido de uma interpretação do acidente feita por Ibrahim, incorreta, porém em harmonia com o temperamento beligerante de Ibrahim, e que foi transmitida à mente de Imad. E ainda, como uma terceira explicação, devemos considerar a possibilidade de os próprios país de Imad fazerem uma ligação entre a briga, como foi descrita por Imad, e o desastre descrito por ele. Segundo eles, Imad falava muito mais da briga do que do acidente.

Imad mostrava grande interesse por caçadas, e freqüentemente pedia ao pai que o levasse a caçar. Declarou, corretamente, que Ibrahim possuíra uma espingarda e um rifle, e indicou com certeza onde Ibrahim guardara uma das armas na casa. Já relatei o grande interesse demonstrado por Imad pelas perdizes da gaiola na casa de Said Bouhamzy. (Perdizes são a principal caça da região). Segundo o Sr. Haffez Bouhamzy, Ibrahim gostara imensamente de caçar, participando dessa atividade sempre que podia. Mas devemos notar que o Sr. Mohammed Elawar, pai de Imad, tem uma espingarda e vai à caça, de modo que o interesse de Imad pode ser motivado pelo conhecimento das atividades do pai. Mais digno de nota é a *intensidade* do gosto do menino pela caça.

Anotei os precedentes aspectos do comportamento de Imad, antes que se iniciasse a verificação de suas declarações. A família de Imad relatou alguns outros itens dignos de nota depois de eu ter sabido de características semelhantes em Ibrahim Bouhamzy. No curso do esboço que traçou da vida e atitudes de seu primo Ibrahim Bouhamzy, o Sr. Haffez Bouhamzy contou-nos que Ibrahim freqüentemente metia-se em encrencas com outros homens, quase sempre por causa de mulheres. Uma vez ele atirou em um homem, durante uma briga, (Já mencionei a ênfase dada por Imad à briga, em suas declarações). Quando o pai de Imad soube que Ibrahim tinha fama de brigão, imediatamente começou a rir e disse que também Imad dava mostras de um temperamento briguento e não esquecia as ofensas. Imad é sensível e chora com facilidade quando o ofendem. Não gosta de ser criança e fica zangado se lhe dizem isso. Num baile infantil, em 1964, ele se queixou de ficar com crianças de sua própria idade, e pediu roupas próprias de crianças mais velhas. Imad tem uma atitude dominadora para com outras crianças, querendo sempre ser o líder. Seu avô paterno declarou que, quando Imad tinha mais ou menos dois anos, tomou chá mate como fazem os adultos e mostrou particular predileção por chá e café amargos. O chá mate é tomado especialmente pelos Drusos na região circunvizinha a Khriby, mas também em outros lugares, em todo o Líbano, inclusive na família Elawar. O ponto importante no interesse de Imad pelo chá é, igualmente, a intensidade desse interesse em tão tenra idade.

Imad, segundo a família, é precoce na escola, e, para a sua idade, está especialmente adiantado em francês. Ninguém mais na família fala francês, mas Imad tem aprendido rapidamente, corrigindo sua irmã, que é mais velha. Ibrahim Bouhamzy falava bem (pois servira no exército francês), mas não falava inglês.

O Caso de Sleimann Bouhamzy

Sumário do Caso e Comparação do Comportamento de Sleimann Bouhamzy com o de Imad Elawar quando Crianças.

Antes de continuar a discussão do caso de Imad Elawar, quero apresentar um sumário do caso de Sleimann Bouhamzy, que me foi relatado. Como disse acima, em minha segunda visita a Khriby, eu soube que Sleimann Bouhamzy já tinha estado ali muitos anos antes, e lá estívera freqüentemente depois disso, tendo satisfeito a todos quanto à sua alegação de ser Said Bouhamzy, renascido depois de morto no acidente de caminhão. Infelizmente, os principais episódios da caso haviam ocorrido uns dezesseis anos antes de minha visita, e não posso apresentá-lo como sendo tão bem testemunhado por depoimentos da época, como o caso de Imad Elawar. Apesar disso, o primeiro relato do caso que me foi feito pelo Sr. Haffez Bouhamzy, em Khriby, coincidiu em linhas gerais e em quase todos os detalhes, com o relato independente feito na Síria pelo próprio Sr. Sleimann Bouhamzy. Tive a forte impressão de que, se eu tivesse estado presente em Khriby por ocasião dos principais eventos relativos ao caso, poderia tê-lo achado ainda mais importante do que o de Imad Elawar. No atual estado de coisas, porém, só posso apresentar um sumário do caso, e faço-o principalmente para comparar certos detalhes de comportamento, da parte de Imad Elawar e Sleimann Bouhamzy, quando eram pequenos.

Said Bouhamzy faleceu a 8 de junho de 1943, após o acidente de caminhão, em que teve o tórax esmagado e quebradas ambas as pernas. No hospital, sofreu duas operações, na cabeça e no abdome; depois delas, recuperou a consciência, o suficiente para mandar buscar sua esposa e filhos, mas morreu poucas horas depois. Said Bouhamzy tinha apenas um parente: uma irmã, de quem muito gostava. A 3 de dezembro de 1943, esta irmã, morando então na Síria onde se casara com um parente que tinha o mesmo nome do irmão, deu à luz Sleimann Bouhamzy.

Na primavera de 1964, o Sr. Sleimann Bouhamzy era um rapaz de vinte anos, que espontaneamente repetia o que ainda lembrava da vida anterior e do seu próprio comportamento durante ela, quando criança. Declarou que as lembranças que tinha da vida anterior como Said Bouhamzy, tinham se dissipado, em grande parte, de sua mente. Além disso, negou estar sempre certo quanto a recordar-se realmente de algo que anteriormente lembrara com referência à vida anterior, ou simplesmente recordar-se do que outras pessoas — os pais, por exemplo — lhe haviam contado mais tarde ter ele dito com relação àquela vida. Mesmo confirmando certos pormenores relativos à vida de Ibrahim Bouhamzy, o Sr. Sleimann Bouhamzy nem sempre tinha certeza do que se lembrava como sendo da vida de Said Bouhamzy ou se lembrava de coisas que ele, como Sleimann Bouhamzy, havia ouvido da mãe, que afinal, era irmã de Said Bouhamzy e prima por afinidade de Ibrahim Bouhamzy. Em resumo, o Sr. Sleimann Bouhamzy fez a narração do que se lembrava sobre a vida de Said Bouhamzy com acentuada falta de confiança e independência nas alegações quanto à exata proveniência das aparentes recordações que narrava. É com essas sinceras ressalvas, pois, que apresento o seguinte relato.

O Sr. Sleimann Bouhamzy lembrava-se da vida de Said Bouhamzy, de uma ocasião em que viera do Líbano para a Síria em visita à irmã. Naqueles tempos a viagem era muito mais demorada do que hoje. Ele se recordava de que viajara a cavalo e que usava um típico traje sírio, diferente do que ele usava no Líbano. Recordava-se também de uma vez em que Said Bouhamzy, estando estacionado em Homs (região centra-oeste da Síria) no exército francês, teve notícia do nascimento de um filho. Um grande amigo de Said, que se achava com ele em Homs, deu ao filho o nome de Hassan. Lembrava-se do casamento de um primo, Nejip Bouhamzy, e de como ele (como Said) havia levado a

noiva da aldeia de Mouktara para Khriby. Recordava-se de alguns pormenores do fatal acidente de caminhão de Said Bouhamzy, inclusive como este havia sido transportado para o hospital e como havia voltado a si antes de morrer e perguntado por sua mulher, e também como isentara o motorista de má intenção no acidente. Nada se lembrava quanto a qualquer briga que precedera ao acidente de caminhão, o qual ele achava não intencional por parte do motorista.

O Sr. Sleimann Bouhamzy recordava-se de alguns pormenores do seu próprio comportamento em criança, relativamente à vida de Said Bouhamzy. Quando bem pequeno, tinha achado cinco berinjelas e duas batatas e deu-lhes respectivamente os nomes dos cinco filhos e das duas filhas de Said. Ficava zangado quando alguém mexia nesses legumes e queria guardá-los indefinidamente. Os nomes dos sete filhos de Said foram quase as primeiras palavras que ele pronunciou.

Ele se recordava de um acentuado temor por veículos motorizados, de qualquer tipo. Quando pequeno, nem mesmo chegava perto de um automóvel. Aos onze ou doze anos, esse temor começou a diminuir, primeiro com relação a veículos menores e, finalmente, com relação aos grandes, como caminhões e ônibus. Em 1904, não tinha nenhum resquício de medo de veículos[13].

Entretanto, ainda conservava um acentuado horror a sangue e a ataduras. Certa vez desmaiou quando visitou um amigo num hospital e o viu com a cabeça enfaixada com ataduras. Segundo o Sr. Sleimann Bouhamzy, Said Bouhamzv tinha sido enfaixado em bandagens, após o acidente de caminhão. O Sr. Fuad Bouhamzy viu o corpo de Said Bouhamzy logo depois de ter este morrido e quando estava sendo enfaixado.

O Sr. Sleimann Bouhamzy recordou-se ainda de uma grande saudade de Khriby e do prazer que sentia em estar lá. Ele ainda vai freqüentemente a Khriby, e o Sr. Haffez Bouhamzy confirmou o enorme prazer que o Sr. Sleimann Bouhamzy sente em estar em Khriby, que visita longamente todo verão e que deixa com grande relutância para voltar para sua aldeia de Raha, na Síria. Na realidade, a atração que Sleimann Bouhamzy sente por Khriby faria provavelmente que ele se mudasse para lá, se as oportunidades de educação fossem as mesmas que em Raha, onde ele freqüentava um colégio de ensino secundário.

Quando o Sr. Sleimann Bouhamzy era pequeno, foi a Khriby pela primeira vez[14] e lá reconheceu e deu corretamente os nomes de todos os membros sobreviventes da família

---

[13] Na diminuição de intensidade da fobia por veículos motorizados, manifestada por Sleímann Bouhamzy, ressaltam dois detalhes de interesse psicológico. Primeiro, ele conservou o medo que sentia pelos veículos, por muiito mais tempo do que Imad Elawar, que perdera o seu temor aos quatro ou cinco anos. Isto concorda com as alegações das duas crianças de haverem sido, respectivamente, alguém que foi morto por um caminhão, e alguém que teve um amigo que foi morto por um caminhão e que esteve envolvido, mas não machucado, em um acidente de ônibus. Segundo, a perda do medo quanto aos estímulos para os quais ocorreu generalização (ex.: pequenos veículos) antes da perda do medo ligado ao estímulo traumático original (ex.: veículos grandes) está de acordo com observações experimentais da extinção conseguida após o exercício de libertação do trauma. Vide, por exemplo, M. Flesher e H. S. Hoffman "Stimulus Generalization of Conditioned Suppression." *Science*, Vol. 133, 1961, 753-755. Mas algumas outras experiências deram resultados discrepantes.

[14] Ocorreu uma discrepância no depoimento quanto à idade do Sr. Sleimann Bouhamzy, por ocasião de sua primeira ida a Khriby. O Sr. Haffez Bouhamzy disse que Sleimann tinha "de três a quatro anos" e o próprio Sr. Sleimann Bouhamzy declarou que tinha "de seis a sete anos" naquela época.

de Said Bouhamzy, bem como de alguns outros moradores da aldeia. Depois indicou com exatidão os limites das terras de propriedade de moradores da aldeia, nas fazendas e vinhedos circunvizinhos. O Sr. Haffez Bouhamzy testemunhou a narrativa, feita por Sleimann Bouhamzy, quando criança, dos pormenores do acidente e morte de Said Bouhamzy; testemunhou também os reconhecimentos feitos por Sleimann, dos filhos de Said Bouhamzy (inclusive ele próprio) e de outras pessoas da família e da aldeia; recordou-se ainda do fato de o menino Sleimann, colocado no centro de Khriby, ter achado o caminho para a casa de Said, sem o auxílio de ninguém, na qual reconheceu não apenas várias pessoas, mas também reclamou ou reconheceu coisas pertencentes a Said Bouhamzy, tais como seu revólver e um tipo especial de capa que ele possuía. Sleimann, bem pequeno àquela época, adotava uma atitude paternal para com os filhos de Said, que, na ocasião, eram muito mais velhos do que ele. Ele chamava a mãe (irmã de Said Bouhamzy) de "irmã" em vez de "mãe". O Sr. Haffez Bouhamzy, o penúltimo filho de Said Bouhamzy, tinha então uns onze anos de idade.

O Sr. Sleimann Bouhamzy contou-me que, em sua visita a Khriby, havia reconhecido o Sr. Milhem Abouhassan, grande amigo de Said Bouhamzy, que morava na aldeia de Baadaran, próximo de Khriby. O Sr. Haffez Bouhamzy confirmou este reconhecimento. O próprio Sr. Milhem Abouhassan também o fez, insistindo em que Sleimann Bouhamzy havia dito o seu nome corretamente quando se encontraram pela primeira vez, e em circunstâncias tais (as quais me descreveu) que excluíam em sua opinião, qualquer idéia de insinuação anterior do seu nome ao menino. O Sr. Sleimann Bouhamzy ainda nutre grande afeição pelo Sr. Abouhassan, afeição que mal se pode explicar em bases de experiências conjuntas ou amizade da vida de Sleimann Bouhamzy, e a qual é, como ele próprio reconhece, bastante inusitada, levando-se em consideração a diferença de quarenta anos que há entre suas idades.

A família de Said Bouhamzy aceita plenamente Sleimann Bouhamzy como o pai que voltara. Regozijam-se com suas visitas, têm lhe dado presentes e pretendem patrocinar sua educação. O interesse dos filhos de Said Bouhamzy por ele ultrapassa em muito o que se poderia esperar nas atitudes para com um primo.

Vamos agora a mais ampla discussão do caso de Imad Elawar.

Comentários sobre a Evidência de Conhecimento Paranormal da Parte de Imad Elawar.

Podemos com segurança excluir neste caso uma das possibilidades que se apresenta em muitos casos sugestivos de reencarnação. Refiro-me a erros retrospectivos de memória ao reconstituir posteriormente (depois de terem as duas famílias se encontrado e comparado as informações) exatamente o que a criança disse, antes da verificação das declarações que se lhe atribuem. Neste caso, anotei por escrito todas as declarações atribuídas a Imad, com exceção de umas poucas sem maior importância. E tanto o intérprete como eu testemunhamos a maioria dos eventos ocorridos quando Imad visitou a casa em Khriby, e dos quais tomei nota imediatamente. Nas poucas exceções que não foram observadas diretamente, eu ainda tomei notas, dentro de minutos, do que as testemunhas disseram ter acontecido. Seja o caso lá o que for, estou certo de que não é uma reconstrução retrospectiva de declarações e eventos imaginários.

Quero também chamar a atenção para o fato de que o pai de Imad, meu primeiro intérprete e eu fomos todos a Khriby na primeira visita, na expectativa de que as declarações de Imad se relacionassem à vida de uma pessoa de nome Said Bouhamzy. Mas, na realidade, vimos que nossa suposição era errada. Não se pode dizer portanto, penso eu, que o caso fosse elaborado forçando-se as observações do menino para se aplicarem a uma determinada personalidade falecida.

Porém devemos considerar a seguir, a possibilidade de terem os pais de Imad distorcido ou mesmo falsificado, de certo modo, as informações atribuídas a Imad. Entre os muçulmanos e cristãos que o cercam, os Drusos têm extraordinária reputação de honestidade, reputação que é realmente difícil de atribuir a povos que não dão tanto valor a essa virtude. Apesar disso, devemos examinar cuidadosamente a hipótese de fraude. Dentro de tal hipótese devemos imediatamente supor uma conspiração em que tomassem parte tanto os pais de Imad como seus avós paternos e dois primos, tendo todos eles prestado testemunho quanto a algumas ou muitas das declarações ou atitudes atribuídas a Imad. Teríamos ainda que supor um longo treino preliminar de Imad para poder realizar os reconhecimentos que fez na casa de Ibrahim Bouhamzy.

Poderíamos também pensar num conluio mais definido por parte dos intérpretes. Mas esta hipótese defronta duas sérias objeções. Primeiro, cada um dos três primeiros intérpretes, inclusive o chofer que me auxiliou na primeira noite, foram escolhidos para realizar o trabalho à última hora e sem qualquer chance de "preparação", a menos que todos fossem uns atores consumados. E quando fui ao Líbano pela primeira vez, em março de 1964, conheci o Dr. Makarem, mas não sabia então que ele se dispusesse ou pudesse atuar como meu intérprete, em agosto. Pelo que sei, ele não tinha, nem naquela ocasião nem mais tarde, se avistado com nenhum dos intérpretes que trabalharam comigo em março. Segundo, qualquer trama da parte deles teria de incluir uns dezessete membros das duas famílias em foco, em duas aldeias do Líbano e uma da Síria.

Fora essas considerações, entretanto, o caso apresenta alguns outros aspectos que tornam a hipótese de fraude extremamente improvável.

Primeiro, e de menos importância, vem a posição da família Elawar em sua comunidade. Vários membros da família ocupam, no Líbano, posições de destaque como profissionais, jornalistas e negociantes. Um dos membros da família é representante do distrito no Parlamento do Líbano. A família Bouhamzy em Khriby goza de posição semelhante na comunidade. Tanto a família Elawar como a Bouhamzy nada teriam a ganhar e teriam muito a perder arquitetando um caso desse tipo. Ambas sabiam que eu travara conhecimento com pessoas importantes da comunidade drusa em Beirute. Sabiam também que eu estava procurando comprovar e conferir depoimentos e que qualquer revelação de desonestidade decorrente de minhas inquirições teria abalado a comunidade drusa. Entretanto, classe, posição social e reputação não oferecem garantia infalível de honestidade, e por isso, passo a outros fatores que me parecem mais ponderáveis no estabelecimento da autenticidade do caso.

Entre eles devemos notar primeiramente certos detalhes do caso que dificilmente fazem honra à família de Imad e que não encontrariam inclusão em um caso planejado. Refiro-me em particular ao papel de Jamile. Os pais de Imad declararam que pensavam que Jamile fosse esposa de um respeitável xeque druso, mas, segundo a identificação das testemunhas em Khriby, ela apenas tinha a condição de amante de Ibrahim Bouhamzy,

que por seu lado tinha a reputação de ser um rixento "playboy" de aldeia e perseguidor de mulheres. (Ao voltar a Kornayel após a segunda ida a Khriby, achei-me no dever de contar à mãe de Imad que Jamile, longe de ser a esposa de um importante xeque, tinha sido apenas amante de seu primo. Esta notícia produziu na face da mãe de Imad uma expressão mista de pena e regozijo, o que me convenceu de que ela estava ouvindo o fato pela primeira vez.) Imad narrou uma briga e uma luta em que alegou ter tomado parte na vida anterior, fato pouco recomendável para ele ou para sua família, porém que, embora não especificamente confirmado, era perfeitamente característico de Ibrahim.

Além do mais, os próprios enganos dos pais de Imad em suas conclusões testificam sua ignorância de pormenores reais da vida de Ibrahim Bouhamzy. Afora o erro que cometerem quanto à condição social de Jamile, cometeram outros ao declarar que o cão pertencente à personalidade anterior tinha sido um cão de caça; ao declarar que Amin era juiz em Tripoli, quando ele apenas trabalhava como funcionário do Fórum daquela cidade; e ao atribuir o fatal acidente de caminhão à personalidade anterior. Se eles tivessem qualquer conhecimento prévio dos verdadeiros fatos relacionados a estes detalhes, não me teriam comunicado as declarações feitas a respeito deles e que atribuíram a Imad. Finalmente, não teriam parecido acreditar, nem teriam levado Imad a Khriby enquanto parecessem acreditar, que a personalidade anterior a ele relacionada tinha morrido depois de atropelada por um caminhão, se tivessem sabido que uma outra pessoa (Sleimann Bouhamzy) também tinha alegado ser Said Bouhamsy renascido. Se os pais de Imad tivessem feito em Khriby entrevistas secretas suficientes para os tornarem conhecedores de fatos particulares corretamente narrados por Imad (ou a ele atribuídos), inevitavelmente teriam ouvido falar nessa outra pessoa que alegava ser Said Bouhamzy renascido. Qualquer caso planejado, que se relacionasse a um Bouhamzy em Khriby, teria focalizado uma só pessoa e não misturaria os dados de duas vidas bem distintas.

Finalmente, a hipótese de fraude deve explicar-nos como a família de Imad poderia ter adquirido as informações corretas que este demonstrara ter — ou que tinha atribuído a ele — acerca da vida de Ibrahim Bouhamzy. Segundo a mãe do Sr. Haffez Bouhamzy, viúva de Said Bouhamzy (conforme me contou o Sr. Haffez Bouhamzy), não apareceu nenhuma notícia no jornal, do fatal acidente, em 1943. Nem os pais de Imad (que então eram jovens e podiam não se lembrar) nem os avós paternos recordavam-se de ter ouvido falar na morte de Said Bouhamzy, naquela época. (É possível que pessoas de Khriby tenham sido convidadas para os funerais, mas se o foram, elas também não se recordam disso). Mas, mesmo supondo que tivesse chegado a Kornayel alguma notícia sobre a morte de Said Bouhamzy, ficam restando ainda muitos detalhes, de natureza bastante pessoal, quanto à vida e à casa de Ibrahim Bouhamzy, atribuídos a Imad. A casa de Ibrahim Bouhamzy tinha ficado desde então longo tempo fechada e desabitada, os poços selados e abandonados. As mulheres da família de Ibrahim, sua mãe e sua irmã, viviam ainda, mas as mulheres drusas são totalmente inacessíveis a interrogatórios da parte de homens estranhos. Além disso, os pormenores conhecidos de Imad espalharam-se durante certo período de tempo. Imad sabia não somente as últimas palavras proferidas por Ibrahim antes de morrer, como também que ele havia espancado um cachorro, episódio que deve ter se dado no mínimo seis meses antes de sua morte, visto ele ter ficado por esse espaço de tempo no sanatório de tuberculosos, antes de voltar para casa, para morrer. Imad sabia também que Ibrahim tinha um carrinho amarelo, um ônibus e um caminhão, mas Ibrahim havia possuído aqueles veículos em diferentes épocas de sua vida, e não simultaneamente. Imad sabia pormenores do fatal

acidente de caminhão que matou Said Bouhamzy, porém isso ocorreu seis anos antes da morte do próprio Ibrahim. Imad sabia da existência de Jamile, amante de Ibrahim enquanto este teve saúde, e também quanto ao novo jardim que estava sendo construído com cerejeiras e macieiras, na época da morte de Ibrahim. Em resumo, Imad tinha mais do que um conhecimento restrito de um período da vida de Ibrahim; estava a par de vários fatos que fovam divulgados durante certo período daquela vida. Não acho que exagero quando insisto em que um conhecimento assim detalhado e amplo só poderia ter sido adquirido por meios normais através de demorados interrogatórios da família Bouhamzy ou talvez de uns poucos amigos íntimos e vizinhos. Mesmo vizinhos e amigos íntimos, como o próprio Sr. Haffez Bouhamzy, não sabiam que Ibrahim Bouhamzy guardava ferramentas no sotão de sua casa, ou onde na casa guardava sua espingarda. Em suma, posso assegurar com confiança que qualquer trama para planejar o caso teria tido que incluir a família Bouhamzy. Porém esta família, como já declarei, goza de uma "bona fides" não inferior à da família Elawar. Nem têm motivo para alvitrar que um menino, morando numa aldeia a vinte e cinco milhas de distância, seja Ibrahim Bouhamzy renascido, e que voltara para tornar público seu comportamento um tanto escandaloso na comunidade.

As duas famílias insistem em que nunca haviam se encontrado anteriormente, ou mesmo sabido da existência uma da outra antes de eu as haver reunido em Khriby. O Sr. Mohammed Elawar contou-me que fora pela primeira vez a Khriby, com seu tio, em dezembro de 1963, para assistir ao enterro do segundo Said Bouhamzy, em parte para satisfazer sua curiosidade acerca do que seu filho vinha dizendo fazia alguns anos. Naquela ocasião ele tinha, disse ele, visitado e estivera com o Sr. Kassim el Aschkar, cuja residência fica no extremo norte de Khriby. Nos funerais, este lhe mostrara duas pessoas de nome Talai e Adil, identificadas como tendo relações com o homem morto pelo caminhão (o primeiro Said Bouhamzy). Ele não havia realmente encontrado aquelas pessoas ou quaisquer outras nas famílias de Said Bouhamzy ou Ibrahim Bouhamzy. (As pessoas que lhe foram apontadas não eram, de fato, membros imediatos das duas famílias, embora relacionadas a elas). Devo agora fazer algumas observações quanto à questão de o Sr. Mohammed Elawar ter, ou não, estado em Khriby antes desta visita em dezembro de 1963.

Como já disse, a caminho de Khriby, Imad fez vários comentários aparentemente relacionados com a vida pregressa. Além desses comentários, o intérprete (o Sr. Abushdid, nesta ocasião) ouviu Imad dizer:

"O senhor pode arranjar coca-cola em Barouk." (Barouk é uma aldeia no trajeto de Kornayel a Khriby, porém muito mais próxima de Khriby). O pai de Imad, pouco antes deste comentário, tinha nos contado que Imad jamais havia saído de Kornayel pelo lado que levava a Khriby, e também a Barouk. No entanto, o comentário de Imad sugeriu familiarídade anterior com Barouk, que iria contradizer a afirmação de seu pai. Como foi declarado na Tabulação 1 (item 56), Imad sabia que uma outra aldeia, Hammana, fica no caminho de Kornayel a Khriby. O seu conhecimento quanto a estas duas aldeias entre Kornayel e Khriby pode ter se originado de informação relativa à vida anterior, ou ele pode talvez ter obtido a informação por ouvir seus país se referirem a elas.

Surgiu, entretanto, a possibilidade de Imad ter de fato ido a Khriby antes, com o pai. O intérprete havia me perguntado previamente se ele deveria fazer apenas as perguntas que eu propunha ou se poderia interrogar testemunhas por sua conta, caso se lembrasse

de algum ponto que merecesse ser aprofundado. Achando que poderiam surgir mais informações em uma troca de palavras mais espontânea, autorizei-o a acrescentar outras perguntas quando julgasse poderem contribuir para o estudo do caso. Todavia, eu não esperava uma pergunta que o Sr. Abushdid fez a Imad, quando o pai saiu do carro, nas divisas de Khriby, para pedir orientação quanto ao caminho. O Sr, Abushdid virou-se, então para Imad e prometeu-lhe uma garrafa de coca-cola se ele lhe dissesse que já havia estado antes na aldeia de Khriby. Ouvindo isto, Imad respondeu então que tinha estado lá antes, uma vez, de automóvel, com a mãe e o pai. A circunstância do oferecimento de uma tal propina a um pequeno com sede, torna bastante possível que Imad tivesse respondido de modo falso, para satisfazer ao Sr. Abushdid. O próprio Sr. Abushdid, contudo, a princípio considerou a declaração de Imad como contradizendo a afirmação de seu pai, de que ele nunca havia estado em Khriby, antes.

Nesse momento, porém, o Sr. Mohammed Elawar, que havia saído do carro para se informar quanto ao caminho, demonstrou aparentes sinais de genuína hesitação e confusão quanto à sua orientação na aldeia. Ele não tinha certeza se reconhecera corretamente a casa do Sr. Kassim el Aschkar, a qual, conforme ele mesmo dissera, tinha visitado somente três meses antes, por ocasião dos funerais de Said Rouhamzy, que falecera em dezembro de 1963. Nem Imad nem o pai mostraram qualquer sinal de reconhecer as casas de Ibrahim ou de Said Bouhamzy, embora tenhamos passado bem pela porta de uma e próximo da outra. Do pequeno vale, no outro lado da aldeia, Imad apontara corretamente a direção das casas, mas o Sr. Mohammed Elawar não mostrou sinal algum de estar familiarizado com estas, mesmo depois daquela indicação. No dia seguinte, quando Imad e o pai se encontraram com o Sr. Haffez Bouhamzy, todos se comportaram como se lá se encontrassem pela primeira vez. O Sr. Abushdid, falando árabe, estava em muito melhores condições do que eu para avaliar se era genuína a hesitação que o Sr. Mohammed Elawar demonstrara ao procurar locomover-se em Khriby. O Sr. Abushdid manifestou-se plenamente satisfeito quanto ao fato de o Sr. Elawar não ter nenhum conhecimento certo da aldeia e de não ter estado lá senão por ocasião dos funerais, em dezembro de 1963. Mas, se isso fosse verdade, então o comentário de Imad quanto a ter estado em Khriby anteriormente, de automóvel com a mãe e o pai, não poderia de modo algum referir-se à “presente" vida de Imad. Entre os drusos, as mulheres não assistem a funerais em outras aldeias. Portanto, a Sra. Elawar não poderia ter ido àquele enterro em dezembro de 1963. E se aquela ocasião fora a única em que o Sr. Elawar estivera em Khriby, o comentário de Imad fora talvez uma invenção de sua parte para ganhar a garrafa de coca-cola prometida pelo Sr. Abushid. Ou, talvez Imad, nesse comentário, estivesse igualmente se referindo à vida pregressa, uma vez que é bem possível que Ibrahim Boubamzy tenha estado com os pais, de automóvel, em Khriby. Não acho que nós possamos decidir quanto a estas duas possibilidades relativamente a um comentário provocado daquele jeito, mas confio em que o Sr. e a Sra. Elawar disseram a verdade quando declararam que o Sr. Elawar só tinha estado antes uma vez em Khriby, em dezembro de 1963, que a Sra. Elawar jamais lá estivera e que Imad nunca, antes de nossa visita, em março de 1964.

Resta considerar se Imad poderia ter obtido algumas ou todas as informações que mostrara ter sobre a vida de Ibrahim, através de alguma pessoa, afora os pais, que tivesse ido a Kornayel. Já mencionei as únicas três pessoas que consegui descobrir, que poderiam ter fornecido aquelas informações. A primeira era o Sr. Salim el Aschkar, natural de Khriby, que se casara com uma moça de Kornayel e que tinha também um tio morando lá. De tempos a tempos visitava sua família ou a da mulher, em Kornayel.

Conhecia ligeiramente a família de Imad e tinha estado na casa dos Elawar uma vez, antes do nascimento de Imad, mas não depois disso. Ademais a família de Imad declarara que não o havia visto mais desde então, exceto numa ocasião em que Imad o reconhecera na rua, correra para ele e o abraçara (Tabulação 1, item 57). A família de Imad também veio a conhecer uma mulher que residia em Masser el Chouf, a aldeia perto de Khriby onde Jamile tinha vivido. Essa mulher às vezes visitava a filha, que morava com o marido em Kornayel. O Sr. e a Sra. Elawar estiveram com ela pela primeira e única vez, no outono de 1962. Naquela ocasião ela lhes confirmou algumas das declarações feitas por Imad, porém suas limitadas informações não puderam conduzir a uma identificação precisa da correta personalidade anterior relatada, nem à verificação de todas as declarações feitas por Imad. Além do mais, como Imad, naquela época, já vinha falando sobre a vida anterior havia cerca de dois anos, ela não poderia ter sido uma fonte de informações para ele, se dermos crédito ao que disseram os pais, que nunca tinham estado com ela antes dessa ocasião.

A terceira fonte possível de informação normalmente transmitida era o Sr. Faris Amin Elawar, que conhecia muito bem a família de Imad, sendo parente distante deles. Ele havia estado em Baadaran e, naquela região, ficara conhecendo ligeiramente alguns membros da família Bouhamzy. Porém ele e a família de Imad não haviam falado sobre a família Bouhamzy ou sobre as declarações feitas por Imad anteriormente à minha primeira visita a Kornayel, em março do 1964 e, quando o fizeram, o Sr. Faris Elawar confirmou o que Imad havia dito acerca de um acidente de ônibus, mas não outros itens de suas declarações.

No que acabei de expor tive trabalho e despendi tempo para apresentar pormenores dos depoimentos do caso. A responsabilidade das pessoas relacionadas a este e o fato de as declarações da criança serem registradas antes de qualquer verificação, fazem como que o caso pareça mais autêntico do que muitos outros desse tipo. E isto também justifica nossa preocupação em considerar todas as possibilidades remanescentes com respeito à comunicação, através de meios normais, das informações sobre Ibrahim Bouhamzy a Imad Elawar.

Mas, acreditando-se, como eu acredito, na honestidade das pessoas relacionadas ao caso, então outra hipótese normal importante que resta é a da criptomnésia combinada com a personificação da parte de lmad, da personalidade anterior. Aqui parece-me que os erros de inferência cometidos pelos pais de lmad ao reunir as declarações dele pesam não somente contra a fraude, mas igualmente contra a criptomnésia. A vista do fato de lmad ter começado a falar sobre a vida pregressa quando tinha de um ano a ano e meio de idade (antes do que, ele teria estado quase que continuamente na companhia da mãe ou da avó, ou ambas), não podemos imaginar que ele tenha obtido informações importantes diretamente de alguém fora da família, sem que os pais soubessem quem era tal pessoa. Em resumo, a teoria de criptomnésia neste caso, como na maior parte de outros em que estão envolvidas crianças muito pequenas, deve supor que os pais tinham a informação, transmitindo-a para a criança de algum modo, e depois eles mesmos se esqueceram completamente de que já tinham possuído a informação, a qual emergiu após um período de incubação, dos lábios da criança. Por vezes há pessoas que leram certos livros e depois insistem em que não os leram, e mais tarde encontraram anotações, ou outra evidência, que demonstraram claramente que tinham, no entanto, lido tais livros. No presente caso, as informações apresentadas por lmad não existiam em livros ou jornais, mas mesmo assim os pais poderiam tê-las ouvido de algum

conhecido ou de outras pessoas de quem posteriormente se esqueceram. Parece muito improvável, todavia, que os pais de lmad tivessem sabido de todas aquelas informações, que totalizavam uns setenta detalhes, em dada época, e que não identificassem nenhuma delas quando voltaram a ser mencionadas por Imad mais ou menos um ano depois. E a prova de não a reconhecerem mais tarde está nas várias suposições incorretas que fizeram quando juntaram os pedaços da narrativa de lmad. Se, por exemplo, eles tivessem sabido algum dia que não foi Mahmoud, mas sim Said Bouhamzy que fora morto por um caminhão, certamente teriam corrigido lmad em vez de me contarem a dedução que fizeram neste sentido. De igual modo, teriam notado alterações nos pormenores quanto às relações de Jamile, ao situar Amin como "juiz" e ao declarar que o cachorro era um cão "de caça". Estes enganos, temos de notar, não são erros de imaginação (em alguns outros podem ser) por parte de lmad. Os pais depois declararam que eles haviam deduzido relacionamentos, em seus esforços para dar sentido às declarações dele.

Fora esses detalhes, já expliquei por que acho virtualmente impossível que a família Elawar tenha obtido aquelas informações tão pormenorizadas e íntimas sobre a vida de lbrahim Bouhamzy como lmad deu mostras de ter, a menos que tivessem feito inquirições deliberadas. Adotado, esse modo de pensar faz-nos voltar da criptomnésia para a fraude, a qual já rejeitei como sendo uma hipótese irrazoável.

Se podemos pôr de lado tanto a fraude e a criptomnésia, como hipóteses para o caso, ficam-nos restando como sérios competidores para explicá-la, algum tipo de percepção extra-sensorial ou a personificação, a possessão ou a reencarnação. Considerarei mais extensamente essas hipóteses, que rivalizam na Discussão Geral a seguir. À parte destes detalhes, já expliquei porque acho ser virtualmente impossível para a família Elawar ter adquirido tais detalhadas e íntimas informações sobre a vida de Ibrahim Bouhamzy como Imad mostrou a menos que tivessem feito inquéritos deliberados. Esta linha de pensamento nos leva de volta a criptomnésia e fraude, as quais rejeitei anteriormente como hipóteses não razoáveis.

Duas Entrevistas Posteriores com Adicionais Informantes

Em março de 1968, consegui encontrar o Sr. Faris Amin Elawar e também seu filho, Saleem, em Kornayel. Sr. Farias Amin Elawar ia a Khriby de vez em quando e era familiarizado aí com um primeiro primo de Ibrahim Bouhamzy, mas não podia lembrar (se algum dia souve) como ele morreu. Negou qualquer intimidade com a família Bouhamzy em Khriby. E negou especificamente, ao contrário do testemunho mencionado acima de seu primo, Kassim Elawar, qualquer conhecimento do acidente de ônubus em Baadaran.

Saleem Elawar lembrou a morte de Said Bouhamzy e disse ele, junto com quatro ou cinco outros membros da sua família, que tinham ido de Kornayel assistir o enterro de Said Bouhamzy em Khriby. Lembrou de encontrar membros da família do falecido no funeral, mas não pôde lembrar de Ibrahim especificamente. Podia dar o nome de somente um outro membro da família, Selhab Bouhamzy a quem, entretanto, não figura nas declarações de Imad. Nunca tinha ouvido falar de Jamile. Estas últimas duas entrevistas deixaram-me com a impressão de que houve mais visitas entre Kornayel e Khriby que eu previamente tinha pensado. Ao mesmo tempo reforçaram minha

conclusão de que as pessoas conhecidas à família de Imad não tinham conhecimento dos detalhes da vida íntima da família Bouhamzy.

Sou incapaz de explicar a discrepância entre a declaração do avô de Imad que Faris Amin Elawar tinha verificado alguns detalhes do acidente de ônibus no qual Ibrahim Bouhamzy esteve envolvido e a própria negação de Faris Amin Elawar, quatro anos depois, que tivesse qualquer conhecimento de tal acidente de ônibus. Possivelmente durante esses quatro anos ele esqueceu o que sabia e esqueceu que tinha conhecimento sobre este acidente de ônibus. E possivelmente o avô de Imad atribuiu a verificação que recebeu sobre o acidente de ônibus à pessoa errada.

O Desenvolvimento Posterior de Imad

Não encontrei Imad ou sua família entre 1964 e 1968. Mas no último ano, visitei-os novamente e também encontrei-os em visitas subseqüentes ao Líbano em 1969, 1972 e 1973.

Em março de 1968 Imad tinha nove anos e alguns poucos meses. Encontrei somente a ele e a sua mãe naquele ano,; seu pai estava ausente. Imad estava indo bem na escola. Sua mãe disse que ele ainda estava falando sobre a vida prévia e, em sua opinião, falando "ainda mais que antes". (Isto não confere com a impressão que tive anteriormente que ele tinha passado do pico de falar sobre a vida prévia na época de minhas visitas em 1964). Imad espressou desapontamento que o irmaõ mais velho de Ibrahim Bouhamzy, Fuad, nunca tenha estado em Kornayel para visitá-lo.

Imad mencionou Jamile freqüentemente nesta época e expressou um desejo de vê-la. (Ela tinha casado e estava vivendo em Aley, cerca de oito milhas de Kornayel). Ele recordou sobre relacionamento de Ibrahim com ela e disse que ele (como Ibrahim) tinha estado pronto a fugir com ela e realmente tinha uma licença, mas a sua família achou a licença e despedaçou-a. Imad disse que a família de Ibrahim não o deixaria se casar com Jamile porque sua família pertencia ao partido dos Drusos oposto daquele ao da família Bouhamzy. Os Bouhamzys pertenciam ao quinhão Joumblati do Drusos, ao passo que Jamile era do quinhão Yazbaki, como são, casualmente, os Elawars. (O avô materno de Imad, que esteve presente por parte desta entrevista, deu sua opinião que Ibrahim não foi permitido casar com Jamile porque ela era de uma classe inferior à dele, os Bouhamzys de Khriby sendo pessoas proeminentes e abastadas; mas como ele era de Kornayel e não de Khriby, penso que ele somente poderia dar uma opinião de segunda mão sobre este ponto).

Imad também continuou a pedir rifle do Ibrahim, que disse ter-lhe pertencido. Disse que ele próprio tinha-o comprado! Adorava caçar tanto quanto antes. Tinha perdido completamente o temor de caminhões que mostrara previamente.

A família de Imad tentava deixá-lo esquecer-se da vida prévia e não mencionava-a diante dele.Ele mesmo começava a falar de Jamile, não eles. A mãe de Imad deu exemplos de sua contínua identificação com Ibrahim Bouhamzy.Um de tais incidentes ocorreu quando Imad expressava pesar pela morte de um membro do grupo Joumblati. Em outra ocasião, quando alguém de sua família falava contra Kemal Joumblat (o líder dos Joumblatis), Imad explodia: "Maldito *seu* Bashir Elawar". (Bashie Elawar de Kornayel era um deputado no parlamento libanês e um proeminente político que depois

tornou-se um ministro do gabinete). Por enfatizar o "seu" Imad claramente separava a si mesmo como um Joumblait de sua família, que eram Yazbakis. Um terceiro exemplo indicativo d epersistência das memórias de Imad ocorreu em minha presença durante esta mesma visita. Houve uma conversa de levá-lo novamente a Khriby onde ele não havia estado desde que levei-o lá em 1964. Quando Imad ouviu isto acrescentou: "E a Aley, também!" Ele queria ver Jamile lá.

Quando encontrei Imad e sua família novamente em fevereiro de 1969, sua mãe disse que ele ainda estava falando sobre a vida prévia e especialmente sobre jamile, a quem desejava ver. Ainda não a tinha encontrado. Imad tinha mudado seus planos por ela de algum modo e agora estava dizendo que gostaria de casar com sua filha! Ainda queria caçar e continuou a pedir a seu pai que lhe comprasse uma arma.

Nessa época sua família estava tentado desencorajá-lo de falar sobre a vida prévia, mas aparentemente com pouco sucesso.

Em fevereiro e março de 1972 tive dois encontros adicionais com Imad e sua família. Durante esta visita ao Líbano eu também encontrei novamente anguls dos informantes anteriores do caso do lado Bouhamzy, o Sr. Haffez Bouhamzy e Sr. Fuad Bouhamzy, e um novo informante, Sr. Mahmoud Bouhamzy, o tio materno de Ibrahim.

Por essa época Imad tinha cerca de treze anos e três meses de idade. Estava na quinta série no colégio e disse que era o quinto ou sexto melhor colocado numa turma de vinte e cinco alunos. Seus pais disseram que ele ainda estava falando "todo o tempo" sobre Khriby. Quando fiz uma pergunta direta a Imad sobre o desaparecimento de suas memórias, insistiu que não havia esquecido nada. (De fato, como se tornará claro abaixo, nesse período ele estava esquecendo muito ou já tinha esquecido).

Também alegou que ainda lembrava alguns detalhes da "vida intermediária" que disse ter passado em Dahr el Ahmar entre a morte de Ibrahim e seu próprio nascimento. Sr. Fuad Bouhamzy disse-me em 1969 que Imad tinha mencionado sua vida intermediária durante sua primeira visita a Khriby em 1964. Ele próprio não estava presente quando Imad visitou Khriby então e portanto era uma testemunha de segunda mão disto. Porém menciono o que ele disse para mostrar que Imad não propôs detalhes da "vida intermediária" pela primeira vez só em 1972. Imad agora associava os nomes de Adil (item 11 da Tabulação 1) e talal (item 12 da Tabulação 1) com esta "vida intermediária". Disse que eles eram seus irmãos naquela vida. Estes não são nomes incomuns no Líbano e concebivelmente podem ter havido pessoas com tais nomes associadas ambas com a personalidade da "vida intermediária", se isto ocorreu, e com a vida de Ibrahim Bouhamzy. Imad não podia se lembrar do nome que teve na vida em Dahr el Ahmar nem como morreu. Os detalhes que deu eram insuficientes para justificar quaisquer tentativas de localizar esta adicional "vida intermediária".

No verão de 1970 Imad encontrou pela primeira vez o Sr. Mahmoud Bouhamzy, o tio materno de Ibrahim. Quando o Sr. Mahmoud Bouhamzy foi mostrado a Imad ele perguntou se podia reconhecê-lo, mas não pôde. Foi-lhe mostrada então uma velha fotografia do Sr. Mahmoud Bouhamzy tirada na época em que usava um bigode o qual desde então raspava. Imad disse que a fotografia era "do meu tio Mahmoud". O Sr. Mahmoud Bouhamzy então convidou Imad a passar alguns dias com ele em Khriby. Ele ainda não tinha voltado lá desde que eu o levei em 1964. Em Khriby Imad sentiu-se em

casa e quis caçar com os filhos do Sr. Fuad Bouhamzy, usando a velha arma de caça de Ibrahim! Mostrou uma forte ligação ao Sr. Fuad Bouhamzy e ficou perto dele grade parte do tempo, mesmo quando ele (Sr. Fuad Bouhamzy) esteve doente na cama.

Um episódio que ocorreu durante esta visita a Khriby tinha impressionado particularmente o Sr. Mahmoud Bouhamzy, que foi meu informante dele. Um dia na rua Imad reconheceu um homem e ele pediu permissão do Sr. Mahmoud Bouhamzy para falar com ele. O Sr. Mahmoud Bouhamzy perguntou a Imad: "O que você quer falar com aquele homem? É um ex-soldado". Imad replicou era precisamente por isto que ele queria falar com o homem. Mencionou o nome do homem, mas o Sr. Mahmoud Bouhamzy tinha esquecido qual era o nome em 1972. Imad e o homem então tiveram uma longa conversa e o próprio homem se declarou satisfeito com o que imad havia lhe dito. Ele confirmou ao Sr. Mahmoud Bouhamzy que ele e Ibrahim tnham entrado no exército (francês) no mesmo dia e tinham sido amigos íntimos durante seus serviços no exército.

Os incidentes acima tendem a confirmar a alegação de Imad de preservar ao menos algumas memórias da vida prévia, mas outros itens deste período mostraram que ele estava perdendo clareza e misturando os detalhes. Seus pais descreveram dois outros itens – uma declaração e um reconhecimento – feitos por Imad em Khriby em 1970. Imad estava na sala quando então creditaram-no destes e penso que ele deu aprovação tácita ao que seus pais informaram-no tendo dito e feito. Mas o Sr. Fuad Bouhamzy, que estava em Khriby durante a visita de Imad, não confirma o relato dos pais de Imad.

A turvidez de algumas das memórias de Imad tornou-se ainda mais aparente de um terceiro item que eu procurei verificar por mim mesmo. Os pais de Imad (novamente com Imad na sala e ouvindo) disseram que tinha ouvido de um certo Abu Naim que tinha recentemente morrido numa aldeia de Maaser el Shouf. (Maaser el Shouf está no distrito de Shouf do Líbano no qual Khriby fica e está portanto no "território" Joumblati e Boyhamzy). Quando Imad ouviu o anúncio da morte deste homem, disse: "Oh, o pobre companheiro. Ele era um merceeiro que tinha quebrado uma perna e usava uma de madeira". A família de Imad não tinha verificado estes detalhes, mas eu decidi tentar.

O Sr. Haffez Bouhamzy, a quem vi pela primeira vez em Khriby, pareceu lembrar de ter ouvido de uma recente morte de um Abu Naim em Maaser el Shouf e disse que ele tinha tido uma perna quebrada. Outro informante em Khriby, ele próprio um merceeiro, disse que também tinha ouvido que um merceeiro chamado Abu Naim, que tinha tido uma perna quebrada, morrera em Maaser el Shouf. Mas quando fui a Maaser el Shouf não pude achar qualquer traço de Abu Naim ou de um merceeiro com outro nome que tivesse morrido lá recentemente com ou sem uma perna quebrada. Tinha havido uma morte na aldeia um ou dois meses antes, mas o morto não era um merceeiro e não tinha tido uma perna quebrada.

O Sr. Mahmoud Bouhamzy, quando perguntei-lhe sobre estas declarações, disse que lembrava que na época de Ibrahim havia um merceeiro com uma perna de madeira vivendo na aldeia de Mrasti. (Mrasti não é longe de Khriby na direção de Baadaran). O Sr. Fuad Bouhamzy mencionou ainda outra pessoa que poderia ter entrado neste item. Era um merceeiro chamado Abu Hassan Naim que viveu em Goiedih, outra vila do distrito de Shouf. Havia sido assassinado no verão passado. Não tinha uma perna de madeira. O Sr. Fuad Bouhamzy também conhecia um sapateiro chamado Lebien (não

sei se registrei seu nome corretamente) que vivia em Maaser el Shouf e tinha uma perna de madeira, mas ainda estava vivo.

Aprofundei-me em alguns detalhes deste item para mostrar os ingredientes das declarações de Imad que poderiam ter derivado de pessoas reais conhecidas de Ibrahim. Possivelmente quando Imad ouviu da morte do homem que viveu em Maaser el Shouf uma série de associações foi iniciada em sua mente. E ele então fundiu e confundiu as imagens vindas na sua consciência. Isto tinha acontecido até certo ponto muito antes, especialmente na sua confusão da morte de Said Bouhamzy (num acidente de caminhão) como se isto tivesse acontecido a Ibrahim. (Mas para ser justo com Imad, devo adicionar que com ao menos alguns dos itens sobre os quais ele pareceu se confundir em 1964, seus pais tinham introduzido a confusão fazendo inferências defeituosas do que Imad tinha contado-os).

Em resumo da evidência suportando a preservação das memórias de Imad à idade de quase quatorze em 1972, diria que ele tinha fornecido evidência bastante boa de ainda ter algumas memórias mentais pela sua capacidade de fazer reconhecimentos de pessoas conhecidas a Ibrahim Bouhamzy. Isto é bem incomum mesmo entre os casos Drusos onde as memórias das vidas prévias (por razões que não consigo entender) parecem desaparecer mais lentamente do que em indivíduos de outras culturas. Ao mesmo tempo, a evidência não apóia a alegação de Imad de ter retido todas as memórias perfeitamente. Ele era, por assim dizer, um indivíduo obediente a seus pais que atribuem a ele três itens que eu não pude verificar. Considerando sua notável exatidão em detalhes da vida prévia em 1964, seu êxito total tinha caído consideravelmente.

Em abril de 1973 fui a Kornayel para outra visita com Imad e sua família. Imad estava então na primeira classe da escola secundária. Ainda estava entre os cinco primeiros alunos numa turma de vinte e dois. Ainda queria visitar Khriby (e permanecer lá mais tempo do que tinha ficado em sua última visita em 1972) e ainda falava sobre casar com a filha de Jamile. (Ainda não tinha se encontrado com Jamile ou sua filha). Alguns meses antes, Lateife Bouhamzy, a mãe de Ibrahim Bouhamzy, morreu. Imad não recebeu um convite para o funeral. (Os funerais das mulheres Drusas são negócios freqüentemente menores com poucos convites emitidos a pessoas fora da família imediata do morto). Sentiu-se triste sobre sua morte e atormentado em não ter sido convidado para o enterro. Como conversamos da morte de Lateife Bouhamzy uma onda de mágoa veio sobre Imad e ele tornou-se momentaneamente chorão, mostrando-nos a persistente força de ligação à família prévia.

À parte de ter memórias de uma vida prévia, nenhuma divagação significativa ou ponto de distinção entre os Druses já que tantos deles têm tais memórias, Imad em 1972-3 estava, até onde posso dizer, se desenvolvendo ao longo de linhas inteiramente normais para um rapaz de sua idade.

VII

Discussão dos Resultados Obtidos nas Entrevistas de Acompanhamento

Antes de entrar na discussão geral de interpretações alternativas destes casos eu aqui primeiro considerarei as contribuições que as entrevistas de acompanhamento podem fazer para a compreensão e avaliação dos casos. Entrevistas de acompanhamento podem sem dúvida ajudar de várias maneiras, mas chamarei atenção somente a três aspectos dos casos os quais eu acho que elas ajudam a esclarecer, apesar de eu não afirmar que as entrevistas de acompanhamento tenham resolvido todos os problemas ligados a estes tópicos.

Primeiro, há a questão da confiança que podemos colocar nas declarações das testemunhas. Pode ser imaginado – e alguns leitores o têm feito – se nos períodos bastante breves de minhas investigações iniciais eu pude fazer uma avaliação suficiente da integridade dos informantes e, assumindo sua integridade, da imunidade deles de graves erros de memória ou viés ao apresentar suas informações a mim. Quase invariavelmente durante as investigações iniciais há uma certa reserva de ambos os lados. Também, do lado dos informantes, um desejo de agradar-me de várias formas tem colorido os testemunhos. Isto pode ter acontecido mesmo apesar de eu não considerar que muitos dos informantes poderiam dizer o que eu estava procurando, e houve momentos que eu próprio não estava seguro.

Nas entrevistas iniciais também, os informantes frequentemente mostraram hesitação ou fortes reservas ao discutir os aspectos menos admiráveis do comportamento do indivíduo ou daqueles relacionados à vida prévia. A última particularmente era provável de ser retratada mais favoravelmente que candidamente. Nas entrevistas posteriores tenho comumente encontrado os informantes mais tranqüilos. Eles podem revelar detalhes que tinham previamente esquecido e parecem a mim normalmente mais abertos e francos ao discutir o comportamento do indivíduo ou da personalidade prévia envolvida no caso[1].

As posteriores entrevistas de acompanhamento também contribuíram com informações adicionais sobre a confiança dos informantes. O leitor destes relatórios tem de depender da minha avaliação deste fator. Pode ser de algum valor adicional eu acrescentar, portanto, que nada emergiu nas entrevistas seguintes que fizesse-me revisar meu julgamento anterior, que foi que os informantes, apesar de em alguns momentos divergirem nos detalhes, me forneceram a informação que era no melhor de seu conhecimento verdadeira e que podia ser de confiança na essência.

Segundo, as entrevistas de acompanhamento permitem alguma avaliação maior das personalidades dos indivíduos destes casos. Alguns leitores da primeira edição deste livro expressaram um desejo de ter mais informação sobre os indivíduos. Não é sempre

[1] Eu tive mais de uma entrevista com muitos indivíduos e suas famílias antes da publicação da primeira edição deste livro. Tais repetidas ou múltiplas entrevistas antes da publicação ocorreram com três dos casos indianos, três dos casos do Alaska, e no caso de Imad Elawar do Líbano.

claro exatamente que tipo de informação adicional eles pensam que seria útil, mas o pedido mais comum era de dados sobre a saúde mental dos indivíduos. Alguns críticos destes casos acreditam que qualquer um que imagine que viveu antes deve ser – quase por definição – mentalmente doente. Acham que deveria mostrar ao menos sinais de um estado dissociativo, senão de esquizofrenia. Por outro lado, algumas pessoas inclinadas a aceitar os casos como melhor interpretados pela reencarnação expressaram interesse sobre os efeitos no indivíduo de lembrar vidas prévias. Perguntaram se estas memórias não são um peso terrível que diminuem a maturação e adaptação dos indivíduos.

Durante minhas investigações iniciais destes casos nunca obtive qualquer dado que fizesse-me pensar que os indivíduos fossem mentalmente doentes. Para ter certeza, uma pequena criança que age como se o passado de outra pessoa fosse seu presente e faz observações tais como "Imagino quem está alimentando meus filhos – talvez estejam passando fome" poderia ser considerado ao menos em alguma extensão estar em um estado dissociativo ao fazer tais observações nestas horas a criança parece quase abstraída de sua situação presente. Mas em outras horas, e de fato na maior parte do tempo, os indivíduos estão perfeitamente bem conscientes de suas situações presentes, mesmo quando reclamam sobre suas famílias ao compará-las com as da vida prévia. Podemos chamar tais crianças em alguma extensão de emocionalmente perturbadas, mas isto de nenhuma forma esclarece ou explica satisfatoriamente suas alegações verificáveis e outros comportamentos relacionados que correspondem à vida prévia que alegam se lembrar.

Isto não quer dizer que estou contente com a informação que obtive concernente às personalidades dos indivíduos destes casos ou tenha obtido em estudos subseqüentes de outros casos. Em particular, espero fundos e ajuda adicionais para começar algum teste psicológico sistemático de alguns dos indivíduos em casos recentes que aguardam estudo. Penso ainda que a mais valorosa de todas as informações que podemos obter sobre outra pessoa vem não de nossas observações imediatas, mas de observar o curso de sua vida posterior.Se estas crianças fossem mentalmente doentes durante o período de pico de suas declarações sobre as vidas prévias – normalmente entre as idades de três e sete – então este fato deveria se tornar óbvio no fracasso de suas adaptações posteriores, senão em uma doença clínica evidente. Como então os indivíduos destes casos emergem nestes aspectos? Considerando-se o curso de uma vida inteira, oito a dez anos provêem somente um curto período de observação, mas pode oferecer alguns dados úteis para considerar este ponto ainda mais senão para estabelecê-lo. (Alguns dos indivíduos eram adultos quando os encontrei pela primeira vez, então já tínhamos algum registro de como se desenvolveram até aquele ponto). Estou feliz de dizer que quinze dos dezoito indivíduos a quem puder ver nas entrevistas de acompanhamento estavam se desenvolvendo bem e não tinham mostrado sinais de doença mental evidente. Daqueles que eram crianças quando os conheci, a mais jovem tinha atingido a adolescência e as outras estavam na casa dos vinte. Várias delas tinham tido os usuais problemas dessas idades, mas em geral estavam se adaptando tão bem quanto uma pessoa comum a suas situações e algumas pareceram-me estar se saindo melhor do que a média. Uma (Parmod) creditou uma visão mais ampla da vida e um maior desinteresse e sabedoria a suas memórias de uma vida prévia ao lidar com suas vicissitudes do que a pessoa comum poderia ter com uma "única visão de vida" de seu destino; e acho que alguns dos outros indivíduos tiveram proveito semelhante.

Três dos dezoito indivíduos desenvolveram doenças mentais clínicas na vida posterior. Estes foram Wijeratne do Ceilão e Paulo Lorenz e Marta Lorenz do Brasil. Dei detalhes sobre suas doenças nos relatórios das entrevistas de acompanhamento. A questão a considerar nisto é: houve uma significante conexão entre a doença mental que desenvolveram e a vida prévia que lembraram ou o fato de que lembraram de vidas prévias? Penso que não há evidência de que lembraram de vidas prévias porque eram mentalmente doentes; eles não eram mentalmente doentes quando, como crianças, lembraram as vidas prévias, a menos que revertamos a suposição, injustificada para mim, de que o mero fato de lembrar de uma vida prévia define alguém como mentalmente doente. E não acho que elas se tornam mentalmente doentes porque se lembraram de vidas prévias. Porém vejo em cada caso uma relevante conexão entre a vida prévia lembrada e a subseqüente doença mental.

No caso de Paulo a conexão reside no modo de adaptação a uma vida sob estresse. A pessoa (Emilia) cuja vida lembrou tinha cometido suicídio e assim ele o fez[2].

Marta sofreu na meia idade de uma depressão severa o suficiente para requerir sua hospitalização por três semanas. Esta doença foi desencadeada pelo suicídio de seu irmão Paulo. Não acho que tivesse qualquer conexão com a vida prévia que Marta lembrou além do fato que Sinhá tinha sido depressiva e suicida e Marta mostrou as mesmas tendências que mencionei anteriormente em meu relatório da entrevista de acompanhamento com ela.

No caso de Wijeratne uma conexão um tanto diferente ocorreu entre sua doença mental e suas memórias de uma vida prévia. Isto emergiu do fato que um fator desencadeante na esquizofrenia que ele desenvolveu no início de seus vinte anos foi a rejeição real (ou fantasiada) dele por uma garota a quem se sentiu extremamente atraído. A personalidade prévia cuja vida ele lembrou (Ratran Hami) foi rejeitada por uma mulher (Podi Menike) e então a tinha matado sendo depois disso preso, julgado, condenado e enforcado.

Sobre a questão se ter memórias de uma vida prévia impede a maturação de um indivíduo acho que posso fornecer de uma maneira geral uma resposta negativa. A maioria dos indivíduos esquece as memórias das vidas prévias entre as idades de cinco e dez, apesar de uma ampla variação ocorrer, o que devo discutir a seguir. Quando isto acontece a criança deixa (na consciência) somente as suas memórias da própria infância, embora resíduos de comportamento relacionados à vida prévia freqüentemente durem mais tempo que as memórias mentais. Desde que o esquecimento das memórias mentais geralmente começa por volta da época em que a criança começa a escola (e não minha opinião este acontecimento acelera isto), ele normalmente não é limitado em sua adaptação ao colégio nem outras ocasiões sociais que ocorrem durante os anos de cinco a dez. Mas ocasionalmente nota-se que a preocupação do indivíduo com as memórias da vida prévia de fato interfere com sua adaptação. Mencionei acima a opinião de Parmod que lembrar de uma vida prévia ajudou-o em direção de alguma serenidade, mas sua mãe tinha anteriormente obtido uma visão diferente de seu valor para ele. Ela culpou as dificuldades acadêmicas posteriores de Parmod no fato que durante as idades entre

[2] Em vários outros casos nos quais a relacionada personalidade prévia tinha cometido suicídio a indivíduo tinha mostrado uma inclinação a considerar e ameaçar suicídio. Vide a informação da entrevista de acompanhamento com Marta Lorenz neste volume e o relatório do caso de Faruq Faris Elawar (I. Stevenson. *Cases of the Reincarnation Type*. Em preparação).

quatro e sete ele esteve tão perdido nas memórias da vida prévia – ocupado brincando com lojas de brinquedos vendendo biscoitos e água de soda – que prestou pouca atenção ao que deveria estar aprendendo no colégio ou em outra parte. Em um outro caso (não neste volume) uma mãe relatou uma observação semelhante sobre a filha que parecia estar sonhando acordada no colégio, presumivelmente envolta em suas memórias da vida prévia. Mas tais exemplos parecem abranger só uma minoria pequena de todos os casos.

Terceiro, as entrevistas de acompanhamento têm lançado um pouco de luz nos processos influenciando o desvanecimento ou preservação de memórias mentais da vida prévia. Um estudo da informação que forneci sobre este aspecto do desenvolvimento posterior dos sujeitos mostrará que muitos indivíduos dizem, na época de suas entrevistas posteriores, que esqueceram completamente as vidas prévias que se lembraram anteriormente, mas outros indivíduos afirmaram terem preservados suas memórias de modo mais ou menos intacto. A tabulação abaixo fornece um sumário dos dados para dezesseis dos indivíduos concernente à duração das memórias mentais e da personificação pelo indivíduo da personalidade prévia relacionada cuja vida lembrou.

As declarações dos indivíduos sobre este ponto requer cuidadosa avaliação mas acho que não devemos tomar sempre suas afirmações a valor nominal e sem inquérito e informação adicional de outras pessoas. Em geral, se um indivíduo diz que não tem mais qualquer memória consciente da vida prévia podemos acreditar que isto é verdade. Mas mesmo aqui encontramos exceções ocasionais ou motivo para hesitação. Uma criança de três a cinco anos geralmente não sente inibição (pelo menos na Ásia) sobre alegar ter um esposo(a) e filhos. Mas quando o indivíduo cresce e atinge a puberdade, sentimentos de modéstia ou medo de ser importunado podem levá-lo a parar de falar sobre a vida prévia mesmo quando esta permanece na consciência. Ele pode dizer que esqueceu sobre a vida prévia simplesmente para se ver livre de inquéritos que podem se tornar embaraçantes ou vexatórios. Soube de casos onde isto aconteceu e no presente volume o de Sukla talvez forneça um exemplo, apesar de eu não estar certo sobre a correta avaliação de sua alegação de ter esquecido no meio de sua adolescência todas as memórias da vida prévia que anteriormente se lembrava.

Por outro lado, uma alegação de um indivíduo de que preservou as memórias intactas também requer pensativa avaliação. Alguns indivíduos podem fornecer evidência independente de preservar ao menos algumas memórias além do início da infância. Por exemplo, Gnanatilleka satisfez-me quando tinha catorze por ter corretamente reconhecido uma pessoa familiar à personalidade prévia, Tillekeratne. E Imad Elawar na idade de doze reconheceu uma fotografia e uma pessoa ligada com a vida prévia que disse ainda lembrar. Sobre outros detalhes que afirmou se lembrar estava equivocado, mostrando que havia preservado algumas memórias e esquecido outras.

Se o indivíduo ou sua família não apresentam evidência independente sustentando a persistência das memórias eu acho difícil de avaliar a alegação que elas não desapareceram. Não se deve rejeitar sumariamente a alegação do indivíduo, e ainda se gostaria de algum suporte adicional para isso e pela seguinte razão. Um número de indivíduos que atingiram a maioridade disseram-me em palavras que variam, mas que possuem o mesmo significado: "Neste momento eu mesmo não me lembro de qualquer coisa da vida prévia diretamente; tudo o que me lembro é o que minha família me disse o que eu falei quando era mais jovem". O que acontece então é que com repetidas

citações pela família na presença da criança do que ela disse quando jovem, as memórias originais podem submergir e serem esquecidas enquanto as memórias dos relatos do que ela disse persistem. Estas são portanto memórias da própria infância do indivíduo, não da vida prévia que ele originalmente lembrou. Alguns indivíduos podem evidentemente distinguir os dois tipos de memórias, mas outros podem pensar que são sem serem capazes de realmente fazê-lo.

Tabulação				
Duração das Memórias Mentais e Encarnação				
Indivíduo	*Idade de Início das Declarações e Comportamento Relacionado à Personalidade Prévia*	*Idade em que as Informações Principais e Características Comportamentais do Caso Cessaram ou Começaram a Diminuir (Dados de 1961-1964).*	*Duração dos Sinais Principais de Encarnação*	*Esquecimento ou Persistência das Memórias ao Término das Entrevistas Sucedidas*
Prakash	4,5	Ainda continuava aos 10	5 anos	Declaração de não ter esquecido com 20 anos em 1971
Jasbir	3,5	Ainda continuava aos 10	7 anos	Declaração de não ter esquecido com 20 anos em 1971
Sukla	1,5	Ainda continuava aos 7, começando a desaparecer	5 anos	Alegada amnésia completa com 16 anos em 1979
Swarnlata	3,5	Continuava aos 13	10 anos	Declaração de não ter esquecido com 23 anos em 1971
Ravi Shankar	2,5	Quase completamente esquecidas aos 11	7 anos	Alegada amnésia completa aos 18 anos em 1969
Mallika	4	Esquecidas aos 6	2 anos	Não foi obtida informação posterior
Parmod	2,5	Menção espontânea da vida prévia diminuiu muito por volta dos 12, mas a capacidade de se lembrar persistiu depois	10 anos	Algumas memórias persistiam aos 27 anos em 1971
Gnanatilleka	2	Esquecendo aos 6	4 anos	Memórias quase, mas não totalmente esquecidas à idade (próxima) de 15 anos em 1970
Wijeratne	2	Detalhes das informações começaram a desaparecer aos 5,5 anos, mas a encarnação persistiu ainda aos 14.	12 anos	Memórias grandemente esquecidas, mas algumas persistiram aos 21 em 1968
Ranjith	2	Persistiam aos 18.	16 anos	Alegação de nenhum esquecimento aos 26 em 1968
Marta	2,5	Algumas continuavam na maioridade (44 anos em 1962) mas com muito esquecimento aos 10	7 anos	Esquecimento parcial das memórias, alegada retenção parcial aos 54 anos em 1972
Paulo	2	Resíduos de comportamento persistiram na idade de 39 em 1962, mas os incidentes compormentais prncipais cessaram por volta dos 5	3 anos	Nenhuma informação posterior adicional sobre a persistência das memórias
Jimmy	2	Começaram a diminur aos 3; esquecidas completamente aos 9	4 anos	Nenhum retorno das memórias mentais desde o inicial esquecimento aos 19 anos em 1972
William	3,5	Esquecidas por volta dos 11	7 anos	Não foi obtida informação posterior
Corliss	1,5	Grandemente esquecidas por volta dos 9	7 anos	Alegada amnésia completa aos 25 anos em 1972
Imad	1,5	Persistiam mas diminuíram aos 5,5 anos em 1964	4 anos	Persistência das alegadas memórias mas algumas evidentemente esquecidas aos 14 anos em 1972
Média	2,6 anos		6,9 anos	
Mediana	2,3 anos		7,0 anos	
Nota: Os dados de outros casos não foram incluídos nesta tabulação porque eles não estavam disponíveis ou não foram considerados adequadamente confiáveis.				

Já indiquei que o desaparecimento das memórias ocorre freqüentemente coincide (ou ao menos começa) com o comparecimento da criança à escola, que normalmente começa entre as idades de quatro e seis. Penso que deveríamos esperar por isto. Até então a criança esteve grandemente confinada à sua própria casa fisicamente e à sua própria família socialmente. Viveu em seu próprio ambiente – naturalmente, com variantes níveis de liberdade – e teve comparativamente poucas exigências de obedecer a outras pessoas. Pode, caso deseje, perambular em memórias de outras vidas sem muita interrupção ou interferência. Mas a escola possui requisitos diferentes – de uma regular presença fora de casa, de atenção disciplinada ao que o professor diz, e de adaptação social a uma multidão de colegas estranhos bastante diferentes das pessoas normais da sua família. Essas mudanças forçam, se não empurram, o indivíduo numa melhor compreensão da sua atual posição na vida. As novas e várias experiências que chegam à criança nesse momento gradualmente (ou rapidamente) acobertam, acredito, as memórias de vidas prévias.

Outros fatores também podem influir a criança em direção à preservação das memórias. Um é a freqüente repetição às pessoas interessadas dentro ou fora da família. Tenho uma impressão que encontram-se mais alegações de preservação das memórias na maioridade entre indivíduos que, na infância, receberam uma grande quantidade de atenção de membros da sua família, observadores curiosos, e repórteres de jornal. Estas pessoas pediriam à criança para dizer repetidamente o que ela já tinha repetido muitas vezes e tais revisões tenderiam a fixar as memórias. Mas esta minha inferência não tem apoio de uma comparação sistemática de tais casos com aqueles que não foram acompanhados por tal atenção. Adicionalmente, tais repetições freqüentes na infância poderiam da mesma forma tender a preservar as pseudo-memórias (derivadas do que a criança disse que lembrou quando era criança) como as memórias mentais originais da vida prévia.

Repetidas visitas entre as duas famílias relacionadas fornecem outro fator que podem preservar as memórias – e, novamente, qualquer pseudo-memória também – do esquecimento. Penso que posso detectar ao menos uma ampla conexão entre a alegação de ter preservado as memórias e repetidas visitas entre as famílias. Podemos ver uma tendência nesta direção ao considerar os oito casos asiáticos neste volume os quais a personalidade prévia foi identificada e pertencia a uma família diferente da do indivíduo. Em quatro destes casos o indivíduo nas entrevistas de acompanhamento disse que as memórias tinham desaparecido parcialmente ou totalmente (Sukla, Parmod, Ravi Shankar, e Gnanatilleka). Em três destes quatro casos visitas entre as duas famílias concernidas foram descontinuadas ou se tornaram muito infreqüente. A exceção foi parmod, que disse que suas memórias tinham parcialmente desaparecido, mas que continuou a visitar a família prévia bem freqüentemente. Em contraste, quatro outros indivíduos alegaram terem preservado as memórias mais ou menos ou completamente intactas (Swarnlata, Jasbir, Prakash e Imad). Em três destes quatro casos os indivíduos estavam ainda visitando regularmente as famílias prévias. Neste grupo Imad era a exceção pois as famílias concernidas neste caso não trocaram quaisquer visitas entre 1964 e 1970. E Imad forneceu alguma evidência de preservar ao menos algumas de suas memórias da vida prévia até a idade de doze em 1970.

Deveríamos extrair conclusões desta pequena série, ou mesmo de uma muito maior, com grande cuidado. Muitos outros fatores devem entrar no processo que governa o esquecimento ou persistência destas memórias. Entre estes devemos dar especial

importância à atitude dos pais do indivíduo. Muitos pais tentam impedir suas crianças de falar sobre a vida prévia, outros encorajam-nas a fazê-lo, e outros ainda nada fazem. Em cada caso tais atitudes quase certamente têm alguma influência, mesmo que seja menor do que alguns pais algumas vezes pensam, sobre o esquecimento ou a preservação das memórias. Ainda mais importante penso que seja o conteúdo das memórias em si. Publiquei em outro lugar dados que mostram uma alta incidência destes casos em personalidades prévias que morreram violentamente[3].Uma vez, um homem sendo levado para a execução falou: "Isto vai ser uma grande lição para mim". Caso tenha sobrevivido à morte talvez tenha sido. Parece-me razoável supor que a intensidade de uma experiência tal como uma morte violenta pode de algum modo reforçar ou "fixar" memórias de forma que sejam mais prontamente preservadas na consciência ou permanecem acessíveis a ela. Esta conjectura bate com o que muitos psicólogos consideram um importante fator no aprendizado ordinário – a intensidade de uma experiência para o indivíduo[4]. A única nova característica introduzida aqui é a aplicação deste princípio a memórias que podem ser transportadas de uma vida a outra. Este princípio poderia ainda ser aplicado caso pareça melhor interpretar estes casos não como exemplos de reencarnação mas como exemplos de percepção extra-sensorial da parte do indivíduo vivo. Em qualquer caso o indivíduo pode ter acesso instantâneo a memórias ou eventos acompanhados por intensa emoção tais como mortes violentas.

Para resumir o que as entrevistas de acompanhamento ensinaram-me sobre o desvanecimento ou preservação das memórias mentais, eu posso repetir que alguns indivíduos dizem que eles têm esquecido tudo sobre a vida prévia e na maioria das vezes penso que devemos acreditar neles; outros indivíduos dizem que continuam a lembrar-se da vida prévia e na maioria dos casos penso que devemos tratar tais alegações com cautela, mas não descartá-las. Os processos influenciando o esquecimento ou a preservação das memórias são muito mais complicados do que eu ao menos anteriormente tinha imaginado. Precisamos agora de um estudo sistemático muito maior de outros casos recentes com acompanhamento a longo prazo e avaliação de tantos dos múltiplos fatores quanto pudermos. Somente então deveremos obter informações que justifiquem conclusões mais confiantes.

Acima considerei o esquecimento das memórias mentais na consciência do indivíduo ou a sua capacidade de lembrá-las na consciência. Mas questões igualmente importantes, possivelmente mesmo mais importantes, derivem da pouca informação que temos sob o término, ou persistência, dependendo do caso, do que chamo de memórias comportamentais – o comportamento incomum que frequentemente acompanha as declarações do indivíduo sobre a vida prévia e que, com raras exceções, parece apropriado para a pessoa cuja vida o indivíduo está lembrando. A intensidade e persistência de tais traços comportamentais são ligadas somente vagamente com a abundância e persistência das declarações do indivíduo sobre a vida prévia. Algumas

---

[3] I. Stevenson. "Cultural Patterns in Cases Suggestive of Reincarnation among the Tlingit Indian of Southeastern Alaska". *Journal* A. S. P. R., Vol. 60, julho de 1966, 229-243; I. Stevenson. "Characteristics of Cases of the Reincarnation Type in Turkey and their Comparison with Cases in Two other Cultures". *International Journal of Comparative Sociology*, Vol. 11, 1970, 1-17.

[4] Para uma antiga, mas para mim ainda válida declaração deste princípio, veja E. L. Thorndike. *The Elements of Psychology*. Nova Iorque: A. G. Seller, 1905: "A probabilidade que qualquer estado mental ou ato ocorrerá em resposta a qualquer situação está na proporção à freqüência, recenticidade, *intensidade e satisfação resultante* [meus itálicos] de sua conexão com essa situação ou alguma parte dela e com a disposição total em que a situação é sentida" (p. 207).

vezes o indivíduo tem muito a dizer sobre a vida prévia, mas os indivíduos fazem poucas ou nenhuma declaração sobre a vida prévia e ainda seu comportamento mostra características incomuns em uma idade precoce – características que parecem inexplicáveis na base da hereditariedade ou influências do ambiente mas que podem derivar de uma vida prévia. Quanto à persistência das características comportamentais, observei que em alguns casos, p. ex., o de Ravi Shankar, resíduos de comportamentos aparentemente relacionados à vida prévia permanecem depois de um total esquecimento das memórias mentais. Em outros casos, os dois tipos de memórias – mentais e comportamentais – desaparecem juntas.

VIII

DISCUSSÃO GERAL

INTRODUÇÃO

Embora tencionando apreciar nesta discussão os vinte casos aqui relatados, bem como alguns outros, quando oportuno, não creio que seja preciso encontrar uma hipótese que explique todos eles. Penso que deveríamos admitir a possibilidade de hipóteses diferentes esclarecerem melhor os diferentes casos. Mas precisamos encontrar uma explicação satisfatória para cada um deles. Se acharmos que a fraude é admissível com um dos casos, devemos passar ao seguinte e descobrir alguma explicação para ele, a criptomnésia talvez. Mas depois precisaremos tratar do caso seguinte e do que o segue. Além disso, ao apreciar cada caso temos que encontrar explicação para *todos* os seus fenômenos aceitos, não apenas para alguns.

Ao analisar cada caso separadamente, podemos procurar padrões de características semelhantes existentes nos diversos casos.

Fraude

A fraude parece ser a primeira teoria séria que exige exclusão nesses casos. Já aludi à possibilidade de fraude na apresentação dos dados dos casos individuais e, portanto, apenas resumirei aqui, de modo breve, minha opinião sobre a possibilidade de que tenha ocorrido fraude. Devemos levar em conta tanto as motivações como as oportunidades de fraude. Pelo que consegui saber, nenhuma das crianças destes casos, ou seus pais, obtiveram qualquer compensação monetária conseqüente das afirmações das crianças, de terem vivido antes ou de qualquer publicidade que estas lhes tenham trazido. Ocasionalmente, filhos e pais, em alguns dos casos, por exemplo, o de Swarnlata, obtiveram publicidade favorável que não lhes desagradou, mas a maioria das outras crianças e famílias achavam a publicidade vexatória. A publicidade favorável, como a que ocorreu, jamais pareceu suficiente para compensar o esforço exigido para encenar uma farsa. Além do mais, se os pais produziram fraudulentamente os casos, eles deviam estar dispostos a esperar muitos anos pelas compensações da publicidade, uma vez que em alguns casos, como os de Prakash e Wijeratne, outras testemunhas declararam conhecer os mesmos, anos antes que noticias sobre eles atingissem o público e a imprensa.

Críticos desses casos às vezes sugerem que há crianças que compensam a pobreza e maus tratos por que passam em suas famílias, imaginando pertencerem a uma outra família de maior fortuna, de casta superior ou de pais mais benevolentes. Essa teoria não explica, por si só, a obtenção por parte da criança, dos conhecimentos que revela sobre a personalidade anterior. Mas, se ignorarmos no momento esse aspecto do problema, a teoria poderia apresentar algum valor, se aplicada à motivação das crianças apenas nos presentes casos. Acontece que em vários deles a família da alegada personalidade anterior realmente desfrutava condições de posição, fortuna ou habitação superiores às da criança que alegava tais recordações. Entretanto, estudei uma quantidade de casos (ainda não publicados) nos quais a existência pregressa alegada ocorreu em

circunstâncias menos favoráveis do que a presente. Além do mais, na maioria dos casos presentes, as diferenças de situação entre as duas famílias parecem superficiais e dificilmente suficientes para explicar uma fraude por parte da criança. No caso de Swarnlata existe uma considerável diferença entre a opulência da família Pathak, de Katni, e a situação relativamente humilde da família Mishra, de Chhatarpur. Swarnlata, por vezes, pensa com saudade na vida próspera e feliz que Biya levava na família Pathak. Mas não se empenha em voltar para a companhia deles e sabe que em seu lar atual ela goza da maior afeição de seus pais e irmãos. Além do mais, Sri M. L. Mishra, seu pai, tem recusado oferecimentos de auxílio financeiro por parte da família Pathak, que poderia ajudar na educação de Swarnlata.

Nem podemos identificar outros motivos, além de pecuniários, como uma explicação mais razoável para a perpetração de fraude. Algumas poucas crianças na Ásia foram objeto de interesse local por parte de aldeões que credulamente acham que uma criança, que se lembra de uma existência anterior deve possuir também o poder de curar e de predizer o futuro. Tal forma de lisonja, entretanto, ocorre esporádica e transitoriamente, e não acontece nem no Alasca nem no Brasil. Não parece provável que de per si ela justificasse o trabalho de engendrar um caso fraudulento. Nos raros casos em que há verdadeira evidência direta de fraude, os conspiradores não se aventuram, ante a possibilidade de veneração por parte do público, em preparar um retorno simulado de uma figura conhecida, como o Mahatma Gandhi ou algum outro santo famoso. As personalidades anteriores dos presentes casos, e da grande maioria de outros casos sugestivos de renascimento com aspectos verídicos, tiveram vida obscura. Além do mais, a vida e comportamento de algumas dessas personalidades, por exemplo, Ratran Hami, o assassino executado do caso de Wijeratne, dificilmente poderiam granjear o respeito de seus companheiros ou trazer prestígio às suas famílias.

Afora a falta geral ou a insuficiência de motivação para a fraude nestes casos, as oportunidades de fraude parecem realmente mínimas. Conhecendo as cidades e aldeias da Índia, Ceilão e Alasca como eu conheço, creio que podemos eliminar a possibilidade de uma criança engendrar uma fraude por si mesma. Ela só conseguiria ser bem sucedida com o auxílio ou a orientação de seus pais. E alguém, na burla, — quer os pais, quer a criança —teria que reunir grande número de informações detalhadas sobre a vida e situação da outra família. Algumas das pretensas lembranças poderiam ser inferidas ou tiradas de informações de conhecimento público, mas uma outra grande parte dizia respeito a assuntos ou pormenores privados da vida familiar, que não é provável fossem conhecidos fora do âmbito familiar. Uma fraude bem sucedida que incluísse tais informações teria muito provavelmente de envolver no conluio membros da suposta família anterior. Além disso, os testes de reconhecimento (referindo-nos aqui apenas àqueles que não incluíssem perguntas orientadoras ou outras sugestões) requereriam, para seu êxito, muito ensaio prévio ou a participação de muitas pessoas "reconhecidas" como cúmplices.

A essas dificuldades devemos acrescentar as de dirigir e preparar algumas das cenas altamente emocionais que eu próprio presenciei nas aldeias. Não posso crer que simples aldeões tivessem tempo ou disposição para ensaiar tais dramas, como ocorreu em Chhatta, quando a família de Prakash supôs — ou disse supor — que eu tivesse favorecido sua volta para a outra família. A complexidade dos aspectos relativos ao comportamento, nestes casos, por si só parece pôr a fraude virtualmente fora de cogitação, e prefiro passar a outras formas de explicação mais plausíveis.

Criptomnésia

Das hipóteses normais que podem explicar esses casos, a criptomnésia me parece muito mais plausível do que a fraude. De acordo com essa teoria, a criança teria, de algum modo, conhecido a pessoa ou outra fonte possuidora da informação de que posteriormente se "lembrou" de sua suposta família anterior. De algum modo, a criança entraria em contato com essa pessoa ou informação, e posteriormente se esqueceria tanto da fonte das suas informações quanto do fato de que jamais as tivesse obtido, embora se lembrasse das informações e posteriormente as apresentasse de forma dramática, como provenientes de uma vida anterior. Seus pais nada teriam sabido acerca da pessoa ou do objeto que então forneceram a informação, ou teriam mais tarde esquecido seu conhecimento anterior, expressando, portanto, genuína surpresa ante as declarações da criança.

Bem, para quase todos os casos do presente grupo, apenas uma *pessoa* teria sido suficiente para fornecer as informações à criança nesse processo. Primeiramente, nas aldeias da Ásia e do Alasca não houve (com raras exceções) pela imprensa, ou pelo rádio, qualquer notícia sobre a vida e morte das personalidades anteriores. Na Ásia. os jornais são desconhecidos pela maioria dos que habitam fora das grandes cidades. Segundo, mesmo que existissem assentamentos acessíveis ao público, as crianças não saberiam lê-los à idade em que estavam, (geralmente abaixo de três anos), quando começaram a fazer suas principais declarações sobre a existência anterior (vide tabela I, págs. 253-254). Os rádios são quase completamente desconhecidos nas aldeias da Índia e do Ceilão, e a televisão está apenas no início, mesmo nas grandes cidades.

Em alguns dos casos, por exemplo Wijeratne, Marta, William George Jr., Norman Despers e Corliss Jr., pessoas da família da criança já conheciam quase todos ou todos os fatos relatados por ela. A criptomnésia seria suficiente nestes casos como explicação para todos ou quase todos os aspectos *informativos* dos casos embora não seja suficiente, penso eu, para explicar outros aspectos de alguns desses casos, como as características de comportamento e os sinais de nascença.

Em outros casos, entretanto, a criptomnésia não explica adequadamente nem mesmo os aspectos informativos apresentados, a menos que possamos imaginar como a informação terá chegado até à criança. As condições de vida nas aldeias da Ásia e do Alasca excluem virtualmente a possibilidade de contato entre uma criancinha e um adulto estranho, sem o conhecimento desse fato por parte dos pais. As crianças asiáticas, particularmente, vivem sob estreita vigilância dos pais. Brincam com seus irmãos geralmente em pátios fechados da casa. Os meninos raramente, e as meninas jamais, saem do recinto da casa, sem estarem acompanhados por um adulto. A hipótese de criptomnésia aplicada a casos de crianças pequenas, nas aldeias da Ásia, quase que requer algum conhecimento por parte dos pais, em algum tempo, da pessoa que transmite à criança a informação sobre a vida anterior.

Se rejeitarmos a fraude como explicação satisfatória, então teremos de acreditar que os pais e outras testemunhas estão dizendo a verdade quando afirmam completa ignorância da família em questão, em outra aldeia ou cidade. Quando as testemunhas não são mais que umas poucas pessoas, como no caso de Mallika, podemos imaginar que falhas de memória provocaram o esquecimento de contatos anteriores entre as famílias. Mas, em outros casos, o número de testemunhas entrevistadas é maior, em cada família; é

improvável que todos tivessem se esquecido de seu conhecimento com pessoas da outra família ou aldeia.

Alguém poderá argumentar que um breve, quase ocasional conhecimento entre a criança e um estranho seriam suficientes para comunicar as informações que posteriormente se alegou terem sido lembradas pela criança. Mas, tão breves contatos não seriam bastantes, tenho certeza, por duas razões. Primeiro, a informação transmitida é geralmente rica em quantidade e minuciosa em detalhes. Também, como já se disse, geralmente compreende fatos de natureza muito íntima concernentes à família da vida anterior, informação que não é provável fosse transmitida por um adulto de uma família a uma criança de uma família estranha, muito menos na Índia, onde uma grande distância social separa as crianças dos adultos, particularmente de outras famílias.

Segundo, a simples transmissão acidental de informações não seria bastante para os reconhecimentos mais satisfatórios, por parte dessas crianças, de pessoas e lugares da vida anterior. Deixando de lado os reconhecimentos insinuados por perguntas orientadoras, ocorreram reconhecimentos de duas outras espécies, nesses casos. Alguns se deram espontaneamente, tendo a criança apontado alguém na rua ou em uma multidão, e dirigindo-se a ela pelo nome. Tais reconhecimentos espontâneos deram-se por exemplo, nos casos de Gnanatilleka, Imad, Corliss Chotkin Jr., e Swarnlata. Outros reconhecimentos tiveram lugar quando alguém fez à criança alguma pergunta para cuja resposta não foi orientada por nenhuma insinuação ou palpite por parte de outras pessoas, como sejam "Você sabe quem eu sou?" ou "Quais eram nossas relações na vida anterior?" Reconhecimentos desse tipo ocorrem, por exemplo, nos casos de Gnanatilleka, Imad, Swarnlata, Sukla e Marta. Se pudermos excluir cochiches "*sotto voce*" ao ouvido da criança, os reconhecimentos dessa espécie e os espontâneos requerem: (a) um grande número de ensaios prévios da informação necessários à efetivação do reconhecimento instantâneo (que a maioria das crianças realizou); (b) um poder considerável de percepção extra-sensorial ou (c) uma familiaridade anterior com as pessoas ou lugares reconhecidos. (Tal familiaridade poderia decorrer de simples reencarnação ou de possessão, e este aspecto não permitiria uma escolha entre essas duas hipóteses. Discutirei isso melhor, mais adiante.)

Na compreensão futura destes casos, creio que se atribuirá grande importância a testes de reconhecimento adequadamente realizados. Quando os reconhecimentos ocorrem sob circunstâncias que asseguram confiança, duvido que possamos explicá-los por mera transmissão de informação de testemunhas ao paciente, quer por meios normais de comunicação, quer através de percepção extra-sensorial. Reconhecer alguém é coisa que requer um acervo de informações das quais aquele que realiza o reconhecimento faz uma seleção adequada, em resposta a um certo estímulo. Não creio que saibamos os limites do que se pode conseguir com o ensaio e obtenção de reconhecimento sem o conhecimento real daquilo que é posteriormente reconhecido. A situação mais aproximada que conhecemos ocorre nos esforços feitos por investigadores de um crime para reconhecer um criminoso fugitivo, através de descrições verbais sobre esse suposto criminoso, dadas por uma testemunha. Em tais tentativas, que eu tenho visto, um artista primeiramente reproduz a descrição verbal do criminoso procurado, em um esboço que os jornais publicam e outros departamentos policiais estudam. Penso ser bastante sabido que esse método envolve muitos suspeitos, que a Polícia precisa então selecionar por outros meios. Ocorrem exceções, sem dúvida, quando o criminoso e o suspeito têm,

cada um deles, algum sinal destacado e específico no rosto, como por exemplo uma grande cicatriz.

Polanyi[1] encara o reconhecimento de outras pessoas como exemplo de reconhecimento tácito comparável às diversas habilidades, no que estas têm de complexo e tácito. Ele descreve as dificuldades para reconhecer uma outra pessoa por meio de uma descrição verbal ou mesmo de uma fotografia, e afirma:

> Qualquer descrição que possamos fazer de uma pessoa, em geral, poderá aplicar-se igualmente a milhões de outras dentre as quais poderíamos distinguir de relance (se a conhecêssemos.) O número de elementos compreendidos nessa discriminação pode ser ilustrado pela forma pela qual a Polícia Britânica compõe o semblante de uma pessoa que uma testemunha tenha visto. Eles utilizam um arquivo de "slides" de 550 características faciais, tais como diferentes coleções de olhos, lábios e queixos. A testemunha seleciona os traços do indivíduo que mais se assemelhem à idéia que faz do rosto do criminoso, e dessa seleção é montado um retrato composto. Ainda assim, tal retrato pode servir apenas como uma pista entre outras. A identificação de uma pessoa é operação tão delicada que mesmo uma fotografia genuína pode não bastar ... Uma testemunha pode deixar de reconhecer uma pessoa pela fotografia, mas poderá distingui-la em um desfile de identificação. (p. 603).

O trabalho de reconhecimento se torna mais fácil, se a pessoa a ser reconhecida tiver traços marcantemente distintos. Jasbir, por exemplo, reconheceu um primo de Sobha Ram que tinha orelhas proeminentes, e por essa razão foi apelidado de "Gandhiji". Não classificaríamos esse reconhecimento em nível tão elevado quanto os que ele fez de outras pessoas que não tinham qualquer traço destacado como esse.

Na vida diária, confessamos a dificuldade que temos em reconhecer pessoas estranhas, procurando limitar as circunstâncias quando pretendemos encontrá-las. Identificamos alguém que nunca vimos antes por seu traje, como seja o uso de uma roupa azul, e restringimos o lugar onde a encontramos, por exemplo, sob o relógio da estação ferroviária. Mesmo com mais pistas do que estas, podemos encontrar dificuldade, como eu tive, em "reconhecer" um estranho, e freqüentemente fracassaríamos por completo não fora a pista adicional de procurar por alguém que aparenta estar esperando uma pessoa. Em tais situações também, sabemos o nome da pessoa que vamos encontrar. As crianças dos casos em discussão têm que reconhecer o rosto ou outros atributos da pessoa, e dizer-lhe o nome ou mencionar um relacionamento com a pessoa[2].

Demorei-me nos testes de reconhecimento porque acho que os melhores deles tornam difícil a aplicação da criptomnésia como explicação dos casos nos quais os reconhecimentos ocorrem. A criptomnésia pode bastar para explicar outros casos em que a criança dá pequena quantidade de informações sobre a vida anterior mas não consegue realizar os reconhecimentos. Qualquer que seja a origem das informações que a criança dispõe, os reconhecimentos exigem que ela tenha uma grande quantidade delas à sua disposição, de um ou de outro modo. O fato de essas informações poderem chegar a ela através de percepção extra-sensorial é outra possibilidade que discutirei depois. No momento, desejo apenas acentuar que o montante de informações disponíveis para o reconhecimento tem que ser grande.

---

[1] M. Polanyi. "Tacit Knowing." *Reviews of Modern Physics*, Vol. 34, 1962, 601-616.

[2] A questão tem suficiente importância talvez para justificar experiências que procurariam testar os limites dos reconhecimentos provenientes de descrições verbais feitas por outras pessoas, somente.

Todo estudante de psicologia do anormal ou de pesquisa psíquica sabe de muitos casos que demonstram a ocorrência de criptomnésia. Algumas pessoas têm reproduzido, em geral anos mais tarde, fragmentos de livros ou outras informações que obtiveram muitos anos antes, e que esqueceram possuí-los. O caso de Coleridge apresenta um exemplo elucidativo tanto de criptomnésia como de diligente pesquisa da fonte das informações demonstradas dramaticamente anos mais tarde[3]. Martin estudou recentemente, de modo bem detalhado, o caso da Señora Adela Albertelli, que escreveu, em transe, extensas passagens em diversas línguas, desconhecidas dela no estado de vigília. Martin descobriu a origem de algumas (não de todas) das passagens escritas, em livros e artigos de revistas que a Señora Albertelli deve ter visto em alguma ocasião[4]. Myers[5] e Sidis[6] contaram outro caso de escrita feita em transe, de matéria provavelmente ilustrativa de criptomnésia, visto que os investigadores determinaram a origem dos versos ingleses escritos, embora não localizassem a de algumas palavras em latim ligadas a palavras inglesas para formarem alguns versos de pé quebrado.

A maioria dos casos de criptomnésia, que têm uma fonte *identificada* da matéria produzida, abrange apenas a reprodução recitada do conteúdo anterior sabido. O sensitivo enuncia-o pela fala ou pela escrita e não adapta sua informação às circunstâncias presentes como as que os testes de reconhecimento exigem. Possivelmente outros exemplos de criptomnésia podem apresentar maior extensão e flexibilidade no uso de informação obtida. Talvez alguns dos presentes casos sugestivos de renascimento possam revelar exemplos disso.

Em um pequeno número de casos de criptomnésia comprovada ocorreram elementos de personificação. Por exemplo, no caso referido por Dickinson[7] a segunda personalidade do médium fez uma personificação plausível de uma certa "Blanche Poynings", uma dama da corte de Ricardo II. (Em suas linhas principais o caso é uma pretensa comunicação espiritual e não uma presumida lembrança de vidas pregressas, porém para fins de apreciação do que a criptomnésia pode explicar, não considero isso importante.) Posteriormente, quase todas as informações, habilidosamente dramatizadas pela mente subconsciente do sensitivo, foram encontradas em um livro, *Countess Maud*, que o médium havia lido quando criança de doze anos, mas cuja leitura tinha esquecido completamente. Neste caso, houve alguma personificação ou dramatização. O médium, dessa forma, alegava estar em contato com um "comunicante" cujos elementos provavelmente se originaram puramente de lembranças de um livro, retidas e dramatizadas em porções subconscientes da sua própria personalidade. Mas a esse caso faltava algo que os casos aqui apresentados demonstram, a saber, a fusão das duas

---

[3] S. T. Coleridge. *Biographia Literaria*. New York. The Macmillan Company, I926, 70-72. (Publicado pela primeira vez em 1817).

[4] J. Martin. Comunicado pessoal. Em 1962. em Rosário na Argentina, tive oportunidade de observar a Señora Albertelli durante um de seus transes em que ela escreveu lenta mas claramente, uma passagem em inglês (cuja exata origem não pôde ser determinada). Em estado de vigília ela absolutamente não conhece o inglês e em transe não consegue comunicar-se *desembaraçadamente* em inglês.

[5] F.W.H. Myers. *Human Personality and its Survival of Bodily Death*. London. Longmans, Green and Co., 1903, Vol. I, 354-360.

[6] B. Sidis. *The Psychology of Suggestion*. New York: Appleton, 1898, 285-289.

[7] G.L. Dickinson. "A Case of Emergence of a Latent Memory Under Hipnosis." *Proc*. S. P. R., Vol. 25, 1911, 455-467.

personalidades de tal modo que a personalidade presente permanece constantemente em contato com seu atual ambiente enquanto extrai (de algum lugar) o conhecimento da personalidade anterior. As informações e comportamento exibidos por "Blanche Poynings" apareciam somente quando o percipiente era hipnotizado ou trabalhava com uma prancheta. Devemos contrastar isso com a completa ou parcial fusão de personalidade, no estado de vigília e na vida diária, exibida pelas pessoas dos casos aqui relatados.

Pickford relatou um outro caso contando personificação de comunicantes e informações provavelmente obtidas inteiramente de fontes normais.[8] O suposto médium, neste caso, apresentou comunicações de compositores notáveis como Weber e Beethoven, mas ele havia (possivelmente em estados dissociados) lido extensamente sobre as vidas dessas pessoas. Aqui, novamente, a personificação e identificação foram restringidas a períodos de dissociação era que os grandes compositores se "comunicaram" durante os transes do sensitivo. O médium não se identificou com tais compositores em outras ocasiões.

No relato de um caso feito por Bose[9], uma criança de dez anos asseverou lembrar-se do suicídio de uma mulher em uma outra aldeia, cujo nome mencionou. Posteriormente, investigações localizaram a informação de que o menino se lembrara de um recorte do jornal encontrado na casa de parentes onde ele tinha estado alguns anos antes. O incidente do suicídio da mulher havia ocorrido vários anos antes, porém durante a vida do menino. Ele não afirmou que presenciara o suicídio ou que dele soubera na vida precedente, nem pessoa alguma fez referência a uma personalidade alterada por parte do menino. Este caso, em suma, demonstra ilusões da memória. Assemelha-se a um outro caso elucidativo, citado por Hyslop[10], de um homem que dizia lembrar-se da campanha presidencial de William Henry Harrison, ocorrida em 1840. Quando alguém lhe observou que ele nascera em 1847, ele se lembrava era das vívidas narrações de seu tio sobre aquela campanha, as quais tomara como lembranças suas.

Penso que jamais possamos excluir, de modo absoluto, alguma comunicação normal anterior de informação, feita a essas crianças. Concordo com Chari[11,12] em que a menos que o possamos fazer, restará sempre a possibilidade de que a criptomnésia explique os casos. Mas esta possibilidade torna-se reduzida, penso eu, pela falta, até agora, de se encontrar um caso que representasse um exemplo de como a criptomnésia poderá explicar todos os aspectos dos casos aqui relatados. Um caso tal teria que conter as seguintes características: (a) fonte de informação originada em um livro ou em uma pessoa ou pessoas que possuíssem a informação sem a criança ou seus pais se

---

[8] R. W. Pickford. "An 'Hysterical' Medium." *British Journal of Medical Psychology*, Vol. 19, 1943, 363-366.

[9] S. K. Bose. "A Critique of the Methodology of Studying Parapsychology." *Journal of Psychological Researches*, Vol. 3, 1959, 8-12.

[10] J. H. Hyslop. *Borderland of psychical Research*. Boston: Small, Maynard and Co., 1906, 372.

[11] C. T. K. Chari. "Buried Memories" In Survivalist Research." *International Journal of Parapsychology*, Vol. 4, 1962, 40-61.

[12] C. T. K. Chari, "Paranormal Cognition, Survival and Reincarnatíon." *Journal* A.S. P. R., Vol. 56, outubro, 1962, 158-183.

lembrarem das fontes da mesma; (b) mobilização dessa informação em adequadas reações e estímulos habituais, durante o estado ordinário de consciência; (c) dramatização da informação criando uma personalidade com suficiente probabilidade de impressionar outras pessoas pela adequação das reações de emoção e comportamento, que se espera da parte da personalidade pregressa.

Julgados por esses critérios, os casos conhecidos ou publicados de criptomnésia não se coadunam com os casos de renascimento nem num nem noutro requisito. Casos de criptomnésia narrados deixam de satisfazer o segundo e terceiro requisitos, e casos de "personalidade anterior" criados de modo artificial, mediunicamente ou por indução hipnótica, não satisfazem o segundo critério.

Conheço apenas um caso sugestivo de reencarnação publicado, no qual a fonte da informação, aparentemente lembrada pelo sujeito, foi claramente identificada. Refiro-me ao citado por mim num artigo anterior[13], de um oficial do exército inglês que, juntamente com sua esposa, tiveram a experiência de aparentemente reconhecer uma lagoa à beira de uma estrada, no campo. Tanto o oficial como sua senhora identificaram diversos detalhes e ficaram convencidos de terem vivido anteriormente naquela região, embora estivessem certos de nunca a terem visitado antes. Posteriormente, lembraram-se de terem visto, numa galeria de arte, um quadro de uma lagoa à beira de uma estrada, que se parecia com a que "reconheceram" no campo. O caso apresentava apenas a experiência de déjá vu que o homem e a mulher compartilharam e não continha aspectos informativos verídicos. Esse foi um caso de *fausse reconnaissance à deux*. Não conheço caso algum do tipo de renascimento no qual a identificação com a personalidade anterior se prolongasse através dos anos, e no qual a fonte de informação, aparentemente lembrada pelo sujeito, fosse claramente identificada. Em casos nos quais ambas as personalidades ocorrem na mesma família, como o caso de Wijeratne, ou em que a família atual conhecia a personalidade anterior, como o caso de Marta, cremos que possa ter ocorrido a criptomnésia. E ela pode ter acontecido em outros casos em que as famílias das duas personalidades de fato se conheceram antes das tentativas de verificação das declarações da criança. Mas asseverar tal coisa é apresentar apenas uma suposição, e tal suposição exige apoio em um caso específico no qual se tivesse demonstrado ser a criptomnésia a explicação para os aspectos informativos de um caso em que há elementos verídicos.

Alguns casos que se pretende satisfazerem ao primeiro critério de criptomnésia caracterizada, na verdade não o fizeram. Portanto, pode-se alegar que os extraordinários feitos lingüísticos e vívida personalidade de Patience Worth[14,15] provenham de uma combinação de criptomnésia e dramatização subconsciente por parte da Sra. Curran, a paciente desse caso. Mas ninguém apresentou evidência da fonte de conhecimento de inglês antigo da Sra. Curran. De igual modo, as tentativas para desacreditar os possíveis

---

[13] I. Stevenson. "The Evidence for Survival from Claimed Memories of Former Incarnations, Part 2. Analysis of the Data and Suggestions for Further Investigations." *Journal* A.S.P.R. Vol. 54, Julho 1960, 95-117. (O caso foi originalmente descrito por L.S. Lewis em correspondência no London Post, Novembro 5, 1936).

[14] W. F. Prince. *The Case of Patience Worth*. Boston: Boston Society for Psychic Research, 1929.

[15] C. Yost. *Patience Worth*. New York: Patience Wortb Publishing Co., 1925.

elementos paranormais do caso de Bridey Murphy[16] e as tentativas para atribuir todos eles à criptomnésia falharam, na opinião de Ducasse[17], opinião com a qual estou de acordo[18]. Isto não significa que *todos* os itens obscuros ou ininteligíveis comunicados por Bridey Murphy tivessem necessariamente uma origem paranormal. Mas as tentativas feitas de atribuir a origem de todos esses itens a um relacionamento anterior por parte do paciente, a Sra. Tighe, com amigos e parentes da Irlanda ou que conhecessem esse país, distorceram alguns fatos e desprezaram outros. O que alguns críticos forneceram foram suposições de possíveis fontes de informação sobre Bridey Murphy, não provas de que estas tivessem sido as fontes. Uma coisa é especular sobre as prováveis fontes de informação, e outra coisa é mostrar uma específica equivalência entre as declarações de um paciente e a fonte definida de informação que forneça os elementos componentes dessas declarações. Os críticos do caso de Bridey Murphy não realizaram essa segunda tarefa; os investigadores mais sérios dos casos relatados por Coleridge[19] e Dickinson[20] conseguiram-no.

Nem mesmo as interessantes experiências de Zolik[21,22] satisfizeram melhor nossas exigências de um modelo apropriado de criptomnésia. Zolik provocou fantasias de "vidas anteriores" em pacientes hipnotizados, levados a uma regressão e instruídos a lembrar-se de uma "vida anterior". Em sessões posteriores, com o paciente hipnotizado, mas não regredido, Zolik localizou a origem de algumas das informações e alguns dos traços de personalidade apresentados nas fantasias de "vidas anteriores", em pessoas, livros ou produções teatrais que o paciente conhecia. Mais tarde ele concluiu que o tema da fantasia sobre a "vida anterior" expressava conflitos significantes identificados no paciente. Mas essas experiências não fornecem o modelo de criptomnésia que procuramos.

Em primeiro lugar, as personalidades evocadas nas fantasias de "vida anterior" eram construções *ad hoc* produzidas sob a direção do hipnotizados e não personalidades espontaneamente manifestadas pelos pacientes. Entretanto, não quero dar ênfase a tal ponto, visto como teremos que considerar mais tarde se as personificações por parte das crianças destes casos de outras personalidades podiam ter sido a elas impostas por seus pais de modo semelhante ao do hipnotizador, ainda que mais sutilmente.

---

[16] M. Bernstein. *The Search for Bridey Murphy*. New York: Doubleday and Company, 1956.

[17] C. J. Ducasse, "How the Case of *The Search for Bridey Murphy* Stands Today." *Journal* A.S. P. R., Vol. 54, Janeiro, 1960, 3-22.

[18] I. Stevenson. Review of *A Scientific Report on "The Search for Bridey Murphy."* (Ed. M.V. Kline. New York: The Julian Press, 1956.) *Journal* A.S.P.R., Vol. 51, Janeiro, 1957, 35-37.

[19] S. T. Coleridge.*Op. cit*., nº 3.

[20] G. L Dickinson. Op. cit., nº 7.

[21] E. Zolik. "An Experimental Investigation of the Psychodynamic Implications of the Hypnotic 'Previous Existence' Fantasy." *Journal of Clinical Psychology*. Vol. 14, 1958, 178-183. Também relatos de casos não publicados apresentados na conferência das Associações de Psicologia Americanas, 1958.

[22] E. Zolik. "'Reincarnation' Phenomena In Hypnotic States*." International Journal of Parapsychology*, Vol. 4, 1962, 66-75.

Segundo, as personalidades hipnoticamente regredidas (não apenas as das experiências de Zolik, mas todas elas) apresentam-se apenas durante a hipnose (às vezes depois, ligeiramente) e não durante circunstâncias cotidianas ordinárias. Esta manifestação limitada contrasta marcantemente com a personalidade anterior das crianças aqui consideradas, identificações essas que tais crianças manifestaram por vezes durante anos.

Terceiro, Zolik não conseguiu coincidência exata de detalhes nas fantasias da "vida anterior" e as pretensas fontes desses detalhes, em pessoas reais, livros, peças, etc., conhecidos do paciente. A mera semelhança de tema num filme e numa fantasia de "vida anterior" não significa necessariamente que a informação apresentada nessa fantasia deva provir apenas ou inteiramente dessa fonte identificada. Supondo-se ocorrer reencarnação, o filme ou peça poderiam ter impressionado fortemente a memória do paciente porque repercutia em algumas lembranças reais de uma vida anterior. Depois de tal impacto, o paciente estaria inclinado a incidir sobre o material e temas em ocasião posterior. Tenho conhecimento, por exemplo, de dois casos nos quais o fato de assistir a um filme fez com que se despertassem lembranças aparentes de uma vida anterior com aspectos verídicos. A urdidura de lembranças sepultas, para formar produções de uma vida posterior, tanto artísticas como psicopatológicas, tem sido objeto de muito estudo. Lowes, por exemplo, com perseverança e êxito, localizou a origem de muitas das imagens da poesia de Coleridge em livros que este havia lido anos antes[23]. Mas Coleridge não se identificou com o Velho Marinheiro, como o fez Sukla com Mana, por exemplo.

Quarto, uma semelhança de personalidade entre o "herói" da vida anterior e as tendências atuais da personalidade do sujeito, especialmente as inconscientes, é exatamente o que poderíamos esperar se a reencarnação for um fato. Assim, tal semelhança de modo nenhum nos assegura que os temas da história da vida anterior provieram apenas de experiências da vida presente. Eu não imponho estes dois últimos argumentos. Apresento-os contudo, porque precisamos lembrar-nos de quais porções dos fenômenos observados podem ser suscetíveis de explicação normal, mas também coerentes com a reencarnação. A viabilidade de uma explicação dentro das linhas normais não significa que ela seja a explicação verdadeira. Por outro lado, ela nos diz que devemos procurar outras e cruciais evidências que nos permitam uma decisão entre explicações normais e paranormais.

Pelas críticas acima não tenciono negar o provável valor da hipnose por esquadrinhar a vida pregressa do paciente com relação a possiveis fontes normais de informação que ele possa ter utilizado na elaboração da personalidade anterior. Mas, precisamos interpretar os resultados negativos cautelosamente, porquanto nosso enfoque pode omitir possíveis fontes normais de informação. Estudei, recentemente, uma "personalidade anterior" induzida hipnoticamente, e em seguida examinei toda a vida do paciente (sob hipnose sem regressão) relativamente a traços de conteúdo e tema da "personalidade anterior". Neste caso, à "personalidade anterior" faltava plausibilidade em muitos aspectos e creio que a maior parte dos seus elementos componentes

[23] J. L. Lowes. *The Road to Xanadu: A Study In the Ways of the Imagination*. London: Constable and Company, 1927.

provinham da fantasia. Mas não consegui, exceto em alguns pontos descobrir origens reais do material usado na fantasia[24].

Seria proveitosa uma oportunidade de estudar um caso que satisfizesse os três critérios acima, mas até que isso ocorra, a teoria da criptomnésia parece-me uma explicação possível, mas não plausível, daqueles casos sugestivos de renascimento que abrangem (a) informação bem exata sobre a personalidade pregressa (aparentemente inacessível por meios normais ao paciente ou à sua família) e (b) identificação com a personalidade anterior que se estenda através dos anos e durante a vida cotidiana ordinária.

Memória Genética

De acordo com a teoria da "memória" genética, as pretensas lembranças de vidas anteriores provêm do ressurgimento de experiências dos ancestrais do paciente. Ele se "lembra" com imagens visuais ou outras, do que aconteceu a seus antepassados, exatamente, como por exemplo, um pássaro se "lembra" de como voar, quando empurrado para fora do ninho. Nessa interpretação, lembranças de vidas anteriores tornam-se interessantes curiosidades por causa de seus detalhes, porém não mais notáveis do que outros aspectos de comportamento que atribuímos à herança e chamamos "instinto".

Esta teoria pode explicar duas espécies de casos. Primeiro, aqueles em que o corpo físico de uma personalidade descende em linha reta do corpo da personalidade anterior, como no caso de William George Jr. Poderíamos recorrer aqui, à teoria da "memória" genética para explicar não apenas o nevo no braço de William George Jr, mas também as bem fragmentárias lembranças da vida de seu avô, supondo-se que ele não as tenha obtido através de comunicação normal de seus pais. Contudo, casos dessa espécie explicam apenas um pequeno número dos casos sugestivos de reencarnação. Na maioria deles, as duas personalidades viveram com alguns anos de intervalo e em linhas genéticas bastante desconexas. Nestes casos a segunda personalidade não podia ter ocupado o corpo geneticamente descendente do corpo da personalidade anterior.

A explicação da "memória" genética pode aplicar-se também àqueles casos em que longo espaço de tempo, talvez séculos, separa as duas personalidades. (Nenhum caso desse tipo ocorre no grupo daqueles aqui relatados e, de qualquer modo, são raros.) Quando isso acontece, podemos especular sobre as relações genéticas entre os corpos físicos das duas personalidades. Mas supondo que tal descendência tenha ocorrido, teremos em seguida de indagar o que é que essa teoria realmente explica em casos desta espécie. A sugestão parece exigir que se atribua à herança um poder muito maior de transmissão do que jamais ousamos atribuir-lhe.

PERCEPÇÃO EXTRA-SENSORIAL E PERSONIFICAÇÃO

---

[24] I. Stevenson. "An investigation for a Hypnotically Induced 'Previous Personality' with Pseudo-Xenoglossy". (Em preparação).

Na 2ª edição, esta nota foi substituída por:

Eu publiquei um breve relatório deste caso em "Xenoglossy: A Review and Reporto f a Case." *Proc*. A. S. P .R., Vol. 31, 1975, 1-268. (Também publicado pela University Press of Virginia, Charlottesville, 1974.)

Razões para Apreciar a Percepção Extra-Sensorial e a Personificação Conjuntamente.

Quando os críticos deixam de explicar adequadamente casos do tipo reencarnação, documentado (ou imaginado) meios normais de comunicação entre as duas personalidades, tem frequentemente dado a entender que podemos explicar os fatos aceitos do caso pela suposição da existência de um liame extra-sensório entre as duas personalidades. Concordo em que devemos encarar muito seriamente essa possibilidade, mas nenhuma percepção sensorial, por si mesma, explicará *todos* os aspectos de muitos casos. Refiro-me às importantes características de comportamento e personificação que ocorrem na maioria deles. Temos que considerar aqui, muito mais do que a simples mobilização de informação adquirida de algum modo. O sujeito atribui essa informação à personalidade com a qual se identifica. Acho difícil que as pessoas não familiarizadas com estes casos possam, à primeira vista, fazer idéia da magnitude destes aspectos de comportamento e personificação. Eu próprio não tinha preparação alguma para o que observei relativamente a isso, quando estive pela primeira vez na Índia. Supunha que apenas os aspectos informativos dos casos mereciam atenção e requeriam explicações. Mas, tendo observado esses elementos de comportamento em diferentes casos, cheguei a atribuir-lhes maior importância por duas razões: primeiro, acho que tais aspectos de comportamento reforçam a evidência de autenticidade dos casos. Segundo, como já disse acima, creio que eles tornam muito menos plausível a explicação da criptomnésia. Em qualquer explicação que atribua a informação da criança sobre a personalidade anterior à percepção extra-sensorial, devemos também explicar os aspectos de comportamento dos casos. Por essa razão, prefiro considerar como uma teoria aquilo que chamo "percepção extra-sensorial e personificação".

Essa teoria supõe que o sujeito em tal caso obtém a informação que possui sobre a personalidade anterior, através de percepção extra-sensorial e que ele integra essa informação e a personifica tão cabalmente que chega a acreditar que ele e aquela são a mesma pessoa e também convence outros dessa identidade.

A teoria da percepção extra-sensorial e personificação não precisa defrontar-se com uma das dificuldades da teoria da criptomnésia. Não tem que presumir nenhum contato entre a criança e algumas pessoas familiarizadas com os fatos da personalidade anterior. Atribui à criança a capacidade de obter tais informações através de percepção extra-sensorial. Além disso, devemos levar em conta, que a percepção extra-sensorial pode transcender o tempo e fornecer informação tanto sobre o passado, como sobre o presente. Possuímos suficientes provas independentes da retrocognição[25,26] que possibilitam ampliar a hipótese incluindo-a como uma possibilidade. Além do mais, não temos que imaginar um agente empenhado ativamente em tentar transmitir a informação. Em alguns dos casos de Osty, por exemplo, o agente parece ter sido passivo e o percipiente, ativo. E, se alguma espécie de "elo" se faz necessária entre as duas famílias para facilitar a percepção extra-sensorial, podemos sempre encontrar uma pessoa que desempenhe esse papel. Por exemplo, nos casos de Sukla, Parmod, Imad e

---

[25] E. Osty. *La connaissaince supra-normale*. Paris: libraire Félix Alcan, 1923. (Trad. por S. de Brath também publicado em 1923 por Methuen and Company em Londres sob o título *Supernormal Faculties in Man*.)

[26] W.F. Price. "Psychometric Experiments with Señora Maria Reyes de Z." *Proc*. A.S.P.R., Vol. 15, 1921, 189-314.

Jasbir, eu soube posteriormente de pessoas que tinham algum relacionamento com ambas as famílias, embora estas não se conhecessem. No caso de Marta, as duas famílias em questão já se conheciam, antes de Marta nascer. Encontrei pessoas que poderiam ter servido de elos telepáticos ainda em outros casos não incluída na presente série. No caso de Shanti Devi, por exemplo, do qual dei um resumo em outro lugar[27], soube que o marido da personalidade anterior viajava com freqüência da sua cidade natal (Mathura) a Delhi a fim de comprar tecidos para sua loja. E, quando em Delhi ele costumava freqüentar uma doceira de sua predileção que ficava a poucas jardas apenas da casa de Shanti Devi. Ela o viu lá um dia, quando ia para casa, de volta da escola. Tenho a impressão de que, quanto mais se penetra em um desses casos, mais se torna possível encontrar, posteriormente, alguma pessoa ou pessoas que conheceram ambas as famílias, ou, à falta disso, que conheceram ambos os locais, podendo, portanto, ter servido como elos telepáticos entre a família da personalidade anterior e a da atual personalidade. Estou inclinado a pensar que seria melhor admitir essa possibilidade para todos os casos e considerar o valor da hipótese, não sobre a questão de existir tal passível elo, mas sobre a questão de poder a telepatia, de algum modo explicar adequadamente todos os fenômenos dos melhores casos, sem se supor percepção extra-sensorial de uma forma muito ampla e extraordinária. Além do mais, como mencionarei adiante (vide pág. 273 *et. seq.*), a teoria da percepção extra-sensorial, acrescida de personificação, não exige nem mesmo tais elos, visto como a suposta percepção extra-sensorial poderia ocorrer independentemente delas. Ao discutir esta teoria, abordarei, primeiro, seu êxito em explicar todos os aspectos informativos dos casos e, em seguida, seu valor elucidativo quanto aos aspectos de comportamento.

Percepção Extra-Sensorial e Personificação Aplicadas aos Aspectos Informativos dos Casos.

Ao explicar os aspectos informativos de um caso, a teoria encontra várias dificuldades a defrontar. Primeiro, ela sozinha não explica a seleção do alvo para a informação percebida extra-sensorialmente. Quando a família já conhece a personalidade anterior, possivelmente um outro membro da família, a seleção do alvo pode provir de pensamentos sobre o falecido, por parte da família, e um desejo de que ele retorne. Mas como poderemos explicar a seleção da pessoa identificada quando as famílias (conforme seus relatos) não tiveram absolutamente qualquer relacionamento anterior entre si? Por que uma determinada pessoa falecida tornar-se-ia o modelo de tal identificação, em vez de uma outra pessoa? Poder-se-á responder que aquilo que agora sabemos não mais explica satisfatoriamente por que uma personalidade renasceria como uma outra se tal ocorrer. Mas a teoria da reencarnação não coloca a questão exatamente assim. Ela simplesmente supõe que uma personalidade, tendo abandonado um corpo físico após a morte, depois de um intervalo vitaliza um outro corpo e nele se desenvolve. A segunda personalidade da entidade reencarnante, portanto, desenvolve-se como uma "camada" em torno da personalidade anterior, que por sua vez continha camadas anteriores. As personalidades, então, desenvolvem-se como os anéis de madeira de uma árvore ou como a concha em volta de uma ostra. Essas rudes analogias simplificam grotescamente as alterações e pode ser que, com a morte, a personalidade persista em grande parte inalterada e sofra a redução, de modo que o que persiste é um aglomerado de disposições e aptidões que poderemos chamar de individualidade, e não

[27] I. Stevenson. "The Evidence for Survival from Claimed Memories of Former Incarnations. Part 1. Review of the Data." *Journal* A.S.P.R., Vol. 54, Abril, 1960, 51-71.

os hábitos e aptidões reais que denominamos personalidade[28]. Mas a idéia que desejo transmitir no momento é a de que, de acordo com a teoria da reencarnação, alguma organização, quer seja personalidade, quer individualidade, persiste de uma vida terrena a outra, essencialmente em uma seqüência contínua. Não há, então, nenhuma questão de mudança abrupta de personalidade, e assim não surge o problema da seleção para identificação de uma personalidade em lugar de uma outra. Mas surge, sim, em conexão com a teoria da percepção extra-sensorial seguida de personificação.

O caso de Jasbir talvez ilustre melhor a diferença entre estas duas teorias. De acordo com a teoria da reencarnação[29], Sobha Ram morreu em acidente com uma carriola e pouco depois encontrou-se vivendo, mas como prisioneiro em um corpo muito menor, cujo ocupante anterior era por seus pais chamado de Jasbir. A personalidade chamada Sobha Ram não se tornou a personalidade chamada Jasbir; ocupou o corpo de Jasbir e a partir de então desenvolveu-se de acordo com as condições de vida anteriormente desfrutadas por Jasbir. Acomodou-se gradativamente de modo parcial a essa nova situação, inclusive a aceitação do nome Jasbir e de toda a família deste, bem como dos habitantes de Rasulpur. Mas ele ainda conservava muitas das lembranças, atitudes e anseios de Sobha Ram. Por que escolheria Sobha Ram o corpo de Jasbir para habitar, quando poderia talvez ter encontrado outros corpos disponíveis ou mesmo iniciado um novo, permanece em mistério. Mas não é um mistério que exija explicações no momento, de acordo com a teoria da reencarnação. Essa teoria não afirma que Sobha Ram tornou-se Jasbir; simplesmente afirma que Sobha Ram ocupou o corpo vago e as condições de vida de Jasbir. A teoria da percepção extra-sensorial acrescida de personificação, por outro lado, *exige* que se explique a seleção feita por Jasbir, da personalidade de Sobha Ram para identificação, porque de acordo com essa teoria, Jasbir continuou a ocupar seu corpo depois de acordar de uma morte aparente; mas nessa ocasião ele passou por uma profunda mudança de personalidade que incluiu a apropriação por parte dele, de uma personalidade pertencente a uma outra pessoa que aconteceu ter morrido àquele tempo, mas de quem nem ele nem sua família sabiam então.

Aparece ainda uma outra deficiência da teoria da percepção extra-sensorial acrescida de personificação ligada à transmissão das informações aparentemente coligidas através de percepção extra-sensorial. Certamente toda informação verificada de uma determinada criança sobre a personalidade falecida, com a qual ela se identifica, encontrava-se presente nas mentes de outras pessoas vivas. Na verdade, em muitos, mas não em todos os casos em discussão no momento, toda a informação conhecida da criança achava-se na mente de *uma* pessoa viva. Entretanto, no caso de Swarnlata e ainda em alguns outros (não publicados) da minha coleção, as informações conhecidas da criança não se achavam em qualquer mente viva. Em tais casos, de acordo com a teoria da percepção

---

[28] C. J. Ducasse. *Nature, Mind and Death*. LaSalle, Illinois: The Open Court Publishing Company, 1951. Capítulo 21, "Some Theoretically Possible Forms of Survival," desenvolve a distinção entre personalidade e individualidade.

[29] Eu não estou subestimando o fato que o corpo de Jasbir tinha cerca de três anos e meio quando pareceu morrer e então reviver com a mudança de personalidade para Sobha Ram que se seguiu quase imediatamente. Aceitando a interpretação paranormal dos casos, isto propriamente falando pertence ao grupo conhecido como "prakaya pravesh" em Hindi e "possessão" na literatura da pesquisa psíquica Ocidental. Entretanto, o ponto sob discussão aqui não é afetado por esta característica do caso. De fato, parece um exemplo particularmente apropriado para esta discussão precisamente por causa da mudança de personalidade ocorrida tão rapidamente.

extra-sensoríal com personificação, a informação teria que ser recolhida de diversas mentes, possuindo, cada uma delas porção apenas da informação disponível. Em suma, seriam necessários múltiplos agentes para a explicação de tais casos de percepção extra-sensorial. Poderíamos supor, entretanto, que estas crianças não precisam de agentes, mas obtém sua informação por meio de clarivídêneia, talvez algumas vezes retirando a informação das mentes de outras pessoas e, outras vezes, de outras fontes.

O caso de Swarnlata ilustra essa dificuldade, melhor do que qualquer outro caso da presente coleção. Os irmãos Pathak sabiam dos fatos relativos às modificações da casa dos Pathak, em Katni, e de quase todos os outros fatos aparentemente lembrados por Swarnlata sobre acontecimentos em Katni, embora não se recordasse das obturações de ouro dos dentes de sua irmã Biya. Mas é extremamente improvável que eles soubessem qualquer coisa acerca do episódio da privada, que Swarnlata contou a Aghihotri, e é igualmente improvável que soubessem qualquer coisa sobre o dinheiro tirado de Biya por seu marido. Ele não havia falado sobre isso a ninguém, por razões óbvias. Agora, é possível que Swarnlata obtivesse diferentes itens de informação de diversas pessoas, cada uma das quais atuasse como o agente de um ou de alguns poucos itens, e não dos demais. (Isso põe de lado, no momento, toda a considerável informação que Swarnlata revelou antes que ela ou sua família tivessem tido — que se saiba — qualquer contato com membros da família Pathak ou com pessoas que os conhecessem). Ela teria então que ter obtido de cada pessoa, através de percepção extra-sensonal, algo que aquela pessoa soubesse relativamente a Biya. Mas o que então se torna digno de nota é o *padrão* da informação que Swarnlata obteve desse modo. Nada que não fosse sabido por Biya ou que tivesse acontecido depois de sua morte foi dito por Swarnlata durante estas declarações[30]. Devemos de algum modo explicar, não apenas a transmissão de informações a Swarnlata, mas a organização das informações em sua mente, em padrão semelhante ao da mente de Biya. A percepção extra-sensorial pode explicar a transmissão da informação, mas não creio que ela isoladamente possa explicar a seleção e organização da mesma, num padrão característico a Biya. Se Swarnlata obteve sua informação por meio de percepção extra-sensorial, porque não deu ela os nomes das pessoas desconhecidas de Biya quando as encontrou pela primeira vez? Uma percepção extra-sensorial da magnitude aqui proposta não discriminaria os alvos, a menos que dirigida por algum princípio organizador, que desse um padrão especial às pessoas ou objetos reconhecidos. Parece-me que devemos supor aqui que a personalidade de Biya, de algum modo, imprimiu o padrão da sua mente ao conteúdo da mente de Swarnlata.

Em princípio, o problema aqui considerado não é diferente do surgido com o exato reconhecimento, por parte do comunicante da Sra. Piper, "G.P.", de tantos amigos de G.P. Das 150 pessoas apresentadas à Sra. Piper mediunizada, "G.P" reconheceu corretamente trinta antigos amigos de G.P., não fez reconhecimentos falsos (com uma possível exceção) e deixou de reconhecer apenas uma garota que era bem criança quando G.P. a conhecera, e que presumivelmente mudara muito no período dos oito ou neve anos que haviam decorrido[31]. Neste caso, como no de Swarnlata, é o *padrão* de

---

[30] Raramente alguns dos pacientes destes casos (sendo Marta a única da presente série) mostraram ter conhecimento de acontecimentos ocorridos após a morte da personalidade anterior, ex., a morte de um irmão. Mas mesmo nesses casos, o conhecimento revelado encontra-se no âmbito de interesse da personalidade anterior.

[31] R. Hodgson. "A Further Record of Certain Observations of Trance." *Proc*. S.P.R., Vol. 13. 1898, 284-582. Para os reconhecimentos de "G.P.", veja 323-328.

todos os reconhecimentos, e não a ocorrência de um reconhecimento qualquer, que requer uma explicação adicional à percepção extra-sensorial. Outros pacientes da presente coleção mostraram organização semelhante das informações disponíveis, de acordo com o padrão adequado relativamente à personalidade anterior; como, por exemplo, quando eles comentavam sobre a diferença de aparência de um prédio ou de uma pessoa, depois da morte da personalidade anterior. Além de Swarnlata, várias outras crianças, como Prakash, Parmod, Gnanatilleka e Sukla ou fizeram comentários sobre a mudança de aspecto de prédios após a morte da referida personalidade anterior, ou mostraram embaraço ou confusão quando notaram tais mudanças nos prédios.

Na organização ou padrão de informações dado pelos pacientes, vemos como os aspectos informativos e de comportamento dos casos se tornam entrelaçados. Volto, a seguir, à apreciação de outros aspectos de comportamento dos casos.

A Significância das Descrições das Experiências como Lembranças.

Antes de apreciar alguns dos outros aspectos de comportamento das crianças que alegam ter vivido antes, farei uma digressão para discutir a significância da afirmação feita por essas crianças, de que o que elas descrevem são *lembranças* de fatos reais de suas vidas anteriores. Ao apreciar tal questão, devo declarar imediatamente que não me preocupo no momento com a *exatidão* das alegadas lembranças. Erros e ilusões de memória ocorrem com relação a recordações de nossas vidas atuais, e podem certamente ocorrer com lembranças de vidas pregressas, se houver. Mas a ocorrência de tais erros e omissões não nos leva a negar a existência de algo que chamamos memória, através da qual podemos reviver (e relatar a outrém) aspectos de fatos passados. Na verdade, a coleção de lembranças e, por conseqüência, de reações peculiares a cada pessoa pode, em última análise, provar nossa melhor definição de personalidade[32]. A questão aqui é então saber-se até que ponto, se há algum, devemos admitir que a alegação da posse de lembranças distingue os presentes casos de outra que não são do tipo reencarnação.

Acredito que não devemos aceitar a afirmação da posse de lembranças como o *único* ponto de diferenciação dos casos, e deveríamos procurar outras diferenças empíricas entre os mesmos, que apresentam esse aspecto, e outros que não o apresentam. Mas não acho que devemos desprezar totalmente as alegações de lembranças como destituídas de qualquer valor, na apreciação dos casos. Sc desprezarmos as alegações de lembranças como um aspecto diferenciador dos mesmos, teremos ainda que explicar por que apenas alguns casos de percepção extra-sensorial de uma personalidade anterior ocorrem na forma de lembrança de uma vida anterior, e outros não. Nesse ponto, alguns aventam a explicação de que influências culturais explicam a configuração de alguns casos em um esquema reencarnacionista, e outros, em esquema diferente, como na forma de comunicações de desencarnados. Agora, há uma profunda correlação entre a ocorrência de casos sugestivos de renascimento e atitudes culturais que favorecem a reprodução de "lembranças" de vidas anteriores. Um exame mais completo dos dados e possível esclarecimento dessa correlação deverá aguardar uma outra oportunidade. Aqui, desejo

[32] Em *A Critical Examination of the Belief in a life After Death* (Springfield, Illinois: Charles C. Thomas, 1961), C. J. Ducasse discute a utilização de memórias (não memória, mas toda a coleção de resíduos de passadas experiências) como sinais de identidade de uma personalidade diferenciada de uma outra. (Capitulo 26, 304-307). Não estou insinuando {e Ducasse certamente não o faz) que a personalidade consiste *apenas* de memórias. Refiro-me aos nossos meios de distinguir uma personalidade de outra.

apenas chamar a atenção para a ocorrência de alguns casos sugestivos de renascimento em culturas completamente estranhas a essa crença. Muitos casos ocorrem no Ocidente e alguns em famílias que jamais ouviram falar em reencarnação ou nunca lhe deram o menor crédito. Por exemplo, na minha coleção de casos apresenta-se agora um número considerável nos Estados Unidos, Canadá e Grã-Bretanha. Nesses países, a cultura apresenta-se hostil à reencarnação, e muitas pessoas jamais ouviram falar dessa idéia, enquanto outras talvez tenham tido conhecimento dela apenas como de uma superstição tola dos asiáticos. Eu próprio investiguei de entrevistas pessoais, casos de três crianças americanas que diziam lembrar-se de uma vida anterior. Os aspectos informativos eram escassos e não se pôde fazer qualquer verificação das declarações das crianças, embora os casos apresentassem interessantes aspectos de comportamento. Faltaram-lhes, portanto, os detalhes abundantes dos melhores casos asiáticos, mas a eles assemelhavam-se estreitamente na *forma*. Estou seguro de que cada uma das famílias em foco recebeu as declarações da criança sobre a vida anterior com surpresa e mesmo com incredulidade. De modo semelhante, casos esporádicos ocorreram na Índia, entre os maometanos que não acreditam na reencarnação e negam, mesmo, sua veracidade. Algumas pessoas poderão objetar que existem grupos isolados de pessoas favoráveis à reencarnação na sociedade ocidental (indubitavelmente verdadeiro) ou que a família, manifestamente avessa à reencarnação, pode conscientemente fomentar histórias de uma vida anterior em um de seus filhos. Tais explicações, contudo, sugerem-me uma ampliação do conceito das influências culturais acima e mesmo contrárias aos fatos disponíveis nos casos que ocorrem fora das culturas favoráveis à reencarnação. Não acho que devemos dilatar nossas teorias para abarcar as exceções, mas devemos testá-las juntamente com as exceções.

Se uma pessoa possui sobre a vida anterior informação verificável que, ao que saibamos não poderia ter adquirido normalmente, e se apresenta essa informação como lhe tendo chegado na forma de recordação de uma vida anterior, ela em verdade pode estar tendo exatamente tal lembrança dessa mesma vida anterior. Se o renascimento ocorre de fato, então deveríamos esperar que informações sobre a vida anterior se apresentassem como lembranças, e ficar surpresos se se apresentassem de modo diferente. Podemos, na verdade, indagar se alguma criança jamais afirmou que a informação que possui quanto a uma personalidade anterior refere-se a uma pessoa então desencarnada, quando outras evidências sugerem que ela descreve uma personalidade contínua a ela própria. O caso ideal desse tipo hipotético deveria incluir sinais de nascença de elevada especificidade entre duas pessoas como as de Corliss Chotkin Jr. Mas a criança, nesse caso hipotético, insistiria em que a informação que possui sobre a personalidade anterior provém de comunicação espiritual e não da sua memória. Um tal caso, se o encontrássemos, abalaria severamente a confiança na experiência subjetiva da memória como uma diretriz para distinguir um grupo de casos do outro. Na precedente discussão das experiências de imagens de aparentes vidas anteriores como lembranças, tive em mente principalmente casos com aspectos verídicos e bases para crer que o percipiente poderia não ter obtido as informações que possuía através de meios normais. Mas devemos considerar também o número muito maior de pessoas que tiveram imagens distintas que lhes parecem ser lembranças de uma vida anterior, embora não contenham detalhes que possam ser verificados. Tais imagens geralmente ocorrem de maneira rápida, por vezes no estado de vigília e por vezes em sonhos. O percipiente se sente participando (por vezes apenas assistindo) de uma cena de alguma outra época anterior à sua presente vida. E ele não consegue explicar as imagens pela recordação de sua fonte em sua existência atual. Tenciono publicar, em separado, uma análise completa de uma série de

tais casos inverídicos sugestivos de reencarnação. Aqui eu os menciono apenas em relação ao problema que essas imagens propõem, apresentando-os quase sempre como "lembranças".

Um pequeno número de tais casos denotam inconsistências ou anacronismos que podem levar-nos a duvidar deles ou a rejeitá-los, e podemos acreditar também que outros casos provenham de uma vívida imaginação atuando sobre uma ansiosa expectativa de lembrança de uma romanesca existência anterior. Mas não podemos descartar-nos do maior número de tais casos, dessa forma, ou, se o fizermos, corremos o risco de sacrificar os dados em favor de preconceitos teóricos. Pois esse maior número (em minha coleção) provém de pessoas inteligentes (em geral, mas nem sempre cultas) as quais geralmente asseveram que as imagens vieram a elas de modo totalmente involuntário e sem esforço ou expectativa, de sua parte, de lembrar-se do passado. (Uns poucos percipientes tentaram conscientemente fazê-lo, através de técnicas introspectivas ou de meditação). Contudo, os percipientes têm sempre vivido as imagens como lembranças de algo por que passaram. Alguns percipientes duvidaram que tivessem vivido as imagens na forma de "lembranças". Procuraram negar ou rejeitar essa idéia, embora candidamente relatando as imagens como vindo em forma de recordações; isto é, como sendo localizadas para eles no passado como imagens de experiências anteriores à vida presente.

Sei que os percipientes às vezes tornara-se confusos acerca da localização, no tempo, das imagens que percebera. Sei também que sensitivos ou médiuns às vezes dizem erroneamente poder distinguir suas "lembranças" de "vidas anteriores" de "comunicações espirituais" ou ainda das suas percepções de fatos da vida presente e da "vida anterior" de outras pessoas. O fato da Srta. Hélène Smith estudado por Flournoy[32] ilustra a falta de evidência objetiva que apóie a afirmação de um médium, de distinguir as pretensas lembranças da sua própria vida anterior, de supostos comunicantes desencarnados. Contudo, creio ser importante não exagerar a freqüência da paramnésia. Um deslocamento temporal de imagens pode ocorrer durante o transe e os estados hipnóticos, mas raramente se dá na vigília consciente ordinária. Se os quase seiscentos casos sugestivos de reencarnação (considerando-se agora toda a coleção em estudo) forem todos eles casos de paramnésia, então esse estado deve ocorrer muito mais comumente do que os psicopatologistas e os pesquisadores psíquicos até agora imaginaram. E esperar-se-ia ter encontrado ou ter sabido de outros casos de paramnésia na vida dos pacientes, mas eu não soube. Nem os membros de suas famílias, com os quais conversei pessoalmente freqüentes vezes, atribuíram tais erros de memória aos pacientes. Raramente podemos dizer em qualquer um dos casos que a paramnésia não tenha ocorrido; lidamos apenas com probabilidades. Mas parece extremamente improvável que todos, ou mesmo um pequeno número de tais casos resultem de paramnésia[34]. E se assim for, aumentará nossa confiança total em relatos de

[32] T. Flournoy. *Des Indes à la planète Mars. Étude sur un cas de somnambulisme avec glossolalie*. Paris: Lib. Fischbacher, 1899. 4ª ed. (Nova edição americana com introdução e um capítulo de conclusão de C.T. K. Chari. New Hyde Park, New York. University Books, Inc., 1963).

[34] Estudos sobre imagens mentais são fortemente contrários à paramnésia como sendo uma ocorrência *comum*. Por exemplo, imagens de versos aprendidos emergem como eles foram lidos (em línguas ocidentais) i.e., da esquerda para a direita e de cima para baixo. A pessoa que se lembra geralmente só pode lembrar-se da última palavra de uma linha, recordando-se primeiro das palavras iniciais. Ela não pode "proferir" as palavras de trás para diante, como poderia se realmente estivesse olhando para uma representação gráfica dos versos, externa a si própria. Uma idêntica ordem cronológica de imagens ligada

"lembranças" da parte de pessoas inteligentes e dotadas de senso critico. Esperaremos que, algumas vezes, mesmo a pessoa mais sábia e lúcida possa localizar mal suas imagens, temporariamente. Mas, de modo geral vamos crer que talvez devamos respeitar a convicção de muitos desses percipientes, quando descrevem suas experiências como sendo "lembranças"[35].

A Projeção de Imagens

Em quase todos os casos em que há afirmação de lembranças de uma vida anterior, o paciente se identifica com as imagens da lembrança que afirma ter. Diz que os acontecimentos descritos passaram-se com ele e que neles se lembra de si mesmo como ator. Mas em um pequeno número de casos, as imagens são projetadas de modo que o paciente veja seu eu anterior como uma outra pessoa exterior a ele, a quem ele observa, mais ou menos como nos casos de se ver o próprio corpo ou duplo[36]. Durante experiências desse tipo, Hélène Smith[37] e Pole[38] passaram pela experiência de perceber primeiramente uma pessoa na aparência independente delas. O percipiente, em seguida, pareceu fundir-se com essa outra pessoa, de modo que foi então como se ele estivesse revivendo diretamente uma vida anterior[39]. Idênticas projeções de aspectos da personalidade do paciente ocorrem em algumas moléstias mentais, por exemplo, em alguns casos de esquizofrenia e de múltipla personalidade. A forma das alegadas lembranças, quanto a serem ou não projetadas, não parece apresentar um aspecto distintivo para se separarem os casos.

à ordem da vivência ocorre na lembrança panorâmica e em lembranças que se desenrolam durante a intoxicação por drogas como o ácido lisérgico e a mescalina, A disposição das lembranças em relação cronológica com a ordem de acontecimentos que por essa forma elas representam, parece, desse modo, quase ser uma propriedade da memória. Não desejo negar ou minimizar as exceções, mas simplesmente mostrar que algumas pessoas podem exagerar a incidência e importância da paramnésia a um ponto fora de proporção à totalidade da nossa experiência de memória.

[35] Os leitores que desejarem estudar descrições feitas por percipientes sobre a experiência de parecerem lembrar-se de uma vida anterior, encontrarão excelentes exemplos em *Far Memory* (New York: Harper & Brothers, 1956), de J. Grant, e em *The Superphysical* (Londres: Ivor Nicholson e Watson, 1937), de A. W. Osborn. Osbom discutiu a natureza dessas experiências como lembranças em "Correspondence." *Journal* S. P. R., Vol. 42, junho de 1963, 86-91.

[36] A importante questão das experiências de desdobramento não é estreitamente adequada à presente discussão, ermbora esteja com ela relacionada de modo significativo no fato de algumas das evidências provenientes de tais experiências sugerirem a existência de um corpo independente do corpo físico reconhecido, do qual outro corpo poderia utilizar como o veículo estrutural de uma personalidade no intervalo de encarnações. O assunto foi recentemente reexaminado por J.H.M. Whiteman (*The Mystical Life*, Londres; Faber and Faber, 1961) e por M. Eastman ("Out-of-Body Experiences". *Proc*. S. P. R. Vol. 53, 1962, 287-309). R Shirley (*The Mystery of the Human Double*, Londres: Rider and Col, s.d.. mas provavelmente por cerca de 1938) e J. Lhermitte (*Les hallucinations*. Paris. G. Doin et Cie., 1951) dão exemplos de experiências de pessoas que vêem o próprio duplo.

[37] T. Flournoy. *Op. cit*. nº 33, 260-264.

[38] W.T. Pole. *The Silent Road*. Londres: Neville Spearman, 1960.

[39] Durante uma de minhas experiências com hipnose regressão, a paciente primeiramente viveu uma "personalidade anterior", evocada por imagens de um menininho a quem ela via brincar e em outras atividades. Inicialmente as imagens do menino foram separadas do eu que fazia a narrativa. Posteriormente, a paciente identificou-se com o menino e continuou sua narrativa de uma "vida anterior", falando na primeira pessoa sobre o que estava acontecendo com esse menino, supostamente ela própria em uma vida anterior.

Em suma, a asserção de uma lembrança de uma vida anterior, por si só, nada nos diz sobre a veracidade. E, se a afirmação de uma lembrança acompanha evidência de autenticidade, essa experiência per si não permite distinguir percepção extra-sensorial de uma "verdadeira" lembrança de vida anterior. Apesar disso, o fato de muitas experiências coerentes de personalidades anteriores parecerem ocorrer na forma de lembranças uma vida anterior, merece consideração. Nosso conhecimento atual de influências culturais não pode explicar a ocorrência dessa forma de experiência em muitas partes do mundo onde a reencarnação é estranha à cultura. Nem é provável que todos, ou mesmo muitos casos de lembranças aparentes de vidas anteriores sejam casos de paramnésia, visto não termos qualquer outra evidência desta séria localização errônea dos acontecimentos no tempo, por parte desses pacientes.

Após as digressões acima, volto a considerar a questão da criança que afirma lembrar-se de uma vida anterior diferir em suas características ou comportamento de outras pessoas que apresentam percepção extra-sensorial, mas que não fazem tal afirmativa. Se pudermos encontrar semelhanças e nenhuma diferença importante entre os dois grupos, então deve aumentar nossa confiança na teoria da percepção extra-sensorial acrescida de personificação, a despeito de alguns dos seus pontos fracos.

Outras Evidências de Percepção Extra-Sensorial nos Pacientes

Encontrei uma pequena evidência de que algumas das crianças denotavam percepção extra-sensorial fora da área da personalidade anterior. A evidência fornecida pelas famílias dessas crianças consistia geralmente em relatos de percepção precognitiva ou telepática de acontecimentos que se passaram com parentes ou amigos à distância. As famílias de Gnanatilleka, Sukla e Marta relataram incidentes dessa espécie. Mas outras famílias negaram ter feito quaisquer observações desse tipo e salientaram que as declarações da vida anterior constituíam, de modo absoluto, a única evidência de percepção extra-sensorial da criança.

A família de Marta atribuía-lhe impressionante poder mediúnico antes do casamento, mas não consegui prova de tal opinião. Em outro caso citado por Delanne[40], Blanche Courtain, de Pont-à-Celles, na Bélgica, aparentemente demonstrou possuir informação verídica sobre uma vida anterior e também manifestou um comportamento mediúnico. Isto é, disse comunicar-se com espíritos desencarnados. Como resumo da evidência de que as crianças têm capacidade de percepção extra-sensorial fora da área de suas lembranças da vida anterior, podemos dizer que a maioria delas não dá provas de possuir tais poderes; umas poucas denotam ligeira evidência deles, e um número ainda menor apresenta comportamento bastante semelhante ao dos médiuns adultos comuns. Pelo que sei, nenhuma criança, sendo Marta uma possível exceção, deu mostras de ter adquirido informação substancial sobre uma outra pessoa (viva ou morta) não relacionada com a personalidade da vida anterior. Em suma, se essas crianças tinham colhido essas informações através de percepção extra-sensorial, demonstraram uma rigorosa localização dos alvos que puderam ou pelo menos disseram perceber.

Mas precisamos considerar, em seguida, uma questão ainda mais importante, relacionada com esse problema. Demonstram os médiuns adultos "comuns" possuir esse

[40] G. Delanne. *Documents pour servir à l'étude de la réincarnation*. Paris: Editions de la B.P.S., 1924, 315-316.

conhecimento restrito obtido através de percepção extra-sensorial? Não é bastante estranho que manifestem seus poderes apenas em relação a uma pessoa ou grupo de pessoas como o fariam essas crianças se elas tivessem colhido a informação sobre a personalidade anterior através de percepção extra-sensorial? A maioria dos médiuns "comuns" deslocam o foco de sua atenção e a fonte de suas informações, e demonstram sua capacidade sobre uma grande série de fontes de informação. Contudo, um pequeno número de pessoas apresenta uma capacidade de percepção extra-sensorial com relação apenas a uma pessoa ou a um grupo de pessoas. A Sra. Claughton, mencionada por Myers, ilustra esse tipo de médium[41]. Podemos dizer que tais pessoas aparecem raramente nos anais da pesquisa psíquica, mas aparecem de fato, por vezes, e talvez as crianças que se lembram das vidas anteriores realmente aumentem esse número.

Circunstâncias em Que Ocorrem as Declarações do Paciente

Voltando às circunstâncias em que a criança faz suas declarações, encontramos dificuldade semelhante em asseverar que estas diferem totalmente das condições dos médiuns comuns. É certo que a maioria dos médiuns dão informações acerca de uma pessoa distante apenas quando entram em contato com alguém que conheça essa pessoa ou com um objeto que tenha estado em contato com ela. Mas apenas um ligeiro contato pode ser suficiente. Os sensitivos de Osty freqüentemente davam informações surprendentemente exatas sobre pessoas distantes simplesmente segurando um lenço ou uma carta fechados em envelope opaco[42]. Em alguns dos casos relatados nesta monografia, um ligeiro contato ocorreu entre as duas aldeias a ele concernentes e em uns poucos casos as famílias em questão, embora ignorando a existência uma da outra, tinham conhecidos comuns. Se tomarmos as experiências de Osty como base para encarar quase todas as coisas ou pessoas como um elo "psicométrico" potencial, cumulado de informações sobre aqueles que entraram em contato com elas, poderíamos presumir que os viajantes que passassem por essas aldeias teriam levado consigo e deixado atrás de si, alguns dos objetos que, para as crianças em questão, serviram de focos de percepção extra-sensorial sobre as vidas anteriores. Como em todos os casos encontrei alguma evidência, conquanto por vezes extremamente ligeira, de tal tráfego entre as aldeias (não entre as famílias), não podemos excluir totalmente essa possibilidade. Mas, em verdade, não precisamos nem mesmo postular um elo psicométrico ou conhecimento pessoal para comunicar a informação. Alguns médiuns revelaram informações exatas sobre pessoas ausentes quando nenhum dos presentes, quer eles próprios ou os assistentes, nem mesmo sabiam da existência da pessoa mencionada na informação transmitida. A literatura da pesquisa psíquica contém quantidade de relatos de comunicantes que "visitam" sessões, sem terem sido convidados, mas que são posteriormente identificados. Inúmeros relatos de casos simples[43,44,45,46] de tais "visitas" foram divulgados e a A.S.P.R. publicou uma longa

---

[41] F. W. H. Myers. "The Subliminal Self: The Relation of Supernormal Phenomena to Time." *Proc*. S.P.R., Vol. 11, 1895, 547. (Capítulo 9, Precognição). Myers não fornece muitos informes sobre a Sra. Claughton, além das suas percepções relacionadas com uma casa em que ela viveu e com seus moradores. Ela pode, então, ter tido outras experiências semelhantes, desconhecidas de Myers, ou não relatadas por ele.

[42] E. Osty. *Op. Cit*., nº 25.

[43] G.N.M. Tyrell. "Case: A Communicator Introduced to Automatic Script." *Journal* S.P.R., Vol. 31, julho de 1939, 91-95.

série de tais comunicações que perduraram por um período de vários anos (de 1929-1935)[47] . A S. P. R. também publicou um grupo de tais casos investigados por Gauld[48]. Na minha opinião, casos autênticos dessa espécie apresentam uma importante contribuição à certeza da sobrevivência, visto como não podemos facilmente explicá-los baseados na percepção extra-sensorial dos vivos. Na maioria desses casos não há qualquer objeto psicométrico, nem um representante ou outra pessoa ou objeto que possam servir de elo entre o médium e o comunicante[49]. Mas se contribuem para evidenciar a sobrevivência, esses casos tornam também mais difícil avaliar casos do tipo reencarnação, uma vez que nos tornam possível supor que as crianças poderiam ter obtido a informação que possuíam sobre as personalidades anteriores, através de percepção extra-sensorial, sem nenhuma ligação com pessoas ou objetos quaisquer. Tendo em mente essa possibilidade devemos apreciar, em seguida, o comportamento da criança comparado ao comportamento de outras pessoas que aparentemente obtêm informações acerca de pessoas mortes, através de percepção extra-sensorial. A idade, somente, não diferencia casos de renascimento, dos fatos mediúnicos, visto como aparentes comunicações mediúnicas de pessoas falecidas dão-se entre crianças, embora raramente. Myers cita exemplos[50] e Westwood relatou um deles com muitos detalhes[51].

Volto, em seguida, a considerar as diferenças no estado de consciência dos sensitivos ao darem informações sobre outras pessoas visando notar se ocorrem diferenças regulares entre as pessoas que afirmam lembrar-se de uma vida anterior e as que não o afirmam. Se tomarmos apenas os casos espontâneos de afirmações de lembrança de uma vida anterior (deixando de lado os casos de hipnose), verificaremos que as pessoas que fazem tais afirmativas enunciam suas declarações, com raras exceções, durante o estado ordinário de consciência e em circunstâncias comuns da vida. Por "estado ordinário de consciência" quero dizer que para outros observadores a pessoa parece ser seu eu costumeiro, procedendo de maneira normal, e que, segundo o julgamento e experiência

---

[44] E. G. Gibbes. "Have We Indisputable Evidence of Survival?" *Journal* A. S. P. R., Vol. 31, março de 1937, 65-79.

[45] I. Stevenson. "A Communicator Unknown to Medium and Sitters: The Case of Robert Passanah." *Journal* A. S. P. R., Vol. 64, janeiro de 1970, 53-65.

[46] I. Stevenson. "A Communicator of the 'Drop In' Type in France: The Case of Robert Marie." *Journal* A. S. P. R., Vol. 67, janeiro de 1973, 47-76.

[47] J. M. Bird. "A Series of Psychical Experiments". *Journal* A.S.P.R. Vol. 23, 1929, 209-232. (Continua nos volumes subseqüentes sob o título "Le Livre des Revenants.") Mas vide também uma crítica dessa série em W.F. Prince, "A Certain Type of Psychic Research." *Bulletin*, Boston Society for Psychic Research, Nº 21, 1933, 1-30.

[48] A. Gauld. "A Series of 'Drop-In' Communicators." *Proc.* S. P. R., Vol. 55, 1971, 273-340.

[49] Em um caso desse tipo, descrito por J. A. Hill (*Psychical Investigations*. New York: George H. Doran Co., 1917), o comunicante, "Ruth Robertshaw", era completamente desconhecida da consuleute (Hill) e na aparência igualmente desconhecida do médium (Wilkinson) . Mas um amigo de Hill (Srta. North) que o havia visitado recentemente, conhecia Ruth Robertshaw (que era sua prima) e comprovou a informação transmitida. A Srta. Korth pode, portanto, ter servido como elo, ou possivelmente pode ter deixado um "objeto psicimétrico" na casa de Hill, onde a entrevista teve lugar. Mas em outros casos, nenhuma tal ligação de pessoas ou objetos surgiu ou pode plausivelmente ter ocorrido.

[50] F.W.H. Myers. *Op. cit.*, nº5. 484-486.

[51] H. Westwood. *There is a Psychic World*. New York: Crown Publishers, 1949.

deles, ela responderia imediata e adequadamente, se a chamassem pelo nome ou se lhe perguntassem algo. A maioria das crianças de casos sugestivos de renascimento procedem dessa maneira normal, quase sempre. Falam sobre suas vidas passadas esporadicamente, aqui e acolá, sem interromper seus folguedos ou trabalhos. Algo que lhes relembre algum acontecimento da vida anterior estimula neles um breve fluxo de comentários acerca dessa vida, o qual cessa em seguida. E afora o comportamento relacionado com a afirmação de lembrar-se de uma vida anterior, os pais nada notaram de acentuadamente anormal quanto ao seu comportamento de crianças, nessa ou em outras ocasiões. Uma tendência para a seriedade e para a precocidade de conhecimento foram freqüentemente comentados, porém nada que pudesse ser identificado como flagrantemente psicopatológico. Essa normalidade geral de procedimento contrasta obviamente com a da maioria dos médiuns que, ao cair em transe, revelam uma mudança de personalidade mais ou menos completa, e geralmente não respondem quando chamados por seus próprios nomes, e muito menos ocupam-se de suas atividades ordinárias com atitudes inteligentes.

Nossa tarefa se tornaria simples se todos os casos relevantes se enquadrassem num desses extremos. Infelizmente isso não acontece com muitos. Por vezes, algumas das crianças tornam-se um tanto abstraídas quando no ambiente da vida anterior, ou quando parecem lembrar-se dessa vida. Uma criança de um caso do Ceilão, ainda não publicado, manifestou essa tendência. Tais mudanças nunca chegaram a uma completa dissociação da personalidade, mas chegaram a um certo grau nesse sentido, talvez. Temos que perguntar a nós mesmos se o grau seria maior do que o que qualquer pessoa apresentaria quando se concentra intensamente na recordação de acontecimentos do passado carregados de emoção, revivendo-os em sua mente. Teremos então que considerar os casos bastante incomuns de médiuns como A. Wilkinsan[52] e a Sra. Willett[53], que transmitiram informações de surpreendente exatidão acerca de pessoas falecidas, quando em estado um pouco diferente (se diferentes foram) da consciência ordinária. Tais diferenças existentes entre esses sensitivos e os pacientas dos presentes casos, parece não residirem em seus respectivos estados de consciência, mas na identificação dos pacientes com as personalidades falecidas e na duração de tempo em que sustentam essa identificação. Portanto, discutirei essa identificação, a seguir.

A Identificação dos Pacientes com as Personalidades Anteriores

Uma comparação da identificação dos pacientes com as personalidades sobre as quais manifestaram conhecimento não apresenta uma distinção clara entre os casos em que há afirmação de renascimento e aqueles em que não há, desde que examinemos o caso apenas durante um *curto* período de tempo.

A intensidade da identificação de pessoas que afirmam lembrar-se de uma vida anterior com a personalidade anterior, varia. Algumas crianças usam o tempo pretérito para descrever a vida anterior. Dizem na verdade, "Eu me chamava fulano de tal", mas aceitam também seus nomes atuais. Outras crianças lutam contra a identidade da vida presente e dizem, por exemplo, "Não me chamem de Fred. Meu nome é John. Vocês não são meus pais. Meu pai e minha mãe moram longe daqui." Mesmo crianças que

[52] J. A. Hill. *Op. cit.*, nº 49.

[53] G. Balfour. "A Study of the Psychological Aspects of Mrs. Willett's Mediumship." *Proc*. S. P. R., Vol. 43, 1935, 43-314.

mostram intensa identificação com a personalidade anterior, como ilustra a declaração acima, ainda distinguirão comumente os acontecimentos da vida anterior como sendo passados. Assim, dirão: "Tal coisa aconteceu-me quando eu era maior." Elas não revivem freqüentemente o passado como se ele estivesse ocorrendo agora. Isto, contudo, acontece em muitos sonhos em que há sugestões de uma vida anterior. Caracteristicamente, nestes sonhos o paciente sente-se com uma outra identidade, vivendo uma cena em algum tempo pretérito e lugar diferente. Durante todo o sonho, e às vezes um pouco depois, ele se sente como uma personalidade diferente. Pacientes que passam por esses sonhos de "vida anterior" às vezes olham-se num espelho, após acordarem, para assegurar-se de que eles têm ou não têm barba, por exemplo[54]. Tal aparente revivescência nítida ocorre em regressões a uma vida anterior induzida pela hipnose e também freqüentemente no processo de ab-reação no qual a pessoa recorda alguns fatos passados com a sensação de estar realmente vivendo os acontecimentos como se passaram originalmente, mas procede como se sucedessem no presente[55].

Entre os casos espontâneos sugestivos de renascimento essa revivescência algumas vezes ocorre. Os leitores se lembrarão de que Prakash, à noite, durante o sono aparentemente retomava à personalidade de Nirmal e, meio dormindo, corria para fora de casa a caminho de Kosi Kalan. E os primeiros sinais de identificação de Sukla com Mana consistiram em embalar um pedaço de maneira como a uma criança, murmurando continuamente "Minu". Nessas atitudes, tanto Prakash como Sukla, poderiam parecer estar revivendo no presente uma experiência passada.

Contudo, alguns sensitivos ou médiuns também experimentam uma espécie de identificação com as pessoas vivas ou mortas sobre as quais recebem informações. Eles podem empregar a primeira pessoa ao descreverem as experiências da pessoa reconhecida. Um exemplo vívido disso tem lugar na autobiografia de Joan Grant[56]. Ela levou uma medalha à fronte e pareceu então reviver uma cena de batalha naval das guerras napoleônicas: "Vou subir à popa, dê ordem para atravessar, e mande um bote para receber a capitulação... O comandante deles é Don Phillipo de Rodriguez.., Ele se inclina e me entrega sua espada. Eu o levo para meu camarote e ofereço-lhe um trago." (A medalha pertencem a um dos comandantes de Nelson). Prince[57] e Osty[58] referem outros casos de emprego da primeira pessoa e do indicativo presente na descrição de experiências de outras pessoas. Num dos casos de Osty. características físicas de uma moléstia grave (câncer do fígado), percebidas por um sensitivo, perduraram nele durante dez dias. Ao perceber a morte em um acidente de alpinismo, a Sra. Willett misturou o passado com o presente, dizendo: '"Oh! eu caí, eu caí. Ai! minha cabeça, minha cabeça,

---

[54] Coligi e estou presentemente analisando muitos de tais sonhos sugestivos de uma vida anterior. Alguns poucos contém informação verifícável e comprovada; a maioria não contém. Mas certos aspectos desses sonhos se repetem em muitos deles e justificam um estudo cuidadoso dos padrões que apresentam.

[55] Para exemplos da revivescência de experiências passadas, como se o paciente estivesse revivendo acontecimentos anteriores no presente, vide P. G. Dane, e L. H. Whitaker. "Hypnosis in the Treatment of Traumatic Neurosis." Diseases of the Nervous System, Vol. 13, 1952, 67-76; e J. M. Schneck, "Hypnotherapy in a case of Claustrophobia and its Implications for Psychoterapy in General." Journal of Clinical and Experimental Hypnosis, Vol. 2, 1954, 251-260.

[56] J. Grant. *Far Memory*. Nova Iorque: Harper & Brothers, 1956, 173-174.

[57] W. F. Prince. *Op. Cit*., nº 26.

[58] E. Osty. *Op. Cit*., nº25.

minha cabeça, ai, ai, ai, (Gemidos) Ai, ai, ai, eu bati a cabeça. Ai, é bem aqui! (colocando as mãos na cabeça embaixo e por detrás das orelhas)"[59]
Num outro exemplo instrutivo a percipiente (evidentemente não muito sujeita por hábito a experiências psíquicas, mas nessa ocasião em estado de ligeira perturbação emocional) passou por uma aparente possessão parcial, seguida de comunicações verídicas de uma senhora falecida[60]. A percipiente empregava a primeira pessoa para descrever parte de sua experiência, porém também conservava a consciência da sua própria identidade. As percepções poderiam ter sido registradas como lembranças de uma vida anterior, mas não o eram. Minha opinião é que isso foi porque, embora pareça ter ocorrido uma certa mistura de personalidade, isto cessou no início de uma fusão de personalidades com um sentido de continuidade e unidade entre si.

De modo geral, entretanto, não encontramos nenhuma diferença entre as identificações alegadas nos casos de renascimento e as experimentadas pelos sensitivos que aparentemente descrevem outras pessoas, se observarmos os casos durante um curto espaço de tempo. A maioria das pessoas que afirma ter lembranças de vidas anteriores difere, entretanto, com referência à longa duração, que se estende geralmente durante anos, através dos quais elas mantêm a tese de identificação com a outra personalidade, e no restringir a identificação com uma única personalidade (raramente com duas ou mais).

Isto me leva a considerar em maiores detalhes a personificação da personalidade anterior por parte do paciente. Reexaminarei em primeiro lugar exatamente em que consiste isto na média de casos dessa espécie.

Características da Identificação em Casos Sugestivos de Reencarnação

Primeiro a criança (e menos freqüentemente o adulto) afirma (ou seu comportamento sugere) a continuidade da sua personalidade com a de uma outra pessoa que morreu. Como já dissemos, em uns poucos casos a identificação com a personalidade anterior torna-se tão intensa que a criança rejeita o nome que lhe dão os pais atuais e tenta compeli-los a usarem o nome anterior. Mas, na maioria dos casos, o paciente vive o eu anterior como sendo *contínuo* com a personalidade presente, e não como um substituto dela. A forma de identificação substitutiva, entretanto, ocorre ocasionalmente em casos espontâneos sugestivos de renascimento; ocorre, geralmente em regressões induzidas por hipnose e, quase sempre, em transes mediúnicos. Também se dá mais ou menos em casos "comuns" de múltipla personalidade, sem menção de uma vida anterior.

Nada digo aqui relativamente à totalidade da fusão ou da substituição de uma personalidade por outra. Certamente, em casos de múltipla personalidade, a substituição de uma personalidade por outra pode ser muito menos completa do que o próprio paciente ou os que o observam supõem, por exemplo, testes psicológicos em um caso de múltipla personalidade, com amnésia entre os elementos componentes, mostrou a

[59] G. Balfour. *Op. Cit.*, nº 53, 103.

[60] C. Green. "Report on Enquiry into Spontaneous Cases." Proc. S. P. R, Vol. 53, 1960, 83-161. (Case E. 687, 156-158).

persistência de importantes semelhanças, bem como as diferenças entre os dois "eus"[61]. A mesma inexistência de substituição total ocorre em regressões a "vidas anteriores" induzidas por hipnose, e em muitas (senão a maioria ou em todas) manifestações de personalidades "comunicantes" durante transe mediúnico. Contudo, o ponto importante aqui é que, em casos "comuns" de múltipla personalidade, a divisão e subseqüente ponto de fusão quando se dá entre as personalidades, encontra-se "verticalmente" entre dois aspectos da personalidade atual; por outro lado, em quase todos os casos espontâneos sugestivos de renascimento, a divisão, e subseqüente fusão das personalidades parecem encontrar-se numa linha "horizontal" ou temporal. Portanto, para a maioria dos pacientes, o senso de continuidade entre a personalidade atual e a anterior assemelha-se plenamente ao senso de continuidade que todos nós temos quanto à relação existente entre nessa atual personalidade e a que tínhamos quando crianças.

Aspectos de Comportamento dos Casos

Os sinais exteriores que me levam a aplicar as palavras "personificação" e "identificação" ao comportamento de uma criança e a pretender que esse comportamento seja incluído em qualquer explicação inteligente de casos verídicos do tipo de renascimento são os seguintes: (a) reiteradas afirmativas do paciente quanto à sua identificação; (b) reiterada apresentação de informações sobre a personalidade anterior, coma provinda do paciente, na forma de lembranças de acontecimentos por que passou ou de pessoas que já conheceu; (c) solicitação de ida ao lar anterior para visitá-lo ou nele permanecer; (d) tratamento com familiaridade e comportamento para com adultos e crianças concernentes à personalidade anterior, de acordo com o relacionamento e hábitos sociais que seriam próprios se a criança tivesse realmente tido as relações que afirma com tais pessoas; (e) reações emocionais, como através de lágrimas, alegria, afeição, temor ou ressentimento, apropriadas aos relacionamentos e atitudes demonstrados pela personalidade anterior, em relação a outras pessoas e objetos; e (f) maneirismos, hábitos e aptidões que seriam próprias da personalidade anterior, ou que se sabia que ela possuía.

De modo geral, não encaro esses aspectos de comportamento (até o ponto em que os observadores possam supor que eles combinam com aspectos semelhantes da personalidade anterior) como *evidência* de aquisição paranormal de informação dessa personalidade. Tal evidência geralmente provém apenas de aspectos informativos de comportamentos do paciente. É extremamente fácil para os parentes decidirem se as lágrimas ou risadas da criança se parecem "exatamente" com as da personalidade anterior quando isso é o que esperam ou desejam. (A mesma eventualidade esperam aqueles que aceitam a identidade dos comunicantes durante o transe mediúnico em bases de aspectos de comportamento, como seja, "uma voz parecida com a do Tio João"). Outros traços de comportamento, tais como aptidões especiais, são mais objetivamente identificáveis como fazendo parte da personalidade anterior. E espero que investigações da correlação entre os traços das personalidades atual e anterior de alguns casos desse tipo, que estão sendo planejadas no momento, tornarão alguns desses traços objetivamente identificáveis e correlacionáveis. Mas, no momento, encaro as características de comportamento não como evidência de uma identificação com a personalidade anterior, mas como evidência de identificação com *alguma* personalidade anterior, e isto exige uma explicação. Devemos notar, de passagem, entretanto, que os

[61] M. H. Congdon, J. Hain e I. Stevenson. "A Case of Multiple Personality Illustrating the Transition from Role-Playing," *Journal of Nervous and Mental Diseases*, Vol. 132, 1961, 497-504.

observadores estão sempre satisfeitos em que as personificações combinam com o que eles lembram da personalidade anterior. Nunca encontrei um caso em que as testemunhas tenham dito que o comportamento da criança *não* era igual ao da personalidade anterior, ou era de algum modo inadequado ao que teriam esperado de personalidade anterior caso ela tivesse sobrevivido.

Segundo, esse senso de identificação nos casos sugestivos de renascimento geralmente dura muitos anos. Na tabela 1 relacionei a duração, até quanto pudemos sabê-lo, dos principais aspectos de comportamento do paciente, inclusive sua identificação com as personalidades anteriores. A duração média dos aspectos mais importantes de personificação foi de quase sete anos. Visto como uma parte do comportamento principal dos pacientes ainda continuava ao tempo das minhas observações, a verdadeira duração média é certamente maior do que a cifra obtida. Estudo de dados de uma série muito maior de casos (inclusive os da presente série e outros) mostra que os fenômenos da personalidade geralmente se prolongam pela infância, com desaparecimento gradual das aparentes lembranças, o qual começa nos anos escolares abaixo dos dez. A princípio, a criança geralmente deixa de falar espontaneamente sobre a vida anterior, mas fala sobre ela (a determinadas pessoas) quando lhe pedem; mais tarde, geralmente diz que não se lembra de nada mais, ou apenas de fragmentos. Os traços de comportamento em geral cessam na fase avançada da adolescência. Os aspectos informativos e de comportamento freqüentemente diminuem ao mesmo tempo, porém nem sempre. Por exemplo, Ravi Shankar conservou um acentuado temor pelos assassinos de Muna até à mais avançada fase da meninice, quando já não conseguia lembrar porque os temia ou que um dia afirmara que esses homens o haviam assassinado na vida anterior. E acentuada tendência para uma identificação feminina persistiu em Emílio Lorenz, muitos anos depois do curto período de suas declarações acerca de Emilia.

Personificação e Percepção Extra-Sensorial em Outras Espécies de Casos

Poucos casos de percepção extra-sensorial entre crianças foram objeto de estudo cuidadoso. Os exemplos citados por Burlingham[62] apresentam apenas dados fragmentários, mas, seja como for, as crianças por ela mencionadas parecem ter exibido apenas ligeiros lampejos de percepção extra-sensorial. Investigações mais amplas com várias outras crianças que mostraram evidência de percepção extra-sensorial, tendo um dos pais como agente, tem sido publicadas de tempos a tempos.

Nos casos de Ilga[63], Bo[64], e Lisa[65], os relatórios não apresentam qualquer evidência de identificação por parte dessas crianças com outras pessoas que não fossem seus pais.

---

[62] D. Burlingham. "Child Analysis and the Mother." *Psychoanalitic Quarterly*, VoI. 4, 1935, 69-92.

[63] H. Bender. "A Phenomenon of Unusual Perception." *Journal of Parapsychology*, VoI. 2, 1938, 5-22. Os principais fenômenos deste caso parecem provir de hiperestesia acústica, mas alguns dos fenômenos, pelo menos, parecem ter sido paranormais.

[64] R.M. Drake. "An Unusual Case of Extrasensory Perception." *Journal of Parapsychology*, VoI. 2, 1938, 184-198.

[65] B.E. Schwarz. "Telepathic Events in a Child Between 1 and 3 1/2 Years of Age." *International Journal of Parapsychology*, VoI. 3, No. 3, 1961, 5-47. Em resposta a uma indagação, Dr. Schwarz escreveu-me dizendo que Lisa nunca fez uma afirmação de lembrar-se de uma vida anterior. No caso dela temos

Casos de crianças que manifestam tanto percepção extra-sensorial quanto personificação, incluindo presumíveis comunicações de personalidades desencarnadas, ocorrem ainda mais raramente. Os casos citados por Myers[66] mostraram as mais deficientes "comunicações". Dessa espécie, o mais rico de que tenho conhecimento é o relatado por Westwood, que estudou o comportamento "mediúnico" da sua filha adotiva Anna, pelo espaço de alguns anos[67]. O relato de Westwood não fornece todos os detalhes que poderíamos desejar, mas indica que ele era um observador atento e arguto, consciente de muitos dos erros comuns na interpretação das evidências de percepção extra-sensorial aparente. Creio, portanto, que podemos servir-nos dos seus relatos do que observou e comparar Anna com as crianças dos presentes casos. Anna começou a mostrar capacidade para a percepção extra-sensorial quando tinha onze anos e o fenômeno observado prolongou-se por vários anos (Westwood não diz exatamente por quanto tempo.) Anna passou por mudanças de personalidade semelhantes às da maioria dos médiuns adultos. Westwood descreve sua personificação de seis "comunicantes" e declara que havia outros, não mencionados em seu relatório. Algumas das personalidades anteriores eram conhecidas dos Westwood, outras, não. Westwood nunca fez qualquer tentativa no sentido de verificar a existência das pessoas correspondentes àquelas personalidades que não lhe eram familiares. A personificação por parte de Anna, de uma determinada personalidade, uma criança sua conhecida, pareceu intensamente real a Westwood.

Vários aspectos dos fenômenos manifestados por Anna merecem comparação com aspectos correspondentes de crianças que afirmam lembrar-se de uma vida anterior. O número de personificações é consideravelmente maior do que o de qualquer criança que alega lembrar-se de uma vida anterior. Isso, entretanto, não é de se esperar que seja prova de um ponto importante de diferenciação. Nem o estado de consciência de Anna. Ela, que começou sua "mediunidade" por uma prancheta, passou bem rapidamente para a condição em que os comunicantes utilizavam sua voz. Mas, diferentemente da maioria dos médiuns de incorporação adultos (e assemelhando-se nesse aspecto à Sra. Willet e a Wilkinson), Anna não perdia a consciência de si mesma durante essas personificações. Permanecia "à parte", por assim dizer, e pronta para retomar sua personalidade comum quase instantaneamente. Westwood descreve isso como segue: "Enquanto a pronúncia e entonação variavam de acordo com a entidade que se supunha estar falando, o registro e o timbre da voz de Anna nunca mudavam. Além disso, ela possuía tanto controle sobre si mesma, quanto antes. Podia, por assim dizer, interromper a corrente, instantaneamente, para fazer algum comentário que desejasse. De igual modo, podia imediatamente tornar a ligá-la de modo a retomar a experiência interrompida". (págs. 71-72). Com relação à persistência da consciência essencialmente normal e pelo menos potencialidade para seu comportamento habitual, a conduta de Anna durante esse período parecia-se com a de crianças que afirmam ter vivido antes. No que diferia, e eu acho que de modo insignificante, era na falta de identificação com qualquer das personalidades comunicantes. Embora as mudanças de personificação fossem rápidas, Anna jamais "misturou-se" com elas ou alegou, quando elas não se manifestavam, que

---

também as informações complementares de que a família não havia perdido recentemente nenhum parente com que Lisa pudesse identificar-se. Também sua identificação com os pais se dá normalmente.

[66] F.W.H. Myers. *Op. cit.*, nº 5. 485-486.

[67] H. Westwood. *Op. cit.*, nº 51.

ela, Anna, fosse na verdade a mesma pessoa que qualquer dessas personalidades manifestantes, ou uma continuação dessas personalidades.

Mas essa identificação da atual personalidade com a anterior (com continuidade entre as personalidades) é exatamente o que as crianças dos presentes casos afirmam e também exteriorizavam em seu comportamento.

O caso de "O Menino"[68], embora ocorresse com um adulto, mostrou aspectos de comportamento semelhante aos de Anna. "O Menino" podia apresentar as mais dramáticas mudanças de personalidade, quase instantaneamente, sendo em dado momento ele mesmo e noutro, um dos "Irmãos", os comunicantes nitidamente diferentes que se manifestavam através de "O Menino." Não estamos interessados, aqui, na condição, como comunicantes de "os Irmãos", mas apenas com as súbitas e rápidas mudanças de personalidade reveladas pelo "O Menino". A imersão da mudança ocorria muito mais lentamente em "o Menino" do que em Anna e mesmo a imersão na mudança se dava um pouco mais lentamente, embora ainda amiúde, rapidamente. ("O Menino" era comumente amnésico quanto ao que ocorria durante o período de "atuação" enquanto que Anna freqüentemente dela se lembrava.) Mas "O Menino", como Anna, nunca afirmou que sua identidade se juntava à de qualquer de "os Irmãos". Aqui, novamente parecia ocorrer uma substituição de personalidades, não uma fusão.

Devemos notar que estados de transição há em que ambas as personalidades podem parecer se misturar e manifestar alguns aspectos conjuntos de cada personalidade. Isto foi relatado no caso de Lurancy Vennum, durante as reimersões da personalidade de Lurancy após as manifestações principais de "Mary Roff"[69]. Acontecia por vezes também com "O Menino". Comunicantes que se utilizaram de médiuns, como a Sra. Leonard, às vezes queixavam-se de que a voz do médium não fazia justiça, por assim dizer, ao som das suas vozes quando vivos, como se tivesse ocorrido uma fusão de qualidades vocais[70]. Na citação acima, Westwood refere-se à distinta, porém, parcial mudança na voz de Anna durante a manifestação de um dos seus comunicantes, "Blue Hide", que deu a entender ser um índio americano e mostrou possuir muitos dos conhecimentos de um índio. Mas, afora os estados de transição e levando-se em consideração o fato de que o comunicante ainda tem que usar o aparelho vocal do médium, as mudanças de personalidade de Anna, de "O Menino" e de Lurancy Vennum pareciam bastante completas. Ao afirmar isso, quero dizer que para outros observadores, todas, ou quase todas as reações habituais e o cabedal de informações sobre as quais tais reações se apoiavam pareciam diluir-se, e um outro conjunto bem diferente de reações aparentemente organizado em torno de um conjunto diferente de experiências tomava o lugar do primeiro conjunto. Como já se disse, é a organização diferente das reações (baseadas nas experiências e respectivas lembranças diferentes e exclusivas de cada pessoa) que nos fornece os meios empíricos cotidianos para diferenciarmos uma personalidade de outra.

---

[68] Swami Omananda Puri. *The Boy and the Brothers*.Edição inglesa. Londres: Victor Gollancz, 1959. American Edition, New York: Doubleday & Co., 1960.

[69] R. Hodgson. In Report of Meeting of S.P.R. *Journa1* S.P.R., Vol. 10, 1901, 99-104.

[70] M. Radclyffe-Hall e U. Troubridge. "On a Series af Sittings with Mrs. Osborne Leonard." *Proc*. S.P.R.. voI. 30, 1920, 339-554 (Vide pág. 480).

Uma tão completa substituição de uma personalidade por outra não parece ocorrer em casos sugestivos de reencarnação, nos quais a morte da personalidade anterior teve lugar antes do nascimento do corpo físico da segunda personalidade. (O caso de Jasbir fica fora deste grupo, e nesse caso uma mudança de personalidade súbita, virtualmente total e persistente, parece ter ocorrido.) Uma rápida e aparentemente total substituição de uma personalidade por outra ocorre em casos sugestivos de reencarnação em: (a) alguns casos de regressão induzida por hipnose e (b) alguns casos (acima mencionados) de alteração da identidade durante o sonho. Estou, portanto, me referindo aqui à substituição completa de personalidade em circunstâncias ordinárias da vida no estado de vigília.

Resta a possibilidade de os pacientes *obterem* suas informações num estado de dissociação parecido com o transe (ou mesmo em sonhos) mas só posteriormente as comunicarem a outrem, quando retomam suas personalidades normais. Não posso excluir essa possibilidade, e algo dessa espécie pode muito bem ter acontecido em alguns casos. Por exemplo, Marta relatou como ela se lembrara da sela que Sinhá possuía, quando ela mesma, mas não havia falado a ninguém sobre isso, senão no dia em que estava vendo selar um cavalo. Contudo, na maioria dos casos, as testemunhas descreveram o súbito "espocar" de um comentário feito pelo paciente, quando alguma coisa na conversa ou algum acontecimento que se passasse no momento, aparentemente lhe lembrava um incidente da vida anterior que, então, ele relatava aos presentes.

O ponto principal de diferenciação que distingo, então, entre os casos usuais sugestivos de reencarnação e outros casos de graus comparáveis de percepção extra-sensorial é a identificação com uma personalidade conservada através dos anos com a afirmação de continuidade e unidade entre as personalidades anterior e atual. E a isso devemos acrescentar que, durante esses anos, o paciente parece a outros observadores não ser anormal, fora da área de sua afirmação de identificação com a personalidade anterior; e, especificamente, ele não manifesta acentuadas alterações de personalidade durante esses anos.

Razões, por Parte do Paciente, de Identificação com a Outra Personalidade

Precisamos agora perguntar-nos (e responder, se pudermos) como essa espécie de identificação prolongada começaria e continuaria através dos anos, admitindo que de algum modo a criança obtém (normalmente ou por percepção extra-sensorial) a informação necessária para manter a personificação. Por outras palavras, suponhamos que uma criança *possa* personificar uma personalidade anterior continuamente por vários anos; por que ela *faria* tal coisa? Um princípio da moderna Psicologia (com o qual estou de acordo) é que a maior parte dos comportamentos, especialmente aquele que se estende por longo tempo, exige alguma motivação para manter-se. Onde está a motivação para essas prolongadas personificações por parte de tais crianças?

Podemos buscar tal motivação dentro da própria criança. Já o fizemos ao apreciar a possibilidade de fraude e criptomnésia. Com relação a isso eu disse que não soube de nenhuma evidência que indicasse que as possíveis compensações de tal identificação justificariam as dificuldades e complexidades que a personificação trazia à vida da criança. Poder-se-ia aventar um poder de redução de ansiedade nas fantasias de uma vida anterior vivida em circunstâncias melhores. Mas essas crianças não se detêm em fantasia. Elas agem segundo sua crença e tornam-se profundamente envolvidas em

relacionamentos complicados com ambas as famílias. Swarnlata, por exemplo, teria tido mais facilidade se tivesse simplesmente imaginado que tivera uma vez pais ricos, do que pensar (como pensa) que isso é um fato, e conhecendo a família anterior, embora afastada dela. E, apesar disso, Swarnlata gosta verdadeiramente da sua vida presente, em comparação com outras crianças. Jasbir e Ranjith fizeram-se rejeitados em suas famílias, devido a afirmações de vidas anteriores; Prakash e Ravi Shankar receberam surras por fazerem tais afirmações; e Wijeratne não teve aumentada a consideração com que a aldeia o encara, pelo fato de afirmar ser o assassino de Ratran Hami que voltara a viver no seio deles.

Ainda outros motivos, além do desejo de melhorar a situação material, pode dar base a identificação com uma personalidade anterior. Parece provável que aprendamos muito através de identificação com pessoas mais idosas; talvez, para que amadureçam, todas as crianças precisem identificar-se até certo ponto com uma pessoa ou pessoas mais velhas. Então, se o caminho para a identificação com os pais se tornar bloqueado, a criança pode buscar identificação com uma outra pessoa que pareça mais emocionalmente disponível para suas necessidades. E, se a criança tiver capacidade para percepção extra-sensorial, poderá escolher uma pessoa ausente de quem talvez jamais tenha ouvido falar antes. Infelizmente, os dados disponíveis dos presentes casos não se enquadram nessa interpretação. Embora umas poucas crianças, como Jasbir e Prakash parecessem infelizes em seus lares, excelente relacionamento pareceu predominar entre a maioria das outras crianças e seus pais. Por vezes tive oportunidades limitadas de observar a interação de pais e filhos, mas em outros casos, por exemplo, de Swarnlata e Imad, pude observar (durante um ou vários dias) um terno relacionamento entre as crianças e outros membros da família[71]. Além disso, como muitas crianças ficam separadas de seus pais, tanto na Ásia como no Ocidente, devemos, de acordo com essa teoria, achar que muitas dessas crianças procuram identificação com pessoas mortas; mas na verdade, isso é extremamente raro ocorrer, mesmo quando profuso material para a identificação as cerquem, como retratos ou outras lembranças de avós falecidos. Além do mais, como já se disse, algumas crianças que dão evidência de percepção extra-sensorial, como Ilga, Bo e Lisa, citados anteriormente, não revelam o menor indício (ou não se comenta que demonstrem nenhum) de identificação significante com quaisquer adultos que não sejam os pais.

Não creio que possamos encontrar suficiente motivação para essas personificações nas crianças; apenas, acho que devemos continuar procurando. Mas devemos também procurar por outras influências, muito obviamente, nas atitudes dos pais das crianças.

Motivação e Capacidade dos Pais para Imporem uma Nova Identificação a seus Filhos

[71] Maiores evidências de ausência de interferência séria com a identificação dessas crianças com seus pais provém de sucessivos estudos de pessoas que, quando crianças, afirmavam ter vivido antes e que atualmente atingiram a idade adulta. Na presente série três casos do Alasca e quatro casos da Índia apresentam exemplos. E estudei outros casos na Índia de pessoas que quando crianças fizeram afirmação de lembrarem-se de uma vida anterior, mas que no momento já chegaram à idade adulta. Embora alguns desses pacientes de fato mostrem, na idade adulta, alguns importantes resíduos de comportamento da "personalidade anterior", desenvolveram-se, de modo geral, em sentido normal, assumiram a posição espelida na sociedade adulta, e não denotaram nenhum sinal de doença mental grave de qualquer espécie. A informação derivada das entrevistas posteriores com os indivíduos dos casos apresentados neste livro confirmaram esta opinião em todos com exceção de três dos dezoito casos sucedidos.

Muitos estudos têm demonstrado o poder dos pais em influenciar a conduta de seus filhos. Por vezes os pais os influenciam aberta e rudemente com relação à conduta que eles desejam promover, mas com maior freqüência, fazem-no apenas às ocultas, inconscientemente e, a maior parte das vezes, com grande sutileza. Os pais das crianças assim influenciadas quase invariàvelmente negarão com absoluta sinceridade que tenham influenciado a conduta dos filhos no rumo tomado. Em verdade, podem expressar horror e repulsa pelo procedimento da criança, e mesmo castigá-la por isso. Outra evidência ainda, às vezes arrancada somente após muitas horas de entrevistas, mostra que os pais foram, não obstante, inconscientemente os agentes promotores responsáveis por aquele mesmo procedimento que eles professaram condenar na criança[72,73] . A principal evidência desta última afirmação é que o comportamento da criança geralmente continua até que os pais adquiram a compreensão do que estão fazendo para ocasioná-lo e parem de fazê-lo; quando conseguem isto, esse comportamento geralmente deixa de existir se a criança fôr demasiado nova e ainda não estiver sob a influência de olltras pessoas que se dispuseram a incitar esse comportamento indesejável.

Investigações têm demonstrado que as influências da parte dos pais podem, assim, dar causa a acentuar uma grande variedade de sintomas de comportamento e físicos, como incendiar, furtar, incontinência e constipação. Entre os casos citados por Johnson encontra-se o do menino de seis anos de idade que dava mostras de transvestimento, a que nos referimos no relato do caso de Paulo Lorenz. Entrevistas com a mãe trouxeram à luz uma evidência de que o ódio dela pelo sexo masculino e a preferência pela filha de dois anos levaram-na sutilmente a influenciar o filho no sentido de preferir (ou ao menos usar) roupas de menina. Em seus fenômenos clínicos relativos ao uso de roupas do sexo oposto, o caso assemelhava-se ao de Paulo Lorenz, quando criança com menos de cinco anos de idade; em outros aspectos os casos diferem consideravelmente e Johnson afirma que o paciente "realmente desejava ser o queridinho da família (como sua irmã era) em vez de ser menina". Mas os estudos de Johnson e de seus colegas não deixam dúvidas quanto ao fato de que os pais podem exercer poderosa influência no comportamento de seus filhos [74]. O que não sabemos é até que ponto tal influência pode atingir e se chega a um ponto tal que a criança realmente acredite ser uma outra pessoa, quer uma ainda viva, como um tio vivo, ou alguém que já morreu, como um falecido tio, de quem afirma ser a reencarnação.

Os pais podem encorajar a conduta que exteriormente condenam, identificando seguidamente uma criança com um tio delinqüente, por exemplo. Se uma dessas mães

---

[72] A.M. Johnson. "Factors in the Etiology of Fixatiom and Symptom Choice." *Psychoanalytic Quarterly*, VoI. 22, 1953, 475-496.

[73] A.M. Johnson and S. A. Szurek. "Etiology of Antisocial Behavior in Delinquents and Psychopaths." *Journal of the American Medical Association*, VoI. 154, 1954, 814-817.

[74] Pertinentes à questão da influência humana sobre o senso que uma pessoa possui de sua própria identidade são as experiências de Erickson ("Experimental Demonstrations of the Psychopatology of Everyday Life." *Psychonalytic Quarterly*, Vol. 8, 1939, 338-353) que incluem instruções a um paciente hipnotizado para assumir a identidade de uma outra pessoa. O indivíduo cumpriu essa instrução com extraordinária impressividade utilizando hàbilmente fragmentos de informações que ele havia colhido sobre o homem cuja personalidade assumiu, em uma conversa mantida no dia anterior. Erickson afirmou que experiências desse tipo poderiam trazer luz à questão da influência dos pais sobre as crianças.

apanha o filho furtando algum trocado de sua bolsa, poderá repreendê-lo dizendo: "Você quer ficar como o irmão de seu pai, que foi para a cadeia por ter roubado?" A seguir a mãe pode narrar o destino sombrio, mas também as arriscadas fugas do tio Timóteo. A criança escuta com os olhos arregalados e um misto de temor e admiração pelo Tio Timóteo, os quais a mãe estimula mas que não admite para si mesma ou para outra qualquer pessoa. No caso de Ranjith Makalanda uma idêntica atitude ambivalente do intenso desagrado consciente e secreta admiração pelo inglês, parece ter ocorrido com o Sr. de Silva, pai de Ranjith. Assim, ele poderá muito inconscientemente ter influenciado Ranjith no sentido de um "britanismo" cada vez maior.

Mas, volto à questão: até que ponto chega essa espécie de influência? Um garotinho sob uma tal influência jamais diz que foi ou é tio Timóteo? E devemos convir que essa espécie de afirmação é exatamente o que meninos como Ranjith fazem. Pois Ranjith acredita inteiramente na sua identidade com alguém que viveu na Inglaterra. Não se trata de parecer com alguém, em um ou mais aspectos, mas de um senso de continuidade entre esse alguém e ele próprio. Os leitores devem ter notado anteriormente que Ranjith sentia isso tão nitidamente que por vezes utilizava o indicativo presente ao relatar sua vida anterior. Ele dizia: "Tenho pai e mãe na Inglaterra", ou "Minha mãe me chama 'querido' e às vezes, 'meu bem'". Essas afirmações referem-se a um senso de existência presente, não a estados passados. Outras crianças desses casos usaram o tempo presente com idêntica insistência.

Em resposta à questão acima, só posso dizer que, com exceção de crianças em casos do tipo reencarnação, eu nunca soube de criança alguma. que se identificasse de tal modo com outra personalidade, que chegasse a afirmar, durante um longo período de tempo, crer numa unidade da sua personalidade com outra, como o fazem muitas das crianças que alegam ter vivido antes. Isso realmente ocorre com pacientes adultos psicóticos que por vezes afirmam outras identidades. Mas psicoses de qualquer espécie são extremamente raras em crianças, e uma fantasias a identificação falsa com uma outra pessoa parece ainda mais rara. Discuti essa questão com dois psiquiatras de crianças, um particularmente especializado em esquizofrenia infantil. Nenhum deles jamais havia ouvido falar em algum caso em que a criança afirmasse ser uma outra pessoa. As crianças, em verdade, ocasionalmente identificam-se por curto tempo, com outras pessoas ou animais, quando brincam, e algumas crianças psicóticas identificam-se com máquinas. Mas não descobri nenhum caso na literatura psiquiátrica, de alegações prolongadas de uma outra identidade, por parte de crianças fora as dos casos sob discussão aqui[75] . Outros psiquiatras, com maior experiência em psiquiatria infantil do

[75] L. Kanner. *Child Psychiatry*. Springfield. Illinois: Charles C. Thomas, 1957. (terceira edição). C. Bradley. *Schizophrenia in Childhood*. New York: The Macmillan Company, 1941; H. W. Potter. Schizophrenia in Children." *American Journal of Psychiatry*, Vol. 89, 1933, 1253-1270; J.L. Despert. "A Comparative Study of Thinking in Schizophrenic Children and m Children of Preschool Age." *American Journal of Psychiatry*, Vol. 97, 1940, 189-213; C. Bradley e M. Bowen. "Behavior Characteristics of Schizophrenic Children." *Psychiatric Quarterly*, Vol. 15, 1941, 296-315.

L.S. Kubie e H.A. Israel ("Say You're Sorry." *Psychoanalytic Study of the Child*. VoI. 10, 290-299) descrevem uma criança psicótica de cinco anos de idade (de New York) que durante algum tempo recusou-se a atender por seu nome, e insistiu em que este era o de uma menina viva que ela conhecia, ou de um menino. Essa negativa da sua identidade parece ter durado menos de um ano.

A.M. Des Lauriers (The Experience of Reality in Childhood Schizophrenia. New York: International Universities Press. lnc., 1962) apresenta um caso que parece bem típico do limitado âmbíto das idéias fantasiosas de identidade diferente que ocorrem em crianças esquizofrênicas. O paciente, um menino de

que eu, podem ter conhecimento de tais casos e, se apresentados para estudo, poderão fornecer interessante material para comparação com os de crianças que afirmam ter vivido antes. Poderia resultar, então, que crianças como Ranjith Makalanda sejam subtipos de crianças com falsas identificações fantasiosas, sendo que a diferença entre elas é que umas afirmam ter vivido antes, enquanto outras simplesmente dizem ser uma outra pessoa, não necessariamente morta.

O esvanecimento dos aspectos informativos e de comportamento nos presentes casos apresenta uma outra objeção a que se atribua a identificação da criança com uma personalidade anterior à influência dos pais. Pois nos casos relatados por Johnson e seus colegas, os sintomas induzidos ou promovidos pelos pais nunca desapareceram enquanto não cessou a promoção dos sintomas, por parte deles. Visto essas influências dos pais terem sido quase sempre inconscientes, elas tendiam a persistir até que uma intensa terapia nos mesmos revelasse as origens de seus impulsos relevantes e modificasse sua motivação em influenciar ocultamente os filhos. Em suma, se a influência dos pais for suficientemente forte para promover a ocorrência de sintomas, ela será suficientemente forte para perdurar durante muitos anos. Mas a hipótese de que os pais nos presentes casos impuseram aos filhos a identificação com uma personalidade anterior, sugere também que as motivações dos pais alteram-se depois de alguns anos, permitindo assim que ocorra o esvanecimento das aparentes lembranças e da personificação das crianças.

Nas minhas investigações dos presentes casos, freqüentemente indaguei dos pais das crianças sobre sua atitude em referência à afirmação, ou como eles comumente a vêem, da realidade de um renascimento em sua família. Em alguns casos, pude facilmente apreender motivos para amoldar o comportamento da criança ao estilo da personalidade morta. A mãe de Jimmy Svenson e ambos os pais de William George Jr. sentiram a morte de um parente íntimo e desejaram-no de volta. Podemos presumir que eles prontamente encorajaram o comportamento de seus filhos no sentido de maiores

---

catorze anos, afirmava que era o Super-Homem. "Depois, havia momentos em que era Frankenstein ou Sansão e entrava em luta com outros pacientes, vivendo um desses papéis."

V.K. Alexander ("A Case Study of a Multiple Personality." *Journal of Abnormal and Social Psychology*, Vol. 52, 1956, págs.272-276) relatou o caso de uma garota de 15 anos de idade do Sul da Índia que manifestava mudança de personalidade (com amnésia) em que ela assumia as personalidades de dois "espíritos", um dos quais era sua falecida tia-avó. O caso não apresentava nenhum aspecto paranormal e sua forma era a do tipo possessão e não reencarnação.

Ocidentais que ouvem falar acerca de casos sugestivos de reencarnação pela primeira vez, às vezes supõem imediatamente que as crianças desses casos devem com certeza estar tendo alucinações. Tais julgamentos apressados traem ignorância, não apenas dos casos, mas de psiquiatria infantil. O fato é que psicoses de quaisquer espécies são raras na infância, e alucinações, ainda mais raras. Potter (*op. cit.*) declarou: "As crianças não tem facilidade de verbalizar perfeitamente seus sentimentos, nem são capazes de complicadas abstrações. Conseqüentemente, formações fantasiosas vistas em crianças são relativamente simples e sua simbolização é particularmente ingênua" (pág. 125). E Bradley (*op. cit.*), após citar outros autores sobre o assunto, declarou: "Praticamente todos os autores estão de acordo em que formas paranóicas de esquizofrenia são muito raras durante os anos da infância, uma indicação a mais da ausência de alucinações nessa idade" (pág. 35-36). A raridade de ilusões de identidade na infância não implica em que os casos do presente grupo (ou outros casos semelhantes sugestivos de reencarnação) não sejam casos de tais ilusões. Se pudermos melhor explicar esses casos pela criptomnésia ou pela percepção extra-sensorial com paramnésia e personificação então as crianças de fato sofrem de ilusões de identidade. Mas isso nós devemos concluir após uma inspeção minuciosa dos dados dos casos individuais, não de julgamento *a priori* feitos a distância (teórica e geográfica) dos próprios casos.

semelhanças com as pessoas falecidas, as quais aspiravam a que voltassem. Pode-se ter como quase certo também que, depois de algum tempo, senão inicialmente eles começaram a fazer comparações entre a criança e o parente falecido, abertamente e em presença da criança. Vimos que, no caso de Norman Despers, sua família de fato tentou favorecer uma identificação com seu falecido tio, dando-lhe o nome deste e freqüentemente falando sobre ele em sua presença. Evidentemente acreditavam que seu tio havia reencarnado como Norman. Mas Norman resistiu a essa pressão, já que suas aparentes lembranças relacionavam-se com o avô, e não com o tio.

Seja como for, deve ter havido um desenvolvimento bem diferente em outros casos nos quais as duas famílias jamais se conheceram. A última coisa que os pais de Prakash, Sukla, Parmod, lmad e Jasbir desejavam era a ameaça ou tentativa da criança, de fugir para uma outra aldeia. Acaso fará sentido, por exemplo, supor que o pai de Jasbir, chorasse a morte pela varíola em um dia, e depois, alguns dias mais tarde começasse (mesmo inconscientemente) a reforçar a recusa do filho em comer com a família porque ele realmente pertencia a uma casta superior? E que interesse teria ele, afinal de contas, no renascimento de uma pessoa completamente estranha, de uma outra aldeia? O falecido não era um dos seus entes queridos a quem ele desejasse rever, mas um simples desconhecido. Porém, mesmo que julguemos que os pais, de fato reforçaram o comportamento da criança, não conscientemente, mas inconscientemente (a primeira de cujas suposições nos enseja ignorar suas negativas de intenção), teremos ainda que determinar como obtiveram o conhecimento do que precisariam para amoldar a conduta da criança de modo tão convincente que impressionasse a outra família. Em suma, para sustentar essa teoria, precisamos retomar à idéia de fraude ou atribuir aos pais poderes de percepção extra-sensorial tão grande como os que já consideramos em relação à criança. E, se os pais têm essa tão grande capacidade extra.-sensorial por que dela não apresentam outras evidências? E por que não imaginam eles uma vida anterior talhada de acordo com as informações de que dispõem?

Chari[76] alvitrou que uma combinação de conhecimento paranormal e paramnésia, juntamente talvez com alguma criptomnésia e precognição, pode explicar casos sugestivos de reencarnação em que um desses mecanismos não parece, de per si, adequadamente explanatório. Não devemos deixar de lado essa teoria somente porque parece complexa e porque contém componentes diversos. Mas na medida em que contiver o elemento percepção extra-sensorial, ela arrostará (nos casos mais ricos) com as objeções a que já me referi anteriormente A principal destas é a dificuldade dessa teoria em explicar restrição de percepções extra-sensoriais quanto a informações acerca de uma pessoa alvo e a organização das informações em um padrão característico dessa determinada pessoa.

As dificuldades da teoria da percepção extra-sensorial acrescida de personificação parecem-me extremamente grandes quanto a alguns casos. Admito a plausibilidade da hipótese para casos fracos, com poucos detalhes, e a expectação de renascimento de um falecido membro da família da criança. Uma combinação de criptomnésia (os pais deixando escapar mais informações para a criança do que supõem ou do que se lembrem), de percepção extra-sensorial e de influências inconscientes da parte dos pais

[76] C.T.K. Chari. "Paramnesia and Reincarnation." *Proc*. S.P.R., Vol. 53, 1962, 264-286. G. Murphy ("Body-Mind Theory as a Factor in Survival Research," *Journal* A.S.P.R., Vol. 59, abril, 1965, 148-156) determinou mais sucintamente uma interpretaçao para casos do tipo reencarnação como resultantes de uma combinação de forças culturais e conhecimentos paranormais.

em relação à personificação da personalidade anterior conhecida e estimada pode explicar esses casos fracos. E talvez ela pudesse explicar também os casos mais ricos e mais amplos. Se admitimos a explicação para um caso, por que negá-la aos outros? A isso respondo que nem mesmo estou certo de que ela seja a verdadeira explicação dos casos fracos.

Sua aplicação transcende aquilo que sabemos sobre a capacidade dos pais em influenciarem o senso de identidade dos filhos. E, mesmo que apliquemos esta explicação aos casos em que os pais conhecem a personalidade anterior e a pranteiam, teremos de indagar porque tal personificação, por parte da criança, não ocorre mais freqüentemente, desde que prantear e desejar o retorno dos falecidos à vida, é o que ocorre comumente, em qualquer lugar.

Quando abordamos os casos mais ricos[77], como os de Gnanatilleka, lmad, Jasbir, Prakash, Parmod, Swarnlata e Sukla, essa explicação torna-se muito mais ponderavelmente forçada. Pois, se crermos que os pais não tiveram inicialmente nenhum conhecimento da outra família, como podemos julgá-los capazes de suscitar os aspectos de comportamento do caso, a menos que os dotemos também de poderes extraordinários de percepção extra-sensorial? E isso deixaria de parte, ainda, nossa ignorância quanto a qualquer motivação para uma tal influência por parte dos pais ou para reação a ela, por parte dos filhos.

Manifestação de Habilidades Especiais

Há ainda um outro aspecto de alguns casos que a teoria da percepção extra-sensorial e personificação não explica. Refiro-me à manifestação de uma habilidade especial ou idiossincrásica, que não é sabido ter a personalidade atual tido a oportunidade de adquirir na vida presente. Nesta série de casos, nenhum deles apresenta evidência completamente satisfatória de tal aptidão. O caso de Emílio (Paulo) Lorenz inclui algumas observações de uma habilidade definida (para costurar) antes de qualquer aprendizado na vida atual; neste caso, entretanto, a possibilidade de herança da mesma aptidão por dois membros da mesma família complica a interpretação da habilidade. Os casos do Alasca, de William George Jr. e Corliss Chotkin Jr. (que manifestavam respectivamente engenho para lidar com redes de pesca e motores) dão a idéia de ocorrência de habilidades anteriormente à aprendizagem na presente existência. Do mesmo modo, o relato do precoce aprendizado de francês por Imad, embora neste caso tenhamos conhecimento de uma aquisição inusitadamente rápida de habilidade, e não da posse dela anteriormente à aprendizagem. Contudo, a todos esses três casos faltam relatos adequadamente detalhados de testemunhos da manifestação das habilidades nas crianças. Eles simplesmente fornecem pistas para a espécie de caso, da qual o de Emilia Lorenz ilustra mais precisamente.

Aqui, portanto, e visto os outros casos não apresentarem evidência suficientemente acentuada da manifestação de aptidões anteriormente à aprendizagem nesta vida não me estenderei na discussão desse tópico. Mas merece menção porque, em princípio, casos em que há definida ocorrência de habilidades anteriormente à aprendizagem nesta vida,

[77] Por casos "mais ricos", refiro-me a casos em que há detalhes mais abundantes de declarações, de reconhecimentos e de aspectos de comportamento relacionando a criança com a personalidade anterior e tendo mais autenticação com respeito ao testemunho concordante das diferentes testemunhas em ambas as famílias.

apresentam uma oportunidade de evidência decisiva de sobrevivência, visto excederem os limites do que podemos explicar somente pela percepção extra-sensorial.

Sumário das Objeções à Teoria de Percepção Extra-sensorial e Personificação

A percepção extra-sensorial somente não pode explicar todos os aspectos dos casos mais ricos, especialmente os aspectos de comportamento, incluindo prolongada identificação do paciente com a personalidade anterior. Temos portanto de considerar a percepção extra-sensorial juntamente com a personificação, visto precisarmos explicar tanto os aspectos informativos como os de comportamento dos casos. Itens isolados de informação dados pelos pacientes podem originar-se de percepção extra-sensorial, tendo como agentes (ou "elos psicométricos") de tal percepção extra-sensorial. Mas a percepção extra-sensorial per si não explica a organização das informações obtidas pelo paciente em padrões que são característicos da personalidade falecida. Os traços de comportamento que requerem explicação são principalmente várias evidências de sistemática identificação com uma personalidade anterior. As duas personalidades são vividas, como sendo fundidas ou contínuas, não como descontínuas ou substituindo-se uma à outra. Nenhum motivo suficientemente forte para explicar essa espécie de identificação sistemática foi descoberto nos pacientes em apreço. As complicações nas vidas dos pacientes, resultantes da identificação, dão a idéia de que, no cômputo geral, eles perdem muito mais do que ganham com as estranhas identificações. Motivos para impor tais identificações em seus filhos existem por parte de alguns pais que perderam um amigo íntimo ou um parente e desejam que ele retorne e acreditam que possa fazê-lo. Mas, afora os casos presentes e outros do mesmo tipo, não é conhecido nenhum caso de influência dos pais, que se tenha estendido a ponto de fazer com que uma criança afirme possuir uma outra identidade. Além do mais, muitos dos casos mais ricos sugestivos de reencarnação ocorreram quando as famílias de ambas as personalidades eram completamente desconhecidas uma da outra, anteriormente à investigação. Os pais da criança não teriam então nenhum interesse no retorno da personalidade estranha e nenhuma fonte normal de informações acerca da mesma, com a qual talhar-lhe a imagem que esperavam criar no filho. Supondo-se que os pais obtenham essas informações através de percepção extra-sensorial, levanta-se a questão de porque não mostram eles outros indícios de tais poderes.

A teoria da percepção extra-sensorial acrescida de personificação não me parece explicar adequadamente todos os fatos dos casos mais ricos. Sinto preferir para esses casos alguma outra hipótese que possa mais adequadamente explicar a organização das informações e os aspectos de comportamento, situando a origem destes fora da própria criança em sua vida presente e na sua família atual. Isto nos leva aos conceitos intimamente relacionados de possessão e reencarnação.

Hipóteses que Incluem a Sobrevivência

Deveríamos aceitar as teorias que incluem a sobrevivência da personalidade após a morte física, somente quando as teorias baseadas em linhas normais ou em percepção extra-sensorial (para as quais tenhamos evidência independente) deixam de explicar todos os fatos do caso. Chamei a atenção, nas secções precedentes, para algumas falhas de teorias que não incluem a sobrevivência, e assinalei que para alguns dos casos, todos os fatos são mais bem explicados, admitindo-se a continuidade da influência da personalidade anterior após a morte. Na presente seção discutirei principalmente se

devemos classificar essa influência, na medida em que os fatos para ela tendem em certos casos, como constituindo possessão ou indicando reencarnação. No decurso dessa exposição, contudo, chamarei a atenção para uma espécie de evidência (sinais congênitos e deformidades) que não podemos igualmente explicar pela hipótese de percepção extra-sensorial e que, num caso admissível poderia apenas ser explicada por alguma influência, sobre o organismo físico, anterior ao nascimento.

Começarei por definir a diferença entre possessão e reencarnação. Mas ao fazê-lo, mostrarei que podemos graduar os casos num continuum, no qual a distinção entre reencarnação e possessão torna-se nebulosa.

Diferenças e Casos de Transição entre Reencarnação e Possessão

A diferença entre reencarnação e possessão encontra-se na extensão do deslocamento da personalidade original, determinado pela influência da personalidade que "entra". A possessão implica uma influência parcial, continuando a personalidade original a possuir algum controle do corpo físico, ou um controle temporário (se aparentemente completo) do organismo físico, com o retorno posterior da personalidade original. O caso Gifford-Thompson apresenta um dos mais bem comprovados exemplos de aparente possessão[79,80]. Thompson, um gravador, ficou impressionado por um desejo, ou melhor, um poderoso impulso de compulsão para pintar certas cenas que surgiam de maneira clara em sua mente. Ele, de si mesmo, tinha pouco interesse ou habilidade ao que se soubesse, para a pintura, mas cedeu ao impulso e pintou por alucinação, por assim dizer, uma quantidade de cenas que muito se assemelhavam a cenas familiares a um pintor falecido ou realmente pintadas por ele. O pintor era Robert Swain Gifford, que havia morrido cerca de seis meses antes que as experiências de Thompson começassem. Embora Thompson soubesse um pouco a respeito de Gifford e tivesse tido um ligeiro relacionamento pessoal com ele, não sabia de sua morte quando suas experiências começaram.

A semelhança entre as pinturas de Thompson e as fotografias publicadas de cenas em que Gifford estivera ou havia pintado, bem como uma quantidade de outras evidências, dão muito fundamento à teoria de que Thompson, de algum modo, caiu sob a influência da personalidade desencarnada de Gifford. Os leitores somente poderão avaliar essa evidência por meio de uma atenta leitura dos dados originais, e faço alusão ao caso aqui, apenas para chamar a atenção para as semelhanças e diferenças entre o caso de Thompson (e outros idênticos) e os casos sugestivos de renascimento. Essa diferença está, eu diria, na amplitude da identificação e não em, outros aspectos. No sumário autobiográfico das suas experiências, Thompson escreveu (relativamente ao seu impulso para pintar): "... durante o tempo em que eu fazia esboços, lembro-me de ter a impressão de que eu era o próprio Sr. Gifford, e dizia a minha mulher, antes de começar, que o Sr. Gifford queria sair para fazer esboços, embora, eu não soubesse, àquele tempo, que ele havia morrido no princípio do ano." Posteriormente Thompson ouvia uma voz, de tempos em tempos instando-o ao trabalho de fazer esboços e de pintar. A influência chegou a uma séria interferência nas ocupações regulares de Thompson. Ele fazia viagens a outros pontos do país sob a influência do impulso de pintar certas paisagens favoritas de Gifford. No curso da maioria dessas experiências,

---

[79] J.H. Hyslop. "A Case of Veridical Hallucinations" *Proc*. A.S.P.R., Vol. 3, 1909, 1-469.

[80] J.H. Hyslop. *Contact With the Other World*. New York: The Century Co., 1919.

Thompson continuou consciente da sua própria identidade, mesmo quando sob a maior atuação das vozes alucinatórias ou das imagens das cenas que se sentia impelido a pintar. Em certa ocasião (e possivelmente em outras) ele passou por um período de amnésia quanto ao que havia feito quando aparentemente sob a influência da personalidade de Gifford. Ele nunca disse ter sido Gifford, nem jamais houve uma comunicação vinda diretamente de Gifford para outras pessoas por intermédio de Thompson. como se o próprio Gifford falasse pelo aparelho vocal de Thompson[81]. O caso de Lurancy Vennum, atrás mencionado, sugere uma possessão mais completa. Neste caso, durante vários meses (e por vezes postenormente) a personalidade de "Mary Roff" (que morrera quando Lurancy Vennum tinha um ano de idade) tomou inteiramente o lugar de Lurancy Vennum e aparentemente ocupou o corpo vago da menina. Ao fim de vários meses, "Mary Roff' partiu e Lurancy retomou o controle[82,83,84].

Durante a ocupação do corpo, se pudermos designar sua manifestação como tal, "Mary Roff" nunca disse ser Lurancy Vennum. Ela dizia simplesmente ser ela própria, isto é, Mary Roff, ocupando o corpo temporariamente disponível de Lurancy Vennum. O caso de Jasbir, da presente série, está um passo mais próximo dos casos usuais sugestivos de reencarnação. Após a mudança de personalidade em Jasbir, ele negou que era Jasbir, e essa personalidade não deu outras indicações de si mesma. O ocupante do corpo de Jasbir então afirmou ser Sobha Ram; ele procedeu como Sobha Ram e só gradualmente aceitou o corpo e as condições de vida de Jasbir. Posteriormente, a nova personalidade veio a aceitar a situação em que se encontrava e tomou seu lugar à mesa da família, formalmente e alegoricamente. A personalidade de "Mary Roff" nunca passou por tal adaptação, mas conservava sua identidade integralmente quando se manifestava. O ostensivamente transmigrado Sobha Ram conservou sua identidade no corpo de Jasbir por muito mais tempo, durante um ano e meio, se contarmos a partir da sua recusa em comer com a família, e durante muitos anos, se considerarmos a continuidade da sua sensação de alheamento na aldeia de Rasulpur e de felicidade contrastante quando em companhia da família Tyagi, em Vehedi.

Em um menor número de outros casos da minha coleção (nenhum deles incluído na presente série) uma criança afirmou ser uma pessoa que havia na verdade morrido depois do nascimento da criança. Em um de tais casos (Índia) o intervalo foi de quatro dias e meio; em outro (Tailândia), foi de dezoito horas; e ainda em outro (Alemanha) foi de cinco semanas.

---

[81] O caso assemelha-se ao da Sra. H. Weisz-Roos, anteriormente relatado por mim (I. Stevenson. "The Evidence for Survival From Claimed Memories of Former Incarnations, Part 1. Review of the Data." *Journal* A.S.P.R. Vol. 54: Abril, 1960, 51-71) Em entrevistas que mantive com a Sra. Welsz-Ross desde então, ela disse-me que havia passado por vários outros episódios em que parecia pintar quando aparentemente sob possessão de "Goya". Nessas experiências ela não tem qualquer consciência específica de "Goya". A evidência de que a influência provém de "Goya" se origina de outros dados. Nessas ocasiões, entretanto, ela pinta de modo extremamente rápido, sem esforço, e com uma habilidade que ela acredita estar alem da sua capacidade usual.

[82] E. W. Stevens. *The Watseka Wonder*. A Narrative of Startling Phenomena Occurring in the Case of Mary Lurancy Vennum. Chicago: Religio-Philosophical Publishmg House, 1887.

[83] W. James. *The Principles of Psychology*. New York: Henry Holt and Co., 1890. (Vol. I, 396).

[84] R. Hodgson, *Lgc. cit*. nº 65.

O caso de Ravi Shankar apresenta um ponto de troca de personalidade ainda anterior. Ravi Shankar nasceu cerca de seis meses depois da morte de Munna, que ele afirmava ter sido. É virtualmente certo que o corpo de Ravi Shankar houvesse começado o desenvolvimento embriônico antes da morte de Munna[85].

Se por enquanto, encararmos esses casos no seu aspecto externo, encontraremos uma progressão contínua entre os casos de possessão parcial temporária (Thompson), possessão completa temporária (Vennun), possessão completa permanente começando anos após o nascimento (Jasbir), possessão completa permanente ocorrendo um dia a várias semanas depois do nascimento do organismo físico (casos não publicados), possessão permanente completa ocorrida após a concepção mas antes do nascimento (Ravi Shankar), e morte ocorrida antes da concepção com "possessão" presumivelmente levada a efeito no ato da concepção. Os dois últimos grupos de casos compreendem os usuais, em que são feitas afirmações de continuidade com a personalidade anterior e aos quais ordinariamente aplicamos a palavra "reencarnação". Em suma, se a personalidade anterior parece ligar-se com o organismo físico à época da concepção ou durante o desenvolvimento embriônico, falamos de reencarnação; se a ligação entre a personalidade anterior e o organismo físico só se dá posteriormente, falamos de possessão.

Mas ao apreciar os casos, precisamos não encará-los no aspecto externo nem permitir que os relatos subjetivos das experiências se tornem o único critério para distingui-los. Poderá acontecer que casos do tipo reencarnação seja de fato casos do tipo Thompson-Gifford, os quais (a) a personalidade desencarnada morreu antes do nascimento da personalidade "possuída", e (b) a influência possessiva vai além da que ocorreu no caso Thompson-Gifford, de modo que há uma completa e constante sensação de continuidade com a personalidade anterior. Essa hipótese explicará quase todos os fatos e saltará sobre todas as dificuldades com que a teoria de percepção extra-sensorial acrescida de personificação encontra, ao tentar explicar os aspectos da personificação nos casos sugestivos de renascimento. Contudo, defronta-se e tropeça em outras dificuldades.

Limitações da Teoria de Possessão em Muitos Casos Sugestivos de Reencarnação

Embora a teoria da possessão explique claramente o fato de que algumas crianças parecem lembrar-se de pessoas e lugares como eram quando a personalidade anterior vivia, ela não explica adequadamente um traço dos aspectos informativos dos casos. Ela não explica inteiramente a ocorrência comum de uma crescente revivescência de lembranças, quando a criança retorna ao local da vida da personalidade anterior. Assim, grande numero de crianças, como Sukla, Jasbir, Prakash, Parmod, Swarnlata, Gnanatilleka e Imad, ao visitarem o lar ou a aldeia da personalidade anterior, reconheceram ou descreveram pessoas e lugares que não haviam mencionado anteriormente. Não creio que possamos explicar inteiramente esse aumento um tanto acentuado de itens aparentemente recordados através de (a) um maior interesse pelas

[85] Na Índia, como já dissemos, ao registro de nascimentos e óbitos geralmente falta documentação pública ou mesmo assentamentos particulares. Comumente, só podemos sentir-nos seguros do mês do nascimento ou da morte, sem obtermos informações precisas sobre o dia. Por vezes, não se pode nem mesmo estar certo do mês exato. Tais incertezas existem por exemplo, quanto aos óbitos e nascimentos de ambas as personalidades nos casos de Jasbir e de Ravi Shankar.

afirmações da criança, e (b) da inquirição (e estímulo) da criança por parte dos adultos nessas ocasiões. Essa maior curiosidade por parte dos adultos presentes poderia explicar algumas das maiores produções de informações acerca dessas visitas mas outros itens de informação fluíram espontaneamente da criança, como se produzidos por associação de imagens. Sabemos agora, depois de muitas observações e experiências sobre a memória, que o reconhecimento excede a recordação e também que um estímulo ativa outras lembranças por associações que concatenam nossas lembranças. Por conseguinte, por ambas essas razões, deveríamos esperar que lembranças verdadeiras aparecessem mais fàcilmente ao visitarmos um lugar em que tivéssemos realmente estado anteriormente. Não nos surpreenderemos se tivermos abundantes reminiscências de nossa infância, ao visitarmos lugares onde vivemos em nossa meninice; o mesmo princípio pode explicar esse aspecto do comportamento das crianças aqui consideradas. A hipótese da possessão, a meu ver, não abrange essas observações tão bem. Pois, para uma personalidade desencarnada influenciar e comunicar-se através de uma encarnada, teria seguramente de ter acesso ao seu conhecimento da sua própria vida como encarnado, independentemente da localização física da pessoa que influenciou. Por que, indagaríamos nós, saberia uma personalidade desencarnada mais a respeito da sua vida na aldeia em que viveu do que na aldeia em que mora a personalidade que ela influencia? A isso poderemos, entretanto, apresentar uma objeção. Podemos supor que a personalidade possessora assemelha-se a uma assombração. Mas, assombrações, diferentemente de aparições, não abandonam o local da sua existência de encarnados com o qual se acham ligadas. Além do mais, elas geralmente repetem, de modo rotineiro e invariável, alguns atos da existência encarnada, tais como os últimos acontecimentos que levaram a um homicídio. Agem como pessoas encarnadas com neuroses compulsivo-obsessivas que repetem incessantemente algumas ações que parcialmente revivem um acontecimento do passado. Mas casos de obsessão ostensiva geralmente não se assemelham aos de assombrações. Contudo, talvez exista uma espécie intermediária da personalidade desencarnada. Esta poderia ser uma personalidade desencarnada um tanto ligada ao ambiente da sua vida anterior, mas capaz de perambular para influenciar outras pessoas longe do sítio que lhe é de maior interesse. Uma tal personalidade bem poderia aumentar a força de seu poder quando ela e a pessoa que a influencia se aproximassem da sede principal, por assim dizer, da existência encarnada anterior. Para reforçar essa suposição deveríamos tentar encontrar um caso de possessão ostensiva sem afirmativa de reencarnação em que a força de possessão aumentasse com o retorno da pessoa influenciada aos locais favoritos da personalidade possessora ostensiva. O caso mais bem comprovado de possessão ostensiva, o de Thompson-Gifford, não corrobora aquilo que posso chamar de teoria de possessão por assombração, nesse particular. Pois Hyslop (e o próprio Thompson, em seu diário) não menciona nenhum aumento na aparente influência da personalidade de Gifford quando Thompson visitava sítios familiares ao mesmo, tais como o estúdio deste ou uma ilha na costa da Nova Inglaterra, de que Gifford muito gostava e onde freqüentemente ia fazer esboços e pintar.

A teoria da possessão por assombração parece particularmente pouco adequada para explicar alguns dos casos menores em que escassas informações simplesmente "espocam" da criança em reação a um determinado estímulo que parece despertar associações. No caso de Mallika, por exemplo, essa teoria teria que presumir que um espírito possessor, digamos o de Devi, neste caso, permanecia à volta de Mallika na esperança de manifestar alguma coisa se a ocasião se apresentasse. Mas as oportunidades de manifestação dependiam muito de outras pessoas. De modo

semelhante, no caso de Swarnlata, que continuava a cantar músicas bengali, quando lho pediam, até a idade de quinze anos. Essas músicas relacionavam-se à pretensa vida na Bengala Oriental, da qual em outras circunstâncias ela mostra possuir apenas informações bastante fragmentárias e um tanto confusas. Admitindo que essas músicas bengali tenham alguma origem paranormal, deveremos crer que um espírito desencarnado que se conheça espere até que algum visitante casualmente peça a Swarnlata que as cante e então se apresente para fazê-lo, retirando-se depois? Duvido que essa teoria possa atrair muitos adeptos para casos dessa espécie, embora ela possa aplicar-se a outros casos. De modo geral, não levei em conta na discussão destes casos quaisquer comunicações obtidas através de médiuns, provenientes de comunicantes desencarnados ostensivos, relativas às questões implicadas na escolha entre as hipóteses relevantes para os mesmos. Entretanto, farei aqui uma exceção para mencionar algumas comunicações mediúnicas relatadas por Wickland[86]. Alguns dos comunicantes, dirigindo-se a Wickland através da mediunidade de sua esposa, afirmaram que eles erroneamente "apossaram-se" do corpo de uma personalidade encarnada, com a falsa idéia errada de estarem se reencarnando. Quando descobriram seu engano, desculparam-se e retiraram-se. Mas, mesmo supondo que esses comunicantes eram personalidades desencarnadas que um dia viveram, poderíamos julgar que o engano real que cometeram não era quanto a ocorrer ou não a reencarnação, mas quanto ao tempo e circunstância em que suas próprias reencarnações deveriam ocorrer. Assim, podem ter procurado às cegas ou deparado com um corpo ainda ocupado, como Thompson disse que Gifford tentou fazer com ele. Contudo, subsiste a possibilidade de que alguns dos casos sugestivos de reencarnação provenham de atividades de personalidades desencarnadas dessa espécie geral.Uma segunda possível objeção para a hipótese de possessão surge dos fragmentos de informações aparentemente lembradas pela criança. Se o espírito possessor trouxer uma influência que pese sobre uma personalidade tão completamente que conduza a uma afirmação de identificação alterada, por que a personalidade possessiva não se lembra de todas as coisas a respeito da vida anterior? Não esperaríamos uma tão completa lembrança em casos parciais de possessão ostensiva, como ocorreu no de Thompson-Gifford. Mas seria de esperar, em casos que incluíssem uma completa mudança de identidade e de personalidade. O possessor "Mary Roff" parecia ter completo conhecimento das atividades da falecida Mary Roff e sabia muito mais a respeito delas do que acerca dos interesses de Lurancy Vennun. O possessor "Mary Roff" nada sabia sobre a família de Lurancy Vennum, quando assumia o "controle". Porém ela reconhecia a família e os amigos de Mary Roff. Isso contrasta com a maioria dos presentes casos, nos quais o paciente exibia apenas um conhecimento parcial da vida e da época da personalidade anterior. E o conhecimento que realmente demonstravam seguia os padrões costumeiros de organização de lembranças em torno de acontecimentos carregados de emoção. Os casos de Wijeratne, Parmod, Sukla, Swarnlata e lmad, ilustram essa característica. Por exemplo, Sukla aparentemente recordava-se da família conjugal anterior, mas (com uma exceção) não dos membros da família consangüínea com a qual Mana (a personalidade anterior deste caso) havia vivido a maior parte da sua existência. Mas, encontrei indícios de que os acontecimentos da vida de Mana relacionados com a família consangüínea apresentavam cargas emocionais consideravelmente maiores do que os acontecimentos que ela compartilhou com sua família consangüínea. Emoções fortes influenciam a acessibilidade às lembranças; isto é, sua persistência na consciência bem como sua repressão. Nós, particularmente, ou lembramos ou esquecemos acontecimentos cuja

[86] C.A. Wickland. *Thirty Years Among the Dead*. Londres: Spiritualist Press, 1924.

ocorrência nos ocasionou forte emoção. As irregularidades de memória em casos sugestivos de renascimento, portanto, parecem-se com irregularidades da memória.Assim, ainda aqui, os aspectos psicológicos destes casos parecem adaptar-se a processos psicológicos consagrados. Agora, não temos razão alguma para supor que esses processos psicológicos se alterem em um indivíduo que sobreviva à morte. Ele também poderá encontrar lacunas em suas lembranças e uma tendência de estas se agregarem à volta de acontecimentos originalmente acompanhados de forte emoção, quando esta ocorre. Creio, portanto, que nesse segundo ponto não podemos esperar distinguir entre possessão e reencarnação.

A ocorrência de uma habilidade definida que o paciente não poderia ter adquirido nesta existência de igual modo não permite distinguir entre possessão e reencarnação. Thompson (no caso Thompson-Gifford citado atrás) mostrava uma habilidade artística em pintar, que transcendia de muito qualquer coisa que anteriormente tivesse demonstrado ou de que se acreditasse capaz. No entanto, esse não era um caso de reencarnação (visto como Gifford morreu quando Thompson era adulto) e era *prima facie* um caso de possessão.

Ainda uma outra objeção para a hipótese de possessão ocorre no conhecimento demonstrado por grande número de crianças de como eram os edifícios e as pessoas, durante a vida da personalidade anterior. Imad, Sukla, Prakash, Swarnlata, Parmod e Corliss Chotkin Jr. todos mostravam tais conhecimentos. Se uma personalidade possessora desencarnada está "perambulando" no local da sua vida terrena, por que não se mantém a par das transformações dos edifícios e das pessoas? Vez por outra, uma criança de um destes casos *de fato* mostra conhecimento do que sucede após a morte da personalidade anterior. Marta é um exemplo da presente série de tais casos, mas são muitos raros. Entratanto, talvez as personalidades possessoras como as de que estamos lidando aqui, tenham ficado aprisionadas em suas próprias lembranças e não se puseram *au courant* das modificações, desde a morte de seus corpos físicos. Sabemos que muitas pessoas vivas doentes mentais tornam-se dessa forma presas em recordações de eventos dolorosos e as quais os anos subseqüentes causam pouco ou nenhum impacto. Temos também alguma evidência proveniente de outras fontes (exs., comunicações mediúnicas e observação de fantasmas) de que personalidades desencarnadas podem ficar "atoladas" no tempo. Aproximar ainda mais essa evidência seria fugir ao ponto da questão, visto como nos preocupamos aqui com a evidência da sobrevivência após a morte física, não em presumir que ela ocorra.

Ainda uma outra dificuldade para a hipótese de possessão reside na falta de motivo aparente para a influenciação de uma personalidade terrena, por parte das personalidades desencarnadas relacionadas a estes casos. No caso típico de possessão com o qual estou familiarizado (qualquer que seja a evidência de paranormalidade) podemos usualmente discernir (ou inferir) algum motivo para a possessão ostensiva, quer por parte da personalidade original, (por ex.: para exteriorizar impulsos inibidos) quer por parte da presuntiva personalidade possessora (como seja vingar-se, fazer com que sua sepultura seja cuidada, etc.) Não consigo ver motivos dessa espécie nos casos do presente grupo. Mas admito livremente que não tive ou me servi de oportunidades para uma completa sondagem de motivos, quer nas crianças destes casos, quer nas personalidades anteriores a eles relacionados. Só posso dizer que motivos da espécie comumente encontrados nos casos do tipo possessão, não se evidenciaram na investigação a que submeti os mesmos. Não considero nenhum dos argumentos

precedentes decisivos entre reencarnação e possessão como explicativos dos casos habituais do tipo reencarnação. Há duzentos anos Swedenborg declarou que casos aparentes de reencarnação eram, na verdade, casos de influência de personalidades desencarnadas sobre os vivos:

A um anjo ou espírito não é permitido falar com um homem utilizando sua própria memória, mas a do homem. Pois os anjos e espíritos têm memória, do mesmo modo que os homens. Se um espírito falasse com um homem utilizando sua própria memória, então o homem não saberia, por outro modo que não esse, as coisas que então pensava serem suas, quando ainda assim eram do espírito; é como a recordação de uma coisa que, no entanto o homem nunca ouvira ou vira. Que isso é assim, foi-me dado saber por experiência. Em conseqüência disso, alguns dos antigos tinham a opinião de que depois de alguns milhares de anos eles retornariam à sua vida anterior, e a todas as ações desta, e também que eles haviam retornado. Concluíram isso do fato de que por vezes ocorria-lhes uma lembrança, por assim dizer, de coisas que nunca haviam visto ou ouvido; e isso acontecia porque os espíritos afluíam de suas memórias para suas idéias ou pensamentos[87].

O argumento de Swedenborg ainda tem muita força hoje, e encontra apoio no caso de Jasbir, em que podemos ter convicção de que a personalidade desencarnada que influenciava o comportamento de Jasbir (ou seu corpo, pelo menos) havia morrido muitos anos *após* o nascimento do corpo de Jasbir. Outros casos do presente grupo podem ser ocorrências de idêntica "influenciação possessora" em que a personalidade anterior simplesmente havia morrido bem antes do nascimento do corpo da personalidade atual. Resta, contudo, um grupo de casos que permite uma clara distinção (nestes casos) entre possessão e reencarnação. Refiro-me àqueles sugestivos de renascimento, com sinais de nascença congênitos e/ou deformidades. Além dos vários casos dessa espécie, aqui relatados, estudei grande número de outros do mesmo tipo. De uns cinqüenta casos como esses do meu conhecimento, meus colegas e eu tivemos a oportunidade de investigar pessoalmente dezoito, inclusive com exame dos sinais de nascença. Infelizmente, poucos desses tipos, na minha coleção, são tão ricos em detalhes ou tão bem autenticados como, por exemplo, os de Swarnlata, Jasbir, Sukla e Gnanatilleka. Mas, em minha opinião, casos como os dessa espécie que temos, orientam no sentido de um caso ideal que possamos um dia descobrir, o qual permita uma escolha segura entre reencarnação e possessão, pelo menos para tal caso. Em alguns desses, o sinal de nascença pode explicar a história de uma vida anterior, inventada para adaptar-se ao sinal de nascença. Estou preparado para ter conhecimento de um desses, embora ainda não o tenha tido. Mas isso ainda deixaria por executar a tarefa de explicar o sinal de nascença em si mesmo. A história de renascimento pode provir do sinal de nascença; mas o sinal de nascença não pode originar-se da história porque ele representa uma influência pré-natal no feto em desenvolvimento.

Agora, pela própria definição, um sinal de nascença deve ter seu início antes do nascimento da criança. Se, então, o sinal de nascença e as aparentes lembranças de uma vida anterior a eles referentes forem verídicas, podemos explicar o mesmo sinal se as pretendidas lembranças da vida anterior a eles referente forem verídicas, podemos excluir a possessão da espécie de que estamos tratando. Pois, o sinal de nascença supõe uma influência anterior ao nascimento, mas a possessão supõe uma influência após o nascimento, com a tentativa de deslocar parcial ou completamente a personalidade que participou da formação do organismo físico na fase pré-natal. E podemos também excluir a teoria da percepção extra-sensorial acrescida de personificação como

[87] E. Swedenborg. *Heaven and Its Wonders and Hell*.(Publicado primeiramente em Latim, Londres 1758). Rotch Edition. Boston; New-Church Union, 1906. (Parágrafo 256, pág. 155).

explicativa de todos os fatos, visto esta teoria não poder, é claro, explicar o sinal de nascença.

Uma considerável bibliografia folclórica sugere que as idéias das gestantes podem influenciar os tecidos especialmente da pele, de seus bebês in útero. Parece haver pelo menos alguns casos bem autenticados dessa espécie que justificam levar-se esse conceito a sério e estudá-la mais amplamente. Poder-se-ia então presumir que uma mulher que tivesse sabido da morte de uma determinada personalidade e de seus ferimentos ou cicatrizes poderia influenciar um feto em desenvolvimento de modo a reproduzir as mesmas configurações no corpo da criança que, então, se tornaria a personalidade atual relacionada com a falecida. Essa teoria de "psicocinésia materna" pode ser aplicada a casos de sinais de nascença nos quais a mãe da personalidade atual conheça detalhes da morte e sinais da personalidade anterior. Mas ela não se aplicaria aos casos em que a mãe não tivesse conhecimento normal da personalidade falecida ao tempo em que a criança nasceu com sinais de nascença relevantes.

Sumário das Conclusões

Antes de concluir, resumirei de modo breve os principais argumentos da discussão precedente.

1. Uma ponderação sobre grande número de testemunhas de muitos dos casos e a aparente falta de motivação e oportunidade de fraude, tornam a hipótese de fraude extremamente improváveI nos casos aqui relatados.

2. A criptomnésia pode explicar uns poucos casos mais fracos que ocorrem em famílias que têm conhecimento com a personalidade anterior. Casos atribuídos à criptomnésia, ou em que realmente ela foi determinada, careceram das características de comportamento daqueles mais ricos da presente série. Nestes, a criança conserva uma identificação com a personalidade anterior durante um período de tempo médio de sete anos porém sem outras notórias alterações da consciência ou da personalidade. Além do mais, nos casos mais ricos, a criptomnésia não pode explicar a transmissão de informações muito reservadas sobre uma família a uma criança de outra família, sem supor-se que tenha tido lugar entre as famílias muito maior contato do que cada uma delas pode lembrar.

3. A percepção extra-sensorial acrescida de personificação pode explicar alguns dos casos, mas somente com grande esforço pode ser expandida para abarcar todos os fatos dos casos mais ricos. A percepção extra-sensorial per si não pode explicar adequadamente a organização das informações disponíveis ao paciente em um padrão característico da personalidade falecida. E ela não pode explicar a existência de habilidades não aprendidas na vida atual. Tal teoria também não explica adequadamente a longa duração, que se estende durante anos, da identificação da criança com a personalidade anterior. Não descobri na criança, motivos para tão prolongada identificação. Nem achei que os pais possuíssem (exceto em uns poucos casos), quer os motivos, quer as informações necessárias para influenciarem a criança no sentido de uma identificação com pessoas estranhas desconhecidas. Além do mais, podemos duvidar de que influências por parte dos pais, somente, possam levar a uma real afirmação de identidade alterada tal como a que é quase ou inteiramente desconhecida entre crianças (mesmo as psicóticas) salvo os casos sugestivos de renascimento.

4. Casos que demonstram uma habilidade específica ou idiossincrásica que o paciente não poderia ter herdado ou adquirido na vida presente, requerem alguma explicação que implique a sobrevivência, quer pela possessão quer pela reencarnação. Mas não podemos optar entre essas duas possibilidades pelo estudo da habilidade, apenas.

5. A maioria dos outros aspectos dos casos também não permite uma segura decisão entre as hipóteses de possessão e de reencarnação. A concordância das lembranças aparentes de muitos dos casos com a "lei" psicológica de que o reconhecimento ultrapassa a recordação é mais favorável à hipótese da reencarnação do que à da possessão.

6. Casos sugestivos de renascimento, com deformidades congênitas ou sinais de nascença, desde que bem autenticados, decididamente corroboram a reencarnação em detrimento da possessão como explicação destes casos, mas não necessàriamente outros que são sugestivos de renascimento. O presente grupo não inclui casos de sinais de nascença tão bem autenticados, ou tão isentos de possíveis vias de comunicação normal, quanto alguns dos outros sugestivos de renascimento que não incluem marcas de nascença. Entretanto, contém, em verdade, casos que ilustram as possibilidades que oferecem para se estabelecer uma distinção clara entre percepção extra-sensorial, possessão e reencarnação.

Observações Conclusivas

Em 1960, terminei meu exame de casos sugestivos de reencarnação sem optar com firmeza por nenhuma teoria como explanatória de todos eles. Ainda mantenho essa posição genérica. Podemos encontrar alguns que podemos explicar melhor como sendo devidos à fraude, criptomnésia ou percepção extra-sensorial com personificação (talvez com um misto de telepatia e retrocognição). Para outros casos podemos preferir explicações ligadas à sobrevivência, tais como possessão ou reencarnação.

Na medida em que nos preocupamos com a evidência de sobrevivência, não nos sentimos obrigados a supor que *todo* caso sugestivo de renascimento deva ser explicado como um caso de reencarnação. Nosso problema é antes, saber se há algum caso (ou mesmo somente um) em que nenhuma outra explicação pareça melhor do que a reencarnação, na explanação de todos os fatos.

Tenho dúvidas quanto a muitos leitores estarem de acordo acerca de qualquer um caso, porquanto todos nós atingimos a crença e a convicção sobre essas matérias, como sobre todas, em diferentes níveis de posição face à evidência; e diferimos também acerca do que concordarmos em chamar evidência. Creio, contudo, que a evidência que favorece a reencarnação como uma hipótese para os casos desse tipo tem aumentado desde que publiquei meu estudo, em 1960. Esse aumento tem provindo de várias espécies diferentes de observações e casos, mas principalmente de observações do comportamento das crianças que afirmam possuir as recordações e o estudo de casos em que há habilidades específicas ou idiossincrásicas e em que há sinais de nascença congênitos e deformidades.

Acredito que uma solução para o caso da sobrevivência reside na observação dos *padrões* contidos em que a personalidade ou organismo, os quais não foram ou não

podiam ter sido herdados ou adquiridos na vida atual dessa personalidade[88]. Se for sugerido mais adiante que se mostre que o padrão observado na personalidade corrente pertence a uma *determinada* pessoa falecida, então precisamos também demonstrar a similitude dos padrões das personalidades presente e anterior. Tais padrões podem ser de várias espécies diferentes.

O caso "Lethe"[89] ilustra a observação de um de tais padrões, o do conhecimento e emprego da cultura clássica que F. W. H. Myers possuía quando vivo e demonstrou, de acordo com a opinião de alguns, após sua morte, através dos organismos da Sra. Piper e da Sra. Willet em uma das melhores correspondências cruzadas da S.P.R.

No caso "Lethe" os padrões relevantes de informação consistiram na cultura clássica. Mas o padrão informativo poderia ter qualquer conteúdo desde que o padrão demonstrado paranormalmente não seja característico do conhecimento normal do paciente e seja característico da personalidade anterior. Poderíamos portanto classificar sob esse título, os padrões de informação acerca de pessoas e lugares (relacionados com a respectiva personalidade anterior) apresentados por exemplo, por Swarnlata, Parmod, Prakash, Sukla, Jasbir, lmad, Gnanatilleka e (incluindo um caso menos bem autenticado do mesmo grupo geral) Corliss Chotkin Jr. O padrão consiste de informações acerca das pessoas e lugares conhecidos de uma determinada personalidade falecida e exclui informações desconhecidas dessa personalidade. Esses casos apresentam exemplos de *padrões de informação* correspondentes a determinadas personalidades falecidas.

Podemos também identificar *padrões de comportamento* relativos a personalidades falecidas e fora do comportamento normal da personalidade presente. Os mais importantes exemplos de tais padrões de comportamento ocorrem nas claras manifestações de habilidades específicas que os pacientes não poderiam ter aprendido normalmente. Um caso autêntico de xenoglossia responsiva se enquadraria sob esse título, e publicarei alhures um de tais casos que eu próprio estudei. Na presente série de casos, o de Paulo, no Brasil, fornece o único exemplo comprovado de tal habilidade, mas alguns outros, p.ex., Corliss Chotkin Jr. e William George Jr. insinuam tais habilidades e levaram a uma busca de melhores exemplos. Além do mais, padrões de comportamento relevantes expandem-se além das habilidades e incluem a ocorrência de muitos traços tais como maneirismos, temores, gostos especiais, e aversões. Meus colegas e eu planejamos um estudo sistemático (e objetivo) de correlações de padrões de traços de personalidade entre personalidades presentes e anteriores, em casos do tipo reencarnação.

E, finalmente, podemos identificar *padrões físicos* específicos, correspondentes nas personalidades anterior e presente. Exemplos de tais padrões físicos ocorrem nos casos de sinais de nascença ou deformidades. Aqui o padrão é estampado no organismo físico e observado na ocasião do nascimento. Em alguns dos casos presentes em que há sinais de nascença, não foi encontrada uma determinada pessoa com marcas correspondentes

---

[88] C. J. Ducasse delineou esse princípio em "What Would Constitute Conclusive Evidence of Survival After Death?" (*Journal* S.P.R., Vol. 41, 1962, 401-406). Ampliei a aplicação do princípio para incluir a reprodução dos padrões sobre o organismo físico. Para uma discussão adicional sobre este importante tópico ver I. Stevenson. "Xenoglossy: A Review and a Report of a Case. *Op. cit*., nº 24.

[89] O. Lodge. "Evidence of Classical Scholarship and of Cross-Correspondence in Some New Automatic Writings." *Proc*.S.P.R., Vol. 25, 1911, 113-175.

especificamente a sinais de nascença (ou sinais) do indivíduo. Tal correspondência, porém, foi referida por testemunhas dos casos de Ravi Shankar e Corliss Chotkin Jr. No caso de Ravi Shankar, o sinal de nascença semelhante a uma cicatriz de um corte transversal na garganta pode parecer semelhante à cicatriz de alguém a quem tivessem cortado a garganta. Algumas pessoas podem, portanto, não considerar a semelhança do sinal de nascenca de Ravi Shankar com o ferimento de Munna, específico a essas duas personalidades. Tal especificidade entretanto existe no caso de Corliss Chotkin Jr., pois é extremamente improvável que uma outra pessoa tivesse duas cicatrizes do mesmo tipo e na mesma localização do corpo, como as que Victor Vincent possuía. Entretanto, segundo nossos informantes desce caso, sinais de nascença com a mesma aparência e no mesmo local ocorreram no corpo de Corliss Chotkin Jr[90].

Nos casos da presente coleção, temos evidência da ocorrência de padrões os quais não se sabe se a personalidade presente herdou ou adquiriu após o nascimento na vida presente. E, em alguns casos, esses padrões combinam com aspectos específicos e correspondentes de uma personalidade falecida identificada. Em tais casos, temos, então, em princípio, creio eu, alguma evidência de sobrevivência humana após a morte física. Digo *em princípio* porque continuo ciente de determinadas debilidades nos presentes casos. Mas se o princípio aqui adotado for correto, somos levados de volta à questão da autenticidade para um julgamento final da contribuição que esses casos suscitam quanto à convicção a respeito da sobrevivência. Creio que alguns (não todos) dos casos presentes são suficientemente bem autenticados para permitirem um julgamento conforme as testemunhas os descreveram, porquanto essa é a questão crucial com relação à autenticidade. Mas, ao mesmo tempo, a maior contribuição dos presentes casos pode residir na ilustração das *espécies* de casos, os quais se os pudéssemos obter mais abundantemente e estudá-las mais amplamente, forneceriam, com base nos princípios aqui adotados, forçosa evidência de sobrevivência.

[90] Um caso na Tailândia, ainda sob investigação e a ser relatado posteriormente, parece-se com o de Corliss Chotkin Jr., embora lhe falte a predição do renascimento por parte da personalidade anterior. O paciente, forneceu evidência. muito bem testemunhada de conhecimento paranormal da vida da personalidade anterior. Ele tem dois sinais de nascença que correspondem exatamente em formato e localização, a duas lesões observadas pelas testemunhas, no corpo da personalidade anterior. Como no caso de Corliss Chotkin Jr., é extremamente improvável que dois organismos físicos tivessem duas marcas dessas semelhantes (dois adquiridos e dois congênitos por acaso. Ainda um outro caso de uma criança com dois sinais de nascença exatamente idênticos em formato e localização aos sinais (um cicatriz adquirida, o outro, um sinal de nascença) em uma personalidade anterior, ocorreu na Inglaterra recentemente.